BALZAC 1

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE COSTUMES
CENAS DA VIDA PRIVADA

"A VIDA DE BALZAC", POR PAULO RÓNAI
"PREFÁCIO À COMÉDIA HUMANA",
POR HONORÉ DE BALZAC
AO "CHAT-QUI-PELOTE"
O BAILE DE SCEAUX
MEMÓRIAS DE DUAS JOVENS ESPOSAS
A BOLSA
MODESTA MIGNON

BIBLIOTECA AZUL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



A COMÉDIA HUMANA 1

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo S/A
NOTAS © 2012 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

DIRETOR EDITORIAL Marcos Strecker
EDITORES RESPONSÁVEIS Alexandre Barbosa de Souza e Ana Lima Cecilio
ASSISTENTE EDITORIAL Juliana de Araujo Rodrigues
PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini
DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino e Stella Kwan
PREPARAÇÃO Ana Maria Barbosa
REVISÃO Isabel Jorge Cury e Mariana Delfini
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO Bonifácio Miranda
PRODUÇÃO PARA EBOOK S2 Books
EDIÇÃO DIGITAL Erick Santos Cardoso

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

IMAGEM DA LOMBADA "Balzac" (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879).
Art Images Archive/Glow Images
IMAGEM DAS GUARDAS "Au Théâtre" (c.1856), de Honoré Daumier (1808-1879), The National Gallery of Art Washington D.C. De Agostini/Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.
A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada / Honoré de Balzac; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Vidal de Oliveira; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2012.

(A comédia humana; v. 1)
Título original: La comédie humaine
ISBN 978-85-250-5333-1
0.000 kb; ePUB

1. Romance francês I. Rónai, Paulo. II. Título. III. Série.

12-13086 CDD-843

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura francesa 843

1ª edição, 1946-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2012

Direitos de edição em língua portuguesa

adquiridos por Editora Globo S/A
Avenida Jaguaré, 1485
05346-902 São Paulo SP
www.globolivros.com.br

HONORÉ DE BALZAC
A COMÉDIA HUMANA
1

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAI**

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**



BIBLIOTECA AZUL

1
ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA PRIVADA

Capa

Créditos

Folha de rosto

A vida de Balzac, por Paulo Rónai

A comédia humana

Prefácio à comédia humana, por Honoré de Balzac

Ao “chat-qui-pelote”

O baile de Sceaux

Memórias de duas jovens esposas

A bolsa

Modesta Mignon

A VIDA DE BALZAC

POR **PAULO RÓNAI**

À memória de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

BIOGRAFIA E MISTÉRIO

O conhecimento dos fatos materiais da vida de um artista facilitará realmente a compreensão de sua obra? Talvez. A biografia esclarece diversos aspectos da criação artística, revela as fontes das ideias do artista, indica-lhe as inspirações, segue a cristalização de sua personalidade intelectual, assinala os impulsos que recebeu de sua época e os que a esta comunicou. Por outro lado, graças ao paciente trabalho de reconstrução empreendido pelo biógrafo, a imagem do biografado, deformada pelo tempo e pela glória, reassume feições humanas. Sua personagem lendária e irreal ganha um cunho de familiaridade. Seus atos e suas atitudes encontram uma apreciação serena, justa e definitiva. O herói acaba por aparecer aos olhos dos leitores como um ser parecido com eles. Em redor da obra, no entanto, a névoa não se dissipa em medida igual.

Quanto mais pormenores se conhecem da existência de um homem genial, tanto mais enigmática se torna a essência de sua personalidade artística. Poder-se-ão penetrar os seus segredos, mas não o seu mistério. O caso de Balzac confirma esse aparente paradoxo. Inúmeras pesquisas de minúcias, a publicação sucessiva de uma infinidade de testemunhos e de documentos íntimos entregaram-nos toda a sua vida particular. Conhecemo-lo hoje, pode-se afirmar com segurança, bem melhor do que os contemporâneos o conheciam, mas nem por isso compreendemos ainda o misterioso desabrochar, naquele indivíduo nascido em 16 de maio de 1799 e morto a 18 de agosto de 1850, da anomalia psicológica que é o gênio.

Hoje vemos Balzac à luz dos refletores da pesquisa como nas cenas

sucessivas de um filme contínuo. Criança de sentimentos recalcados, com uma viva e insatisfeita sede de amor, entre pais estrambóticos. Adolescente desambientado num meio escolar de onde toda manifestação de fantasia está excluída. Jovem derrotado logo nos primeiros encontros com o destino, marcado pelo resto da vida com o estigma da incapacidade. Homem já feito, arrastando complexos de inferioridade e procurando compensar a consciência da inata vulgaridade por um esforço desesperado para atingir os cumes brilhantes da vida, a beleza, a nobreza, a fortuna. Velho antes do tempo, esgotado por milhares de noites de trabalho feroz, abatendo-se no limiar da felicidade almejada. Vemos-lhe os olhos em brasa, as faces rechonchudas, o papo do pescoço, os membros sem graça, a gesticulação exuberante, as vestes berrantes. Ouvimos-lhe a voz retumbante e a palavra fácil, a gargalhada grossa e a respiração ofegante. Apalpamos-lhe a mão poderosa, os ombros largos, e até a barriga, produto da vida sedentária. Diagnosticamos as suas tonturas, apanhamos com o estetoscópio os ruídos de seus pulmões, o bater de seu coração hipertrofiado. Acompanhamo-lo em suas numerosas viagens, surrupiamos sua correspondência, espiamos-lhe os namoros e os amores. Acabamos por ter a impressão de ser ele nosso velho conhecido, quase que um membro da família — e ao mesmo tempo compreendemos cada vez menos o seu talento, essa monstruosidade que o diferencia dos outros homens. A adição de todos esses elementos, e de outros mais, já descobertos ou por descobrir, não dá uma soma igual a gênio. Não por ter sido tudo isso, mas apesar de tê-lo sido, foi que Balzac criou *A comédia humana*, a maior fusão já conseguida da literatura com a vida real. O conhecimento da existência do autor não desvenda o misterioso porquê dessa realização; serve apenas para aumentar o assombro do espectador, para incutir-lhe um terror quase religioso perante o irracional.

UMA ÉPOCA PARA ROMANCES

Independentemente da vontade do autor, cada obra literária reflete o momento histórico em que foi criada. Além dessa relação involuntária com a sua época, a obra de Balzac está fortissimamente ligada a esta por ter-se proposto o romancista, primeiro entre todos, reproduzir a vida contemporânea com toda a sua riqueza de costumes e de tipos.

A existência de Balzac coincide exatamente com o meio século que medra entre dois golpes de Estado: o de 1799, pelo qual Napoleão I liquidou a Revolução Francesa, e o de 1851, pelo qual Napoleão III extinguiu a Segunda República. Balzac ainda pôde conhecer testemunhas não somente da Revolução, como também do Antigo Regime, e quando morreu, em 1850, já se previa a próxima ressurreição de um poder forte sob forma do Segundo Império.

Criança, Honoré assistiu aos capítulos mais brilhantes da epopeia napoleônica; ouviu com entusiasmo os anúncios incessantes de novas vitórias, com consternação as notícias das primeiras derrotas. Testemunhou o exílio de Napoleão à ilha de Elba, a sua volta fulminante, o relâmpago efêmero de seu Segundo Reinado, seu desaparecimento na longínqua Santa Helena — e viveu bastante para assistir à sua grande vitória póstuma, a volta de suas cinzas em 1840, um espetáculo "maior do que os triunfos romanos". (Durante toda a sua vida, Balzac sonharia evocar, em vários romances, a epopeia napoleônica, mas não lhe sobrou tempo para escrever estas obras que deviam fazer parte das *Cenas da vida militar*. No entanto, a figura de Napoleão, a quem ele devotava uma admiração extraordinária, projeta a sua sombra sobre muitos episódios de *A comédia humana* e revive numa página famosa de *O médico rural* a "História do Imperador, contada numa granja por um veterano".) Acompanhou as duas Restaurações borbônicas antes e depois dos Cem Dias, viu surgir e desaparecer o regime conservador de Luís xviii e o sistema francamente reacionário de Carlos x, este último varrido pela Revolução de Julho; presenciou todo o reinado liberal-burguês de Luís Filipe, a Revolução de 1848 e a eleição do futuro Napoleão iii para

presidente da República.

Quantas reviravoltas dentro de uma existência de apenas 51 anos! O mundo antigo resolvia-se dificilmente a morrer... ou as convulsões já eram as do parto laborioso de um mundo novo. Apesar das teorias conservadoras que professava e que examinaremos mais adiante, Balzac não se iludia quanto ao verdadeiro sentido dos acontecimentos. A "liquidação" da Revolução operara-se apenas no domínio político, mas seus germes frutificaram em todos os setores da sociedade, onde outra transformação, menos veemente mas não menos eficaz, fazia incessantes progressos — transformação esta da qual Balzac, quisesse ou não, era um dos operários mais fervorosos. Também acompanhava com o interesse mais apaixonado as fases dessa revolução latente. Por trás dos debates das Câmaras, das arruaças da capital, das polêmicas dos jornais, acontecimentos mais decisivos, embora menos espalhafatosos, verificavam-se nos bastidores da sociedade. Muitas instituições antigas foram restauradas, mas os costumes de outrora ruíram definitivamente. Mais violentos do que as escaramuças reiniciadas periodicamente nas barricadas pelo povo parisiense, acendiam-se conflitos de interesse na Bolsa, nas casas de comércio, no seio das próprias famílias. Os progressos da técnica traziam uma série de inovações, antes de tudo as estradas de ferro, que, para olhos sagazes, anunciavam imensas modificações da vida coletiva e particular. Surgiam novos poderes: o capital, a imprensa, a publicidade. Patenteava-se a ascensão prodigiosa do dinheiro, que reivindicaria um papel cada vez maior em todos os domínios. Estavam, pois, aparecendo e desenvolvendo-se as forças que passariam a moldar todo o período da história europeia até a Primeira Guerra Mundial. Esboçavam-se, desde então, os tipos humanos que as novas possibilidades não deixariam de produzir. *A comédia humana* de Balzac contém uma imagem fiel e pormenorizada de toda essa fermentação, de seus resultados visíveis e de suas consequências conjeturáveis; embora concluída em 1850, é um espelho de todo o século xix.

A HERANÇA PATERNA

Balzac nasceu em 16 de maio de 1799, dia de são Honorato, cujo nome lhe foi dado, em Tours, capital da Touraine, o "jardim da França", uma das regiões mais belas e mais agradáveis da Europa. Críticos literários tiram às vezes dessa circunstância conclusões apressadas, procurando explicar, pelo lugar de seu nascimento, características da fisionomia artística do escritor. Pátria de Rabelais, o criador de Gargântua, a Touraine distingue-se — na própria definição de Balzac — por um espírito "conservador, manhoso, trocista e epigramático [...] e, ao mesmo tempo, ardente, artístico, poético e voluptuoso". Mas o fato é que foi por mero acaso que Honoré veio a nascer em Tours, para onde seu pai, Bernard-François, languedociano de origem, fora transferido pouco tempo antes de ele nascer, conduzindo consigo a esposa, a parisiense Laure Sallambier, com quem tinha se casado em 1797; e, como mais adiante veremos, o filho passaria em Tours apenas os anos da infância.

Ao examinar os papéis administrativos relativos ao nascimento de Honoré, pesquisadores impertinentes depararam com a falta, entre o nome e o sobrenome, da partícula nobiliária "de", que o escritor sempre ostentava com vanglória tanto maior quanto menos direito lhe cabia de usá-la. Por outro lado, na certidão de idade do pai se vê que este era filho de um modesto lavrador do Sul da França, cujo nome se grafava *Balssa* e não *Balzac*.

O sobrenome de Balzac, além de mais aristocrático, tinha também um sabor literário, pois fora ilustrado, desde o século xvii, por Jean-Louis Guez de Balzac, um dos primeiros membros da Academia Francesa, apelidado por seus contemporâneos "O Grande Epistológrafo".

Essas pequenas mistificações devem pôr-nos de sobreaviso quanto às brilhantes funções que o romancista mais tarde atribuiria ao seu progenitor. Parece estabelecido hoje que o sr. Bernard-François Balzac não exerceu o cargo de "secretário do Grande Conselho sob Luís xv", nem

o de “advogado do Conselho sob Luís xvi”, mas apenas o de secretário particular de um banqueiro durante o Antigo Regime, e o de funcionário do serviço de víveres durante a Revolução. Depois, em sua permanência de quase vinte anos em Tours, chegou a ser adido do *maire* e um dos administradores do hospital local; enfim, foi nomeado funcionário da direção do mesmo serviço de víveres em Paris, chegando a ser aposentado nesse cargo.

Nem por isso o pai de Balzac deixa de ser uma personagem curiosa. Tipo do esquisitão, professava princípios *à la Rousseau* e tinha um número regular de manias, todas reduzíveis a uma só, a principal entre todas: a da longevidade. Queria prolongar a vida humana em geral e a sua em particular por todos os meios, e para isso preconizava a volta à natureza, o exercício físico, a abstinência alimentar e genésica; estudava com entusiasmo os costumes dos chineses, povo tido como de vida mais longa que os outros; fazia a propaganda mais fervorosa de certa tontina Lafargue, chamada a preservar a velhice dele e de seus concidadãos das preocupações materiais. Com ares de reformador, espalhava ideias bizarras sobre a eugenia, o aperfeiçoamento da raça humana, e publicou certo número de folhetos acerca dos assuntos mais variados, mas todos reveladores de preocupações universais e humanitárias. Eis alguns títulos (abreviados) desses opúsculos curiosos: *História da raiva e o meio de preservar os homens desta desgraça como também de algumas outras que lhes ameaçam a existência*; *Memorial sobre as desordens escandalosas das jovens enganadas e entregues a uma horrível miséria*; *Memorial sobre os meios de se premunir contra os roubos e os assassínios* etc. Contudo, era um fidalgo, homem indulgente e espirituoso, e que sabia manter, no meio das tempestades domésticas, a atitude risonha e serena de um verdadeiro sábio. Tinha 53 anos quando Honoré nasceu e, não fosse um acidente que o matou na idade de 83 anos, haveria enterrado, centenário, todos os seus consócios da tontina.

Na constituição espiritual de Honoré, a herança paterna revela-se na

força extraordinária da memória, na excepcional extensão da curiosidade intelectual, na predileção por ideias gerais e reformas e em certa excentricidade nos princípios e nos hábitos. Em particular, as estranhas máximas da *Fisiologia do casamento* demonstrariam a forte influência dos aforismos e dos paradoxos em que o sr. Bernard-François resumia ironicamente suas próprias experiências matrimoniais.

MÃE E FILHO

Este sábio, de fato, cometera um erro de consequências graves. Casara-se com uma moça que tinha 32 anos menos que ele, Laure Sallambier, filha de um diretor dos hospitais de Paris. Essa diferença enorme de idade explica, em parte, a falta de uma verdadeira atmosfera de felicidade dentro da casa paterna, falta com que Balzac ia sofrer tanto. Ambiciosa, nervosa, insatisfeita ao lado de um marido que, do alto de sua serenidade olímpica, pouco se importava com seus rompantes, ela, sem querer, fazia gemer os filhos sob o peso de seu temperamento áspero. A sra. Balzac era uma dessas mães que, embora possuindo no mais alto grau o sentimento de família, são incapazes de expressar ternura. Sempre sujeita a apreensões reais e imaginárias e a repentinas mudanças de humor, receava para os filhos consequências nefastas da indulgência paterna e procurava corrigi-la como a natureza "que rodeia as rosas de espinhos e os prazeres de desgostos". Atendia com feroz energia aos interesses materiais dos seus e atribulava-lhes o espírito com a maior boa vontade do mundo. A glória de seu filho Honoré em nada lhe modificou as disposições. Consagrou-lhe a própria existência, mas estragou a dele com incessantes implicâncias. Havia entre os dois um conflito permanente, agravado pelo fato de haver o filho, pelas dívidas que contraíra logo no começo de sua carreira e de que nunca conseguiu se livrar, reduzido a mãe e toda a família a um verdadeiro estado de pobreza. Até o fim da

vida, o escritor, a despeito dos lucros imensos que lhe traziam os livros, não logrou desvencilhar-se das obrigações pecuniárias para com a própria mãe, que ficou sua credora. Esta, por seu lado, como tantas vezes acontece, não levava a sério o filho famoso. Balzac, já com cinquenta anos e um renome universal, queixava-se de que a mãe o admoestava como a uma criança. Vez por outra, o conflito entre essas duas criaturas, que talvez se estimassem, atingia uma intensidade trágica, como o revelam certos trechos da correspondência de Balzac com a condessa Hanska, sua futura mulher. "Ela é a um tempo um monstro e uma monstruosidade! Neste momento, está *matando minha irmã*, depois de ter matado a minha pobre Laurence e minha avó", exclama o escritor numa página de terrível amargura, em que afirma não ter rompido definitivamente com a mãe unicamente porque lhe deve dinheiro; e acrescenta: "Acreditávamos que estivesse louca e fomos consultar o médico, que é seu amigo há 33 anos. Ele nos respondeu: 'Infelizmente ela não é louca; é má!... Ela não nos perdoa os seus defeitos'".

Se houvesse lido essas frases terríveis, a mãe teria sem dúvida acusado o filho de ingratidão, e não sem motivo. Quem procura colocar-se na situação da sra. Balzac há de reconhecer que ela pagou bastante caro a glória de ter dado à luz o maior romancista da França. Como podia conformar-se com a conduta daquele filho turbulento e incompreensível, criança eterna que não criava juízo, ganhava fortunas e não pagava as dívidas mais prementes, vivia no luxo sem ter um tostão, matava-se com trabalho e café, empreendia as especulações mais loucas, mudava-se constantemente, abandonava no meio os trabalhos mais urgentes e corria atrás da aventura na Suíça, na Itália, na Rússia, deixando passar meses sem escrever à mãe? Não, os instintos conservadores da sra. Balzac, encarnação do espírito de família, não podiam decididamente aquiescer à "maluquice" de Honoré. Por outro lado, o instinto materno nunca lhe permitiu abandoná-lo, agisse ele como quisesse, e ficou ao lado dele até o fim, assistindo-o fielmente em sua agonia, pois o destino a fez sobreviver

ao filho.

Balzac não desconhecia, aliás, a dedicação da mãe, e disso deu testemunhos em suas cartas a ela, cheias de protestos de amor filial. Agradecia-lhe mais de uma vez os seus incessantes cuidados e afirmava que o fim principal era assegurar-lhe uma velhice tranquila e feliz. Apenas esse sentimento não suportava a proximidade; bastava que os dois morassem sob o mesmo teto para recomeçar a briga.

Na medida em que é possível determinar a transmissão das qualidades dos pais aos filhos, pode-se dizer que Balzac herdou da mãe a imaginação quase doentia, o temperamento impressionável, sujeito a crises de abatimento e a acessos de otimismo. Também foi ela que lhe transmitiu seu pendor para o misticismo, o qual provavelmente a levara a procurar um refúgio em meio às atribulações de uma existência falhada, e foi entre os livros dela que Honoré encontrou pela primeira vez as obras de Swedenborg, que o deviam impressionar tão fortemente.

Havia ainda, na casa do sr. Bernard-François, a sogra, mãe de Laure Sallambier. Aliada natural da filha, tentava cansar a paciente resignação do genro, cujas reações, no entanto, se limitavam a uma ou outra observação maliciosa, cochichada ao ouvido dos filhos. “Vossa avó”, dizia-lhes num piscar de olhos, “é uma comediante hábil que conhece o valor de um passo, de um olhar, da maneira de cair numa poltrona.” Mas pelo menos ela não partilhava a severidade da filha contra os netinhos, a quem teria viciado com suas carícias se não fora a constante vigilância materna.

A IRMÃ PREFERIDA

Dos três irmãos de Balzac, sua irmã Laurence, casada jovem e morta pouco tempo depois de casada, e seu irmão Henri, o preferido da mãe que a sede da aventura levou cedo às colônias, não lhe inspiravam afeição particular. Todo o seu carinho concentrava-se em Laure, a mais moça das

irmãs, que lho retribuiu condignamente. Sempre foi amiga fiel e prestativa do irmão, em cujo talento teve confiança desde muito cedo e ao qual até ajudou, com a sua colaboração nas primeiras tentativas literárias. O casamento de Laure não modificou as relações cordiais dos irmãos, graças à simpatia que seu marido, o engenheiro Surville, soube inspirar a Balzac, que mais de uma vez o consultou a respeito de seus miríficos planos de negócios. Com raras exceções, que Balzac aliás atribuía às intrigas da mãe, o afeto dos irmãos permaneceu firme. No entanto, num momento de desânimo, escreveria à noiva, comparando a situação desta à sua própria: "Por mim, eu não tenho ninguém, e o coração de minha irmã é bem pouca coisa, pois é martelado por minha mãe, que passou a vida a nos opor um ao outro. Não é que minha irmã, aos quarenta anos, se lembrou de escrever e de crer que tem talento! Pois minha mãe lhe diz que tenho ciúme dela!". Arrefecimento mais longo parece ter sido aquele que sobreveio a Balzac nos seus últimos anos de vida, que ele passou em grande parte na Rússia, junto à condessa Hanska, sob cuja influência se afastou sentimentalmente da família. Laure perdoou essa falta ao irmão, mas não à futura cunhada, a quem, entre amigos, acusava de ter contribuído para a morte de Balzac com a desilusão que lhe causara. Esse ressentimento é confirmado pela biografia de Balzac, publicada poucos anos depois da morte deste por Laure Surville, na qual não se lê a menor alusão à condessa Hanska, heroína do grande romance de amor de Honoré durante dezesseis anos e sua mulher nos últimos meses de vida do escritor.

Aos vinte anos de idade, porém, quando Balzac ainda não era possuído do sentimento trágico da vida, o agitar-se dessas curiosas figuras à volta dele inspirou-lhe apenas um interesse terno e divertido. Como o revelam as cartas que por essa época escreveu a Laure, o espetáculo da família, a presença de conflitos miúdos e incessantes naquele círculo tão estreito, a originalidade do caráter do pai, da mãe e da avó inspiravam-lhe desde cedo o desejo de pôr aquilo em romance. Esse

desejo não foi realizado integralmente por causa de instintivos escrúpulos de delicadeza; mas deu o primeiro impulso ao talento do romancista e lhe ofereceu inesgotável mina de observação. Foi nesse ambiente reduzido, em que cada um espreitava as palavras e os menores gestos dos outros, que ele criou o hábito de observar cenas na aparência insignificantes, de buscar, disfarçados em conversações anódinas, germes de conflitos e choques de sentimentos e paixões.

NO COLÉGIO

A respeito dos primeiros anos de Honoré não se registram senão amáveis ninharias. Pouco ou nada sabemos no tocante ao externato de Tours, onde começou os estudos e que cedo abandonou para entrar, em 22 de junho de 1807, no então famoso colégio religioso de Vendôme, regido pelos oratorianos. Como a maior parte das crianças francesas até há pouco, Balzac ia estudar como interno. O colégio era uma grande oficina, onde não havia férias: o aluno entrava analfabeto e só saía ao cabo de oito, nove ou dez anos, com sua dose de cultura geral adaptada às necessidades da época, muitas humanidades e poucas ciências.

Segundo uma curiosa reminiscência do diretor do estabelecimento, durante os dois primeiros anos nada se podia tirar do pequeno Balzac. Nas aulas não dava outro sinal de vida, a não ser uma repugnância visceral a toda espécie de trabalho obrigatório. Não tomava conhecimento das explicações, não decorava as lições, não fazia as composições. Para casos como esse, o colégio tinha um remédio: a palmatória — mas as mãos de Honoré estavam quase sempre cheias de frieiras, e os mestres tiveram de recorrer à panaceia número dois, o cárcere, de que o menino por pouco não se tornou pensionista, chegando a passar lá uma semana inteira sem interrupção. Data também desse período sua primeira invenção, cuja lembrança haveria de perpetuar-se no colégio: uma pena

de três bicos, particularmente apropriada a executar em menos tempo os castigos escritos que se lhe impunham.

Graças à condescendência de um censor, o insubmisso, que em classe conservava seu ar ausente e taciturno, conseguiu levar consigo para a prisão livros da biblioteca escolar. À medida que os lia, sentia desabrochar a inteligência, mas através de um caos, à custa de esforços dolorosos. Já não se contentava de ler; pôs-se a escrever, imitando condiscípulos das turmas superiores e obtendo em breve o apelido, meio irônico, meio admirativo, de poeta. Dos versos que então compôs, um único sobreviveu, tão ruim que não deixa dúvida acerca da qualidade dos outros. Um *Tratado da vontade*, com que se ocupava durante as aulas, foi-lhe confiscado por um dos professores, que não lho devolveu mais.

Por volta da Páscoa de 1813, o diretor mandou vir com urgência a sra. Balzac. Em lugar do menino gordo, corado e forte que confiara ao colégio, ela encontrou um adolescente pálido, doentio, com ar de sonâmbulo, atingido por uma espécie de indigestão cerebral, devida à leitura excessiva e desordenada.

Honoré teve de ser retirado sem demora do estabelecimento. Alguns meses ao ar livre e saudável da Touraine restauraram-lhe as forças, e ei-lo com uma porção de conhecimentos confusos e as saudades do seu *Tratado*, cuja perda nunca cessaria de deplorar.

Não se devem formar suposições exageradas quanto ao valor desse trabalho precoce. Quinze anos ainda decorreriam antes que Balzac escrevesse a primeira página que prestasse. Mas o título é significativo, pois indica no menino uma consciência surpreendente do que seria a sua maior força na vida. Com uma vontade de ferro realizaria de fato um milagre sem analogias na história das literaturas: de autor péssimo, abaixo de medíocre, que seria até quase os trinta anos, de repente se tornaria um escritor grandioso, criador do gênero mais importante da literatura moderna, o romance de costumes.

Essa primeira fase de Balzac, em que o processo de transformação se

operou tão penosamente em seu espírito, deixou vestígios duradouros, pois está descrita em *Luís Lambert*, uma de suas obras-primas e talvez o seu livro mais autobiográfico, em que o escritor se desdobra em duas personagens: o próprio Luís Lambert, esse gênio infeliz, e o amigo, que lhe conta a história.

Já no momento de sua saída forçada do colégio, aparece o nosso herói com a crença inabalável em seu gênio, crença que nunca mais perderá e que, no entanto, pelo menos a essa altura, não tinha nenhum argumento, nenhuma prova em seu apoio. Como a concebeu? Como conseguiu mantê-la ante a indiferença e a troça dos colegas, da família? É uma pergunta a que nenhum de seus biógrafos sabe responder.

UM JOVEM PROVINCIANO EM PARIS

Em 1814, o sr. Bernard-François de Balzac foi nomeado, como já dissemos, diretor do serviço de víveres, o que determinou a mudança de toda a família para a capital. Ali, em duas escolas modestas, Honoré conclui o curso interrompido, sempre medíocre, sempre sem nenhum brilho.

Pelo juízo das pessoas com quem convive, não se operou ainda nele nenhuma modificação radical. É uma criança. Mas no íntimo de seu ser, talvez sem que ele mesmo o compreenda, está se operando uma revolução. Paris, esta espantosa aglomeração de casas, homens, recordações e inteligências, apodera-se dele, penetra-lhe na alma com o encanto sutil de sua atmosfera, satura-lhe o espírito com o fecundo veneno que se destila nas aulas da Sorbonne, nos cursos do Museu de História Natural, nas lojas dos alfarrabistas, nas palestras do Quartier Latin. Balzac revista as bibliotecas, corre as ruas à procura dos rastros dos grandes homens que por ali transitaram, delicia-se em acompanhar de longe um desconhecido, em deitar um olhar pelas janelas abertas, em

ler o enigma de algumas das mil fisionomias que lhe ocorrem num minuto nos bulevares, em apanhar por um instante algum dos mil destinos que diariamente cruzam o seu, em devorar livros e jornais, em escutar boquiaberto pessoas que ainda viram os grandes homens do século precedente, como esta velha srta. R..., amiga da mãe, que conhecera Beaumarchais de perto e dele recorda tantos fatos admiráveis.

Poder-se-iam passar dez anos, uma vida inteira nessa divertida existência de *basbaque*. Mas cada um tem de se arrumar na vida. Por felicidade de Honoré, amigos não faltam a seu pai. Entre esses, dois tabeliães se oferecem para facilitar a estreia do rapaz dando-lhe um lugar em seu cartório, o que significa o acesso a uma profissão honesta e lucrativa. Os pais resolvem, pois, que seu filho será notário. Dezoito meses no cartório do sr. Merville, outros tantos no do sr. Passez são o bastante para um moço criar afeição ao ofício — ou se enjoar dele para o resto da vida. Foi este o caso de Balzac. Sua atuação nos dois escritórios amigos fortaleceu na família a convicção de que ele era um incapaz; ele mesmo, porém, ficou convencido definitivamente de que seu lugar era alhures.

Nada se perde na vida de um gênio. Sem os anos cinzentos do colégio não haveria *Luís Lambert*. Sem os sofrimentos, mais tarde, de um amor infeliz, não haveria *A duquesa de Langeais*. Sem os três anos passados nos cartórios, não haveria *Uma estreia na vida*, *César Birotteau*, *O contrato de casamento*.

Balzac aproveitou bem esses três anos, embora não no sentido em que seus pais o esperavam. Nos códigos, registros e cadastros identificou partes complicadíssimas e essenciais do mecanismo da vida moderna, cada vez mais amarrada por leis, formalidades e regulamentos. Penetrou no labirinto dos processos, conheceu as manhas dos advogados e a obstinação das partes à procura de escapatórias, de recursos lícitos e ilícitos. Viu, principalmente, o que havia atrás de tudo aquilo: o dinheiro, mola de tantas ações humanas, em que pouco se falava nos salões e que

nunca aparecia nos romances do tempo.

Lembremos que agora o romance não constitui para nós apenas uma diversão. É um importante instrumento de conhecimento indireto, abre ambientes e perspectivas que nunca teríamos oportunidade de conhecer, fornece uma visão prática e real do mundo. Sentados numa poltrona podemos adquirir sem risco e sem cansaço, e até com divertimento, a experiência humana dos observadores mais clarividentes, entrar em contato com os indivíduos, as classes e os povos. Esse notável engrandecimento do campo visual do nosso espírito, devemo-lo principalmente a Balzac, que foi um dos primeiros a franquear ao público o grande laboratório experimental do romance moderno.

Por sua parte, ele ainda não tinha esse recurso. A sua experiência foi toda direta, pessoal. Como veremos no decorrer de sua vida, teve de "viver" a sociedade moderna antes de revivê-la, em toda a sua complexidade, no papel.

UM APRENDIZ DE LITERATURA

Honoré tem seus vinte anos quando se lhe oferece ocasião magnífica para resolver o problema do seu futuro. Outro amigo do pai, também notário, prontifica-se a aceitá-lo como auxiliar, para depois deixá-lo com o cartório, promessa já sedutora em si e embelezada ainda pela perspectiva de um bom casamento. Grande foi, pois, o estupor dos Balzac ao ouvir Honoré recusar terminantemente essa combinação e declarar que estava farto de papéis, cartórios e tabeliães, e queria fazer o seu caminho por si mesmo. Mas da surpresa passaram à indignação quando Honoré enunciou que, em vez de escrevente, pretendia ser escritor. Um moço que não sabia enfiar duas frases! E, mesmo que o soubesse, era lá essa uma profissão? Justamente a família se encontrava em más condições pecuniárias. Aposentado o pai, todos tiveram de deixar Paris e ir viver

modestamente num lugarejo próximo, Villeparisis. Em vez de ajudar os pais, queria Honoré impor-lhes novas despesas?

Foi por esses trilhos que a discussão enveredou, mas o rapaz não se rendeu aos argumentos mais sensatos. Finalmente, o sr. Bernard-François cedeu, compreendendo que não podia condenar a profissão de escritor sem renegar a sua *História da raiva*. Pai e filho concluíram então um acordo em regra. Honoré iria passar dois anos em Paris, à custa da família. Dentro desse período devia fornecer provas inequívocas da sua vocação literária. Como a tentativa podia dar em malogro, o literato aprendiz obrigava-se a viver incógnito em Paris, escondendo-se, para não comprometer o nome da família. Em casa dir-se-ia às visitas que ele fora para o campo, estava viajando, continuava os estudos... Qualquer mentira servia, desde que nada transpirasse do projeto monstruoso.

Havia ainda o perigo das seduções de Paris, porém fácil de conjurar. Bastava restringir a mesada ao mínimo necessário e confinar o jovem num quarto miserável, pequeno, com a mobília mais sumária possível, aos cuidados de uma velha criada. Restrições essas que nada importavam a Balzac. Sentia-se o homem mais feliz do mundo ao tomar posse, em abril de 1819, de sua mansarda, na rue Lesdiguières, perto das nuvens e da biblioteca do Arsenal. Transbordante de entusiasmo, num trecho das cartas alegres e espirituosas que manda à irmã, a quem pede ora o Tácito da biblioteca paterna, ora mais um cobertor (fazia um frio na mansarda!), ouvimo-lo exclamar: "Pegou fogo, na rue Lesdiguières nº 9, na cabeça de um pobre rapaz, e os bombeiros não conseguiram apagá-lo. Foi ateado por uma bela mulher que ele não conhece: dizem que mora na Collège des Quatre-Nations, no fim da Pont des Arts; chama-se Glória".

Começa o trabalho, isto é, põe-se a ler, a meditar, a passear, a observar, a ver. A matéria principal de seu estudo é Paris. Depois de ter escolhido para lugar de suas meditações o Jardin des Plantes, abandona-o por "tê-lo achado triste demais" e transfere-se para o Père Lachaise, o grande cemitério de Paris, terreno admirável para se fazerem "estudos de

dor". E, cheio de confiança, constrói projetos, um após o outro, e nem mesmo o presságio dos sofrimentos morais ligados à sua profissão chega a desanimá-lo: "Quer tenha gênio, quer não, estou preparando muitas mágoas para um e outro caso".

A série dessas mágoas ia ter começo. Ao cabo de um ano passado em Paris, volta Balzac a Villeparisis para ler à família e aos amigos a sua primeira obra, a tragédia *Cromwell*, que, em sua opinião, deverá marcar época. (Por uma coincidência deveras curiosa, dois outros estreantes, sem nada saber um do outro nem de Balzac, trabalhavam mais ou menos na mesma época em dramas acerca de Cromwell. Um deles era Mérimée, cujo drama se perdeu; outro, Hugo, cuja peça, impossível de representar, se tornou famosa pelo prefácio com que saiu publicada em 1827, verdadeira declaração de guerra à arte clássica, profissão de fé do movimento romântico. O assunto, romântico *avant la lettre*, pairava no ar à espera de escritores.) Por infelicidade de Balzac, a família toda concorda em qualificar seu drama de péssimo. O escritor recusa o tribunal e pede a sentença de um árbitro; este, escolhido de comum acordo, um sr. Andrieux, professor de literatura na Escola Politécnica, ouve a peça por sua vez. "Sentiu, finalmente, esse temor que se apodera de quase todos os autores quando leem uma obra, que julgavam perfeita, para um crítico exigente ou enfastiado; as frases mais corretas, mais trabalhadas, parecem capengas ou caolhas; as imagens careteiam e se contrariam, o que é falso salta aos olhos", escreverá Balzac uns quinze anos depois a respeito de uma personagem de *A solteirona*, baseada evidentemente em reminiscências pessoais. A impressão do sr. Andrieux foi a pior possível. As palavras que se lhe atribuem — "O autor deve fazer qualquer coisa, exceto literatura" — parecem inventadas pelo anedotismo que se compraz em contrastes imprevistos e motes picantes; seu sentido, porém, não devia ser muito diferente.

Caberia aqui uma bela digressão sobre a incompreensão das famílias e dos contemporâneos em geral diante do gênio. Mas o fato é que o drama

de Balzac era realmente péssimo. Nisso os árbitros não se enganavam absolutamente. Foi culpa deles não suporem que um rapaz que aos vinte anos escrevia dramas péssimos faria romances esplêndidos aos trinta? Tudo isso significa apenas que conhecemos mal as leis da gênese do gênio — se é que existem.

O autor nada podia opor-lhes senão a sua certeza interior. Se os outros o julgavam falhado na literatura, ele sabia restringir essa condenação a um só gênero. Se não lograra êxito no drama, era porque a sua vocação consistia no romance. Voltou à mansarda da rue Lesdiguières para fazer romances. Não tardou muito em compreender, porém, que dentro do prazo combinado não podia tornar-se um verdadeiro escritor. Para sê-lo, era preciso aprender muito mais, ordenar as suas ideias, formar um estilo, ver e viver. Continuava a sentir com segurança absoluta que havia nele um mundo que clamava por ser revelado. Mas já sabia que sem o necessário amadurecimento não poderia revelá-lo, e que esse processo não se deixava apressar. "Vejo agora", confessa à irmã, "que *Cromwell* não tinha sequer o mérito de ser um embrião."

Decorridos os dois anos, não poderia mais contar com a família. A independência necessária ao preparo de uma carreira de escritor, tinha de adquiri-la ele mesmo. E como não sentisse capacidade para nenhuma outra profissão, só podia fazê-lo escrevendo. Daí esta resolução paradoxal: para poder um dia compor livros bons, resignava-se por enquanto a fabricar livros maus, frívolos, vazios, feitos em cima da perna, de lucro imediato. O que há de mais estranho é que esse plano absurdo chegou a ser realizado, exatamente como concebera Balzac.

OS PRIMEIROS "ROMANCES"

Rousseau e Richardson haviam iniciado a moda dos romances sentimentais, devorados por um número sempre crescente de leitores.

Este novo público nada tinha a ver com os leitores eruditos de outrora, amigos e colecionadores de belos livros. As moças liam com sede de aventura, liam em busca de emoções e de evasão, liam para matar o tempo. Uma vez lido um livro, nunca mais o retomariam. Pouco olhavam para a qualidade e não faziam questão de possuir a obra cuja leitura terminaram. As exigências de tal público deram um surto extraordinário à instituição dos "gabinetes de leitura", onde os livros se emprestavam por um tanto o volume. Os donos, portanto, preferiam obras em muitos volumes: um leitor que tivesse lido o primeiro volume era um freguês certo para todos os demais. Por sua vez, os editores, cujos consumidores principais eram justamente os gabinetes de leitura, procuravam satisfazê-los. Não somente encomendavam romances longos, como também reduziam o formato, alargavam as margens, esbanjavam o papel, numa palavra — faziam tudo para dividir um só romance no maior número possível de volumes. Os escritores, naturalmente, não deixavam de se adaptar às exigências da moda: estiravam os romances multiplicando os episódios, arrastando os heróis através de uma série interminável de aventuras, não se decidindo a matá-los senão depois de várias mortes simuladas e outras tantas ressurreições; por outro lado, ao chegar ao fim de um volume, interrompiam a ação no ponto culminante, com o fito de espicaçar a curiosidade do leitor.

Certas características do novo gênero foram em parte determinadas por motivos puramente técnicos e fortuitos. Em sua evolução também interfeririam, no entanto, influências literárias, sobretudo inglesas. Na Grã-Bretanha perdurava o sentimentalismo doentio e lúgubre, característico do pré-romantismo, produto dos cantos do pseudo-Ossian, das *Noites*, de Young, e de toda uma poesia sepulcral. Da lírica, a melancolia passou para o romance, mas degenerando em frenética procura de impressões terrificantes. Nos romances sombrios de Matthew Gregory Lewis, de Charles Robert Maturin, de Ann Radcliffe há um não acabar de subterrâneos, de castelos abandonados, de assassínios, de

aparições e fantasmas.

Se demoramos em descrever os traços dessa "literatura" foi porque eles caracterizam perfeitamente os romances escritos por Balzac de 1822 a 1825. Obrigado a ler esses trinta volumes da primeira à última página, fiquei espantado com seu nível baixo. Apenas nos últimos desses romances se vislumbra, de vez em quando, uma observação curiosa ou uma frase bem cunhada, mas que de forma alguma anuncia o criador de *A comédia humana*.

O próprio Balzac não tinha a menor ilusão a respeito dessas publicações, e tão pouco as levava a sério que, para acabá-las mais depressa, pedia à irmã Laure que escrevesse por ele capítulos inteiros. Em suas cartas a esta não hesita em qualificá-las de "porcarias literárias", e certa vez exclama: "Contudo, é preciso escrever, escrever todos os dias para conquistar a independência que me recusam. Procurar tornar-se livre por meio de romances, e que romances! Oh, Laure, que tombo de meus sonhos de glória!". Mas a melhor prova de que Balzac julgava em seu justo valor *A herdeira de Birague*, *João Luís ou a enjeitada*, *Clotilde de Lusignan ou o belo judeu*, *O centenário ou os dois Béringheld*, *O vigário das Ardenas*, *A última fada ou a nova lâmpada maravilhosa*, *Anette e o criminoso*, *Wann-Chlore* é que não punha o seu nome em nenhum deles, mas publicava-os sob pseudônimos — Lord R'hoone (anagrama de Honoré), Horace de Saint-Aubin etc. — ou anonimamente. Mais tarde, embora necessidades de dinheiro o tenham forçado a negociar outra vez os direitos dessas obras, não as quis jamais reconhecer expressamente.

Esses livrecos, bastante bem pagos pelos editores, que, acossados pelo público, lançavam qualquer coisa, deram para Balzac viver e permitiam-lhe não adotar outra profissão; não resolveram, porém, o problema da independência tão desejada. Por outro lado, cada mau livro saído de sua pena confirmava o julgamento dos seus a respeito de sua incapacidade.

Tudo isso era de péssimo agouro para uma futura glória literária. Sem

dúvida, Balzac continuava a crer firmemente em seu talento, mas encontrava obstáculos terríveis: a pobreza, a descrença dos amigos e os sarcasmos da família e, principalmente, a falta de espontaneidade com que se exprimia, a dificuldade em encontrar a palavra justa, escrever com elegância. Desistiria, talvez, se não tivesse chegado, no momento oportuno, o mais precioso dos auxílios. Conseguiu comunicar a outra pessoa a sua fé ardente em si mesmo.

A "DILECTA"

Essa pessoa só podia ser uma mulher amorosa. Para adivinhar nesse industrial de romances de cordel o futuro autor de *A comédia humana*, não bastaria a inteligência mais penetrante: era preciso a intuição do amor.

Decorrido o prazo combinado para dar provas do seu gênio, Balzac teve de voltar a Villeparisis. Conquanto se tivessem resignado a não lhe impor mais o notariado, os pais achavam a vida de província mais saudável para ele e, principalmente, mais econômica para eles. Talvez alimentassem, ao mesmo tempo, a ilusão de que, menos exposto às tentações da glória, seu filho acabaria renunciando à literatura. Cedo tiveram, porém, de abandonar tal esperança, pois foi em Villeparisis que Balzac escreveu a maioria dos romances inconfessáveis de seu primeiro período; de lá, levava seus manuscritos à próxima capital.

Depois do casamento da irmã Laure, que fora viver com o marido em Bayeux, o jovem literato sentia-se muito só numa casa onde o compreendiam tão pouco. Estava, aliás, na idade em que se espera impacientemente a grande paixão; ademais, além do fogo de um amor, buscava também, sem o saber, o calor menos veemente de outro sentimento que sempre lhe fizera falta: a afeição materna. Uma mulher lhe traria um e outro.

"A celeste criatura de quem a senhora de Mortsauf de *O lírio do vale* é apenas uma pálida cópia" era a esposa do sr. Gabriel de Berny, conselheiro da corte, vizinho dos Balzac em Villeparisis. Mulher de uma beleza melancólica e um tanto murcha, tinha em seu passivo 28 anos de casamento, sete filhos vivos (dos nove que tivera) e a idade de 44 anos, um pouco mais do que a da sra. Balzac e exatamente o dobro da de Honoré. A tristeza patética e a força desesperada do seu maior e último amor decorrem desses algarismos implacáveis. Um matrimônio fecundo mas infeliz, a reclusão num lugarejo morto onde o marido viera restabelecer a saúde abalada, as inquietações permanentes causadas pelas doenças de seus filhos, e, por outro lado, seu espírito fino e culto, sua imaginação excitada pelas leituras, suas reminiscências de uma infância feliz, passada à margem da corte, tudo a predispunha à aventura, e foi com alvoroço que acolheu a suprema e imprevista oportunidade que se lhe ofereceu na pessoa um pouco vulgar e barulhenta, mas boa, forte, alegre e interessante, do jovem Balzac, em quem ela, só ela descobria, pelo fogo dos olhos, pela vivacidade dos gestos, pela firmeza da fé em si mesmo, por mil pormenores impossíveis de definir, o gênio vindouro. Umas aulas dadas pelo moço ao caçula do casal serviram de prelúdio ao namoro, iniciado por uma série de cartas patéticas que o futuro romancista enche de tiradas inflamadas (às vezes simplesmente copiadas de suas leituras) para vencer a resistência não muito forte da "mulher de quarenta anos". O amor dos dois devia durar mais de dez anos, para depois se transformar em amizade profunda, só se apagando com a morte de Laure, em 1836.

Todos os biógrafos do romancista insistem na influência importante exercida pela *Dilecta* (nome dado por Balzac à sua amiga) sobre o rumo não apenas da vida, mas da obra deste. Animando-o desde o começo de sua carreira, não cessava de aconselhá-lo no apogeu de sua glória, lia-lhe as obras, estimulava-o com elogios, forçava-o com censuras a se emendar: ajudava-o eficazmente, como veremos, em suas dificuldades

financeiras. Má esposa e mãe infeliz, soube ser amante perfeita.

Foi ela, sem dúvida, que lhe afinou os gostos rústicos e aprimorou as maneiras pouco elegantes, polindo-lhe as asperezas com o tato de sua experiência. Só ela teria a coragem de observar ao romancista vitorioso que "seus anjos falavam como raparigas". Balzac a tinha em conta de um árbitro seguro e executava religiosamente as modificações que ela lhe impunha. Em sua última carta, a moribunda podia com razão orgulhar-se de sua contribuição à glória de Balzac, a quem consagrara o que tinha de melhor na alma: "Posso morrer: estou certa de que você tem na fronte a coroa que eu nela quisera ver. *O lírio do vale* é uma obra sublime, sem mancha nem falta". O amante não pecou por falta de gratidão. Mesmo quando a velhice extinguiu os encantos de *Dilecta*, conservava-lhe uma afeição sincera e, antes e depois da morte dela, costumava lembrá-la a suas outras amantes e amigas sempre com verdadeira veneração.

Durante muito tempo, pairou dúvida sobre a identidade da *Dilecta*. Foram Georges Vicaire e Gabriel Hanotaux que, ao examinar os papéis da falência da fundição de caracteres Laurent, Balzac & Barbier, de que mais adiante falaremos, descobriram neles o nome da sra. de Berny que acorreu no momento crítico e fez-se sócia de Balzac para salvar a firma. Outras pesquisas permitiram aos dois estudiosos estabelecer que ela, em solteira Laure-Louise-Antoniette Hinner, era filha de um harpista alemão da rainha Maria Antonieta e de uma camareira desta; seus padrinhos eram nada menos que o rei Luís xvi e a rainha; tinha sete anos quando lhe morreu o pai e dez quando sua mãe casou em segundas núpcias com o cavaleiro de Jarjayes, monarquista conhecido por haver tentado salvar a rainha no momento da Revolução. Com a mãe, o padrasto e o marido (com quem casara em 1793), Laure foi presa em 1794 e só conseguiu salvar-se graças à queda de Robespierre. Sua mãe conservava até o fim da vida uma madeixa e um par de brincos que Maria Antonieta lhe mandara antes de morrer. Testemunha de conspirações e tramas, participante de fugas e perseguições, remanescente de uma corte brilhante, a *Dilecta*

contava a Balzac todas as cenas romanescas de sua mocidade, e o escritor estreante sorvia-lhe as palavras de que se lembraria ao escrever *Um episódio do Terror* e *O avesso da história contemporânea*. Contrariamente ao que se poderia pensar, não foi a *Dilecta* que inspirou a ideologia política de Balzac: mulher de inteligência superior, clarividente e generosa, ela compreendia que "a Revolução cortara as andadeiras dos homens" e, ao ver o seu Honoré enveredar pelo atalho do legitimismo, advertiu-o repetidas vezes contra o perigo de se comprometer com os monarquistas. "Mesmo que vencesse", escreveu-lhe numa das poucas cartas que dela se conservaram, "essa gente que sempre foi ingrata por princípio não mudaria por tua causa; têm todos os defeitos do egoísmo [...] e um desdém, que toca as raias do desprezo, por aqueles que saíram de um outro sangue."

As tendências monarquistas de Balzac originadas em seu esnobismo (lembre-se o caso da partícula "de"!) devem ter sido fortalecidas pela atmosfera geral da época, em que era moda entre os jovens literatos ser favorável à Restauração — da qual precisamente o futuro apóstolo republicano, Victor Hugo, era o poeta oficial —, pelo exemplo de certos amigos e, principalmente, de certas amigas. Sim, a vida toda de Balzac parece subordinada a influências femininas. Entre essas, conta-se a da duquesa de Abrantes, sua amante durante algum tempo e cujas *Memórias* mais tarde o escritor levaria, por gratidão, a um editor amigo. Pouco mais moça do que a sra. de Berny, e muito mais velha do que Honoré, esta famosa intrigante atraía o jovem escritor menos por seus encantos já algo murchos do que pelo reflexo de seu antigo brilho, o falso luxo de seu salão e seus sonhos áulicos. Às intermináveis palestras em seu *boudoir* a sombra de Metternich, seu amigo amante, devia estar presente segundo uma observação mordaz da sra. de Berny.

Duas outras mulheres, mais moças e mais belas, viriam logo depois continuar a obra da duquesa de Abrantes, acendendo cada vez mais na alma de Balzac o desejo da ascensão social. Mas desde 1824, data em que

publica dois panfletos, *Do direito de primogenitura* e *História imparcial dos jesuítas*, o escritor aparece já como partidário militante da monarquia e da Igreja. Teremos a ocasião de mostrar que nem por isso *A comédia humana*, este grandioso fresco da sociedade da Restauração, ficaria manchada de parcialidade, pois o gênio do autor felizmente sobrepujou as tendências do seu espírito. Mas o homem nunca se libertaria desse deplorável esnobismo que lhe faria buscar as rodas aristocráticas, estragando-lhe a felicidade.

BALZAC EDITOR E IMPRESSOR

Se a literatura de cordel rende o suficiente para salvar Balzac do notariado e fazê-lo ganhar a vida, não lhe garante ainda a independência para a realização das grandes obras sonhadas, das quais, passados 26 anos, ainda não escrevera a primeira linha. No contato com os editores que lhe publicavam as produções anônimas, ocorreu a Balzac a ideia de adotar-lhes a profissão. Começaria editando obras alheias, cujo lucro lhe traria o desafogo indispensável para realmente escrever as suas.

A ideia concretizou-se no dia em que o livreiro Urbain Canel encomendou a Balzac um prefácio para a edição, num só volume, das obras completas de La Fontaine que estava preparando. Entusiasmado com o plano de reunir num único volume compacto o material de muitos volumes de formato comum, o prefaciador vislumbrou um êxito comercial extraordinário. Nenhum amador de La Fontaine, pensava ele, deixaria de comprar uma edição tão prática, mesmo que já tivesse as obras soltas. Não contente de escrever o prefácio, pediu ao livreiro que o associasse à empresa. Em breve está constituída a sociedade, com a participação de Balzac, Canel e terceiros para a publicação de *Obras completas dos grandes escritores num volume só*. O La Fontaine ainda estava no prelo quando se começou a compor o Molière.

Foram os associados que começaram a duvidar do bom êxito, ou, pelo contrário, foi Balzac que, arrebatado pelo otimismo, queria para si todo o lucro fabuloso da iniciativa? Seja como for, em 1º de março de 1826 a sociedade é dissolvida, ficando Balzac como único proprietário. Desinteressando os ex-sócios, compra-lhes a firma por uns 9 mil francos, dinheiro este emprestado pela *Dilecta*. A necessária inversão de capital novo, 5 mil francos, é fornecida por um sr. D'Assonvillez, amigo da família.

O programa da editora era, na verdade, interessante. Edições análogas realizadas mais tarde (na Inglaterra, das obras completas de Shakespeare; na França, de muitos clássicos franceses nos volumes compactos da edição da *Pléiade*, na Espanha e no Brasil pelas edições Aguilar etc.) deram excelente resultado. Infelizmente os contemporâneos de Balzac não gostaram da coleção, talvez por causa dos caracteres fininhos, das gravuras mal executadas ou do preço elevado. As livrarias recusavam os La Fontaine e os Molière, e a edição teve de ser vendida aos trapeiros ao preço de papel sujo.

Meditando sobre o insucesso, julgou-o Balzac devido a motivos puramente técnicos. Os impressores trabalhavam mal e cobravam caro. Se a editora possuísse tipografia própria, o trabalho sairia melhor e mais barato, podendo-se vender os livros a preços bem mais acessíveis. Richardson, autor de *Clarisse Harlowe*, um dos primeiros *best-sellers*, imprimia por sua conta os próprios livros. Balzac resolve então comprar uma tipografia que justamente nessa ocasião estava à venda; compra-a pela ninharia de 30 mil francos. Como não entende do ofício, associa-se a um tipógrafo, Barbier, a quem indeniza pelo abandono do emprego com 12 mil francos. Mais 15 mil são necessários para pagar a licença, obtida graças à intervenção do conselheiro de Berny (o marido enganado!). O sr. D'Assonvillez, ansioso de recuperar o primeiro capital, empresta um segundo a Balzac. O pai deste consente em entregar ao filho o capital de que enviara os juros a Paris durante os anos da aprendizagem literária. A

Dilecta empenha outra parte de seus bens. É só pôr as máquinas em movimento.

Ainda dessa vez a ideia era boa; além dos trabalhos da editora, a tipografia aceitava encomendas vindas de fora — ou antes aceitaria, pois elas escasseiam cada vez mais, e ao cabo de poucos meses a empresa se torna deficitária nas mãos do novo proprietário. Balzac entra a meditar outra vez e sai com outra observação exata: a impressão custava caro porque a tipografia pagava caro os caracteres. Era preciso fabricá-los em casa. Daí a comprar uma fundição de caracteres era um passo. Balzac comprou uma, falida, e ei-lo quase senhor de si. Se conseguisse fabricar o papel (etapa a que necessariamente haveria chegado se a empresa tivesse vivido mais tempo), alcançaria a autonomia completa de sua editora.

As concepções de Balzac não só eram justas mas também essencialmente modernas. Compreendeu perfeitamente a interdependência das indústrias do papel e do livro e foi um dos primeiros a considerar a editora não como simples intermediária entre a tipografia e o público, mas, sim, como coordenadora de múltiplas atividades industriais, isto é, o tipo da grande empresa capitalista.

O que faltava era apenas o capital, as dívidas ainda não tinham começado a ser pagas, e a firma exigia sem cessar novos investimentos. Barbier assustou-se e abandonou a sociedade. A família de Balzac, depois de alguns meses de esforços, recusou-se a supri-lo de dinheiro. Não havia com que pagar os operários, que recorreram ao tribunal. A sra. de Berny, alarmada, entrou a fazer parte da firma; nada, porém, podia já impedir a debandada. Em abril de 1828 seria inevitável a falência se não fosse a intervenção dos pais de Balzac, ciosos da honra do nome. Liquida-se tudo, vendem-se a tipografia e a fundição. Para Balzac resta apenas um dívida de uns 70 e tantos mil francos e uma ótima oportunidade para dar um tiro na cabeça.

Felizmente, dessa vez declinou a solução lógica. Estudante falhado, escrivão despedido, dramaturgo vaiado antes da representação,

clandestino romancista, comerciante falido, tendo a cercá-lo o desprezo da família e a comiseração dos amigos, escreve à duquesa de Abrantes: "Posso lhe afirmar, minha senhora, que se tenho uma qualidade é aquela que vê recusarem-me com a maior frequência, aquela que todos os que julgam conhecer-me são unânimes em me negar: energia".

Durante os anos duros da estreia literária, da editora e da tipografia — que reviveria magnificamente em *Ilusões perdidas* —, as experiências amargas da sensibilidade, as contínuas decepções e a luta recomeçada tantas vezes, o duro contato cotidiano com a impiedosa vida moderna amadureceram o romancista, que sentia em si um desabrochar de dons maravilhosos e de repente se julgava de posse, ele mesmo nem sabia como, de todos os meios de um artista. Para ele a vida tinha agora dois objetivos: tornar-se famoso e, para pagar as dívidas, rico. Felizmente a mesma atividade levava a esses dois fins. Bastava escrever uma dúzia de obras-primas. Foi o que fez.

O PRIMEIRO ROMANCE DE VERDADE

Havia anos, Balzac devorava os romances de Walter Scott, que desde 1814, data da publicação de *Waverley*, conheceram uma sucessão ininterrupta de êxitos dentro e fora da Inglaterra. Lia com entusiasmo crescente todas as obras traduzidas para o francês desse "*trouveur* moderno" que "elevava o romance ao valor filosófico da história", unindo nele "o drama, o diálogo, o retrato, a paisagem, a descrição" e introduzindo no gênero "o maravilhoso e o verdadeiro, esses elementos da epopeia".

Com exceção de dois romances, *Guy Mannering* e *The antiquary*, de assunto moderno, todas as outras narrativas em prosa de Scott entram na categoria do romance histórico. O escritor escocês revivia as épocas heroicas de seu país em amplas visões épicas, cheias de poesia. Saíra cedo

do gênero frenético e sombrio, distinguindo-se logo por um talento equilibrado e feliz e pelo trabalho consciencioso que se impunha na reconstrução do ambiente histórico por meio de uma infinidade de pormenores, fruto de pacientes pesquisas. Fazia viagens periódicas nas regiões da Escócia que escolhera para cenário de seus romances, examinava os lugares, visitava as casas antigas, percorria os arquivos, dava uma verdadeira caça às antiguidades, criando assim o romance histórico baseado em documentos.

A leitura dos livros de Scott fizera Balzac compreender ainda mais a nulidade de suas primeiras tentativas literárias. As suas personagens, fantoches sem realidade, movimentavam-se no vácuo, faltando-lhes o dom da vida e, em volta delas, um ambiente de verossimilhança. Mas a aprendizagem da vida e as leituras modificaram completamente o seu conceito de literatura. Tinha agora um assunto grandioso, que, bem realizado, podia dar um verdadeiro fresco da história recente da França; queria dar um quadro da sangrenta insurreição dos *Chouans*, os monarquistas da Bretanha contra a Revolução Francesa e, bem no centro, a história empolgante da paixão de uma bela espiã, a serviço do governo, pelo chefe das forças rebeldes que viera espionar e seduzir. Movido pelo exemplo de Scott e aproveitando a hospitalidade de uma casa amiga, dirigiu-se a Fougères, na Bretanha, para aí estudar de perto o seu cenário. Não se contentou em examinar os lugares. A lembrança da insurreição ainda estava viva: pôs-se a procurar informações, a recolher o testemunho de pessoas idosas, a anotar tudo, e voltou a Paris com o manuscrito quase pronto do primeiro romance de verdade que sairia da sua pena e que não hesitaria mais em assinar: *Le Dernier Chouan ou la Bretagne en 1800* (título mudado mais tarde para *Les Chouans ou la Bretagne en 1799*).[1]

Que diferença entre este e todos os livros precedentes de Balzac! O enredo ainda é o que pode haver de mais romanesco, mas os personagens vivem; aliás, o interesse partilha-se entre a história dos amantes, o

quadro da época e a representação do cenário. O autor conseguiu dar bem mais do que uma movimentada história de amor: a epopeia de toda a insurreição, fazendo que nas páginas do livro se sintam as palpitações de uma alma coletiva, bárbara e dominada por instintos primários. Outro encanto do livro eram as descrições das paisagens selvagens e sombrias da Bretanha, quase outra personagem da ação.

Com todas as suas desigualdades, essa obra já revela mão de mestre. O romancista encontrou-se definitivamente, e nunca mais reincidiria na subliteratura. Tudo o que escreveria depois dos *Chouans*, em matéria de romance e de contos, teria valor.

Comparado com Walter Scott, seu discípulo assinala-se por uma particularidade bem francesa, de que, aliás, tinha plena consciência. O romancista escocês idealiza a paixão. Por temperamento ou para agradar a um público maior, desconhece o amor sexual e faz intervir em suas narrativas mulheres sublimes e pálidas, quase figuras de altar. O romancista francês, desde seu primeiro verdadeiro romance, explora todas as riquezas da mina das paixões. "A paixão é toda a humanidade!", escreverá anos depois no prefácio de *A comédia humana*, ao reconhecer a sua dívida para com Walter Scott.

Por outro lado, em oposição a Scott — atraído pelas épocas mais remotas da história nacional —, Balzac logo de início escolhe um passado muito mais próximo, contíguo ao seu próprio tempo. No conjunto de sua obra, o romance histórico constituiria uma exceção, pois o romancista se compenetra cada vez mais de que a sua tarefa consiste em escrever a "história dos costumes" da sociedade francesa de seu tempo.

A repercussão de *Le Dernier Chouan* não é nada extraordinária, mas já recomenda o autor à atenção de alguns entendidos em literatura. No mesmo ano, porém, alcança um sucesso retumbante, pois é um sucesso de escândalo, com a espirituosa mas escabrosa *Fisiologia do casamento*. Este livro, que saiu poucos meses depois da morte do pai de Balzac, a quem o autor provavelmente deve a ideia central e que teria ficado bem

contente com o alvoroço, conquistou de chofre um público enorme. As mulheres censuravam-no, os homens defendiam-no, era objeto de discussões em todos os salões, e todos o compravam. O anonimato foi facilmente desvendado; a fortuna literária do autor estava feita, sobretudo depois da publicação, em 1830, das *Cenas da vida privada*, deliciosos quadros de interior, que o reconciliavam com todo o público feminino.

ANOS FELIZES

Começa então uma atividade literária espantosa, espetáculo sem par na história literária. Os jornais, as revistas escancaravam as suas portas ao novo talento, e Balzac atendia a todos os convites. Só em 1830, além de inúmeros artigos, escreveu as seguintes novelas e contos que hoje compõem *A comédia humana*: *El verdugo*, *Estudo de mulher*, seis novelas das *Cenas da vida privada*: *A paz conjugal*, *Ao "Chat-qui-pelote"*, *O baile de Sceaux*, *A vendeta*, *Gobseck*, *Uma dupla família*, e, ainda, *Adeus*, *O elixir da longa vida*, *Sarrasine*, *Uma paixão no deserto*, *Um episódio do Terror*, sem falar de grandes trechos de *Pequenas misérias da vida conjugal*, *Beatriz*, *A pele de onagro*, *Catarina de Médicis*. Os leitores descobriam, admirados, nesses esplêndidos contos e fragmentos de romances, o próprio mundo em que viviam, seu salão, sua sala de jantar e, mesmo, seu quarto de dormir, não somente representados com fidelidade, mas interpretados, revestidos de uma importância que nunca se lhes teria atribuído, realçados, por assim dizer, à dignidade de cenários históricos. A popularidade do escritor aumenta a cada dia, principalmente nas rodas femininas, que encontram nele um conhecedor admirável de seus segredos mais escondidos. Multiplicam-se os convites mundanos, e, sinal ainda mais evidente do sucesso, as cartas de mulheres, umas anônimas, outras com nome e endereço completo,

chovem às dúzias.

Sem parar, como quem depois de longo silêncio recupera a voz, o escritor lança uma obra após outra: *O conscrito*, *Os proscritos*, *A obra-prima ignorada*, *A estalagem vermelha*, *A pele de onagro*, *Jesus Cristo em Flandres*, *Mestre Cornélius*, sem falar numa multidão de artigos e crônicas e em grande parte da *Mulher de trinta anos* — e ainda estamos no fim de 1831!

1830, 1831 são, talvez, os anos mais felizes da vida de Balzac. Após uma série tão longa de insucessos e dissabores, eis o êxito pleno, fragoroso, esplêndido, tal como o sonhava. Herói do dia, é bem-vindo em todos os salões, tratado como igual pelos contemporâneos mais ilustres: Hugo, Lamartine, Nodier, George Sand e tantos outros. Cheio de ideias, de projetos, de energia, basta que entre numa sala para se tornar, imediatamente, o centro do interesse. Fala muito, mas o assunto é invariavelmente um só: ele mesmo. Fala nos livros que já fez, que está fazendo, que fará; conta as suas "orgias de trabalho", as filas de noites passadas à escrivaninha, as xícaras de café com que mantém a excitação do cérebro; apresenta as personagens de seus livros futuros, os enredos em que as pretende meter, os nomes que para elas achou; gaba os bibelôs que encontrou na loja de um antiquário e as riquezas de sua casa, em parte imaginárias. Os ouvintes ficam basbaques, trocam olhares espantados. As pessoas que o conheciam nessa época pintam-no como homem antes feio que bonito, com uma gordura incipiente que a vida sedentária acentua cada vez mais; vestido ou com desalinho ou com elegância espalhafatosa; baixo, atarracado, de nariz disforme, rosto redondo, cabelos compridos e uns olhos cujo brilho devia ser algo de excepcional, pois nenhuma testemunha deixa de falar no fogo desses "olhos de ouro".

"Pueril e poderoso", escreve George Sand, que o conheceu nessa época, "sempre com inveja de algum bibelô e nunca ciumento de uma glória, sincero até a modéstia, jactancioso até a bazófia, confiante em si

mesmo e nos outros, muito expansivo, muito bom e muito maluco, com um santuário de razão interior onde se recolhia para dominar tudo em sua obra, cínico porém casto, ébrio bebendo água, intemperante no trabalho e sóbrio em outras paixões, positivo e romanesco com excesso igual, crédulo e cético, cheio de contrastes e mistérios, assim era Balzac ainda moço, já inexplicável para quem se cansava com o estudo demasiadamente constante dele, mesmo a que ele condenava os amigos, e que ainda não parecia a todos tão interessante como realmente era... A sua alma era de uma grande serenidade, e em momento algum o vi carrancudo."

A partir da *Fisiologia do casamento*, Balzac entrou a ganhar bem com a sua pena, muito bem até, e os seus honorários, calculados no valor do dinheiro de hoje, dariam importâncias elevadíssimas. Podia finalmente, em dois ou três anos, liquidar as suas dívidas, e ainda lhe restava com que viver muito bem. Mas, em vez de diminuir, estas aumentavam constantemente, em razão da vida luxuosa do nosso escritor, com suas pretensões a dândi que não dispensa uma casa brilhante, caleça, cavalos, móveis artísticos, ternos magníficos (não se esqueça de que a moda masculina de então era muito menos uniformizada que hoje, permitindo uma escala extraordinária de fazendas suntuosas de cores e de cortes diferentes), todas essas coisas que criam em redor da pessoa uma auréola publicitária na crônica mundana dos jornais. De todas as suas extravagâncias ficou famosa a enorme bengala, ornada de pedras preciosas, que forneceu à sra. de Girardin o assunto para um romance. Junte-se a isso a sua paixão de colecionador de objetos de arte e antiguidades, que, com o correr dos anos, se transformou em mania. Assim, as suas finanças nunca chegaram a um ponto de equilíbrio, e foi preciso que ele morresse para suas dívidas poderem ser saldadas com a renda dos direitos autorais.

"Uma bela manhã", conta ainda George Sand, "Balzac, tendo vendido bem *A pele de onagro*, desprezou a sua sobreloja e quis deixá-la; mas,

depois de refletir, contentou-se de transformar seus pequenos quartos num conjunto de *boudoirs* de marquesa e um belo dia convidou-nos a tomar sorvete entre suas paredes cobertas de seda e bordadas de renda. Isso me fez rir muito; não pensava que ele levasse a sério essa necessidade de luxo vão e que aquilo fosse para ele mais do que uma fantasia passageira. Enganava-me: essas necessidades de imaginação faceira tornaram-se os tiranos de sua vida e para satisfazê-las sacrificou mais de uma vez o bem-estar mais elementar."

A partir dessa época, a vida de Balzac torna-se complicada para os biógrafos; ele como que se comprazia em dificultar-lhes a tarefa. "Ninguém pode ter a pretensão de fazer uma biografia completa de Balzac: qualquer ligação com ele era necessariamente cortada por lacunas, ausências e desaparições. O trabalho dominava de modo absoluto a sua vida", afirma seu amigo Théophile Gautier. De fato, Balzac desaparecia frequentemente durante semanas inteiras, emergindo ora nesta ora naquela cidadezinha, em casa de um ou de outro amigo, para descansar de algum esforço excepcional e, mais frequentemente ainda, desaparecia para acabar no silêncio da província algum livro que incubava. Outras vezes os amigos acreditavam-no em viagem, mas ele estava em Paris, escondido numa residência secreta a escrever, mas também a fugir aos credores e às convocações da Guarda Nacional; depois, ao cabo de uma reclusão voluntária de trinta ou quarenta dias, reaparecia brandindo alguma nova obra-prima. Em outras ocasiões, quando os amigos o acreditavam em casa, recebiam dele um bilhete vindo da Itália, da Suíça, da Alemanha ou da Rússia, e isso num tempo em que as viagens eram muito mais incômodas e demoradas do que hoje.

INTERMEZZO POLÍTICO

Antes, porém, dessas viagens ao estrangeiro, cuja série começara em

1833, vemos Balzac cruzar a França em todos os sentidos. Ao aceitar o convite de amigos ou amigas, tem sempre em vista a possibilidade de achar, para a ação de um ou outro romance em preparo, algum cenário ainda inexplorado: Issoudun, Nemours, Angoulême, Saumur etc. Poder-se-ia fazer um mapa quase completo da França com as localidades que o gênio de Balzac introduziu na literatura. "Uma das razões que explicam a rápida voga do sr. de Balzac por toda a França", observa a esse respeito Sainte-Beuve, o grande adversário do romancista que, para explicar-lhe o bom êxito, admitia todas as razões menos o gênio,

> é a habilidade na escolha sucessiva dos lugares onde coloca o cenário de suas narrativas [...] Essa lisonja dirigida a cada cidade em que o autor situa suas personagens significa para ele a conquista do lugar; a esperança que têm as cidades ainda obscuras de ser em breve descritas em algum romance novo predispõe para ele todos os corações literários do lugar. Este, pelo menos — dizem —, não é orgulhoso; não é exclusivamente parisiense, e de sua Chaussée d'Antin não despreza as nossas ruas e as nossas granjas.

Por volta de 1831, as viagens de Balzac têm, no entanto, um outro fim além do literário. Confiando na popularidade do seu nome, quer, precisamente, sair do terreno da literatura. Desejoso de não apenas observar e descrever, mas plasmar a evolução da sociedade, candidata-se às eleições legislativas em Cambrai e em Angoulême. Para ser eleito, conta especialmente com o apoio da alta sociedade, pois esse plebeu está resolvido a fazer-se campeão da aristocracia. Os que gostariam de ver os grandes escritores na primeira fila dos que combatem pela ascensão das classes laboriosas e para a encarnação, nas instituições do Estado, do espírito de liberdade, notam, com desapontamento, que desde o começo de sua carreira Balzac se filiou à outra frente, adotando um programa político nitidamente conservador e mesmo reacionário. A esse respeito, o prefácio de *A comédia humana*, escrito em 1842, contém uma declaração bastante categórica; mas já doze anos antes, numa carta à sra. Zulma Carraud, Balzac faz uma profissão de fé política no mesmo sentido.

Achamos interessante citar-lhe os itens principais, pois esclarecem muitos trechos de *A comédia humana* em que as personagens ou o próprio autor comentam assuntos políticos:

> A França deve ser uma monarquia constitucional, ter uma família real hereditária, uma Câmara dos Pares extremamente poderosa que represente a propriedade com todas as garantias possíveis de hereditariedade e privilégios cuja natureza deve ser discutida; depois, uma segunda Assembleia, eletiva, que represente todos os interesses da massa intermediária que separa as altas posições sociais do que se chama o povo. A massa das leis e seu espírito devem tender a procurar esclarecer o *mais possível* o povo, as pessoas que não têm nada, os operários, os proletários etc., a fim de fazer chegar o maior número possível de homens ao estado de bem-estar que distingue a massa intermediária; contudo, o povo deve ser deixado sob o mais poderoso dos jugos; deve ter toda a oportunidade para que seus indivíduos possam encontrar luzes, auxílio e proteção, e para que nenhuma ideia, forma ou transação o torne turbulento. A maior liberdade possível à classe abastada, pois esta possui algo para conservar e pode perder tudo; essa nunca será licenciosa. Ao governo, a maior força possível. Assim, o governo, os ricos e os burgueses têm interesse em tornar feliz a classe ínfima e engrandecer a classe média, na qual reside a verdadeira força dos Estados. Se as pessoas ricas, as fortunas hereditárias da Câmara Alta, corrompidas por seu modo de viver, praticam abusos, esses são inseparáveis da existência de toda sociedade; é preciso aceitá-los com as vantagens que oferecem.

Para Balzac, este sistema, se não é perfeito, parece o menos defeituoso de todos, pois reúne "as condições boas e filantrópicas" de vários outros; eis por que afirma em 1830: "Nunca abandonarei este sistema" — e realmente conservou-se fiel a ele até o fim da vida.

Quando, pouco depois de ter escrito essa carta, Balzac se lembrou de tomar parte ativa na política, candidatando-se às eleições, procurou o partido cujas ideias mais se assemelhassem às suas e achou-o no Partido Legitimista. No seio deste havia uma cisão. Quando da instalação da Monarquia de Julho, em seguida à Revolução de 1830, a maior parte dos deputados e dos pares monarquistas recusou-se a prestar juramento de fidelidade a um regime que consideravam usurpador; uma minoria,

porém, resignou-se ao juramento para poder combater, como oposição ativa, o novo governo. O duque de Fitz-James era chefe dessa facção, cujas ideias eram expostas no *Renovateur*, órgão redigido por Laurentie, a cujo convite de colaboração Balzac respondeu com entusiasmo.

É forçoso reconhecer que as ideias expostas na carta acima são as da "direita"; no entanto, essa profissão de fé não coincide de modo preciso com a conclusão geral que cada leitor desprevenido tira naturalmente de *A comédia humana*. Balzac faz-se paladino do sistema político e social vigente em seu tempo e da predominância da Igreja Católica, mas seus livros constituem, com poucas exceções, outros tantos golpes demolidores assestados aos alicerces do edifício social e religioso de seu tempo. Apesar de várias tentativas da crítica monarquista e conservadora francesa (Barbey d'Aurevilly, Bourget etc.) para demonstrar a coerência entre o pensamento político e a obra literária de romancista, parece que Victor Hugo teve mais razão ao afirmar, na poderosa oração pronunciada sobre o túmulo de Balzac, que este, quisesse ou não, pertencia "à forte raça dos escritores revolucionários".

Nas páginas de *A comédia humana* opiniões conservadoras são manifestadas a cada passo, ora atribuídas a personagens das altas classes sociais, ora nas frequentes interrupções da narrativa, como palavras do próprio autor. Apesar disso, a obra literária de Balzac é essencialmente imparcial, pois suas convicções políticas nunca levam o escritor a alterar seja o que for no que ele considera a observação e a expressão da realidade. Cumpre citar a esse respeito uma das justificações com que o político Balzac procura afastar o ressentimento de leitores conservadores contra o escritor Balzac por ter este apresentado um fidalgo degenerado num dos capítulos de *Modesta Mignon*. "Quando as grandes coisas humanas se vão, deixam migalhas [...] e a nobreza francesa mostra-nos, neste século, demasiados restos. Não há dúvida de que, nesta longa história de costumes que é *A comédia humana*, nem o clero nem a nobreza têm de que se queixar. Essas duas grandes e magníficas

necessidades sociais acham-se nela bem representadas; mas não ser imparcial, não mostrar aqui a degenerescência da raça, não equivaleria a renunciar ao belo título de historiador?" Este belo título nunca lhe foi contestado pelos intelectuais da esquerda. O próprio Marx lia-o com entusiasmo, e Engels prestou-lhe homenagem neste significativo trecho de carta:

> Balzac [...] nos dá, em *A comédia humana*, a história mais maravilhosamente realista da *société* francesa [...] descrevendo sob forma de crônica de costumes, quase de ano em ano, de 1816 a 1848, a pressão cada vez maior que a burguesia ascendente exercia sobre a nobreza que se reconstituíra depois de 1815 e que, *tant bien que mal*, na medida do possível, levantava outra vez a bandeira da *vielle politesse française*. Descreve como os últimos restos dessa sociedade, para ele exemplar, sucumbiram aos poucos em face da intrusão do *parvenu* vulgar da finança, ou foram por este corrompidos; como a grande dama cujas infidelidades conjugais não eram senão um meio perfeito de se adaptar à maneira como se dispunha dela no casamento, cedeu lugar à burguesa que procura um marido para ter dinheiro ou *toilettes*; em volta desse quadro central agrupa toda a história da sociedade francesa, onde eu aprendi mais, mesmo no que concerne aos pormenores econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal depois da Revolução) do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos profissionais da época, todos juntos. Sem dúvida, Balzac era legitimista na política; sua grande obra é uma elegia perpétua que deplora a irremediável decomposição da alta sociedade; suas simpatias vão para a classe condenada a morrer. Mas, apesar de tudo isso, sua sátira nunca é mais incisiva, sua ironia mais amarga do que quando faz agir esses aristocratas, esses mesmos homens e mulheres pelos quais experimentava tão profunda simpatia. E [...] os únicos homens de quem fala com admiração não dissimulada são seus adversários políticos mais encarniçados, os heróis republicanos da rue de Cloître-Saint-Merry [cenário da insurreição popular de 5 e 6 de junho de 1832], os homens que nessa época representavam realmente as massas populares.[2]

Pode-se lamentar, pois, que Balzac tenha professado um credo "reacionário", mas isso não lhe altera nem a imparcialidade nem o valor da obra, e há nisso mais uma prova de seu gênio. Ainda hoje, Paul Louis, historiador do socialismo francês, ao procurar reconstruir os tipos sociais do período do capitalismo nascente, recorre ao monumental inventário

feito pelo monarquista e católico Balzac.

Retomando a vida de Balzac no ponto onde a deixamos, observemos que o escritor, para o bem da literatura, não fora eleito deputado nem em 1831, nem em 1832, nem mais tarde, a despeito do apoio que lhe fora prometido pelo duque de Fitz-James. Dir-se-ia que o partido monarquista não se empenhava muito em ajudar um aliado tão perigoso. Por outro lado, Balzac, premido por seus compromissos literários e acossado pelos credores, não dispunha do tempo necessário a uma campanha eleitoral. Mantendo embora as mesmas ideias, afastou-se progressivamente do partido, cujos jornais em seguida o agrediriam mais de uma vez por suas teorias, insuficientemente ortodoxas, e por sua pretensa imoralidade.

INTERMEZZO SENTIMENTAL

Querendo saber por que cargas d'água Balzac chegou a ter relações com o duque de Fitz-James, um dos chefes do Partido Legitimista, passamos inadvertidamente do domínio político para o sentimental.

Fizemos já uma alusão às cartas femininas que assinalavam o sucesso cada vez maior do romancista entre as leitoras. Nessa época, recebe ele, em média, três ou quatro cartas por dia, e o melhor conhecedor de sua vida, o visconde Spoelberch de Lovenjoul, calcula em 12 mil o número total que lhe pode ter chegado entre 1830 e 1850. Uma pequena parte dessas mensagens foi publicada em Paris e oferece interessante amostra do que poderia ser o conjunto. São solteironas protestando contra o retrato da solteirona, impiedosamente traçado; louras tomando as dores por alguma heroína loura, maltratada num romance; senhoras reclamando contra conceitos injuriosos acerca das mulheres casadas; esposas incompreendidas trazendo a sua própria história para dar assunto ao romancista — e quase todas pedindo encontro para

demonstrar pessoalmente quanto Balzac se enganara ao pronunciar este ou aquele julgamento a respeito do sexo feminino. O escritor lia, entre lisonjeado e aborrecido, os bilhetes de todas essas mulheres "às vezes apaixonadas, mais comumente, porém, apenas curiosas e pervertidas"; não podia responder sequer à décima parte, mas de vez em quando escolhia uma ou outra que cheirava a mistério, trazia um perfume aristocrático ou uma promessa de aventura picante.

Aconteceu-lhe, assim, responder, em outubro de 1831, a uma anônima que censurara o cinismo de certas afirmações da *Fisiologia do casamento*. Balzac desculpou-se, declarou que havia um mal-entendido e fez a apologia das mulheres. Em fevereiro de 1832 a desconhecida despiu o anonimato; não era nada menos que a marquesa (mais tarde duquesa) de Castries, filha do duque de Maillé, sobrinha do duque de Fitz-James, uma das grandes damas mais admiradas do Faubourg Saint-Germain, de quem se falava muito a propósito da ligação que tinha com o duque Victor de Metternich, filho do chanceler, falecido inesperadamente pouco antes, e cuja morte ela chorava publicamente. Balzac viu realizar-se o mais ardente dos seus sonhos: abriam-se diante dele as portas de um dos salões aristocráticos e, o que é mais importante, sob os melhores auspícios possíveis. Atendeu, pois, imediatamente ao convite "com o risco de perder muito, quando for conhecido pessoalmente".

1832 foi, aliás, o ano em cujo começo Balzac e a sra. de Berny, bastante envelhecida, concordaram em transformar a sua ligação amorosa em simples amizade. O escritor, cujas "exigências amorosas", segundo ele mesmo o confessa, "até então nunca foram plenamente satisfeitas", andava justamente à procura de uma paixão. A sra. de Castries parecia objeto indicado para isso. Com trinta anos feitos, a auréola de uma grande paixão tragicamente interrompida e a melancolia de uma enfermidade contraída numa queda de cavalo, e que lhe fazia receber deitada os hóspedes de seu salão, recebeu-o com faceirice, e tudo fez para ligá-lo à sua roda. Ele trazia-lhe uma admiração que a lisonjeava

e uma pena que podia prestar os melhores serviços à boa causa, a do legitimismo, evidentemente. O romancista tomou as manifestações de gentileza que se lhe dispensavam por sinais de paixão, e quando a sra. de Castries ou o duque de Fitz-James se lembraram de convidá-lo a que os acompanhasse a Aix a fim de ali passar as férias, esqueceu romances, compromissos e dívidas, pronto a atender a tão honroso convite.

Era, porém, um conhecedor demasiado esperto da alma feminina para não conceber temores ao mesmo tempo que esperanças. Segundo seu costume, contava umas e outras a uma sua confidente, a sra. Zulma Carraud, cujo nome já ocorreu nesta biografia:

> Pois tenho agora de galgar as montanhas de Aix, na Saboia, correr atrás de alguém que talvez zombe de mim; uma dessas mulheres aristocráticas que você sem dúvida detesta; uma dessas belezas angelicais a quem se empresta uma alma bonita, a verdadeira duquesa, muito desdenhosa e muito afetuosa, fina, espirituosa e faceira, nada do que já vi; um desses fenômenos que se eclipsam, e que diz amar-me, que me quer guardar no fundo de um palácio, em Veneza [...] e quer que de agora em diante eu não escreva senão para ela; uma dessas mulheres que é preciso absolutamente adorar de joelhos quando elas o querem; a mulher dos sonhos! Ciumenta de tudo! Ah, melhor seria estar em Angoulême [...] bem prudente, bem tranquilo [...] do que perder o tempo e a vida!

Era justamente em Angoulême que morava a sra. Zulma Carraud com o marido e os filhos, mulher de uma inteligência e de uma sensibilidade excepcionais, amiga da irmã de Honoré e, ainda mais, dele próprio. Partindo de Paris para Aix, Balzac interrompeu a viagem em Angoulême para conversar com os amigos, contar a Zulma seus receios e talvez pedir-lhe conselho. Zulma viu os perigos que esperavam o seu amigo em Aix e nos salões do Faubourg Saint-Germain; ela condenava com severidade o esnobismo de Balzac e queria vê-lo, livre de obrigações mundanas, consagrar seus esforços ao bem do povo. No entanto, não podia dissuadi-lo da viagem por ser, também ela, parte interessada. Não muito feliz no casamento, quase enterrada no seu cantinho de província, com uma sede

imensa de atividade que a família não satisfazia, ela amava Balzac em silêncio, e lhe admirava e compreendia o gênio como ninguém. Sonhava ser a alma, a orientadora dessa força gigantesca, encaminhá-la para um fim esplêndido, humanitário. Era ela a mulher que convinha ao escritor: ter-lhe-ia engrandecido a vida sem absorvê-la.

Balzac passou um mês em Angoulême. Nunca os dois conversaram tanto. O amor de Zulma evidenciou-se, apesar de seus esforços para escondê-lo. Balzac percebe-o e mostra-se pronto a não ir mais a Aix, se a amiga lhe conceder uma felicidade tão completa como a que espera encontrar junto à marquesa. Acena a Zulma com "a miragem de um paraíso desconhecido"... Ela sabe, porém, resistir à tentação. Embora não ame o marido, estima-o; não podendo ser a esposa de Balzac, pode ser para ele apenas uma amiga, ou, melhor, um amigo. Balzac não insiste. Compreende o valor daquela amizade, que não vale a pena arriscar pelo efêmero prazer da paixão. Assim, Zulma Carraud ficará para o escritor como uma fonte dos encorajamentos mais valiosos, das censuras mais nobres e mais sinceras; cansado do trabalho, exasperado por outras mulheres, mais de uma vez voltaria a ela e sempre encontraria paz e consolo.

Por ora, ei-lo de novo a caminho de Aix. Passa ali todo o mês de setembro, trabalhando durante o dia e encontrando ao jantar a marquesa, que continua a encantá-lo. Tudo lhe sorri: as deliciosas palestras depois do jantar, as excursões pelos arredores, lugares de esplêndida beleza, a gentileza do duque, que lhe faz entrever o apoio do Partido Legitimista às eleições, a perspectiva de fazer parte da sociedade mais alta da França. Não é de admirar, pois, que aceite com entusiasmo o convite para acompanhar o duque e a sobrinha numa viagem à Itália, convite este selado, ao que parece, por um beijo da sra. de Castries.

Zulma Carraud, que a distância livrou do perigo, não lhe poupa as advertências:

> Você está em Aix, porque deve ser comprado para um partido [...] porque a sua alma está falseada, porque repudia a verdadeira glória por uma gloríola [...] Sofro por não vê-lo grande [...] Você já mediu a pele de onagro desde que o seu apartamento foi renovado? Desde que o seu cabriolé tão moderno o reconduzia diariamente às duas da manhã da rue du Bac?

Na rue du Bac, em Paris, ficava a residência da sra. de Castries; e sem dúvida a pele de onagro, esse milagroso talismã, símbolo da vida inventado por Balzac e que diminui a cada capricho satisfeito, reduzira-se bastante nas visitas que Balzac ali fizera. Zulma Carraud, em outra carta, volta a dissuadi-lo. Embora despreze os monarquistas, não quer discutir política com o amigo; apenas lhe implora que não se enfeude a nenhum partido: "Sem comunicação com o povo e vendo-o como artista, não poderá julgar de suas necessidades".

Mas o romancista, cada vez mais apaixonado, pouco se lembra do povo. Nem lhe ocorre olhar para a pele de onagro. A resposta patética que manda à conselheira soa falsa:

> Eu, vendido a um partido ao preço de uma mulher! Um homem casto durante um ano inteiro!... Você não pode pensar isso seriamente: pois esta alma não concebe a prostituição!

Fracos também os argumentos que opõe às censuras relativas à sua vida luxuosa:

> Adquiri o direito de me rodear de seda, porque amanhã, se for necessário, voltarei sem um arrependimento, sem um suspiro, à mansarda nua do artista [...] para não ceder a uma coisa vergonhosa, para não me vender a ninguém.

Inteiramente resolvido a viajar para a Itália, pede com urgência um adiantamento a seu editor e explica à mãe, numa carta, todas as vantagens que a viagem lhe traria; veria um país indispensável à sua formação artística, iria quase de graça, em boa companhia, faria ótimas relações etc.

Primeira etapa: Genebra. Ali, de súbito, muda de resolução. A excursão não deixará de custar-lhe caro; seus livros, já compostos, esperam; há compromissos por saldar etc.; e, pouco tempo depois, ei-lo em Nemours, perto da sra. de Berny— sempre maternal, sempre compreensiva —, em busca de consolações.

Houve, de fato, rompimento entre os dois companheiros de viagem. Sem dúvida, a sra. de Castries recuou diante do último passo, e Balzac, humilhado, exasperado, abandonou Genebra. A aventura lhe ficará como uma das lembranças mais amargas de toda a vida. Contá-la-ia, levemente transfigurada, em *A duquesa de Langeais*, terminada em 1834. "Só eu sei o que há de horrível na duquesa de Langeais", diria, em 1836, a uma de suas correspondentes, e muitos anos depois responsabilizaria ainda a sra. de Castries por uma doença de coração, adquirida, pensa ele, naquela época. Como explicar então que, após o regresso dela da Itália, não só tenha recomeçado a frequentá-la, como haja feito questão de ler-lhe o romance em que a "pusera no pelourinho"? Que, embora falando mal da duquesa e chamando-lhe sua inimiga, procurasse impressioná-la por todos os meios, por exemplo, anunciando-lhe que dentro em pouco terminaria de pagar todas as suas dívidas e alcançaria uma situação invejável, ou contando-lhe de antemão as obras que preparava? Havia nisso, decerto, um desejo de desforra — mas também a persistência do amor, espezinhado e humilhado, que só a satisfação podia apagar. Satisfação, porém, que nunca lhe veio. Contudo, cartas recentemente divulgadas da sra. de Castries mostram-na bem mais afetuosa e menos coquete do que a duquesa de Langeais; e sabemos que o que ela recusou a Balzac também não concedeu mais tarde a dois outros admiradores ilustres: Sainte-Beuve e Musset. Será que os três grandes escritores não a atraíram senão espiritualmente? Ou a sua reserva se explicaria por uma comovente fidelidade ao amante desaparecido? Se assim foi, era uma das mulheres a quem os Balzac erguem monumentos sublimes em seus romances, exceto quando a sua bela fidelidade os prejudica

pessoalmente.

A COMÉDIA HUMANA

Durante este ano de 1832, tão rico em experiência humana e em "estudos de dor", a produção do escritor não teve solução de continuidade. A simples enumeração das obras publicadas durante esse período causa espanto, mesmo levando-se em conta que parte delas podia já estar pronta antes: *A mulher de trinta anos*, *A senhora Firmiani*, *A mensagem*, *O coronel Chabert*, *O cura de Tours*, *Outro estudo de mulher*, *A bolsa*, *Luís Lambert*, *O romeiral*, *As Maranas* — acrescentando-se outras obras menores, não incluídas em *A comédia humana* — dão um total de páginas superior ao da obra completa de muitos outros escritores. Fecundidade tanto mais admirável quanto Balzac escrevia dificilmente. Não tinha a feliz espontaneidade da maioria dos escritores românticos, um Gautier, um Hugo, um Musset. Para esses a redação era o desabrochar harmonioso do pensamento; para Balzac, um parto laborioso. Mal acabada a primeira redação, retocava-a muitas vezes, avançando devagar em meio a correções sem fim sobre provas tipográficas sempre novas. "As provas me esperam", exclama numa carta. "Vamos mergulhar nas estrebarias de Áugias do meu estilo e varrer os erros!"

"A sua maneira de proceder", depõe Gautier, "era esta: quando tinha longamente trazido consigo e vivido um assunto, numa escrita rápida, trôpega, contundida, quase hieroglífica, traçava uma espécie de cenário em algumas páginas que mandava à tipografia, de onde voltavam em tiras, isto é, em colunas isoladas no meio de folhas largas. Lia atentamente essas tiras, que já davam a seu embrião de obras esse caráter impessoal que o manuscrito não tem, e aplicava àquele esboço a alta faculdade crítica que possuía, como se se tratasse da obra de outro. Assim

operava sobre alguma coisa; aprovando ou desaprovando a si mesmo, mantinha ou corrigia, mas principalmente acrescentava. Linhas que partiam do começo, do meio ou do fim das frases dirigiam-se às margens, à direita, à esquerda, no alto, embaixo, conduzindo a desenvolvimentos, a intercalações, a incisos, a epítetos, a advérbios. Ao cabo de algumas horas de trabalho dir-se-ia o ramo de um fogo de artifício desenhado por uma criança."

René Benjamin, por seu lado, compara a prova corrigida por Balzac a uma "teia de aranha, mas de aranha humana, irregular, tecendo em todas as direções, segundo os golpes do gênio, que formava uma rede inextricável em que a mosca-tipógrafo devia morrer de esgotamento".

Por infelicidade de Balzac, ainda não fora inventada a máquina de escrever, que, sem essa necessidade permanente de recorrer à custosa colaboração da tipografia, teria dado aos trechos redigidos o "caráter impessoal" de que fala Gautier. "De *Pierrette* houve treze provas sucessivas; quer isso dizer que foi feita treze vezes; de *César Birotteau*, dezessete", relata ele mesmo. E esse trabalho recomeçava antes de cada reedição, nunca igual à edição precedente. *Luís Lambert* "foi corrigido sete vezes", conta ele ainda. "É a oitava vez que nele aplico o meu espírito — e isso não se refere senão às reedições, pois o reli cem vezes."

Também, Balzac era o terror dos tipógrafos e dos editores; dos primeiros, por estarem as suas inúmeras correções escritas em letra miúda e confusa, quase ilegíveis; dos segundos, porque as recomposições contínuas aumentavam extremamente o custo dos livros. Nessas condições, cada obra impressa de Balzac representa verdadeiro milagre, soma dos esforços sobre-humanos do escritor e do operário.

Mas pouco importava, pois dessa labuta surgiam "pérolas exsudadas entre dores", como *O cura de Tours*, como *Luís Lambert*! O público, os editores e o próprio autor assistiam com deslumbramento cada vez maior a essa impetuosa torrente de obras-primas.

Depois da grande desilusão, o escritor voltou à fornalha de seu

gabinete. Seus romances, já existentes ou apenas esboçados, multiplicam-se e exigem uma reunião em séries: *Cenas da vida parisiense*, *Cenas da vida provinciana*, *Cenas da vida privada* etc., essas, por sua vez, reunidas em *Estudos de costumes do século xix*, à espera de um título geral melhor. Enquanto no fundo de sua consciência a aventura malograda se vai transformando em "material", outros romances tomam corpo: *Ferragus*, *O médico rural* e o melhor que escreveu até então, *Eugênia Grandet*. Os protagonistas de seus livros com aquele séquito enorme de comparsas, Balzac os *vê* cada vez mais. Atazanado pelas dívidas, pelos prazos marcados para a entrega dos originais; recluso no silêncio noturno de seu gabinete mal iluminado pelas velas e separado do resto do mundo, na hipertensão da obra da criação, com a sensibilidade estimulada por excitantes, acima de tudo inúmeras xícaras de café; sentindo quase materialmente a pressão de sua imaginação a reclamar vida no papel — acaba numa exaltação permanente, uma espécie de alucinação provocada. As personagens de seus livros aparecem-lhe como seres vivos, misturando-se umas às outras e à própria vida de seu criador. Não esqueceu nenhum deles, e atrás dos rostos conhecidos vêm outros, emergindo gradativamente da escuridão, ganhando feições, nome, caráter, família, biografia completa.

"Os 2 ou 3 mil tipos de uma geração" delineavam-se diante dele numa visão de proporções tão gigantescas que chegavam a ofuscar a realidade. Quando, porém, por volta de 1833, teve a revelação da importância total de sua obra, foi no dia em que vislumbrou a ideia de ligar todas as personagens desta para com elas formar como que uma única sociedade. Como um sábio que depois de anos de pesquisas tivesse finalmente encontrado a solução de um problema essencial da sua especialidade, corre à casa da irmã para contar-lhe a sua revelação.

"Saudai-me", diz com alegria, "pois estou seriamente na iminência de me tornar um gênio!"

A volta sistemática das mesmas personagens dentro de diversos

romances é, com efeito, uma inovação originalíssima e de grande alcance, que cabe exclusivamente a Balzac. Com ela pretendeu eliminar a maior imperfeição inerente ao gênero, qual seja, a incapacidade de dar uma ilusão completa de realidade; o romance, efetivamente, está rigidamente delimitado nos planos de uma construção que não se observa na vida. Mas os romances de Balzac não começam e não acabam; cada um traz sementes que vão germinar além do fim e por sua vez apresenta o desenvolvimento de germes lançados em um ou mais romances anteriores. Se a personagem principal morre, as outras continuam a própria vida, esperando a sua vez para passar ao primeiro plano. Este que se nos depara feliz numa novela, encontrá-lo-emos infeliz em outra; de um livro para outro as personagens envelhecem; os membros da mesma família têm cada um a sua história, contada em obras diversas. Para aumento da ilusão, elas vivem misturadas a personagens reais: o poeta Canalis, inventado por Balzac, dá-se com Chateaubriand, e o pintor Schinner, outra criação sua, é aluno de Gros e frequenta Girodet.

Um pouco mais tarde encontraria Balzac o título de conjunto que lhe falta, a inscrição para o frontão de seu edifício: *A comédia humana*, nome cheio de audácia e orgulho, que não recua ante a comparação com *A divina comédia*, de Dante.

À medida que as partes da obra se ligam e que sua unidade fundamental se patenteia, o escritor identifica-se cada vez mais com a sua criação. Dir-se-ia que é a primeira vítima da ilusão que pretendia inspirar, pois a seus próprios olhos as personagens fictícias acabam por se confundir com as verdadeiras.

"Contava-nos as notícias do mundo de *A comédia humana*", relata sua irmã Laure, "como se contam as de um mundo verdadeiro."

"Sabem com quem vai casar Félix de Vandenesse? Com uma senhorita de Grandville. É um casamento excelente que ele está fazendo; os Grandville são ricos, apesar de tudo o que a senhorita de Bellefeuille custou a esta família."

“Um dos amigos do dr. Minoret em *Úrsula Mirouët*, o capitão de Jordy, excitava a nossa curiosidade. Meu irmão nada disse a respeito de sua vida, mas tudo leva a crer que ele passou por grandes infortúnios. Pedimos-lhe esclarecimentos.”

“Não conheci o senhor de Jordy”, respondeu ele, “antes de sua chegada a Nemours.”

A constante preocupação com a vida de suas personagens tornou-o bastante indiferente à das pessoas vivas, sem exceção de seus amigos. Às vezes, sem o perceber, chegava a ser grosseiro; assim quando interrompeu um amigo que, de volta do enterro de uma irmã, lhe contava a dor da família:

“Está certo, mas falemos em coisas sérias. Que faremos do pai Goriot?”

Não é possível que nessa atitude não haja alguma *pose*, mas erraria quem a julgasse completamente insincera. Em suas cartas à sra. Hanska, acontecerá a Balzac inúmeras vezes comparar-se a si mesmo e à amiga não a conhecidos vivos, mas, sim, às personagens de seus romances. Por outro lado, se não as visse sempre em redor de si como figuras vivas, como explicar a ausência quase total, em toda *A comédia humana*, de erros e confusões no que diz respeito à idade, ao parentesco, às relações recíprocas dessas 2 mil e tantas personagens?

Do ponto de vista pessoal, a admirável invenção da unidade de *A comédia humana* não fez senão multiplicar de maneira considerável o trabalho de Balzac. A começar da data em que lhe veio essa ideia, teve de trabalhar com atenção bem maior: em mais de uma obra o número de personagens que já figuraram em outras é superior a cem, e o caráter, as ações, as palavras de nenhuma delas deviam estar em oposição a seus retratos anteriores. Por outro lado, o escritor, a partir daquela mesma data, refundiria todos os romances anteriores, aproveitando o ensejo das reedições para substituir uma personagem por outra, mudar nomes, modificar cenas, datas, diálogos, em conformidade com as exigências do

conjunto. Iria a ponto de introduzir nos diálogos alusões a acontecimentos registrados dentro da vasta família de *A comédia humana*. Observe-se que esse trabalho de Sísifo chegou a ser integralmente realizado em todas as obras acabadas (menos as poucas que, por serem de caráter histórico, com enredo desenvolvido em épocas anteriores, não o comportavam).

A sua gigantesca tarefa, Balzac executa-a sozinho do princípio ao fim. Nenhum secretário foi encontrado que se pudesse submeter a um expediente tão inumano que frequentemente pregava Balzac à sua escrivaninha por mais de 24 horas ininterruptas, impedindo-o, às vezes, durante dias e até semanas inteiras, de sair ao ar livre. Sem dúvida, uma mulher boa, inteligente, compreensiva, o teria auxiliado muito, só pela ação de sua presença.

"Precisaria de uma esposa como você", escreve Balzac a Zulma Carraud em fins de novembro do mesmo ano de 1832. "Mas não devo queixar-me, pois tenho amizade com almas bem nobres. Ainda agora acabo de receber uma carta divina da princesa russa ou polonesa."

A CONDESSA HANSKA

A princesa russa era na realidade uma condessa polonesa, mais uma correspondente dentre as 12 mil. Por estranha coincidência, sua primeira carta, assinada por "Uma Estrangeira", chegou a 28 de fevereiro de 1832, dia em que Balzac recebeu o primeiro convite da duquesa de Castries. O romancista não pôde responder às primeiras cartas, pois a estrangeira não indicara endereço. Só em 9 de dezembro de 1832, num pequeno anúncio do jornal *Quotidienne* (recurso este sugerido pela correspondente), acusou o recebimento delas. Tendo obtido, na resposta, um endereço para onde dirigir as suas cartas, escreveu-lhe afinal.

O visconde Spoelberch de Lovenjoul, esse grande pesquisador da vida

e da obra de Balzac, encontrou duas das primeiras cartas da desconhecida. São missivas patéticas, cheias de um entusiasmo sentimental e vago, em que a correspondente quase nada revela a respeito de si mesma, a não ser que já foi vítima de uma paixão infeliz. A primeira carta contém, a mais, uma afirmação solene: “Para você sou a Estrangeira e hei de sê-lo a vida toda: nunca me conhecerá”.

Aos poucos, Balzac começou a interessar-se realmente pela leitora misteriosa. No princípio, gabava-se ainda dessa aventura fantástica a suas amigas, sra. de Berny, sra. Carraud, talvez mesmo sra. de Castries, e com estas glosava as cartas; chegou a pedir à sra. Carraud que respondesse a uma delas. Mas quando a Estrangeira, com uma inconsequência pouco surpreendente, lhe anunciava que viria morar, com a família, mais perto da França e lhe fazia entrever a possibilidade de um encontro, o escritor cessou de fazer confidências sobre o assunto e empenhou-se com toda a imaginação naquele flerte epistolar que ia ter influência decisiva em seu destino.

Dentro em pouco, a desconhecida revelou a sua identidade. Em solteira, Eveline Rzwuska, nascida em 6 de janeiro de 1800, era descendente de uma das maiores famílias polonesas, casada desde 1819 com o latifundiário Wenceslas Hanski, muito mais idoso do que ela, de quem tinha uma filha. Instruída como todas as moças das aristocracias eslavas, falava e escrevia o francês perfeitamente e, em seu castelo de Wierzchownia, acompanhava, dia a dia, através dos jornais e revistas, a vida de Paris, centro do mundo. Não tendo encontrado a felicidade no casamento, passava o tempo a sonhar e a ler.

Como a duquesa de Castries, como tantas outras mulheres, também ela escreveu a Balzac para catequizá-lo, protestando contra o retrato cruel da Fœdora, em *A pele de onagro*. Em pouco a correspondência se transformou num flerte regular. Uma viagem à Suíça deu ensejo a um primeiro encontro em Neuchâtel, em setembro de 1833, e a uma troca de juramentos; ao fim do segundo encontro, em dezembro do mesmo ano,

eram amantes. Isso acontecia justamente em Genebra, e constituía como que um bálsamo para a ferida que um ano antes o escritor levara de lá e que ainda não estava cicatrizada. A paixão era ardente de um e outro lado. Só havia um obstáculo à felicidade definitiva dos amantes: o sr. Hanski; mas este foi o mais gentil dos maridos. Nada viu em Neuchâtel, nem mesmo em Genebra. Quando, em setembro de 1834, abriu e leu, sem malícia, uma carta de amor apaixonada dirigida à sua esposa por Balzac, aceitou sem pestanejar as desculpas confusíssimas do romancista, que alegava uma aposta, um exercício literário e coisas semelhantes. Também não seria ele quem impediria a esposa de tornar a encontrar o amigo em Viena, em 1835. Se houve depois uma interrupção de sete anos nos encontros, tampouco isso foi culpa dele: era simplesmente a dificuldade de concertar o programa dos namorados, um mergulhado na sua literatura, outra ocupada em educar a filha e iniciar-se na direção do latifúndio, assustada com a saúde decadente do esposo. Em fins de 1841, o conde Hanski teve, de fato, a indelicadeza de morrer, pregando assim — numa expressão algo irrespeitosa de René Doumic — a pior peça possível aos amantes, que nos sete anos decorridos depois do encontro de Viena não cessaram de se corresponder com maior ou menor regularidade e paixão.

Apesar dos protestos reiterados de suas cartas, a fidelidade de Balzac à "noiva" longínqua era das mais relativas. A lembrança dos dias de Genebra e de Viena e as cartas entusiásticas de Eveline não lhe evitaram o começo de outro romance epistolar com uma misteriosa Louise, que lhe teria dado um filho, e ainda menos o impediram de manter uma ligação bastante comentada com uma bela inglesa casada com um italiano, a condessa Guidoboni-Visconti, ao que parece mãe de outro filho. A respeito desse namoro os mexericos que chegaram até nós estão suficientemente de acordo, e sem dúvida alguma Balzac teria obrigações consideráveis para com a bela condessa, pois, uma após outra, interrompeu duas vezes os seus trabalhos para ir à Itália cuidar de

negócios da família Visconti. Aproveitou, aliás, a primeira dessas viagens para levar consigo uma moça romântica, Claire Marbouty, disfarçada em pajem, e a segunda para perturbar a paz conjugal do casal Andrea Maffei, em Milão. Nem cessou de fazer aparições periódicas no salão da insensível sra. de Castries, para ver se a fazia contribuir para um desfecho menos horrível da *Duquesa de Langeais*.

A partir de 5 de janeiro de 1842, dia em que soube da morte do conde Hanski, verificou-se, porém, mudança radical nas atitudes de Balzac, que entregou toda a sua vida a Eveline, à espera de um sinal para desposá-la. Esse sinal se fez esperar mais de oito anos, e durante todo esse tempo o escritor viveu em completa dependência da condessa Hanska. Para encontrá-la foi a São Petersburgo em 1843, a Dresden em 1845, a Roma em 1846, a Frankfurt em 1847, e no mesmo ano a Wierzchownia; repetiu essa mesma viagem, dispendiosíssima e penosa, no ano seguinte, para voltar afinal em 1850 a Paris, casado sim, mas moribundo. De desejo em desejo, aos poucos a pele de onagro se acabaria, e com quatro meses de casado Balzac morreria no palacete da rue Fortunée, preparado por ele durante anos para receber condignamente a princesa longínqua.

Nada prova melhor a vontade que tinha Balzac de casar com Eveline Hanska do que todas essas viagens. O homem mais ocupado de Paris, que tinha de trabalhar para os credores, os editores e a posteridade, e a quem ainda restava um terço de *A comédia humana* por fazer; que não sabia nenhuma língua estrangeira, se aclimava muito mal no estrangeiro e gostava tanto do conforto, dos móveis e dos bibelôs de sua casa, resultado de pacientes esforços de colecionador — esse homem não podia fazer sacrifício maior do que abandonar tudo, deixar em meio *Os camponeses*, *Os pequenos burgueses* e *O deputado de Arcis* (que não acabaria nunca), para correr à Itália, à Alemanha, à Rússia, aonde quer que o chamasse a bem-amada. Para ele já não se tratava apenas de amor. Durante os longos anos da expectativa, o casamento com a Estrangeira transformara-se em ideia fixa, tornara-se o fim supremo, o coroamento de toda a sua

existência. Tratava-se de bem terminar o maior de seus romances, aquele que vivera em vez de escrever, de entrar finalmente numa aristocracia que sempre o atraíra, e também — por que não confessá-lo? — de pôr fim à horrível luta contra o dinheiro, de pagar de vez as dívidas e começar a viver para o amor e o trabalho sereno. No entanto, Eveline não o desposou senão quando o soube condenado por todos os médicos e não podia ser mais que sua enfermeira, isso mesmo por pouco tempo.

Por quê? Nessa pergunta se acha resumido todo o libelo do processo da condessa Hanska, processo cujos debates começaram pouco após a morte dos protagonistas e que ainda está longe de chegar ao fim. Por vários contemporâneos de Balzac e por alguns críticos e estudiosos de sua obra, Eveline é acusada de haver desorganizado completamente a vida do escritor, a quem teria iludido com promessas falsas e a quem, não obstante os seus grandes recursos, não salvou das dificuldades em que se debatia; de se haver correspondido com ele unicamente por coquetismo e, sem nada compreender da grandeza de sua obra, tê-lo forçado a interrompê-la; de ter exercido sobre ele uma influência nociva, corroborando-lhe o esnobismo e ligando-o definitivamente à corrente reacionária e clerical; de ter-lhe até abreviado a vida com as viagens à Polônia que lhe impunha. Nem faltou quem, embora sem provas, lhe quisesse lançar a peçonha da infidelidade.

Mas defensores tampouco lhe faltaram. Conterrâneos seus, bem como vários representantes da crítica francesa, alinharam em seu favor circunstâncias atenuantes: as dificuldades criadas pelas leis czaristas, vigentes na Polônia, que a impediam de dispor de seus bens; o dever de primeiro casar a filha e, depois, assistir o jovem casal na complicada administração de suas terras; a impossibilidade mesma de obter o consentimento do czar, árbitro supremo até da vida particular de seus súditos, para o casamento de uma grande dama da aristocracia com um "escriba exótico"; o receio de partilhar a vida atormentada do escritor, cujos abismos — as dissensões de família, as dívidas intermináveis e,

simultaneamente, o esbanjamento incessante na compra de obras de arte, as intrigas e as calúnias características da vida literária — acabou por conhecer perfeitamente durante os dezesseis anos de namoro. Lembram também que, depois da morte de Balzac, foi ela quem liquidou todo o passivo da herança e pagou à mãe de Balzac uma pensão vitalícia. Indicam, finalmente, a parte que ela teve na gênese de muitas peças de *A comédia humana*, principalmente em *Seráfita*, *Alberto Savarus*, *A falsa amante*, *Modesta Mignon*, *Os camponeses* e, *last but not least*, a felicidade que, apesar de tudo, não deixou de dar ao amante, embora mais sob forma de esperanças que de realização.

Não pretendemos pronunciar uma sentença nesse processo, que provavelmente nunca poderá ser julgado por faltar nos autos uma das peças mais importantes. Para o conhecimento das relações dos dois amantes não há, de fato, nada mais importante que a volumosa correspondência trocada entre eles. Temos as cartas de Balzac que, sob o título de *Cartas a uma estrangeira* [*Lettres à l'étrangère*], formam grandes volumes. Quanto às de Eveline Hanska, uma governanta infiel de Balzac em dado momento apoderou-se delas e utilizou-as para fins de chantagem; Balzac teve todas as dificuldades possíveis para reavê-las e quando finalmente lhe foram devolvidas (em 1847), queimou-as para evitar qualquer complicação.

Mesmo assim, mutilada em metade, essa correspondência constitui um dos documentos mais curiosos sobre a vida particular de um grande escritor; se não resolve o processo de Eveline Hanska, pelo menos fornece uma multidão de traços interessantes para completar o retrato de Balzac.

AS "ORGIAS DE TRABALHO"

Postumamente, mas antes de terem saído as *Cartas a uma estrangeira*, já fora publicado certo número de cartas de Balzac na edição "definitiva"

de suas *Obras completas*, sob o título de *Correspondência*. Aguardado com viva curiosidade, esse volume desapontou os leitores, como mostra, entre outros testemunhos, uma carta de Flaubert à sra. Roger des Genettes, em 1877.

> "Você me fala na *Correspondência* de Balzac. Li-a quando foi publicada, e não me entusiasmou. Nela o homem ganha, mas não o artista. Ele se ocupava demasiado com os seus negócios. Nunca aparece aí uma ideia geral, uma preocupação fora de seus interesse. Compare essas cartas às de Voltaire, por exemplo, ou mesmo às de Diderot! Balzac não se inquieta nem pela arte, nem pela religião, nem pela humanidade, nem pela ciência; ele e sempre ele, suas dívidas, seus móveis, sua tipografia..."

Essa observação, aplicável, embora com restrições, às *Cartas a uma estrangeira* e à *Correspondência com Zulma Carraud*, também publicada, nem por ser exata deixa de ser injusta. Como comparar, antes de mais nada, as cartas de Voltaire, que ele mesmo considerava um veículo de suas ideias e que fazem a parte talvez mais importante de sua obra, com as cartas estritamente particulares de Balzac? As primeiras, dirigidas a reis, príncipes, filósofos, escritores, estas, a meia dúzia de mulheres: a mãe, a irmã, a noiva, uma ou duas amigas. Seus leitores sabem quanto Balzac tinha — mais do que qualquer escritor da época — preocupações de ordem geral e como as grandes correntes do pensamento contemporâneo, os problemas sociais, religiosos, científicos e artísticos se refletem em seus livros. Sua obra, que lhe consumia a saúde, o sangue, a vida, sugou-lhe também o pensamento. Para a conversa e as cartas não lhe ficava senão este único assunto: ele.

Mas que assunto vasto! A grandeza de Balzac, em 1877, não era ainda tão manifesta e tão geralmente reconhecida como hoje. Tudo o que nos ajuda a melhor conhecer o homem "que levava uma sociedade inteira na cabeça" é preciso. Deve-se apenas saber o que se pode pedir a tais cartas.

A correspondência de Balzac, por exemplo, além das falhas que nela apontou Flaubert, contém poucas elucidações a respeito da própria arte

do escritor, das leis do romance como ele as concebia. A esse respeito os próprios romances são bem mais explícitos. Balzac gostava de explicar ao leitor a sua técnica, os seus recursos, a sua maneira de construir, o mecanismo de suas personagens: jogava com as cartas na mesa. Mas sua correspondência, sobretudo com a condessa Hanska, abrange inúmeros esclarecimentos[3] sobre o que se pode chamar a história externa de quase todos os seus livros, as condições de nascimento e de execução. Por outro lado fornece a ossatura de toda a sua biografia.

Evidentemente, não se deve esquecer que, embora essas cartas não fossem destinadas à publicidade, o autor quase sempre está representando nelas um papel, ora para manter viva a admiração de Eveline, ora para apressar o casamento. Sabendo isso, não é difícil descontar certas afirmações destinadas a impressionar e que por sua ingenuidade se traem por si mesmas.[4]

Contra toda a expectativa, o assunto principal dessas cartas não é o amor, mas, sim, o trabalho, ou antes a luta terrível do escritor com a sua tarefa. Os dados que se encontram a esse respeito nas cartas são confirmados por inúmeros outros depoimentos e, principalmente, por um cálculo que cada um pode fazer. As obras de Balzac escalonam-se praticamente sobre dezoito anos, de 1830 a 1848, pois nos dois últimos anos de sua vida quase nada produziu. Em livros de formato normal, dão, no mínimo, 24 mil páginas, contando-se *A comédia humana*, as peças de teatro, os *Contes drolatiques*, os artigos de jornal. Descontando, por outro lado, os períodos em que o escritor não pôde trabalhar (ocupados por viagens, doenças etc.) e o tempo gasto em obrigações sociais, leituras, atividade política, discussões com os editores, correspondência, visitas às lojas de antiquários etc., veremos que a média diária de seu trabalho era de dez páginas no mínimo, dessas páginas revistas, refeitas, corrigidas de dez a vinte vezes. Ainda assim, quando viveu? Onde encontrou o tempo necessário para observar tudo aquilo que, só para ser contado, exigiu vinte anos de trabalho intenso?

Esse problema aparentemente material é de suma importância para a compreensão da obra balzaquiana. Tendo sido demonstrado matematicamente que não sobrava o tempo para ver nem uma parte ínfima do que escreveu, é forçoso reconhecer que a principal característica da obra não pode consistir nessa observação realista do mundo que se lhe costuma atribuir. Essa contradição foi notada bastante cedo por Baudelaire, que assim se exprime num trecho de *A arte romântica*:

> "Surpreendi-me mais de uma vez com o fato de que a grande glória de Balzac consiste em ter sido um observador; a mim sempre me pareceu que seu principal mérito era o de ser um visionário, e visionário apaixonado. Todas as suas personagens estão dotadas do ardor vital que a ele próprio animava. Todas as suas ficções são tão profundamente coloridas quanto os sonhos..."

E Miguel de Unamuno acrescenta no prólogo de suas *Três novelas exemplares*: "Balzac não era um homem que fazia vida mundana ou passava o tempo a tomar notas do que via nos outros e do que lhes ouvia. Ele levava o mundo dentro de si".

Vejamos alguns dados da correspondência no tocante ao que custava ao escritor exteriorizar e fixar sobre o papel este "mundo que levava dentro de si":

"Minha vida está agora bem regrada", conta em outubro de 1833. "Levanto-me à meia-noite, deito-me às seis da tarde. Um banho a cada três dias, catorze horas de trabalho, duas de passeio." Quando o trabalho urge, podem-se suprimir as do passeio. "Trabalho dezoito horas por dia" (em novembro do mesmo ano); e às vezes nem isso chega: "Passei esta semana até 48 horas sem dormir". A poltrona, sua companheira de vigílias, quebra-se. "É a segunda que mato desde o começo da minha batalha." Em julho de 1835, descobre um sistema novo: "Estou trabalhando 24 horas a fio. Durmo cinco horas, o que me dá 21 horas e

meia por dia". Em agosto do mesmo ano, define assim a própria existência: "Trabalho, sempre o trabalho! A noites abrasantes sucedem noites abrasantes, dias de meditação a dias de meditação, da execução à concepção, da concepção à execução. Pouco dinheiro em comparação às minhas necessidades, muito em relação ao caso comum". Compara-se a Sísifo, está rolando o seu rochedo sem parar.

O mês de junho de 1837, consagrado ao romance *Os funcionários*, é particularmente duro. "Passei as trinta noites deste danado mês e não creio ter dormido mais de sessenta e poucas horas em todo esse tempo."

Em abril de 1842, ainda está trabalhando quinze horas por dia. "Durante a maior parte do tempo não posso cuidar do corpo; não tenho sequer o tempo de tomar banho, de me vestir, de fazer a barba."

Nem um organismo tão forte como o seu resiste a tal ritmo de trabalho. No começo, queixa-se brincando de que engorda rapidamente em consequência da vida sedentária. Depois vêm tonturas, fraquezas, doenças mais sérias. A intervalos diversos, queixa-se de "inflamações do cérebro, icterícias, pruridos, gripes, perda do senso de verticalidade". *A procura do absoluto* e *Luís Lambert* por pouco não o matam. Escrevendo as *Ilusões perdidas* cai fulminado por um "insulto apoplético" no jardim de seus amigos Margonne, em Saché. Febres nervosas, dores de cabeça pregam-no à cama durante semanas.

Se pelo menos o deixassem em paz. Mas tudo parece conspirar contra o seu esforço. A sua própria família: a mãe, diante de cujas censuras ainda se sente um menino; a irmã, que aos poucos assume os defeitos da mãe e chega a considerar o engenheiro Surville, seu marido, homem mais genial do que Balzac; o irmão, malcasado, mal-colocado, levando uma vida miserável nas colônias em cujo auxílio é preciso buscar empenhos e correr os ministérios; os credores de toda espécie que conseguem descobri-lo, apesar do subterfúgio dos nomes falsos e das residências secretas; a Guarda Civil dos "merceeiros", que não demonstra menos habilidade em prendê-lo no meio dos trabalhos mais prementes para o

trancafiar na prisão por falta de cumprimento dos deveres cívicos; os críticos que o tratam como igual de Paul de Kock; os jornais que o pagam menos bem que Eugène Sue; os editores que não cumprem com os compromissos e a quem não se pode arrancar o dinheiro senão por meio de processo; os teatros que recusam peças depois de encomendá-las e os atores que as desfiguram depois de aceitas;[5] o próprio destino que se diverte em incendiar o depósito onde se guardam os livros de Balzac ou em derrubar as paredes de sua famosa casa de campanha das Jardies que lhe devorou mais dinheiro do que um palácio.

É no meio desse universo hostil que ele deve trabalhar. Na febre da criação passa por cima de todas essas tribulações, mas às vezes os golpes caem tão cerrados que o escritor não mais resiste e lança um desses gritos patéticos que comoveriam a todos, menos à condessa Hanska:

"Sou o judeu errante do pensamento", geme em 23 de abril de 1836, "sempre em pé, sempre caminhando, sem descanso... mendigando o futuro, estendo-lhe a mão. Ele me atira não um óbolo, mas um sorriso que significa amanhã."

"Não tenho senão o caixão para descansar", chora em 22 de outubro do mesmo ano, "mas o trabalho é um belo sudário."

Em 7 de abril de 1842, queixa-se assim: "Querida, ando muito cansado de tantos trabalhos inúteis, pois não estou livre e estou sem fortuna, com outros tantos laços quantos teve Prometeu, nem me falta o abutre".

Em 29 de abril de 1842 tem a impressão de não resistir mais. "Criar, sempre criar! Deus não criou senão durante seis dias!"

AS DESCONFIANÇAS DA CONDESSA HANSKA

A condessa lia essas cartas, cheias de protestos de amor e de fidelidade. No meio de tantas lamúrias, vertia de vez em quando uma lágrima, mas geralmente desconfiava.

Os jornais de Paris, que lia diariamente, contavam-lhe, de fato, que esse mesmo Balzac que por pouco não sucumbia sob o peso da labuta, aparecia às *premières*, brilhava nos salões, convidava os amigos, dava ensejo a mil anedotas. Relatórios mais graves vinham de amigos, primas e primos que passavam uma temporada em Paris; toda a nobreza polonesa não formava senão uma única família, e a ligação de Balzac com Eveline tornara-se um segredo de polichinelo. Essas almas caridosas registravam cuidadosamente os mexericos mais malévolos e os comunicavam *incontinenti* à castelã de Wierzchownia.

Daí as perpétuas manifestações de ciúme da condessa Hanska, que se deixam adivinhar facilmente pelas respostas de Balzac. Ela tem ciúmes de tudo e de todas: da sra. de Berny, da sra. de Castries, da sra. Zulma Carraud, da sra. Guidoboni-Visconti, de George Sand, dos passeios em Paris e das viagens à Itália, dos bailes da Ópera e das recepções mundanas. Acusa o amigo de uma leveza inata de caráter e exprobra-lhe a multiplicidade de afeições e divertimentos. Depois da morte do conde Hanski, quando Balzac aguarda impacientemente o "sim" que há de torná-lo feliz, recebe da Polônia um desses requisitórios cruéis por parte da mulher querida que se prontifica até a "devolver-lhe a liberdade".

O romancista protesta com a veemência dos justamente acusados. A sra. de Berny é uma mãe; Zulma Carraud, uma irmã; George Sand, uma amiga, aliás pouco feminina. A duquesa de Castries? "Detesto-a, pois ela quebrou a minha vida sem me dar outra." A condessa Guidoboni-Visconti? "Suplico, não me fale nisso mais do que na corda." Aliás, "a natureza me fez para o amor único. Fora deste, nada compreendo. Sou um Dom Quixote desconhecido". Ademais, ele é naturalmente casto. "Há três anos, vivo como um monge." Eveline age muito mal dando ouvidos aos jornais e aos conhecidos. Há muita gente por aí que abusa do nome de Balzac. Enquanto ele, por exemplo, estava em Genebra, vários homens se fizeram passar por Balzac no baile da Ópera e tornaram-se heróis de aventuras sentimentais bem-sucedidas. Enfim, o supremo argumento da

autodefesa é o trabalho executado pelo escritor. Basta contar o número de páginas publicadas no último ano, calcular o número de horas que esse trabalho deve ter exigido diariamente — e fica patente que o homem que fez tudo isso não teve o tempo de correr a aventuras. (Esse argumento é realmente convincente. Se graças a outros depoimentos sabemos agora que a produção gigantesca não impediu, no entanto, o escritor de buscar aventuras, isso só faz aumentar o nosso espanto.)

A bem-amada dá provas da mesma incompreensão no que diz respeito às famigeradas dívidas. Se Balzac realmente vive na simplicidade monacal que exibe e, por outro lado, ganha as importâncias fabulosas que os jornais divulgam e ele mesmo não esconde, a subsistência e, mais ainda, o crescimento das dívidas não se explicam. Se não há alguma saia no meio, então o dinheiro é esbanjado em futilidades, luxo pueril e perigoso, ou, pior ainda, em jogatinas.

Essas acusações ferem Balzac profundamente. "Querida e bela castelã", responde-lhe, "você fala na miséria como uma pessoa que nunca a conheceu nem a conhecerá... Será preciso que lhe explique pela quinta ou sexta vez o mecanismo da minha miséria e por que não fez senão crescer e embelezar-se?" E entra a explicar demoradamente a acumulação das dívidas e o caráter imprescindível do luxo que o rodeia, não somente porque o conforto significa um enorme ganho de tempo, mas também porque o luxo impressiona os editores, diretores de jornal e outras pessoas com quem deve tratar de negócios. As viagens explicam-se pela necessidade de um descanso sem o qual ele "teria morrido". "Você não compreende a Itália: aí você está se tornando tola." Quanto ao jogo, ele foi apenas ver jogar uma ou duas vezes à guisa de estudo.

Sinceramente, Balzac não compreende que a condessa possa não penetrar "o mecanismo da sua miséria". Ele que luta com aqueles algarismos desde 1829, tanto os adicionou, dividiu e multiplicou, examinou e revirou, que acabou por sabê-los de cor. A editora, tanto; a tipografia, tanto; a fundição, tanto; a falência do editor Werdet, as rendas

não verificadas de tentativas teatrais e o tempo perdido em sua redação, a compra de uma casa, os móveis, os juros das dívidas, os juros dos juros... tudo isso se traduz em algarismos exatos, tudo é de uma clareza cristalina. Mas o próprio Balzac perde-se nesse labirinto, enganado menos pelo cálculo das dívidas passadas do que pela previsão dos lucros e das despesas por vir, exagerando aqueles, desprezando estas. Assim é que, durante uma dúzia de anos, anuncia com a maior regularidade e boa-fé, uma vez por ano pelo menos: "Ao cabo de seis meses, não terei mais dívidas". A verificação ulterior de seus erros de cálculo não lhe faz, no entanto, acolher as admoestações de Eveline sem uma violenta rebelião. "Os ricos não compreendem os infelizes." Então ela não vê que o homem mais econômico do mundo é ele, Balzac? Apenas existem cálculos que os imbecis não compreendem. Assim, por exemplo, em 1833 ele comprou uns tapetes por 1.500 francos. Todos gritaram ao luxo! Pois bem, ei-lo, em 1842, graças aos mesmos tapetes, já com uma economia de seiscentos francos, pois sem eles teria gasto essa importância, a razão de cinco francos mensais, no enceramento do assoalho!

Todos olham apenas o que ele deve, e não o que já pagou. Em 1843, afirma orgulhosamente ter tido até 350 mil francos de dívidas em 1838, ao passo que "agora posso pagar tudo com 150 mil". Aliás, o que possui vale o que deve; apenas, o que tem não é realizável, e o que deve é exequível. Esta afirmação volta várias vezes: "Estou *ao par* [...] apenas devo pagar o que devo e guardar o que tenho, de sorte que a minha dívida me esmaga, ao passo que o que possuo não pode servir senão a um homem rico".

Outro assunto de divergência entre os amantes, aliás ligado a este, eram as incessantes compras de antiguidades de Balzac. Principalmente desde 1841, quando se pôs a preparar o ninho para a bem-amada, essa paixão assumia as proporções da do Primo Pons, uma das personagens mais alucinatórias criadas por Balzac. Balzac resistia tanto menos à tentação de um belo objeto quanto se tinha em conta de ótimo

conhecedor, o que o fez cair mais de uma vez em logros espetaculares, mas, raramente, o levou também a descobrir objetos de real valor.

Um dia descobriu numa casa de antiguidades a secretária e a cômoda de Maria de Médicis e comprou-as pela ninharia de 1.350 francos. Sua governanta exclama: "Seria melhor o senhor pagar uma das dívidas". E o patrão replicando com segurança: "Mas é precisamente uma dívida que estou pagando. É um dever salvar esta lembrança dos Médicis e da protetora de Rubens das mãos dos burgueses". Essa bela atitude não é aliás inteiramente desinteressada, pois a esse relatório, incluído numa das cartas à condessa, não deixa de acrescentar: "Do ponto de vista *especulativo*, há aí 3 mil francos para ganhar!". Eveline, alarmada, prega-lhe um sermão: "Se você não soube resistir à cômoda de Henrique iv, não saberá resistir a coisa alguma". E não resiste mesmo. Segundo sabemos por outras cartas, comprou também "a fonte da sala de jantar de Henrique iv ou de Carlos vi", "a cama de mme. de Pompadour", quadros de Greuze, de Bronzino, de Van Dyck, porcelanas da China e mil coisas mais.

Ele é incorrigível. Numa carta em que conta que lhe faltam ainda sempre os mesmos 150 mil francos, para equilibrar finalmente a sua situação, comunica que conseguiu comprar "a obra-prima dos Cristos", um trabalho de Bouchardon por 150 francos; vale 3 mil. Um mês depois, o mesmo objeto é avaliado em cinco mil e, com a moldura, 20 mil francos! "E você ainda murmura contra meus negócios no reino de Bricabraque!" Pouco tempo depois compra por um nada um esplêndido pedestal para a sua estátua de David: 280 francos! e, "para o nosso salão, um relógio de uma magnificência incrível e dois vasos de verde-claro-granada, não menos magníficos, por quase nada". Mas os dois móveis Renascença são ainda o maior achado: "Uma grande notícia", escreve a 21 de outubro de 1844. "Rotschild está com inveja de meus móveis florentinos: sem dúvida virá vê-los em minha casa. Quero 40 mil francos pelos dois." Balzac fizera tudo para espalhar a fama desses dois móveis:

lembrou-se até de exaltá-los num artigo de jornal, com ilustrações. Já considera os 40 mil francos ganhos e provavelmente os gastou, quando a 3 de novembro, não se sabe por quê, "Rotschild teve receios de vir examinar os móveis — e eis-me frustrado em 40 mil francos!"

Esse caso é bem característico do otimismo fácil e às vezes pueril do grande escritor. Está convencido de que, logo que não tiver dívidas (o que aconteceria necessariamente no momento do matrimônio com a condessa), começará para ele uma época de prosperidade ilimitada. As portas da Academia, por exemplo, se lhe abrirão imediatamente. Nodier lhe disse, comunica à sra. Hanska, que teria a unanimidade à eleição quando não tivesse mais dívidas. "Pois bem, uma vez eleito, serei nomeado membro da comissão do Dicionário, o que faz um posto inamovível de 6 mil francos, mais os 2 mil francos de acadêmico. Sem a menor dúvida serei também nomeado à Academia das Inscrições e de Belas Letras, e tornar-me-ei secretário perpétuo. Assim tenho, fora da ação do governo, 14 mil francos de postos inamovíveis que não dependem de ninguém e que não são visados pela lei sobre as acumulações [...] caso não mais tenha dívidas." Infelizmente, à eleição acadêmica Balzac não teve senão dois votos.

Concebe outros sonhos com a mesma facilidade. Em agosto de 1834, prediz para si um brilhante futuro político, apesar do insucesso de suas candidaturas legislativas. "Serei deputado em 1839 [...] De aqui até lá conto poder dominar as questões europeias por uma publicação política." Mas em maio de 1836, depois de ter assistido a dois debates ineptos e mesquinhos da Câmara, resolve não entrar na política senão como ministro; depois, então, se fará eleger à Academia, tornar-se-á par de França etc.

A reação dessas ondas de otimismo são os balanços desesperados que periodicamente aparecem em suas cartas. Em 1836: "Já tenho 37 anos de idade com quantas dívidas ainda por pagar — e desses 37 passei nove sentado a uma mesa de trabalho!". Em 1838: "Eis-me com 39 anos e 150

mil francos de dívida; a Bélgica tem o milhão que eu não ganhei".[6] Em 1840: "Tenho 41 anos e só dívidas".

Mas nos momentos do mais profundo desespero seu olhar cai sobre a fila de volumes que vão enchendo as prateleiras. Aos livros publicados anteriormente, acrescentaram-se em 1834 *A procura do absoluto* e *O pai Goriot*; em 1835, *Seráfita* e *O contrato de casamento*; em 1836, *A solteirona* e *O lírio do vale*; em 1837, *César Birotteau*; em 1838, *Os funcionários* e *Uma filha de Eva*; em 1839, *O gabinete das antiguidades* e *Os segredos da princesa de Cadignan*; em 1840, *Pierrette*; em 1841, *Um caso tenebroso*, *Úrsula Mirouët* e *Memórias de duas jovens esposas*; em 1842, *Alberto Savarus*, *Um conchego de solteirão* e *Uma estreia na vida*; em 1843, *A musa do departamento* e *Ilusões perdidas*; em 1844, *Modesta Mignon* e *Beatriz*... para citar apenas as obras de maior vulto. Percorria com os olhos as lombadas daqueles volumes, tão cheios de páginas frementes de paixão, tão ricos em documentos humanos — e compreendia que, além de anos e de dívidas, havia acumulado mais alguma coisa. Então sentia um orgulho desmedido, a embriaguez de um criador, que o consolava de tudo:

"Eis, em suma, o jogo que estou jogando. Quatro homens terão tido uma vida imensa: Napoleão, Cuvier, O'Connell, e eu quero ser o quarto. O primeiro viveu da vida da Europa: ele inoculou exércitos em si. O segundo desposou o globo. O terceiro encarnou um povo. Por mim, terei levado uma sociedade inteira no cérebro."

E numa outra carta, esta dirigida à amiga Zulma Carraud, reafirma a grandeza de sua obra: "Você não faz ideia do que é *A comédia humana*. É algo mais vasto, literalmente falando, do que a catedral de Bourges arquiteturalmente".

MIRAGENS

Debatendo-se no arco de sua miséria dourada, Balzac teve mais de uma vez a tentação das evasões. Despir a sua pele, fugir a seu destino é um dos *leitmotivs* de suas cartas, como de sua vida. O fracasso das primeiras experiências comerciais nunca o curou completamente da febre dos empreendimentos, e, convencido cada vez mais de que a atividade literária, por bem remunerada que fosse, nunca chegaria a resolver suas dificuldades, sempre andava à procura de soluções de escape. Algumas das iniciativas que imaginava relacionavam-se com a edição de seus próprios livros. No número destas cumpre lembrar a edição projetada em 1837 de suas obras completas com verdadeiro luxo de apresentação tipográfica, muitas gravuras e uma apólice de seguro para cada assinante. Os assinantes deviam ser divididos em classes por idade: de um a dez, de dez a vinte e assim por diante até a de setenta a oitenta anos. Assim, cada um teria uma obra magnífica quanto à execução tipográfica e a chance de 30 mil francos de renda... Ainda por cima, o capital da renda ficaria assegurado às famílias. Esse plano, embora Balzac não o diga expressamente, deve ter sido imaginado por ele, pois nenhum outro atribuiria aos octogenários bastante otimismo para assinar uma publicação destinada a sair em dez anos, nem aos leitores de um ano (!) bastante curiosidade para se dedicar a estudos de costumes, mesmo com a perspectiva sorridente da apólice. A sua autoria é comprovada, aliás, pelo desapontamento com que registra a pusilanimidade dos empreendedores que finalmente resolvem publicar a edição com gravuras, mas sem apólices. “Eis-nos a recair, pois, na rotina das publicações feitas na França nestes últimos cem anos!”

Em 1844, vislumbra outro grandioso negócio de livraria. “Achei um negócio que, com apenas 10 mil francos para arriscar, pode tornar-se colossal. Trata-se de publicar e vender um livro enciclopédico para a instrução primária. Só em confeccioná-lo há a glória de um Parmentier[7] a recolher, pois esse livro seria como que a batata da instrução.” Outros planos, porém, fazem esquecer a Balzac rapidamente o negócio colossal, e

a batata fica enterrada.

Mais de uma vez, concebe a ideia de produzir o papel necessário para seus livros e os livros alheios por métodos baratos, e chega a percorrer a província em busca de matérias-primas. Também esta ideia é abandonada por outras, já relacionadas com negócios completamente alheios à literatura.

Assim, em suas viagens a Wierzchownia, o espetáculo dos imensos recursos tão mal aproveitados da Rússia sugere-lhe transações de ouro. As imensas florestas da Ucrânia poderiam abastecer de dormentes baratos todo o sistema ferroviário francês, então em pleno desenvolvimento. Mas o projeto não resiste ao exame dos peritos, que informam a Balzac que o frete multiplicaria o preço. Da mesma forma é por culpa dos especialistas que ele deve desistir de outro projeto grandioso relativo à "construção econômica de grandes navios para os principais Estados", com base também na Rússia.

O antigo diretor do Colégio de Vendôme, cujo depoimento já ouvimos a respeito de seu ex-aluno Honoré de Balzac, acrescenta ainda a seu respeito: "Depois de sua saída do colégio, não vi Balzac senão uma única vez. Passou por Vendôme em companhia de uma inglesa com quem, ou, antes, com o dinheiro de quem, pelo que me constava, ia vasculhar o fundo do Tibre". Gautier, por sua vez, fala-nos de uma plantação de ananás na propriedade das Jardies. A ideia mal apontou no cérebro de Balzac, já ele foi procurar no bulevar de Montmartre uma loja para a venda dos produtos ainda nem plantados de sua fazenda e chegou até a desenhar a tabuleta.

A facilidade de Balzac em conceber planos magníficos era bem conhecida de seus contemporâneos. Philarete Chasles, que o encontrou mais de uma vez, afirma que "ele há de propor-vos, se vos encontra, um negócio de 30 milhões fundado sobre o pão de mel que venderá por dois cêntimos a menos, comprando todo o mel e todas as abelhas da Europa e da África".

Uma ideia pouco menos fantástica levou Balzac, em 1838, à Sardenha, lugar dos mais atrasados nessa época e que o escritor percorreu a cavalo, à falta de outra condução, à procura das minas de prata dos romanos. Numa de suas precedentes viagens à Itália, um comerciante genovês falara-lhe nessas minas levantando a hipótese de existirem restos de chumbo e até de prata nas escórias acumuladas à saída dessas minas, pois os métodos empregados pelos antigos eram demasiado primitivos para extrair do minério todo o metal. Seduzido pela perspectiva de lucro, Balzac não empreende a expedição à Sardenha, em razão de seus outros compromissos, senão um ano mais tarde, e a excelência da ideia lhe é demonstrada pelo fato de a patente ter sido obtida poucos dias antes pelo próprio genovês.

Não é de admirar que, intrigada por tantos insucessos contínuos, a condessa Hanska dirija a Balzac a pergunta que cada um de nós lhe teria feito. Como era possível que ele, que, em seus romances, sabia, conhecia, observava e penetrava tudo, na vida fosse sempre enganado, logrado? Embaraçado com a justeza da pergunta, Balzac passa em revista diversas explicações e, finalmente, adota esta: se ele fosse puramente um homem de negócios e não tivesse de, antes de tudo, fazer a sua obra, poderia concentrar toda a atenção e todo o esforço necessário para transpor suas ideias comerciais à realidade.

Mais convencedora nos parece outra elucidação dada por Balzac acidentalmente num trecho em que, analisando uma de suas personagens, ajuda-nos a compreender melhor a psicologia dele próprio. Emílio Blondet, afirma ele em *Esplendores e misérias das cortesãs*, "sempre apanhado de surpresa pela necessidade, pertencia à pobre tribo dos homens eminentes que tudo podem fazer para a fortuna alheia sem nada poder fazer pela sua, Aladins cuja lâmpada anda sempre emprestada. Esses admiráveis conselheiros têm o espírito perspicaz e justo, quando este não é violentamente disputado pelo interesse pessoal. Neles quem age é a cabeça, e não o braço. Daí a incoerência dos seus

costumes e a censura com que os fulminam os espíritos inferiores".

Muitos dos negócios ideados por Balzac foram tentados e levados a cabo — pelas personagens de seus romances. Seus livros, em que pela primeira vez o dinheiro desempenha o papel dominante que efetivamente lhe cabe na realidade moderna, estão cheios de transações comerciais e empreendimentos industriais descritos em seus menores detalhes. O que há de mais curioso é que muitas dessas combinações, examinadas de perto por pesquisadores entendidos em negócios, não somente se revelam extremamente engenhosas e exequíveis, mas mostram que o romancista, além do gênio da literatura, tinha também o do negócio e, antecipando a evolução econômica, previu algumas das operações mais frutíferas em que ninguém pensava ainda. Coitado do grande homem, era como aquele sonâmbulo-adivinho de seus *Comediantes sem o saberem* que dava os melhores conselhos a todo mundo, prevendo-lhes o futuro, mas era incapaz de aconselhar a si mesmo.

Frequentemente Balzac sonhava com um milionário que, não sabendo o que fazer de seu dinheiro, lhe dissesse: "Conheço o seu imenso talento. Precisa de tal importância para ficar livre? Ei-la, aceite-a sem medo, pagará um dia; sua pena vale milhões". Contava esse sonho mais de uma vez à irmã, acrescentando: "Essa gente gasta tanto dinheiro em fantasias! Pois uma bela ação é uma fantasia como qualquer outra e dá alegria a toda hora [...] É algo poder dizer-se: salvei um Balzac!". Mas nenhum milionário (e entre os conhecidos de Balzac havia vários) se apressava em aproveitar uma oportunidade tão rara, e Balzac acabou por envolver em sua indignação toda a França, esse país ingrato.

Pensa cada vez mais em abandoná-lo, tanto mais que a condessa queixa-se constantemente da impossibilidade de transferir seus bens para fora da Rússia. Em 9 de abril de 1842, Balzac escreve-lhe: "Hei de tornar-me russo e pedirei ao czar a permissão necessária para o nosso casamento. Isso não é tão tolo como parece [...] Há dois anos que penso em ir fazer uma literatura e um teatro em São Petersburgo e ali julgar as

obras da Europa; de alguns dias para cá estou repensando nisso [...] O que sobretudo me deteve foi a falta de conhecimento da língua". Em janeiro de 1843 confirma que não sente nenhuma repugnância em se tornar russo, "embora esteja agora certo de entrar para a Academia e para uma ou outra Câmara, à minha escolha". Mas tem simpatias para com o czar, o único soberano de verdade que exerce o poder como convém e, principalmente, mostra-se mui amável com os franceses que vão à Rússia. No mesmo ano, às vésperas de partir para São Petersburgo, ei-lo ainda a acariciar a mesma ideia. "Não sei se voltarei. A França está me aborrecendo. Apaixonei-me de verdade pela Rússia. Estou enamorado do poder absoluto. Quero ver se é tão belo como acredito."

Mas o poder absoluto tampouco se mostrou conforme às belas fantasias de Balzac. Na corte imperial sempre surgiam novos obstáculos diante das segundas núpcias da viúva Hanska, e quando finalmente os amantes, envelhecidos, esgotados, se casaram, foi um "casamento de amor"; quer dizer, a condessa teve de renunciar a seus bens em favor da filha.

Outras miragens chamavam o poeta ao Ocidente exótico. Um dia surgiu-lhe diante do espírito atormentado a imagem irreal desse Brasil longínquo cujas vicissitudes políticas seguia nos jornais.[8] Em junho de 1840, numa crise de desespero, escreve à bem-amada: "Cheguei ao cabo de minha resignação. Creio que deixarei a França e irei levar meus ossos ao Brasil, num empreendimento louco e que escolhi justamente por causa da sua loucura... Esse é um projeto absolutamente firmado que será posto em execução ainda neste inverno". É com uma ferida no coração que se resolve a abandonar a França e a literatura — mas não tolera a miséria. Ou voltará rico, ou nunca mais ouvirão falar nele.

Assustada por uma resolução tão firme, a condessa implora ao amigo que renuncie a seu louco projeto, e este, em agosto do mesmo ano, tranquiliza-a: "Adiei a execução de meu projeto no tocante ao Brasil. A gente ama tanto a França". Assim Balzac nunca veio ao Brasil, país de

origem de sua personagem Montes de Montejanos (na *Prima Bete*) e que tão fabulosos lucros assegurou a outra criatura da sua imaginação, Maximiliano de Longueville (no *Baile de Sceaux*). Tampouco foi às Antilhas, que o tentaram no momento de um outro aperto, em 1843. A um novo pedido da noiva, prometeu-lhe dessa vez não partir em busca da fortuna sem primeiro consultá-la.

Felizmente para nós, de todos os seus planos, cada qual mais fantástico, Balzac realizou pelo menos um, justamente o mais ousado, o mais inverossímil, o de "fazer concorrência ao Registro Civil", conseguindo-o com o mundo incrivelmente vivo da sua *A comédia humana*.

RELIGIÃO E SUPERSTIÇÃO

Nas conversas epistolares dos dois amantes reaparece mais de uma vez o problema da religião. A sra. Hanska, católica praticante, tentou mais de uma vez converter o seu romancista — pois esse conservador que escrevia "à luz da religião", por estranho que pareça, não acreditava no catolicismo e, se o sustentava em suas obras, era por motivos literários e políticos. As tentativas da condessa são declinadas em nome de outra religião, inteiramente individual, a que não falta um ar meio herético. "Você sabe quais são as minhas religiões", escreve-lhe o amigo em junho de 1837. "Não sou absolutamente ortodoxo e não acredito na Igreja Romana [...] O *swedenborgismo*, que não é senão uma repetição, no sentido cristão, de ideias antigas, é a minha religião com a adição que faço da incompreensibilidade de Deus."

Eveline não se tendo desarmado, Balzac responde por uma evasiva: "Não somos da mesma opinião sobre as questões religiosas, mas ficaria desesperado se você adotasse as minhas ideias: prefiro vê-la com as suas [...] Concebo o catolicismo como poesia". Essa tese, que frequentemente

volta em *A comédia humana*, embora concebida com menos clareza, deve ser completada por outra, expressa em 1842 pelo correspondente da condessa: "*Politicamente* sou da religião católica, sou do lado de Bossuet e de Bonald, e nunca me desviarei disso. Perante Deus, sou da religião de São João, da igreja mística, a única que tem conservado a verdadeira doutrina". Desde 1836, aliás, Balzac acha que "a religião mística de São João [...] será a dos seres superiores; a de Roma, a da multidão".

Além do misticismo, inspirador de *Seráfita*, a religião de Balzac admitia mais alguns elementos, tornando-se um verdadeiro repositório das crenças mais diversas. Interessado no mais alto grau nos fenômenos de magnetismo animal (ou, com termo moderno, espiritismo), a que reserva importante papel em *Úrsula Mirouët*, ele tampouco se recusava a crer nos adivinhos ou, como se chamavam nesse momento, nos sonâmbulos.

"Que imponente e terrível poder!", exclama, falando no sonambulismo, em uma carta de 1835. "Saber o que se passa na alma das pessoas à maior distância! Saber o que eles fazem! Procurarei dar-lhe este poder. Diga ao sr. Hanski que me escreva uma carta, calcule o dia em que a posso receber e procure lembrar-se do que fizer, disser ou pensar então, para que, quando minha carta chegar, ele possa saber se, de Paris, eu consegui ver até Ischl. Será a mais bela de todas as experiências. De aqui a um mês, terei alguns sonâmbulos. É um meio de não sermos logrados por ninguém. Não tinha nenhum objeto pertencente a Ana, assim nada pude saber. Se você tem curiosidade em consultar, deverá mandar-me um pedacinho de roupa de algodão que lhe tiver colocado, durante a noite, sobre o estômago, e que ela mesma tiver colocado num papel, posto por ela numa de suas cartas."

Como Balzac, que — pelo sim, pelo não — respeitava as superstições mais comuns, apanhava um pedaço de ferro na rua para ter sorte e fazia coletânea de talismãs, não teria acreditado nos adivinhos? Pois foi justamente uma sonâmbula, e das mais famosas, que lhe disse, depois de

ter-lhe posto a mão sobre o estômago, retirando-a com espanto e fixando o paciente: “Que cabeça! É *um mundo*, assusta-me!”.

PARÊNTESES DE AMOR

Estranhas cartas de amor em que se fala de tudo, menos de amor — pensará o leitor. Não é tanto assim: o amor também está presente aí em todas as suas gradações, embora ele se perca facilmente de vista por causa da predominância dos outros *leitmotivs*.

No começo é apenas o que os franceses chamam de *amour de tête*.Balzac protestaria sem dúvida contra a denominação, pois condenava esse gênero tão francês de paixão cerebral. Mas que outro nome dar a um sentimento que raia a adoração antes mesmo que o amante tenha visto a amada? “Amanhã, eu quebraria a minha pena, se você quisesse; amanhã, nenhuma mulher ouviria a minha voz”, escreve à Estrangeira ainda desconhecida. Só depois do encontro de Neuchâtel e, principalmente, de Genebra, é que a paixão se torna mais natural, já auxiliada com lembranças, saudades, os tradicionais “lembras-te” de todos os namorados. Os longos anos da separação produzem impaciências e arrefecimentos, resignações e revoltas, ciúme e protestos de lealdade: é a história sempre idêntica em todos os tempos e países dos amantes separados, com apenas algumas variantes novas da expressão. O escritor invoca, mais de uma vez, suas personagens em seu auxílio. Escolhe um papel para si: “Como Louis Lambert, quereria dar-te o passado!” e outro para ela: “É preciso amar, minha Eva, minha querida, para fazer o amor de Eugênia Grandet, amor puro, imenso e orgulhoso!” ou, se ela preferir: “Sê minha Beatriz verdadeira, uma Beatriz que se entrega e. fica um anjo, uma luz”, e acaba por ver-se unido com ela numa personagem só: “Seráfita somos nós dois”. Os anos passam, apagam sem dúvida a beleza da amada, mas não alteram o amor de seu “mujique”.

Após a morte do conde Hanski, há as semanas ardentes da expectativa luminosa e, depois, a queda das esperanças, a paixão toda a vestir-se de um caráter trágico como que entrando na linha do destino de Balzac. O primeiro encontro depois de sete anos traz ainda uma exaltação. “Não mais a tinha visto depois de Viena”, escreve Balzac num diário íntimo nesse momento, “e achei-a tão bonita, tão moça como então. Havia no entanto um intervalo de sete anos, em que ela ficara em seus desertos de trigo, como eu no vasto deserto de homens de Paris.” Em seguida de um outro encontro, em Paris, aonde Eva chegara incógnita, em 1845, surge uma suprema esperança quando, em 1846, a amante lhe anuncia sua gravidez, acontecimento que parece exigir um casamento secreto e rápido; mas um acidente a faz abortar, e a felicidade afasta-se outra vez.

Durante os longos anos da separação, interrompidos por raros e breves encontros, a vida dos dois amantes é inteiramente diferente. “Você leva uma existência calma, meiga e religiosa, que escoa devagar como uma fonte sobre seu leito de cascalho, entre duas margens verdes. A minha é uma torrente, tumulto e pedras. Estou envergonhado dessa troca em que eu não ofereço senão perturbações, e você, tesouros de paz. Você é paciente, e eu, revoltado. Há dias em que imagino que o meu destino se decide, que me acontecerá uma coisa feliz ou infeliz, que se prepara na minha ausência...”

Com efeito, a condessa vive rodeada de alguns amigos e parentes, ao passo que Balzac se agita no meio do torvelinho literário e artístico de Paris. Ora, Paris é, nesse momento, o centro do mundo. Eveline quer saber de tudo que acontece ali, e Balzac satisfaz-lhe a curiosidade com prazer. Pelas respostas, podemos conjeturar as perguntas: a condessa Hanska interessa-se muito menos pelos livros do que pelos autores e escuta com particular agrado o relatório de anedotas picantes e pequenos escândalos relativos aos heróis da literatura e da arte. Lamartine, Liszt, Hugo, Heine, Musset, Gautier, George Sand, ninguém é poupado, pois também Balzac não desgosta desses saborosos exercícios de

maledicência. Os nomes dos ilustres emigrados poloneses de Paris, Chopin, Miczkievicz, o dr. Wronski, merecem particular atenção. Como ilustrações, autógrafos dos homens mais célebres acompanham as cartas para a coleção de Eveline. Pequenos e grandes acontecimentos de Paris, dos processos rumorosos ao calçamento das ruas, da concorrência exasperada dos grandes jornais à volta das cinzas de Napoleão, são contados e comentados com vivacidade.

Que boas palestras! Mas como ficariam melhores perto de uma lareira, feitas da boca para o ouvido! Em Balzac, o desejo de um lar exaspera-se cada vez mais, e cada vez menos veladamente fala nas oportunidades fantásticas que há em Paris para colocar capitais na compra de uma casa, nas possibilidades mundanas e sociais que se lhe ofereceriam se tivesse o seu *chez soi*, no tédio que lhe causam os apartamentos de aluguel. Finalmente as alusões são compreendidas, e, auxiliado, o escritor pode comprar um belo palacete na rue Fortunée (atual rue Balzac). Instala-o magnificamente. Como será bom descansar ali das grandes fadigas dos últimos anos que viram nascer *Os comediantes sem o saberem*, *Esplendores e misérias das cortesãs* e esses dois monumentos que são *O primo Pons* e *A prima Bete*, os dois imortais "parentes pobres".

Entremos por um momento na casa da rue Fortunée com Gautier, que ali correu trazido pela curiosidade ao ouvir dizer que Balzac se tornara milionário.

> "Quando se penetrava nesse reduto, o que não era fácil, pois o dono da casa se escondia com extrema precaução, descobriam-se ali mil detalhes de luxo e de conforto em contradição com a pobreza que fingia. Contudo, recebeu-nos um dia e pudemos ver uma sala de jantar revestida de carvalho antigo, uma mesa, uma chaminé, uns aparadores, umas credenciais e umas cadeiras em madeira esculpida de dar inveja a Berruguette, a Cornejo Duque e a Verbruggen; um salão de damasco ranúnculo, com portas, cornijas, plintos e vãos de janelas em ébano; uma biblioteca alinhada em armários incrustados de concha e de cobre em estilo de Boule; um banheiro em mármore *breche* amarelo com baixos-relevos em estuque; um

boudoir com zimbório cujas pinturas antigas foram restauradas por Edmond Hédouin; uma galeria iluminada por cima que mais tarde reconhecemos na coleção do Primo Pons.

'Então você esvaziou os silos de Abulcasem?', perguntamos rindo a Balzac à vista daqueles esplendores. 'Você vê que tínhamos razão ao proclamá-lo milionário.'

'Sou mais pobre do que nunca', respondeu ele, assumindo um ar humilde e devoto. 'Nada de tudo isso me pertence. Mobiliei a casa para um amigo que espero. Sou apenas o conservador e o porteiro do palacete.'"

O ninho estava pronto para abrigar uma felicidade que não viria nunca.

OS ÚLTIMOS ANOS

Na relação dos acontecimentos da vida de Balzac, desde seu encontro com a condessa Hanska, abandonamos o fio cronológico. A sua existência, de 1833 a 1847, dá, com efeito, muito menos a ideia de uma progressão em linha reta do que a de um redemoinho, uma espécie de movimento giratório em volta desses dois ou três abismos: o trabalho, as dívidas, a espera da felicidade. Um ano assemelha-se ao outro, nenhum deles o fez chegar mais perto da meta, seu corpo e seu espírito sempre andam presos na mesma vertigem febril: e quando, de repente, o remoinho para e a corrente larga a sua vítima, jogando-a à margem, só então é que percebe que os anos passaram, as energias se foram, a alma se esvaziou. Um homem deitou-se cheio de forças e de projetos e, ao acordar, percebe a verdade terrível: está velho.

A tarefa do biógrafo encerra algo da tristeza com que um demiurgo, ciente das leis da predestinação, acompanharia os esforços de suas criaturas. Chegados a setembro de 1847, já sabemos que as forças de Balzac estão esgotadas, que não mais escreverá nenhum livro, que o cumprimento tardio de seus desejos já o encontrará incapaz de alegria. E nesse mesmo momento, que marca o princípio de sua longa agonia, vemo-lo partir, confiado e feliz, para as longínquas estepes da Ucrânia,

onde, afinal, pensa encontrar a felicidade. A vista do latifúndio enche-o de um verdadeiro espanto. “Esta habitação é exatamente um Louvre e as terras são grandes como um de nossos departamentos [...] Embora o jovem conde e a jovem condessa (genro e filha de Eveline) tenham entre ambos cerca de 20 mil camponeses varões, o que faz 40 mil almas, seriam necessários 400 mil para poder cultivar todas as terras [...] O país é singular no sentido de que ao lado das maiores riquezas faltam as coisas mais vulgares de nosso conforto”, escreve à irmã, mal chegado. À medida que se inteira da vida em Wierzchownia, cresce nele esse sentimento de admiração misturado a um verdadeiro assombro. O domínio da condessa forma o que se chama hoje uma autarquia, com seu confeiteiro, seu tapeceiro, seu alfaiate, seu sapateiro. Ele está morando num apartamentinho delicioso, mas que não é o único; há mais cinco ou seis assim para receber hóspedes. E tudo isso no meio de uma estepe infinda, ora de trigo, ora de lama, ora de neve. Para levar as suas cartas ao correio, um cossaco deve percorrer sessenta verstas até Berditchef. Mas o casamento ainda dessa vez não pode realizar-se. Eveline é demasiado necessária à filha e ao genro recém-casados, a quem aliás pretende dar toda a sua fortuna. “Estou encantado de que a felicidade de minha vida fique assim desvencilhada de qualquer interesse.” Mas essa bela solução adia de novo o termo, já entrevisto, da sua miséria. São necessários mais dois anos de trabalho duro para liquidar tudo.

No começo de 1848, uma viagem penosa através do inclemente inverno ucraniano leva-o a Paris, onde pretende converter os fundos que Eveline se reservou em ações das companhias de estradas de ferro. Chega à capital no meio da maior confusão, em vésperas da Revolução de fevereiro que acaba de vez com a monarquia. A proclamação da República contribui para o mal-estar desse legitimista que já quase se sente membro da aristocracia mais antiga da Europa. Nem suporta mais a solidão de seu palacete e, antes do fim do ano, depois de resolvidos os seus negócios, ei-lo de novo em Wierzchownia. Mas dessa vez o seu

organismo abalado não se dá bem com o clima. Mal chegado, apanha uma bronquite aguda, e suas antigas afecções dos pulmões e do coração reaparecem de súbito. Só depois do inverno poderá voltar à França e quem sabe se ainda solteiro. Ansioso, pede à mãe que zele pelo palacete e, sobretudo, que não espalhe boatos sobre o seu próximo enriquecimento, cada vez menos provável. De fato o czar, sem se comover com um requerimento feito pessoalmente por Balzac, teima em recusar seu consenso ao casamento; e Eveline terá que abandonar tudo à filha, se persistir em seu intuito. Nesse ínterim, circulam os rumores mais fantásticos em Paris. Balzac vai casar com uma princesa russa que tem milhões; o czar pediu-lhe que escrevesse uma apologia do regime imperial; segundo uns, recusou; segundo outros, aceitou... O romancista, no entanto, jaz imobilizado pelas moléstias: uma gripe, uma crise intestinal, uma febre cefalálgica que o assediam uma após outra. Apesar das apreensões do médico da condessa, consegue escapar, mas fica cada vez menos animado, mais irritadiço, brigando amargamente com a mãe e a irmã por meio de cartas e não se atrevendo a queixar-se à família da "noiva", que aliás o trata com a maior consideração e ternura. Antes das últimas crises, já em abril de 1849, escrevia à irmã: "Custe o que custar, em agosto estarei de volta. A gente deve morrer no torrão".

Mas não voltará nem em agosto nem em dezembro.

A doença, o frio, o abatimento cercam-no, e passa as longas e brancas noites de novembro a perguntar a si mesmo: "Valeria a pena? Não valeria?". Às vezes responde que sim: "Vinte e cinco anos de trabalhos e de cartas não são nada para se adquirir uma afeição tão esplêndida, tão radiosa, tão completa. Eis catorze meses que estou aqui num deserto, e parece-me que passaram como um sonho, sem uma hora de tédio, sem uma discussão, e isso depois de cinco anos de viagens e de dezesseis anos de conhecimento constante". (Realmente, todos em Wierzchownia são muito bons com ele; os médicos tinham falado bastante claro.)

Outras vezes parece-lhe que não valia: "Como a vida é diferente, vista

do alto de cinquenta anos", escreve à fiel Zulma, "e quão frequentemente estamos longe de nossas esperanças... Faz três anos que aprontei um ninho que custou uma fortuna e a que, infelizmente, faltam os pássaros. Quando chegarão? Os anos correm, estamos ficando velhos e tudo murchará, até os estofos e os móveis do ninho". Mas agora não há mais senão esperar: o fim de uma nova doença, o fim das tormentas, o fim da onda de frio, de "trinta graus com vento, o que vale cinquenta".

Finalmente, há uma melhora momentânea no estado do doente; o tempo também abrandou um pouco. A condessa não tem mais a força de resistir à impaciência do enfermo. Finalmente, em 14 de março de 1850, celebra-se o casamento, na igreja paroquial de Berditchef. "Não tive nem mocidade feliz nem primavera florida; terei o mais brilhante verão, o mais suave de todos os outonos", escreve ainda a Zulma Carraud. Mas, na Ucrânia, março é ainda inverno. Esse matrimônio, tão esperado, tão sonhado, na realidade não passou do pacto melancólico de duas velhices: Balzac, moído por todas as doenças, a condessa, com as mãos e as pernas inchadas, ambos cansados. "Trata-se, antes de tudo, como sabes, de um casamento de coração, pois a sra. Eva de Balzac deu toda a sua fortuna a seus filhos", conta o escritor à irmã longínqua. "Apesar de todos os esforços, temos ainda algumas dívidas. Por isso vou ser obrigado a trabalhar ainda de uma assentada; mas temos a certeza de que em 1852, no mais tardar, pelo menos estaremos à vontade." Sua mulher infelizmente não pode assinar a carta, por estar, desde vários anos, atingida por uma afecção das mais dolorosas, uma gota artrítica "de que lhe morreu a mãe, mas ainda pode ser curada. Seus pés e mãos incham a ponto de não lhe permitirem caminhar ou fazer movimentos". O instinto de viver dá ainda ao moribundo a força de encerrar essa carta lúgubre com as palavras: "Teu irmão Honoré, no auge da felicidade".

Mais uma vez, o casal fica impedido de partir. Na viagem de volta a Wierzchownia, Balzac apanhou uma oftalmia. A doença cardíaca recomeça. Nem os pulmões vão bem: qualquer movimento corta-lhe a

palavra e a respiração. Depois são as dores artríticas de Eveline; depois, é sua filha Ana que apanha um sarampo.

A VOLTA AO NINHO

Finalmente, sem esperar o fim de todas as enfermidades, partem. Depois de uma viagem penosa, longuíssima por causa das paradas forçadas, chegam a Paris. No palacete iluminado da rue Fortunée ninguém os espera; depois de tocar inutilmente, mandam arrombar as portas e encontram o criado de Balzac sozinho, enlouquecido. Não era um bom recomeço de vida para quem tanto acreditava nos agouros como Balzac.

Balzac era, com efeito, um homem acabado. Realizara-se completamente a trágica profecia contida em *Alberto Savarus*, o mais autobiográfico de seus romances: "Esse combate com os homens e as coisas, no qual incessantemente empreguei minhas forças e minhas energias, em que tanto gastei as molas do desejo, esgotou-me, por assim dizer, interiormente. Com as aparências da força e da saúde, sinto-me liquidado. Cada dia que passa leva um fragmento da minha vida íntima. A cada novo esforço, sinto que não o poderia repetir. Não tenho mais força e poder senão para a felicidade e, se essa não vier colocar sua coroa de rosas sobre minha fronte, o eu que sou não mais existirá, tornar-me-ei uma coisa destruída, nada mais desejarei no mundo, não quererei mais ser coisa alguma. Mas a felicidade não veio."

Nem o ar da querida Paris nem a vista do ninho preparado com tanto cuidado podem curar o escritor. Acamado desde a chegada, não se levanta senão por poucos dias. A suas doenças junta-se uma ferida causada por uma queda dentro do quarto e que não mais cicatriza. Os melhores médicos já não podem ajudá-lo — nem mesmo o dr. Bianchon, uma das figuras mais vivas de *A comédia humana* que o agonizante teria invocado em vão, segundo uma lenda, no meio de seus sofrimentos,

agravados ainda, segundo outra lenda menos bela e mais provável, por uma dissensão sobrevinda entre os recém-casados.

Nada poderia exprimir melhor o horror trágico desse fim do que uma página alucinante de Victor Hugo, em suas *Choses vues*. Tendo ouvido que Balzac morria, Hugo correu à rue Fortunée em 18 de agosto de 1850. Na porta, o poeta encontrou uma criada e uma outra mulher (a mãe de Balzac), que o recebiam chorando. Os médicos abandonaram Balzac, que tinha uma das pernas gangrenada por causa da ferida. Uma vela esclarecia mal o apartamento luxuoso em que pairava um cheiro de cadáver. O engenheiro Surville, cunhado de Balzac, veio receber o visitante. Hugo encontrou Balzac numa cama munida de um aparelho de suspensão com as faces roxas, quase pretas, os olhos abertos e fixos, estertorando ruidosamente. Um cheiro insuportável exalava do leito. O moribundo não responde à pressão da mão do amigo. “Eu o via de perfil: visto assim, parecia-se com o imperador.”

Balzac morreu na mesma noite.

Depois de sua morte passou-se quase século e meio. “Se houvesse um cataclismo social, semelhante ao que se deu no século v, quando as tribos germânicas assolaram a Europa ocidental apagando os esplendores da civilização romana, se se eclipsasse a moderna civilização, bastava essa estupenda epopeia burguesa intitulada *A comédia humana* para relatar ao futuro todos os nossos progressos na riqueza, no luxo, nos costumes domésticos, na vida social e nas relações privadas, nas ciências naturais, nas paixões mais ocultas e tenebrosas, nas grandes questões e interesses que agitaram a alma humana na primeira metade do século xix”. Estas palavras de Teófilo Braga, escritas no último quarto do século passado, por pouco não se cumpriram: a civilização europeia escapou por um triz a um novo assalto das hordas germânicas. De qualquer maneira, entre os monumentos vivos dessa civilização salva por milagre, *A comédia humana* está em pé. Ninguém mais hoje vê bazófia no orgulhoso programa que Balzac, ainda jovem, inscreveu no pedestal de uma

estatueta de Napoleão, colocada num canto de seu gabinete: “O que ele não pôde cumprir com a espada, eu o acabarei com a pena”. E quem se der ao trabalho e ao prazer de ler a fila de volumes de sua obra, talvez diga com Barbey d’Aurevilly:

“O Napoleão da literatura? Sim, mas sem Waterloo.”

A COMÉDIA HUMANA

1

ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA PRIVADA

PREFÁCIO À *COMÉDIA HUMANA*

POR **HONORÉ DE BALZAC**

Ao dar a uma obra iniciada há quase treze anos o título de *A comédia humana*, é necessário assinalar a sua ideia diretriz, contar-lhe a origem, explicar sucintamente o plano seguido, procurando falar dessas coisas como se eu nelas não estivesse interessado. Isso não é tão difícil quanto o público poderia pensar. Pouca obra dá muito amor-próprio, muito trabalho dá muitíssima modéstia. Essa observação explica os exames[9] que Corneille, Molière e outros grandes autores faziam de seus trabalhos: se é impossível igualá-los nas suas belas concepções, é permitido querer assemelhar-se-lhes nesse sentimento.

A ideia primeira de *A comédia humana* foi para mim, a princípio, como que um sonho, como um desses projetos impossíveis que se acariciam e se deixam voar; uma quimera que sorri, que exibe seu semblante feminino e logo em seguida distende as asas, subindo para um céu fantástico. Mas a quimera, como tantas quimeras, transforma-se em realidade; tem suas imposições e suas tiranias, às quais se é forçado a ceder. Essa ideia nasceu de uma comparação entre a humanidade e a animalidade.

Erro seria crer que o grande dissídio que nestes últimos tempos se estabeleceu entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire[10] assentasse numa inovação científica. *A unidade de composição* já preocupou, sob outros termos, os maiores espíritos dos dois séculos precedentes. Ao reler as obras, tão extraordinárias, dos escritores místicos que trataram das ciências nas suas relações com o infinito, tais como Swedenborg, Saint-Martin etc.,[11] e os escritos dos mais belos gênios em história natural, tais como Leibniz, Buffon, Charles Bonnet etc., encontram-se nas mônadas de Leibniz, nas moléculas orgânicas de Buffon, na força vegetativa de Needham, no *emboîtement* das partes similares de Charles Bonnet, bastante ousado para escrever em 1760: “O animal vegeta como a planta”; encontram-se, repito, os rudimentos da bela lei do *soi pour soi*, sobre a qual repousa a *unidade de composição*.[12] Não há senão um animal. O Criador serviu-se de um só e único padrão para todos os seres

organizados. O animal é um princípio que toma sua forma exterior, ou, para falar com mais rigor, as diferenças de sua forma nos meios onde se desenvolvem. As espécies zoológicas resultam dessas diferenças.

A proclamação e defesa desse sistema, em harmonia, aliás, com as ideias que fazemos do poder divino, serão a glória eterna de Geoffroy Saint-Hilaire, o vencedor de Cuvier nesse ponto de alta ciência, e cujo triunfo foi saudado pelo último artigo que escreveu o grande Goethe.

Compenetrado desse sistema, muito antes dos debates aos quais deu ensejo, compreendi que, sob esse ponto de vista, a sociedade se assemelhava à natureza. Não transforma a sociedade o homem, segundo os meios em que se desenvolve sua ação, em outros tantos indivíduos diferentes, à semelhança das variedades em zoologia? As diferenças entre um soldado, um operário, um administrador, um advogado, um desocupado, um sábio, um homem de Estado, um comerciante, um marujo, um poeta, um mendigo, um padre são, conquanto mais difíceis de apreender, tão consideráveis como as que há entre o lobo, o leão, o asno, o corvo, o tubarão, o lobo-marinho, a ovelha etc. Existiram pois, e existirão sempre, espécies sociais como há espécies zoológicas. Se Buffon fez um trabalho magnífico tentando apresentar num livro o conjunto da zoologia,[13] não seria desejável fazer-se uma obra desse gênero com relação à sociedade? Mas a natureza estabeleceu para as variedades animais limites dentro dos quais a sociedade não podia permanecer. Quando Buffon descrevia o leão, em poucas palavras nos apresentava a leoa, ao passo que na sociedade a mulher nem sempre se limita a ser a fêmea do macho. Pode haver, num casal, dois seres perfeitamente dessemelhantes. A mulher de um negociante é, muitas vezes, digna de ser a de um príncipe, e muitas vezes a de um príncipe não vale a de um artista. O estado social tem acasos que a natureza não se permite, porque ele é a natureza mais a sociedade. A descrição dessas espécies sociais era, pois, pelo menos o dobro da das espécies animais, não se considerando senão os dois sexos. Enfim, entre os animais há poucos dramas, entre eles

não se gera a confusão, eles se atiram uns sobre os outros, e eis tudo. Os homens, é verdade, também se atiram uns sobre os outros, mas o grau de inteligência que os diferencia torna a luta muito mais complicada. Se alguns sábios ainda não admitem que a Animalidade se transvasa na Humanidade por uma imensa corrente de vida, pode entretanto o merceeiro tornar-se par de França e o nobre descer por vezes ao mais baixo nível social. Ademais, Buffon achou a vida entre os animais excessivamente simples. O animal tem pouca mobília, não tem arte nem ciência, ao passo que o homem, por uma lei que ainda não foi desvendada, tende a reproduzir seus costumes, seus pensamentos e sua vida em tudo que apropria às necessidades. Embora Leeuwenhoek, Swammerdam, Spallanzani, Réaumur, Charles Bonnet, Müller, Haller[14] e outros pacientes zoógrafos tenham demonstrado quanto os costumes dos animais eram interessantes, os hábitos de cada animal são, pelo menos a nossos olhos, constantemente semelhantes em todos os tempos, enquanto o modo de ser, o vestuário, as palavras, as residências de um príncipe, de um banqueiro, de um artista, de um burguês, de um padre ou de um indigente são inteiramente diversas e variam conforme as civilizações.

Assim, pois, a obra a empreender devia ter uma tríplice forma: os homens, as mulheres e as coisas, isto é, as pessoas e a representação material que elas dão de seu pensamento, em resumo, o homem e a vida.

Ao ler as secas e enfadonhas nomenclaturas dos fatos denominados *históricos*, quem não advertiu que os escritores se esqueceram, em todos os tempos, no Egito, na Pérsia, na Grécia, em Roma, de nos dar a história dos costumes? O trecho de Petrônio sobre a vida privada dos romanos mais irrita do que satisfaz a nossa curiosidade.[15] Depois de haver observado essa imensa lacuna no terreno da história, o padre Barthélemy consagrou sua vida a reconstituir os costumes gregos, em *Anacársis*.[16]

Como, porém, tornar interessante o drama de três ou quatro mil personagens que a sociedade apresenta? Como agradar, ao mesmo

tempo, ao poeta, ao filósofo e às massas que querem a poesia e a filosofia sob imagens empolgantes? Embora eu concebesse a importância e a poesia dessa história do coração humano, não via nenhum meio de execução; porque até nossa época os mais célebres narradores tinham despendido seu talento em criar uma ou duas personagens típicas, em pintar uma face da vida. Foi com esse pensamento que li as obras de Walter Scott. Walter Scott, esse *trouveur*[17] moderno, imprimia então proporções gigantescas a um gênero de composição injustamente considerado secundário. Não será verdadeiramente mais difícil fazer concorrência ao registro civil com Dáfnis e Cloé, Rolando, Amadis, Panurge, Dom Quixote, Manon Lescaut, Clarissa, Lovelace, Robinson Crusoé, Gil Blas, Ossian, Júlia d'Etanges, meu tio Toby, Werther, René, Corina, Adolfo, Paulo e Virgínia, Jeanie Dean, Claverhouse, Ivanhoé, Manfredo, Mignon,[18] do que pôr em ordem os fatos, pouco mais ou menos os mesmos em todas as nações, pesquisar o espírito das leis caídas em desuso, redigir teorias que desnorteiam os povos ou, como certos metafísicos, explicar "o que é"? Primeiro, quase todas essas personagens cuja existência se torna mais longa, mais autêntica do que a das gerações em meio às quais as fizeram nascer, não vivem, senão com a condição de serem uma grande imagem do presente. Concebidas nas entranhas de seu século, todo coração humano se agita sob o seu invólucro, e nelas se oculta, muitas vezes, toda uma filosofia. Walter Scott elevara, pois, ao valor filosófico da história o romance essa literatura que, de século a século, incrusta diamantes imortais na coroa poética dos países onde as letras são cultivadas. Colocava nele o espírito dos tempos antigos, juntando-lhe ao mesmo tempo o drama, o diálogo, o retrato, a paisagem, a descrição; introduzindo nessas obras o maravilhoso e o verdadeiro — esses elementos da epopeia —, fazendo ali ombrear a poesia com a familiaridade das mais humildes linguagens. Mas, tendo antes achado seu feitio ou no ardor do trabalho, ou pela lógica desse trabalho, do que propriamente imaginado um sistema, não pensou em ligar suas

composições umas às outras com o fim de coordenar uma história completa, da qual cada capítulo formasse um romance e cada romance uma época. Ao perceber essa falha de ligação, que, aliás, não diminui a grandeza do escocês, vi ao mesmo tempo o sistema favorável à execução de minha obra e a possibilidade de executá-la. Conquanto deslumbrado, por assim dizer, com a surpreendente fecundidade de Walter Scott, sempre semelhante a si mesmo e sempre original, não me senti desanimado, pois encontrei a razão desse talento na infinita variedade da Natureza Humana. O acaso é o maior romancista do mundo; para ser fecundo, basta estudá-lo. A sociedade francesa ia ser o historiador, eu nada mais seria do que seu secretário. Ao fazer o inventário dos vícios e das virtudes, ao reunir os principais fatos das paixões, ao pintar os caracteres, ao escolher os acontecimentos mais relevantes da sociedade, ao compor os tipos pela reunião dos traços de múltiplos caracteres homogêneos, poderia, talvez, alcançar escrever a história esquecida por tantos historiadores, a dos costumes. Com muita paciência e coragem, eu realizaria para a França do século xix esse livro que todos lamentamos não nos terem deixado Roma, Atenas, Tiro, Mênfis, a Pérsia, a Índia sobre sua civilização e que, a exemplo do padre Barthélemy,[19] o corajoso e paciente Monteil tentara para a Idade Média, mas sob forma pouco atraente.

Esse trabalho, ainda assim, nada era. Cingindo-se a essa reprodução rigorosa, um escritor podia tornar-se um pintor mais ou menos fiel, mais ou menos feliz, paciente ou corajoso dos tipos humanos, o narrador dos dramas da vida íntima, o arqueólogo do mobiliário social, o enumerador das profissões, o registrador do bem ou do mal; mas, para merecer os louvores que todo artista deve ambicionar, não deveria eu estudar as razões ou a razão desses efeitos sociais, surpreender o sentido oculto nessa imensa reunião de tipos, de paixões e de acontecimentos? Enfim, depois de ter procurado, não digo achado, essa razão, esse motor social, não seria preciso meditar sobre os princípios naturais e ver em que as

sociedades se afastam ou se aproximam da regra eterna do verdadeiro, do belo? Apesar da extensão das premissas, que por si sós podiam formar uma obra, esta, para ser completa, exigia uma conclusão. Assim descrita, a sociedade devia carregar consigo a razão de seu movimento.

A lei do escritor, o que faz que ele o seja, o que, não temo dizê-lo, o torna igual e talvez superior ao homem de Estado, é uma decisão qualquer sobre as coisas humanas, uma dedicação absoluta a princípios. Maquiavel, Hobbes, Bossuet, Leibniz, Kant, Montesquieu são a ciência que os homens de Estado aplicam. “Um escritor deve ter em moral e política opiniões definidas, deve considerar-se como um preceptor de homens; porquanto os homens não necessitam de mestres para duvidar”, disse Bonald.[20] Cedo adotei como regra essas grandes palavras, que são a lei do escritor monárquico, tanto quanto a do escritor democrático. Por isso, quando me quiserem opor a mim mesmo, isto decorrerá por fazerem má interpretação de alguma ironia, ou, então, reverter contra mim as palavras de uma das minhas personagens, manobra costumeira dos caluniadores. Quanto ao sentido íntimo, à alma desta obra, eis os princípios que lhe servem de base.

O homem não é bom nem é mau; nasce com instintos e aptidões; a sociedade, longe de depravá-lo, como afirmou Rousseau, o aperfeiçoa, torna-o melhor; mas o interesse também desenvolve suas más tendências. O cristianismo, e sobretudo o catolicismo, sendo, como eu o disse em *O médico rural*, um sistema completo de repressão das tendências depravadas do homem, é o maior elemento de ordem social.

Lendo atentamente o quadro da sociedade, moldado, por assim dizer, ao vivo, com todo o seu bem e todo o seu mal, tira-se daí a lição de que, se o pensamento, ou a paixão, a qual compreende o pensamento e o sentimento, é o elemento social, é também o elemento destruidor da sociedade. Nisto a vida social assemelha-se à vida humana. Só é possível dar longevidade aos povos moderando-lhes a ação vital. O ensino, ou melhor, a educação por associações religiosas, é, pois, o grande princípio

de existência para os povos, o único meio de diminuir a soma do mal e de aumentar a soma do bem, em qualquer sociedade. O pensamento, princípio do mal e do bem, não pode ser preparado, domado e orientado a não ser pela religião. A única religião possível é o cristianismo. (Ver a carta escrita de Paris em *Luís Lambert*, na qual o jovem filósofo místico explica, a propósito da doutrina de Swedenborg, como nunca houve mais do que uma religião desde a origem do mundo.) O cristianismo criou os povos modernos, ele os conservará. Daí, sem dúvida, a necessidade do princípio monárquico. O catolicismo e a monarquia são dois princípios gêmeos. Quanto aos limites dentro dos quais esses dois princípios devem ser encerrados por instituições, a fim de não deixar que se desenvolvam de um modo absoluto, todos compreenderão que um prefácio tão sucinto quanto deve ser este não poderia tornar-se um tratado político. Por esse motivo não me aprofundarei nem nas dissensões religiosas nem nas dissensões políticas do momento. Escrevo à luz de duas verdades eternas: a religião e a monarquia, as duas necessidades que os acontecimentos contemporâneos proclamam e para as quais todo escritor de bom senso deve tentar fazer voltar a nossa terra. Sem ser inimigo da eleição, excelente princípio para constituir a lei, repilo a eleição *considerada como único meio social*; e principalmente tão mal organizada quanto o é hoje, porque não representa minorias importantes em cujas ideias e interesses pensaria um governo monárquico. A eleição generalizada a tudo nos dá o governo das massas, o único que não é responsável e no qual a tirania é ilimitada, porque se denomina a *lei*. Por isso considero a família, e não o indivíduo, como o verdadeiro elemento social. Sob esse ponto de vista, correndo embora o risco de ser considerado espírito retrógrado, enfileiro-me ao lado de Bossuet e de Bonald, em vez de ir com os inovadores modernos. Como a eleição se tornou o único meio social, se a ela devesse recorrer para mim mesmo, daí não se deveria inferir a menor contradição entre meus pensamentos e minhas ações. Um engenheiro pode declarar que determinada ponte está prestes a ruir, que

há perigo para todos em utilizá-la, e não obstante ele a atravessa quando ela é o caminho único para chegar à cidade. Napoleão adaptara maravilhosamente a eleição ao gênio de nosso povo. Por isso, os menores deputados de seu Corpo Legislativo foram os mais célebres oradores das Câmaras na Restauração. Nenhuma câmara esteve à altura do Corpo Legislativo, comparando-os homem a homem. O sistema eletivo do Império é, pois, incontestavelmente o melhor.

Algumas pessoas poderão achar alguma coisa de soberbo e de pretensioso nesta declaração. Procurarão rusga com o escritor pelo fato de ele querer ser historiador, pedir-lhe-ão os motivos de sua política. Obedeço aqui a um dever, eis a única resposta. A obra que empreendi terá a extensão de uma história; eu tinha a obrigação de dizer os seus motivos, ainda ocultos, seus princípios e sua moral.

Necessariamente forçado a suprimir os prefácios publicados para responder às críticas essencialmente passageiras, não quero manter senão uma observação.

Os escritores que têm uma finalidade, seja embora uma volta aos princípios que se acham no passado, justamente por serem eternos, devem sempre limpar o terreno. Ora, quem quer que traga sua contribuição para o domínio das ideias, quem quer que assinale um abuso, quem quer que anote um mal que deve ser suprimido, esse passará sempre por imoral. A censura por imoralidade, à qual jamais escapa um escritor corajoso, é, aliás, a última coisa que resta a fazer quando nada mais se tem de articular contra um poeta. Se fordes verdadeiro nas vossas pinturas; se à força de trabalhos diurnos e noturnos conseguirdes escrever a língua mais difícil do mundo, atiram-vos então em rosto a palavra *imoral*. Sócrates foi imoral, Jesus Cristo foi imoral. Ambos foram perseguidos em nome das sociedades que eles derrubavam ou reformavam. Quando querem matar alguém, acusam-no de imoralidade. Essa manobra, familiar aos partidos, é a vergonha de quantos a empregam. Lutero e Calvino bem sabiam o que estavam fazendo ao

servir-se dos interesses materiais feridos, como de um escudo! Por esse motivo viveram todos os seus dias.[21]

Ao copiar toda a sociedade, ao interpretá-la na imensidade das suas agitações, aconteceu, tinha de acontecer, que tal composição apresentasse mais de mal que de bem; que uma determinada parte do quadro representasse um grupo culpado: daí a crítica a bradar "imoralidade", sem fazer observar a moralidade de outra parte destinada a formar um contraste perfeito. Como a crítica ignorava o plano geral, eu lhe perdoava tanto mais facilmente, atendendo a que não se pode impedir a crítica, como não se pode impedir o exercício da visão, da linguagem e do julgamento. De resto, ainda não soou para mim a hora da imparcialidade. Aliás, o autor que não sabe dispor-se a arrostar o fogo da crítica não deve escrever, da mesma forma que um viajante não se deve pôr a caminho contando com um céu perenemente sereno. Neste ponto, cumpre-me observar que os mais conscienciosos moralistas têm fortes dúvidas de que a sociedade possa oferecer tantas boas quantas más ações, e no quadro que dela faço encontram-se mais personagens virtuosas do que personagens censuráveis. As ações repreensíveis, as faltas, os crimes, dos mais leves aos mais graves, nele encontram sempre o castigo humano ou divino, ruidoso ou secreto. Fiz melhor do que o historiador, porque sou mais livre. Cromwell não sofreu, aqui na terra, outro castigo a não ser o que lhe impunha o pensador. E mesmo assim houve discussão entre escolas. O próprio Bossuet poupou aquele grande regicida. Guilherme de Orange, o usurpador, Hugo Capeto, outro usurpador, morrem em plena velhice, sem ter tido mais desconfianças ou temores do que Henrique iv ou Carlos i. A vida de Catarina ii e a de Luís xiv, postas em confronto, levariam a uma conclusão contra toda espécie de moral, se fossem julgadas sob o ponto de vista da moral que rege os particulares; pois para os reis, para os homens de Estado, há, como disse Napoleão, uma pequena e uma grande moral. As *Cenas da Vida Política* são baseadas nesta bela reflexão. A história não tem por lei, como o romance,

propender para o belo ideal. A história é ou deveria ser o que foi; ao passo que *o romance deve ser o mundo melhor*, disse mme. Necker, um dos mais notáveis espíritos do século passado.[22] O romance, porém, nada seria se, nessa augusta mentira, não fosse verdadeiro nos pormenores, Obrigado a conformar-se às ideias de um país essencialmente hipócrita, Walter Scott foi falso, relativamente à humanidade, na pintura da mulher, porque seus modelos eram cismáticos. A mulher protestante não tem ideal. Pode ser casta, pura, virtuosa, mas seu amor sem expansão será sempre calmo e ordenado como um dever cumprido. Dir-se-ia que a Virgem Maria tivesse enregelado o coração dos sofistas que a exilavam do céu, a ela e aos seus tesouros de misericórdia. No protestantismo não há nada mais para a mulher após a falta, ao passo que na Igreja Católica a esperança do perdão a torna sublime. Por isso, para o escritor protestante só existe uma mulher, ao passo que o escritor católico encontra uma nova mulher em cada nova situação. Se Walter Scott tivesse sido católico, se se tivesse imposto a descrição verdadeira das diversas sociedades que se sucederam na Escócia, é possível que o pintor de Effie e de Alice (as duas personalidades que nos seus velhos dias ele se recriminou de haver esboçado) tivesse admitido as paixões, com as suas faltas e os seus castigos, com as virtudes que o arrependimento lhes indica. A paixão é toda a humanidade. Sem ela, a religião, a história, o romance, a arte seriam inúteis.

Ao ver-me amontoar tantos fatos e pintá-los tais quais são, com a paixão por elemento, algumas pessoas imaginaram, erradamente, que eu pertencia à escola sensualista e materialista, duas faces do mesmo fato, o panteísmo. Mas podiam, deviam talvez, enganar-se. Não professo a crença de um progresso indefinido, no que se refere às sociedades; creio no progresso do homem quanto a si mesmo. Os que querem ver em mim uma intenção de considerar o homem como criatura definitivamente realizada enganam-se, portanto, estranhamente. *Seráfita*, a doutrina em ação do Buda cristão, parece-me uma resposta suficiente a essa censura,

aliás bastante leviana, levantada contra mim.

Em certos fragmentos desse longo trabalho, tentei popularizar os fatos admiráveis, posso dizer, os prodígios da eletricidade[23] que, no homem, se metamorfoseia numa potência incalculável, mas em que os fenômenos cerebrais e nervosos que demonstram a existência de um novo mundo moral alteram as relações indiscutíveis e necessárias entre os mundos e Deus. Em que é que os dogmas católicos ficariam com isso abalados? Se por fatos incontestáveis o pensamento for um dia incluído entre os fluidos que só se revelam por seus efeitos e cuja substância escapa aos nossos sentidos, mesmo ampliado por tantos meios mecânicos, acontecerá com isso o mesmo que com a esfericidade da Terra observada por Cristóvão Colombo, e com a sua rotação demonstrada por Galileu. Nosso futuro permanecerá o mesmo. O magnetismo animal, com cujos milagres me familiarizei desde 1820; as belas pesquisas de Gall, o continuador de Lavater;[24] todos aqueles que há cinquenta anos vêm trabalhando o pensamento como os ópticos trabalharam a luz, duas coisas quase semelhantes, concluem, quer a favor dos místicos, esses discípulos de São João, quer a favor de todos os grandes pensadores que estabeleceram o mundo espiritual, essa esfera onde se revelam as relações entre o homem e Deus.

Apreendendo bem o sentido da referida composição, reconhecer-se-á que atribuo aos fatos constantes, cotidianos, secretos ou patentes, aos atos da vida individual, às suas causas e aos seus princípios a mesma importância que até agora os historiadores atribuíram aos acontecimentos da vida pública das nações. A batalha ignorada que se fere, num vale do Indre, entre a sra. de Mortsauf e a paixão é talvez tão grande quanto a mais notável das batalhas celebradas (*O lírio do vale*). Neste último está em jogo a glória de um conquistador, no outro livro trata-se do céu. As desventuras dos Birotteau, o padre e o perfumista, são, para mim, as da humanidade. A Fosseuse (*O médico rural*) e a sra. Graslin (*O cura da aldeia*) são quase toda a mulher. Sofremos dessa

forma todos os dias. Tive de fazer cem vezes o que Richardson não fez mais do que uma vez. Lovelace tem mil formas, pois a corrupção social toma as cores de todos os meios onde se desenvolve. Pelo contrário, Clarissa, essa bela imagem da virtude apaixonada, tem traços de uma pureza desesperadora. Para criar muitas Virgens é preciso ser Rafael. A literatura, sob esse ponto de vista, está, talvez, abaixo da pintura. Ser-me-á pois permitido, talvez, fazer notar quantas figuras irrepreensíveis (como virtude) se encontram nas partes já publicadas desta obra: Pierrette Lorrain, Úrsula Mirouët, Constança Birotteau, a Fosseuse, Eugênia Grandet, Margarida Claës, Paulina de Villenoix, sra. Jules, sra. de la Chantérie, Eva Chandon, srta. d'Esgrignon, sra. Firmiani, Ágata Rouger, Renata de Maucombe; enfim, muitas personagens de segundo plano, que, embora menos postas em relevo do que aquelas, nem por isso deixam de apresentar ao leitor a prática das virtudes domésticas. José Lebas, Genestas, Benassis, o padre Bonnet, o médico Minoret, Pillerault, David Séchard, os dois Birotteau, o padre Chaperon, o juiz Popinot, Bourgeat, os Sauviat, os Tascheron e muitos outros não resolvem, acaso, o difícil problema literário que consiste em tornar interessante uma personagem virtuosa?

Não era pequena tarefa pintar as duas ou três mil figuras salientes de uma época, pois tal é, em definitivo, a soma dos tipos que cada geração apresenta e que *A comédia humana* comportará. Esse número de figuras, de caracteres, essa multidão de existências exigiam cenários e, perdoai-me a expressão, galerias. Daí as divisões tão naturais, já conhecidas, da minha obra em *Cenas da Vida Privada*, *Provinciana*, *Parisiense*, *Política*, *Militar* e *Rural*. Nestes seis grupos estão classificados todos os *Estudos de Costumes* que formam a história geral da sociedade, a coleção de todos os seus fatos e gestos, como diriam os nossos antepassados. Estes seis grupos correspondem, afinal de contas, a ideias gerais. Cada um deles tem o seu sentido, sua significação, e formula uma época da vida humana. Repetirei aqui, porém sucintamente, o que escreveu, depois

de se inteirar de meu plano, Félix Davin, jovem talento arrebatado às Letras por uma morte prematura. As *Cenas da Vida Privada* representam a infância, a adolescência e seus erros, como as *Cenas da Vida Provinciana* representam a idade das paixões, dos cálculos, dos interesses e da ambição. Depois as *Cenas da Vida Parisiense* oferecem o quadro dos gostos, dos vícios e de todas as coisas desregradas que excitam os costumes próprios das grandes capitais, onde se encontram ao mesmo tempo o bem e o mal extremos. Cada uma dessas três partes tem sua cor local: Paris e a província, essa antítese social, forneceram seus imensos recursos. Não somente os homens, mas também os acontecimentos principais da vida são sintetizados por tipos. Há situações que se apresentam em todas as existências, fases típicas, e foi isso uma das exatidões que eu mais busquei. Procurei dar uma ideia das várias regiões de nossa bela terra. Minha obra tem a sua geografia, como tem a sua genealogia e suas famílias, seus locais e suas coisas, suas personagens e seus fatos, como tem seu armorial, seus nobres e seus burgueses, seus artesãos e seus camponeses, seus políticos e seus janotas, seu exército, todo o seu mundo, enfim!

Depois de ter pintado nesses três grupos a vida social, faltava mostrar as existências excepcionais que resumem os interesses de vários ou de todos que estão, de algum modo, fora da lei comum: daí as *Cenas da Vida Política*. Terminada e completada essa vasta pintura da sociedade, não cumpriria mostrá-la no seu mais violento estado, indo para o exterior, quer para a defesa quer para a conquista? Daí as *Cenas da Vida Militar*, a parte ainda menos completa da minha obra, mas cujo lugar ficará reservado nesta edição, para que a integre quando a tiver concluído. Enfim, as *Cenas da Vida Rural* são, de algum modo, o entardecer desta longa jornada, se me é permitido assim denominar o drama social. Neste livro se encontram os mais puros caracteres e a aplicação dos grandes princípios de ordem, de política, de moralidade .

Tal é a base, cheia de tipos, cheia de comédias e de tragédias, sobre a

qual se erguem os *Estudos Filosóficos*, segunda parte da obra, onde o meio social de todos os efeitos se encontra demonstrado, onde as devastações do pensamento são pintadas, sentimento por sentimento, e cuja primeira obra, *A pele de onagro*, liga de algum modo os *Estudos de Costumes* aos *Estudos Filosóficos* pelo elo de uma fantasia quase oriental, em que a própria vida é pintada em luta com o desejo, princípio de todas as paixões.

Acima estão os *Estudos Analíticos*, dos quais nada direi, porquanto só um foi publicado, a *Fisiologia do Casamento*.

Daqui a algum tempo deverei publicar duas obras do mesmo gênero. Primeiro a *Patologia da Vida Social*, mais tarde a *Anatomia das Corporações de Ensino* e a *Monografia da Virtude*.

Ao considerar tudo o que me resta fazer, dir-me-ão talvez o que meus editores disseram: "Que Deus lhe dê vida!". Almejo apenas não ser tão atormentado pelos homens e pelas coisas como o tenho sido desde que empreendi este espantoso trabalho. Tive por mim, e isto agradeço a Deus, que os maiores talentos desta época, que os mais belos caracteres, que amigos sinceros, tão grandes na vida privada quanto aqueles o são na vida pública, me apertaram a mão dizendo: "Coragem!". E por que não confessar que essas amizades, que demonstrações feitas aqui e ali por desconhecidos me amparam na minha rota, tanto contra mim mesmo como contra ataques injustos, contra a calúnia que tantas vezes me tem perseguido, contra o desânimo e contra essa esperança demasiado ardente, cujas palavras são interpretadas como as de um amor-próprio excessivo? Tinha resolvido opor uma impassibilidade estoica aos ataques e às injúrias: mas, por duas vezes, vis calúnias tornaram necessária a defesa. Se os partidários do perdão das injúrias lamentam que eu tivesse mostrado meu saber em esgrima literária, muitos cristãos acham que vivemos numa época em que é bom fazer ver que o silêncio tem a sua generosidade.

A propósito, devo advertir que só reconheço como obras minhas as

que trazem o meu nome. Além de *A comédia Humana*, não existem de meu senão os *Cent contes drôlatiques*, duas peças de teatro e artigos avulsos, que, aliás, são assinados. Uso aqui de um direito inconteste. Mas esta desautorização, mesmo que atingisse obras nas quais eu tivesse colaborado, me é inspirada mais pela verdade do que pelo amor-próprio. Se persistissem em atribuir-me livros que, literariamente falando, não reconheço como meus mas cuja propriedade me foi confiada, eu permitiria dizerem, pela mesma razão que me leva a deixar o campo livre às calúnias.

A imensidade do plano, que compreende ao mesmo tempo a história e a crítica da sociedade, a análise de seus males e a discussão de seus princípios, autoriza-me, assim o creio, a dar à minha obra o título sob o qual hoje ela aparece: *A comédia humana*. Será ambicioso? Não será apenas justo? É o que o público decidirá, quando a obra estiver terminada.

Paris, julho de 1842

AO "CHAT-QUI-PELOTE"

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**

Ao "Chat-qui-pelote" (em francês, *La Maison du Chat-qui-pelote*), apesar de ser uma das primeiras obras que Balzac incluiu em *A comédia humana* e não obstante suas dimensões reduzidas, apresenta já quase todas as qualidades características do escritor. É uma história de amor, a representação de uma grande paixão romântica, "dessas que só se veem nos romances", como observa uma das personagens do próprio livro — mas a sorte dessa paixão é determinada pelos antecedentes sociais e educacionais dos protagonistas, "como só se vê na vida", poderíamos acrescentar. Em muitas obras do escritor encontraremos assim um germe romântico semeado no solo da realidade.

O choque de dois ambientes sociais dentro da história de um amor, eis um tema bem balzaquiano. Um desses ambientes é o mundo dos artistas, com a sua existência febril, irregular, brilhante, toda em movimento; o outro, o do comércio à antiga, com seu espírito tradicionalista e estático, seus dias incolores, sua monotonia quase claustral. Não é de estranhar que o romancista tenha conhecido o primeiro, pois era o seu próprio meio; ninguém sabia melhor de que horizontes largos, de que altos voos, de que êxtase contínuo precisa um verdadeiro artista para manter o ritmo de sua obra criadora. O que surpreende é ver quão bem conhecia ou, antes, como adivinhava, pela sua admirável intuição, os costumes, a atmosfera, a alma dessas velhas lojas parisienses como a "Chat-qui-pelote" com todas as minúcias da venda de panos, os segredos dos

balanços e até a misteriosa geringonça da profissão. Bem mais: consegue penetrar a tal ponto na alma do velho atacadista que chega a ver o comércio com os olhos deste e descobrir o que pode haver de poético e de heroico na carreira de um negociante de fazendas. O romancista, aliás, preocupa-se antes de tudo em descrever a loja a "Chat-qui-pelote", ao passo que o ambiente brilhante da Boêmia é apenas insinuado por meio de alusões e sobretudo pelo contraste com a velha firma da rue Saint-Denis. O leitor atento facilmente descobrirá como a descrição dela é essencial e que importância tem ela na evolução moral de Augustina. Este cenário, como agudamente observa Fernand Baldensperger, não pode ser considerado um simples daguerreótipo a servir de moldura a um drama humano. Os cenários de Balzac são "análogos àqueles quadros, panorâmicos ou fragmentários, em que os museus de história natural reúnem, em torno de sua figuração exótica, pinguins, antílopes, cascavéis, um conjunto explicativo: terra, céu e flora, que faz de cada ser animado um expoente tão perfeito de seu pequeno recanto".

Nem por isso será menos atraente a análise do arrefecer de uma grande paixão, com a admirável lição prática de psicologia amorosa dada pela duquesa de Carigliano à ingênua Augustina. No breve diálogo das duas mulheres Balzac revela todo o mecanismo dos sentimentos.

Mas a tragédia conjugal dos Sommervieux encerra, antes de tudo, uma conclusão geral: a impossibilidade, para as almas burguesas, de conviver em pé de igualdade com um gênio. Antes de Balzac, já muitas vezes se escreveu o drama dos exilados; mas talvez seja ele o primeiro a apresentar personagens foragidas não de um país, mas de uma classe, as quais, depois de perdido o contato com a sua camada social, não podem criar raízes em seu novo ambiente. A tragédia de Augustina é mais social do que individual: é um caso típico de inadaptação.

O próprio autor levou algum tempo a compenetrar-se desse caráter de sua novela, pois esta foi publicada primeiro em 1830, sob o título de *Glória e desgraça* (em francês *Gloire et malheur*); só na quinta edição é

que apareceu o título atual. “O primeiro título sugere a ascensão e a queda na vida de Augustina; o segundo inclui a casa e a loja [...] e parece indicar uma preocupação sociológica por parte do autor.” (Brúcia Dedinsky).

Desde esta primeira novela de *A comédia humana* podemos observar o funcionamento do processo de volta das personagens, a grande inovação de Balzac, a que ele atribuía tamanha importância e de que já falamos amiúde em nossa introdução. Quando do primeiro aparecimento do conto, o autor ainda não concebera essa ideia; depois que ela lhe ocorreu, aplicou-a à edição definitiva de todas as obras que fazem parte de *A comédia humana* e, portanto, a *Ao “Chat-qui-pelote”* também. Assim, os membros do pequeno círculo de amigos do casal Guillaume, que não aparecem aqui senão rapidamente, passarão em outras obras ao primeiro plano e ganharão relevo completo. O perfumista Birotteau e sua mulher, por exemplo, terão toda a sua vida contada na *História da grandeza e decadência de César Birotteau*, onde encontraremos também a galante sra. Roguin com seu marido, o tabelião; o general d’Aiglemont, que mal entrevemos um momento no *boudoir* da duquesa de Carigliano, é, como alhures o saberemos, o marido de Júlia de Chatillonest, a “mulher de trinta anos”, e perderá seus bens na falência da “casa Nucingen”.

Por sua vez, alguns protagonistas de *Ao “Chat-qui-pelote”* reaparecerão em outros livros; veremos José Lebas, cada vez mais importante, presidir o tribunal do comércio (em *César Birotteau*) e depois voltaremos a encontrá-lo, já envelhecido, com sua digna esposa Virgínia, a gozar o merecido descanso em sua casa de campo de Corbeil (em *A prima Bete*). O pintor Teodoro de Sommervieux não nos surgirá mais; todavia, em um outro romance do ciclo ouviremos falar de trabalhos seus. Desse modo, todas as obras de *A comédia humana* se completam, mostrando-se tão pouco delimitadas como as exigências dentro do mundo real, sempre ligadas por mil fios a outras existências.

Para aumentar a já prodigiosa verossimilhança de todas essas personagens, Balzac introduz no meio delas pessoas reais, algumas até bem conhecidas. Assim, Teodoro de Sommervieux faz confidências ao famoso pintor Girodet. Nessa confusão propositada entre personagens imaginárias e verdadeiras, os limites da ficção e da realidade diluíam-se, os leitores da época não mais sabiam se o que liam era romance ou crônica. Nem lhes ocorria perguntá-lo: a imaginação poderosa do romancista fazia-as aceitar tudo num conjunto inseparável — e mesmo ao leitor moderno será difícil subtrair-se a esse encantamento, sinal inconfundível da verdadeira obra de arte.

PAULO RÓNAI

AO “CHAT-QUI-PELOTE”

Dedicado a mlle. Marie de Montheau

No meio da rue Saint-Denis, quase na esquina da rue du Petit-Lion, existia outrora uma dessas preciosas casas que facilitam aos historiadores a reconstrução, por analogia, da antiga Paris. Os muros ameaçadores daquele pardieiro pareciam pintalgados de hieróglifos. Que outro nome poderia dar o transeunte aos xx e vv traçados na fachada pelos caibros transversais ou diagonais delineados no reboco por pequenas rachas paralelas? Evidentemente cada carro ao passar fazia que aquelas vigas dançassem nas suas mortagens. O venerável edifício tinha um telhado triangular, cujo modelo em breve não mais se verá em Paris. Abaulado pelas intempéries do clima parisiense, esse telhado sobressaía, mais ou menos, três pés sobre a rua, tanto para proteger da chuva a soleira da porta como para abrigar a parede das águas-furtadas e seu olho-de-boi sem rebordo. Esse último andar era construído com tábuas pregadas umas sobre as outras, como ardósias, decerto para não sobrecarregar aquele frágil edifício.

Por uma manhã chuvosa do mês de março, um rapaz, cuidadosamente envolto na sua capa, estava sob o telheiro da loja fronteira àquela velha habitação e parecia examiná-la com o entusiasmo de um arqueólogo. Realmente, aquele remanescente da burguesia do século xvi podia oferecer a um observador mais de um problema para resolver. Cada andar apresentava sua singularidade. No primeiro, quatro janelas altas, estreitas, próximas umas das outras, tinham painéis de madeira na parte inferior, a fim de condicionar essa luz dúbia, graças à qual um hábil negociante empresta aos tecidos a cor desejada pelo freguês. O rapaz aparentava completo desdém por essa parte essencial da casa; seus olhos nem uma vez nela se detiveram. As janelas do segundo andar, cujos postigos abertos deixavam ver através dos grandes cristais de Boêmia das vidraças pequenas cortinas de musselina ruça, tampouco o interessavam. Sua atenção dirigia-se particularmente ao terceiro andar, a humildes janelas, cujo madeiramento, grosseiramente trabalhado, teria merecido um lugar no Conservatório de Artes e Ofícios, a fim de mostrar os primeiros esforços da carpintaria francesa. Essas janelas tinham pequenas vidraças de coloração tão verde que, se não fosse a sua excelente vista, o rapaz não poderia vislumbrar as cortinas de xadrez azul que ocultavam os mistérios daquele apartamento aos olhares dos profanos. Por vezes, aquele observador, contrariado com a sua contemplação sem resultado ou com o silêncio em que a casa estava mergulhada, assim como todo o bairro, baixava os olhos para as regiões inferiores. Esboçava-se então em seus lábios um sorriso involuntário, quando tornava a ver a loja onde, de fato, se encontravam coisas bastante risíveis. Uma formidável viga de madeira, horizontalmente apoiada sobre quatro pilares, que pareciam curvados ao peso daquela casa decrépita, tinha sido realçada com tantas camadas de pintura, como de ruge as faces de uma velha duquesa. No meio dessa larga viga pretensiosamente esculpida via-se um antigo quadro que representava um gato jogando pelota. Essa tela provocava a hilaridade do rapaz. Mas é preciso dizer que

o mais espirituoso dos pintores modernos não seria capaz de idear uma caricatura tão cômica. O animal segurava com uma das patas dianteiras uma raquete tão grande quanto ele e erguia-se sobre as patas traseiras a fim de aparar uma enorme bola que lhe atirava um gentil-homem agaloado de ouro. Desenho, cores, acessórios, tudo fora executado de modo a fazer crer que o artista pretendera divertir-se à custa do negociante e dos transeuntes. A ação do tempo, alterando a ingênua pintura, tornara-a ainda mais grotesca por algumas dubiedades que deviam inquietar os passantes conscienciosos. Por exemplo, a cauda mosqueada do gato ficara recortada de tal forma que se podia tomá-la por um espectador, tão grande e basta era a cauda dos gatos de nossos antepassados. À direita do quadro, sobre um campo celeste que mal encobria a podridão da madeira, os transeuntes liam: guillaume; e à esquerda: successeur du sieur chevrel. Sol e chuva tinham roído a maior parte do pó dourado parcimoniosamente aplicado sobre as letras daquela inscrição, na qual os uu substituíam os vv, e reciprocamente, segundo as regras da nossa antiga ortografia. Para abater o orgulho de quantos pensam que o mundo se torna de dia para dia mais espirituoso e que o moderno charlatanismo sobrepassa tudo, convém aqui observar que essas insígnias, cuja etimologia parece estranha a mais de um negociante parisiense, são os quadros mortos de quadros vivos com auxílio dos quais nossos espertos antepassados haviam conseguido atrair freguesia para as suas casas. Assim a Porca que Fia, o Macaco Verde etc. foram animais engaiolados cuja habilidade maravilhava os passantes e cuja educação provava a paciência do industrial do século xv. Semelhantes curiosidades enriqueciam mais depressa seus felizes proprietários do que a Providência, a Boa-Fé, a Graça-de-Deus e o Degolamento de são João Baptista, que ainda se veem na rue Saint-Denis. Entretanto, o desconhecido não permanecia ali, certamente, para admirar aquele gato, que um momento de atenção bastava para gravar na memória. Aquele rapaz tinha também as sua singularidades. Sua capa, traçada ao gosto das

figuras antigas, deixava ver que ele usava um elegante calçado, tanto mais notável no meio da lama parisiense quanto trazia meias de seda branca, cujas manchas lhe atestavam a impaciência. Tinha saído, sem dúvida nenhuma, de alguma festa ou de um baile, pois a essa hora matinal segurava na mão um par de luvas brancas, e as mechas de seus cabelos negros desfrisados, esparsos sobre os ombros, revelavam um penteado à Caracala, posto em moda tanto pela escola de David[25] como por esse entusiasmo pelas formas gregas e romanas que assinalou os primeiros anos do século. Apesar do barulho que faziam alguns verdureiros atrasados ao passar a galope para o mercado central, aquela rua tão agitada estava então numa quietude cuja magia só é conhecida por aqueles que vagaram por Paris deserta, nas horas em que seu ruído, um momento acalmado, renasce, e se ouve ao longe como a grande voz do mar. Aquele estranho jovem devia despertar a curiosidade dos comerciantes do “Chat-qui-pelote”, tanto quanto o “Chat-qui-pelote” despertava a dele. Uma gravata de alvura deslumbrante fazia-lhe o rosto atormentado mais pálido ainda do que realmente era. O fulgor, ora sombrio, ora cintilante, que lançavam seus olhos negros, harmonizava-se-lhe com o contorno estranho do rosto, com a boca larga e sinuosa, que ao sorrir se contraía. A fronte, enrugada por violenta contrariedade, tinha algo de fatal. Não é a fronte o que há de mais profético no homem? Quando a do desconhecido exprimia a paixão, as rugas que nela se formavam chegavam a assustar, tal a força com que se pronunciavam; mas ao readquirir a calma, que tão facilmente perdia, espalhava-se nela uma graça luminosa que tornava atraente aquele semblante, ao qual a alegria, a dor, o amor, a cólera, o desdém afloravam de modo tão comunicativo que o homem mais frio devia ficar impressionado. Aquele desconhecido estava tão enfadado no instante em que precipitadamente abriram a trapeira da água-furtada que não viu aparecerem três risonhas faces rechonchudas, claras, rosadas, mas tão comuns como as imagens do comércio esculpidas em certos monumentos. Aquelas três faces,

enquadradas pela lucarna, lembravam as cabeças de anjos gorduchos, semeados nas nuvens que cercam o Padre Eterno. Os aprendizes respiraram as emanações da rua com uma avidez que demonstrava o quanto estava quente e mefítica a atmosfera do sótão. Depois de ter atentado àquela estranha sentinela, o caixeiro que parecia ser o mais jovial dos três sumiu e voltou em seguida, trazendo na mão um instrumento, cujo metal rígido fora recentemente substituído por um couro flexível; depois, todos tiveram uma expressão maliciosa ao olhar o basbaque, que borrifaram com um chuvisco fino e esbranquiçado, cujo perfume demonstrava que os três queixos acabavam de ser barbeados. Esticados na ponta dos pés e refugiados no fundo do sótão para gozar da cólera de sua vítima, os caixeiros deixaram de rir ao ver o despreocupado desdém com que o rapaz sacudiu a capa e o desprezo profundo que se desenhou em seu rosto quando ergueu os olhos para a trapeira vazia. Naquele momento, uma mão alva e delicada levantou a parte inferior de uma das grosseiras janelas do terceiro andar, por meio de uma dessas corrediças cujo torniquete deixa cair, muitas vezes, imprevistamente, as pesadas vidraças que deveria sustentar. O rapaz foi então recompensado da sua longa espera. Surgiu a figura de uma moça, viçosa como uma dessas alvas corolas que florescem no seio das águas, toucada com uma capota de musselina franzida, que lhe dava à cabeça um admirável ar de inocência. Embora recobertos por uma fazenda escura, entreviam-se-lhe o pescoço e os ombros, graças ao desarranjo produzido pelos movimentos que fizera durante o sono. Nenhuma expressão de constrangimento alterava a ingenuidade daquele semblante nem a calma daqueles olhos imortalizados por antecipação nas sublimes composições de Rafael: era a mesma graça, a mesma tranquilidade daquelas virgens que se tornaram proverbiais. Havia um contraste encantador entre a mocidade das faces daquele rosto sobre o qual o sono como que pusera em relevo uma superabundância de vida e a velhice daquela janela maciça, de contornos grosseiros e de parapeito negro. Tal como essa flores diurnas que pela

manhã ainda não expandiram sua túnica enrolada pelos frios da noite, a moça, apenas despertada, deixou vagar os olhos azuis por sobre os telhados vizinhos e olhou o céu; depois, por uma espécie de hábito, baixou-os para as sombrias regiões da rua, onde encontraram logo os do seu adorador. O coquetismo fê-la sem dúvida sofrer por se deixar ver naquele desalinho; recuou da janela, o torniquete gasto girou, e a vidraça desceu com a rapidez que, nos nossos dias, inspirou um nome odioso[26] para aquela ingênua invenção de nossos antepassados. A visão desapareceu. Ao rapaz afigurou-se-lhe que a mais brilhante estrela da manhã fora subitamente encoberta por uma nuvem.

Enquanto sucediam esses pequenos acontecimentos, os pesados postigos interiores que defendiam os frágeis vidros da loja do "Chat-qui-pelote" haviam sido retirados como por magia. A velha porta de batentes foi dobrada contra a parede interior da casa, por um criado verossimilmente contemporâneo da tabuleta, o qual, com mão trêmula, prendeu naquela o pedaço de pano quadrado em que se via, bordado a seda amarela, o nome de *Guillaume*, *successeur de Chevrel*. Bem difícil seria para muitos transeuntes adivinhar a natureza do comércio do sr. Guillaume. Através dos grossos barrotes de ferro que protegiam exteriormente o seu negócio, podiam-se apenas ver pacotes envoltos em tela escura, tão numerosos como arenques quando atravessam o oceano. Não obstante a aparente simplicidade daquela fachada gótica, o sr. Guillaume era, de todos os negociantes de fazendas de Paris, aquele cujos depósitos estavam mais bem sortidos, cujas relações eram mais vastas e cuja probidade comercial era mais impecável. Se alguns de seus confrades tinham fechado negócio com o governo, sem ter a referida quantidade de fazenda, ele sempre se prontificava a ceder-lhes a de que precisassem para satisfazer os compromissos, por mais considerável que fosse o número de peças pedidas. O ardiloso negociante conhecia mil modos de auferir a maior parte dos lucros sem se ver obrigado, como os outros, a correr à casa dos protetores para fazer baixezas ou ricos presentes. Se os

colegas só lhe podiam pagar com excelentes letras a longo prazo, ele lhes indicava seu tabelião, como um homem conciliador, e sabia, graças a esse expediente, tirar ainda um segundo proveito, o que fazia que os comerciantes da rue Saint-Denis dissessem proverbialmente: “Deus o livre do tabelião do sr. Guillaume!” — para designar um desconto oneroso. Como por milagre, o velho negociante surgiu de pé à porta da loja no momento em que o criado se retirou. O sr. Guillaume contemplou a rue Saint-Denis, as lojas vizinhas e o tempo, da mesma forma pela qual um homem que desembarca no Havre e revê a França, depois de uma longa viagem. Convencido de que não houvera mudanças durante seu sono, viu então o passante em sentinela, o qual, por sua vez, observava o patriarca das fazendas por atacado, como Humboldt[27] deve ter examinado o primeiro gimnoto elétrico que viu na América. O sr. Guillaume vestia calções largos de veludo preto, meias multicores e sapatos de bico quadrado com fivelas de prata. Sua casaca de abas quadradas, de lapelas quadradas, de gola quadrada, envolvia-lhe o corpo, levemente encurvado, de uma fazenda esverdeada, guarnecida de botões de metal prateado, mas enferrujados pelo uso. Seus cabelos grisalhos estavam tão perfeitamente alisados e penteados sobre o crânio amarelo que o faziam assemelhar-se a um campo lavrado. Seus pequenos olhos verdes, que pareciam ter sido feitos com uma verruma, chamejavam sob dois arcos assinalados por uma leve marca avermelhada, na falta das sobrancelhas. As preocupações lhe haviam traçado sobre a testa sulcos horizontais tão numerosos quanto as pregas do seu casaco. Aquele semblante lívido revelava paciência, tino comercial e a espécie de cupidez ardilosa exigida pelos negócios. Naquela época, se viam menos raramente do que hoje essas velhas famílias nas quais se conservavam, como tradições preciosas, os hábitos e usos característicos de suas profissões, e que ficaram no meio da nova civilização como esses fósseis antediluvianos que Cuvier descobriu em suas escavações. O chefe da família Guillaume era um desses notáveis guardiães dos antigos

costumes: surpreendiam-no a lamentar a falta do preboste dos mercadores,[28] e nunca falava de um julgamento do Tribunal do Comércio sem chamá-lo *sentença dos cônsules*. Era sem dúvida em virtude desses hábitos que, sendo o primeiro a levantar-se em casa, esperava a pé firme a chegada dos três caixeiros para passar-lhes um carão no caso de virem atrasados. Aqueles jovens discípulos de Mercúrio[29] não conheciam nada tão atemorizante como a atividade silenciosa com que o patrão lhes escrutava o semblante e os movimentos, na segunda-feira de manhã, para ver se encontrava neles provas ou vestígios de pândegas. Naquele momento, porém, o velho negociante de fazendas não prestou nenhuma atenção aos seus aprendizes. Estava entretido em procurar o motivo pelo qual o rapaz das meias de seda e da capa dirigia alternativamente os olhos ora para a sua tabuleta, ora para as profundidades da loja. O dia, que se tornara mais luminoso, permitia divisar o escritório gradeado, cercado de reposteiros de velha seda verde, onde repousavam os enormes livros, mudos oráculos da casa. Aquele desconhecido excessivamente curioso parecia cobiçar esse pequeno recinto, esquadrinhando a sala de jantar lateral, iluminada por uma claraboia, e de onde a família reunida devia ver, facilmente, durante as refeições, os mais insignificantes acontecimentos que se produzissem na entrada da loja. Tão grande interesse pela sua habitação parecia suspeito para um negociante que suportara o regime do *Maximum*.[30] O sr. Guillaume pensava, pois, muito naturalmente, que aquela figura sinistra tinha o olho na caixa do *"Chat-qui-pelote"*. Depois de ter gozado discretamente com o duelo mudo que se estava realizando entre o patrão e o desconhecido, o mais velho dos caixeiros arriscou-se a tomar lugar na calçada, onde se mantinha o sr. Guillaume para ver o rapaz contemplar de soslaio a janela do terceiro andar. Deu dois passos na rua, levantou a cabeça e julgou ter visto a srta. Augustina Guillaume, a qual recuou precipitadamente. Pouco satisfeito com a perspicácia de seu primeiro caixeiro, o negociante atirou-lhe um olhar atravessado; mas, de repente,

acalmaram-se os temores mútuos que a presença daquele desconhecido suscitava na alma do comerciante e na do apaixonado caixeiro. O desconhecido chamou um fiacre que se dirigia para uma praça vizinha e nele subiu rapidamente, fingindo uma enganosa indiferença. Essa partida teve o efeito de um bálsamo no coração dos outros caixeiros, que estavam bastante inquietos por terem tornado a encontrar a vítima de sua brincadeira de mau gosto.

— Então, senhores, que têm para estar aí de braços cruzados? — disse o sr. Guillaume aos seus três neófitos. — Antigamente, com os diabos, quando trabalhava com *sieur Chevrel*, a estas horas já eu tinha examinado duas peças de fazenda!

— É que então amanhecia mais cedo — disse o segundo caixeiro, a quem incumbia essa tarefa.

O velho negociante não pôde deixar de sorrir. Conquanto dois daqueles três rapazes, confiados a seus cuidados pelos pais, ricos manufatureiros em Louviers e Sedan, não tivessem mais do que pedir cem mil francos e obtê-los quando estivessem com idade de se estabelecer, Guillaume julgava de seu dever mantê-los sob a férula de antigo despotismo, desconhecido em nossos dias nos elegantes estabelecimentos modernos, cujos caixeiros querem ser ricos aos trinta anos. Fazia-os trabalhar como negros. Entre os três, aqueles caixeiros bastavam para realizar um trabalho que teria esfalfado dez desses empregados, cujo sibaritismo avoluma hoje as colunas do orçamento. Nenhum ruído perturbava a paz daquela casa solene, cujos gonzos pareciam estar sempre azeitados, e cujo móvel mais insignificante tinha esse asseio respeitável que denota uma ordem e uma economia severas. Muitas vezes o mais brincalhão dos caixeiros divertira-se em escrever no queijo de Gruyère, que lhes entregava ao almoço e que eles se compraziam em respeitar a data de sua recepção primitiva. Essa malícia e algumas outras do mesmo quilate faziam sorrir a mais moça das duas filhas de Guillaume, a linda virgem que acabava de se mostrar ao

desconhecido encantado. Embora cada um dos aprendizes, e até o mais antigo, pagasse uma forte pensão, nenhum deles teria ousadia bastante para ficar na mesa do patrão no momento em que serviam a sobremesa. Quando a sra. Guillaume falava em temperar a salada, os pobres rapazes tremiam ao pensar na parcimônia com que sua prudente mão sabia dosar o azeite. Que nem por sonhos se lembrassem de passar uma noite fora, sem ter, muito tempo antes, dado um pretexto plausível para essa irregularidade. Cada domingo, e alternadamente, dois caixeiros escoltavam a família Guillaume à missa de Saint-Leu e às vésperas. As srtas. Virgínia e Augustina, modestamente vestidas de chita, tomavam cada uma o braço de um dos caixeiros e caminhavam na frente, sob o olhar observador da mãe, que fechava esse pequeno cortejo doméstico com o marido, a quem acostumara a carregar dois volumosos livros de horas, encadernados de marroquim negro. O segundo caixeiro não tinha ordenado. Quanto àquele que doze anos de perseverança e discrição tinham iniciado nos segredos da casa, recebia oitocentos francos em recompensa de seus trabalhos. Em certas festas da família, gratificavam-no com presentes, cujo valor provinha unicamente de terem passado pelas mãos secas e enrugadas da sra. Guillaume: bolsas de crochê, que ela tinha o cuidado de encher de algodão para realçar o desenho das malhas; suspensórios reforçados ou pares de meias de seda bem pesados. Algumas vezes, mas isso raramente, esse primeiro-ministro era admitido a partilhar dos prazeres da família, ou quando esta ia para o campo, ou quando, após meses de espera, se decidia a usar do seu direito de assistir, comprando um camarote, a uma peça na qual Paris já não pensava mais. Em relação aos dois outros caixeiros, a barreira de respeito que separava antigamente um senhor negociante de fazendas dos seus aprendizes estava tão solidamente assentada entre eles e o patrão que mais fácil lhes seria roubar uma peça de pano do que infringir aquela augusta etiqueta. Hoje, isso pode parecer ridículo. Não obstante, essas velhas casas eram escolas de bons costumes e de probidade. Os patrões adotavam seus

aprendizes. A roupa deles era cuidada, consertada e algumas vezes renovada pela dona da casa. Se um caixeiro adoecia, tornava-se objeto de cuidados verdadeiramente maternais. Em caso de perigo, o patrão prodigalizava seu dinheiro para chamar os mais célebres médicos, pois não eram responsáveis somente pelos costumes e pelo saber daqueles jovens perante os respectivos pais. Se um deles, respeitável pelo caráter, sofria qualquer desastre, aqueles velhos negociantes sabiam apreciar a inteligência que eles próprios haviam desenvolvido e não hesitavam em confiar a felicidade de suas filhas àqueles a quem durante anos haviam confiado suas fortunas. Guillaume era um desses homens antigos e, se lhes tinha os ridículos, tinha-lhes também todas as qualidades. Por isso José Lebas, seu primeiro caixeiro, órfão e sem fortuna, era, no seu pensamento, o futuro esposo de Virgínia, sua filha mais velha. José, porém, não partilhava os pensamentos simétricos do patrão, o qual nem a troco de um império teria consentido em casar sua segunda filha antes da primeira. O infeliz caixeiro estava apaixonado pela filha mais moça, srta. Augustina. Para justificar essa paixão que crescera secretamente, é necessário penetrar mais fundo na engrenagem do governo absoluto que regia a casa do velho negociante de fazendas.

Guillaume tinha duas filhas. A mais velha, srta. Virgínia, era em tudo o retrato da mãe. A sra. Guillaume, filha de *sieur Chevrel*, mantinha-se tão ereta no banco da caixa que por mais de uma vez ouvira graciosos apostarem que ela estava ali empalada. Sua figura magra e alta atraía uma devoção desmedida. Sem graças e sem maneiras amáveis, a sra. Guillaume enfeitava habitualmente a cabeça, quase sexagenária, com uma touca, cuja forma era invariável e guarnecida de fitas pendentes, como as de uma viúva. Toda a vizinhança chamava-a de irmã porteira. Tinha a palavra breve, e havia em seus gestos qualquer coisa dos movimentos entrecortados de um aparelho telegráfico[31]. Seus olhos, claros como os de um gato, pareciam ter rancor contra todos pelo fato de ela ser feia. A srta. Virgínia, educada, assim como a irmã mais nova, sob

as leis despóticas da mãe, alcançara a idade dos vinte e oito anos. A mocidade atenuava o ar desgracioso que a semelhança com a mãe dava por vezes à sua fisionomia, mas o rigor materno dotara-a de duas grandes qualidades que podiam contrabalançar tudo: era meiga e paciente. A srta. Augustina, com dezoito anos apenas, em nada se parecia ao pai nem à mãe. Era dessas raparigas que, pela ausência de qualquer laço físico com os pais, fazem crer no ditado devoto: “Deus é quem dá os filhos”. Augustina era pequena, ou, para melhor descrevê-la, mimosa. Graciosa e cheia de candor, um homem da alta sociedade nada poderia censurar a essa encantadora criatura, a não ser gestos acanhados ou certas atitudes vulgares e, por vezes, constrangimento. Seu semblante mudo e imóvel respirava essa melancolia passageira que se apodera de todas as raparigas demasiado fracas para ousar resistir à vontade de uma mãe. Sempre modestamente vestidas, as duas irmãs não podiam satisfazer a faceirice inata na mulher senão por um luxo de asseio que lhes assentava às mil maravilhas e punha-as em harmonia com aqueles balcões lustrosos e aquelas prateleiras sobre as quais o velho criado não consentia um grão de pó, e, numa palavra, com a simplicidade antiga de tudo que as cercava. Obrigadas pelo seu gênero de vida a procurar elementos de felicidade em trabalhos obstinados, Augustina e Virgínia até então só haviam dado motivos de contentamento a sua mãe, que, secretamente, se felicitava pela perfeição do caráter das filhas. É fácil imaginar os resultados da educação que as duas haviam recebido. Educadas para o comércio, habituadas a só ouvir raciocínios e cálculos tristemente mercantis, não tendo estudado mais do que gramática, escrituração, um pouco de história judaica, a história da França em Le Ragois[32] e lendo somente os autores cuja leitura lhes era permitida pela mãe, suas ideias não tinham adquirido grande descortino; conheciam perfeitamente os arranjos domésticos, sabiam o preço das coisas, avaliavam as dificuldades que há em juntar dinheiro, eram econômicas e tinham grande respeito às qualidades do negociante. Apesar da fortuna do pai, eram tão hábeis em

cerzir como em remendar: seguidamente a mãe falava em ensinar-lhes a cozinhar, a fim de que soubessem determinar um jantar e repreender a cozinheira com conhecimento de causa. Ignorando os prazeres sociais e vendo como se escoava a vida exemplar dos pais, bem raramente deixavam ir o olhar além do recinto da velha casa patrimonial, que para a mãe delas era todo o universo. As reuniões motivadas pelas solenidades de família constituíam todo o futuro de suas alegrias terrenas. Quando o grande salão, situado no segundo andar, se abria para receber a sra. Roguin — uma srta. Chevrel, mais moça quinze anos do que a prima e que usava diamantes; o jovem Rabourdin, subchefe das Finanças; o sr. César Birotteau, rico perfumista, e sua mulher, a quem chamavam sra. César; o sr. Camusot, o mais rico comerciante de sedas da rue des Bourdonnais, e seu sogro, o sr. Cardot; dois ou três velhos banqueiros e mulheres irrepreensíveis —, os aprestos devidos ao modo como eram empacotados a prataria, as porcelanas de Saxe, as velas, os cristais, traziam uma variante à vida monótona daquelas três mulheres que iam e vinham, movimentando-se tanto quanto religiosas para a recepção de um bispo. Depois, quando, à noite, cansadas as três de terem limpado, esfregado, desempacotado, posto no lugar os ornamentos da festa, as duas filhas ajudavam a mãe a deitar-se, a sra. Guillaume dizia-lhes:

— Nada fizemos hoje, minhas filhas!

Quando, nessas assembleias solenes, a irmã porteira permitia que dançassem, removendo as partidas de bóston, de uíste e de gamão para o seu quarto de dormir, essa concessão era classificada entre as felicidades mais inesperadas e causava uma ventura igual à de ir a dois ou três grandes bailes, aonde Guillaume levava as filhas na época do Carnaval. Enfim, uma vez por ano, o honesto negociante dava uma festa, para a qual nada era poupado. Por mais ricas e elegantes que fossem as pessoas convidadas, ninguém se lembrava de faltar, pois as mais importantes casas da praça recorriam ao imenso crédito, à fortuna ou à velha experiência do sr. Guillaume. Mas as duas filhas desse digno negociante

não aproveitavam tanto como se poderia supor das lições que a sociedade oferece às almas jovens. Apresentavam-se nessas reuniões, aliás inscritas na lista dos vencimentos de letras da casa, com vestidos e adornos cuja mesquinhez as fazia corar. O modo como dançavam nada tinha de notável, e a vigilância materna não lhes permitia manter uma conversação mais do que por meio de "sim" e de "não" com os seus pares. Demais, a lei da velha tabuleta do "Chat-qui- pelote" ordenava-lhes estar de volta às onze horas, momento em que bailes e festas começavam a animar-se. Assim é que os seus prazeres, aparentemente de acordo com a riqueza do pai, se tornavam muitas vezes insípidos por circunstâncias decorrentes dos hábitos e princípios da família. Quanto à sua vida habitual, uma única observação bastará para completar a pintura. A sra. Guillaume exigia que as duas filhas estivessem vestidas muito cedo, que descessem todos os dias à mesma hora e submetia suas ocupações a uma regularidade monástica. Entretanto, Augustina recebera do acaso uma alma bastante elevada para que não sentisse o vazio dessa existência. Seus olhos azuis por vezes se erguiam como para interrogar as profundezas daquela escada sombria e daquela loja úmida. Depois de haver sondado aquele silêncio de claustro, ela parecia ouvir ao longe confusas revelações dessa vida de paixões que dá maior valor aos sentimentos do que às coisas; em tais momentos, seu rosto criava cor, suas mãos inativas deixavam a branca musselina cair sobre o carvalho polido do balcão, e logo sua mãe lhe dizia com uma voz que se conservava sempre desagradável, mesmo nos tons mais suaves:

— Augustina! Em que estás pensando, minha joia?

É possível que *Hipólito, conde de Douglas* e o *Conde de Comminges*, [33] dois romances achados por Augustina no armário de uma cozinheira recentemente despedida pela sra. Guillaume, tivessem contribuído para desenvolver as ideias da rapariga, que os devorara furtivamente durante as longas noites do inverno anterior. As expressões de vago desejo, a voz suave, a pele de jasmim e os olhos azuis de Augustina tinham, pois,

acendido na alma do pobre Lebas um amor tão violento quanto respeitoso. Por um capricho fácil de ser compreendido, Augustina não sentia nenhuma inclinação pelo órfão: talvez por não saber que era amada. Em compensação, as pernas compridas, os cabelos castanhos, as mãos grandes e a aparência vigorosa do primeiro caixeiro tinham causado uma secreta admiração à srta. Virgínia, a qual, não obstante seus cinquenta mil escudos de dote, não fora pedida em casamento por ninguém. Nada mais natural do que essas duas paixões desencontradas, nascidas no silêncio daqueles obscuros escritórios, como florescem violetas na profundeza de um bosque. A muda e constante contemplação que reunia os olhos dessa gente moça por uma necessidade de distrações, em meio a trabalhos obstinados e uma paz religiosa, tinha de, cedo ou tarde, excitar sentimentos de amor. O hábito de ver constantemente uma pessoa faz descobrir nela, insensivelmente, as qualidades da alma e acaba por fazer desaparecer os defeitos.

"Do jeito por que vai este homem, nossas filhas não tardarão a pôr-se de joelhos ante um pretendente!", disse consigo o sr. Guillaume, ao ler o primeiro decreto pelo qual Napoleão antecipava a idade para o recrutamento.

Desde esse dia, desesperado por ver a filha mais velha emurchecer, o velho negociante recordou-se de ter casado com a srta. Chevrel pouco mais ou menos nas mesmas condições em que se achavam José Lebas e Virgínia. Que bom negócio casar a filha e saldar uma dívida sagrada, prestando a um órfão o benefício que em outros tempos recebera de seu predecessor nas mesmas circunstâncias! Com trinta e três anos de idade, José Lebas pensava nos obstáculos que quinze anos de diferença punham entre Augustina e ele. Demasiado perspicaz para não perceber as intenções do sr. Guillaume, conhecia-lhe muito bem os princípios inexoráveis para saber que a mais moça jamais casaria antes da primogênita. O pobre caixeiro, cujo coração era tão bem formado quanto suas pernas eram compridas e seu busto atarracado, sofria, pois, em

silêncio.

Assim estavam as coisas naquela pequena república, que, no meio da rue Saint-Denis, se assemelhava bastante a uma sucursal da Trappe.[34] Mas para dar uma ideia exata dos acontecimentos exteriores, como dos sentimentos, é necessário retornar a alguns meses antes da cena pela qual começa esta história. Ao anoitecer, um rapaz, ao passar pela obscura loja do “Chat-qui-pelote”, ficara um momento a contemplar o aspecto de um quadro que teria feito parar todos os pintores do mundo. A loja, não estando ainda iluminada, formava um plano escuro, no fundo da qual se via a sala de jantar do negociante. Uma lâmpada astral esparzia ali a luz amarela que dá tanta graça às telas da escola holandesa. As toalhas alvas, a prataria, os cristais formavam acessórios brilhantes mais embelezados ainda pelos contrastes de luz e sombra. A figura do pai de família e a de sua mulher, o semblante dos caixeiros e as formas puras de Augustina, a dois passos da qual se achava uma pesada rapariga bochechuda, compunham um grupo de tal modo curioso, as cabeças eram tão originais, e cada caráter tinha uma expressão tão franca, adivinhava-se tão bem a paz, o silêncio e a vida modesta daquela família que, para um artista acostumado a exprimir a natureza, havia qualquer coisa de desesperador em querer reproduzir essa cena fortuita. O transeunte era um jovem pintor que, sete anos antes, tinha conquistado o grande prêmio de pintura. Voltava de Roma. Sua alma nutrida de poesia, seus olhos saturados de Rafael e de Michelangelo tinham sede da verdadeira natureza, depois de uma longa permanência no país pomposo onde a arte lançara por tudo a sua grandiosidade. Falso ou justo, tal era o seu sentimento pessoal. Entregue por muito tempo à fuga das paixões italianas, seu coração suspirava por uma dessas virgens modestas e sonhadoras que, infelizmente, só pudera encontrar em pintura, em Roma. Do entusiasmo impresso em sua alma, exaltada pelo quadro natural que estava contemplando, passou suavemente a uma profunda admiração à figura principal: Augustina parecia pensativa e não comia;

por uma disposição da lâmpada, cuja luz lhe caía em cheio no rosto, seu busto parecia mover-se num círculo de fogo que lhe destacava mais nitidamente os contornos da cabeça e a iluminava de um modo quase sobrenatural. O artista comparou-a involuntariamente a um anjo exilado, com a nostalgia do céu. Uma sensação quase desconhecida, um amor límpido e fervente inundou-lhe o coração. Depois de ter ficado durante um momento como que esmagado sob o peso de suas ideias, arrancou-se à sua felicidade, voltou para casa, não comeu, não dormiu. No dia seguinte entrou no seu ateliê e dele só saiu depois de ter lançado numa tela a magia daquela cena que de algum modo o tinha fanatizado. Enquanto não possuiu um fiel retrato do seu ídolo, sua felicidade não foi completa. Passou várias vezes pela frente da casa do "Chat-qui-pelote": atreveu-se mesmo a entrar uma ou duas vezes, sob um disfarce, a fim de ver de mais perto a encantadora criatura que a sra. Guillaume cobria com a sua asa. Durante oito meses inteiros, entregue ao seu amor e aos seus pincéis, permaneceu invisível para os amigos, até os mais íntimos, esquecendo as rodas sociais, a poesia, o teatro, a música e seus hábitos mais queridos. Girodet,[35] certa manhã, forçou todas essas ordens que os artistas conhecem e sabem fraudar, conseguindo chegar junto a ele, e acordando-o com esta pergunta:

— Que vais expor no Salão?

O artista toma da mão do amigo, leva-o ao seu ateliê, descobre um pequeno quadro de cavalete e um retrato. Depois de lenta e ávida contemplação das duas obras-primas, Girodet salta ao pescoço do seu camarada e beija-o sem achar o que lhe dizer. Suas emoções não podiam ser expressas, a não ser como ele as sentia, de alma para alma.

— Estás apaixonado? — indagou Girodet.

Ambos sabiam que os mais belos retratos de Ticiano, de Rafael e de Leonardo da Vinci eram devidos a sentimentos exaltados, que, sob múltiplas condições, engendram, aliás, todas as obras-primas. Como única resposta, o jovem artista curvou a cabeça.

— Que sorte tens tu de poder estar apaixonado aqui, de volta da Itália! Não te aconselho a expor obras como essas no Salão — acrescentou o grande pintor. — Olha, esses dois quadros não seriam ali compreendidos. Essas cores verdadeiras, esse trabalho prodigioso ainda não podem ser apreciados; o público não está mais acostumado a tanta profundeza. Os quadros que nós pintamos, meu amigo, são painéis, são biombos. É preferível fazermos versos, traduzir os antigos! Há mais glória a esperar desse trabalho do que das nossas infelizes telas.

Não obstante esse caridoso conselho, as duas telas foram expostas. A cena do interior fez uma revolução na pintura. Deu origem a esses quadros de estilo, cuja prodigiosa abundância, levada a todas as nossas exposições, poderia fazer crer que são obtidos por processos puramente mecânicos. Quanto ao retrato, são poucos os artistas que não conservam a recordação dessa tela viva, à qual o público, algumas vezes justo em conjunto, atribuiu os louros com que o próprio Girodet a coroou. Os dois quadros viram-se cercados por uma multidão imensa. Esses espectadores, como dizem as mulheres, matavam-se para vê-los. Especuladores, grão-senhores, cobriram-nas de duplos napoleões, mas o artista recusou-se, obstinadamente, a vendê-las e também a fazer cópias.

Ofereceram-lhe uma quantia enorme para fazê-los gravar, mas os negociantes não foram mais felizes do que os amadores. Conquanto essa aventura fizesse ruído na sociedade, não era de molde a chegar ao fundo da pequena Tebaida[36] da rue Saint-Denis. Não obstante, ao vir fazer uma visita à sra. Guillaume, a mulher do notário falou na exposição diante de Augustina, a quem muito queria, e explicou-lhe as suas finalidades. A tagarelice da sra. Roguin inspirou naturalmente a Augustina o desejo de ver os quadros e a temeridade de pedir secretamente à prima que a acompanhasse ao Louvre. A prima foi feliz nas negociações que entabulou junto à sra. Guillaume para obter a autorização de arrancar a priminha a seus tristes trabalhos por cerca de duas horas. A moça penetrou, pois, através da multidão, até o quadro

coroado. Um frêmito fê-la estremecer, como uma folha de bétula, quando se reconheceu. Teve medo e olhou em volta para se reunir à sra. Roguin, da qual se vira separada por uma onda de gente. Em tal momento seus olhos cheios de susto toparam com o semblante inflamado do jovem pintor. Lembrou-se de súbito da fisionomia de um passeante que, curiosa, notara muitas vezes, julgando ser algum novo vizinho.

— Está vendo o que o amor me fez fazer? — sussurrou o artista ao ouvido da tímida criatura, que ficou apavorada com essas palavras.

Ela armou-se de uma coragem sobrenatural para fender a multidão e conseguir chegar junto à prima, que ainda se esforçava por atravessar a massa de povo que a impedia de chegar perto do quadro.

— A senhora ficaria asfixiada — exclamou Augustina. — Vamos embora.

Mas há no Salão certos momentos durante os quais duas mulheres nem sempre têm liberdade de se movimentar como querem nas galerias. A srta. Guillaume e sua prima foram empurradas até a alguns passos do segundo quadro, em consequência dos movimentos irregulares que a multidão lhes imprimia.

Quis o acaso que elas tivessem a facilidade de se aproximar, juntas, da tela ilustrada pela moda, dessa vez conforme com o talento. A mulher do notário soltou uma exclamação de surpresa que se perdeu no burburinho e tumulto da multidão, mas Augustina chorou involuntariamente, ante o aspecto daquela cena maravilhosa. Depois, por um sentimento quase inexplicável, pôs um dedo sobre os lábios ao avistar a dois passos a figura extática do jovem artista. O desconhecido respondeu-lhe com um aceno de cabeça, designando a sra. Roguin como um desmancha-prazeres, a fim de mostrar a Augustina que a compreendera. Essa pantomima acendeu como que um braseiro no corpo da pobre rapariga, que se sentia criminosa por imaginar que acabava de se estabelecer um pacto entre ela e o jovem artista. Um calor abafante, o contínuo aspecto de brilhantes *toilettes* e o atordoamento que produzia em Augustina a verdade das

cores, a multidão das figuras vivas ou pintadas, a profusão das molduras de ouro, fizeram-na experimentar uma espécie de embriaguez que redobrou seus temores. Teria, talvez, desmaiado se, apesar daquele caos de sensações, não lhe houvesse surgido no fundo do coração um gozo desconhecido, que lhe vivificou todo o ser. Não obstante, julgou-se sob o poder desse demônio, cujas terríveis armadilhas lhe eram preditas pela voz trovejante dos pregadores. Aquele momento foi para ela como uma aura de loucura. Viu-se acompanhada até o carro da prima por aquele rapaz, resplandecente de amor e felicidade. Presa de uma irritação inteiramente nova, de uma embriaguez que, de algum modo, a entregava à natureza, Augustina atendeu à voz eloquente de seu coração e olhou por várias vezes para o jovem pintor, deixando que transparecesse o enleio que dela se apoderara. Nunca o rubor de suas faces formara mais vigoroso contraste com a alvura de sua tez. O artista pôde ver então aquela beleza em todo o seu viço, aquele pudor em toda a sua glória. Augustina sentiu uma espécie de alegria, mesclada de terror, ao pensar que sua presença causava a felicidade daquele cujo nome estava em todas as bocas, cujo talento dava imortalidade a imagens passageiras. Era amada! Impossível duvidar! Quando não viu mais o artista, ouvia ainda ecoar-lhe no coração aquelas palavras simples: “Está vendo o que o amor me fez fazer?”. E as palpitações, tornadas mais intensas, davam-lhe a impressão de dor, porque seu sangue, mais ardente, lhe despertara no corpo potências ignoradas. Fingiu estar com uma forte dor de cabeça para evitar responder às perguntas da prima a propósito dos quadros; mas na volta a sra. Roguin não se conteve e contou à sra. Guillaume da celebridade alcançada pelo “Chat-qui-pelote”, e Augustina ficou toda a tremer ao ouvir a mãe dizer que iria ao Salão para lá ver sua casa. A moça tornou a insistir sobre a sua dor de cabeça e teve licença para se ir deitar.

— Aí está o que se ganha com todos esses espetáculos — resmungou o sr. Guillaume: dores de cabeça. Que gosto se pode achar em ver em pintura aquilo que a gente vê todos os dias na nossa rua! Não me falem

nesses artistas que são, como esses tais escritores, uns mortos de fome. Que necessidade têm eles de pegar a minha casa para vilipendiá-la em seus quadros?

— Isso poderá fazer com que vendamos algumas varas de fazenda a mais — disse José Lebas.

Essa observação, contudo, não impediu que as artes e o pensamento fossem mais uma vez condenados no Tribunal dos Negócios. Como bem se podia imaginar, tais palavras não deram grandes esperanças a Augustina, que se entregou durante toda a noite à primeira meditação do amor. Os acontecimentos daquele dia foram como um sonho, que ela se comprazeu em reproduzir em pensamento. Iniciou-se nos temores, nas esperanças, nos remorsos, em todas essas ondulações de sentimento que deviam embalar um coração simples e tímido como o dela. Que vazio reconheceu naquela casa escura e que tesouro encontrou em sua alma! Ser a mulher de um homem de talento e partilhar-lhe a glória! Que devastações esse pensamento não deveria ocasionar no coração de uma criança, educada no seio daquela família! Que esperança não deveria despertar numa jovem criatura que, nutrida até então de princípios vulgares, aspirava a uma vida elegante! Em sua prisão penetrara um raio de sol. Augustina amou, de súbito. Tantos sentimentos tinham sido, simultaneamente, lisonjeados nela, que sucumbiu sem nada calcular. Aos dezoito anos, o amor não atira seu prisma entre o mundo e os olhos de uma rapariga? Incapaz de adivinhar os rudes embates que resultam da união de uma mulher amorosa com um homem de imaginação, acreditou ter sido chamada para fazer a felicidade deste, sem dar pelas disparidades existentes entre ambos. Para ela o presente foi todo o futuro. Quando no dia seguinte seus pais voltaram do Salão, suas fisionomias tristonhas anunciavam certo desapontamento. Em primeiro lugar, os dois quadros tinham sido retirados pelo pintor; depois, a sra. Guillaume perdera seu xale de cachemira. Saber que os quadros acabavam de desaparecer depois de sua visita ao Salão foi para Augustina a revelação de uma delicadeza de

sentimento que as mulheres sabem apreciar, mesmo instintivamente.

Na manhã em que, ao voltar de um baile, Teodoro de Sommervieux — tal foi o nome que a fama trouxera ao coração de Augustina — fora aspergido pelos caixeiros do “Chat-qui-pelote”, enquanto esperava o aparecimento de sua inocente amiga, que, indiscutivelmente, não o sabia ali, os dois namorados viam-se apenas pela quarta vez desde a cena do Salão. Os obstáculos que o regime da casa Guillaume opunha ao temperamento fogoso do artista davam à sua paixão por Augustina uma violência fácil de se conceber. Como abordar uma jovem sentada num escritório, entre duas mulheres tais como a srta. Virgínia e a sra. Guillaume? Como corresponder-se com ela, uma vez que a mãe não a deixava nunca? Com a habilidade própria dos amantes em imaginar desgraças, Teodoro criava um rival num dos empregados da casa e punha os outros no interesse daquele. Se escapasse a tantos Argos, via-se naufragando sob o olhar severo do velho negociante ou da sra. Guillaume. Por toda parte barreiras, por toda parte o desespero! A própria violência da paixão impedia o jovem pintor de achar esses engenhosos expedientes que, quer entre os prisioneiros, quer entre os amantes, parecem ser o último esforço da razão exaltada por uma necessidade selvagem de liberdade ou pelo fogo do amor. Teodoro perambulava pelo bairro com a atividade de um louco, como se o movimento lhe pudesse sugerir alguns ardis. Depois de muito torturar a imaginação, inventou peitar a gorducha criada. Trocaram-se, pois, de longe em longe, algumas cartas, durante a quinzena que se seguiu à desastrada manhã em que o sr. Guillaume e Teodoro tão atentamente se haviam examinado.

Nesse período, os dois jovens tinham combinado ver-se a certa hora do dia e nos domingos, em Saint-Leu, durante a missa e às vésperas. Augustina mandara ao seu querido Teodoro a lista dos parentes e amigos da família, em casa dos quais o jovem pintor procurou ter entrada, a fim de fazer interessar nas suas amorosas aspirações, se possível, uma daquelas almas ocupadas com assuntos de dinheiro, de comércio, e para

as quais uma paixão verdadeira deveria ser a mais monstruosa especulação, uma especulação inaudita. Aliás, nenhuma mudança houve nos hábitos do “Chat-qui-pelote”. Se Augustina se mostrou distraída, se, contra todos os preceitos de obediência às leis orgânicas da casa, ela subia até seu quarto para ir, por meio de um vaso de flores, preparar sinais; se suspirou, se pensou, ninguém, nem a própria mãe, o percebeu. Essa circunstância causará alguma surpresa aos que tiverem compreendido o espírito daquela casa, na qual um pensamento eivado de poesia devia produzir contraste com os seres e com as coisas, e onde ninguém podia permitir-se nem um gesto nem um olhar que não fossem vistos e analisados. Entretanto, nada mais natural: o barco tão tranquilo que navegava no mar tormentoso da praça de Paris, sob o pavilhão do “Chat-qui-pelote”, era presa de uma dessas tempestades a que poderíamos chamar equinociais, em razão dos seus ciclos periódicos. Fazia quinze dias, os cinco homens da equipagem, a sra. Guillaume e a srta. Virgínia estavam entregues a esse trabalho excessivo designado pelo nome de balanço. Mexiam em todos os fardos e mediam as peças de fazenda para verificar o valor exato do que ficava. Examinavam cuidadosamente a etiqueta apensa ao pacote para verificar a data em que o pano fora comprado. Fixavam-lhe o preço atual. Sempre de pé, com a medida na mão e a caneta atrás da orelha, o sr. Guillaume assemelhava-se a um capitão dirigindo a manobra. Sua voz aguda, ao passar por um postigo para interrogar a profundeza das escotilhas do armazém, fazia ouvir as bárbaras locuções do comércio, que só se exprime por enigmas: “Quanto H-N-Z?”; “Esgotado.”; “Que resta de Q-X?”; “Duas varas.”; “Que preço?”; “Cinco-cinco-três.” Outras mil frases, todas tão inteligíveis como aquelas, roncavam através dos escritórios como versos da poesia moderna que românticos citassem entre si a fim de manter o entusiasmo por um de seus poetas. À noite, Guillaume, encerrado com o primeiro caixeiro e a mulher, verificava contas, debitava outras, escrevia aos retardatários e redigia faturas. Os três preparavam esse imenso trabalho

cujo resultado cabia num quadrado de papel almaço e provava à casa Guillaume que existia tanto em dinheiro, tanto em mercadorias, tanto em cheques e letras; que ela não devia um vintém, que lhe deviam cem ou duzentos mil francos; que o capital tinha aumentado; que as granjas, as casas, os rendimentos iam ser arredondados, ou consertados, ou duplicados. Daí resultava a necessidade de se começar com mais ardor do que nunca a recolher novos escudos, sem que ocorresse àquelas corajosas formigas perguntar a si mesmas: “Para quê?”.

Graças àquele tumulto anual, a feliz Augustina ia escapando à investigação daqueles Argos. Finalmente, num sábado à noite, deu-se o encerramento do balanço. As cifras do total ativo apresentavam suficientes zeros para que nessa circunstância o sr. Guillaume levantasse a proibição severa que reinava durante todo o ano, no momento da sobremesa. O manhoso negociante esfregou as mãos e permitiu que os caixeiros ficassem à mesa. No momento em que os homens da equipagem acabavam de tomar seu cálice de licor caseiro, ouviu-se o rodar de uma carruagem. A família foi ver *A Borralheira*[37] no Teatro das Variedades, enquanto os dois últimos caixeiros receberam um escudo de seis francos cada um e a permissão de ir aonde bem lhes parecesse, contanto que estivessem de volta à meia-noite. Apesar dessa estroinice, no domingo de manhã o velho negociante fez a barba às seis horas, esfarpelou-se no seu traje cor de castanha, cujos reflexos soberbos lhe causavam sempre o mesmo contentamento, prendeu os pendentes de ouro nas presilhas de seus amplos calções de seda; depois, cerca das sete horas, enquanto na casa todos ainda dormiam, dirigiu-se ao pequeno gabinete contíguo à sua loja do primeiro andar. A luz vinha de uma janela defendida por grossas barras de ferro e que dava para um pequeno pátio quadrado formado por muros tão escuros que o faziam assemelhar-se a um poço. O próprio negociante abriu aquelas gelosias guarnecidas de lata que ele tão bem conhecia e levantou a metade da vidraça, fazendo-a subir no seu encaixe. O ar gelado do pátio veio refrescar a atmosfera quente daquele gabinete,

que exalava o cheiro particular dos escritórios. O negociante permaneceu de pé, com a mão descansando sobre o braço sebento de uma poltrona de vime, forrada de marroquim, cuja cor primitiva desaparecera, e parecia hesitar em assentar-se nela. Olhou com ar enternecido a escrivaninha de duas estantes, na qual o lugar de sua mulher estava reservado, do lado oposto ao dele, por uma pequena arcada aberta na parede. Contemplou os cartões numerados, os barbantes, os utensílios, os ferros para marcar o pano, a caixa, objetos de origem imemorial, e julgou rever-se ante a evocação da sombra de *sieur Chevrel*. Chegou a puxar a banqueta na qual se sentara outrora em presença do falecido patrão. Essa banqueta, forrada de couro negro e cuja crina escapava, fazia muito, pelos cantos, mas sem se perder, ele colocou-a com mão trêmula no mesmo lugar em que seu predecessor a pusera; depois, numa agitação difícil de descrever, puxou a campainha que correspondia à cabeceira da cama de José Lebas. Depois de ter dado esse golpe decisivo, o ancião, para quem essas recordações foram sem dúvida muito pesadas, pegou três ou quatro letras de câmbio que lhe haviam sido apresentadas e olhou-as sem as ver, no momento em que José Lebas apareceu subitamente.

— Sente-se ali — disse-lhe Guillaume indicando-lhe a banqueta.

Como nunca o velho comerciante o fizera sentar-se diante dele, José Lebas estremeceu.

— Que pensa destas letras? — perguntou Guillaume.

— Não serão pagas.

— Como?

— Eu soube que anteontem Etienne e companhia fizeram seus pagamentos em ouro.

— Oh! Oh! — exclamou o negociante. — É preciso estar bem doente para deixar ver o que se tem no bestunto. Mas falemos de outra coisa. José, está terminado o balanço?

— Sim, senhor, e o dividendo é um dos mais belos que o senhor já teve.

— Por favor, não empregue esses termos novos. Diga “o produto”, José. Sabe, meu rapaz, que é um pouco a você que devemos esse resultado? Por isso não quero mais que você tenha ordenado. A senhora Guillaume sugeriu-me a ideia de lhe oferecer interesses na casa. Que diz, José? Guillaume e Lebas, não acha que esses dois nomes assentariam bem para uma razão social? Poder-se-ia acrescentar *e Companhia*, para arredondar a assinatura.

Os olhos de José Lebas arrasaram-se de lágrimas, procurando ele escondê-las.

— Ah! Sr. Guillaume, como pude eu merecer tantas bondades? Não faço mais do que o meu dever. Já era muito que o senhor se interessasse por um pobre órf...

Escovava o punho da manga esquerda com a direita e não se animava a olhar o velho, que sorria, ao pensar que aquele modesto rapaz precisava sem dúvida, como ele em outros tempos, ser encorajado para completar a explicação.

— Entretanto — continuou o pai de Virgínia —, você não merece muito esse favor, José! Você não deposita em mim a mesma confiança que eu deposito em você. (O caixeiro ergueu repentinamente a cabeça.) — Você tem o segredo do cofre. Faz dois anos que eu o mantenho ao corrente de quase todos os meus negócios. Eu o fiz viajar, ir às fábricas. Enfim, para você não tenho segredos. Mas e você! Sei que tem uma inclinação por alguém e nunca me disse nada. (José Lebas corou.) — Ah! Ah! — exclamou Guillaume. — Pensava enganar uma velha raposa como eu? Eu, a quem você viu adivinhar a falência de Lecoq!

— Como, senhor? — disse José Lebas, examinando o patrão com a mesma atenção com que este o examinava. — Como o senhor saberá a quem eu amo?

— Sei tudo, seu patife — disse-lhe o respeitável e manhoso negociante, puxando-lhe a ponta da orelha. — E perdoo, porque também fiz o mesmo.

— E consentirá no casamento?

— Sim, com cinquenta mil escudos, e te legarei outro tanto. Além disso, entraremos em novas despesas com nova razão social. Faremos grandes negócios, meu rapaz! — exclamou o velho, exaltando-se, pondo-se de pé e agitando os braços. — Vês, meu genro, não há nada como o comércio! Os que perguntam que prazer achamos nisso são uns imbecis. Estar na pista dos negócios, saber orientar-se na praça, esperar com ansiedade, como no jogo, se os Etienne e companhia abrirão falência, ver um regimento da guarda imperial passar com uniformes feitos com a nossa fazenda, dar uma rasteira no vizinho, lealmente, já se vê! Fabricar mais barato do que os outros; acompanhar as várias fases de um negócio que delineamos, que começa, cresce, cambaleia e vence; conhecer como um chefe de polícia todas as molas das casas de comércio, para não dar um passo em falso; manter-se de pé diante dos naufrágios; ter amigos por correspondência em todas as cidades manufatureiras. Não é isso um jogo perpétuo, José? Mas isso é viver! Morrerei nessa barafunda, como o velho Chevrel, mas só aguentando o que me convier.

No calor do seu improviso, o velho Guillaume quase não olhara para o seu caixeiro, o qual chorava a bom chorar.

— Então que é isso, meu rapaz, que tens, José?

— Ah! Senhor Guillaume, eu a amo tanto, tanto, que o coração quase quer parar, creio...

— Pois bem, rapaz — disse o negociante, enternecido —, és mais feliz do que pensas, com os diabos, porque ela te ama. Isso sei eu.

E piscou os dois olhinhos verdes, ao fitar o empregado.

— Senhorita Augustina, senhorita Augustina! — exclamou José no seu entusiasmo.

Ia precipitar-se para fora do gabinete, quando se sentiu deter por um braço de ferro, e o patrão estupefato puxou-o vigorosamente para si.

— Que tem Augustina que ver com este negócio? — perguntou Guillaume, cuja voz enregelou instantaneamente o infeliz José Lebas.

— Não é ela... que... que eu amo? — disse o caixeiro, balbuciando.

Desconcertado por sua falta de perspicácia, Guillaume tornou a sentar-se e agarrou com as duas mãos a cabeça bicuda para refletir sobre a situação singular em que se achava. José Lebas, envergonhado e em pleno desespero, ficou de pé.

— José — disse o negociante com fria dignidade —, eu lhe estava falando de Virgínia. O amor não é coisa que se ordene, sei disso. Conheço a sua discrição; esqueceremos disso. Jamais casarei Augustina antes de Virgínia. Seu interesse será de dez por cento.

O caixeiro, no qual o amor insuflara não sei que grau de coragem e de eloquência, juntou as mãos, tomou a palavra, falou a Guillaume durante um quarto de hora com tanto calor e sensibilidade que a situação se modificou. Se se tratasse de um negócio comercial, o velho negociante teria tido regras fixas para tomar uma resolução; mas atirado a mil léguas do comércio, sobre o mar dos sentimentos e sem bússola, flutuou irresoluto diante de um acontecimento tão original, pensou ele.

Levado por sua natural bondade, disse umas coisas sem nexo.

— Que diabo, José, não ignoras que tive minhas duas filhas com dez anos de intervalo! A senhorita Chevrel não era bonita, e não obstante não tem razão de queixa contra mim. Faze como eu. Enfim, deixa de chorar, não sejas tolo. Que queres? Talvez as coisas se possam arrumar, veremos. Sempre há meio de sairmos de um embrulho. Nós, homens, não somos sempre Céladons[38] para as nossas mulheres. Estás ouvindo? A senhora Guillaume é devota e... Vamos, com os diabos, meu filho, podes dar hoje o braço a Augustina para ir à missa.

Tais foram as frases proferidas, ao acaso, por Guillaume. A conclusão que as rematava encantou o apaixonado caixeiro. Já pensava em um de seus amigos para Virgínia, quando saiu do gabinete enfumaçado, depois de haver apertado a mão do futuro sogro e de lhe ter dito com um arzinho de cumplicidade que tudo se resolveria do melhor modo.

— Que irá pensar a senhora Guillaume? — Essa ideia atormentou prodigiosamente o honrado negociante, quando se viu só.

Depois do almoço, a sra. Guillaume e Virgínia, às quais o negociante deixara provisoriamente na ignorância de seu desapontamento, olharam com malícia para José Lebas, o qual com isso se sentiu profundamente embaraçado. O pudor do caixeiro conciliou-lhe a amizade da sogra. A matrona tornou-se tão alegre que olhou sorrindo para Guillaume e se permitiu alguns leves gracejos de uso imemorial naquelas inocentes famílias. Fez uma alusão às estaturas de José e de Virgínia, para pedir-lhes que se medissem. Essas ninharias preparatórias atraíram algumas nuvens sobre a fronte do chefe da família, e este exibiu mesmo tal amor ao decoro que deu ordem a Augustina para tomar o braço do primeiro caixeiro quando fossem à missa em Saint-Leu. A sra. Guillaume, espantada com essa delicadeza masculina, honrou o marido com um gesto aprovativo. O cortejo saiu da casa, pois, numa ordem que não podia sugerir nenhuma interpretação maliciosa dos vizinhos.

— Não lhe parece, senhorita Augustina — dizia o caixeiro a tremer —, que a esposa de um negociante que tem bom crédito, como o senhor Guillaume, por exemplo, poderia divertir-se um pouco mais do que a senhora sua mãe, usar diamantes, sair de carruagem? Oh! No que me diz respeito, se eu me casasse, me encarregaria de todo o trabalho e quereria ver minha mulher feliz. Não a meteria no meu escritório. Porque, veja, senhorita, no comércio de fazendas, as mulheres hoje não são mais tão necessárias como antigamente. O sr. Guillaume teve razão de proceder como procedeu, e, aliás, era o gosto da esposa. Mas acho que basta uma mulher saber dar uma ajudazinha na contabilidade, na correspondência, no varejo, nas encomendas, nos arranjos domésticos, e só, a fim de não ficar sem fazer nada. Às sete horas, quando a loja fechasse, eu me divertiria, iria ao espetáculo ou a reuniões mundanas. Mas vejo que não me está ouvindo.

— Como não, senhor José! Que diz o senhor da pintura? É uma bela profissão, não acha?

— Sim, conheço um pintor de casas, o sr. Lourdois, que tem dinheiro.

Assim, discreteando, a família chegou à igreja de Saint-Leu. Aí a sra. Guillaume reivindicou seus direitos e fez, pela primeira vez, Augustina sentar-se a seu lado. Virgínia sentou-se na quarta cadeira, ao lado de Lebas. Durante o sermão tudo correu bem entre Augustina e Teodoro, o qual, de pé, por trás de um pilar, orava à sua madona com fervor; mas, na elevação, a sra. Guillaume descobriu, um pouco tarde, que o livro de Horas de Augustina estava de pernas para o ar. Já se dispunha a ralhar severamente com ela quando, tendo baixado o véu, interrompeu sua leitura e pôs-se a olhar na direção preferida pelos olhos da filha. Com o auxílio dos óculos, viu o jovem artista, cuja elegância mundana anunciava mais qualquer capitão de cavalaria em licença do que um negociante do bairro. É difícil imaginar o estado de violenta irritação em que ficou a sra. Guillaume, que se lisonjeava de ter educado perfeitamente as filhas, ao verificar a existência, no coração de Augustina, de um amor clandestino, cujo perigo foi exagerado por sua extrema reserva e ignorância. Julgou a filha gangrenada até o coração.

— Antes de mais nada, senhorita, segure direito o livro — disse ela em voz baixa, mas tremendo de raiva.

Puxou iradamente as Horas acusadoras e colocou-as de modo que as letras ficassem no sentido natural.

— Não tenha a infelicidade de pôr os olhos em outro lugar que não nas suas orações, senão terá de avir-se comigo. Depois da missa eu e seu pai teremos de falar-lhe.

Essas palavras produziram na pobre Augustina o efeito de um raio. Sentiu-se desfalecer; mas, atormentada pela dor que sentia e pelo temor de dar um escândalo na igreja, teve a coragem de ocultar suas angústias. Não obstante, era fácil adivinhar o violento estado de alma, ao ver suas Horas tremer nas mãos e as lágrimas cair em cada página que virava. Pelo olhar enfurecido que lhe lançou a sra. Guillaume, o artista viu o perigo que ameaçava seus amores e saiu enraivecido e decidido a tudo ousar.

— Vá para o seu quarto, senhorita! — disse a sra. Guillaume à filha

quando chegaram à casa. — Mandaremos chamá-la, e, sobretudo, lembre-se de não sair.

A conferência que os dois esposos tiveram entre si foi tão secreta que a princípio nada transpirou. Entretanto, Virgínia, que animara a irmã por mil argumentos esperançosos, levou a complacência a ponto de esgueirar-se até a porta do quarto de dormir da mãe, onde se estava processando a discussão, a fim de colher algumas palavras. Na primeira viagem que fez, do terceiro ao segundo andar, ouviu o pai exclamar:

— Senhora, quer matar sua filha?

— Minha pobre querida — disse Virgínia à irmã desolada —, papai está tomando a tua defesa.

— E que querem eles fazer com Teodoro? — perguntou a inocente criatura.

A curiosa Virgínia tornou a descer; mas dessa vez ficou mais tempo a ouvir; veio assim a saber que Lebas amava Augustina. Estava escrito que, naquele dia memorável, uma casa habitualmente tão calma se transformaria num inferno. O sr. Guillaume levou o desespero ao coração de José Lebas ao confiar-lhe a notícia do amor de Augustina a um estranho. Lebas, que aconselhara um amigo a que pedisse a mão da srta. Virgínia, viu por terra as suas esperanças. A srta. Virgínia, acabrunhada por saber que José, de qualquer modo, a tinha recusado, foi presa de forte enxaqueca. A discórdia semeada entre marido e mulher pela explicação que o sr. e a sra. Guillaume tiveram e na qual, pela terceira vez na vida, ficaram em desacordo, manifestou-se de modo terrível. Enfim, às quatro horas da tarde, Augustina, pálida, trêmula, com os olhos vermelhos, compareceu ante os pais. A pobre criança contou ingenuamente a brevíssima história dos seus amores. Tranquilizada pelo exórdio com que o pai iniciara a conferência, no qual lhe prometia ouvi-la em silêncio, armou-se de certa coragem, pronunciando diante dos pais o nome do seu querido Teodoro de Sommervieux, fazendo maliciosamente soar a partícula aristocrática. Entregando-se ao prazer, novo para ela, de falar

de seus sentimentos, teve bastante ousadia para declarar com inocente firmeza que amava o senhor de Sommervieux, que lhe escrevera, e acrescentou com lágrimas nos olhos:

— Seria fazer a minha desgraça se me sacrificassem a outro.

— Mas, Augustina, então você não sabe o que é um pintor? — exclamou a mãe, horrorizada.

— Sra. Guillaume! — disse o velho pai imperativamente, impondo silêncio à mulher. — Augustina — continuou —, os artistas em geral são uns pobres-diabos que não têm vintém. São muito gastadores para não serem sempre uns peraltas. Fui fornecedor do falecido sr. José Vernet, do falecido sr. Lekain e do falecido sr. Noverre.[39] Ah! Se soubesses como esse sr. Noverre, o senhor cavalheiro de Saint-Georges, e sobretudo o senhor Philidor[40] pregaram peças ao pobre velho Chevrel! São uns tipos esquisitos, sei perfeitamente. Todos têm muita lábia, boas maneiras... Ah! Nunca o teu sr. Sumer... Somm...

— De Sommervieux, meu pai!

— Seja, de Sommervieux, como dizes! Nunca ele terá sido tão amável contigo como o senhor cavalheiro de Saint-Georges o foi comigo, no dia em que eu obtive sentença dos cônsules contra ele. Também antigamente eram gente de qualidade.

— Mas, papai, o senhor Teodoro é nobre e me escreveu dizendo que era rico. O pai dele se chamava cavalheiro de Sommervieux, antes da Revolução.

A essas palavras, o sr. Guillaume olhou para a sua terrível cara-metade, que, como mulher contrariada, batia no soalho com a ponta do pé, conservando-se num silêncio sombrio. Evitava até dirigir os olhos enfurecidos para Augustina, parecia deixar ao sr. Guillaume toda a responsabilidade de um assunto tão grave, uma vez que suas opiniões não eram ouvidas. Mas, apesar de sua aparente fleuma, quando viu o marido resignar-se tão calmamente a uma catástrofe que nada tinha de comercial, exclamou:

— Na verdade, senhor... É de uma fraqueza com as suas filhas!... Mas...

O ruído de um carro que se detinha à porta interrompeu repentinamente o sermão que o velho negociante temia. Num instante a sra. Roguin apresentou-se no meio do quarto e, olhando os três atores daquela cena doméstica, disse com ar protetor:

— Sei de tudo, minha prima.

A sra. Roguin tinha um defeito, o de acreditar que a mulher de um notário de Paris podia sempre representar o papel de uma coquete.

— Sei de tudo — repetiu — e venho na arca de Noé, como a pomba, trazendo o ramo de oliveira. Li essa alegoria em *O gênio do cristianismo*[41] — disse, virando-se para a sra. Guillaume. — A comparação deve agradar-lhe, prima. Sabe — acrescentou sorrindo para Augustina — que esse sr. de Sommervieux é um homem encantador? Deu-me esta manhã meu retrato feito com mão de mestre. Vale pelo menos seis mil francos.

A essas palavras bateu de leve no braço do sr. Guillaume. O velho negociante não pôde deixar de fazer com os lábios um forte trejeito que lhe era habitual.

— Conheço muito o sr. de Sommervieux — continuou a pomba. — Faz uns quinze dias que ele comparece às minhas recepções, das quais se constitui a atração. Contou-me todos os seus pesares e me tomou como advogada. Sei, desde hoje de manhã, que ele adora Augustina, e ele a terá. Ah!, prima, não sacuda assim a cabeça em sinal de recusa. Saiba que ele vai ser feito barão e que acaba de ser nomeado cavalheiro da Legião de Honra, pelo próprio imperador, no Salão. Roguin é agora seu tabelião e conhece-lhe todos os negócios. Pois bem! O sr. de Sommervieux possui em belos bens imóveis doze mil libras de renda. Sabe o senhor que o sogro de um homem como ele pode vir a ser alguém, subprefeito, da sua circunscrição, por exemplo? Não viu o sr. Dupont[42] ser feito conde do Império e senador por ter ido, na qualidade de prefeito, cumprimentar o

imperador por sua entrada em Viena? Oh! Este casamento se fará. Adoro esse rapaz. Seu procedimento com Augustina é desses que só se veem nos romances. Acalma-te, querida, serás feliz, e todos quereriam estar no teu lugar. A duquesa de Carigliano, que tem loucura por Sommervieux, frequenta agora minhas recepções. Há línguas maldizentes que afirmam que ela só vai à minha casa por causa dele, como se uma duquesa de ontem estivesse deslocada em casa de uma Chevrel, cuja família tem cem anos de boa burguesia.

— Augustina — continuou a sra. Roguin depois de pequena pausa —, sabes que vi o retrato? Santo Deus! Como é belo! Sabes que o imperador quis vê-lo? Disse rindo ao vice-condestável que, se houvesse muitas mulheres como aquela na sua corte, enquanto está cheia de reis, ele se comprometeria a manter sempre a paz na Europa. Não é lisonjeiro, isso?

As tormentas pelas quais se iniciara aquele dia deviam assemelhar-se às da natureza, trazendo um tempo calmo e sereno. A sra. Roguin desenvolveu tanta sedução nos seus discursos, soube fazer vibrar tantas cordas ao mesmo tempo nos corações secos do sr. e da sra. Guillaume que acabou por encontrar uma da qual pôde tirar partido. Naquela época singular, o comércio e as finanças tinham mais do que nunca a tresloucada mania de aliar-se a grandes senhores, e os generais do Império aproveitaram-se muito bem dessas disposições. O sr. Guillaume erguia-se com veemência contra essa deplorável paixão. Seus axiomas favoritos eram que uma mulher para ser feliz devia casar-se com um homem de sua classe; cedo ou tarde a gente era castigada por ter querido elevar-se demasiado alto; o amor resistia tão pouco aos atritos domésticos que para ser feliz era preciso encontrar num e noutro qualidades bastante sólidas; era preciso que um dos cônjuges não soubesse mais do que o outro, porque antes de mais nada devia haver compreensão mútua. Inventara essa espécie de provérbio de que um marido que falasse grego e a mulher latim corriam o risco de morrer de fome. Comparava esses casamentos aos antigos panos de seda e de lã, nos

quais a seda acaba sempre por cortar a lã. Todavia, há tanta vaidade no fundo do coração humano que a prudência do piloto que tão bem governava o “Chat-qui-pelote” sucumbiu sob a agressiva facúndia da sra. Roguin. A severa sra. Guillaume, antes de mais ninguém, encontrou na inclinação amorosa da filha motivos para derrogar esses princípios e consentir em receber em casa o sr. de Sommervieux, prometendo a si mesma submetê-lo a um exame rigoroso.

O velho negociante foi em busca de José Lebas e o pôs a par dos acontecimentos. Às seis e meia, a sala de jantar, honrada pela presença do pintor, reuniu sob sua claraboia de vidro o sr. e a sra. Roguin, o jovem pintor e sua encantadora Augustina, José Lebas, que suportava pacientemente sua desgraça, e a srta. Virgínia, cuja enxaqueca passara. O sr. e a sra. Guillaume viram em perspectiva as filhas instaladas na vida e os destinos do “Chat-qui-pelote” confiados a mãos hábeis. Sua alegria chegou ao cúmulo quando, à sobremesa, Teodoro presenteou-os com o admirável quadro que não tinham podido ver e que representava o interior daquela velha loja, à qual tanta felicidade se devia.

— Que gentileza! — exclamou Guillaume. — E dizer que queriam dar trinta mil francos por isto!

— Mas é que aí estão as minhas fitas — disse a sra. Guillaume.

— E essas fazendas desdobradas — acrescentou Lebas —, a gente é capaz de agarrá-las com a mão.

— Fazenda sempre se presta muito — respondeu o pintor. — Nós, artistas modernos, nos sentiríamos felicíssimos se chegássemos à perfeição do antigo panejamento.

— Pelo que vejo, gosta do negócio de fazendas — exclamou o velho Guillaume. — Pois então, com os diabos, aperte aqui estes ossos, meu jovem amigo. Uma vez que aprecia o comércio, nós nos entenderemos. E, afinal, por que deveria ele ser desprezado? O mundo começou por aí, pois Adão vendeu o paraíso por uma maçã. Valha a verdade, não foi um alto negócio.

E o velho negociante expandiu-se numa franca e gostosa risada, excitada pelo champanhe que ele fazia circular generosamente. A venda que cobria os olhos do jovem artista era tão espessa que ele achou os futuros parentes amáveis. Chegou até a diverti-los com alguns ditos de bom gosto. Em suma, agradou a todos. À noite, quando o salão mobiliado de coisas opulentas, para nos servirmos da expressão de Guillaume, ficou deserto, enquanto a sra. Guillaume ia da mesa à lareira, do candelabro ao castiçal, apagando precipitadamente as velas, o honrado negociante, que sabia ver claro, assim que se tratava de negócios ou de dinheiro, atraiu Augustina para junto de si e, depois de a ter sentado nos joelhos, fez-lhe o seguinte discurso:

— Minha querida filha, tu te casarás com o teu Sommervieux, já que assim o queres; tens o direito de arriscar teu capital de felicidade. Mas eu não me deixo prender por esses trinta mil francos que se ganham estragando boas telas. O dinheiro que vem tão depressa, depressa se vai. Não é que esse jovem desmiolado disse hoje que, se o dinheiro era redondo, era para rolar? Se para os pródigos ele é redondo, é chato para as pessoas econômicas, que o empilham e acumulam. Ora, pois, minha filha, esse belo rapaz falou em dar-te carruagens e diamantes, não é? Ele tem dinheiro, que o gaste contigo, *bene sit*.[43] Nada tenho a ver com isso. Mas, no que diz respeito ao que eu te dou, não quero que escudos tão penosamente ganhos se vão em carruagens e bugigangas. Quem muito gasta nunca enriquece. Com os cem mil escudos do dote não se pode comprar toda Paris. Embora tenhas de receber um dia algumas centenas de mil francos, tenho a esperança, com os diabos!, de que seja o mais tarde possível. Assim é que levei o teu pretendente para um canto, e um homem que superintendeu a falência Lecoq não teve grande dificuldade em fazer que um artista consentisse em casar com separação de bens. Estarás de olho aberto no contrato, para que sejam bem estipuladas as doações que ele te pretende fazer. Vamos, minha filha, tenho a esperança de ser avô, com os diabos!, e desde já quero ocupar-me

da sorte de meus netos: assim, pois, jura-me agora que nunca assinarás coisa alguma em questão de dinheiro, senão a conselho meu, e, se eu tiver de ir encontrar-me mais cedo do que desejo com o velho Chevrel, jura-me consultar o jovem Lebas, teu cunhado. Prometes?

— Sim, meu pai, juro.

Ditas essas palavras com voz meiga, o velho beijou a filha nas duas faces. Nessa noite, todos os amantes dormiram quase tão serenamente quanto o sr. e a sra. Guillaume.

Poucos meses depois desse domingo memorável, o altar-mor de Saint-Leu presenciou dois casamentos bem diversos. Augustina e Teodoro apresentaram-se com todo o brilho da felicidade, com os olhos cheios de amor, trajando vestes elegantes, servidos por brilhante equipagem. Vindos num carro de aluguel, Virgínia, dando o braço ao pai, seguia a irmã humildemente, vestida com a máxima modéstia, como uma sombra necessária à harmonia daquele quadro.

O sr. Guillaume empenhara-se exaustivamente em obter da igreja que Virgínia casasse antes de Augustina, mas teve a dor de ver o alto e o baixo clero dirigir-se em todas as circunstâncias à mais elegante das noivas. Ouviu alguns vizinhos seus aprovar calorosamente o bom-senso da srta. Virgínia, a qual, segundo diziam, fazia o casamento mais sólido e conservava-se fiel ao bairro, ao passo que atiraram algumas farpas — fruto da inveja — sobre Augustina, que desposava um artista, um nobre. Acrescentaram, com uma espécie de pavor, que, se os Guillaume tinham ambições, o negócio deles estava perdido. Tendo um velho negociante de leques afirmado que aquele come-tudo em breve o deixaria na miséria, o velho Guillaume aplaudiu-se *in petto*[44] pela prudência que empregara na redação das convenções matrimoniais. À noite a família separou-se, depois de suntuoso baile, seguido de uma dessas ceias copiosas, cuja lembrança se vai perdendo na presente geração. O sr. e a sra. Guillaume ficaram no seu palacete da rue du Colombier, onde se realizara o casamento. O sr. e a sra. Lebas voltaram no seu carro de aluguel para a

velha casa da rue Saint-Denis, a fim de ali dirigir a nau do Chat-qui-pelote. O artista, ébrio de felicidade, tomou nos braços a sua querida Augustina, carregou-a vivamente, quando o cupê chegou à rue des Trois-Frères, e levou-a ao seu elegante apartamento.

O ímpeto de paixão que dominava Teodoro fez que um ano, quase, decorresse para o casal sem que a mais leve nuvem viesse toldar a limpidez do azulado céu sob o qual viviam. Para eles a existência nada teve de pesada. Teodoro espalhava por sobre cada dia incríveis *fioriture*[45] de prazeres. Comprazia-se em variar os arrebatamentos da paixão, pela dolente languidez desses repousos em que as almas são projetadas tão alto no êxtase que parecem esquecer a união corporal. Incapaz de refletir, a ditosa Augustina prestava-se ao ritmo ondulante de sua felicidade. Achava não fazer ainda o bastante, entregando-se toda ao amor permitido e santo do casamento. Simples e ingênua, não conhecia nem o coquetismo das recusas nem o domínio que uma jovem de alta sociedade adquire sobre o marido por atilados caprichos. Amava demasiadamente para calcular o futuro e não imaginava que uma vida tão deliciosa pudesse um dia acabar. Feliz por constituir então todos os prazeres do marido, acreditou que aquele inextinguível amor seria sempre para ela o mais belo de todos os adornos, da mesma forma que sua dedicação e obediência seriam eterno atrativo. Enfim, a felicidade do amor tornara-se tão brilhante que sua beleza lhe inspirou orgulho e deu-lhe a consciência de poder reinar sempre sobre um homem tão fácil de inflamar como o sr. de Sommervieux. Assim é que sua qualidade de mulher não lhe trouxe outros ensinamentos mais do que os do amor. No seio daquela felicidade permaneceu ela, a ignorante menina que vivia obscuramente na rue Saint-Denis, e não se lembrou de adquirir os modos, a instrução, o tom da sociedade na qual devia viver. Suas palavras, sendo palavras de amor, nelas punha, é verdade, certa viveza de espírito e certa delicadeza de expressão; mas servia-se da linguagem comum a todas as mulheres quando se acham mergulhadas numa paixão

que parece ser o seu elemento. Se, por acaso, uma ideia discordante das de Teodoro era expressa por Augustina, o jovem artista ria como a gente ri dos primeiros erros que comete um estrangeiro, mas que acabam por cansar se ele não se corrige.

Entretanto, ao expirar aquele ano, tão encantador quanto rápido, Sommervieux sentiu, certa manhã, a necessidade de recomeçar seus trabalhos e seus hábitos. Augustina estava grávida. Ele tornou a ver seus amigos. Durante os longos sofrimentos do ano, em que pela primeira vez uma mulher amamenta um filho, trabalhou, não há dúvida, com o máximo ardor, mas, por vezes, tornou a procurar distrações na alta sociedade. A casa aonde ia de preferência era a da duquesa de Carigliano, que tinha acabado por atrair aos seus salões o célebre artista. Quando Augustina se restabeleceu, quando seu filho deixou de exigir esses cuidados assíduos que vedam a uma mãe os prazeres sociais, Teodoro chegara ao ponto de desejar experimentar esse gozo de amor-próprio que a sociedade nos dá quando nos apresentamos com uma bonita mulher, objeto de inveja e de admiração. Percorrer os salões, aureolada pelo brilho de empréstimo da glória do marido, ver-se invejada por todas as mulheres foi para Augustina uma nova fonte de prazer, mas foi o último lampejo que devia lançar a sua felicidade conjugal. Começou por ferir a vaidade do marido quando, não obstante vãos esforços, deixou transparecer sua ignorância, a impropriedade de sua linguagem e a estreiteza de suas ideias. O caráter de Sommervieux, domado durante quase dois anos e meio pelos primeiros arroubos do amor, retomou, com a tranquilidade de uma posse já menos nova, as inclinações e os hábitos por um momento desviados de seu curso. A poesia, a pintura e os delicados gozos da imaginação possuem sobre os espíritos elevados direitos imprescritíveis. Essas necessidades de uma alma forte não tinham sido amortecidas em Teodoro durante aqueles dois anos, tinham apenas encontrado novo alimento. Depois de os campos do amor terem sido percorridos, depois de o artista, como as crianças, ter colhido rosas e

centáureas com tal avidez que não via que suas mãos não podiam mais contê-las, a cena mudou. Se o pintor mostrava à mulher o esboço de suas mais belas composições, ouvia-a exclamar como o faria o velho Guillaume: “É bem bonito!”. Sua admiração sem entusiasmo provinha não de um sentimento consciente, mas da fé sob palavra, do amor. Augustina preferia um olhar ao mais belo quadro. O único sublime que ela conhecia era o do coração. Enfim, Teodoro não pôde negar a evidência de uma verdade cruel: sua mulher não era sensível à poesia, não vivia na esfera dele, não o acompanhava em todos os seus caprichos, nas suas improvisações, nas suas alegrias, nas suas dores. Ela marchava terra a terra na vida real, ao passo que ele tinha a cabeça nas nuvens. Os espíritos vulgares não podem avaliar os sofrimentos contínuos do ser que, unido a outro pelo mais íntimo de todos os sentimentos, é forçado a recalcar a todo instante as mais caras expansões de seu pensamento e a fazer voltar ao nada as imagens que uma potência mágica o obriga a criar. Para ele esse suplício é tanto mais cruel quanto o sentimento que ele tributa ao companheiro, ordena, como sua primeira lei, nunca dissimular coisa alguma um ao outro e mesclar as efusões do pensamento, da mesma forma que as expansões da alma. Não se enganam impunemente os imperativos da natureza: ela é inexorável como a Necessidade, a qual, certamente, é uma espécie de natureza social. Sommervieux refugiou-se na calma e no silêncio de sua oficina, na esperança de que o hábito de viver com artistas poderia formar sua mulher e nela desenvolver os germes entorpecidos de uma alta inteligência que alguns espíritos superiores julgam preexistentes em todos os seres; mas Augustina era muito sinceramente religiosa para que não se alarmasse com o tom dos artistas. No primeiro jantar que Teodoro deu, ela ouviu um jovem pintor dizer com essa infantil leviandade que ela não soube perceber e que absolve um gracejo de qualquer irreverência:

— Mas, minha senhora, seu paraíso não é mais bonito do que a *Transfiguração* de Rafael, não é? Pois bem, fiquei farto de olhá-la.

Augustina levou, pois, para aquela sociedade espiritual um estado de desconfiança que não escapava a ninguém. Tornou-se um constrangimento. Os artistas quando constrangidos são impiedosos, ou fogem, ou zombam. A sra. Guillaume tinha, entre outros ridículos, o de exagerar a dignidade, que lhe parecia o apanágio das mulheres casadas, e, conquanto Augustina inúmeras vezes tivesse zombado disso, não pôde furtar-se a uma leve imitação da excessiva reserva materna. Esse exagero do pudor, que nem sempre as mulheres virtuosas evitam, sugeriu alguns epigramas a *crayon* cuja graça inocente era de tão bom gosto que Sommervieux não se pôde zangar. Embora esses gracejos tivessem sido mais cruéis, não seriam afinal de contas senão represálias exercidas contra ele por seus amigos. Mas nada podia ser leve para uma alma que como a de Teodoro recebia tão facilmente impressões do exterior. Por isso foi ele insensivelmente invadido por uma frieza que só podia aumentar. Para chegar à felicidade conjugal é preciso escalar uma montanha, cujo estreito planalto está à beira de uma encosta tão íngreme quanto escorregadiça, e o amor do artista a Augustina descia. Achou a mulher incapaz de interpretar as considerações morais que justificavam, aos seus próprios olhos, a singularidade de seus modos para com ela e julgou-se completamente inocente por esconder-lhe pensamentos que ela não compreendia e desvios quase injustificáveis no tribunal de uma consciência burguesa. Augustina fechou-se numa dor sombria e silenciosa. Esses sentimentos secretos estenderam entre os dois esposos um véu que devia espessar-se dia a dia. Sem que o marido fosse desatencioso para com ela, Augustina não podia deixar de tremer ao verificar que ele reservava para a sociedade os tesouros de graça e de espírito que em outros tempos lhe vinha depor aos pés. Em breve, ela interpretou fatalmente os ditos espirituosos proferidos nos salões sobre a inconstância dos homens. Não se lamentou, mas sua atitude equivalia a uma censura. Três anos após o casamento, aquela jovem e bonita mulher, que passava tão brilhante na sua brilhante carruagem, que vivia num

ambiente de glória e de riqueza, invejada por tanta gente despreocupada e incapaz de avaliar com exatidão as situações da vida, foi presa de violentos desgostos. Tornou-se pálida. Refletiu, comparou; depois a desgraça desenrolou os primeiros textos da experiência. Resolveu permanecer corajosamente no círculo de seus deveres, na esperança de que esse procedimento generoso lhe restituísse, mais cedo ou mais tarde, o amor do marido. Tal, porém, não aconteceu. Quando Sommervieux, cansado, saía do ateliê, por mais rapidamente que Augustina escondesse o seu trabalho o pintor via que ela estava cerzindo e remendando a roupa com a minúcia de uma boa dona de casa. Fornecia, generosamente, sem murmurar, o dinheiro necessário às prodigalidades do marido; mas, no desejo de conservar a fortuna de seu querido Teodoro, mostrava-se econômica fosse para com ela, fosse em certos pormenores da administração doméstica. Esse procedimento é incompatível com o deixa-estar dos artistas, os quais, no final da carreira, já gozaram tanto da vida que jamais indagam os motivos da sua ruína. Inútil assinalar cada uma das degradações de cor pelas quais o fulgurante colorido de sua lua de mel se extinguiu e os deixou em profunda escuridão. Uma tarde, a triste Augustina, que havia muito ouvia o marido falar com entusiasmo doentio da duquesa de Carigliano, recebeu de uma amiga alguns avisos maldosamente caridosos sobre a natureza da amizade que Sommervieux concebera por aquela célebre coquete, que dava o tom à corte imperial. Aos vinte e um anos, em todo o esplendor da mocidade e da beleza, Augustina viu-se traída por uma mulher de trinta e seis anos. Sentindo-se infeliz no meio da sociedade e de suas festas para ela desertas, a pobre pequena não mais compreendeu a admiração que inspirava nem a inveja que despertava. Seu semblante adquiriu nova expressão. A melancolia imprimiu-lhe nas feições a doçura da resignação e a palidez de um amor desdenhado. Não tardou em ser cortejada pelos homens mais sedutores, mas conservou-se solitária e virtuosa. Algumas palavras de desdém proferidas descuidadamente pelo marido causaram-lhe incrível

desespero. Um clarão fatal lhe fez entrever as faltas de contato que, em consequência da mesquinhez de sua educação, impediam a união completa de sua alma com a de Teodoro: teve amor bastante para absolvê-lo e condenar-se a si própria. Chorou lágrimas de sangue e reconheceu demasiado tarde que há uniões desiguais de espíritos, da mesma forma como as há de costumes e posição social. Ao pensar nas delícias primaveris de sua união, compreendeu a extensão da felicidade passada e conveio consigo mesma que uma tão rica messe de amor era uma vida inteira que não se podia pagar senão com sofrimento. Entretanto, amava com excessiva sinceridade para que perdesse toda esperança. Por isso animou-se aos vinte e um anos a iniciar sua instrução e a tornar sua imaginação pelo menos digna daquele que admirava. “Se não sou poetisa”, dizia a si mesma, “pelo menos compreenderei a poesia.”

E, desenvolvendo então essa força de vontade, essa energia que todas as mulheres possuem quando amam, a sra. de Sommervieux tentou modificar seu caráter, seus costumes e seus hábitos; mas devorando volumes, aprendendo corajosamente, nada mais conseguiu do que se tornar menos ignorante. A leveza de espírito e a graça na conversação constituem dom da natureza ou fruto de uma educação iniciada no berço. Podia apreciar a música, gozar dela, mas não cantar com gosto. Compreendeu a literatura e as belezas da poesia, mas já era muito tarde para ornar sua memória rebelde. Ouvia com prazer as conversas nas rodas sociais, mas não fornecia nenhuma contribuição brilhante. Suas ideias religiosas e seus preconceitos de infância opunham-se à completa emancipação de sua inteligência. Finalmente insinuara-se contra Augustina, na alma de Teodoro, uma prevenção que ela não pôde vencer. O artista zombava dos que lhe gabavam a esposa, e seus gracejos tinham bastante fundamento: ele se impunha de tal forma àquela jovem e tocante criatura que, em sua presença, ou *tête-à-tête*, ela tremia. Embaraçada pelo seu excessivo desejo de agradar, sentia seu espírito e seus conhecimentos desvanecerem num sentimento único. A própria

fidelidade de Augustina desagradava àquele infiel marido, que parecia induzi-la a cometer faltas, tachando sua virtude de insensibilidade. Debalde, Augustina se esforçou por abdicar de sua razão, por se curvar aos caprichos, às fantasias do marido e dedicar-se ao egoísmo de sua vaidade. Não recolheu os frutos de tal sacrifício. Talvez tivessem os dois deixado passar o momento em que as almas podem compreender-se. Um dia o coração extremamente sensível da jovem esposa recebeu um desses golpes que fazem tão fortemente vergar os laços do sentimento que se pode julgá-los rotos. Ela isolou-se. Mas em breve um pensamento fatal sugeriu-lhe que fosse procurar consolo e conselhos no seio de sua família.

Em vista disso, uma manhã ela se dirigiu à grotesca fachada da humilde e silenciosa casa onde passara a infância. Suspirou ao rever a janela de onde, um dia, enviara seu primeiro beijo àquele que hoje esparzia sobre sua vida tanto glória como infelicidade. Nada mudara no antro onde, contudo, se rejuvenescia o comércio de fazendas. A irmã de Augustina ocupava, no antigo escritório, o lugar da mãe. A jovem aflita encontrou o cunhado com a caneta atrás da orelha. Este a ouviu mal e mal, de tão sobrecarregado de trabalho que estava. Percebiam-se em torno dele os temíveis sinais de um balanço geral. Por esse motivo deixou-a, escusando-se por assim fazer. Foi recebida friamente pela irmã, que lhe manifestou algum rancor. Com efeito, Augustina brilhante, a descer de uma bela carruagem, nunca fora ver a irmã, a não ser de passagem. A esposa do prudente Lebas imaginou que o dinheiro era a causa primeira da matinal visita e tratou de se manter num tom reservado que fez Augustina sorrir por mais de uma vez. A mulher do pintor observou que, salvo as fitas da touca, sua mãe encontrara em Virgínia uma sucessora que mantinha as antigas tradições do “Chat-qui-pelote”. Ao almoço, viu, no regime da casa, certas modificações que faziam honra ao bom-senso de José Lebas: os caixeiros não se levantaram à sobremesa, consentia-se que falassem, e a abundância na mesa revelava uma abastança sem luxo. A jovem elegante encontrou entradas para a

Comédie-Française, onde se lembrou de ter visto a irmã uma vez ou outra. A sra. Lebas trazia nos ombros um xale de cachemira, cuja magnificência testemunhava a generosidade do marido. Enfim, os dois cônjuges marchavam com o seu século. Augustina não tardou em sentir-se enternecida ao verificar, durante os dois terços daquele dia, a felicidade estável, sem exaltação, é verdade, mas também sem tormentas, de que gozavam aqueles dois, evidentemente feitos um para o outro. Ambos haviam aceitado a vida como uma empresa comercial em que se tratava, antes de tudo, de fazer face aos compromissos. A mulher, não tendo encontrado no marido um amor excessivo, aplicara-se em fazê-lo nascer. Levado insensivelmente a estimar, a querer a Virgínia, o tempo empregado pela felicidade para desabrochar foi, para José Lebas e sua mulher, um penhor de duração. Por isso, quando a chorosa Augustina expôs seu doloroso estado, teve de suportar o dilúvio de lugares-comuns que a moral da rue Saint-Denis fornecia à irmã.

— O mal está feito, querida — disse Lebas. — Devemos procurar dar bons conselhos à nossa irmã.

Depois, o hábil negociante analisou ponderadamente os recursos que as leis e os costumes podiam oferecer a Augustina para sair daquela crise; numerou, por assim dizer, as considerações, classificou-as, segundo sua força, em categorias diversas, como se se tratasse de mercadorias de várias qualidades; depois levou-as à balança, pesou-as e concluiu por desenvolver a necessidade em que se achava a cunhada de tomar uma resolução violenta, a qual não satisfez absolutamente o amor que ela ainda sentia ao marido. Por isso, esse sentimento despertou em toda a sua pujança quando ela ouviu José Lebas falar de vias judiciárias. Agradeceu aos dois amigos e voltou para casa mais indecisa ainda do que antes de os consultar. Arriscou-se então a ir ao palacete da rue du Colombier, no intuito de confiar suas desditas aos pais. A pobre mulherzinha lembrava esses doentes que, tendo chegado a um estado desesperador, experimentam todos os remédios e vão ao extremo de

entregar-se a curandeiras. Os dois velhos receberam-na com uma efusão de sentimento que a comoveu. Aquela visita lhes trazia uma distração que para eles valia um tesouro. Fazia quatro anos que iam pela vida como navegantes sem destino e sem bússola. Por isso, no canto de sua lareira, contavam um ao outro todos os desastres do *Maximum*, suas antigas compras de fazendas, o modo pelo qual haviam evitado as bancarrotas e, sobretudo, a célebre falência Lecoq, que era a batalha de Marengo do velho Guillaume. Depois de esgotarem os velhos processos, recapitulavam a soma de seus mais remuneradores balanços e comentavam ainda as velhas histórias da rue Saint-Denis. Às duas horas o velho Guillaume ia dar uma olhada no estabelecimento do "Chat-qui-pelote". Ao voltar fazia escalas em todas as lojas, suas rivais de outros tempos, cujos jovens proprietários esperavam arrastar o velho negociante em alguma operação arriscada que ele, segundo seu hábito, nunca recusava positivamente. Dois possantes cavalos normandos morriam de excesso de gordura na estrebaria do palacete: a sra. Guillaume não os ocupava, a não ser para fazer-se conduzir, aos domingos, à missa solene da paróquia. Três vezes por semana esse respeitável casal oferecia mesa franca. Graças à influência de seu genro Sommervieux, o velho Guillaume fora nomeado membro do conselho consultivo sobre a indumentária da tropa. Desde que seu marido fora assim investido em tão altas funções administrativas, a sra. Guillaume tomara a decisão de manter as aparências. Seu apartamento estava atopetado de tanto enfeite de ouro e prata e de móveis sem gosto, mas de valor certo, que a mais simples peça da casa parecia um oratório. A economia e a prodigalidade pareciam competir em cada um dos acessórios do palacete. Dir-se-ia que o sr. Guillaume tinha tido em vista fazer um emprego de dinheiro até na aquisição de um castiçal. No meio daquele bazar, cuja riqueza revelava a ociosidade do casal, o célebre quadro de Sommervieux obtivera o lugar de honra. Era o consolo do sr. e da sra. Guillaume, que, vinte vezes por dia, dirigiam os olhos equipados de óculos para aquela imagem de sua antiga

existência, tão ativa para eles e tão divertida. O aspecto daquele solar e daqueles apartamentos, onde tudo tinha um odor de velhice e de mediocridade, o espetáculo oferecido por aquelas duas criaturas que pareciam ter dado à costa num rochedo de ouro, longe do mundo e das ideias que fazem viver, surpreendeu Augustina. Naquele momento, ela contemplava a segunda parte do quadro cujo começo a impressionara em casa dos Lebas, o de uma vida agitada, conquanto sem movimento, espécie de existência mecânica e instintiva, semelhante à dos castores. Teve então não sei que orgulho de seus pesares, ao pensar que eles se originavam de uma felicidade de dezoito meses que, a seus olhos, valia por mil existências como aquela cujo vazio lhe causava horror. Entretanto, ocultou esse sentimento pouco caridoso e expandiu ante seus velhos pais os novos atrativos de seu espírito, as faceirices que o amor lhe tinha revelado, e os dispôs favoravelmente para ouvirem suas queixas matrimoniais. As pessoas velhas têm um fraco por essa espécie de confidências. A sra. Guillaume quis ser informada das menores particularidades daquela vida estranha, que para eles tinha qualquer coisa de fabuloso. As viagens do barão de La Hontan, que ela sempre começava sem jamais chegar ao fim, não lhe apresentavam nada tão inaudito sobre os selvagens do Canadá.

— Como é, minha filha, que teu marido se encerra com mulheres nuas e tens a ingenuidade de crer que é para desenhá-las?

Com essa exclamação, a velha senhora depôs os óculos em cima de uma pequena mesa de trabalho, sacudiu as saias e trançou as mãos sobre os joelhos elevados por estar com os pés em cima de um aquecedor, seu pedestal favorito.

— Mas, minha mãe, todos os pintores são obrigados a ter modelos.

— Ele teve o cuidado de não dizer nada disso quando te pediu em casamento. Se eu o tivesse sabido, nunca teria dado minha filha a um homem que exerce semelhante ofício. A religião proíbe esses horrores; não é moral. A que horas disseste que ele volta para casa?

— À uma ou às duas...

Os dois esposos olharam-se com profundo espanto.

— Então ele joga? — disse o sr. Guillaume. — No meu tempo só os jogadores voltavam tão tarde.

Augustina fez um trejeito que negava essa acusação.

— Deve fazer-te passar noites bem cruéis, a esperá-lo — comentou a sra. Guillaume. — Mas não, com certeza tu te deitas, não é? E quando perde, o monstro te acorda, não?

— Não, mamãe, pelo contrário, ele até às vezes fica muito alegre. Até, muitas vezes, quando o tempo está bom, ele me convida para levantar-me e irmos passear ao ar livre.

— Fora de casa, a tais horas? Quer dizer que o teu apartamento é tão pequeno que não lhe bastam o quarto e as salas, e ele precisa correr assim para... Mas é para te resfriar que esse celerado te propõe esses passeios. Quer ver-se livre de ti. Quando é que se viu um homem estabelecido, que tem uma casa de negócio sossegada, sair por esse mundo afora como um lobisomem?

— Mas, minha mãe, a senhora não compreende que para desenvolver seu talento ele precisa de exaltação. Ele gosta muito das cenas que...

— Ah! Cenas é o que lhe vou fazer — exclamou a sra. Guillaume interrompendo a filha. — Como podes ter contemplações com um homem desses? Primeiro que tudo, não me agrada que ele só beba água. Não é bom para a saúde. Por que se mostra ele repugnado quando vê as mulheres comendo? Que mania estranha! Mas é um louco! Tudo isso que nos contaste é impossível. Um homem não pode sair de casa sem nada dizer e só voltar dez dias depois. Ele te disse que esteve em Dieppe para pintar o mar. Quem é que pinta o mar? Ele te impinge patranhas incríveis.

Augustina abriu a boca para defender o marido, mas a sra. Guillaume impôs-lhe silêncio com um gesto de mão, ao qual, por força do hábito, ela obedeceu, e a velha exclamou num tom seco:

— Por favor, não me fales nesse homem! Ele nunca pôs os pés numa igreja senão para te ver e casar contigo. Gente sem religião é capaz de tudo. Quando é que Guillaume se teria lembrado de me esconder qualquer coisa, de ficar três dias sem me dizer patavina e em seguida pôr-se a falar como uma gralha louca?

— Minha querida mãe, a senhora julga com demasiada severidade as pessoas superiores. Se elas tivessem ideias semelhantes às dos outros, não seriam mais criaturas de talento.

— Pois então que as pessoas de talento fiquem na sua casa e não se casem. Como! Um homem de talento fará uma mulher infeliz, e porque ele tem talento, está certo? Talento, talento! Não vejo tanto talento em dizer, como ele, branco e preto a toda hora, a interromper a gente, a mandar e desmandar em casa, a nos fazer andar num pé só, a obrigar uma mulher a não achar graça enquanto seu senhorio não está alegre, a ficar triste quando ele está triste.

— Mas, minha mãe, a razão dessas ideias...

— Que ideias são essas? — retrucou a sra. Guillaume, tornando a interromper a filha. — Frescas ideias, as dele! Que espécie de homem é esse que, sem consultar um médico, mete na cabeça só comer verduras? Ainda se fosse por motivo de religião, essa dieta podia servir-lhe para alguma coisa; mas religião é coisa que ele tem tanta como um huguenote. Onde é que se viu um homem como ele, que gosta mais de cavalos do que do próximo, que manda frisar os cabelos como um pagão, cobrir estátuas com musselina, fechar as janelas de dia para trabalhar à luz de uma lâmpada? Olha, se ele não fosse tão grosseiramente imoral, era o caso de botá-lo no hospício. Consulta o sr. Loraux, o vigário de Saint-Sulpice, pergunta a opinião dele sobre tudo isso, e ele te dirá que teu marido não procede como um cristão...

— Oh! minha mãe, como pode crer...

— Como não! Creio, sim, senhora! Tu gostaste dele, não vês nenhuma dessas coisas. Mas eu, nos primeiros tempos do teu casamento, lembro-

me perfeitamente de o ter encontrado nos Champs-Élysées. Estava a cavalo. Pois bem! Às vezes ele saía galopando a toda a brida, depois parava, e ia passo a passo. Foi quando eu pensei com os meus botões: “Aí está um homem que não regula bem”.

— Ah! — exclamou o sr. Guillaume, esfregando as mãos. — Como andei acertado em te haver casado com esse original com separação de bens!

Quando Augustina cometeu a imprudência de referir as verdadeiras queixas que tinha para apresentar contra o marido, os dois velhos ficaram mudos de indignação. Não tardou que a palavra “divórcio” fosse proferida pela sra. Guillaume. A tal palavra, o inativo negociante foi como que despertado. Estimulado pelo amor que tributava à filha, e também pela agitação que um processo ia trazer à sua vida rotineira, o velho Guillaume tomou a palavra. Pôs-se à frente do pedido de divórcio, dirigiu-o, quase o pleiteou; ofereceu-se à filha para fazer todas as despesas, falar com os juízes, os notários, os advogados, remover céu e terra. A sra. de Sommervieux, assustada, recusou os serviços do pai, disse que não queria separar-se do marido, mesmo que tivesse de ser dez vezes mais infeliz, e não tocou mais nos seus aborrecimentos. Depois de ter sido cercada pelos pais de todas essas pequenas atenções mudas e consoladoras, pelas quais os dois velhos tentaram compensá-la, mas em vão, dos seus pesares, Augustina retirou-se, sentindo a impossibilidade de fazer que os espíritos fracos julgassem com justiça os homens superiores. Aprendeu então que uma mulher devia ocultar a todos, até a seus pais, as desgraças para as quais tão dificilmente se encontram simpatias. As dores e as tormentas das esferas superiores não podem ser avaliadas senão pelos nobres espíritos que nelas vivem. Em tudo, não podemos ser julgados, a não ser por nossos iguais.

A pobre Augustina viu-se portanto, novamente, na fria atmosfera de seu lar, entregue ao horror de suas meditações. O estudo nada mais significava para ela, porque não lhe restituíra o coração do marido.

Iniciada no segredo dessas almas de fogo, mas não dispondo de seus recursos, participava intensamente dos seus pesares, sem partilhar de seus prazeres. Enojara-se da sociedade, que lhe parecia mesquinha e pequena ante os incidentes das paixões. Enfim, sua vida falhara. Uma tarde ocorreu-lhe um pensamento que veio iluminar seus tenebrosos desgostos como um raio de sol. Essa ideia só podia sorrir a um coração tão puro e tão virtuoso como o seu. Resolveu ir à casa da duquesa de Carigliano, não para lhe pedir que lhe restituísse o coração do marido, mas para aprender os artifícios que lhe haviam roubado; para interessar aquela orgulhosa dama da alta sociedade pela mãe dos filhos de seu amigo; para comovê-la e torná-la cúmplice de sua felicidade futura do mesmo modo que fora o instrumento de sua desdita passada.

Um dia, pois, a tímida Augustina, armando-se de coragem sobrenatural, tomou a carruagem, às duas horas da tarde, para tentar penetrar na alcova da célebre coquete, que nunca era visível antes dessa hora. A sra. de Sommervieux ainda não conhecia os veneráveis e suntuosos palácios do *faubourg* Saint-Germain. Quando percorreu aqueles vestíbulos majestosos, aquelas régias escadarias, os imensos salões enfeitados de flores, não obstante os rigores do inverno, e decorados com o gosto próprio das mulheres nascidas na opulência ou com os hábitos distintos da aristocracia, Augustina sentiu horrível aperto de coração. Invejou os segredos daquela elegância, da qual jamais suspeitara. Respirou uma atmosfera de grandeza que lhe explicou a atração que aquele solar exercia sobre o marido. Quando chegou aos pequenos aposentos da duquesa, sentiu ciúme e uma espécie de desespero, ao admirar a voluptuosa disposição dos móveis, das tapeçarias e dos estofos das paredes. Ali a desordem era graciosa, o luxo afetava uma espécie de desdém pela riqueza. Os perfumes espalhados por aquela suave atmosfera deliciavam o olfato, sem ofendê-lo. Os acessórios do apartamento harmonizavam-se com a vista proporcionada, através de finas vidraças, pelos gramados de um jardim plantado de árvores verdes.

Tudo era sedução, e não se sentia o cálculo. O espírito da dona da casa evidenciava-se todo no salão onde Augustina esperava. Procurou adivinhar o caráter da rival pelo aspecto dos objetos esparsos; mas havia ali algo de impenetrável na desordem, tanto como na simetria, e para a simplicidade de Augustina aquilo foi como um livro fechado. Tudo o que pôde ver foi que a duquesa, como mulher, era uma mulher superior. Teve então um pensamento doloroso. “Ai de mim! será verdade”, pensou, “que um coração amante e simples não baste para um artista e que para equilibrar o peso dessas almas fortes seja preciso uni-las às almas femininas cuja potencialidade se equipare à sua? Se eu tivesse sido educada como essa sereia, pelo menos nossas almas, no momento da luta, teriam sido iguais.”

— Mas eu não estou em casa!

Essas palavras secas e cortantes, conquanto pronunciadas em voz baixa na alcova contígua, foram ouvidas por Augustina, cujo coração palpitou.

— Essa senhora está aqui — replicou a criada de quarto.

— Você está louca, mande entrar! — respondeu a duquesa, cuja voz, que se tornara suave, tinha tomado a inflexão afetuosa da polidez.

Era evidente que agora queria ser ouvida.

Augustina adiantou-se, tímida. No fundo daquela alcova elegante viu a duquesa voluptuosamente recostada numa otomana de veludo verde, colocada numa espécie de semicírculo desenhado pelas pregas macias de uma musselina estendida sobre um fundo amarelo. Ornamentos de bronze dourado, dispostos com refinado gosto, realçavam ainda mais a espécie de dossel sob o qual a duquesa estava pousada como uma estátua antiga. A cor escura do veludo não lhe deixava perder nenhum dos seus meios de sedução. Uma penumbra, amiga de sua beleza, parecia antes um reflexo que uma luz. Algumas flores raras erguiam suas corolas embalsamadas por sobre riquíssimos vasos de Sèvres. No momento em que esse quadro se ofereceu aos olhos de Augustina, admirada, esta

caminhara tão suavemente que pôde surpreender um olhar da feiticeira. Esse olhar parecia dizer a alguém que a mulher do pintor não pôde ver de chegada: “Fique, vai ver uma linda mulher e tornará esta visita menos aborrecida”.

Ao ver Augustina, a duquesa levantou-se e fê-la sentar a seu lado.

— A que devo o prazer desta visita, senhora? — disse com o mais gracioso sorriso.

“Por que tanta falsidade?”, pensou Augustina, que respondeu apenas com uma inclinação de cabeça.

Esse silêncio era imposto. A jovem senhora via diante de si uma testemunha a mais para aquela cena. Essa personagem era o mais jovem de todos os coronéis do exército, bem como o mais elegante e o mais benfeito de corpo. O traje semiburguês ressaltava-lhe as seduções do físico. O semblante, cheio de vida, de mocidade, e já muito expressivo, era ainda animado por um pequeno bigode erguido nas pontas e negro como azeviche, por uma pera basta e suíças cuidadosamente penteadas, além de uma floresta de cabelos negros, bastante revoltos. Brincava com uma fina bengala flexível, demonstrando um desembaraço e uma despreocupação que muito assentavam ao ar satisfeito de sua fisionomia, assim como ao requinte de seu vestuário. As fitas presas à lapela estavam amarradas desleixadamente, e mostrava mais vaidade do seu lindo porte que da sua coragem. Augustina fitou a duquesa de Carigliano, indicando-lhe o coronel com um olhar que encerrava todas as súplicas.

— Pois bem! Sr. d’Aiglemont, adeus. Tornaremos a ver-nos no Bois de Boulogne.

Essas palavras foram proferidas pela sereia como se fossem o resultado de um convênio anterior à chegada de Augustina; acompanhou-as de um olhar ameaçador, que o oficial talvez merecesse pela admiração que manifestara ao contemplar a modesta flor que tanto contrastava com a orgulhosa duquesa. O jovem fátuo inclinou-se em silêncio, girou sobre os tacões e lançou-se graciosamente para fora da alcova. Nesse momento,

Augustina, observando a rival, que parecia seguir o brilhante oficial com os olhos, surpreendeu naquele olhar um sentimento cujas fugitivas expressões são conhecidas por todas as mulheres. Compreendeu com a mais profunda dor que sua visita ia ser inútil; aquela artificiosa duquesa era demasiadamente ávida de homenagens para não ter o coração impiedoso.

— Senhora — disse Augustina com voz embargada —, o passo que estou dando, neste momento, junto à senhora, vai parecer-lhe bastante singular, mas o desespero tem sua loucura e deve fazer desculpar tudo. Explico-me agora perfeitamente bem por que Teodoro prefere esta casa a qualquer outra, e por que o seu espírito exerce tão grande domínio sobre ele. Ai de mim! Basta recolher-me para achar razões mais do que suficientes. Mas adoro meu marido, senhora. Dois anos de lágrimas não bastaram para apagar sua imagem do meu coração, embora o dele eu tenha perdido. Em minha loucura atrevi-me a conceber a ideia de lutar contra a senhora, e venho vê-la para pedir-lhe que me ensine por que meios poderei triunfar. Oh! Senhora — exclamou a moça, segurando ardorosamente a mão da rival, que a abandonou —, jamais pedirei a Deus por minha própria felicidade com tanto fervor como o implorarei pela sua, se a senhora me auxiliar a reconquistar, não direi o amor, mas a ternura de Sommervieux! Não tenho mais esperança, a não ser na senhora. Ah! Diga-me como lhe pôde agradar e fazer que ele esquecesse os primeiros dias de...

A estas palavras, Augustina, sufocada por soluços mal contidos, foi obrigada a deter-se. Envergonhada de sua fraqueza, escondeu o rosto num lenço, que empapou de lágrimas.

— Como é criança, minha linda menina! — disse a duquesa, que, seduzida pela novidade da cena e enternecida, contra a vontade, ao receber a homenagem que lhe prestava a mais perfeita virtude que talvez existisse em Paris, tomou o lenço da jovem dama e pôs-se ela mesma a enxugar-lhe os olhos, confortando-a com alguns monossílabos

murmurados com graciosa piedade.

Depois de um momento de silêncio, a coquete, apertando as lindas mãos da pobre Augustina nas suas, que tinham raras características de nobre beleza e de poder, disse-lhe com voz meiga e afetuosa:

— Em primeiro lugar, aconselho-a que não chore assim, porque as lágrimas enfeiam. É preciso saber conformar-se com as tristezas; essas fazem adoecer, e o amor não fica muito tempo junto a um leito de dor. A melancolia dá, é verdade, no começo, um certo encanto que agrada, mas acaba por desmerecer as feições e emurchecer o rosto mais sedutor. Além disso, nossos tiranos têm o amor-próprio de querer que suas escravas estejam sempre alegres.

— Ah! Senhora, não depende de mim não sentir! Como é possível, sem sofrer mil mortes, ver alheado, descorado, indiferente, um semblante que em outros tempos irradiava amor e alegria? Não sei dominar meu coração.

— Tanto pior, minha bela; mas creio que já sei toda a sua história. Antes de mais nada, saiba que, se seu marido lhe foi infiel, não sou cúmplice dele. Se desejei tê-lo em meus salões, foi, confesso-o, por amor-próprio; ele era célebre e não ia a parte alguma. Já a estimo demasiado para que lhe diga todas as loucuras que ele fez por mim. Só lhe revelarei uma, porque, talvez, ela nos sirva para que ele volte para a senhora e também para puni-lo da audácia que ele emprega no seu procedimento para comigo. Acabaria por comprometer-me. Conheço demais a sociedade, querida, para querer pôr-me à discrição de um homem muito superior. Saiba que é preciso deixar-se cortejar por eles, mas desposá-los é um erro! Nós, mulheres, devemos admirar os homens de gênio, gozá-los como um espetáculo, mas viver com eles, nunca! Deus nos livre! Seria o mesmo que preferir ver as máquinas da ópera, em vez de ficar num camarote e aí saborear suas brilhantes ilusões. Mas consigo, minha pobre filha, o mal já está feito, não é? Pois bem, é preciso armar-se contra a tirania.

— Ah! Senhora, antes de entrar aqui, ao vê-la, já percebi alguns artifícios de que eu não suspeitava.

— Pois bem! Venha ver-me algumas vezes e não demorará muito a adquirir a ciência dessas ninharias, aliás muito importantes. As coisas exteriores são, para os tolos, metade da vida; e, para isso, mais de um homem de talento não passa de um tolo, apesar de todo o seu espírito. Mas sou capaz de apostar que nunca recusou coisa nenhuma a Teodoro.

— Como é possível, senhora, recusar qualquer coisa ao homem a quem amamos?

— Pobre inocente! Eu a adoraria pela sua ingenuidade. Saiba, pois, que, quanto mais amamos, menos devemos deixar que o homem perceba, principalmente o marido, a extensão de nossa paixão. Aquele que mais ama é o mais tiranizado e, o que é pior, é abandonado mais dia, menos dia. Quem quiser reinar, deve...

— Como, senhora! Será preciso então dissimular, calcular, tornar-se falsa, forjar um caráter artificial, e para sempre? Oh! Como é possível viver assim? Pode a senhora....

Hesitou; a duquesa sorriu.

— Minha querida — disse a grande dama com voz grave —, a felicidade conjugal foi sempre uma especulação, um assunto que exige atenção particular. Se continua a falar em paixão quando lhe falo em casamento, em breve não nos entenderemos mais. Ouça-me — continuou, tomando um tom de confidência: — Tive oportunidade de ver alguns homens superiores de nossa época. Os que se casaram, com poucas exceções, desposaram mulheres nulas. Pois bem! Essas mulheres os governavam como o imperador nos governa e eram, se não amadas, pelo menos respeitadas por eles. Gosto bastante de segredos, sobretudo dos que nos dizem respeito, razão pela qual me diverti procurando a chave do enigma. Pois bem, meu anjo! Essas boas mulheres tinham o talento de analisar o caráter do marido. Sem se apavorarem, como a senhora, das suas superioridades, tinham habilmente notado as qualidades que a eles

faltavam. Ou fosse porque essas mulheres possuíssem tais qualidades, ou por fingirem tê-las, achavam meios de fazer tamanha exibição das mesmas aos olhos dos maridos, que acabavam por se impor. Enfim, saiba ainda que essas almas que parecem tão grandes têm, todas elas, um grão de loucura que deveremos saber explorar. Tomando a firme resolução de dominá-los, nunca se afastando desse objetivo, referindo a ele todas as nossas ações, nossas ideias, nossas faceirices, subjugamos esses espíritos eminentemente caprichosos que, pela própria mobilidade de seus pensamentos, nos fornecem os meios para influenciá-los.

— Céus! — exclamou a jovem senhora, apavorada. — E é isso a vida! Um combate...

— No qual sempre é preciso ameaçar — replicou a duquesa, a rir. — Nosso poder é inteiramente factício. Por isso não nos devemos deixar jamais desprezar por um homem; de semelhante queda não nos podemos levantar senão por manobras odiosas. Venha — acrescentou. — Vou dar-lhe um meio de acorrentar seu marido.

Levantou-se para guiar, sorrindo, a jovem e inocente aprendiz das manhas matrimoniais, através do dédalo de seu pequeno palácio. Chegaram as duas a uma escada disfarçada que comunicava com os salões de recepção. Quando a duquesa moveu o segredo da porta, deteve-se e olhou para Augustina com um ar de uma graciosidade e sutileza inimitáveis:

— Veja, o duque de Carigliano adora-me; pois bem! Ele não se atreve a entrar por esta porta sem minha licença. E é um homem habituado a comandar milhares de soldados. Sabe afrontar baterias, mas diante de mim tem medo!

Augustina suspirou. Chegaram a uma suntuosa galeria, aonde a mulher do pintor foi levada pela duquesa diante do retrato que Teodoro fizera da srta. Guillaume. Vendo-o, Augustina deu um grito.

— Eu sabia que ele não estava mais em minha casa, mas... aqui!

— Querida, só o exigi para ver que grau de tolice pode atingir um

homem de gênio. Cedo ou tarde, ele lhe teria sido restituído por mim; mas eu não esperava ter o prazer de ver aqui o original ante a cópia. Enquanto acabamos nossa conversa, eu o mandarei levar ao seu carro. Se, armada com esse talismã, não se tornar senhora de seu marido durante cem anos, é que não é uma mulher e merecerá sua sorte!

Augustina beijou a mão da duquesa, que a estreitou ao coração e a beijou com uma ternura tanto mais intensa quanto devia ser esquecida no dia seguinte. Essa cena teria talvez arruinado para sempre o candor e a pureza de uma mulher menos virtuosa do que Augustina, a quem os segredos revelados pela duquesa podiam ser igualmente salutares ou funestos. A política astuciosa das altas esferas sociais não convinha mais a Augustina do que a estreita razão de José Lebas, ou a tola moral da sra. Guillaume. Estranho efeito das falsas posições em que nos lançam os menores contrassensos cometidos na vida! Augustina assemelhava-se então a um pastor dos Alpes surpreendido por uma avalancha: se hesita ou se quer ouvir os gritos dos companheiros, muitas vezes perece. Nessas grandes crises, o coração ou se esfacela ou enrijece.

A sra. de Sommervieux voltou para casa numa agitação que seria difícil descrever. A conversa com a duquesa de Carigliano despertava-lhe no espírito uma multidão de ideias contraditórias. Como os carneiros da fábula, estava cheia de coragem durante a ausência do lobo. Fazia preleções a si mesma e traçava para seu uso admiráveis planos de ação; imaginava mil estratagemas de coqueteria; chegava a falar ao marido, achando, longe deste, todos os recursos dessa verdadeira eloquência que as mulheres nunca perdem; depois, ao pensar no claro e fixo olhar de Teodoro, começava a tremer. Quando perguntou se o senhor estava nos seus aposentos, faltou-lhe a voz. Ao saber que ele não viria jantar, sentiu uma alegria inexplicável. Tal como ao criminoso que interpõe apelação da sentença de morte, um prazo, por pequeno que fosse, lhe parecia toda uma vida. Colocou o retrato no quarto e esperou o marido, entregando-se a todas as angústias da esperança. Pressentia perfeitamente que aquela

tentativa ia decidir de todo o seu futuro, motivo pelo qual estremecia a qualquer ruído, até ao murmúrio do seu relógio, que parecia agravar seus terrores, medindo-os. Procurou matar o tempo por meio de mil artifícios. Lembrou-se de se vestir de modo que ficasse igual em tudo ao retrato. Depois, como conhecia o temperamento inquieto do marido, fez iluminar seu aposento de maneira desusada, na certeza de que a curiosidade, quando ele chegasse, o faria dirigir-se aonde ela estava. Deu meia-noite quando, ao grito do criado, a porta do palacete se abriu. O carro do pintor rodou silenciosamente sobre as lajes do pátio.

— Que significa esta iluminação? — perguntou Teodoro com voz alegre, ao entrar no quarto da mulher.

Augustina, aproveitando habilmente uma oportunidade tão favorável, enlaçou-se ao pescoço do marido e mostrou-lhe o retrato. O artista quedou-se imóvel como um rochedo. Seus olhos iam alternadamente do semblante de Augustina à sua tela acusadora. A tímida esposa, semimorta, perscrutava a fronte mutável, a fronte terrível do marido. Viu nela as rugas expressivas acumularem-se gradativamente, como nuvens; depois teve a impressão de que o sangue se lhe gelava nas veias, quando, com um olhar chamejante e uma voz profundamente surda, ele a interrogou:

— Onde achou esse quadro?

— A duquesa de Carigliano me restituiu.

— Você pediu a ela?

— Não sabia que estava em casa dela.

A doçura, ou melhor dito, a melodia encantadora da voz daquele anjo, teria enternecido um canibal, mas não um artista tomado das torturas da vaidade ferida.

— Isto é bem digno dela — exclamou ele com voz atroadora. — Hei de vingar-me! — disse, caminhando pela peça a largos passos. — Ela morrerá de vergonha. Vou pintá-la, sim! Mas a representarei sob as feições de Messalina, saindo à noite do palácio de Cláudio.

— Teodoro! — disse uma voz expirante.

— Matá-la-ei!

— Meu amigo!

— Ela ama aquele coronelzinho de cavalaria, porque ele sabe montar bem a cavalo.

— Teodoro!

— Deixa-me — disse o pintor à esposa, com uma voz que mais parecia um rugido.

Seria odioso descrever toda a cena, no fim da qual a embriaguez da cólera sugeriu ao artista palavras e atos que uma mulher menos jovem do que Augustina teria atribuído à demência.

Às oito horas da manhã do dia seguinte, a sra. Guillaume surpreendeu a filha pálida, com os olhos vermelhos, o penteado desfeito, segurando um lenço embebido de pranto, a contemplar por terra os fragmentos esparsos de uma tela rasgada e uma grande moldura dourada feita em pedaços. Augustina, a quem a dor tornara quase insensível, mostrou aqueles restos com um gesto cheio de desespero.

— Eis aí talvez uma grande perda — exclamou a velha gerente do "Chat-qui-pelote". — Não há dúvida de que era parecido; mas eu soube que há no bulevar um sujeito que faz retratos encantadores por cinquenta escudos.

— Ah! Minha mãe!

— Pobrezinha, tens muita razão! — disse a sra. Guillaume, que não compreendeu a expressão do olhar da filha. — Sim, minha filha, a gente nunca é tão ternamente amada como pela própria mãe. Adivinho tudo, minha mimosa. Mas mesmo assim vem confiar-me tuas penas, que eu te consolarei. Eu já não te disse que esse homem era um louco? Tua criada de quarto contou-me boas coisas... Mas é um verdadeiro monstro!

Augustina pôs um dedo sobre os lábios pálidos, como para implorar à mãe um momento de silêncio. Durante aquela terrível noite, a desgraça fizera com que ela encontrasse a paciente resignação que, nas mães e nas

mulheres que amam, sobrepuja, em seus efeitos, a energia humana e revela, talvez, no coração das mulheres, a existência de certas cordas que Deus recusou aos homens.

Uma inscrição gravada em um cipo do cemitério Montmartre dizia que a sra. de Sommervieux morrera aos vinte e sete anos. Um poeta, amigo daquela tímida criatura, via nas singelas linhas de seu epitáfio a última cena do drama. Todos os anos, no solene dia 2 de novembro, nunca passava por aquele recente mármore sem perguntar a si mesmo se não eram necessárias mulheres mais fortes do que Augustina para os poderosos amplexos do gênio.

"As humildes e modestas flores, desabrochadas nos vales, morrem talvez", dizia ele de si para si, "quando são transplantadas para muito perto do céu, na região onde se formam as tormentas, onde o sol é escaldante."

Maffliers, outubro de 1829

O BAILE DE SCEAUX

TRADUÇÃO DE VIDAL DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Ao olhar apenas a trama, *O baile de Sceaux* (em francês, *Le Bal de Sceaux*) é aparentemente uma dessas histórias tão numerosas escritas para edificação de mocinhas. Ao reparar melhor, o leitor atento há de encontrar nele sem dificuldades um estudo das transformações sociais durante a Restauração e outro, caracterológico, de uma educação errada, capaz de comprometer um conjunto de dotes naturais. Essa multiplicidade é típica da maioria das criações de Balzac.

Dir-se-ia que neste encantador *O baile de Sceaux* quis Balzac fazer a contraparte do *Ao "Chat-qui-pelote*". Aí a excessiva humildade perde a burguesa Augustina; aqui o demasiado orgulho causa a infelicidade da nobre Emília. A técnica da narrativa é também sensivelmente a mesma nas duas novelas: depois de uma exposição muito ampla, mais de romance que de novela, o desfecho é apresentado com rapidez talvez excessiva. Já de posse de grandes dotes de narrador, capaz de descobrir o germe de conflitos latentes sob superfícies aparentemente calmas e vivificar ambientes diversos, o autor parece não ter ainda a paciência tão necessária ao romancista.

O baile de Sceaux tem, porém, outro aspecto que não é comum à novela precedente. É uma dessas obras que, no leitor moderno, suscitam reações completamente diferentes das do público da época. Para este, *O baile de Sceaux* devia ser uma obra-prima de mexericos, de olhadelas atrás dos bastidores da alta sociedade, de deliciosas indiscrições. Toda a

primeira parte é uma análise do modo de viver do escol contemporâneo. Os leitores — que eram, aliás, principalmente leitoras e se recrutavam sobretudo na classe média — devoravam com sofreguidão as revelações íntimas do romancista a respeito da elite, deleitando-se com sua divertida tagarelice, que envolvia figuras, situações, casos e tipos da atualidade mais imediata. É desnecessário dizer que ao mesmo tempo aplaudiam entusiasticamente os apartes sarcásticos desse espirituoso esnobe que era Balzac contra a própria burguesia. Pode haver leitura mais interessante para a mulher de um comerciante ou a filha de um funcionário do que um conto em que aparece o próprio rei a fazer piadas, os grandes da corte a cuidar de seus assuntos de família, os elegantes — que na vida mal se entreveem da sacada de um camarote — a lutar com os problemas de um orçamento sempre insuficiente, embora mil vezes superior ao do leitor basbaque?

Pois bem, o que para os leitores de há cem anos era uma história agradável e um pouco frívola constitui para nós um depoimento valioso sobre a vida da classe dirigente durante a Restauração. Inspirado por suas ambições nobiliárias, Balzac multiplica as provas de sua deferência para com a aristocracia. No entanto, como quase sempre, o escritor genial vence nele as tendências do indivíduo desambientado. Procura mostrar-nos, na personagem do conde de Fontaine, um tipo respeitável da alta nobreza, simpático, ponderado, defensor sisudo da autoridade, conservador sóbrio da ordem; entretanto, por mais que se procure, não se lhe acha outro ideal senão o de colocar a si e aos membros da sua família "como bichos-da-seda sobre as folhas do orçamento".

Ao passo que a simpatia do escritor em relação ao conde é manifestada, vemo-lo tratar com certa ironia a filha deste, por exibir demasiado orgulho a ponto de recusar qualquer mérito a todos os não fidalgos. Como? Então os membros mais eminentes do Terceiro Estado, ilustres pelo talento e pelo espírito, não poderão ascender à sociedade aristocrática? — parece perguntar-lhe Balzac, como aludindo ao seu

próprio caso. Também não hesitará em lhe infligir o castigo mais cruel, que consiste menos em tirar-lhe o amante do que em fazer-lhe descobrir que o pretendente, rejeitado por ser plebeu, é, na realidade, um aristocrata de alta linhagem.

Pode-se surpreender bem nesta obra o método engenhoso com que Balzac acabou por ligar entre si as parcelas que compõem *A comédia humana*. Ao lembrar à filha os possíveis pretendentes dignos de sua mão, o conde de Fontaine enumera os solteiros ainda disponíveis da alta roda balzaquiana; noutra relação oportunamente intercalada aparecem as mulheres da aristocracia inventada pelo escritor com quem Emília, casada por despeito, terá que rivalizar.

O tema em redor do qual o narrativa se desenvolve — "a soberba castigada" — deu assunto para muitos romances e contos de outros autores, entre eles *A senhorita camponesa* (1830), de Púchkin, e *O caso do jovem Noszty com a Maria Tóth* (1908), do húngaro Mikszáth.

paulo rónai

O BAILE DE SCEAUX

A HENRI DE BALZAC,[46]
seu irmão,

Honoré

O conde de Fontaine, chefe de uma das mais antigas famílias do Poitou, servira à causa dos Bourbons com inteligência e coragem durante a guerra da Vendeia.[47] Depois de ter escapado a todos os perigos que ameaçaram os chefes realistas durante esse tormentoso período da história contemporânea, ele dizia jovialmente:

— Sou um dos que se fizeram matar sobre os degraus do trono!

Esse gracejo não deixara de ter seu fundo de verdade para um homem deixado por morto entre os que caíram na sangrenta jornada de Quatre-Chemins. Embora arruinado pelas confiscações, esse fiel vendeano recusou constantemente os postos lucrativos que o imperador Napoleão mandou oferecer-lhe. Invariável na sua religião aristocrática, seguira-lhe cegamente as máximas quando achou conveniente casar-se. Não obstante as seduções de um rico arrivista, disposto a pagar por alto preço uma tal união, ele casara-se com uma srta. de Kergarouët sem fortuna, mas cuja família era uma das mais antigas da Bretanha.

A Restauração veio encontrar o sr. de Fontaine carregado de

numerosa família. Conquanto o generoso gentil-homem não abrigasse a ideia de solicitar favores, cedeu contudo aos desejos da esposa, deixou sua propriedade, cuja módica renda supria escassamente as necessidades dos seus filhos, e foi para Paris. Contristado diante da avidez com a qual seus antigos companheiros avançavam nos postos e honrarias constitucionais, ia voltar para casa quando recebeu uma carta ministerial, na qual uma excelência bastante conhecida lhe comunicava sua nomeação ao posto de marechal de campo, em virtude da ordenança que permitia aos oficiais dos exércitos católicos contar os vinte primeiros anos inéditos do reinado de Luís xviii como anos de serviço. Alguns dias depois, o vendeano recebeu também, sem que o tivesse solicitado e por condutos oficiais, a cruz da ordem da Legião de Honra e a de São Luís. Abalado em sua resolução por esses favores que julgou dever à gratidão do monarca, não mais se contentou em levar a família todos os domingos para gritar "Viva o rei!" na sala dos marechais, nas Tulherias,[48] quando os príncipes iam para a capela, mas também solicitou uma entrevista particular. Essa audiência, prontamente concedida, nada teve de particular. O salão régio estava repleto de velhos servidores, cujas cabeças empoadas, vistas de certa altura, se assemelhavam a um tapete de neve. Ali, o gentil-homem tornou a encontrar antigos companheiros que o acolheram com certa frieza; mas os príncipes pareceram-lhe *adoráveis*, expressão de entusiasmo que lhe escapou quando o mais amável dos seus senhores, do qual o conde não se julgava conhecido a não ser de nome, veio apertar-lhe a mão e o proclamou o mais puro dos vendeanos.

Apesar dessa ovação, nenhuma das augustas pessoas teve a lembrança de perguntar-lhe o montante de seus prejuízos nem o do dinheiro tão generosamente doado à caixa dos exércitos católicos. Um pouco tarde compreendeu que fizera a guerra à sua própria custa. No fim da tarde, julgou poder arriscar uma alusão espirituosa ao estado de suas finanças, semelhantes às de numerosos outros fidalgos. Sua Majestade riu gostosamente, porquanto toda palavra de cunho espirituoso tinha o dom

de agradar-lhe; porém replicou com um desses gracejos reais cuja doçura é mais de temer do que a aspereza de uma reprimenda. Um dos mais íntimos confidentes do rei não demorou em se aproximar do vendeano calculador, ao qual fez compreender por uma frase sutil e polida que não era ainda chegado o momento de contar com os senhores; havia sobre a mesa memorandos muito mais antigos que o dele e que sem dúvida deviam servir à história da Revolução. O conde prudentemente retirou-se do grupo venerável que descrevia um respeitoso semicírculo diante da augusta família. Em seguida, depois de ter, não sem trabalho, desvencilhado a espada de entre as pernas finas onde ela se havia imiscuído, dirigiu-se a pé, através do pátio das Tulherias, ao fiacre que deixara no cais. Com o espírito insubmisso que caracteriza a nobreza de velha estirpe, na qual a recordação da Liga e das Barricadas[49] ainda subsiste, queixou-se, no carro, em altas vozes e de modo a se comprometer, das mudanças sobrevindas na corte. "Antigamente", comentava ele para si mesmo, "todos falavam livremente ao rei dos seus assuntos particulares, senhores podiam à vontade pedir-lhe favores e dinheiro, e hoje não se pode obter, sem escândalo, o reembolso de quantias que foram emprestadas para o seu serviço! Caramba! A cruz de São Luís e o posto de marechal de campo não valem as trezentas mil libras que eu, ali contadinhas, gastei pela causa monárquica. Quero tornar a falar ao rei, frente a frente, e no seu gabinete."

Essa cena esfriou tanto mais o zelo do sr. de Fontaine quanto seus pedidos de audiência ficaram sempre sem resposta. Viu, além disso, os intrusos do Império alcançar alguns dos postos que na antiga monarquia eram reservados às melhores casas.

— Está tudo perdido — disse ele uma manhã. — Decididamente o rei nunca foi outra coisa senão um revolucionário.[50] Sem Monsieur,[51] que é incapaz de derrogar e consola seus fiéis servidores, não sei em que mãos irá cair um dia a coroa de França, a continuar esse regime. Este maldito sistema constitucional é o pior de todos os governos e jamais

poderia convir à França. Luís xviii e o senhor Beugnot nos estragaram tudo em Saint-Ouen.[52]

O conde, desesperado, preparava-se para voltar à sua propriedade, desistindo nobremente de suas pretensões a qualquer indenização. Nesse momento, os acontecimentos do Vinte de Março[53] anunciaram uma nova tempestade que ameaçava tragar o rei legítimo e seus defensores. Tal como essas pessoas generosas que não mandam embora um servidor em tempo de chuva, o sr. de Fontaine contraiu um empréstimo sobre sua propriedade para acompanhar a monarquia em fuga, sem saber se essa cumplicidade de emigração lhe seria mais propícia do que sua dedicação passada. Mas tendo observado que os companheiros de exílio estavam mais nas boas graças do que os valentes que, outrora, tinham protestado, de armas na mão, contra o estabelecimento da República, talvez esperasse achar, nessa viagem ao estrangeiro, mais proveitos do que num serviço ativo e perigoso no interior. Seus cálculos de cortesão não foram uma dessas vãs especulações que prometem no papel resultados soberbos e arruínam pela execução. Foi, pois, segundo dito do mais espirituoso e hábil de entre os nossos diplomatas, um dos quinhentos fiéis servidores que partilharam o exílio da corte em Gand,[54] e um dos cinquenta mil que de lá voltaram.

Durante essa breve ausência da realeza, o sr. de Fontaine teve a sorte de ser empregado por Luís xviii e achou mais de uma oportunidade de dar ao rei provas de grande probidade política e de sincera dedicação. Uma noite em que o monarca nada de melhor tinha a fazer, lembrou-se do dito do sr. de Fontaine nas Tulherias. O velho vendeano não deixou escapar uma ocasião tão a propósito e narrou sua história com bastante espírito para que esse rei, que nada esquecia, pudesse lembrar-se dela no momento oportuno. O augusto literato notou o feitio elegante dado a alguns apontamentos, cuja redação fora cometida ao discreto gentil-homem. Esse pequeno mérito inscreveu o sr. de Fontaine na memória do rei entre os mais leais servidores da Coroa. Na segunda volta, o conde foi

um desses enviados extraordinários que percorreram os departamentos, com a missão de julgar soberanamente os culpados de rebelião, tendo, entretanto, usado moderadamente de seu terrível poder. Logo que terminou essa temporária jurisdição, o grande preboste sentou-se numa das poltronas do conselho de Estado, foi deputado, falou pouco, ouviu muito e mudou consideravelmente de opinião. Algumas circunstâncias, ignoradas pelos biógrafos, fizeram com que ele penetrasse profundamente na intimidade do príncipe, a tal ponto que um dia o malicioso monarca, ao vê-lo entrar, o interpelou desta forma:

— Meu amigo Fontaine, não me passaria pelo espírito nomeá-lo diretor-geral, nem ministro! Nem o senhor, nem eu, se fôssemos *empregados*, poderíamos conservar o lugar, por causa de nossas opiniões. O governo representativo tem isso de bom, que nos poupa o trabalho que tínhamos antigamente, de despedirmos, nós mesmos, os nossos secretários de Estado. Nosso conselho é uma verdadeira hospedaria para onde a opinião pública nos manda muitas vezes viajantes singulares. Mas afinal sempre poderemos saber onde colocar os nossos fiéis servidores.

Essa tirada zombeteira foi seguida de uma ordenança que dava ao sr. de Fontaine uma administração nos domínios extraordinários da Coroa. Em consequência da inteligente atenção com a qual ele ouvia os sarcasmos de seu real amigo, seu nome estava sempre nos lábios de Sua Majestade, todas as vezes que era preciso criar uma comissão cujos membros deviam ser lucrativamente remunerados. Teve o bom-senso de não apregoar o favoritismo com que o monarca o honrava e soube mantê-lo por um modo malicioso de narrar, em uma dessas palestras familiares de que Luís xviii gostava tanto quanto dos bilhetes espirituosamente redigidos, as anedotas políticas e, se me permitem a expressão, dos diz que diz que diplomáticos ou parlamentares, tão abundantes naquela época. Sabe-se que os detalhes de sua *governamentabilidade*, termo adotado pelo augusto trocista, o divertiam infinitamente. Graças ao bom-

senso, ao espírito e à habilidade do sr. conde de Fontaine, todos os membros de sua numerosa família, por mais moços que fossem, acabaram, como ele dizia graciosamente ao seu senhor, por se colocar como um bicho-da-seda sobre as folhas do orçamento. Por essa forma, graças à bondade do rei, seu filho mais velho alcançou um posto eminente na magistratura inamovível. O segundo, simples capitão na Restauração, obteve uma legião imediatamente depois da sua volta de Gand; depois, graças aos movimentos de 1815,[55] durante os quais foram desprezados os regulamentos, ele passou para a guarda real, tornou a passar para a guarda pessoal, voltou para as tropas de linha e viu-se tenente-general com um comando na guarda, depois do incidente do Trocadero.[56] O filho mais moço, nomeado subprefeito, foi feito, pouco tempo depois, referendário e diretor de uma administração municipal da cidade de Paris, onde se achava ao abrigo das tormentas legislativas. Esses favores sem ressonância, secretos como o favoritismo do conde, choviam despercebidamente. Embora o pai e os três filhos tivessem todos um bom número de sinecuras, que lhes permitia gozar de uma renda orçamentária quase tão considerável quanto a de um diretor-geral, a fortuna política deles não despertava inveja a ninguém. Nesses tempos de primeiros ensaios do sistema constitucional, poucas pessoas tinham ideias precisas no que se referia às serenas esferas do orçamento, onde espertos favoritos souberam achar o equivalente das abadias destruídas. O sr. conde de Fontaine, que antes se gabava de não ter lido a "Carta"[57] e tanto se irritava com a avidez dos cortesãos, não tardou em mostrar ao seu augusto senhor que compreendia tão bem quanto ele o espírito e os recursos do *representativo*. Entretanto, não obstante a segurança das carreiras abertas para seus três filhos, não obstante as vantagens pecuniárias que resultavam da acumulação de quatro cargos, o sr. de Fontaine achava-se à frente de uma família demasiado numerosa para poder pronta e facilmente restabelecer sua fortuna. Seus três filhos eram ricos de futuro, de favor e de talento; ele, porém, tinha três filhas e

temia cansar a bondade do monarca. Resolveu, pois, não lhe falar senão de uma única dessas virgens apressadas em acender o facho do himeneu. O rei tinha demasiado bom gosto para que pudesse deixar sua obra imperfeita. O casamento da primeira com um recebedor-geral foi concluído por uma dessas frases de rei que nada custam e valem milhões. Uma noite em que o monarca estava aborrecido, sorriu ao ter notícia da existência de uma outra srta. de Fontaine, que ele fez casar com um jovem magistrado de origem burguesa, é verdade, mas rico, de muito talento e a quem fez barão. Quando, no ano seguinte, o vendeano falou da srta. Emília de Fontaine, o rei respondeu-lhe com sua voz acidulada:

— *Amicus Plato, sed magis amica natio.*[58]

Alguns dias depois presenteou seu *amigo Fontaine* com um quarteto bastante inofensivo a que denominava de epigrama e no qual gracejava sobre as três filhas tão habilmente apresentadas sob a forma de uma trindade. Se devemos crer nas crônicas, o monarca fora buscar sua pilhéria na unidade das três pessoas divinas.

— Se o rei se dignasse em transformar seu epigrama num epitalâmio? — disse o conde, tentando tirar proveito daquele gracejo.

— Se vejo a rima, não lhe vejo a razão[59] — respondeu asperamente o rei, a quem não agradou o gracejo feito sobre sua poesia, por mais suave que fosse.

A partir desse dia, suas relações com o sr. de Fontaine tornaram-se menos amistosas. Os reis gostam mais do que se julga das contradições.

Como quase todos os filhos que chegam por último, Emília de Fontaine era um benjamim mimado por todos. A frieza do soberano causou, pois, tanto mais pesar ao conde, porquanto jamais houvera casamento tão difícil de ser ajustado como daquela filha querida. Para conceber todos os obstáculos que havia, cumpre penetrar no interior do belo palacete onde se alojava o administrador à custa da Lista Civil. Emília passara a infância na propriedade de Fontaine, gozando dessa abundância com que os primeiros anseios da mocidade se satisfazem.

Seus menores desejos eram leis para as suas irmãs, para os irmãos, para a mãe e mesmo para o pai.

Todos os seus parentes tinham loucura por ela. Ao chegar à idade da razão, precisamente no momento em que sua família fora cumulada com os favores da sorte, o encanto de sua vida continuou. O luxo de Paris pareceu-lhe tão natural quanto a riqueza em flores e frutas a que estivera habituada, opulência campestre que fizera a felicidade de seus primeiros anos. Da mesma forma que jamais sofrera qualquer contrariedade na infância, quando queria satisfazer seus alegres desejos, assim se viu obedecida quando na idade de catorze anos foi lançada no turbilhão da sociedade. Acostumada, por esse modo, gradativamente, aos gozos da fortuna, os requintes da *toilette* e a elegância dos salões dourados e das carruagens tornaram-se-lhe tão necessários como os cumprimentos sinceros ou falsos da lisonja, como as festas e vaidades da corte.

Seus defeitos cresceram com ela, e seus pais iam, em breve, colher os frutos amargos dessa funesta educação. Aos dezenove anos, Emília de Fontaine não quisera ainda fazer escolha entre os numerosos rapazes que a política do sr. de Fontaine reunia em suas festas. Conquanto moça ainda, gozava em sociedade de toda a liberdade de espírito que uma mulher ali pode ter.

Semelhante aos reis, não tinha amigos e por toda parte se via objeto de uma complacência, à qual uma melhor índole do que a sua talvez não resistisse. Nenhum homem, nem mesmo um ancião, tinha força para contradizer as opiniões de uma moça de quem um único olhar bastava para reanimar o amor num coração frio. Educada com cuidados que suas irmãs não tiveram, pintava bastante bem, falava italiano e inglês, tocava piano de modo desesperador; finalmente, sua voz, aperfeiçoada pelos melhores professores, tinha um timbre que dava ao seu canto seduções irresistíveis.

Espirituosa e versada em todas as literaturas, ela dava a impressão, como diz Mascarille,[60] de que as pessoas de bom nascimento vêm ao

mundo sabendo tudo. Discutia com facilidade sobre pintura italiana ou flamenga, sobre a Idade Média ou a Renascença; julgava a torto e a direito os livros antigos ou recentes e fazia sobressair com uma graça cruel os defeitos de uma obra. A mais simples das suas frases era recebida pela multidão idólatra como uma *fetfa*[61] do sultão pelos turcos. Por essa forma deslumbrava as pessoas superficiais; quanto às pessoas profundas, seu tato natural auxiliava-a a reconhecê-las e, para elas, empregava todo o seu coquetismo, de tal forma que, graças às suas seduções, escapava à análise delas. Esse verniz sedutor recobria um coração despreocupado, a opinião comum a muitas moças de que ninguém habitava uma esfera bastante elevada para poder compreender a excelência de sua alma e um orgulho que se escudava tanto no seu berço quanto na sua beleza. Na ausência do violento sentimento que cedo ou tarde devasta o coração de uma mulher, ela exercia seu jovem ardor numa paixão imoderada pelas honrarias e manifestava o mais profundo desprezo à plebe. Muito impertinente com a nobreza de fresca data, empregava todos os seus esforços para que seus parentes marchassem a par das mais ilustres famílias do faubourg Saint-Germain.[62]

Tais sentimentos não escaparam aos olhares observadores do sr. de Fontaine, o qual, por mais de uma vez, por ocasião do casamento das suas duas filhas mais velhas, tivera de suportar os sarcasmos e as piadas de Emília. As pessoas sensatas admirar-se-ão de o velho vendeano ter dado sua primeira filha a um recebedor-geral que, embora possuísse algumas terras senhoriais, não tinha o nome precedido da partícula, à qual o trono devera tantos defensores, e a segunda a um magistrado muito recentemente "embaronizado" para que pudesse fazer esquecer que o pai vendera lenha. Essa notável mudança nas ideias do nobre conde, no momento em que atingia seu sexagésimo aniversário, época na qual raramente os homens modificam suas crenças, não era devida unicamente à deplorável residência na moderna Babilônia, onde todos os provincianos acabam por perder sua rudeza. A nova consciência política

do conde de Fontaine era também o resultado dos conselhos e da amizade do rei. Esse príncipe filósofo divertia-se em converter o vendeano às ideias que exigiam a marcha do século xix e a renovação da monarquia. Luís xviii queria fundir os partidos da mesma forma que Napoleão fundira as coisas e os homens. O rei legítimo, talvez de tanto espírito quanto o seu rival, atuava em sentido contrário. O último chefe da dinastia dos Bourbon era tão solícito em satisfazer o Terceiro Estado e a gente do Império, refreando o clero, quanto o primeiro Napoleão era interessado em atrair para junto de si os grão-senhores ou em dotar a Igreja. Confidente dos pensamentos reais, o conselheiro de Estado tornara-se insensivelmente um dos mais influentes chefes, e dos mais ponderados, desse Partido Moderado que desejava ardentemente, em nome do interesse nacional, a fusão das opiniões. Pregava os dispendiosos princípios do governo constitucional e secundava com todo o seu poder a oscilação da balança política que permitia ao seu senhor governar a França em meio das agitações. É possível que o sr. de Fontaine tivesse a esperança de conquistar o pariato[63] por um desses pés de vento legislativos, cujos efeitos tão estranhos surpreendiam na época os mais velhos políticos. Um dos seus princípios mais fixos consistia em não reconhecer mais em França outra nobreza além do pariato, cujas famílias eram as únicas que tinham privilégios.

— Uma nobreza sem privilégios — dizia ele — é um cabo sem ferramenta.

Tão afastado do partido de La Fayette quanto do partido de La Bourdonnaye,[64] empreendia com ardor a reconciliação geral de onde deviam surgir uma nova era e brilhantes destinos para a França. Procurava convencer as famílias junto às quais tinha acesso das poucas probabilidades favoráveis que daí por diante ofereciam a carreira militar e a administrativa. Aconselhava às mães a dirigir os filhos para as profissões independentes e industriais, dando-lhes a entender que os postos militares e as altas funções do governo acabariam por pertencer

muito constitucionalmente aos filhos segundos das famílias nobres do pariato. Segundo ele, a nação havia conquistado uma larga parte na administração por sua assembleia eletiva, pelos cargos da magistratura e pelos da finança, que, dizia, seriam sempre, como no passado, o apanágio das notabilidades do Terceiro Estado. As novas ideias do chefe da família de Fontaine, e os sábios casamentos que daí resultaram para as suas duas filhas, encontraram forte resistência em sua casa. A condessa de Fontaine conservou-se fiel às velhas crenças que não deviam ser renegadas por uma mulher que, pelo lado materno, pertencia aos Rohan.[65] Embora se houvesse oposto um momento à felicidade e à fortuna que aguardavam suas duas filhas, curvou-se a essas considerações secretas que os esposos confiam um ao outro, à noite, quando sua cabeça descansa sobre o mesmo travesseiro. O sr. de Fontaine demonstrou friamente à esposa, por meio de cálculos precisos, que a estada em Paris, a necessidade de representação, o esplendor da casa que compensava as privações tão corajosamente sofridas por eles no fundo da Vandeia, as despesas feitas com os filhos, absorviam a maior parte de suas rendas orçamentárias. Deviam, pois, agarrar como um favor vindo do céu a oportunidade que se lhes apresentava de casar tão ricamente as filhas. Não iriam elas gozar um dia uma renda de sessenta ou oitenta mil libras? Casamentos tão vantajosos não se encontravam todos os dias para moças sem dote. Finalmente, já era tempo de pensar em economizar para arredondar as terras de Fontaine e reconstruir a antiga fortuna territorial da família. A condessa cedeu, como todas as mães fariam em seu lugar, embora o fizessem talvez de maior boa vontade ante argumentos tão persuasivos. Declarou, porém, que pelo menos sua filha Emília casaria de modo a satisfazer o orgulho que ela, infelizmente, contribuíra para desenvolver naquela jovem alma.

Assim, pois, os acontecimentos que deveriam ter trazido a alegria para o seio daquela família introduziram nela um leve fermento de discórdia. O recebedor-geral e o jovem magistrado sofreram com a frieza de um

cerimonial que a condessa e sua filha Emília souberam criar. A etiqueta de ambas encontrou muito mais amplamente ocasião de exercer suas tiranias domésticas: o tenente-general casou com a filha única de um banqueiro, a srta. Mongenod, o presidente casou-se sensatamente com uma senhorita cujo pai, duas ou três vezes milionário, comerciara com telas pintadas; finalmente o terceiro irmão mostrou-se fiel a essas doutrinas plebeias, tomando por esposa a srta. Grossetête, filha única do recebedor-geral de Bourges. As três cunhadas, os dois cunhados achavam tanta sedução e vantagens pessoais em ficar nas altas esferas das potências políticas e em frequentar os salões do faubourg Saint-Germain, que de comum acordo organizaram uma pequena corte em torno da altiva Emília. Esse pacto de interesse e de orgulho não estava, entretanto, tão bem cimentado que a jovem soberana não provocasse, muitas vezes, pequenas revoluções no seu minúsculo Estado. Cenas cabíveis dentro das normas do bom-tom mantinham entre todos os membros dessa poderosa família um humor zombeteiro que, embora não alterando sensivelmente a amizade ostentada em público, degenerava algumas vezes, no interior, em sentimentos pouco caridosos. A mulher do tenente-general, por exemplo, ao tornar-se baronesa, julgava-se tão nobre quanto uma Kergarouët e achava que cem mil boas libras de renda lhe davam o direito de ser tão impertinente como sua cunhada Emília, à qual desejava, às vezes, com ironia, um casamento feliz, participando que a filha do par Fulano de Tal acabara de casar-se com um sr. Beltrano, sem mais nada. A mulher do visconde de Fontaine divertia-se eclipsando Emília pelo bom gosto e pela riqueza notável de suas *toilettes*, no mobiliário da casa e nas carruagens. O ar zombeteiro com que as cunhadas e os dois cunhados acolheram por vezes as pretensões confessadas pela srta. de Fontaine despertava nela uma irritação que mal e mal se acalmava com uma chuva de epigramas. Quando o chefe da família sentiu certo resfriamento na tácita e precária amizade do monarca, ele temeu tanto mais que, em consequência dos desafios trocistas de suas irmãs, jamais sua filha

querida pusera tão alto suas pretensões.

Em meio a essas circunstâncias e no momento em que essa surda luta doméstica se tornara bastante séria, o monarca, cujas graças o sr. de Fontaine esperava recuperar, foi atacado pela doença da qual viria a morrer. O grande político, que tão bem soubera pilotar sua nau no fragor das tormentas, não tardou em sucumbir. Incerto de seu favoritismo futuro, o conde de Fontaine empregou, portanto, os maiores esforços para reunir em torno da última filha a nata dos rapazes casadouros. Quem já tentou resolver o difícil problema constituído pela busca de marido para uma filha orgulhosa e extravagante compreenderá talvez os trabalhos a que se teve de atirar o pobre vendeano. Concluída de conformidade com os desejos de sua querida filha, essa última empresa teria dignamente coroado a carreira que o conde vinha percorrendo em Paris nos últimos dez anos. O modo pelo qual sua família invadia o orçamento de todos os ministérios permitia compará-la à casa da Áustria, a qual, por suas alianças, ameaçava invadir a Europa. Por isso, o velho vendeano não se cansava das suas apresentações de pretendentes, tal era o empenho que fazia pela felicidade da filha; mas nada era mais interessante do que o modo pelo qual a impertinente criatura proferia suas sentenças e julgava o mérito de seus adoradores. Dir-se-ia que, à semelhança de uma daquelas princesas das *Mil e uma noites*, Emília fosse suficientemente rica, suficientemente bela para ter o direito de escolher entre todos os príncipes do mundo; suas objeções eram cada qual mais cômicas: um tinha as pernas demasiado grossas ou os joelhos cambaios; outro era míope; um porque se chamava Durand; aquele porque coxeava; quase todos lhe pareciam demasiado gordos. Mais viva, encantadora e alegre do que nunca, depois de ter recusado dois ou três pretendentes, ela se atirava nas festas de inverno e percorria os bailes, onde seus olhos de lince examinavam as celebridades do dia; onde se comprazia em atormentar todos os rapazes, provocando, com um coquetismo instintivo, pedidos que sempre rejeitava.

A natureza dera-lhe em profusão as qualidades indispensáveis a esse papel de Celimène[66] que representava. Alta e esbelta, Emília de Fontaine tinha um caminhar imponente ou brejeiro, conforme queria. Seu pescoço, um pouco longo, permitia-lhe encantadoras atitudes de desdém ou de impertinência. Tinha organizado para si mesma um variado repertório desses movimentos de cabeça e desses gestos femininos que tão cruelmente ou com tanta felicidade ilustram as meias palavras e os sorrisos. Belos cabelos negros, sobrancelhas abundantes e fortemente arqueadas emprestavam à sua fisionomia uma expressão de altivez, que a faceirice, da mesma forma que o espelho, lhe haviam ensinado a tornar terrível ou a temperar pela fixidez ou pela doçura do olhar, pela imobilidade ou pela leve inflexão dos lábios, pela frieza ou pela graça do sorriso. Quando Emília queria apoderar-se de um coração, sua voz pura tornava-se melodiosa; mas podia também imprimir-lhe uma espécie de limpidez cortante, quando queria paralisar a língua indiscreta de um cavalheiro. Seu alvo semblante e sua fronte marmórea assemelhavam-se à superfície límpida de um lago que, alternativamente, se encrespa sob a ação da brisa ou retoma sua alegre serenidade quando a atmosfera se acalma. Mais de um rapaz, vítima de seus desdéns, acusava-a de representar uma comédia; mas ela se justificava inspirando aos maldizentes o desejo de lhes agradar e submetendo-os aos desdéns de seu coquetismo. Entre as moças da moda, nenhuma melhor do que ela sabia assumir uma atitude altiva ao receber as saudações de um homem que apenas tinha talento, ou exibir essa polidez insultante para as pessoas que julgava lhe serem inferiores e derramar sua impertinência sobre todos os que tentavam ombrear com ela. Parecia, onde quer que estivesse, receber homenagens mais do que cumprimentos, e, mesmo em casa de uma princesa, seu porte e seu ar converteriam em um trono imperial a poltrona na qual se sentasse.

O sr. de Fontaine descobriu, demasiado tarde, o quanto fora falseada pela ternura de toda a família a educação que dera à filha a quem mais

amava. A admiração que a sociedade tributa a princípio a uma pessoa moça, mas da qual não tarda a vingar-se, exaltara ainda mais o orgulho de Emília e aumentara sua confiança em si mesma. Uma condescendência geral desenvolvera nela o egoísmo natural das crianças mimadas, que, como os reis, se divertem com tudo que delas se aproxima. Por enquanto, a graça da mocidade e a sedução do seu brilho ocultavam aos olhos de todos esses defeitos, tanto mais odiosos numa mulher, porquanto esta só pode agradar pela dedicação e abnegação. Mas nada escapa aos olhos de um bom pai, e, por isso, o sr. de Fontaine tentou muitas vezes explicar à filha as mais importantes páginas do enigmático livro da vida. Baldado empreendimento! Muitas e muitas vezes teve de gemer ante a indocilidade caprichosa e a sabedoria irônica da filha, que não lhe permitiram perseverar numa tarefa tão difícil como essa de corrigir uma natureza tão perniciosa. Contentou-se, pois, em dar, de quando em quando, conselhos cheios de doçura e de bondade; mas sofria ao ver que suas mais ternas palavras deslizavam por sobre o coração da filha como se este fosse de mármore.

Os olhos de um pai custam tanto a se abrir que foram necessárias ao velho vendeano várias provas para que ele percebesse o ar de condescendência com o qual a filha lhe concedia raros afagos. Ela lembrava essas criancinhas que parecem dizer à mãe: “Beija-me depressa, que eu quero ir brincar”. Enfim, Emília dignava-se ter alguma ternura pelos pais. Mas, muitas vezes, por súbitos caprichos que parecem inexplicáveis nas moças, ela se isolava e não se deixava ver senão raramente; queixava-se de ter de partilhar o coração dos pais com muita gente; mostrava-se ciumenta de tudo, mesmo dos irmãos e das irmãs. Em seguida, depois de se ter dado a um enorme trabalho para criar o deserto em torno dela, essa singular rapariga acusava a tudo e a todos por sua solidão artificial e seus pesares voluntários. Armada com sua experiência de vinte anos, queixava-se da sorte porque, ignorando que o primeiro princípio da felicidade está em nós mesmos, pedia às coisas da vida que

lha dessem. Teria sido capaz de fugir para os confins da terra a fim de evitar um casamento igual ao das irmãs e, não obstante, tinha no coração um terrível ciúme por vê-las casadas, ricas e felizes. Enfim, algumas vezes, fazia com que a mãe, vítima do seu gênio, como o sr. de Fontaine, acreditasse que tinha um grão de loucura. Essa aberração era explicável; nada mais comum do que essa secreta altivez que desponta no coração de jovens pertencentes a famílias altamente colocadas na escala social e a quem a natureza dotou de grande beleza. Quase todas se convencem que sua mãe, tendo alcançado a idade de quarenta ou cinquenta anos, não mais pode simpatizar com a sua alma moça, nem lhes conceber as fantasias. Imaginam que a maioria das mães, enciumadas, querem vesti-las à sua moda, com a intenção premeditada de eclipsá-las ou de lhes roubar homenagens. Daí, muitas vezes, lágrimas secretas ou surdas revoltas contra a pretensa tirania materna. Em meio a esses pesares que se tornam reais, embora assentados em bases imaginárias, têm ainda a mania de organizar uma norma para a sua existência e de tirar para si mesmas um brilhante horóscopo. Consiste sua magia em tornar seus sonhos em realidade. Resolvem secretamente, nas suas longas meditações, não conceder a mão nem o coração senão ao homem que possuir tais e tais méritos. Esboçam na própria imaginação um tipo, ao qual, queira ou não queira, terá de se parecer o futuro esposo. Depois de terem experimentado a vida e feito as sérias reflexões que os anos trazem, à força de ver a sociedade e sua rotina prosaica, à força de exemplos infelizes, as belas cores da imagem ideal desbotam; depois, veem-se, um belo dia, atiradas na corrente da vida, muito admiradas de serem felizes sem a poesia nupcial de seus sonhos. De acordo com essa poética, a srta. Emília de Fontaine tinha fixado, na sua frágil sabedoria, um modelo, ao qual seu pretendente deveria obedecer para ser aceito. Daí seus desdéns e seus sarcasmos.

Conquanto moço e de antiga nobreza — estipulara ela, no seu íntimo —, ele será par de França ou filho primogênito de um par! Ser-me-ia

insuportável não ver meus brasões pintados sobre os painéis de minha carruagem no meio das pregas flutuantes de uma cortina azul e não correr como os príncipes na grande alameda dos Champs-Élysées, nos dias de Longchamps.[67] Aliás, meu pai assegura que essa será um dia a mais honrosa dignidade da França. Quero que seja militar, reservando-me a prerrogativa de fazer com que peça demissão. E também quero que seja condecorado para que nos apresentem armas.

Esses raros atributos ainda não serviriam para nada se essa criatura ideal não fosse também muito amável, não tivesse um porte elegante, espírito e se não fosse esbelto. A magreza, essa graça do corpo, por mais fugaz que pudesse ser, sobretudo num governo representativo, era uma cláusula de rigor. A srta. de Fontaine tinha certo padrão ideal que lhe servia de modelo. O rapaz que à primeira vista não satisfizesse as condições exigidas, não obtinha nem mesmo um segundo olhar.

— Oh! Meu Deus! Vejam como aquele rapaz é gordo! — Era, nela, a mais alta expressão de desprezo.

Segundo dizia, as pessoas de uma razoável corpulência eram incapazes de sentimento, maus maridos e indignos de entrar numa sociedade civilizada. Conquanto fosse uma beleza apreciada no Oriente, a opulência de carnes parecia-lhe uma desgraça nas mulheres, mas para os homens era um crime. Essas opiniões paradoxais divertiam, graças a certo espírito de elocução. Entretanto, o conde compreendeu que mais tarde as pretensões da filha, cujo ridículo ia ser visível para certas mulheres tão perspicazes como pouco caridosas, se tornariam um assunto inevitável de motejos. Teve receio de que as estranhas ideias da filha degenerassem para a vulgaridade. Temia que a sociedade impiedosa já estivesse zombando de uma pessoa que permanecia tanto tempo em cena sem apresentar um desenlace para a comédia que representava. Mais de um ator, desgostoso por uma recusa, parecia estar à espera do menor incidente desastroso para se vingar. Os indiferentes, os ociosos começavam a cansar-se: a admiração é sempre uma fadiga para a espécie

humana. O velho vendeano sabia melhor do que ninguém que, se devemos escolher com arte o momento de pisar o tablado da sociedade, da corte, de um salão, ou sobre a cena, é ainda mais difícil sair dele oportunamente. Por isso, durante o primeiro inverno que se seguiu à elevação de Carlos x ao trono, redobrou de esforços, conjuntamente com os três filhos e os dois genros, para reunir nos salões de seu palacete os melhores partidos que Paris e as diversas deputações dos departamentos podiam apresentar. O brilho de suas festas, o luxo de sua sala de refeições e seus jantares perfumados de trufas rivalizavam com os célebres banquetes por meio dos quais os ministros da época asseguravam o voto de seus soldados parlamentares.

O digno vendeano foi então apontado como um dos mais poderosos corruptores da probidade legislativa daquela ilustre câmara que parecia morrer de indigestão. Coisa estranha! Suas tentativas para casar a filha mantiveram-no num esplendente favor. Possivelmente encontrou ele vantagens secretas em vender suas trufas por duas vezes. Essa acusação devida a certos liberais trocistas que compensavam, pela abundância de suas palavras, a escassez de seus aderentes na câmara, não teve nenhum êxito. O procedimento do fidalgo de Poitou era, de modo geral, tão nobre e tão honrado que não lhe tocou um único desses epigramas com os quais os malignos jornais da época feriam os trezentos votantes do centro, os ministros, os cozinheiros, os diretores-gerais, os príncipes do garfo e os defensores oficiosos que sustentavam a administração Villèle.[68] No fim dessa campanha, durante a qual fizera por várias vezes intervir todas as suas tropas, o sr. de Fontaine acreditou que sua legião de pretendentes não seria, dessa vez, uma fantasmagoria para a filha e que era tempo de consultá-la. Tinha certa satisfação íntima de ter bem cumprido com os seus deveres de pai. Ademais, tendo lançado mão de todas as suas reservas disponíveis, tinha a esperança de que, entre tantos corações oferecidos à caprichosa Emília, um ao menos houvesse a quem ela distinguisse. Incapaz de renovar esse esforço e além disso cansado do

procedimento da filha, uma manhã, no fim da Quaresma, em que a sessão da Câmara não reclamava imperiosamente seu voto, resolveu consultá-la. Enquanto o criado de quarto desenhava artisticamente em seu crânio amarelado o delta de pó que completava o seu venerável penteado semelhante a asas pendentes de pombo, o pai de Emília deu ordem, não sem certa emoção, ao velho servidor para ir prevenir a orgulhosa senhorita de que deveria comparecer imediatamente perante o chefe da família.

— José — disse ele no instante em que este lhe terminava o penteado —, retire essa toalha, corra as cortinas, ponha essas poltronas no lugar, sacuda o tapete da lareira e espane tudo. Vamos! Areje um pouco meu gabinete, abrindo a janela.

O conde multiplicava as ordens, esfalfava José, o qual, adivinhando as intenções do patrão, conseguiu dar um aspecto agradável à peça que, como era natural, fora sempre a mais descuidada da casa, podendo enfim imprimir uma certa harmonia àqueles montões de pastas, de contas, de livros e aos móveis daquele santuário, onde se debatiam os interesses das propriedades reais. Quando José acabou de pôr um pouco de ordem naquele caos e de colocar em evidência, como numa loja de novidades, as coisas que podiam mais agradar à vista ou realizar pela combinação de cores uma espécie de poesia burocrática, parou no meio daquele labirinto de papéis espalhados um pouco por toda parte, e até em cima do tapete, admirou-se a si mesmo durante um momento, sacudiu a cabeça e saiu.

O pobre sinecurista não partilhou da boa opinião do seu servidor. Antes de se sentar na sua ampla poltrona de orelhas, circunvagou um olhar desconfiado, examinou com ar hostil seu robe de chambre, com um piparote fez cair alguns grãos de rapé, assoou cuidadosamente o nariz, arrumou as pás e os atiçadores da chaminé, avivou o fogo, endireitou as chinelas, atirou para trás o rabicho de sua cabeleira que se insinuara horizontalmente entre a gola do colete e a do robe de chambre, fazendo-o retomar sua posição perpendicular, e depois deu uma vassourada nas

cinzas da lareira que atestavam a renitência do seu catarro. Finalmente, o velho vendeano não se sentou sem antes ter passado em revista, pela última vez, seu gabinete, na esperança de que nada pudesse dar azo às observações zombeteiras e impertinentes com as quais a filha costumava responder aos seus avisados conselhos. Naquela oportunidade ele não queria comprometer sua dignidade paterna. Tomou delicadamente uma pitada de rapé e tossiu uma ou duas vezes, como se se dispusesse a pedir a verificação nominal: acabava de ouvir o passo sutil da filha, que entrou trauteando uma ária de *Il Barbiere*.[69]

— Bom dia, pai. Que quer de mim tão cedo?

Depois dessas palavras atiradas como o estribilho da ária que vinha cantando, ela abraçou o conde, não com a ternura familiar que torna o sentimento filial tão doce, mas com a despreocupada frivolidade de uma amante sempre segura de agradar, embora faça o que fizer.

— Minha querida filha — disse o sr. de Fontaine, com toda a gravidade —, mandei chamar-te para conversarmos muito seriamente sobre o teu futuro. A necessidade em que te achas neste momento de escolher um marido, de modo a tornar tua felicidade durável...

— Meu querido paizinho — disse Emília empregando as tonalidades mais carinhosas de sua voz, para interrompê-lo —, quer parecer-me que o armistício que concluímos relativamente aos meus pretendentes ainda não expirou.

— Emília, deixemos por hoje de gracejar sobre um assunto tão importante. Faz já algum tempo que os esforços dos que te querem verdadeiramente, minha querida filha, se conjugam a fim de obter para ti uma situação conveniente, e seria tornar-te culpada de ingratidão acolheres frivolamente demonstrações de interesse que não sou o único a prodigalizar-te.

Ao ouvir essas palavras e depois de lançar um olhar maliciosamente investigador aos móveis do gabinete paterno, a rapariga foi buscar a poltrona que lhe pareceu ter sido menos usada pelos solicitantes,

carregou-a para o outro lado da chaminé, de modo a colocar-se defronte ao pai, assumiu uma atitude tão grave que era impossível não se perceber nela vestígios de zombaria e cruzou os braços sobre a rica guarnição de uma capa *à la neige* cujos numerosos tufos de musselina ficaram impiedosamente amarrotados. Depois de ter olhado de soslaio, e rindo, o semblante preocupado do pai, quebrou o silêncio:

— Nunca ouvi o senhor dizer, querido papai, que o governo fizesse suas comunicações em robe de chambre. Mas — acrescentou sorrindo — não faz mal, o povo não deve ser exigente. Vejamos, pois, seus projetos de lei e suas disposições oficiais.

— Nem sempre terei a felicidade de as fazer, minha louquinha! Ouve, Emília. Minha intenção não é comprometer por mais tempo meu caráter, que é parte da fortuna de meus filhos, recrutando esse regimento de bailarinos que tu pões em debandada todas as primaveras. Já tens sido causa inocente de umas quantas desavenças com algumas famílias. Quero crer que compreenderás melhor, hoje, as dificuldades de tua posição e da nossa. Tens vinte anos, minha filha, e já devias estar casada há três anos. Teus irmãos e tuas duas irmãs todos fizeram casamentos ricos e felizes. Mas, minha filha, precisas saber que as despesas que tivemos de fazer com esses casamentos, assim como o trem de vida que tua mãe precisa manter por tua causa, absorveram de tal forma minhas rendas que hoje poderei, quando muito, dar-te cem mil francos de dote. A partir de agora quero ocupar-me da situação futura de tua mãe que não deve ser sacrificada aos filhos. Se eu vier a faltar, a sra. de Fontaine não deverá ficar à mercê de ninguém e deve continuar gozando da abastança com a qual só muito tarde eu recompensei sua dedicação aos meus infortúnios. Já vês, minha filha, que a insignificância de teu dote não está em harmonia com as tuas ideias de grandeza. E, mesmo assim, é um sacrifício que não fiz por nenhum outro dos meus filhos; mas eles concordaram generosamente em não se prevalecer um dia da exceção que fizemos por uma filha demasiado querida!

— Também, na situação deles! — disse Emília, meneando ironicamente a cabeça.

— Minha filha, não deves desfazer nunca daqueles que te querem. Fica sabendo que só os pobres são generosos! Os ricos têm sempre excelentes razões para não dar vinte mil francos a um parente. Pois bem! Não te enfarrusques, minha filha, e conversemos razoavelmente. Entre os rapazes casadouros[70] não notaste o sr. de Manerville?

— Oh! Ele diz "zogo" em vez de jogo, está sempre a olhar para o pé porque o julga pequeno, e como se olha no espelho! Ademais, é louro, e eu não gosto de louros.

— Está bem! E o sr. de Beaudenord?

— Esse não é nobre. É malfeito de corpo e gordo. É verdade que é moreno. Seria preciso que esses dois senhores combinassem juntar as fortunas, que o primeiro desse o corpo e o nome ao segundo, o qual conservaria seus cabelos, e então... talvez...

— Que tens a dizer contra o sr. de Rastignac?

— A sra. de Nucingen quase o tornou banqueiro — disse ela maliciosamente.

— E o visconde de Portenduère, nosso parente?

— Um menino que dança mal e, aliás, sem dinheiro. Enfim, meu pai, essa gente não tem títulos. Quero ser pelo menos condessa, como mamãe.

— Quer dizer que este inverno não viste ninguém que...

— Não, meu pai.

— Que é que queres então?

— O filho de um par de França.

— Estás louca, minha filha! — disse o sr. de Fontaine, levantando-se. Mas subitamente ergueu os olhos para o céu, como se buscasse nova dose de resignação num pensamento religioso, lançando um olhar de piedade paterna à filha, que ficou emocionada, tomou-lhe a mão, apertou-a e disse-lhe enternecido:

— Deus é testemunha, pobre criatura transviada, que cumpri

conscienciosamente meu dever de pai para contigo. Que digo? Conscienciosamente? Com amor, Emília. Sim, Deus sabe que este inverno eu te trouxe mais de um homem de bem cujas qualidades, costumes, caráter me eram conhecidos, e todos dignos de ti, minha filha. Já fiz o que devia. De hoje em diante serás árbitra de teu destino, sentindo-me ao mesmo tempo feliz e infeliz por me ver dispensado da mais árdua das obrigações paternas. Não sei se ainda por muito tempo ouvirás minha voz, que infelizmente nunca foi severa; mas lembra-te de que a felicidade conjugal não se alicerça tanto sobre qualidades brilhantes e fortuna quanto sobre uma estima recíproca. Essa felicidade é, por sua natureza, modesta e sem brilho. Vai, minha filha, podes contar com o meu consentimento para aquele a quem me apresentares como genro; mas, se fores infeliz, lembra-te de que não te assiste o direito de acusar teu pai. Não me recusarei a dar os passos que quiseres e te auxiliarei; peço apenas que tua escolha seja séria e definitiva. Não devo comprometer duas vezes o respeito que devo aos meus cabelos brancos.

A afeição evidenciada pelo pai e o tom solene com que fez sua untuosa alocução impressionaram vivamente a srta. de Fontaine, a qual, entretanto, dissimulou seu enternecimento, mas aninhou-se no colo do conde, que se havia sentado ainda todo trêmulo, fez a este as mais meigas carícias e o afagou tão graciosamente que os sulcos da testa do velho se dissiparam. Quando Emília achou que o pai estava refeito de sua penosa emoção, disse-lhe em voz baixa:

— Muito lhe agradeço sua graciosa atenção, papai. O senhor arrumou seu gabinete para receber sua filhinha querida. Não esperava, talvez, que ela fosse tão louca e rebelde, não é? Mas, meu pai, será tão difícil assim casar com um par de França? O senhor mesmo disse que os fazem às dúzias. Ah! Pelo menos não me recusará seus conselhos.

— Não, minha filha, não, e mais de uma vez te gritarei: toma cuidado! Lembra-te que o pariato é uma peça muito nova na nossa "governamentabilidade", como dizia o falecido rei, para que os pares

possam ter grandes fortunas. Os que são ricos querem sê-lo ainda mais. O mais opulento de todos os membros do nosso pariato não tem a metade da renda que possui o menos rico dos lordes da Câmara Alta da Inglaterra. Ora, os pares de França procurarão, todos, herdeiras ricas para seus filhos, seja lá onde for que as encontrem. A necessidade em que se acham todos eles de fazer casamentos de dinheiro durará mais de dois séculos. É possível que enquanto esperas o feliz acaso que desejas, espera essa que pode custar-te os teus mais belos anos de vida, teus encantos (pois é frequente hoje em dia a gente casar-se por amor), teus encantos, repito, operem um prodígio. Quando a experiência se oculta sob um semblante tão primaveril como o teu, é permitido esperar maravilhas. Não tens, antes de tudo, a facilidade de descobrir virtudes no maior ou menor volume que apresentam os corpos? Não é pouca coisa, isso. Assim é que não tenho necessidade de prevenir uma pessoa tão avisada como tu das dificuldades da empresa. Estou certo de que não atribuirás nunca bom-senso a um desconhecido ao ver-lhe a estampa lisonjeira ou virtudes por lhe achares um porte elegante. Enfim, estou perfeitamente de acordo contigo sobre o dever que têm todos os filhos de pares de possuírem um ar que lhes seja próprio e maneiras que os distingam de modo inconfundível. Conquanto hoje nada há que assinale a alta posição de nascimento, esses rapazes terão para ti, talvez, um *não sei quê* que fará com que os descubra. Aliás, segura com firmeza as rédeas de teu coração, como um bom cavaleiro que não deixa seu corcel desgarrar. Boa sorte, minha filha.

— Estás zombando de mim, papai. Pois bem! Declaro-te que prefiro ir morrer no convento da srta. de Condé[71] a não ser esposa de um par de França.

Escapuliu dos braços do pai e, orgulhosa de ser senhora de si mesma, foi-se trauteando a ária *Cara, non dubitar* do *Matrimônio secreto*.[72] Por acaso a família festejava nesse dia uma data doméstica. À sobremesa, a sra. Planat, mulher do recebedor-geral e mais velha do que Emília, falou

em voz bastante alta de um jovem americano, dono de imensa fortuna, o qual, tendo se apaixonado perdidamente por sua irmã, fizera-lhe propostas extremamente brilhantes.

— Creio que é um banqueiro — disse negligentemente Emília. — Não gosto de financistas.

— Mas, Emília — respondeu o barão de Villaine, marido da segunda irmã da srta. de Fontaine —, você também não gosta da magistratura, de modo que não compreendo, uma vez que repele os proprietários não titulados, em que classe escolherá um marido.

— Principalmente, Emília, com o teu sistema da magreza — acrescentou o tenente-general.

— Eu sei o que me convém — respondeu a moça.

— Minha irmã quer um grande nome — disse a baronesa de Fontaine — e cem mil libras de renda; o sr. de Marsay,[73] por exemplo.

— O que sei, querida irmã — retrucou Emília —, é que não farei um casamento tolo, como tantos que já vi. Ademais, para evitar essas discussões nupciais, declaro que considerarei como inimigos do meu descanso os que me falarem em casamento.

Um tio de Emília, vice-almirante, cuja fortuna acabava de ser acrescida de umas vinte mil libras de renda em consequência da lei de indenidade, velho septuagenário, com liberdade de dizer duras verdades à sobrinha, pela qual tinha loucura, exclamou para dissipar o azedume da conversa:

— Não atormentem a minha pobre Emília. Não veem que ela está esperando a maioridade do duque de Bordeaux?[74]

Uma risada geral acolheu a pilhéria do ancião.

— Tome cuidado em que eu não me case contigo, velho maluco! — replicou a moça, cujas últimas palavras foram felizmente abafadas pelo barulho.

— Meus filhos — disse a sra. de Fontaine para suavizar aquela impertinência —, Emília, como vocês todos, só se aconselhará com sua

mãe.

— Por Deus! Que só me aconselharei comigo mesma, num assunto que só a mim me diz respeito — disse distintamente a moça.

Os olhares dirigiram-se então para o chefe da família. Todos pareciam curiosos de ver o que ele faria para manter sua dignidade. Não somente o venerável vendeano gozava de grande consideração nos meios sociais, como também, mais feliz do que muitos pais, era apreciado pela família, cujos membros, sem exceção, tinham reconhecido as qualidades sólidas que empregava para consolidar a fortuna dos seus. Por isso, cercavam-no com aquele profundo respeito que as famílias inglesas e algumas casas aristocráticas do continente tributam ao representante da árvore genealógica. Fez-se um profundo silêncio, e os olhos dos convivas fitavam alternativamente o semblante enfadado e altivo da menina mimada e as fisionomias severas do sr. e da sra. de Fontaine.

— Deixei minha filha senhora de seu destino — foi a resposta que o conde pronunciou com um tom de voz profundo.

Os parentes e demais convivas consideraram então a srta. de Fontaine com um misto de curiosidade e piedade. Aquela afirmação parecia indicar que a bondade paterna se cansara de lutar contra um caráter que a família sabia ser incorrigível. Os genros murmuraram, e os irmãos dirigiram às suas mulheres sorrisos zombeteiros. Desde esse momento todos deixaram de se preocupar com o casamento da orgulhosa rapariga. Somente seu velho tio, em sua qualidade de antigo marinheiro, se animou a arriscar umas bordadas com ela e sofrer-lhe remoques, sem nunca se descuidar de responder a canhonaço com canhonaço.

Quando veio a primavera, depois de votado o orçamento, aquela família, verdadeiro modelo das famílias parlamentares do outro lado da Mancha, que têm um pé em cada departamento administrativo e dez votos nas Comunas, abriu voo, como um bando de pássaros, para os lindos recantos de Aulnay, de Antony e de Châtenay. O opulento recebedor-geral comprara recentemente naquelas paragens uma casa de

campo para a mulher, a qual ficava em Paris somente durante o tempo das sessões. Conquanto a bela Emília desprezasse a burguesia, esse sentimento não chegava a ponto de fazer com que desdenhasse as vantagens da fortuna acumulada pelos burgueses. Acompanhou, portanto, a irmã à sua vila suntuosa, menos por afeição às pessoas de sua família, do que pelas regras inflexíveis do bom-tom que ordena imperativamente a toda mulher que se respeita a deixar Paris durante o verão. As verdes campinas de Sceaux preenchiam admiravelmente bem as condições exigidas pelo bom-tom e pelo dever dos cargos públicos.

Como é um pouco duvidoso que a reputação do baile campestre de Sceaux tivesse jamais ultrapassado os limites do departamento do Sena, precisamos dar alguns detalhes sobre esta festa semanal que, por sua importância, ameaçava naquela época tornar-se uma instituição. Os arredores da pequena cidade de Sceaux gozam de uma reputação devida a sítios que passam por encantadores. É bem possível que estes sejam bem ordinários e devam sua celebridade apenas à estupidez dos burgueses de Paris, os quais, ao saírem dos abismos de cantaria sob os quais estão sepultados, se acham dispostos a admirar as planícies da Beauce. Entretanto, as sombras dos bosques de Aulnay, as colinas de Antony e o vale do Bièvre, sendo habitados por alguns artistas que viajaram, por estrangeiros, que são pessoas de gosto exigente, e por muitas mulheres bonitas a quem igualmente não falta gosto, é de crer que os parisienses tenham razão. Sceaux, entretanto, possui outro atrativo não menos poderoso para os parisienses. No meio de um jardim de onde se avistam deliciosos panoramas, encontra-se uma imensa rotunda aberta de todos os lados, cuja cúpula tão vasta quanto leve é sustentada por elegantes colunas. Esse abrigo campestre recobre uma sala de dança. É raro que os proprietários mais emproados na vizinhança não emigrem uma ou duas vezes por ano até esse palácio da Terpsícore aldeã, seja em brilhantes cavalgadas, seja nessas elegantes e leves carruagens que cobrem de poeira os pedestres filósofos. A esperança de aí encontrar mulheres da alta

sociedade, de serem por elas vistos, a esperança, menos vezes fraudada, de ver jovens camponesas ardilosas como juízes, faz com que, aos domingos, acorram ao baile de Sceaux enxames de amanuenses de cartório, discípulos de Esculápio e rapazes cuja tez alva e viço são mantidos pelo ar úmido dos fundos de loja parisienses. Também, um bom número de casamentos burgueses se iniciou ao som da orquestra que ocupa o centro dessa sala circular. Se o teto pudesse falar, quanta história de amor nos contaria ele! Essa interessante afluência torna o baile de Sceaux mais picante do que o são dois ou três outros bailes dos arredores de Paris, sobre os quais sua rotunda, a beleza do lugar e os atrativos de seu jardim lhe dão vantagens incontestáveis. Emília foi a primeira a manifestar o desejo de "virar povo" nesse alegre baile da circunscrição, prometendo a si mesma gozar um imenso prazer por encontrar-se no meio de tal assembleia. Ficaram admirados de sua fantasia de vagar no meio daquela multidão, mas não é o incógnito, para os grandes, um prazer intenso? A srta. de Fontaine comprazia-se em imaginar todos aqueles ares citadinos, via-se deixando em mais de um coração burguês a recordação de um olhar e de um sorriso encantadores, ria-se de antemão das dançarinas pretensiosas e aparava os lápis para desenhar as cenas com que pensava enriquecer as páginas de seu álbum satírico. O domingo, mercê da sua impaciência, custou a chegar. A sociedade do pavilhão Planat pôs-se a caminho a pé, para não cometer indiscrição quanto à classe dos personagens que queriam honrar o baile com sua presença. Tinham jantado cedo. Enfim, o mês de maio favoreceu essa escapada aristocrática com a mais bela de suas noites. A srta. de Fontaine ficou muito surpresa ao encontrar, sob a rotunda, algumas quadrilhas compostas por pessoas que pareciam pertencer à boa roda. Viu, não há dúvida, aqui e ali, alguns jovens que pareciam ter gastado as economias de um mês para brilhar um momento, e também alguns pares cuja alegria demasiado franca nada acusava de conjugal, mas apenas pôde respigar em vez de colher. Admirou-se ao ver que o prazer vestido

de percal se parecia tanto ao prazer coberto de cetim, e que a burguesia dançava tão graciosamente como a nobreza e às vezes melhor. A maioria dos vestidos eram simples e usados com elegância. Os que, naquela assembleia, representavam os suseranos do território, isto é, os camponeses, mantinham-se no seu canto, com incrível polidez. Foi preciso mesmo que a srta. Emília fizesse um certo estudo dos diversos elementos que compunham aquela reunião antes de achar um motivo para gracejos. Mas não teve tempo nem para se entregar às suas maliciosas críticas nem para ouvir muitos desses ditos significativos que os caricaturistas recolhem com alegria. A orgulhosa criatura encontrou subitamente naquele vasto campo uma flor — a metáfora vem a propósito — cujo brilho e cujas cores atuaram sobre sua imaginação pelo prestígio da novidade. Acontece-nos, muitas vezes, olhar um vestido, uma tapeçaria, um papel em branco, com bastante distração para não ver logo uma mancha ou um ponto brilhante que mais tarde nos impressionam a vista, como se tivessem acabado de aparecer somente naquele instante em que o vemos; por uma espécie de fenômeno moral muito semelhante, a srta. de Fontaine achou num rapaz o tipo das perfeições exteriores com que sonhava havia muito.

Sentada numa daquelas cadeiras grosseiras que delimitavam o recinto abrigado da sala, ela se colocara na extremidade do grupo formado por sua família, a fim de poder levantar-se ou avançar, segundo sua fantasia, comportando-se como os quadros vivos e os grupos oferecidos por aquela sala, como na exposição do museu. Assestava impertinentemente a luneta sobre uma pessoa que se achava a dois passos dela e fazia seus comentários como se estivesse criticando ou elogiando uma cabeça de estudo ou um quadro de costumes. Seu olhar, depois de ter vagado por sobre aquela vasta tela animada, foi repentinamente detido por aquela figura que parecia ter sido propositadamente posta num canto do quadro, sob boa luz, como um personagem completamente desproporcionado ao resto. O desconhecido, solitário e sonhador, levemente apoiado contra

um dos pilares que sustentavam o teto, estava de braços cruzados e levemente inclinado, como se se tivesse colocado ali para permitir a um pintor que lhe fizesse o retrato. Embora muito elegante e altiva, aquela atitude era despida de afetação. Nenhum gesto demonstrava que ele tivesse posto o rosto a três quartos e inclinado levemente a cabeça para a direita, como Alexandre, como Byron e alguns outros grandes homens, com o único fim de chamar sobre si a atenção. Seu olhar fixo seguia os movimentos de uma das bailarinas, traindo algum sentimento profundo. Seu porte esbelto e desembaraçado lembrava as belas proporções de Apolo. Belos cabelos negros encaracolavam-se naturalmente sobre sua alta fronte. Com um único olhar, a srta. de Fontaine notou a boa qualidade de sua roupa, a frescura de suas luvas de pele de cabrito, evidentemente compradas numa casa de bom-tom, e a pequenez de um pé calçado com botas de couro da Irlanda. Não ostentava nenhum desses ignóbeis berloques com que se enfeitam os velhos casquilhos da Guarda Nacional ou os Adônis de balcão. Apenas uma fita preta, à qual estava preso o *lorgnon*, flutuava sobre o colete de corte irrepreensível. Nunca a difícil Emília vira olhos de homem sombreados por cílios tão compridos e tão recurvados. Aquele semblante, caracterizado por uma tez azeitonada e máscula, respirava melancolia e paixão. A boca parecia sempre pronta a sorrir e a erguer os ângulos de dois lábios eloquentes, mas essa disposição, ao invés de ser devida à alegria, revelava antes uma espécie de graça triste. Havia naquela cabeça demasiado futuro, demasiada distinção para que se pudesse dizer: “Eis ali um belo homem ou homem bonito!”. Desejava-se conhecê-lo. Ao ver o desconhecido, o mais perspicaz observador não poderia deixar de tomá-lo por um homem de talento atraído àquela festa de aldeia por algum interesse poderoso.

Esse punhado de observações não custou a Emília mais do que um momento de atenção, durante o qual aquele homem privilegiado, submetido a uma análise severa, se tornou objeto de secreta admiração. Ela não disse a si mesma: “É preciso que ele seja par de França!”, mas:

“Oh! Se ele é nobre, e deve ser...”. Sem terminar o pensamento, ela levantou-se repentinamente, acompanhada do irmão tenente-general, e foi em direção àquela coluna como se estivesse olhando as alegres quadrilhas; mas, por um artifício de óptica familiar às mulheres, não perdia um único dos movimentos do rapaz, do qual se aproximou. O desconhecido afastou-se, cortesmente, para ceder o lugar aos dois que chegavam e apoiou-se contra outra coluna. Emília, tão contrariada com a polidez do rapaz como ficaria com uma impertinência, pôs-se a conversar com o irmão, alteando a voz muito mais do que o permitia o bom-tom; fez atitudes de cabeça, multiplicou seus gestos e riu sem saber ao certo por quê, menos para divertir o irmão do que para chamar a atenção do imperturbável desconhecido. Nenhuma dessas pequenas manobras surtiu efeito. A srta. de Fontaine seguiu então a direção do olhar do moço e viu a causa da sua indiferença.

No meio da quadrilha que estava diante dela, dançava uma jovem criatura pálida e semelhante a essas deidades escocesas que Girodet[75] colocou na sua imensa composição dos guerreiros franceses recebidos por Ossian. Emília julgou reconhecer nela uma ilustre *lady* que viera residir fazia pouco numa propriedade rural vizinha. Tinha como cavalheiro um jovem de uns quinze anos, de mãos vermelhas, calças de nanquim, casaco azul, sapatos brancos e que provava que o gosto da dama pela dança não a tornava exigente na escolha dos pares. Seus movimentos não se ressentiam de sua aparente fraqueza, mas um leve rubor começava a corar suas faces pálidas, e sua tez começava a animar-se. A srta. de Fontaine aproximou-se da quadrilha para poder examinar a estrangeira no momento em que esta voltasse a seu lugar, enquanto os pares fronteiros repetiam a figura que ela estava executando. Mas o desconhecido adiantou-se, curvou-se para a linda dançarina, e a curiosa Emília pôde ouvir distintamente estas palavras, proferidas com voz meiga e imperiosa:

— Clara, minha filha, não dance mais.

Clara fez um pequeno trejeito de enfado, curvou a cabeça em sinal de obediência e acabou por sorrir. Depois da contradança o rapaz teve os cuidados de um amante, ao pôr sobre os ombros da moça um xale de cachemira, e a fez sentar de modo que ficasse abrigada do vento. Daí a pouco, a srta. de Fontaine, que os vira erguer-se e passar à roda do recinto como pessoas dispostas a partir, achou meio de segui-los sob pretexto de admirar as perspectivas do jardim. O irmão prestou-se com maliciosa bonomia aos caprichos daquela marcha errante. Emília viu então o bonito par subir num elegante tílburi que um lacaio a cavalo e de libré estava guardando. No momento em que o rapaz se sentou e preparou as rédeas, ela obteve dele, a princípio, um desses olhares que se atiram sem finalidade sobre as multidões, mas teve a fraca satisfação de vê-lo voltar a cabeça, por duas vezes, sendo imitado pela jovem desconhecida. Seria ciúme?

— Presumo que já observaste suficientemente o jardim — disse-lhe o irmão —, podemos agora voltar para as danças, não?

— De acordo — respondeu ela. — Acredita que seja *lady* Dudley?

— Ela não sairia sem Félix de Vandenesse — disse-lhe o irmão, sorrindo.

— *Lady* Dudley não pode ter parentes em casa?...

— Um rapaz, sim — replicou o barão de Fontaine —, mas uma moça, não!

No dia seguinte, a srta. de Fontaine manifestou o desejo de dar um passeio a cavalo. Insensivelmente acostumou o velho tio e os irmãos a acompanhá-la em certas excursões matinais, muito benéficas, dizia ela, para a sua saúde. Gostava particularmente dos arredores da aldeia onde morava *lady* Dudley. Apesar de suas manobras de cavalaria, não tornou a ver o estrangeiro tão depressa quanto podia fazer esperar a alegre busca a que se entregava. Voltou várias vezes ao baile de Sceaux, sem poder encontrar ali o jovem inglês caído do céu para dominar seus sonhos e embelezá-los. Conquanto nada espicace tanto o amor nascente de uma

moça como um obstáculo, houve, entretanto, um momento em que a srta. Emília de Fontaine esteve a ponto de abandonar sua estranha e secreta busca, quase a desesperar do êxito de uma empresa cuja singularidade pode dar uma ideia da intrepidez de seu caráter. Teria efetivamente podido rondar durante muito tempo em torno da aldeia de Châtenay sem rever seu desconhecido. A jovem Clara, pois que era esse o nome que a srta. de Fontaine ouvira, não era inglesa, e o pretenso estrangeiro não residia nos bosques floridos e perfumados de Châtenay.

Uma tarde, Emília saiu a cavalo com o tio, que, desde que chegara a bela estação, tinha obtido de sua gota uma longa cessação de hostilidades, e encontrou *lady* Dudley. A ilustre estrangeira tinha a seu lado, na sua caleça, o sr. de Vandenesse. Emília reconheceu o par, e suas hipóteses foram dissipadas num momento, como se dissipam os sonhos. Despeitada como toda mulher frustrada na sua expectativa, ela deu volta ao cavalo com tanta rapidez que o tio teve o maior trabalho do mundo para segui-la, tal a velocidade que ela imprimiu à carreira.

"Decididamente já estou muito velho para compreender esses espíritos de vinte anos", disse a si mesmo o velho marujo, pondo o cavalo a galope, "ou então é que a mocidade de hoje não se parece mais com a de antigamente. Que terá minha sobrinha? Ei-la agora a passo miúdo como um gendarme patrulhando as ruas de Paris. Será que ela quer seduzir esse bom burguês que me parece ser um autor a sonhar com as suas poesias, pois, segundo me parece, ele está com um álbum na mão. Mas que digo, que grande tolo sou eu! Não será ele o rapaz em busca de quem nós estamos?"

Assim pensando, o velho marujo fez o cavalo marchar a passo sobre a areia, de modo a poder chegar sem ser pressentido junto à sobrinha. Muitas fizera o vice-almirante nos anos de 1771 e seguintes, épocas de nossos anais em que a galantaria estava em moda, para que não adivinhasse imediatamente que Emília tinha, pelo maior dos acasos, encontrado o desconhecido do baile de Sceaux. Não obstante o véu que a

idade pusera sobre os seus olhos cinzentos, o conde de Kergarouët soube reconhecer os indícios de uma agitação extraordinária na sobrinha, apesar da impassibilidade que ela tentava impor à fisionomia. Os olhos perspicazes da jovem estavam fixados com uma espécie de estupor sobre o estrangeiro que caminhava tranquilamente na frente dela.

"É justamente isso!", pensou o marujo. "Vai segui-lo como um navio mercante segue um corsário. Depois, quando ela o vir afastar-se, ficará desesperada por não saber a quem ama e ignorar se se trata de um marquês ou de um burguês. Realmente, essas cabeças moças precisariam ter sempre a seu lado uma velha peruca como eu..."

De súbito, ele fez o cavalo correr de modo a fazer partir o de sua sobrinha e passou tão depressa entre esta e o jovem passeante que o forçou a atirar-se sobre o talude de verdura que bordava a estrada. Detendo de imediato o cavalo, o conde exclamou:

— Não podia dar lugar?

— Ah! Perdão, senhor — respondeu o desconhecido. — Ignorava que era a mim que competia apresentar desculpas pelo fato de ter-me o senhor quase derrubado.

— Epa, amigo, acabemos com isso — retrucou asperamente o marujo com um tom de voz sardônico, em que havia algo de insultante.

Ao mesmo tempo o conde ergueu o rebenque como para fustigar o cavalo e tocou no ombro do seu interlocutor dizendo:

— O burguês liberal é raciocinador, todo raciocinador deve ser prudente.

O jovem subiu o talude ouvindo esse sarcasmo, cruzou os braços e com voz emocionada respondeu:

— Senhor, não posso acreditar, ao ver seus cabelos brancos, que ainda se divirta em provocar duelos.

— Cabelos brancos? — gritou o marujo interrompendo-o. — Mentes pela gorja; eles são apenas grisalhos.

Uma discussão assim iniciada tornou-se ao cabo de alguns segundos

tão calorosa que o jovem esqueceu o tom moderado que tanto se esforçara por conservar. No momento em que o conde de Kergarouët viu a sobrinha prestes a chegar junto a eles com todos os sinais de viva inquietação, deu seu nome ao antagonista, recomendando-lhe que nada dissesse ante a jovem a quem custodiava. O desconhecido não pôde deixar de sorrir e entregou um cartão de visita ao velho marujo, fazendo-o observar que residia numa casa de campo em Chevreuse, e afastou-se rapidamente, depois de indicá-la ao vice-almirante.

— Você quase feriu esse pobre paisano — disse o conde, apressando-se em ir ao encontro de Emília. — Não sabe mais governar seu cavalo? Deixa-me por aí a comprometer minha dignidade para acobertar suas loucuras, ao passo que se tivesse estado ali, um único dos seus olhares ou uma dessas palavras corteses que você tão bem sabe dizer, quando não quer ser impertinente, teria acomodado tudo, embora mesmo lhe tivesse partido as costelas.

— Ora essa, meu tio, se foi o seu cavalo, e não o meu, a causa desse acidente. Começo a crer que o senhor já não pode mais montar a cavalo, já não é tão bom cavaleiro como no ano passado. Mas em vez de dizer bobagens...

— Com mil diabos! Bobagens! Então acha pouco fazerem impertinências a seu tio?

— Não acha bom irmos ver se aquele pobre rapaz está ferido? Ele está coxeando, repare, meu tio.

— Não, ele está correndo. Ah! É que lhe passei uma sarabanda!

— Isso é bem do senhor.

— Alto lá, minha sobrinha — disse o conde pondo a mão na rédea do cavalo de Emília e fazendo-o parar. — Não vejo necessidade de fazer rapapés a um bodegueiro qualquer que deve considerar-se muito feliz por ter sido atirado no chão por uma rapariga encantadora ou pelo comandante da *Belle-Poule*.

— Por que acredita ser ele um plebeu, meu caro tio? Parece-me que

suas maneiras são muito distintas.

— Ora, todos hoje têm maneiras distintas, minha cara.

— Não, tio, nem todos têm o ar e o desembaraço que dá o hábito dos salões, e sou capaz de apostar com o senhor que esse moço é nobre.

— Você não teve tempo suficiente para examiná-lo.

— Mas se não é a primeira vez que o vejo.

— E tampouco é a primeira vez que o procura — disse rindo o vice-almirante.

Emília corou, e seu tio divertiu-se deixando-a algum tempo constrangida, depois disse-lhe:

— Emília, você sabe que lhe quero como a uma filha, justamente porque você é a única da família que tem esse legítimo orgulho que dá um alto nascimento. Com os diabos, minha sobrinhazinha, quem diria que os bons princípios se tornariam tão raros? Pois bem, quero ser o seu confidente. Minha querida, estou vendo que esse gentil-homem não lhe é indiferente. Caluda! Eles se divertiriam à nossa custa, lá em casa, se nós embarcássemos numa canoa furada. Já sabe o que isso quer dizer. Portanto, minha filha, deixe-me auxiliá-la. Guardemos os dois o segredo, e eu lhe prometo que o trarei para o meio da sala.

— E quando isso, meu tio?

— Amanhã.

— Mas, querido tio, eu não ficarei obrigada a nada?

— A nada, e até se quiser poderá bombardeá-lo, prender-lhe fogo e deixá-lo como uma velha carraca. Aliás, não será o primeiro, não?

— Como o senhor é bom, meu tio!

Assim que o conde chegou à casa, acavalou as lentes, tirou sem que ninguém o visse o cartão de visita do bolso e leu: *Maximiliano Longueville*, rue du Sentier.

— Pode ficar descansada, minha querida — disse ele a Emília —, pode arpoá-lo na paz de sua consciência, porque ele pertence a uma de nossas famílias históricas e, se não é par de França, sê-lo-á infalivelmente.

— De onde tirou isso tudo?

— Isso é segredo meu.

— Sabe então o nome dele?

O conde inclinou silenciosamente a cabeça grisalha, que se parecia bastante a um velho tronco de carvalho em torno do qual tivessem revoluteado algumas folhas amarelecidas pelo frio do outono. A esse sinal, Emília veio experimentar nele o poder sempre novo de seu coquetismo. Esperta na arte de amimar o velho marujo, prodigalizou-lhe as mais infantis carícias, as mais ternas palavras, chegou mesmo a beijá-lo visando obter a revelação de um segredo tão importante. O ancião, que passava o tempo fazendo a sobrinha representar esse gênero de cena e que as pagava muitas vezes à custa de adereços de valor ou pela cessão de seu camarote no Théâtre des Italiens, comprouve-se dessa vez em se deixar rogar e sobretudo acariciar. Como, porém, ele prolongasse demasiado seu prazer, Emília zangou-se, passou das carícias para os sarcasmos, ficou amuada e depois voltou, vencida pela curiosidade. O marujo diplomata obteve da sobrinha a solene promessa de que, para o futuro, ela seria mais comedida, mais meiga, menos caprichosa, que gastaria menos dinheiro e, sobretudo, que nada lhe ocultaria. Concluído e selado o tratado por um beijo que ele depôs na testa de Emília, levou-a para um canto do salão, sentou-a no colo, colocou o cartão entre os dois polegares de forma a escondê-lo, descobrindo letra por letra o nome de Longueville, e recusou teimosamente deixar ver mais. Esse acontecimento tornou mais intenso o sentimento secreto da srta. de Fontaine, que desenvolveu, durante grande parte da noite, os mais brilhantes quadros dos sonhos com que alimentara suas esperanças. Finalmente, graças ao acaso, tantas vezes implorado, via agora coisa bem diferente de uma quimera na fonte das riquezas imaginárias com as quais dourava sua vida conjugal. Como todas as jovens que ignoram os perigos do amor e do matrimônio, apaixonou-se pelas aparências enganadoras do matrimônio e do amor. Não será isso dizer que o seu sentimento nasceu

como nascem quase todos os caprichos da adolescência; erros suaves e cruéis que exercem tão fatal influência sobre a existência das raparigas bastante inexperientes para se arrogarem a si mesmas, exclusivamente, o cuidado da felicidade futura? No dia seguinte, de manhã, antes de Emília acordar, o tio fora apressadamente a Chevreuse. Ao reconhecer, no pátio de um elegante pavilhão, o rapaz a quem tão resolutamente insultara na véspera, dirigiu-se a ele com a afetuosa polidez dos velhos da antiga corte.

— Pois, meu caro senhor, quem diria que aos setenta e três anos de idade eu me veria metido num lance de honra com o filho ou neto de um de meus melhores amigos? Sou vice-almirante, senhor. Não é dizer-lhe com isso que tanto se me dá bater-me em duelo como fumar um cigarro? No meu tempo, dois rapazes não podiam tornar-se amigos íntimos senão depois de ver a cor do sangue um do outro. Mas, com os diabos, na minha qualidade de marinheiro, eu ontem carreguei para bordo um pouco de rum demais, e o resultado é que fui abalroar com o senhor. Toque aqui — disse estendendo-lhe a mão —, preferiria receber cem recusas de um Longueville a causar o menor desgosto à sua família.

Por mais frieza que o rapaz se esforçasse por manifestar ao conde de Kergarouët, não pôde resistir por muito tempo à franca bondade de suas maneiras e deixou que lhe apertasse a mão.

— O senhor ia montar a cavalo — disse o conde —, não se constranja por minha causa. Mas, a menos que já tenha um programa, venha comigo, porque o convido a almoçar hoje no pavilhão Planat. Meu sobrinho, o conde de Fontaine, é um homem indispensável de se conhecer. Ah! Com os diabos, pretendo compensá-lo da minha indelicadeza, apresentando-o a cinco das mais lindas mulheres de Paris. Ah! Ah! Meu rapaz, já vejo que se desfazem as rugas de sua testa. Gosto da gente moça e gosto de vê-los contentes. A felicidade dos jovens recorda-me os agradáveis anos de minha mocidade, em que não nos faltavam tanto aventuras como duelos. Éramos alegres naquele tempo! Hoje os senhores raciocinam e se inquietam com tudo, como se não

tivessem existido nem o século xv nem o século xvi.

— Mas, senhor, não temos nós razão? O século xv só deu liberdade religiosa à Europa, e o século xix lhe dará a liberdade pol...

— Ah! não falemos em política. Eu sou um palerma absolutista, senhor. Mas não impeço, por isso, os moços de serem revolucionários, contanto que deixem ao rei a liberdade de dissolver seus agrupamentos.

A alguns passos dali, quando o conde e seu jovem companheiro se acharam no meio do bosque, o marujo avistou uma bétula nova de tronco bastante fino, deteve o cavalo, tomou uma de suas pistolas, e a bala foi alojar-se no meio do tronco, a quinze passos de distância.

— Como vê, meu caro, não me arreceio de um duelo — disse com cômica gravidade, olhando para o sr. Longueville.

— Tampouco eu — replicou este último, que engatilhou prontamente sua arma, apontou para o orifício feito pela bala do conde e meteu a sua junto a esse alvo.

— Aqui está o que se chama um rapaz bem-educado! — Exclamou o marujo com entusiasmo.

Durante o passeio que deu com aquele a quem considerava já como seu sobrinho, teve mil oportunidades para interrogá-lo sobre todas as ninharias, de cujo exato conhecimento dependia, segundo o seu código particular, o perfeito gentil-homem.

— Tem dívidas? — perguntou finalmente ao companheiro após imensas indagações.

— Não, senhor.

— Como! Paga tudo que compra?

— Exatamente, senhor; do contrário perderíamos todo crédito e toda espécie de consideração.

— Mas pelo menos mais de uma amante? Ah! Corou, camarada?... Os costumes têm mudado bastante. Com essas ideias de ordem legal, de kantismo e de liberdade, a mocidade ficou estragada. Os senhores não têm nem Guimard, nem Duthé,[76] nem credores, e não sabem heráldica.

Mas, meu caro amigo, o senhor não está educado! Saiba que quem não faz as suas loucuras na primavera as fará no inverno. Se aos setenta anos eu tenho oitenta mil libras de renda, é porque aos trinta anos comi o capital... Oh! Com minha mulher, já se deixa ver. Contudo, suas imperfeições não me impedirão de apresentá-lo no pavilhão Planat. Olhe que me prometeu ir lá e eu o espero.

"Que singular velhinho", pensou o jovem Longueville, "é guapo e lépido; mas, conquanto queira se mostrar bom sujeito, não me fiarei nele."

No dia seguinte, cerca das quatro horas da tarde, quando estavam todos espalhados pelos salões ou pelo bilhar, um criado anunciou aos hóspedes do pavilhão Planat:

— O sr. *de* Longueville.

Ao ouvir o nome do favorito do velho conde de Kergarouët, todos, até o jogador que ia errar uma carambola, acorreram, tanto para observar a atitude da srta. de Fontaine como para julgar a fênix humana que merecera uma menção honrosa em detrimento de tantos rivais. Uma indumentária tão simples quão elegante, maneiras desembaraçadas e polidas, voz suave e de um timbre que fazia vibrar as cordas do coração granjearam ao senhor Longueville a simpatia de toda a família. Não se mostrou deslocado em meio ao luxo da residência do faustoso recebedor-geral. Conquanto sua conversação fosse a de um homem da alta sociedade, todos puderam reconhecer ter ele recebido uma brilhante educação e que seus conhecimentos eram tão vastos quanto sólidos. Achou tão exatamente o termo próprio numa discussão bastante superficial provocada pelo velho marinheiro a respeito de construções navais que uma das mulheres fez notar que ele parecia ter cursado a Escola Politécnica.

— Creio, senhora — respondeu ele —, que se pode considerar como um título honroso ter entrado lá.

Não obstante os insistentes convites que lhe foram feitos para que

ficasse para jantar, ele se recusou polidamente, mas com firmeza, e conteve as observações das damas dizendo ser o Hipócrates[77] de uma irmã mais moça, cuja delicada saúde exigia grandes cuidados.

— O senhor sem dúvida é médico? — perguntou com certa ironia uma das cunhadas de Emília.

— É diplomado pela Escola Politécnica — respondeu bondosamente a srta. de Fontaine, cujo rosto se animou com os mais rosados tons no momento em que ficou sabendo que a moça do baile era irmã do senhor Longueville.

— Mas, minha querida, pode-se ser médico e ter estado na Escola Politécnica, não é verdade, senhor?

— Nada se opõe a isso, senhora — respondeu o rapaz.

Todos os olhares se dirigiram a Emília, que, no momento, olhava com curiosidade inquieta para o sedutor desconhecido. Respirou com mais desafogo quando ele acrescentou, com um sorriso:

— Não tenho a honra de ser médico, senhora, e até mesmo desisti de entrar para o serviço de estradas de rodagem, a fim de conservar a minha independência.

— E fez muito bem — disse o conde. — Mas como pode considerar uma honra ser médico? — acrescentou o nobre bretão. — Ah! Meu jovem amigo, para um homem como o senhor...

— Senhor conde, respeito infinitamente todas as profissões que têm uma finalidade útil.

— Sim, estamos de acordo, o senhor respeita essas profissões, como um rapaz respeita uma matrona.

A visita do sr. Longueville não foi nem muito demorada nem muito curta. Retirou-se no momento em que verificou haver agradado a todos e que a curiosidade dos presentes tinha sido despertada a seu respeito.

— É uma raposa matreira! — disse o conde ao voltar ao salão, depois de ter acompanhado o visitante.

A srta. de Fontaine, a única que conhecia o segredo dessa visita, fizera

uma *toilette* bastante aprimorada para atrair os olhares do rapaz, mas teve o pequeno desgosto de ver que ele não lhe deu a atenção que ela julgava merecer. A família ficou muito surpresa com o silêncio em que ela se encerrara. Emília habitualmente exibia para os rapazes que lhe eram apresentados sua faceirice, sua tagarelice espirituosa e a inesgotável eloquência de seus olhares e de suas atitudes. Ou fosse porque a voz melodiosa do rapaz e os atrativos de suas maneiras a tivessem encantado ou porque o amasse seriamente e esse sentimento tivesse operado nela uma mudança, o fato é que sua atitude perdeu toda e qualquer afetação. Simples e natural como se mostrou, seguramente deve ter parecido mais formosa. Suas irmãs e uma velha senhora, amiga da família, viram nesse procedimento um requinte de coquetismo. Supuseram que, tendo achado o rapaz digno dela, Emília se propunha, talvez, só mostrar seus méritos pouco a pouco, a fim de deslumbrá-lo subitamente no momento em que ele se agradasse dela. Todos os membros da família estavam curiosos por saber o que aquela caprichosa rapariga pensava daquele estranho, mas quando, durante o jantar, cada um se divertiu em dotar o sr. Longueville de uma nova qualidade, pretendendo ter sido o único em descobri-la, a srta. de Fontaine permaneceu silenciosa durante algum tempo. Um leve sarcasmo do tio despertou-a, de súbito, de sua apatia, levando-a a dizer de modo epigramático que aquela perfeição celeste devia encobrir algum grande defeito e que ela evitaria julgar, à primeira vista, um homem que parecia tão hábil. Acrescentou que as pessoas que agradam a todos não agradam realmente a ninguém e que o pior de todos os defeitos é o de não ter nenhum. Como todas as moças que amam, ela acariciava a esperança de poder ocultar seu sentimento no fundo do coração, embaindo os argos que a cercavam, mas ao cabo de quinze dias não havia um único membro daquela numerosa família que não estivesse iniciado naquele pequeno segredo doméstico. Na terceira visita feita pelo sr. Longueville, Emília acreditou ter contribuído muito para ela. Essa descoberta causou-lhe um prazer tão embriagador que ela mesma se admirou quando refletiu sobre

o assunto. Havia naquilo algo de penoso para o seu orgulho. Acostumada a se considerar o centro do mundo, via-se forçada a reconhecer uma força que a atraía para fora de si mesma. Tentou rebelar-se, mas não pôde expulsar do coração a sedutora imagem do rapaz. Depois sobrevieram inquietações. Tinha o sr. Longueville duas qualidades que se opunham à curiosidade geral e particularmente à da srta. de Fontaine e consistiam numa modéstia e discrição inesperadas. Nunca falava nem de si, nem das suas ocupações, nem da sua família. As sutilezas que Emília semeava na conversação e as armadilhas que preparava para arrancar ao rapaz detalhes sobre ele próprio eram desviadas com a habilidade de um diplomata que quer ocultar seus segredos.

Se ela falava em pintura, Longueville respondia com pleno conhecimento de causa. Se ela enveredava para a música, ele demonstrava-lhe, sem fatuidade, ser bastante forte no piano. Uma tarde, ele encantou os presentes juntando sua voz deliciosa à de Emília num dos mais belos duetos de Cimarosa. Mas, quando tentaram informar-se se ele era artista, gracejou com tanto espírito que não deixou àquelas mulheres tão exercitadas na arte de adivinhar os sentimentos a possibilidade de descobrir a que esfera social ele pertencia. Por mais coragem com que o velho tio atirasse as balroas sobre aquela nau, Longueville esquivava-se habilmente, a fim de conservar a sedução do mistério, e foi-lhe tanto mais fácil permanecer o *belo desconhecido* no pavilhão Planat, por não exceder a curiosidade os limites da cortesia. Emília, torturada por aquela reserva, pensou tirar melhor partido da irmã do que do irmão para essa espécie de confidências. Auxiliada pelo tio, que entendia tão bem dessa manobra como do governo de um navio, tentou pôr em cena a personagem até então muda da srta. Clara Longueville. A sociedade do pavilhão manifestou desde logo o maior desejo de conhecer tão amável criatura e de lhe proporcionar algumas distrações. Propuseram um baile sem cerimônia que foi aceito. As senhoras não desesperavam completamente de fazer falar uma mocinha de dezesseis anos.

Não obstante essas pequenas nuvens acumuladas pela suspeita e criadas pela curiosidade, uma luz viva penetrava na alma da srta. de Fontaine, que gozava deliciosamente da existência, atribuindo-a a outra pessoa que não ela. Começava a conceber as relações sociais. Ou porque a felicidade nos torna melhores ou porque estivesse muito ocupada para atormentar os outros, o que é certo é que se tornou menos cáustica, mais indulgente, mais meiga. Sua mudança de caráter encontrou a família espantada. Era possível, talvez, que seu egoísmo se estivesse metamorfoseando em amor. Esperar a chegada de seu tímido e secreto adorador era uma alegria profunda. Sem que uma única palavra de paixão tivesse sido proferida entre eles, ela se sabia amada e com que arte se comprazia em fazer com que o jovem desconhecido expusesse os tesouros de uma instrução que se evidenciava tão variada! Percebeu que também estava sendo observada atentamente e procurou então vencer todo os defeitos que a educação deixara medrar. Não era isso uma primeira homenagem prestada ao amor e uma censura cruel que se fazia a si mesma? Pretendia agradar, encantou; amava, foi idolatrada. A família, sabendo que o orgulho a custodiava, dava-lhe bastante liberdade para que pudesse saborear essas pequenas felicidades infantis, que conferem tanto encanto e intensidade aos primeiros amores. Por mais de uma vez o rapaz e a srta. de Fontaine passearam sozinhos pelas alamedas daquele parque no qual a natureza estava adornada como uma mulher que vai a um baile. Por mais de uma vez eles tiveram desses colóquios sem alvo e sem nexo, nos quais as frases mais vazias de sentido são as que encerram mais sentimentos. Muitas vezes admiraram juntos o pôr do sol e seu rico colorido. Colheram margaridas para desfolhá-las e cantaram os mais apaixonados duetos aproveitando as notas achadas por Pergolesi ou por Rossini[78] como intérpretes fiéis dos seus segredos.

Chegou o dia do baile: Clara Longueville e o irmão, que os lacaios teimavam em agraciar com a nobre partícula, foram dele os heróis. Pela primeira vez na vida, a srta. de Fontaine viu com prazer o triunfo de uma

moça. Prodigalizou com sinceridade a Clara essas carícias graciosas e as pequenas atenções que as mulheres só se tributam, geralmente, entre si, para excitar o ciúme dos homens. Mas Emília tinha uma finalidade: queria descobrir segredos. A reserva da srta. Longueville foi pelo menos igual à do irmão, mas na sua qualidade de moça mostrou, talvez, mais sutileza e espírito do que ele, porquanto nem sequer teve a aparência de ser discreta e soube manter a conversa em torno de assuntos estranhos aos interesses materiais, conquanto pondo neles uma tão grande sedução que a srta. de Fontaine concebeu um quê de inveja e apelidou Clara de *Sereia*. Embora Emília tivesse formado o propósito de fazer Clara falar, foi Clara quem interrogou Emília. Esta queria julgar a menina e de fato foi julgada por ela. Ficou por vezes despeitada por ter deixado transparecer seu caráter através de algumas respostas que lhe foram arrancadas maliciosamente por Clara, cujo ar modesto e cândido afastava qualquer suspeita de perfídia. Houve um momento em que a srta. de Fontaine pareceu aborrecida por ter invectivado imprudentemente os plebeus, em consequência a uma provocação feita por Clara.

— Senhorita — disse a encantadora criatura —, tanto ouvi Maximiliano falar na senhorita, que tinha o mais ardente desejo de conhecê-la pelo bem que quero a ele; mas querer conhecê-la não é querer amá-la?

— Minha querida Clara, tinha medo de lhe ter desagradado falando daquela forma das pessoas que não são nobres.

— Oh! Tranquilize-se. Hoje essa espécie de discussão não tem razão de ser. Quanto a mim, não me atingem, estou à margem do assunto.

Por mais pretensiosa que fosse a resposta, a srta. de Fontaine experimentou uma alegria profunda, porquanto, como todas as pessoas apaixonadas, ela interpretou como se interpretam os oráculos, no sentido que se harmonizava com os seus desejos. Voltou para as danças mais satisfeita do que nunca, contemplando Longueville, cujas formas e cuja elegância sobrepujavam talvez as do seu tipo imaginário. Sentiu mais

uma satisfação considerando que ele era nobre; seus olhos cintilaram, dançou com todo o prazer que se acha na dança, quando em presença do ser a quem se ama. Nunca os dois namorados se compreenderam melhor do que naquele momento, e, por mais de uma vez, ambos sentiram a extremidade dos dedos fremir e tremer, quando as regras da contradança os uniam.

Esse belo par chegou aos começos do outono por entre festas e prazeres do campo, deixando-se suavemente levar pela corrente do mais doce sentimento que há na vida, fortificando-o por mil pequenos incidentes que todos podem imaginar. Os amores sempre se parecem em alguns pontos. Quer um, quer outro, estudavam-se reciprocamente na medida em que isso é possível quando se ama.

— Enfim, nunca um namoro se encaminhou tão prontamente para um casamento de inclinação — dizia o velho tio, que observava os dois jovens, como um naturalista examina um inseto ao microscópio.

Aquela expressão assustou o sr. e a sra. de Fontaine. O velho vendeano acabou com sua indiferença em relação ao casamento da filha, não obstante a promessa anteriormente feita. Foi a Paris em busca de informações e não as obteve. Inquieto com aquele mistério e não sabendo ainda qual o resultado do inquérito que mandara fazer por um administrador parisiense a respeito da família Longueville, julgou de seu dever prevenir a filha para que andasse com prudência. A observação paterna foi recebida com fingida obediência, na qual havia muita ironia.

— Pelo menos, Emília, se o amas não lho confesses!

— É verdade, meu pai, que o amo, mas só lhe confessarei meu amor com a sua autorização.

— Entretanto, Emília, deves lembrar-te que ignoras ainda tudo o que diz respeito à família dele e à sua situação.

— Sim, é verdade que ignoro. Mas, papai, o senhor manifestou desejos de me ver casar, deu-me liberdade de escolha; esta já está feita irrevogavelmente, que mais falta?

— Falta saber, filha, se o homem que escolheste é filho de um par de França — respondeu ironicamente o velho fidalgo.

Emília ficou um momento calada. Daí a pouco ergueu a cabeça, olhou para o pai e disse-lhe um tanto inquieta:

— Mas a família Longueville?...

— Extinguiu-se com o velho duque de Rostein-Limbourg, o qual pereceu no cadafalso em 1793. Era o último descendente do último ramo mais moço.

— Mas, papai, há ótimas casas que descendem de bastardos. A história de França está cheia de príncipes que punham barras nos seus escudos. [79]

— Vejo que tuas ideias se têm modificado bastante — disse o velho gentil-homem, sorrindo.

O dia seguinte era o último que a família Fontaine devia passar no pavilhão Planat. Emília, a quem as palavras do pai haviam preocupado muito, esperou com viva impaciência a hora em que o jovem Longueville costumava vir, para dele obter uma explicação. Saiu depois do jantar e foi passear sozinha no parque, dirigindo-se para o pequeno bosque das confidências, onde sabia que o solícito rapaz a iria procurar, e, enquanto caminhava apressadamente, ia pensando no melhor modo de surpreender, sem comprometer-se, tão importante segredo, o que era coisa bastante difícil! Até o momento presente nenhuma declaração direta tinha sancionado o sentimento que a ligava ao desconhecido. Como Maximiliano, ela havia gozado das delícias de um primeiro amor, mas, tão altivos um quanto o outro, parecia que cada um deles tivesse receio de confessar seu amor.

Maximiliano Longueville, a quem Clara inspirara suspeitas bastante fundamentadas relativamente ao caráter de Emília, via-se, alternativamente, arrastado pela violência de uma paixão de rapaz e retido pelo desejo de conhecer e pôr à prova a mulher a quem deveria confiar sua felicidade. Seu amor não o impedira de verificar em Emília os

preconceitos que estragavam aquele jovem caráter; mas desejava saber se era amado por ela antes de os combater, pois não queria arriscar a sorte de seu amor, tampouco a de sua vida. Mantivera-se, pois, constantemente, num silêncio que seus olhares, sua atitude e suas menores ações desmentiam. Por outro lado, o orgulho natural numa moça, aumentado ainda na srta. de Fontaine pela tola vaidade que lhe davam seu nascimento e sua beleza, impediu-a de provocar uma declaração que sua paixão crescente a induzia por vezes a solicitar. Por esse motivo os dois namorados tinham compreendido instintivamente sua situação, sem explicar um ao outro seus secretos motivos. Há momentos na vida em que a indecisão seduz as almas jovens. Pelo próprio fato de terem ambos tardado em falar, parecia que um e outro se compraziam no jogo cruel da sua expectativa. Ele procurava descobrir se era amado através do esforço que uma confissão custaria à amada; ela esperava ver a todo momento quebrado aquele silêncio demasiado respeitoso.

Sentada num banco rústico, Emília rememorava os acontecimentos decorridos naqueles três meses encantadores. As suspeitas manifestadas pelo pai eram os últimos temores que a podiam atingir, e ela própria os suprimiu, mediante dois ou três desses argumentos de rapariga inexperiente, argumentos que lhe pareceram decisivos. Antes de mais nada, conveio consigo mesma ser impossível ter se enganado. Durante toda a estação no campo, não pudera descobrir em Maximiliano nem um único gesto, nem uma só palavra que indicassem uma origem ou ocupações vulgares; muito pelo contrário, seu modo de discutir revelava um homem interessado pelos altos destinos do país. “Ademais”, dizia ela a si mesma, “um homem de escritório, um financeiro ou um comerciante não teria tido lazeres para ficar durante toda uma estação a fazer-me a corte, em pleno campo, à sombra dos matos, deixando o tempo correr, como os nobres que têm por diante uma vida livre de afazeres.” Estava entregue a uma meditação bem mais interessante para ela do que esses

pensamentos preliminares quando um leve rumorejar da folhagem fez-lhe saber que fazia algum tempo Maximiliano a estava contemplando, sem dúvida nenhuma, com admiração.

— Não sabe que é muito malfeito surpreender dessa forma uma moça? — disse-lhe ela sorrindo.

— Principalmente quando ela está meditando em seus segredos — respondeu Maximiliano, com sutileza.

— E por que não terei eu os meus? Acaso o senhor não tem os seus?

— Estava então realmente pensando em seus segredos? — replicou ele rindo.

— Não, estava pensando nos seus. Os meus, eu os conheço.

— Mas — exclamou com ternura o rapaz, tomando o braço de Emília e pondo-o sob o seu — é bem possível que meus segredos sejam os seus, e os seus, os meus!

Depois de darem alguns passos, chegaram junto a um maciço de arbustos que as tonalidades do acaso envolviam como em uma nuvem vermelha e parda. Essa magia natural imprimiu uma certa solenidade àquele momento. O ato vivo e livre do rapaz e, principalmente, a agitação de seu coração que fervia e cujas pulsações precipitadas falavam ao braço de Emília, atiraram esta numa exaltação tanto mais penetrante quanto não era excitada senão pelos mais simples e inocentes acidentes. A reserva em que vivem as moças da alta sociedade dá uma força incrível às explosões de seus sentimentos e constitui um dos maiores perigos que as podem ameaçar quando encontram um namorado ardentemente apaixonado. Nunca os olhos de Emília e de Maximiliano haviam dito tantas dessas coisas que não se ousam dizer. Empolgados por essa embriaguez, esqueceram com facilidade as pequenas estipulações do orgulho e as frias considerações da desconfiança. Chegaram mesmo a ponto de, no começo, não se poderem exprimir, a não ser por meio de um aperto de mãos que serviu de intérprete dos seus risonhos pensamentos.

— Senhor, tenho uma pergunta a fazer-lhe — disse a srta. de Fontaine,

trêmula e com voz emocionada, depois de um longo silêncio e de ter dado alguns passos com lentidão significativa. — Mas lembre-se, por favor, de que essa pergunta me é imposta de algum modo pela situação bastante estranha em que me vejo em relação à minha família.

Uma pausa aterradora para Emília sucedeu a essas palavras que ela proferira quase gaguejando. Durante o momento que durou o silêncio, essa moça tão altiva não ousou sustentar o olhar brilhante do homem a quem amava, porquanto tinha um secreto sentimento da baixeza das seguintes palavras que acrescentou:

— É nobre?

Apenas proferidas essas palavras, desejou mergulhar no fundo de um lago.

— Senhorita — replicou com gravidade Longueville, cujo semblante alterado evidenciou uma espécie de dignidade severa —, prometo-lhe responder sem rodeios a essa pergunta quando a senhora tiver respondido com sinceridade à que lhe vou fazer.

Soltou o braço da moça, que repentinamente se julgou só na vida.

— Qual a sua intenção — perguntou ele — ao indagar de meu nascimento?

Ela permaneceu imóvel, fria e calada.

— Senhorita, não sigamos adiante se não nos entendemos. Amo-a — acrescentou com voz profunda e enternecida. — E então — disse a seguir, com ar alegre, quando ouviu a exclamação de felicidade que a moça não pôde conter —, por que me pergunta se sou nobre?

“Falaria ele desse modo se não o fosse?”, exclamou uma voz interior que Emília julgou brotar do fundo do coração. Ergueu graciosamente a cabeça, como que hauriu uma nova vida no olhar do rapaz, e deu-lhe novamente o braço como para pactuar uma nova aliança.

— O senhor acreditou que eu fazia muita questão de honrarias? — perguntou com maliciosa expressão.

— Não tenho títulos para oferecer à minha mulher — respondeu ele

meio sério, meio rindo. — Mas, se a vou buscar numa classe elevada e entre aquelas que a fortuna paterna habituou ao luxo e aos prazeres da opulência, sei bem ao que me obriga essa escolha. O amor — acrescentou ele, alegremente — dá tudo, mas unicamente aos amantes. Quanto aos esposos, precisam de mais alguma coisa do que a cúpula celeste e o tapete dos prados.

"É rico", pensou ela. "Quanto aos títulos, talvez seja para me experimentar! Devem ter-lhe dito que tenho a preocupação da nobreza e que eu queria casar-me com um par de França. As hipócritas de minhas irmãs devem ter-me pregado essa peça." — Asseguro-lhe, senhor — disse em voz alta —, que tive ideias bem exageradas a respeito da vida e da sociedade, mas hoje — continuou ela intencionalmente e lançando-lhe um olhar capaz de o enlouquecer — sei onde estão, para uma mulher, as verdadeiras riquezas.

— Tenho necessidade de crer que está falando sinceramente — respondeu ele com terna gravidade. — Mas este inverno, querida Emília, talvez daqui a menos de dois meses, sentir-me-ei orgulhoso do que lhe poderei oferecer, se almeja os gozos da fortuna. Será esse o único segredo que conservarei aqui — disse ele apontando para o coração —, pois desse êxito dependerá a minha felicidade, não me animo a dizer a nossa.

— Oh! Diga, diga!

Foi por entre ternos murmúrios que, a passos lentos, voltaram para reunir-se no salão. Nunca a srta. de Fontaine achou seu pretendente mais amável nem mais espirituoso; suas formas esbeltas, seus modos insinuantes pareceram-lhe ainda mais encantadores, depois de uma conversação que vinha, de algum modo, confirmar-lhe a posse de um coração digno de ser invejado por todas as mulheres. Cantaram um dueto italiano com tanta expressão que toda a assistência aplaudiu com entusiasmo. A despedida foi feita sob uma aparência convencional que ocultava a felicidade de ambos. Enfim, aquele dia tornou-se para a jovem como uma corrente que a prendia mais estreitamente ainda ao destino do

desconhecido. A força e a dignidade que ele demonstrara, na cena em que se haviam revelado seus sentimentos, tinham, talvez, imposto à srta. de Fontaine esse respeito sem o qual não existe verdadeiro amor. Quando ficou só no salão com o pai, o venerável vendeano dirigiu-se a ela, tomou-lhe afetuosamente as mãos e perguntou-lhe se obtivera qualquer esclarecimento a respeito da fortuna e da família do sr. Longueville.

— Sim, meu querido pai, sou mais feliz do que poderia desejar. Numa palavra, o senhor Longueville é o único homem que me convém para marido.

— Está bem, Emília, sei o que me resta a fazer.

— Sabe de algum obstáculo? — perguntou ela com verdadeira ansiedade.

— Minha querida filha, esse moço é absolutamente desconhecido, mas, a menos que seja um tratante, uma vez que o amas, ele me é tão caro como um filho.

— Um tratante? — replicou Emília. — É coisa que não me passa pela cabeça. Meu tio, que foi quem o apresentou, poderá responder por ele. Diga, querido tio, foi ele alguma vez aventureiro, pirata, corsário?

— Eu bem vi que ia meter-me nessa — exclamou o velho marinheiro, despertando.

Percorreu o salão com o olhar, mas a sobrinha tinha desaparecido como um fogo de santelmo, segundo sua expressão habitual.

— E então, meu tio — indagou o sr. de Fontaine —, como pôde ocultar-nos tudo o que sabia a respeito desse rapaz? Entretanto, deve ter visto a nossa inquietação. O sr. de Longueville é de boa família?

— Não o conheço nem por parte de Eva nem por parte de Adão! — exclamou o conde de Kergarouët. — Fiando-me no tato dessa louquinha, trouxe-lhe o seu Saint-Preux[80] por um meio cá do meu conhecimento. Sei que esse rapaz atira de pistola admiravelmente, caça muito bem, joga bilhar maravilhosamente e também xadrez e gamão; faz esgrima e monta a cavalo como o falecido cavaleiro de Saint-Georges.[81] Tem uma sólida

erudição sobre os nossos vinhedos. Calcula como Barême,[82] desenha, dança e canta bem. Com os diabos, que querem mais vocês? Se isso não é um perfeito gentil-homem, mostrem-me um burguês que saiba tudo isso, procurem um homem que viva tão nobremente como ele! Trabalha ele em qualquer coisa? Compromete ele sua dignidade correndo pelas repartições, curvando-se diante desses arrivistas que vocês denominam diretores-gerais? Ele marcha em linha reta. É um homem. Mas, afinal, acabo de encontrar no bolso do meu colete o cartão de visita que ele me deu quando pensou que eu queria cortar-lhe o pescoço, pobre inocente! A mocidade de hoje não é nada esperta. Tome, aqui está.

— Rue du Sentier, nº 5 — disse o sr. de Fontaine, procurando lembrar-se, entre as informações que recebera, da que se podia referir ao jovem desconhecido. — Que diabo isso pode significar? Os senhores Palma, Werbrust e companhia, cujo negócio principal é o de musselinas, telas de algodão e fazendas estampadas por atacado moram lá. Bem, já sei: Longueville, o deputado, tem interesse na casa. Sim, mas Longueville, pelo que sei, só tem um filho de trinta e dois anos, que não se parece em nada ao nosso e ao qual ele dá cinquenta mil libras de renda, a fim de o fazer casar com a filha de um ministro; como todos, quer ser par de França. Nunca o ouvi falar desse Maximiliano. Terá ele uma filha? Quem é essa Clara? Ademais, qualquer aventureiro pode chamar-se Longueville. Mas a casa Palma, Werbrust e companhia não está meio arruinada por uma especulação no México ou na Índia? Vou esclarecer isso tudo.

— Estás falando sozinho como se estivesses num teatro e pareces considerar-me um zero — disse o velho marujo, de repente. — Não sabes acaso que se ele é gentil-homem tenho nas minhas escotilhas mais de um fardo para compensar a sua falta de fortuna?

— Quanto a isso, se ele é filho de Longueville, não precisa de nada; mas — continuou o sr. de Fontaine meneando a cabeça — o pai dele nem sequer comprou sabão para começar a tirar a casca de plebeu.[83] Antes da Revolução ele era procurador, e o “de” que ele agregou ao nome depois

da Restauração pertence-lhe tanto como a metade da fortuna que tem.

— Ora, ora! Felizes aqueles cujos pais foram enforcados — exclamou alegremente o marujo.

Três ou quatro dias depois desse dia memorável, e por uma dessas belas manhãs de novembro que mostram aos parisienses seus bulevares varridos subitamente pelo frio picante de uma primeira geada, a srta. de Fontaine, envolta num casaco de peles, novo, cuja moda ela queria lançar, saíra com as cunhadas, contra as quais atirara, em outros tempos, seus mais ferinos epigramas. Motivava o passeio parisiense das três mulheres não tanto a vontade de estrear uma carruagem muito elegante e vestidos que deviam dar o tom às modas do inverno, como o desejo de ver uma capa que uma de suas amigas notara numa loja situada na esquina da rue de la Paix. Quando as três damas entraram na loja, a baronesa de Fontaine puxou Emília pela manga e mostrou-lhe Maximiliano Longueville sentado à caixa e ocupado, com uma graça mercantil, a dar o troco de uma moeda de ouro à vendedora com quem parecia estar em conferência. O *belo desconhecido* tinha na mão algumas amostras que não deixavam dúvida alguma sobre a sua honrosa profissão. Sem que ninguém o percebesse, Emília foi invadida por um frêmito gelado. Entretanto, graças à presença de espírito que a boa sociedade dá, dissimulou perfeitamente a raiva que lhe ia por dentro e respondeu à cunhada com um: “Eu já sabia!”, cuja riqueza de entonação e acento inimitável teria causado inveja à mais célebre atriz da época. Dirigiu-se para a caixa. Longueville ergueu a cabeça, pôs as amostras no bolso, graciosamente, e com um sangue-frio desesperado saudou a srta. de Fontaine e aproximou-se dela, fixando-a com um olhar penetrante.

— Senhorita — disse ele à vendedora, que o seguira com ar muito inquieto —, mandarei saldar essa conta, minha casa assim o exige. Mas tome — acrescentou ao ouvido da moça, entregando-lhe uma nota de mil francos —, tome, será um negócio entre nós. — Espero que me perdoe, senhorita — disse ele, voltando-se para Emília. — Terá a bondade de

desculpar a tirania que exercem os negócios.

— Mas creio, senhor, que isso me é absolutamente indiferente — respondeu a srta. de Fontaine, encarando-o com firmeza e com um ar de despreocupação zombeteira como se o visse pela primeira vez.

— Fala seriamente? — perguntou Maximiliano com voz entrecortada.

Emília dera-lhe as costas com incrível impertinência. Essas poucas palavras, proferidas em voz baixa, escaparam à curiosidade das duas cunhadas. Quando, depois de terem comprado a capa, as três damas voltaram para o carro, Emília, que estava sentada no banco da frente, não pôde deixar de envolver com um último olhar as profundezas daquela odiosa loja, onde viu Maximiliano de pé, com os braços cruzados, na atitude de um homem superior à desgraça que o atingia tão repentinamente. Os olhos de ambos se encontraram, despedindo olhares implacáveis. Cada um dos dois teve a esperança de ferir cruelmente o coração que amava. Num instante, estavam os dois tão longe um do outro, como se um estivesse na China e o outro na Groenlândia. A vaidade tem um hábito que disseca tudo. Presa do mais rude combate que possa agitar o coração de uma moça, a srta. de Fontaine colheu a mais farta messe de dores que os preconceitos e as pequenezas teriam jamais semeado numa alma humana. Seu rosto, antes viçoso e aveludado, estava sulcado por tons amarelados, manchas vermelhas, e por vezes a alvura de suas faces tornava-se subitamente esverdeada. Na esperança de ocultar sua perturbação às cunhadas, ela lhes mostrava rindo ou um transeunte ou uma *toilette* ridículos, mas seu riso era convulsivo. Sentia-se mais fundamente ferida pela compaixão silenciosa das cunhadas do que pelos epigramas com que se poderiam ter vingado dela. Empregou todo o seu espírito em arrastá-las a uma conversação na qual tentou exteriorizar sua ira por meio de paradoxos insensatos, despejando sobre os comerciantes as mais ferinas injúrias e epigramas de mau gosto. Ao chegar em casa, assaltou-a uma febre cujo caráter, de começo, ofereceu algum perigo. Ao cabo de um mês, os cuidados dos parentes, os do médico restituíram-na

ao carinho da família. Todos acreditaram que aquela lição poderia servir para domar o caráter de Emília, a qual, insensivelmente, retomou seus hábitos e atirou-se novamente às atividades mundanas. Assegurou que não havia motivo para se envergonhar pelo fato de se ter enganado. Se tivesse, como o pai, alguma influência na Câmara, dizia ela, faria votar uma lei pela qual os comerciantes, principalmente os negociantes de fazenda, fossem marcados na testa, como os carneiros de Berry, até a terceira geração. Queria que somente os nobres tivessem o direito de usar esses antigos casacos franceses que tão bem sentavam aos cortesãos de Luís xv. Era, talvez, na sua opinião, uma desgraça para a monarquia que não houvesse nenhuma diferença entre um negociante e um par de França. Outros mil gracejos fáceis de adivinhar sucediam-se rapidamente quando um incidente imprevisto a levava para aquele assunto. Mas os que queriam a Emília notavam, através dos seus motejos, certos laivos de melancolia que lhes fez suspeitar que Maximiliano Longueville continuava a reinar naquele coração inexplicável. Por vezes ela tornava-se meiga como durante o período fugaz que vira nascer seu amor, mas em outras ocasiões mostrava-se mais insuportável que nunca. Todos, em silêncio, desculpavam as desigualdades de um gênio que tinha sua origem numa dor secreta e ao mesmo tempo conhecida. O conde de Kergarouët conseguiu alguma influência sobre ela, graças a um recrudescimento de prodigalidade, gênero de consolo que poucas vezes falha com as jovens parisienses. A primeira vez que a srta. de Fontaine compareceu a um baile foi no palácio do embaixador de Nápoles. No momento em que ela se colocou na mais brilhante quadrilha, viu, a poucos passos, o sr. Longueville, o qual fez um rápido sinal ao par dela.

— Esse rapaz é seu amigo? — perguntou ela com ar de desdém ao seu par.

— É apenas meu irmão — respondeu ele.

Emília estremeceu.

— Ah! — continuou ele, com entusiasmo — posso assegurar-lhe que é

a mais bela alma que há no mundo...

— Sabe o meu nome? — perguntou Emília, interrompendo-o com vivacidade.

— Não, senhorita. É um crime, confesso, não ter guardado um nome que está em todos os lábios, ou melhor, em todos os corações; mas tenho uma desculpa plausível: acabo de chegar da Alemanha. Meu embaixador, que está em Paris com licença, mandou-me esta noite aqui para servir de cavalheiro à sua amável esposa, que a senhorita pode ver lá, naquele canto.

— Uma verdadeira máscara trágica — disse Emília depois de ter examinado a embaixatriz.

— E, entretanto, é esse o seu semblante de baile — replicou o rapaz rindo. — Não tenho alternativa senão fazê-la dançar. Antes disso, porém, quis ter uma compensação.

A srta. de Fontaine inclinou-se.

— Muito me surpreendi — continuou o tagarela secretário da embaixada — ao encontrar meu irmão aqui. Ao chegar de Viena, soube que o pobre rapaz estava doente, de cama. Tinha a intenção de vê-lo antes de vir ao baile, mas a política nem sempre nos dá tempo para termos afeições de família. *La padrona della casa* não me permitiu subir ao apartamento do meu pobre Maximiliano.

— Seu irmão não está como o senhor na diplomacia? — perguntou Emília.

— Não — suspirou o secretário —, o pobre rapaz sacrificou-se por mim! Ele e minha irmã Clara desistiram da fortuna de meu pai, a fim de que este pudesse constituir-me um morgadio. Meu pai sonha com um pariato, aliás, como todos os que votam com o ministério. Tem promessa de ser nomeado — acrescentou em voz baixa. — Depois de ter juntado algum dinheiro, meu irmão associou-se a uma casa bancária, e sei que acaba de fazer com o Brasil um negócio que poderá torná-lo milionário. Se estou assim alegre hoje é porque pude contribuir, com minhas relações

diplomáticas, para o êxito da especulação. Estou mesmo esperando com impaciência um aviso da legação brasileira, o qual será de molde a desanuviar-lhe a fronte. Como o acha?

— Mas o semblante de seu irmão não me parece o de um homem preocupado por assunto de dinheiro.

O jovem diplomata escrutou com um olhar rápido a fisionomia aparentemente calma de seu par.

— Como! — disse ele sorrindo. — As senhoritas também adivinham os pensamentos de amor através das frontes mudas?

— Seu irmão está apaixonado? — perguntou ela, deixando escapar um gesto de curiosidade.

— Sim. Minha irmã Clara, com a qual ele tem cuidados maternais, escreveu-me que ele se havia enamorado, durante este verão, de uma lindíssima criatura, mas desde então não tive mais notícias desse amor. Acredita que o pobre rapaz se levantava às cinco horas da manhã para ir despachar seus negócios a fim de estar às quatro horas, no campo, junto à sua bela? Mas também estropiou um belo cavalo de raça que eu lhe tinha mandado. Perdoe a minha tagarelice, senhorita: acabo de chegar da Alemanha, como lhe disse. Faz um ano que não ouço falar corretamente o francês, estou privado de fisionomias francesas e farto de alemães, de tal forma que na minha ânsia patriótica creio que era capaz de falar às figuras de um candelabro parisiense. Ademais, se estou conversando com uma franqueza pouco conveniente para um diplomata, a culpa é sua, senhorita. Pois não foi a senhorita quem me mostrou meu irmão? Quando se trata dele, sou inesgotável. Quisera poder dizer à terra toda quanto ele é bom e generoso. Não se tratava de nada menos do que de cem mil libras de renda que dão as terras de Longueville.

Se a srta. de Fontaine obteve essas revelações importantes, deveu-as em parte à habilidade com que soube interrogar seu confiante par, desde que soube que ele era irmão do seu amor desdenhado.

— Pode o senhor ver seu irmão vendendo musselinas e tecidos de

algodão sem sentir algum pesar? — perguntou Emília depois de ter feito a terceira figura da contradança.

— De onde sabe isso? — perguntou o diplomata. — Graças a Deus eu sei, como aprendiz de diplomata, mesmo deixando correr uma torrente de palavras, só dizer o que quero.

— Foi o senhor quem o disse — assegurou-lhe.

O sr. de Longueville fitou a srta. de Fontaine com um assombro em que havia perspicácia. Uma suspeita invadiu-lhe o espírito. Interrogou sucessivamente os olhos do irmão e os de seu par, adivinhou tudo, apertou as mãos uma com a outra, ergueu os olhos para o teto, pôs-se a rir e disse:

— Não passo de um grande tolo! A senhorita é a mais linda moça do baile, meu irmão olha-a disfarçadamente, está dançando apesar da febre, e a senhorita finge não o ver. Faça a felicidade dele — disse ao reconduzi-la para junto do velho tio —, não ficarei enciumado, mas sempre estremecerei um pouco ao chamá-la minha irmã...

Entretanto, os dois namorados deviam ser tão inexoráveis um quanto o outro, para si mesmos. Cerca das duas horas da manhã, serviram uma ceia numa imensa galeria onde, para deixar as pessoas de um mesmo grupo se reunirem à vontade, as mesas tinham sido colocadas como num restaurante. Por um desses acasos que sempre acontecem aos que se amam, a srta. de Fontaine sentou-se a uma mesa vizinha daquela onde se achavam as pessoas mais distintas da festa. Maximiliano fazia parte desse grupo. Emília, que prestou um ouvido atento à conversação de seus vizinhos, pôde ouvir uma dessas palestras que com tanta facilidade se estabelecem entre moças e moços que têm o espírito e o porte de Maximiliano Longueville. A interlocutora do jovem banqueiro era uma duquesa napolitana, cujos olhos despediam clarões e cuja alva pele tinha o brilho do cetim. A intimidade que o jovem Longueville aparentava ter com ela feriu tanto mais a srta. de Fontaine porquanto acabava de restituir ao amado vinte vezes mais ternura do que a que lhe tributava

antes.

— Sim, senhor, na minha terra, o verdadeiro amor sabe fazer toda espécie de sacrifícios — dizia a duquesa requebrando-se.

— É que lá sois mais sentimentais do que as francesas — disse Maximiliano, cujo olhar incendiado caiu sobre Emília. — Estas são só vaidade.

— Senhor — replicou a moça com vivacidade —, não é uma ação censurável caluniar a própria pátria? A dedicação existe em todos os países.

— Acredita, senhorita — perguntou a italiana com um sorriso sardônico —, que uma parisiense seja capaz de acompanhar seu bem-amado por toda parte?

— Ah! Entendamo-nos, senhora. Vai-se a um deserto viver numa tenda, não se vai sentar numa loja.

Ela terminou seu pensamento deixando escapar um gesto de desdém. Assim, pois, a influência exercida sobre Emília por sua funesta educação matou pela segunda vez sua felicidade nascente e fez com que falhasse sua vida. A aparente frieza de Maximiliano e o sorriso de uma mulher arrancaram-lhe um daqueles sarcasmos cujo pérfido gozo continuava a seduzi-la.

— Senhorita — disse-lhe Longueville em voz baixa, aproveitando o rumor que as mulheres fizeram ao se levantar da mesa —, ninguém fará votos mais ardentes por sua felicidade do que eu. Permita-me afirmar-lhe isso ao despedir-me de ti. Partirei dentro de poucos dias para a Itália.

— Com uma duquesa, sem dúvida?

— Não, senhorita, mas talvez com uma doença mortal.

— Não é uma quimera? — perguntou Emília, atirando-lhe um olhar inquieto.

— Não — respondeu ele —, há feridas que não cicatrizam nunca.

— Não partirá — disse a imperiosa moça.

— Partirei — afirmou gravemente Maximiliano.

— Encontrar-me-á casada, na volta, previno-o — disse ela com faceirice.

— Desejo-o.

— Que impertinente! — exclamou ela. Como se vinga cruelmente!

Quinze dias depois, Maximiliano Longueville partiu com sua irmã Clara para as temperadas e poéticas regiões da bela Itália, deixando a srta. de Fontaine presa do mais violento arrependimento. O jovem secretário da embaixada solidarizou-se com a causa do irmão e soube tirar uma vingança ruidosa dos desdéns de Emília, divulgando os motivos da ruptura dos dois namorados. Devolveu com usura ao seu par os sarcasmos outrora por ela atirados contra Maximiliano e fez sorrir mais de uma excelência descrevendo a bela inimiga dos balcões, a amazona que pregava a cruzada contra os banqueiros, a moça cujo amor se havia evaporado diante de um retalho de musselina. O conde de Fontaine teve de empregar seu prestígio a fim de obter para Augusto Longueville uma missão na Rússia, único meio de subtrair a filha ao ridículo que aquele jovem e perigoso inimigo derramava sobre ela a mancheias. Pouco depois, o ministério, vendo-se obrigado a fazer um recrutamento de pares, a fim de sustentar suas opiniões aristocráticas que estavam cambaleando na nobre Câmara, ante a voz de um ilustre escritor[84] nomeou o sr. *Guiraudin* de Longueville par de França e visconde. O sr. de Fontaine também obteve o pariato, recompensa devida não só à sua fidelidade durante os dias sombrios, como também ao seu nome que estava fazendo falta na Câmara hereditária.

Por essa época, Emília, que atingira a maioridade, fez, sem dúvida, sérias reflexões sobre a vida, porquanto mudou sensivelmente de tom e de maneiras. Em vez de se exercitar em dizer maldades ao tio, cercou-o dos mais afetuosos cuidados, alcançando-lhe a muleta com uma ternura perseverante, que fazia os transeuntes sorrir; oferecia-lhe o braço, saía com ele de carro e acompanhava-o em todos os seus passeios. Chegou mesmo a convencê-lo que o cheiro do cachimbo não a incomodava e lia-

lhe a sua querida *Quotidienne* em meio a baforadas de fumo que o malicioso marinheiro lhe atirava propositalmente. Aprendeu o jogo do *piquet* para servir de parceira ao velho conde, e, finalmente, aquela moça tão caprichosa ouvia com atenção as narrativas que o tio repetia periodicamente, do combate da *Belle Poule*, as manobras da *La Ville de Paris*, a primeira expedição do sr. de Suffren ou sobre a batalha de Abukir.[85] Conquanto o velho lobo do mar tivesse dito muitas vezes que conhecia suficientemente sua longitude e sua latitude para se deixar capturar por uma jovem corveta, numa bela manhã os salões de Paris receberam a notícia de que a srta. de Fontaine se havia casado com o conde de Kergarouët. A jovem condessa deu brilhantes festas para se aturdir, mas no fundo desse turbilhão somente achou o vácuo. O luxo só imperfeitamente ocultava o vazio e a infelicidade de sua alma amargurada. Quase sempre, não obstante a ostentação ruidosa de uma alegria fingida, seu belo semblante deixava transparecer uma surda melancolia. Emília, aliás, mostrava-se atenciosa e terna para com seu velho marido, o qual, muitas vezes, ao ir para os seus aposentos, à noite, ao som de uma alegre orquestra, dizia não mais reconhecer-se, pois não julgava ter de esperar setenta e dois anos para embarcar como piloto na *Belle Émilie*, depois de ter servido durante vinte anos numa galera conjugal.

A conduta da condessa tinha tal caráter de severidade que mesmo a crítica mais perspicaz nada achava para censurar. Os observadores julgavam que o vice-almirante se havia reservado o direito de dispor da própria fortuna como meio de acorrentar mais seguramente a mulher. Essa suposição era uma injúria ao tio e à sobrinha. A atitude dos dois esposos foi, de resto, tão sabiamente calculada que se tornou quase impossível aos moços interessados em adivinhar os segredos daquele casal saber se o velho conde tratava a esposa como marido ou como pai. Ouviram-no dizer muitas vezes que recolhera a sobrinha como uma náufraga e que, em outros tempos, ele nunca abusara da hospitalidade

quando lhe acontecia salvar um inimigo do furor das tempestades. Embora a condessa aspirasse reinar sobre Paris e que tentasse ombrear com as senhoras[86] duquesas de Maufrigneuse, de Chaulieu, as marquesas d'Espard e d'Aiglemont, as condessas Féraud, de Montcornet, de Restaud, a sra. de Camps e a srta. des Touches, nem assim cedeu ao amor do jovem visconde de Portenduère, que fez dela seu ídolo.

Dois anos depois de seu casamento, dos tradicionais salões do Faubourg Saint-Germain, onde admiravam seu caráter digno dos tempos antigos, Emília ouviu anunciarem o sr. visconde de Longueville, e, no canto do salão onde ela acompanhava o bispo de Persépolis no seu *piquet*, sua emoção não pôde ser notada por ninguém. Ao volver a cabeça, vira entrar seu antigo pretendente em todo o viço de sua mocidade. A morte do pai e a do irmão, vítima este último da inclemência do clima de Petersburgo, haviam colocado sobre a cabeça de Maximiliano as plumas hereditárias do chapéu do pariato. Sua fortuna igualava seus conhecimentos e seus méritos. Justamente, na véspera, sua moça e ardorosa eloquência tinha esclarecido a assembleia. Naquele momento ele surgia ante os olhos da triste condessa, livre e aureolado, com todos os dons que ela sonhara para o seu ídolo. Todas as mães que tinham filhas por casar faziam graciosas gentilezas a um rapaz dotado das virtudes que nele supunham ao admirar-lhe a distinção; mas, melhor do que todos, Emília sabia possuir ele essa firmeza de caráter na qual mulheres prudentes veem um penhor de felicidade. Ela lançou um olhar ao almirante, o qual, segundo sua expressão familiar, parecia firme ainda por muito tempo na sua ponte de comando, e maldisse dos erros de sua infância.

Nesse momento, o sr. de Persépolis disse-lhe com a sua gentileza episcopal:

— Minha bela senhora, acabais de rejeitar o rei de copas,[87] ganhei. Mas não lamenteis vosso dinheiro, reservo-o para os meus jovens seminaristas.

Paris, dezembro de 1829.

MEMÓRIAS DE DUAS JOVENS ESPOSAS

TRADUÇÃO DE VIDAL DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Em carta de 26 de outubro de 1834, dirigida à "Estrangeira" (sua futura esposa, a condessa Hanska), Balzac anuncia: "Vou ocupar-me com as *Memórias de uma jovem esposa*, composição deliciosa". Um mês mais tarde, fala na mesma obra como estando já em elaboração. Em janeiro de 1835, num desses arrebatamentos que tantas vezes o empolgavam ante a visão de suas obras mal ideadas, prediz o acréscimo de sua glória "quando *Seráfita* tiver despregado suas grandes asas, quando as *Memórias de uma jovem esposa* tiverem mostrado os últimos lineamentos do coração humano". Em março do mesmo ano, mais uma vez se refere simultaneamente a essas duas obras: "Hei de fazer as *Memórias de uma jovem esposa*, obra em filigrana que será uma maravilha para essas mulherzinhas que as asas de *Seráfita* encontram incompreensivas". Em janeiro de 1838, volta-lhe ainda à pena o título das *Memórias* ao contar à Estrangeira que as vendeu e até lhes cobrou o preço. No entanto, só em fins de 1841 é que a obra sai em folhetim do jornal *La Presse*, já com o título definitivo: *Memórias de duas jovens esposas* (*Mémoires de deux jeunes mariées*).

Vê-se por essas datas que da primeira ideia do livro até a redação definitiva passaram-se, no mínimo, sete anos, durante os quais Balzac publicou uma infinidade de romances e novelas. Fato este bem característico de sua maneira de trabalhar; carregava em si longamente, durante anos, uma multidão de "assuntos", e os amadurecia devagar;

quando um deles chegava à maturidade, a uma espécie de cristalização, então o retirava da turba dos outros e rapidamente, às vezes em poucos dias, transformava-o em romance. Como acabamos de seguir esse processo interior no caso das *Memórias*, assim o poderíamos fazer no caso de muitas outras obras, cujos títulos aparecem na correspondência do escritor cinco ou dez anos antes de serem escritas; há mesmo algumas que voltam periodicamente durante toda a carreira do romancista e que finalmente ele nem mais teve tempo de começar.

Pelos trechos anteriormente citados da correspondência, observa-se que, entre a concepção da obra e a redação, se operou, na mente do romancista, uma transformação essencial. Até janeiro de 1838, Balzac fala sempre nas *Memórias de uma jovem esposa*; quando o romance finalmente sai em 1841, em *La Presse*, já leva o título modificado de *Memórias de duas jovens esposas*.

A própria palavra "memórias" do título faz-me supor que o autor não ideou o romance desde o começo sob forma de cartas trocadas entre duas amigas, mas, sim, sob a de memórias escritas por uma só. A ideia de o escrever como romance epistolar lhe terá ocorrido sob a influência de dois famosos modelos: *Clarissa Harlowe*, de Richardson, e *Nova Heloísa*, de Rousseau, depois de ter resolvido dar ao livro duas heroínas em vez de uma só.

Qual das duas figuras de Luísa de Chaulieu e de Renata de Maucombe terá sido imaginada primeiro por Balzac? Tudo parece indicar que foi a de Renata. Numa das cartas que acabamos de citar, ele declara, não sem certo desprezo, que esse romance deverá agradar às "mulherzinhas" incapazes de compreender *Seráfita*, obra mística e extática. Não significará isto que, no pensamento de Balzac, a obra devia ter, nesse momento, um caráter real, material, *terre à terre* — caráter que passou por fim a todo o papel de Renata, casada sem amor, e que acaba por encontrar uma felicidade lhana na doce harmonia do lar, no afeto do marido e dos filhos? Os "últimos lineamentos do coração", de que Balzac

fala em janeiro de 1835, são provavelmente os instintos, e particularmente um deles, o da maternidade. Nesse sentido o romancista foi, de fato, bastante longe. Talvez não haja nenhum outro exemplo de um escritor varão que tenha ousado afrontar, como ele o faz aqui, não somente a psicologia, como também a fisiologia da gravidez, do parto e do amamentamento. Houve censuras a esta parte do livro. Já não admira que alguns lhe tenham levantado a acusação de imoral — que o escritor tão poderosamente rebate no prefácio de *A comédia humana* —, mas mesmo por parte da crítica serena fizeram-lhe reservas, dessa vez em nome do bom gosto. Segundo Brunetière, "havia em Balzac um fundo de vulgaridade que o devia constantemente impedir de exprimir e pintar certos sentimentos de que aliás conhecia todo o preço e cuja delicadeza o atraía", e um exemplo dessa vulgaridade seria justamente fornecido pelas confissões das *Memórias de duas jovens esposas*.

O quadro da vida conjugal de Renata e vários pormenores dessa vida parecem-me inspirados em dados reais. A sra. Zulma Carraud, amiga e confidente de Balzac durante muitos anos, retribuía a confiança deste fazendo-lhe em suas cartas, ela também, revelações sobre a própria vida íntima. Eram confissões geralmente veladas, mas às vezes bem claras; completando-as com o que via em suas sucessivas permanências em casa dos Carraud, Balzac soube reconstituir perfeitamente para si o drama sentimental da amiga. O marido de Zulma tinha uns quinze anos mais do que ela; feito prisioneiro durante as guerras napoleônicas, passara vários anos em cativeiro, e a inércia forçada desses anos afrouxou nele, para sempre, as molas da vontade. Sua passividade era o oposto do temperamento da esposa, inteligente e viva, ávida de agir. Com toda a estima que o marido lhe inspirava, Zulma sentiu dolorosamente durante a vida inteira a falta do amor no próprio coração e procurou compensá-la pelo sentimento materno, única afeição que lhe podia encher o vazio da alma no ambiente provinciano em que sempre vivia com o esposo. Todos esses aspectos da vida real dos Carraud combinam com os da existência

fictícia de Renata e do marido no romance.

A figura correspondente de Renata, isto é, de Luísa de Chaulieu, pode ter nascido do desejo de melhor explicar a vida de Renata por um efeito de oposição. Segundo a tese que Balzac faz sustentar aqui às suas protagonistas, na sociedade moderna a mulher "pode escolher entre o amor e a maternidade". Renata escolhe a maternidade. O autor, então, coloca ao seu lado uma amiga que escolhe o amor. Daí em diante os dois destinos correrão paralelos para poderem ser estudados melhor. Renata terá "os frutos sem ter tido as flores"; Luísa, "as flores sem os frutos". Ambos os destinos corroboram a tese de que o matrimônio exclui o amor e a paixão destrói o matrimônio. Tese sugestiva e interessante, por discutível que seja, e que Balzac retoma incessantemente em outras palavras: "A sociedade sacrifica a mulher à família" e "O amor é um roubo feito pelo estado social ao estado natural". Apenas é de estranhar que seja formulada numa linguagem tão abstrata e tão consciente por duas jovens esposas. Foi o que levou Taine, em seu grande ensaio, a apontar as *Memórias* como um dos romances em que através dos personagens o próprio Balzac transparece demasiadamente.

A meu ver, deve ter havido mesmo, na gênese das *Memórias*, três, e não apenas duas fases. Sem isso, como explicaríamos o segundo "romance" de Luísa, dentro da mesma obra? Dentro da biografia dessa personagem, aparece de novo o emprego propositado de efeitos de contraste. Da maternidade e do amor, ela escolheu o segundo; esta palavra, porém, abrange dois destinos diversos, conforme se trata de amor inspirado ou de amor sentido. Eis por quê, em seu primeiro casamento, Luísa é objeto, no segundo, sujeito da paixão: em ambos, esta, não cabendo dentro da forma que a sociedade lhe impõe, determina uma catástrofe.

Um curioso contemporâneo de Balzac, cujas maledicências anônimas foram publicadas em livro póstumo,[88] afirma que a condessa Guidoboni-Visconti, em solteira Frances Sarah Lovell, que teria sido

amante do romancista, oferecera-se para escrever a parte de Luísa. Balzac teria aceitado o oferecimento com entusiasmo, mas, quando a bela Sarah lhe entregou as cartas de Luísa, pôs-se a emendá-las, a poli-las, e, finalmente, refê-las todas. Ao ler em *La Presse* as *Memórias*, a condessa não reconheceu mais a sua contribuição, e daí se teria originado uma briga séria entre os dois amantes. Mesmo assim, as cartas de Luísa conservariam ainda algo da alma apaixonada e excêntrica da condessa, que, ao ouvir a testemunha anônima, era uma das grandes amorosas da época.

De qualquer maneira, há no romance algo de frenético, que lembra aspectos pouco felizes da escola romântica, herança da primeira fase de Balzac. O que atenua esses presságios sinistros, esses namoros por escalamento de árvores e sacadas em plena Paris, é que vão por conta de ascendência espanhola e "abencerragem" do conde de Macumer, pois o próprio Balzac afirma que amores tão romanescos não existem mais na França do seu tempo.

Outra fusão de elementos heterogêneos que caracteriza este romance de Balzac aparece "nesta oposição tão chocante em suas obras da sensualidade e do ascetismo, principalmente quando trata das relações dos dois sexos entre eles, e que estraga romances como *O lírio do vale* [...] e as *Memórias de duas jovens esposas*", segundo uma observação de Brandes, o grande crítico dinamarquês.

Apesar de todas essas reservas, ninguém mais pensa em negar às *Memórias* uma extraordinária penetração psicológica, uma intensa dramaticidade, a perfeição de pormenores de um romance "em filigrana". Mesmo André Gide, que as acha "um livro confuso e pastoso", descobre nelas os "lineamentos de uma obra-prima". Alain, numa bela página que valeria a pena inserir na íntegra, tece interessantes considerações a respeito desta obra relativamente pouco conhecida de Balzac, salientando particularmente a feliz escolha da forma do romance epistolar. Neste gênero literário, por exemplo, "as interrupções são por si mesmas

poderosamente expressivas. O tempo nele é sensível, o tempo que modifica tudo por um envelhecimento irresistível, exatamente por essa lei de que tudo em que se pensa já é passado e superado [...] O romance por cartas duplica ainda o tempo por esse afastamento continuamente sentido entre o momento em que uma carta é escrita e aquele em que é lida [...] Os conselhos de Renata caem no vazio. E as antecipações de Luísa são sempre corrigidas por essa perspectiva do espírito de que a modificação, que ela anuncia, seguramente já se efetuou. Daí uma atmosfera trágica, que sem dúvida não se poderia produzir por nenhum outro meio". No desfecho dos dois casamentos de Luísa, o crítico realça ainda a originalidade de Balzac: "Observemos que Balzac não usa nem a saciedade nem o tédio, meios vulgares: ele concede ao amor ser o que ele quer ser. A ansiedade mata primeiro Macumer e depois a própria Luísa. Morrem por viver assim tensos sobre si mesmos, ao passo que a vida do outro casal é desapertada pelos trabalhos e as preocupações exteriores"; e conclui: "Não se pode citar romance feito com maior perfeição do que este, e que, numa tagarelice tão rica, conte silêncios mais comoventes, desses silêncios em que se sente chegar o infortúnio".

Simultaneamente com as *Memórias de uma jovem esposa*, Balzac menciona em suas cartas mais de uma vez um romance projetado, *Irmã Maria dos Anjos*, de que as *Memórias* seriam apenas a primeira parte. Como, porém, *Irmã Maria dos Anjos*, parecido nisso com muitos outros romances de que Balzac escreveu apenas o título, nunca foi nem mesmo esboçado pelo romancista, nada se pode adiantar sobre a importância que, dentro dele, devia caber às *Memórias*.

paulo rónai

MEMÓRIAS DE DUAS JOVENS ESPOSAS

A GEORGE SAND[89]

Isto, caro George, em nada poderá aumentar o brilho de seu nome, o qual projetará seu mágico reflexo sobre este livro: mas não há aqui, de minha parte, nem cálculo nem modéstia. Desejo atestar por esta forma a amizade verdadeira que continuou entre nós através de nossas viagens e de nossas ausências, apesar de nossos trabalhos e das maldades do mundo. Esse sentimento, seguramente, jamais se alterará. O cortejo de nomes amigos que acompanhará minhas composições mistura um prazer aos pesares que me causa o seu número, pois que elas não surgem sem dores; isso, não falando mais do que nas censuras provocadas por minha ameaçadora fecundidade, como se o mundo que posa diante de mim não fosse mais fecundo ainda. Não será uma bela coisa, George, se, um dia, o antiquário das literaturas destruídas não encontrar nesse cortejo mais do que grandes nomes, nobres corações, santas e puras amizades, e as glórias deste século? Não me posso eu mostrar mais orgulhoso dessa felicidade certa do que de triunfos sempre contestáveis? Para quem o conhece bem, é uma felicidade poder se dizer, como eu o faço aqui,

seu amigo,
DE BALZAC.

Paris, junho de 1840.

PRIMEIRA PARTE

I – LUÍSA DE CHAULIEU A RENATA DE MAUCOMBE

Paris, setembro

Minha querida corça, também eu estou fora! E se não me escreveste para Blois, cheguei também em primeiro lugar ao nosso gentil *rendez-vous* da correspondência. Ergue teus belos olhos negros fitos na minha primeira frase e guarda tuas exclamações para a carta na qual te confiarei o meu primeiro amor; há, pois, um segundo? “Cala-te!”, vais dizer-me; dize-me antes — vais perguntar-me: “Como saíste daquele convento, onde devias professar?” Minha querida, seja o que for que aconteça às carmelitas, o

milagre de minha libertação é a coisa mais natural. Os clamores de uma consciência aterrorizada acabaram prevalecendo sobre as ordens de uma política inflexível, eis tudo. Minha tia que não me queria ver morrer de consumpção venceu minha mãe que sempre prescrevia o noviciado como único remédio para a minha doença. A negra melancolia em que mergulhei depois de tua partida precipitou este feliz desenlace. E estou em Paris, meu anjo, e assim devo a ti a felicidade de aqui estar. Minha Renata, se tivesses podido ver-me no dia em que me achei sem ti, terias ficado orgulhosa de inspirar sentimentos tão profundos a um coração tão jovem. Juntas sonhamos tanto, tantas vezes abrimos as asas e vivemos em comunhão espiritual, que creio nossas almas ligadas uma à outra, como aquelas duas jovens húngaras cuja morte nos foi contada pelo sr. Beauvisage,[90] que certamente não era o homem que o nome indicava: nunca médico do convento foi tão bem escolhido. Não estiveste doente ao mesmo tempo que a tua mimosa? No melancólico abatimento em que me achava, nada mais eu podia fazer do que verificar um por um os laços que nos uniam; julguei-os rotos pelo afastamento, senti-me tomada de desgosto pela existência como uma rola sem par, achei doçura em morrer e morria lentamente. Estar sozinha nas carmelitas de Blois presa do temor de professar sem o prefácio da srta. de La Vallière[91] e sem a minha Renata! Mas era uma doença, uma doença mortal! Aquela vida monótona em que cada hora traz um dever, uma prece, um trabalho, tão exatamente os mesmos, que em toda parte se pode dizer o que uma carmelita faz a tal ou qual hora do dia ou da noite; aquela horrível existência em que é indiferente que as coisas que nos cercam sejam ou não sejam tornara-se para nós a mais variada: o surto de nosso espírito não conhecia limites, a fantasia nos dera a chave de seus reinos; éramos, alternativamente, uma para a outra, um encantador hipogrifo,[92] a mais alerta despertava a mais sonolenta, e nossas almas folgavam à porfia, apoderando-se deste mundo que nos estava vedado. Até mesmo a vida dos santos nos ajudava a compreender as coisas mais ocultas! No dia em

que tua meiga companhia me foi tirada, eu me tornei o que uma carmelita era a nossos olhos, uma Danaide[93] moderna que, em vez de tentar encher um tonel sem fundo, tira todos os dias, de não sei que poço, um balde vazio, quando esperava trazê-lo cheio. Minha tia ignorava a nossa vida interior. Ela não explicava minha repugnância pela existência, ela que se fizera um mundo celeste nas duas jeiras do seu convento. A vida religiosa para ser abraçada na nossa idade exige uma simplicidade excessiva que nós não temos, minha querida corça, ou o ardor do devotamento que fez de minha tia uma criatura sublime. Minha tia sacrificou-se por um irmão adorado; mas quem é que pode sacrificar-se por desconhecidos ou por ideias?

Há quase quinze dias tenho tantas palavras loucas recalcadas, tantas meditações enterradas no coração, tantas observações a comunicar e narrações a fazer, que não podem ser feitas senão a ti, que sem o fraco recurso das confidências escritas em substituição às nossas queridas palestras, eu me afogaria. Como nos é necessária a vida do coração! Começo esta manhã meu diário na crença de que o teu está começado, que dentro de poucos dias estarei vivendo no fundo do teu belo vale de Gémenos, do qual só sei o que me disseste, como irás viver em Paris, da qual só conheces o que sonhávamos.

Assim pois, minha linda, por uma manhã que ficará assinalada com um sinete róseo no livro de minha vida, chegaram de Paris uma dama de companhia e Filipe, o último criado de quarto de minha avó, enviados para buscar-me. Quando, depois de ter-me feito ir ao seu quarto, minha tia comunicou-me essa notícia, a alegria cortou-me a voz e eu olhava-a com um ar apatetado.

— Minha filha — disse-me ela com sua voz gutural —, deixas-me sem pesar, como o vejo; mas este adeus não é o último, nós nos tornaremos a ver: Deus marcou-te na fronte com o sinal dos eleitos; tens o orgulho que tanto leva ao céu como ao inferno, mas tens demasiada nobreza para descer! Conheço-te melhor do que tu a ti mesma: a paixão em ti não será

o que é nas mulheres comuns.

Atraiu-me suavemente para si e beijou-me na fronte, pondo nela o fogo que a devora, que enegreceu o azul de seus olhos, que lhe amaciou as pálpebras, lhe enrugou as fontes douradas e lhe amareleceu o belo rosto. Ela pôs-me arrepios na pele. Antes de responder, beijei-lhe as mãos.

— Querida tia — disse-lhe —, se suas adoráveis bondades não me fizeram achar seu Paracleto[94] saudável para o corpo e suave para o coração, deverei derramar tantas lágrimas para voltar a ele, que não quererá desejar minha volta. Não quero volver aqui senão traída pelo meu Luís xiv, e, se consigo um, só a morte mo poderá arrancar. Não temerei as Montespan! — Vá, louquinha — disse ela sorrindo —, não deixe essas ideias vãs aqui, leve-as, e fique sabendo que é mais Montespan do que La Vallière.[95] Beijei-a. A pobre mulher não pôde deixar de levar-me até o carro, onde seus olhos se fixaram sucessivamente nos brasões paternos e em mim.

A noite surpreendeu-me em Beaugency, mergulhada num entorpecimento moral provocado por aquele adeus. Que irei, pois, achar nesse mundo tão desejado? Inicialmente, não achei ninguém para me receber, perderam-se os preparativos do meu coração; minha mãe estava no Bois de Boulogne meu pai no conselho, e meu irmão, o duque de Rhétoré, nunca entra em casa, informaram-me, senão para vestir-se antes do jantar. A srta. Griffith (ela tem grifos) e Filipe levaram-me aos meus aposentos.

Esses aposentos são os daquela avó tão querida, a princesa de Vaurémont, a quem devo uma fortuna qualquer, da qual nunca ninguém me falou. Neste ponto partilharás a tristeza que me empolgou ao entrar naquele lugar consagrado por muitas recordações. O apartamento estava tal como ela o deixara. Ia deitar-me no leito em que ela morrera. Sentada à borda de sua espreguiçadeira, chorei sem ver que não estava só; lembrei-me de que me pusera, ali, de joelhos, muitas vezes para melhor ouvi-la. Dali vira seu rosto perdido entre as rendas velhas e emagrecida

tanto pela idade quanto pelas dores da agonia. O quarto parecia-me ainda quente do calor que ela nele mantinha. Como pode ser que a srta. Armanda Luísa Maria de Chaulieu seja obrigada, como uma camponesa, a deitar-se na cama de sua mãe, quase no dia de seu falecimento? Pois que me parecia que a princesa, morta em 1817, havia expirado na véspera. Aquele quarto me apresentava coisas que ali não deviam encontrar-se e que provavam como as pessoas ocupadas com os negócios do reino são despreocupadas com os seus e como, uma vez morta, pouco pensaram naquela nobre mulher, que será uma das maiores figuras femininas do século xviii. Filipe, mais ou menos, compreendeu de onde provinham as minhas lágrimas. Disse-me que, por testamento, a princesa me legara seus móveis. Meu pai, de resto, deixara os grandes apartamentos no mesmo estado em que os pusera a Revolução. Ergui-me então. Filipe abriu-me a porta da pequena sala que dá para o apartamento das recepções e tornei a encontrá-la no mesmo descalabro em que a tinha deixado: os altos de porta, que exibiam quadros preciosos, vazios, os mármores quebrados, os espelhos retirados. Antigamente, eu tinha medo de subir a grande escada e de atravessar a vasta solidão daquelas salas altas e ia ao apartamento da princesa por uma pequena escada que desce por baixo da grande e que levava à porta dissimulada de seu toucador.

O apartamento, composto de um salão, de um quarto de dormir e daquele bonito gabinete, vermelhão e ouro, de que já te falei, ocupa o pavilhão do lado dos Invalides.[96] O palácio está separado do bulevar apenas por um muro coberto de trepadeiras e por uma magnífica alameda de árvores que confundem suas frondes com as dos olmeiros da alameda lateral do bulevar. Sem a cúpula ouro e azul, sem as massas cinzentas dos Invalides, a gente julgaria estar numa floresta. O estilo dessas três peças e sua localização denunciam o antigo apartamento de recepções das duquesas de Chaulieu; o dos duques deve achar-se no pavilhão oposto; ambos são decentemente separados pelos dois lances da casa e pelo pavilhão da fachada onde se acham aquelas grandes salas

escuras e sonoras que Filipe me mostrara ainda despidas de seu esplendor, e tais como eu as tinha visto na minha infância. Filipe tomara um ar confidencial ao ver o espanto desenhado no meu rosto. Minha querida, nesta casa diplomática, todos são discretos e misteriosos. Disse-me então que estavam à espera de uma lei pela qual restituiriam aos emigrados o valor de seus bens. Meu pai está protelando a restauração de seu palácio até o momento dessa restituição. O arquiteto do rei avaliou a despesa em trezentas mil libras. Essa confidência teve por efeito dar comigo outra vez no sofá de meu salão. Como! Meu pai em vez de empregar essa quantia para me casar, deixava-me morrer no convento? Eis aí a reflexão que me veio no umbral daquela porta. Ah! Renata, como descansei a cabeça no teu ombro e como me transportei aos dias em que minha avó animava aqueles dois quartos! Ela que não mais existe senão no meu coração, e tu, que estás em Maucombe, a duzentas léguas de distância, são as únicas pessoas que me querem, ou me quiseram. Aquela querida velhinha de olhar tão moço queria despertar à minha voz. Como nos entendíamos! A recordação mudou subitamente a disposição de espírito em que eu me encontrava. Achei não sei quê de santo no que se me afigurara uma profanação. Pareceu-me uma doçura respirar o vago perfume de pó à marechala[97] que ali subsistia, uma doçura dormir sob a proteção daqueles cortinados de damasco amarelo com desenhos brancos, onde seu olhar e seu hálito devem ter deixado algo de sua alma. Eu disse a Filipe que restituísse seu brilho aos mesmos objetos e que desse ao meu apartamento a vida própria à habitação. Eu mesma indiquei como queria as coisas, determinando o lugar de cada móvel. Passei tudo em revista ao tomar posse, explicando como se poderiam rejuvenescer as antiguidades de que tanto gosto. O quarto é de um branco um pouco amarelecido pelo tempo, da mesma forma que o ouro dos alegres arabescos mostra já, em alguns lugares, umas tonalidades vermelhas: esses efeitos, porém, estão em harmonia com as cores envelhecidas do tapete da Savonnerie[98] dado por Luís xv à minha avó, bem como seu

retrato. O relógio é um presente do marechal de Saxe. As porcelanas da chaminé vêm do marechal de Richelieu. O retrato de minha avó, de quando tinha vinte e cinco anos, está numa moldura oval, em frente ao do rei. Não há retrato do príncipe. Gosto desse olvido franco, sem hipocrisia, que com um traço pinta aquele delicioso caráter. Numa doença grave que minha avó teve, seu confessor insistia para que entrasse o príncipe que esperava no salão. “Com o médico e suas prescrições”, disse ela. O leito é de dossel e de guardas acolchoadas; as cortinas são arrepanhadas por dobras de uma bela amplidão; os móveis são de madeira dourada, coberta com damasco amarelo de ramagens brancas, que também enfeitam as janelas, e que é forrada com uma fazenda de seda branca que se assemelha a *moiré*. Os altos da porta, pintados não sei por quem, representam uma alvorada e um luar. A lareira foi cuidadosamente arranjada. Vê-se que no século passado vivia-se muito junto ao fogo. Ali sucediam grandes acontecimentos: a lareira de cobre dourado é uma maravilha de escultura, o alizar é de um acabamento preciso, a pá e as pinças são deliciosamente trabalhadas, o fole é uma joia. A tapeçaria do guarda-fogo vem dos Gobelinos,[99] e sua armação é deliciosa; as figuras dispersas que correm ao longo sobre os pés, sobre a barra de apoio, sobre os ramos, são encantadoras; tudo está trabalhado como um leque. Quem lhe deu esse lindo móvel de que ela tanto gostava? Quisera sabê-lo. Quantas vezes eu a vi, com os pés descansando em cima da barra, mergulhada na sua poltrona, com o vestido um pouco assungado nos joelhos por sua posição, pegando, depondo e tornando a pegar sua tabaqueira, de cima da pequena mesa entre a sua caixa de pastilhas e suas meias-luvas de seda! Era ela faceira? Até o dia em que morreu cuidou de si como se estivesse no dia seguinte ao daquele lindo retrato, como se esperasse a flor da corte que se comprimia em torno dela. Aquela poltrona lembrou-me o inimitável movimento que ela imprimia às suas saias quando nela sentava. Essas mulheres do tempo antigo levam com elas certos segredos que pintam a sua época. A princesa tinha gestos de

cabeça, um modo de saltar as palavras e os olhares, uma linguagem particular que eu não encontrava em minha mãe: havia nela finura e bonomia, intenção, sem preparo prévio; a conversação dela era ao mesmo tempo prolixa e lacônica, narrava bem e pintava em três traços. Tinha principalmente essa excessiva liberdade de opiniões que seguramente influiu sobre o feitio de meu espírito. Dos sete aos dez anos vivi em seu regaço; tanto ela gostava de me atrair aos seus aposentos quanto eu de ir até lá. Essa predileção foi causa de mais de uma discussão entre ela e minha mãe. Ora, nada atiça mais um sentimento do que o vento gelado da perseguição. Com que graça me dizia ela: — Estás aqui, mascarilha! — quando a serpente da curiosidade me emprestava seus movimentos para deslizar-me por entre as portas até ela. A velhinha se sentia amada, amava meu ingênuo amor que punha um raio de sol em seu inverno. Não sei o que se passava em seus aposentos à noite, mas sempre recebia muitas visitas; quando, pela manhã, eu ia na ponta dos pés saber se já estavam abertos os seus aposentos, via os móveis desarrumados, as mesas de jogo preparadas, em alguns lugares muito rapé. Esse salão é do mesmo estilo que o quarto, os móveis são singularmente torneados, a madeira é de molduras ocas, com pés de corça. Duas grinaldas de flores ricamente esculpidas e de belo feitio serpenteiam por sobre os espelhos e descem ao comprido em festões. Há em cima dos consolos lindos vasos da China. O fundo do mobiliário é vermelho vivo e branco. Minha avó era uma morena altiva e provocante, adivinha-se-lhe a tez pela sua escolha das cores. Tornei a encontrar nesse salão uma escrivaninha, cujas figuras, em outros tempos, muito atraíram meus olhares; era chapeada de prata cinzelada; foi-lhe dada por um Lomellini[100] de Gênova. Cada lado dessa mesa representa os trabalhos de cada estação, as personagens estão em relevo e há centenas em cada quadro. Fiquei duas horas sozinha, revivendo minhas recordações, uma a uma, no santuário onde expirou uma das mais célebres mulheres da corte de Luís xv, quer pelo espírito, quer pela beleza. Sabes como me separaram abruptamente dela, da noite

para o dia, em 1816.

— Vá dizer adeus a sua avó — ordenou a minha mãe. — Encontrei a princesa, não surpresa com a minha partida, mas insensível na aparência. Recebeu-me como de costume. — Vais para o convento, minha joia — disse-me ela —, vais ver tua tia, uma excelente mulher! Terei cuidado de que não sejas sacrificada, serás independente e livre para te casar com quem quiseres.

Morreu seis meses depois; entregara o seu testamento ao mais assíduo de seus velhos amigos, o príncipe de Talleyrand, o qual, numa visita que fez à srta. de Chargeboeuf, achou meios para me fazer saber por ela que minha avó me proibira professar. Tenho a esperança de, mais cedo ou mais tarde, encontrar o príncipe e com certeza então ele me dirá mais coisas. Assim, pois, minha bela corça, se não encontrei ninguém para me receber, consolei-me com a sombra da querida princesa e habilitei-me para cumprir uma das nossas convenções, que é, não te esqueças, de nos iniciarmos uma à outra nos menores detalhes de nossa choupana e de nossa vida. É tão doce saber onde e como vive o ser que nos é caro! Descreve-me bem as mais insignificantes coisas que te cercam, tudo enfim, até mesmo os efeitos do sol poente no arvoredo.

10 de outubro

Eu tinha chegado às três horas da tarde. Cerca das cinco e meia, Rosa veio dizer-me que minha mãe já voltara e eu desci, para apresentar-lhe meus respeitos. Minha mãe ocupa no andar térreo um apartamento cuja disposição é igual ao meu, no mesmo pavilhão. Eu estou no andar acima do dela, e temos a mesma escada dissimulada. Meu pai reside no pavilhão oposto; mas como do lado do pátio há mais o espaço ocupado, no nosso lado, pela grande escadaria, seu apartamento é muito mais vasto do que os nossos. Não obstante os deveres da posição que a volta dos Bourbon lhes restituiu, meu pai e minha mãe continuam a habitar o andar térreo,

podendo nele receber, tão grandes são as casas de nossos maiores. Encontrei minha mãe no seu salão, onde nada foi mudado. Ela estava em grande *toilette*. De degrau em degrau eu a mim mesma perguntava como seria para mim essa mulher, que foi tão pouco mãe que, em oito anos, dela não recebi mais do que as duas cartas que conheces. Achando que era indigno de mim mesma fingir uma ternura impossível, compus-me um aspecto de religiosa idiota e entrei bastante embaraçada intimamente. Esse embaraço logo se dissipou. Minha mãe foi de uma graça perfeita; não me manifestou falsas ternuras, não foi fria, não me tratou como estranha, não me abrigou em seu seio como uma filha amada; recebeu-me como se tivesse estado comigo na véspera e foi a mais meiga e mais sincera amiga; falou-me como a uma mulher-feita e logo me beijou na testa.

— Minha querida filha — disse ela —, se devia morrer no convento é melhor que viva conosco. Você frustrou os projetos de seu pai e os meus, mas não estamos mais no tempo em que os pais eram cegamente obedecidos. A intenção do sr. de Chaulieu, que coincide com a minha, é de não pouparmos coisa alguma para tornar-lhe a vida agradável e deixar-lhe ver o mundo. Na sua idade eu teria pensado como você; por isso não lhe quero mal; você não pode compreender o que nós lhe pedíamos. Não me vai achar de uma severidade ridícula. Se suspeitou de meu coração, breve terá de reconhecer que se enganou. Embora eu queira deixá-la completamente livre, creio que nos primeiros tempos andará acertada se ouvir os conselhos de uma mãe que procederá consigo como uma irmã.

A duquesa falava com voz suave e endireitando minha capa de colegial. Seduziu-me. Aos trinta e oito anos é bela como um anjo; seus olhos são de um negro azulado, os cílios são como fios de seda, a testa é sem rugas, a tez tão alva e rósea que até parece que se pinta, os ombros e o colo admiráveis, um busto arqueado e fino como o teu, as mãos de rara beleza e uma alvura de leite; unhas onde mora a luz de tão polidas, o dedo

mínimo levemente afastado, e o polegar de uma perfeição de marfim. Tem finalmente o pé correspondente à mão, o pé espanhol da srta. de Vandenesse. Se aos quarenta ela é tão bela, será bela ainda aos sessenta.

Respondi, minha corça, como filha obediente. Fui para ela o que ela foi para mim, melhor ainda; sua beleza venceu-me, perdoei-lhe o abandono em que me deixara, compreendi que uma mulher como ela fora arrastada pelo seu papel de rainha. Disse-lhe ingenuamente como se estivesse falando contigo. É possível que ela não esperasse ouvir uma linguagem de amor na boca da filha. As sinceras homenagens de minha admiração sensibilizaram-na profundamente: suas maneiras se modificaram, tornando-se ainda mais amáveis; ela tratou-me por tu:

— És uma boa filha e espero que nos tornemos amigas.

Essa expressão pareceu-me de uma adorável ingenuidade. Não lhe quis deixar ver o sentido em que a interpretava, pois logo compreendi que a devo deixar crer que ela é muito mais fina e espirituosa do que sua filha. Fiz-me portanto de boba, e ela ficou encantada comigo. Por várias vezes beijei-lhe as mãos, dizendo-lhe que me sentia feliz ao vê-la tratar-me assim, que dessa forma ela me punha à vontade, e cheguei até a confessar-lhe o meu terror. Ela sorriu, enlaçou-me pelo pescoço para atrair-me e beijar-me na fronte, com um gesto cheio de ternura.

— Querida filha — disse —, temos hoje convidados para jantar, e há de achar, como eu, preferível esperar que a costureira lhe tenha preparado suas *toilettes* para fazer sua entrada na sociedade; assim, pois, quando tiver visto seu pai e seu irmão, subirá para os seus aposentos.

Aquiesci de muito bom grado. A encantadora *toilette* de minha mãe era a primeira revelação daquele mundo entrevisto em nossos sonhos, mas não senti o menor impulso de ciúme. Meu pai chegou.

— Senhor, eis a sua filha — disse a duquesa.

Meu pai assumiu, subitamente, para mim, as mais ternas maneiras; representou tão bem seu papel que acreditei que também tivesse o coração correspondente.

— Ei-la então aqui, a filha rebelde — disse-me, tomando-me as duas mãos nas suas e beijando-as com mais galantaria do que paternidade. E atraiu-me a seus braços, enlaçando-me a cintura e apertando-me para beijar-me nas faces e na fronte. — Compensará o pesar que nos causa a sua mudança de vocação pelos prazeres que nos darão seus triunfos na sociedade. Não acha, senhora, que ela será muito bonita e que um dia poderá ter orgulho dela?

— Aqui está seu irmão, Rhétoré.

— Afonso — disse ele a um belo rapaz que acabara de entrar —, aqui está sua irmã religiosa que quer atirar as vestes talares às urtigas.

Meu irmão, sem grande pressa, tomou-me a mão e apertou-a.

— Beije-a — disse-lhe o duque. E ele beijou-me nas duas faces.

— Encantado por vê-la, minha irmã — disse ele —, e ponho-me do seu lado, contra meu pai.

Agradeci-lhe, mas parece-me que ele bem poderia ter ido a Blois, quando ia a Orléans ver nosso irmão, o marquês, em sua guarnição. Retirei-me com receio de que chegasse algum estranho. Fiz algumas arrumações no meu aposento, coloquei em cima do veludo escarlate da bela mesa tudo o que precisava para escrever-te, refletindo na minha nova situação. Eis aí, minha bela corça branca, sem faltar uma vírgula, como se passaram as coisas, por ocasião da volta de uma rapariga de dezoito primaveras, após uma ausência de nove anos, a uma das mais ilustres famílias do reino. A viagem cansara-me, e também as emoções desse regresso ao seio da família: deitei-me, pois, como no convento, às oito horas, depois de ter ceado. Haviam conservado até um pequeno serviço de porcelana de Saxe que aquela querida princesa guardava para comer sozinha, nos seus aposentos, quando isso lhe vinha à fantasia.

II – DA MESMA PARA A MESMA

25 de novembro

No dia seguinte encontrei meu apartamento em ordem e arranjado pelo velho Filipe, que pusera flores nos vasos. Instalei-me, por fim. Apenas ninguém se lembrara de que uma pensionista das carmelitas tem fome cedo, e Rosa teve mil dificuldades para me trazer a primeira refeição.

— A senhorita deitou-se à hora em que se serviu o jantar e se levanta no momento em que o senhor acaba de chegar — disse-me ela.

Pus-me a escrever. Pela uma hora, meu pai bateu à porta do meu pequeno salão e me perguntou se eu o podia receber; abri-lhe a porta, ele entrou e encontrou-me a escrever.

— Minha querida, terá, aqui, de que vestir-se e preparar-se; nesta bolsa encontrará doze mil francos. É a renda de um ano que lhe concedo para sua manutenção. Combinará com sua mãe a escolha de uma governanta que lhe convenha, no caso de miss Griffith não lhe agradar; pois a senhora de Chaulieu não terá tempo para acompanhá-la pela manhã. Terá um carro e um lacaio às suas ordens.

— Deixe-me Filipe — pedi.

— Seja — respondeu ele. — Mas não se preocupe, sua fortuna é suficientemente grande para que não nos pese, nem à sua mãe, nem a mim.

— Será indiscrição perguntar-lhe a quanto monta a minha fortuna?

— De modo nenhum, minha filha — disse ele —, sua avó deixou-lhe quinhentos mil francos que constituíam as suas economias, pois não quis subtrair à família uma única jeira de terra. Essa quantia foi inscrita no Grande-Livro.[101] O acúmulo de juros produz hoje cerca de quarenta mil francos de renda. Eu queria empregar essa importância para constituir a fortuna de seu segundo irmão, de modo que você veio atrapalhar muito os meus projetos; mas daqui a algum tempo talvez que você concorra para eles; tudo esperarei de você mesma. Parece-me mais razoável do que eu pensava. Não tenho necessidade de dizer-lhe como

procede uma srta. de Chaulieu; a altivez estampada em sua fisionomia é para mim uma garantia segura. Em nossa casa, as precauções tomadas pela gentinha em relação às filhas seriam injuriosas. Qualquer murmúrio maldoso a seu respeito poderia custar a vida daquele que tal se permitisse ou a de um de seus irmãos, se o céu fosse injusto. Nada mais lhe direi sobre esse capítulo. Adeus, querida filha.

Beijou-me na fronte e se foi. Depois de uma perseverança de nove anos não explico o abandono desse plano. Meu pai foi de uma clareza que me agrada. Não há em suas palavras nenhuma ambiguidade. Minha fortuna deve pertencer ao seu filho marquês. Quem foi pois que teve entranhas? Minha mãe? Meu pai? Meu irmão?

Fiquei sentada no sofá de minha avó, com os olhos postos na bolsa que meu pai deixara em cima da lareira, contente e descontente, ao mesmo tempo, com aquela atenção que mantinha meu pensamento preso ao dinheiro. É certo que não me tenho mais de me preocupar com isso: minhas dúvidas estão esclarecidas, e há qualquer coisa de digno em me evitarem qualquer sofrimento de orgulho a esse respeito. Filipe andou o dia inteiro a correr à casa dos vários fornecedores e obreiros que vão ser encarregados da minha metamorfose. Uma costureira célebre, uma tal Victorine,[102] veio e também uma costureira de roupa branca e um sapateiro. Estou impaciente como uma criança, por saber como vou ficar quando tiver deixado o saco em que nos envolvia o uniforme do convento; mas todos esses obreiros exigem muito tempo: o cortador de espartilho reclama oito dias se eu não quiser estragar meu busto. Isso se vai tornando grave; quer dizer que tenho um busto? Janssen,[103] o sapateiro da Ópera, afirmou-me positivamente que eu tinha o pé de minha mãe.

Passei toda a manhã nessas sérias ocupações. Veio até um luveiro que tomou medida de minhas mãos. A costureira de roupa branca recebeu minhas ordens. À hora do meu jantar, que resultou ser a do almoço, minha mãe me disse que iríamos juntas às modistas, para ver chapéus, a

fim de me educar o gosto e pôr-me em condições de eu mesma encomendar os meus. Estou tonta com esse começo de independência como um cego que recuperasse a vista. Estou em condições de julgar a distância que vai de uma carmelita a uma moça da alta sociedade: a diferença é tão grande que nós jamais a poderíamos ter concebido. Durante esse almoço, meu pai esteve abstraído, e nós o deixamos com os seus pensamentos; ele está muito a par dos segredos do rei. Esquecia-me completamente, e se lembrará de mim quando eu lhe for necessária, percebi isso. Meu pai é um homem encantador, apesar dos seus cinquenta anos; tem um porte juvenil, é bem-feito de corpo, é louro, tem uma figura e encantos deliciosos; tem a fisionomia ao mesmo tempo expressiva e muda dos diplomatas; seu nariz é fino e comprido, seus olhos, castanhos. Que lindo par! Quantos pensamentos singulares não me assaltaram ao ver claramente que esses dois seres, igualmente nobres, ricos, superiores, não vivem juntos, nada têm de comum a não ser o nome, e se mantêm unidos aos olhos da sociedade. A elite da corte e da diplomacia estava ontem aqui. Dentro de poucos dias irei a um baile em casa da duquesa de Maufrigneuse e serei apresentada a essa sociedade que tanto desejava conhecer. Todas as manhãs terei a visita de um professor de dança; dentro de um mês terei de saber dançar, sob pena de não ir ao baile. Antes do jantar, minha mãe veio ver-me a propósito da governanta. Fiquei com miss Griffith, que lhe foi dada pelo embaixador da Inglaterra. Essa miss é filha de um pastor protestante e muito bem-educada; a mãe dela era nobre, ela tem trinta e seis anos, vai ensinar-me inglês. Minha Griffith é bastante bonita para ter pretensões; é nobre e altiva; é escocesa, será meu cérebro, dormirá no quarto de Rosa. Rosa ficará às ordens de miss Griffith. Vi imediatamente que governaria minha governanta. Nestes seis dias que estamos juntas, ela compreendeu perfeitamente que só eu me poderei interessar por ela; eu, apesar de sua atitude de estátua, compreendi perfeitamente que ela será complacente para comigo. Parece-me uma boa criatura, porém discreta. Nada pude

saber do que foi dito entre ela e minha mãe.

Outra notícia que me parece insignificante! Esta manhã meu pai recusou o ministério que lhe foi proposto! Daí sua preocupação de ontem. Prefere uma embaixada, disse ele, aos incômodos das discussões públicas. A Espanha lhe sorri. Soube dessas novidades ao almoço, único momento do dia em que meu pai, minha mãe e meu irmão se veem numa espécie de intimidade. Os criados, nesse momento, só vêm quando chamados. No resto do tempo meu irmão está ausente, da mesma forma que meu pai. Minha mãe veste-se, nunca é visível das duas horas às quatro: às quatro sai para um passeio de uma hora; recebe das seis às sete, quando não janta fora; depois a noite é preenchida pelos divertimentos, espetáculos, bailes, concertos, visitas. Enfim, sua vida é tão cheia de ocupações que julgo não ter ela um quarto de hora seu. Deve passar um tempo considerável na sua *toilette* matinal, pois está divina ao almoço, que se realiza entre onze horas e meio-dia. Começo a explicar-me os ruídos que se ouvem nos seus aposentos; ela toma antes de mais nada um banho quase frio, e uma xícara de café frio com creme, depois veste-se; nunca se acorda antes das nove horas, salvo em casos excepcionais; no verão há passeios matinais, a cavalo. Às duas horas ela recebe um jovem que ainda não pude ver. Eis aí nossa vida de família. Reunimo-nos para almoçar e jantar, mas com frequência vejo-me só com minha mãe, nessa refeição.

Prevejo que mais vezes ainda jantarei sozinha nos meus aposentos, com miss Griffith, como fazia minha avó. Minha mãe janta seguidamente fora. Não me admiro mais do pouco cuidado de minha família comigo. Minha querida, em Paris há heroísmo em querer às pessoas que vivem junto de nós, pois que com frequência nem mesmo estamos com nós mesmas. Como os ausentes são esquecidos nesta cidade! E, entretanto, ainda não pus o pé fora de casa, não conheço nada, estou à espera de ser desasnada, de que minha *toilette* e o meu ar estejam em harmonia com essa sociedade, cuja agitação me assombra, embora não lhe ouça o

rumor, senão de longe. Não saí mais do que para ir ao jardim. No Théâtre des Italiens, dentro de poucos dias começarão a cantar. Minha mãe tem um camarote. Estou louca de desejos por ouvir a música italiana e ver uma ópera francesa. Estou começando a abandonar os hábitos do convento para adquirir os da vida mundana. Escrevo-te à noite, até a hora de me deitar, que agora é protelada para as dez, hora em que minha mãe sai, quando não vai ao teatro. Há doze teatros em Paris. Sou de uma ignorância crassa e leio muito, mas leio sem seleção. Um livro leva-me a outro. Vejo os títulos de várias obras na capa do que estou lendo; mas ninguém me guia de modo que encontro alguns bem aborrecidos. O que li da literatura moderna gira em torno do amor, o assunto que tanto nos interessava, pois que o nosso destino é feito pelo homem e para o homem; mas quanto esses autores estão abaixo de duas meninazinhas chamadas a corça branca e a mimosa, Renata e Luísa! Ah! Querido anjo, que pobres acontecimentos, que singularidade e como é mesquinha a expressão desse sentimento! Dois livros, entretanto, agradaram-me estranhamente, um é *Corina*[104] e o outro *Adolfo*[105]. A propósito disso, perguntei a meu pai se eu poderia ver Madame de Staël. Minha mãe, meu pai e Afonso puseram-se a rir. Afonso disse:

— De onde vem esta?

Meu pai respondeu:

— Somos muito tolos, ela vem das carmelitas.

— Minha filha, Madame de Staël[106] já morreu — disse a duquesa com brandura.

Em outra ocasião, ao terminar *Adolfo*, perguntei a miss Griffith:

— Como pode uma mulher ser enganada?

— Quando ela ama — respondeu-me miss Griffith.

Dize-me, Renata, será que um homem nos poderá enganar?... Miss Griffith acabou por entrever que eu não sou tola de todo, que tenho uma educação ignorada, aquela que nos demos uma à outra com as nossas argumentações exaustivas. Ela compreendeu que minha ignorância é

somente relativa às coisas exteriores. A pobre criatura revelou-se-me. Aquela resposta lacônica, posta num dos pratos da balança contra todas as desgraças imagináveis, causou-me um leve arrepio. Griffith repetiu-me que não me deixasse deslumbrar por nada na sociedade e que desconfiasse de tudo, principalmente do que mais me agradasse. Ela não sabe e nada mais me pode dizer. Esse sermão é demasiado monótono. Nisso ela se aproxima da natureza dos pássaros que só têm um grito.

III – DA MESMA PARA A MESMA

Dezembro

Minha querida, eis-me pronta para entrar na sociedade; por isso tratei de ser bem aloucada antes de me ajustar para ela. Hoje de manhã, após muitos ensaios, vi-me bem e devidamente espartilhada, calçada, apertada, penteada, vestida, enfeitada. Fiz como os duelistas antes do combate: exercitei-me a portas fechadas. Quis ver-me sob as armas, achei em mim, muito indulgentemente, um arzinho vencedor e triunfante, ao qual terão de submeter-se. Examinei-me e julguei-me. Passei minha forças em revista, pondo em prática esta bela máxima da Antiguidade: “Conhece-te a ti mesmo!”. Tive gozos infinitos ao conhecer-me. Somente Griffith partilhou do segredo do meu brinquedo de boneca. Eu era ao mesmo tempo a boneca e a criança. Pensas conhecer-me? Nada disso.

Eis, Renata, o retrato de tua irmã outrora disfarçada de carmelita e ressuscitada como moça leviana e mundana. Excetuando a Provença, sou uma das mais belas pessoas da França. Isso me parece o verdadeiro sumário deste agradável capítulo. Tenho defeitos: mas se eu fosse homem, gostaria deles. Esses defeitos provêm das esperanças que dou. Quando durante quinze dias a gente admirou o delicioso arredondado do braço da própria mãe e que essa mãe é a duquesa de Chaulieu, minha

querida, é uma desgraça ver que se tem braços magros; mas é um consolo verificar que se tem o pulso fino, certa suavidade de linhas, concavidades que um dia uma carne acetinada virá encher, roliçar e modelar. O desenho um tanto seco do braço repete-se nos ombros. Na verdade não tenho espáduas, mas sim duras omoplatas, que formam dois planos que se chocam. Meu busto tem também pouca flexibilidade, e os flancos são rígidos. Uf! Disse tudo. Mas os perfis são finos e firmes, a saúde morde, com sua flama viva e pura, essas linhas nervosas, a vida e o sangue azul correm em ondas sob uma pele transparente. Mas a mais loura das filhas de Eva, a loura, é uma negra comparada comigo! Mas tenho um pé de gazela! Mas todos os contornos são delicados, e possuo os traços corretos de um desenho grego. O tom da pele não é igual, é verdade, senhorita, mas é vivo: sou uma linda fruta verde e tenho dela a graça verde. Enfim, assemelho-me à figura que, no velho missal de minha tia, se ergue de um lírio violáceo. Meus olhos azuis não são tolos, são altivos, cercados de duas orlas de nácar vivo, matizado por lindas fibrilas e sobre os quais meus longos e bastos cílios parecem franjas de seda. Minha fronte fulgura, meus cabelos têm raízes deliciosamente implantadas e apresentam pequenas ondas de ouro pálido, acastanhadas no centro e de onde se escapam alguns fios rebeldes que dizem suficientemente que não sou uma loura sensaborona e sujeita a desmaios, mas sim uma loura meridional e cheia de sangue, uma loura que agride em vez de se deixar atingir. Não é que o cabeleireiro queria me alisar os cabelos em dois bandós e pôs-me na fronte uma pérola segura por uma corrente de ouro, sob pretexto que eu assim ficaria com um ar medieval?

— Fique sabendo que não sou velha o bastante para estar na meia-idade e para usar um ornato que me rejuvenesça!

Meu nariz é fino, as narinas são bem recortadas e separadas por um encantador septo róseo; é imperioso, zombeteiro, e sua extremidade é demasiado nervosa para engrossar ou ficar vermelha. Minha querida corça, se não é o caso de aceitar uma rapariga sem dote, então não

entendo nada. Minhas orelhas têm dobras graciosas, uma pérola em cada extremidade pareceria amarela. Meu pescoço é longo, tem esse movimento serpentino que dá tanta majestade. Na sombra sua alvura se doura. Ah! Tenho talvez a boca um pouco grande, mas é tão expressiva, os lábios têm tão linda cor, os dentes riem tão prazenteiramente! E além disso, querida, tudo está em harmonia: um andar, uma voz! A gente se lembra dos meneios da saia da avó, que nunca a tocava: enfim, sou bela e graciosa. De acordo com a minha fantasia poderei rir como rimos tantas vezes e serei respeitada: haverá não sei o quê de imponente nas covinhas que o Gracejo com seus dedinhos leves cavará nas minhas alvas faces. Posso baixar os olhos e dar-me um coração de gelo sob minha fronte de neve. Posso ostentar o pescoço melancólico do cisne, tomando uma atitude de madona, e as virgens desenhadas pelos pintores estarão cem furos abaixo de mim; estarei mais alto do que elas no céu. Para me falar, um homem ver-se-á obrigado a musicalizar a voz.

Estou, pois, armada de ponto em branco e posso percorrer o teclado da faceirice desde as notas mais graves às mais aflautadas. É uma vantagem imensa não ser uniforme. Minha mãe não é nem leviana, nem virginal; é exclusivamente digna, imponente; não pode sair disso senão para tornar-se leonina; quando ela fere, dificilmente cura; eu saberei ferir e curar. Sou ademais completamente diferente de minha mãe, de modo que não há rivalidade possível entre nós, a menos que questionemos sobre a maior ou menor perfeição de nossas extremidades, que são semelhantes. Eu puxei a meu pai, que é delgado e desenvolto. Tenho as maneiras de minha avó e seu encantador timbre de voz, uma voz de cabeça quando forçada, uma melodiosa voz de peito no diálogo comum. Parece-me que foi hoje somente que deixei o convento. Ainda não existo para a sociedade, sou-lhe desconhecida. Que momento delicioso! Ainda me pertenço, como uma flor que não foi vista e que acaba de desabrochar. Pois bem! Meu anjo, depois de passear pelo meu salão, olhando-me, depois que vi as ingênuas vestes da pensionista, senti não sei o quê no

coração: saudades do passado, inquietações pelo futuro, temor da sociedade, adeus às nossas pálidas margaridas inocentemente colhidas, despreocupadamente desfolhadas; havia um pouco de tudo; mas também havia dessas ideias fantásticas que recalco para as profundezas de minha alma, onde não ouso descer e de onde elas sobem.

Minha Renata, tenho um enxoval de noiva! Tudo está perfeitamente arrumado, perfumado, nas gavetas de cedro e de frente laqueada do delicioso gabinete de *toilette*. Tenho fitas, calçados, luvas, tudo em profusão. Meu pai deu-me graciosamente o que requer uma moça; um *nécessaire*, uma *toilette*, uma caçoula, um leque, uma sombrinha, um livro de orações, uma corrente de ouro, um xale de cachemira; prometeu mandar ensinar-me a montar a cavalo. Enfim, sei dançar! Amanhã, sim, amanhã à noite, serei apresentada. Minha *toilette* é um vestido de musselina branca. Como toucado levarei uma grinalda de rosas brancas, à grega. Tomarei meu ar de madona, quero mostrar-me bem tolinha e ter as mulheres do meu lado. Minha mãe está a mil léguas disso que te estou escrevendo, julga-me incapaz de refletir. Se ela lesse minha carta, ficaria abobada de espanto. Meu irmão honra-me com um profundo desprezo e continua a testemunhar-me as bondades de sua indiferença. É um belo rapaz, mas arreliento e melancólico. Descobri-lhe o segredo: nem o duque nem a duquesa o adivinharam. Embora duque e moço, tem inveja do pai, nada é no Estado, não tem cargo na corte, não pode dizer: “Vou à Câmara”. Em casa, só eu disponho de dezesseis horas para refletir: meu pai está nos negócios públicos e nos seus divertimentos, minha mãe também está ocupada; ninguém em casa se examina a si próprio, estão sempre fora, não há tempo suficiente para a vida. Estou extremamente curiosa por saber que atração invencível tem a sociedade para prender as pessoas todas as noites das nove às duas ou três horas da madrugada, para obrigar a tanto esforço e suportar tanta fadiga. Ao desejar vir para ela, eu não imaginava semelhantes distâncias, semelhantes exaltações: mas, em verdade, esquecia-me que se trata de Paris. Assim, pois, podem

viver ao lado uns dos outros, em família, e não se conhecerem? Uma quase freira chega e em quinze dias vê o que um homem de Estado não vê em sua casa. Talvez o veja e haja alguma coisa de paternal na sua cegueira voluntária. Vou sondar esse recanto obscuro.

IV – DA MESMA PARA A MESMA

15 de dezembro

Ontem, às duas horas, fui dar um passeio nos Champs-Élysées e no Bois de Boulogne, por uma dessas tardes de outono, como tantas que admiramos nas margens do Loire. Finalmente vi Paris! O aspecto da praça Luís xv é realmente belo, mas desse belo criado pelos homens. Eu estava vestida, melancólica, embora bem-disposta para rir, o rosto calmo sob um chapéu encantador, e de braços cruzados. Não recolhi o menor sorriso, não fiz nenhum pobre rapazinho ficar boquiaberto, ninguém se virou para me ver e, contudo, o carro ia numa lentidão em harmonia com a minha atitude. Engano-me, um duque encantador, que ia passando, deu volta bruscamente ao cavalo. Esse homem que, para o público, salvou minhas vaidades, era meu pai, cujo orgulho, disse ele, acabava de ser agradavelmente lisonjeado. Encontrei minha mãe que, com a ponta dos dedos, fez-me uma saudação que se assemelhava a um beijo. Minha Griffith, que não desconfiava de ninguém, olhava a torto e a direito. Segundo meu modo de ver, uma senhorita deve sempre saber onde pousa o olhar. Eu estava ferida. Um homem examinou muito atentamente minha carruagem sem prestar a menor atenção a mim. Esse lisonjeador era provavelmente algum fabricante de carros. Enganei-me na avaliação das minhas forças: a beleza, esse raro privilégio que somente Deus dá, é mais comum em Paris do que eu pensava. Algumas melindrosas foram graciosamente saudadas. Ante rostos corados, os homens disseram

consigo: “Ei-la!”. Minha mãe foi prodigiosamente admirada. Esse enigma tem uma chave, e eu a procurarei. Os homens, querida, de um modo geral pareceram-me muito feios. Os que são bonitos se assemelham a nós, para pior. Não sei qual o gênio fatídico que inventou a sua indumentária: é surpreendente a esquisitice quando a comparamos com a dos séculos precedentes; não tem brilho, nem cor, nem poesia; não impressiona nem os sentidos, nem o espírito, nem a vista, e deve ser incômoda; não tem amplitude e é muito curta. O chapéu, principalmente, me chamou a atenção: é um pedaço de coluna, que não toma a forma da cabeça; mas, segundo me disseram, é mais fácil fazer uma revolução que tornar os chapéus graciosos. A bravura em França recua ante a ideia de usar um chapéu de copa redonda, e, por falta de coragem durante um dia, fica-se toda a vida com a cabeça ridiculamente coberta. E dizem que os franceses são levianos! De resto, os homens são perfeitamente horríveis, seja qual for o chapéu que usem. Não vi senão rostos cansados e duros, nos quais não há nem calma nem tranquilidade; as feições desencontradas e as rugas revelam ambições frustradas, vaidades infelizes. Uma bela fronte é coisa rara.

— Ah! Eis os parisienses! — dizia eu a miss Griffith.

— São homens bem amáveis e espirituosos — respondeu-me ela. Calei-me. Uma solteirona de trinta e seis anos tem muita indulgência no fundo do coração.

À noite, fui ao baile e fiquei ao lado de minha mãe, a qual me deu o braço com um devotamento bem recompensado. As honras eram para ela, eu servi de pretexto para as mais agradáveis lisonjas. Ela teve o talento de me fazer dançar com imbecis que me falaram do calor como se eu estivesse gelada, e da beleza do baile como se eu fosse cega. Nenhum deixou de se extasiar ante uma coisa estranha, inaudita, extraordinária, singular, estupefaciente: o ver-me no baile pela primeira vez. Minha *toilette* que me encantava quando no meu salão branco e ouro eu pavoneava, sozinha, era apenas notada entre as maravilhosas vestimentas

da maioria das mulheres. Cada uma delas tinha os seus fiéis, todas se observavam com o canto do olho, várias brilhavam com uma beleza triunfante, como acontecia com minha mãe. No baile uma mocinha é um zero, é somente uma máquina de dançar. Os homens, salvo raras exceções, não são aí melhores do que nos Champs-Élysées. São gastos, suas feições são sem caráter, ou melhor, todas têm o mesmo caráter. Aquelas fisionomias altivas e vigorosas que nossos antepassados ostentam nos seus retratos, eles que à força física aliavam a força moral, não mais existem. Entretanto, havia naquela reunião um homem de grande talento que sobressaía da multidão pela beleza de sua figura, mas que não me causou a viva sensação que devia causar. Não conheço suas obras, e ele não é gentil-homem. Seja qual for o gênio e as qualidades de um burguês ou de um homem enobrecido, não tenho no sangue uma só gota para ele. De resto, achei-o tão ocupado consigo mesmo, e tão pouco com os outros, que me fez pensar que devemos ser coisas e não seres para esses grandes caçadores de ideias. Quando os homens de talento amam, não devem mais escrever, ou então é que não amam. Há qualquer coisa em seu cérebro que tem preferência sobre a sua amada. Pareceu-me ver tudo isso na atitude daquele homem que é, dizem, professor, orador, autor e a quem a ambição transforma em servidor de todas as grandezas. Tomei-lhe o partido imediatamente, achei que era indigno de mim mesma conservar rancor à sociedade por meu pouco sucesso e pus-me a dançar sem nenhuma preocupação. Aliás, gostei de dançar. Ouvi inúmeros mexericos sem maior graça a propósito de pessoas desconhecidas; talvez seja preciso saber muita coisa que ignoro para compreendê-los, pois vi que a maioria das mulheres e dos homens se comprazia intensamente em ouvir ou em dizer certas frases. O mundo oferece uma infinidade de enigmas cuja chave parece difícil encontrar. Há muitos e muitos enredos. Tenho os olhos penetrantes e um ouvido fino, quanto à compreensão, srta. Maucombe, você bem a conhece.

Voltei fatigada e feliz com essa lassidão. Muito ingenuamente

manifestei o estado em que me achava à minha mãe, que me aconselhou não confiasse essas coisas a não ser a ela.

— Querida filha — disse-me ela —, o bom gosto consiste tanto no conhecimento das coisas que se devem calar como nas que se devem dizer.

Essa recomendação fez-me compreender quais as sensações cujo segredo devemos calar com todos, e talvez até com a nossa própria mãe. Num relance medi o vasto campo das dissimulações femininas. Posso assegurar-te, querida corça, que com o descaramento de nossa inocência faríamos duas comadres passavelmente espertas. Quantos avisos num dedo pousado sobre os lábios, numa palavra, num olhar. Num momento tornei-me excessivamente tímida. Como! Não poder exprimir a felicidade tão natural, causada pelo movimento da dança. “Mas”, pensei comigo mesma, “que será, então, dos nossos sentimentos?” Deitei-me triste. Sinto ainda vivamente o golpe desse primeiro choque de minha natureza franca e alegre com as duras leis do mundo. Já aqui deixo fios de minha branca lã nos espinhos da estrada. Adeus, meu anjo!

V – RENATA DE MAUCOMBE A LUÍSA DE CHAULIEU

Outubro

Como tua carta me comoveu! Sobretudo pela comparação de nossos destinos. Em que sociedade brilhante vais viver! Em que tranquilo retiro terminarei eu minha obscura carreira! Quinze dias depois de minha chegada ao Castelo de Maucombe, do qual já te falei demasiado para voltar a falar-te dele, e onde tornei a encontrar meu quarto, pouco mais ou menos, no mesmo estado em que o deixara, mas de onde pude compreender a sublime paisagem do vale de Gémenos, que, quando criança, eu olhava sem nele nada ver, meu pai e minha mãe,

acompanhados por meus dois irmãos, levaram-me a jantar em casa de um vizinho nosso, um velho sr. de l'Estorade, gentil-homem que enriquecera muito, como se enriquece na província, graças à avareza. Esse ancião não pudera livrar o filho único da rapacidade de Bonaparte; depois de o ter salvo da conscrição, fora forçado a mandá-lo para o exército, em 1813, na qualidade de guarda de honra: após Leipzig, o velho barão de l'Estorade não mais teve notícias dele. O sr. de Montriveau, que o sr. de l'Estorade foi visitar em 1814, afirmou ter visto o rapaz ser aprisionado pelos russos. A sra. de l'Estorade morreu de desgosto, quando se faziam pesquisas inúteis na Rússia. O barão, velho muito cristão, praticava essa linda virtude teologal, que nós, em Blois, cultivávamos: a esperança! Essa o fazia ver seu filho em sonhos, e ele acumulava suas rendas para esse filho; ele se encarregava das partes que tocavam a esse filho nas heranças que lhe vinham da família da falecida sra. de l'Estorade. Ninguém tinha coragem de zombar daquele velho. Acabei por adivinhar que a volta inesperada desse filho era a causa da minha volta. Quem diria que, durante as vagabundagens de nossos pensamentos, meu "futuro" caminhava lentamente, a pé, através da Rússia, da Polônia e da Alemanha? Sua má sorte não cessou a não ser em Berlim, onde o ministro francês lhe facilitou o regresso à França. O sr. de l'Estorade, o pai, pequeno fidalgo da Provença com cerca de dez mil libras de renda, não tem um nome bastante europeu para que alguém se interessasse pelo cavaleiro de l'Estorade, cujo nome tresandava a aventureiro.

Doze mil francos, produto anual dos bens da sra. de l'Estorade, somados às economias paternas, constituem para o pobre guarda de honra uma fortuna considerável na Provença, algo assim como duzentas e cinquenta mil libras, além dos seus bens imóveis. O bom sr. de l'Estorade comprara, na véspera do dia em que devia rever o cavaleiro, uma bela propriedade mal administrada, na qual se propôs a plantar dez mil amoreiras que semeara no seu alfobre, na previsão daquela aquisição. O

barão, ao tornar a encontrar o filho, não teve mais do que um pensamento, casá-lo, e casá-lo com uma moça nobre. Meu pai e minha mãe partilharam, a meu respeito, o projeto do vizinho, assim que o velho lhes comunicou sua intenção de aceitar Renata de Maucombe, sem dote, e de lhe assegurar no contrato a importância total que deve tocar à dita Renata nas suas sucessões. Desde sua maioridade, meu irmão mais moço, João de Maucombe, declarou ter recebido dos pais um adiantamento equivalente ao terço da herança. Eis como as famílias nobres da Provença sofismam o infame Código Civil do sr. de Bonaparte, o qual fará com que metam no convento tantas moças nobres quantas ele fez casarem. A nobreza francesa, segundo o pouco que ouvi a respeito do assunto, está muito dividida sobre tão grave matéria.

Aquele jantar, querida, era uma entrevista entre a tua corça e o exilado. Procedamos com ordem. A criadagem do conde de Maucombe envergou suas velhas librés agaloadas e seus chapéus bordados; o cocheiro calçou suas grandes botas de acordeão, empilhamo-nos cinco na velha carruagem e chegamos majestosamente, cerca das duas horas, para almoçarmos às três, na casa de campo, onde mora o barão de l'Estorade. O sogro não tem castelo, mas uma simples casa de campo, situada no sopé de uma de nossas colinas, onde desemboca o nosso belo vale, cujo orgulho é indiscutivelmente a velha fortaleza de Maucombe. Essa casa de campo é um bastião: quatro muralhas de pedra revestidas de um cimento amarelado, cobertas de telhas caneladas, de um belo vermelho. Os telhados vergam sob o peso dessa cobertura. A abertura das janelas, dispostas sem nenhuma simetria, tem postigos enormes, pintados de amarelo. O jardim que cerca essa habitação é um jardim provençal, ladeado de pequenos muros, feitos com grandes pedras redondas dispostas em camadas e onde o gênio do pedreiro brilha no modo pelo qual as coloca, alternadamente inclinadas ou de pé: o revestimento de barro que os cobre caiu em alguns lugares. O aspecto senhorial desse bastião lhe é dado por uma grade, à entrada, no caminho. Choraram

muito tempo para ter essa grade; é tão magra que me lembrou a irmã Angélica. A casa tem uma escadaria exterior de pedra, a porta ostenta um telheiro que um camponês do Loire recusaria para a sua elegante casa de pedras brancas, de telhado azul, onde o sol ri. O jardim e os arredores são horrivelmente poeirentos, as árvores estão queimadas. Vê-se que de há muito a vida do barão consistia em levantar-se, deitar-se, tornar-se no dia seguinte sem outra preocupação mais do que juntar vintém a vintém. Ele come o que comem os seus dois criados, que são um rapaz provençal e a velha camareira da sua esposa. As peças têm pouco mobiliário. Entretanto, o solar de Estorade metera-se em despesas. Esvaziara seus armários, convocara todo o bando dos seus servos para aquele jantar, que nos foi servido numa velha baixela de prata negra e amolgada. O exilado, querida mimosa, é como a grade, bem magro! É pálido, sofreu, é taciturno. Aos trinta e sete anos, parece ter cinquenta. O ébano dos seus ex-bonitos cabelos de rapaz está mesclado de branco, como a asa de uma cotovia. Seus belos olhos azuis são encovados: é um pouco surdo, o que o faz parecer-se com o cavaleiro da Triste Figura; não obstante, consenti graciosamente em me tornar sra. de l'Estorade, em me deixar dotar com duzentos e cinquenta mil libras, mas com a condição expressa de ser senhora de reformar o bastião e de fazer um parque. Exigi formalmente de meu pai que me concedesse um filete de água, que poderá vir de Maucombe até aqui. Daqui a um mês, serei sra. de l'Estorade, querida, porque agradei. Depois dos gelos da Sibéria, um homem se acha muito disposto a reconhecer méritos nestes olhos negros que, segundo dizias, faziam amadurecer os frutos para os quais eu olhava. Luís de l'Estorade parece sentir-se excessivamente feliz de desposar a *bela Renata de Maucombe*, tal é o glorioso apelido de tua amiga. Enquanto te preparas a colher as alegrias da mais ampla existência, a de uma srta. de Chaulieu, em Paris, onde reinarás, tua pobre corça, Renata, essa filha do deserto, caiu do empíreo onde nos alcandorávamos nas realidades vulgares de um destino simples como o de uma margarida. Sim, querida, a mim mesma

jurei consolar esse rapaz sem mocidade, que saiu do regaço materno para a guerra, e das alegrias de seu bastião para os gelos e os trabalhos da Sibéria. A uniformidade dos meus dias futuros será variada pelos humildes prazeres do campo. Estenderei o oásis do vale de Gémenos à roda da nossa casa, que ficará majestosamente sombreada por belas árvores. Terei gramados sempre verdes na Provença, farei com que o meu parque suba até as colinas; no ponto mais elevado, colocarei um bonito quiosque, de onde talvez meus olhos possam ver o brilhante Mediterrâneo. A laranjeira, o limoeiro, os mais ricos produtos da botânica embelezarão meu refúgio, e nele serei mãe de família. Uma poesia natural, indestrutível, nos cercará. Conservando-me fiel aos meus deveres, não será de temer desgraça alguma. Meus sentimentos cristãos são partilhados por meu sogro e pelo cavaleiro de l'Estorade. Ah! Mimosa, vejo a vida como uma dessas grandes estradas da França, lisa e suave, sombreada por árvores eternas. Não haverá dois Bonapartes neste século: poderei conservar meus filhos, se os tiver, educá-los, fazer deles homens, e por eles gozarei a vida. Se não falhares ao teu destino, tu que serás a esposa de um grande da terra, os filhos de tua Renata terão uma ativa proteção. Adeus, pois, pelo menos para mim, aos romances e às situações estranhas de que nos imaginávamos as heroínas. Já sei de antemão a história de minha vida: ela será preenchida pelos grandes acontecimentos da dentição dos senhores de l'Estorade, por sua alimentação, pelos estragos que eles farão nos meus bosquetes e na minha pessoa; bordar-lhes bonés, ser amada e admirada por um pobre homem doentio, na entrada do vale de Gémenos, eis os meus prazeres. Talvez, um dia, a camponesa vá passar os invernos em Marselha; mas mesmo então ela aparecerá somente sobre o estreito palco da província, cujos bastidores não são perigosos. Nada terei a temer, nem mesmo uma dessas admirações que nos tornam vaidosas. Nós nos interessaremos muito pelos bichos-da-seda para os quais teremos folhas de amoreira para vender. Conheceremos as estranhas vicissitudes da vida provençal e

as tempestades de um lar sem brigas possíveis: o sr. de l'Estorade anuncia sua intenção formal de se deixar guiar por sua esposa. Ora, como nada farei para mantê-lo nessas sábias intenções, é provável que ele persista nelas. Tu, querida Luísa, serás a parte romântica de minha existência. Por isso conta-me minuciosamente tuas aventuras, descreve-me os bailes, as festas, dize-me exatamente como te vestes, quais as flores que coroam teus lindos cabelos louros, e as palavras dos homens e suas maneiras. Serás duas a ouvir, a dançar, a sentir pressões na ponta dos teus dedos. Eu bem quisera divertir-me em Paris, enquanto fosses mãe de família na Crampade, que tal é o nome de nosso bastião. Pobre homem que julga desposar uma única mulher! Notará ele que se trata de duas? Começo a dizer loucuras. Como não mais as posso fazer senão por meio de um procurador, detenho-me. Portanto um beijo em cada uma das faces, meus lábios são ainda os da mocinha (ele não se atreveu mais do que a pegar-me na mão). Oh! Nós nos tratamos com um respeito e uma decência bastante inquietadora. Pois bem, recomeço... Adeus, querida.

p. s. — Estou abrindo tua terceira carta. Querida, posso dispor de uns mil francos, gasta-os para mim em coisas bonitas que não se possam achar nestas redondezas, nem mesmo em Marselha. Ao percorrer as lojas para ti mesma, pensa na tua reclusa da Crampade. Lembra-te que, quer de um lado, quer do outro, nossos pais não têm em Paris uma pessoa de gosto para tais aquisições. Responderei mais tarde à tua carta.

VI – DOM FELIPE HENAREZ A DOM FERNANDO

Paris, setembro

A data desta carta lhe dirá, meu caro irmão, que o chefe de sua casa não corre nenhum perigo. Se o massacre dos nossos antepassados no Pátio

dos Leões[107] nos fez, contra a vontade, espanhóis e cristãos, legou-nos a prudência dos árabes; e talvez deva eu a minha salvação ao sangue de Abencerragem que ainda corre em minhas veias. O medo tornava Fernando[108] tão bom comediante que Valdez acreditava nos seus protestos. Sem mim, aquele pobre almirante estaria perdido. Os liberais jamais saberão o que é um rei. Mas o caráter desse Bourbon de há muito me é conhecido: quanto mais Sua Majestade nos assegurava sua proteção, mais despertava minha desconfiança. Um verdadeiro espanhol não tem necessidade de repetir suas promessas. Quem muito fala, pretende enganar. Valdez se foi, num navio inglês. Quanto a mim, assim que os destinos de minha querida Espanha ficaram perdidos na Andaluzia, escrevi ao meu procurador na Sardenha para prover a minha segurança. Hábeis pescadores de coral aguardavam-me com um barco, num ponto da costa. Quando Fernando recomendava aos franceses que se apoderassem da minha pessoa, eu já estava na minha baronia de Macumer, entre bandidos que desafiavam todas as leis e todas as vinganças. A última casa hispano-moura de Granada tornou a encontrar os desertos da África, e até o cavalo sarraceno, numa propriedade que lhe vem dos sarracenos. Os olhos desses bandidos brilhavam de alegria e de selvagem orgulho ao saber que estavam protegendo, contra a vendeta do rei da Espanha, o duque de Sória, seu senhor, um Henarez, o primeiro que os vinha visitar desde a época em que a ilha pertencia aos mouros, eles que na véspera temiam minha justiça. Vinte e duas carabinas ofereceram-se para alvejar Fernando de Bourbon, esse filho de uma raça ainda desconhecida, no dia em que os abencerragens chegavam, como vencedores, às margens do Loire. Eu julgava poder viver das rendas daquele imenso patrimônio do qual infelizmente tão pouco nos lembramos; mas minha estada demonstrou-me meu erro e a veracidade dos relatórios de Queverdo. O pobre homem tinha vinte e duas vidas a meu serviço e nem um real; savanas de vinte mil jeiras, sem uma casa: florestas virgens e nenhum móvel! Um milhão de piastras e a presença do

dono, durante meio século, é o que seria preciso para valorizar aquelas terras magníficas: pensarei nisso. Os vencidos meditam, durante a fuga, sobre si mesmos e sobre a partida que perderam. Ao ver aquele belo cadáver roído pelos monges, meus olhos se encheram de lágrimas: reconhecia nele o triste futuro da Espanha. Soube em Marselha do fim de Riego.[109] Pensei dolorosamente que também minha vida se vai terminar por um martírio, mas longo e obscuro. Será acaso existir, quando não pode uma pessoa consagrar-se ao seu país, nem viver por uma mulher? Amar, conquistar, essa dupla face da mesma ideia, era a lei gravada em nossos sabres, escrita com letras de ouro nas abóbadas de nossos palácios, incessantemente repetidos pelos repuxos que se alteavam em feixes nos nossos tanques de mármores. Essa lei, porém, inutilmente fanatiza meu coração: o sabre está partido, o palácio reduzido a cinzas, a fonte viva travada por areais estéreis.

Eis, pois, o meu testamento:

Dom Fernando, ides compreender o motivo por que eu refreava vosso ardor, ordenando-vos que permanecêsseis fiel ao *rei neto*.

Como teu irmão e teu amigo, suplico-te que obedeças; como vosso senhor, ordeno-vos. Ireis ao rei, pedir-lhe-eis minhas grandezas e meus bens, meu cargo e meus títulos; ele hesitará, talvez, fará algumas caretas reais, mas vós lhe direis que sois amado por Maria de Heredia, e que Maria não pode desposar senão o duque de Sória. Vê-lo-eis então estremecer de alegria: a imensa fortuna dos Heredia impedia-o de consumar minha ruína: assim ela lhe parecerá completa, e vós tereis imediatamente os meus despojos. Desposareis Maria: eu havia descoberto o segredo de nosso mútuo amor contrariado. Por isso, preparei o velho conde para essa substituição. Maria e eu obedecíamos às conveniências e aos desejos de nossos pais. Sois belo como um filho do amor, eu sou feio como um grande de Espanha, sois amado, eu sou objeto de uma repulsa inconfessada; vós em breve tereis vencido a pouca resistência que minha desgraça inspirará, talvez, àquela nobre espanhola.

Duque de Sória, vosso antecessor, não vos quer custar nem um pesar, nem vos privar de um maravedi. Como as joias de Maria podem preencher o vácuo que os diamantes de minha mãe farão em nossa casa, mandar-me-eis esses diamantes, que bastarão para assegurar a independência de minha vida, por minha ama de leite, a velha Urraca, a única pessoa que, de entre meus serviçais, quero conservar: só ela sabe preparar bem meu chocolate.

Durante nossa curta revolução, meus constantes trabalhos haviam limitado minha vida ao necessário e os ordenados do meu cargo bastavam para supri-lo. Encontrareis as rendas destes dois últimos anos nas mãos de vosso intendente. Essa quantia pertence-me: o casamento de um duque de Sória acarreta grandes despesas, nós a partilharemos. Não recusareis o presente de bodas de vosso irmão, o bandido. De resto, tal é minha vontade. A baronia de Macumer, não estando sob a mão do rei da Espanha, permanece minha e me deixa a faculdade de ter uma pátria e um nome se, por acaso, eu quisesse vir a ser alguma coisa.

Deus seja louvado, são terminados os negócios, a casa de Sória está salva!

No momento em que nada mais sou do que o barão de Macumer, os canhões franceses anunciam a entrada do duque de Angoulême. Compreendereis, senhor, o motivo pelo qual interrompo aqui minha carta...

Outubro

Ao chegar aqui eu não possuía dez dobrões. Não é bem pequeno o homem de Estado quando, em meio às catástrofes que não soube impedir, mostra uma previdência egoísta? Para os mouros vencidos, um cavalo e o deserto; para os cristãos ludibriados nas suas esperanças, o convento e algumas moedas de ouro.

Entretanto, minha resignação, por enquanto, é apenas lassidão. Não

estou ainda bastante perto do mosteiro para não pensar em viver. Ozalga, pelo sim, pelo não, dera-me cartas de recomendação, entre as quais uma havia para um livreiro que representa para os nossos compatriotas o que Galignani[110] representa aqui para os ingleses. Esse homem conseguiu-me oito alunos a três francos por lição. Vou, pois, à casa dos meus discípulos a cada dois dias, tendo portanto quatro aulas por dia e ganhando doze francos, quantia bem superior às minhas necessidades. À chegada de Urraca, farei a felicidade de algum espanhol proscrito, cedendo-lhe minha clientela. Estou alojado na rue Hillerin-Bertin, em casa de uma pobre viúva que aceita pensionistas. Meu quarto dá para sul e se abre sobre um jardinzinho. Não ouço nenhum barulho, vejo o verdor das plantas e não gasto no total senão uma piastra por dia; estou admirado dos prazeres calmos e puros que gozo nesta vida de Dionísio em Corinto.[111] Desde o despontar do dia até as dez horas, fumo e tomo o meu chocolate, sentado à minha janela, contemplando duas plantas espanholas, um la giesta que se ergue entre um maciço de jasmins: ouro sobre um fundo branco, uma imagem que fará sempre estremecer um rebento de mouros. Às dez horas ponho-me a caminho para lecionar até as quatro. A essa hora volto para jantar, fumo e leio até deitar-me. Posso levar muito tempo nesta vida, que o trabalho e a meditação, a solidão e a sociedade amenizam. Sou, pois, feliz, Fernando; a minha abdicação se realiza sem segundas intenções; não a acompanha nenhum arrependimento, como a de Carlos v, nenhum desejo de recomeçar a partida, como a de Napoleão. Cinco noites e cinco dias passaram por sobre minhas disposições testamentárias, e o pensamento fez deles cinco séculos. As dignidades, os títulos, os bens são para mim como se jamais tivessem existido. Agora que a barreira do respeito que nos separava esboroou-se, posso, querido mano, deixar-te ler em meu coração. Esse coração que a sisudez recobre com uma armadura impenetrável está cheio de ternuras e de dedicações sem destino; nenhuma mulher, porém, o adivinhou, nem mesmo aquela que desde o berço me foi destinada. É

esse o segredo de minha ardente vida política.

À falta de amante, adorei a Espanha. E a Espanha também me escapou! Agora que nada mais sou, posso contemplar o *eu* destruído, perguntar-me por que veio a mim a vida e quando se irá ela. Por que a raça cavalheiresca, por excelência, pôs no seu último rebento suas primitivas virtudes, seu amor africano, sua cálida poesia? Se a semente deve conservar seu rugoso envoltório sem dar nascimento a uma haste, sem esparzir seus perfumes orientais de uma radiosa corola? Que crime cometi eu antes de nascer, para não inspirar amor a ninguém? Desde o meu nascimento, seria eu, pois, um velho batel, destinado a dar às costas sobre uma praia de áridas areias? Torno a encontrar em minha alma os desertos paternos, iluminados por um sol que os requeima, sem deixar que nada neles cresça. Remanescente orgulhoso de uma raça decaída, força inútil, amor perdido, jovem velho, esperarei, pois, onde estou, melhor do que em qualquer outro lugar, o último favor da morte. Ai de mim! Sob este céu brumoso, nenhuma centelha reanimará a chama em todas estas cinzas. Assim, pois, poderei, numa última frase, dizer como Jesus Cristo: *Meu Deus*, *por que me abandonaste*? Palavras terríveis, que ninguém se animou a sondar.

Imagina, Fernando, como não me sinto feliz por reviver em ti e em Maria! Doravante, eu vos contemplarei com o orgulho de um criador ufano de sua obra. Amem-se muito e sempre e não me deem desgostos: uma tormenta entre ambos causar-me-ia mais dores do que a vocês mesmos. Nossa mãe pressentiu que os acontecimentos, um dia, favoreceriam as suas esperanças. O desejo de uma mãe é talvez um contrato formado entre ela e Deus. De resto não era ela um desses seres misteriosos que se podem comunicar com o céu, dele trazendo uma visão do futuro? Quantas vezes pude ler nas rugas de sua fronte seu desejo de ver Fernando com as honras e os bens de Felipe! Dizia-lhe muitas vezes; ela, porém, me respondia com duas lágrimas e me mostrava as chagas de um coração que nos era devido inteiramente quer a um, quer a outro, mas

que um invencível amor entregava somente a ti. Por isso a sua sombra jubilosa há de pairar por sobre as vossas cabeças, quando as inclinardes ante o altar. Virá finalmente acariciar seu Felipe, dona Clara? Bem o vê, ele cede ao seu filho dileto até a moça que com pesar a senhora lhe colocava sobre os joelhos. O que faço agrada às mulheres, aos mortos, ao rei. Deus o queria, portanto nada alteres, Fernando: obedece e cala-te.

p. s. — Recomenda a Urraca de não me chamar de outra forma senão de sr. Henarez. Não digas uma palavra a meu respeito a Maria. Deves ser o único ser vivo que conheça os segredos do último mouro cristianizado, em cujas veias morrerá o sangue da grande família nascida no deserto e que vai extinguir-se na solidão. Adeus.

VII – LUÍSA DE CHAULIEU A RENATA DE MAUCOMBE

Janeiro de 1824

Como! Casada em breve? Isso é modo de tratar a gente? Ao cabo de um mês tu te comprometes com um homem, sem conhecê-lo, sem nada saber a seu respeito! Esse homem pode ser surdo; é possível sê-lo de tantos modos! Pode ser doentio, aborrecido, insuportável. Não estás vendo, Renata, o que querem fazer de ti? Tu lhe és necessária para continuar a gloriosa casa de l'Estorade, eis tudo. Vais tornar-te uma provinciana. São essas, acaso, as nossas mútuas promessas? Em teu lugar, eu preferiria ir passear pelas ilhas de Hyères[112] num caíque, até que um corsário argelino me raptasse e me vendesse ao grão-turco; tornar-me-ia sultana e depois qualquer dia *validé*,[113] poria o serralho de pernas para o ar, enquanto fosse moça e até quando velha. Sais de um convento para entrar em outro! Conheço-te, és pusilânime, vais entrar no matrimônio com a submissão de um cordeirinho. Eu te darei conselhos, virás a Paris,

enlouqueceremos os homens e nos tornaremos rainhas. Teu marido, minha linda corça, pode, daqui a três anos, fazer-se eleger deputado. Hoje, sei o que é um deputado, eu te explicarei isso; saberás como manobrar essa máquina; poderás ficar em Paris e tornar-te, como diz minha mãe, uma mulher da moda. Oh! De modo nenhum eu te deixarei na tua casinha de campo!

Segunda-feira

Faz quinze dias, querida, que vivo a vida mundana: uma noite, no Théâtre des Italiens, a outra na Grande Ópera, e daí sempre para os bailes. Ah! A sociedade é um deslumbramento. A música dos Italiens me encanta, e, enquanto minha alma nada num prazer divino, os binóculos se assestam sobre mim, sou admirada; mas com um único olhar faço baixarem os olhos do mais ousado rapaz. Vi nesses lugares moços encantadores; pois bem, nenhum me agradou, nenhum me causou a emoção que experimento ao ouvir García no seu magnífico dueto com Pellegrini, no *Otelo*. Meu Deus! Como esse Rossini deve ser ciumento para ter expressado tão bem o ciúme! Que grito d'alma o *Il cor mi si divide*![114] Falo-te em grego, tu não ouviste García, mas bem sabes o quanto sou ciumenta! Que triste dramaturgo é Shakespeare! Otelo embriaga-se de glória, consegue vitórias, comanda, pavoneia-se, passeia, deixando Desdêmona no seu canto; e Desdêmona, vendo-o preferir, a ela, as estupidezes da vida pública, Desdêmona não se zanga? Essa donzela merece a morte. Que aquele a quem eu me dignar amar se lembre de fazer outra coisa mais do que amar-me! Eu sou pelas longas provas da antiga cavalaria. Considero muito impertinente e muito tolo esse labrego de jovem senhor que não gostou que sua soberana o mandasse buscar sua luva no meio dos leões:[115] ela lhe guardara, com certeza, alguma bela flor de amor, e ele a perdeu, depois de a ter merecido, o insolente! Mas estou tagarelando como se não tivesse grandes notícias a dar-te! Meu pai

deve ir muito provavelmente representar o rei nosso senhor em Madri: digo nosso porque farei parte da embaixada. Minha mãe quer ficar aqui, e meu pai me levará para ter uma mulher junto dele.

Minha querida, achas tudo isso muito simples e não vês o que há aí de monstruoso: em quinze dias descobri o segredo da casa. Minha mãe acompanharia meu pai a Madri se ele quisesse levar o sr. de Canalis, na qualidade de secretário da embaixada; mas o rei é quem designa os secretários e o duque não ousa contrariá-lo, por ser ele muito absoluto, nem quer desgostar minha mãe; e esse grande político julga ter resolvido as dificuldades, deixando aqui a duquesa. O sr. de Canalis,[116] o grande poeta do dia, é o rapaz que cultiva a sociedade de minha mãe e que com ela estuda diplomacia, com certeza das três às cinco. A diplomacia deve ser uma bela coisa, pois ele é assíduo como um jogador na Bolsa. O duque de Rhétoré, nosso irmão mais velho, solene, frio e extravagante, seria esmagado pelo pai, em Madri, por isso fica em Paris. Miss Griffith, aliás, sabe que Afonso gosta de uma dançarina da Ópera. Como é possível amar pernas e piruetas? Nós notamos que meu irmão assiste às representações quando Túlia dança, aplaude os passos dessa criatura e depois sai. Creio que duas raparigas numa casa fazem mais estragos do que a peste. Quanto ao meu segundo irmão, está no seu regimento, ainda não o vi. E eis aí o motivo pelo qual estou destinada a ser a Antígona[117] de um embaixador de Sua Majestade. É possível que me case na Espanha e talvez a intenção de meu pai é a de me casar sem dote, absolutamente como te casam a este resto de guarda de honra. Meu pai propôs-me que o acompanhasse e ofereceu-me seu professor de espanhol.

— O senhor quer — disse-lhe eu — levar-me a contrair matrimônio na Espanha?

Por única resposta, honrou-me com um olhar sutil. De há alguns dias ele se diverte, arreliando-me ao almoço; estuda-me, e eu dissimulo; mas também, quer como pai, quer como embaixador, eu, *in petto*, mistifiquei-o cruelmente. Não é que ele me tomava por tola? Perguntava-me qual a

minha opinião sobre tal rapaz e sobre algumas senhoritas com quem me havia encontrado em várias casas. Respondi-lhe com a mais estúpida discussão sobre a cor dos cabelos, sobre a diferença de estatura, sobre a fisionomia da gente moça. Meu pai mostrou-se desapontado por me achar tão tola e, interiormente, censurou-se por me haver interrogado.

— Entretanto, meu pai — acrescentei —, não disse o que realmente penso; minha mãe, ultimamente, deixou-me amedrontada com o temor de me tornar inconveniente, falando das minhas impressões.

— Em família — respondeu minha mãe — pode falar sem receio.

— Pois bem — repliquei —, os rapazes, até agora, me pareceram mais interessados do que interessantes, e mais preocupados consigo mesmos do que conosco; mas, para dizer a verdade, são muito pouco dissimulados; mudam subitamente a fisionomia que tinham tomado para nos falar e imaginam, com certeza, que não nos sabemos servir de nossos olhos. O homem que nos fala é o amante, o que não nos fala é o marido. Quanto às moças, são tão falsas que é impossível adivinhar-lhes o caráter por outro meio que não o de seu modo de dançar; só seu porte e seus movimentos é que não mentem. Assustou-me sobretudo a brutalidade da gente da alta roda. Quando se trata de cear, passam-se, guardadas as proporções, coisas que me dão uma imagem dos motins populares. A polidez mascara muito imperfeitamente o egoísmo geral. Eu imaginava a sociedade de outro modo. Há pouca consideração para com as mulheres, e talvez seja isso um resto das doutrinas de Bonaparte.

— Armanda tem feito progressos admiráveis — disse minha mãe.

— A senhora julgava, minha mãe, que eu continuaria sempre a perguntar-lhe se madame de Staël tinha morrido?

Meu pai sorriu e ergueu-se.

Sábado

Minha querida, não disse tudo. Eis o que te reservo. O amor que

imaginávamos deve estar muitíssimo escondido, em parte alguma vi vestígios dele. Surpreendi, é verdade, alguns olhares rapidamente trocados nos salões, mas que tibieza! O nosso amor, aquele mundo de maravilhas, de belos sonhos, de realidades deliciosas, de prazeres e dores que se correspondem, aqueles sorrisos que iluminam a natureza, as palavras que encantam, aquela felicidade sempre dada, sempre recebida, aquelas tristezas causadas pelo afastamento e as alegrias prodigalizadas pela presença do ser amado!... De tudo isso, nada! Onde nascerão essas esplêndidas flores da alma? Quem mente? Nós, ou a sociedade? Já vi rapazes e homens às centenas, e nenhum me causou a menor emoção; se eles me tivessem testemunhado admiração e devotamento, se eles se tivessem batido, eu teria olhado para tudo com olhos insensíveis. O amor, querida, contém em si um fenômeno tão raro que se pode viver a vida inteira sem encontrar a criatura a quem a natureza conferiu o dom de nos fazer felizes. Essa reflexão é de arrepiar, porque, se a criatura é encontrada tarde, que dizes?

Faz alguns dias que começo a me apavorar com o nosso destino, a compreender por que tantas mulheres têm rostos entristecidos sob a camada de ruge que neles põem as falsas alegrias de uma festa. Casamo-nos ao acaso, e tu também te casas assim. Pensamentos em vendavais passaram-me pela alma. Ser amada todos os dias do mesmo modo e entretanto diversamente, ser tão amada após dez anos de felicidade, como no primeiro dia! Semelhante amor exige anos: é preciso ter-se feito desejar durante muito tempo, ter despertado inúmeras curiosidades e tê-las satisfeito, ter suscitado muitas simpatias e corresponder-lhes. Haverá então leis para as criações do coração como para as criações visíveis na natureza? Pode-se manter a alegria? Em que proporção deve o amor misturar suas lágrimas e seus prazeres? As frias combinações da vida fúnebre, igual, permanente do convento, pareceram-me então possíveis: ao passo que as riquezas, as magnificências, os prantos, as delícias, as festas, as alegrias, os prazeres do amor igual, partilhado, permitido, me

pareceram o impossível. Não vejo lugar nesta cidade para as doçuras do amor, para os seus sagrados passeios sob as sombras das alamedas, em pleno luar, quando a lua faz cintilar as águas e quando a gente resiste aos rogos. Rica, jovem e bela, nada tenho a fazer senão amar, o amor pode tornar-se minha vida, minha única ocupação: ora, depois de três meses de idas e vindas com impaciente curiosidade, nada encontrei por entre esses olhares brilhantes, ávidos, despertos. Nenhuma voz me emocionou, nenhum olhar me iluminou esse mundo. Unicamente a música me encheu a alma, só ela foi para mim o que era a nossa amizade. Fiquei algumas vezes durante uma hora, à noite, na minha janela, olhando o jardim, chamando os acontecimentos, pedindo-os à fonte desconhecida de onde eles provêm. Outras vezes saí de carro, a passeio, apeando nos Champs-Élysées, imaginando que um homem, o que despertará minha alma entorpecida, chegaria, me seguiria, me contemplaria; mas nesses dias vi saltimbancos, vendedores de pão de mel e malabaristas, passantes apressados a caminho do trabalho, ou namorados que evitavam os olhares, e eu me sentia tentada a detê-los e dizer-lhes: “Vocês, que são felizes, digam-me: que é o amor?”. Mas guardava para mim esses loucos pensamentos, voltava para o carro e a mim mesma prometia ficar solteirona. O amor é, certamente, uma encarnação, e que condições não serão necessárias para que ela se realize! Não temos certeza de estar sempre perfeitamente de acordo com nós mesmos; que será então a dois? Só Deus pode resolver esse problema. Começo a crer que voltarei para o convento. Se permaneço na sociedade, farei coisas que se parecerão a tolices, pois é impossível aceitar o que vejo. Tudo fere a minha delicadeza, os hábitos de minha alma, ou os meus pensamentos secretos. Ah! Minha mãe é a mulher mais feliz do mundo, é adorada pelo seu pequeno Canalis. Meu anjo, invadem-me horríveis fantasias para saber o que se passa entre minha mãe e esse rapaz. Griffith, segundo disse, teve todas essas ideias; teve vontade de arranhar o rosto das mulheres felizes que via; difamou-as, despedaçou-as. Pelo que ela diz, a virtude consiste em enterrar todas

essas selvajarias no fundo do coração. Que é, pois, o fundo do coração? Um depósito de tudo o que temos de ruim. Sinto-me muito humilhada por não ter encontrado um adorador. Sou uma moça por casar, mas tenho irmãos, uma família, pais suscetíveis. Ah! Se essa fosse a razão da reserva dos homens, eles seriam muito covardes. O papel de Chimène no *Cid* e o de Cid me encantam.[118] Que admirável peça teatral! Vamos, adeus.

VIII – DA MESMA PARA A MESMA

Temos como professor um pobre refugiado forçado a esconder-se por causa de sua participação na revolução que o duque de Angoulême foi vencer, sucesso ao qual devemos belas festas. Embora liberal e, sem dúvida, burguês, esse homem me interessou: imaginei que ele fora condenado à morte. Fi-lo conversar para conhecer seu segredo; ele, porém, é de uma taciturnidade castelhana, altivo como se fosse Gonçalvez de Córdoba,[119] e, não obstante, de uma doçura e paciência angelicais; sua altivez não é imponente como a de miss Griffith, é toda interior; ele faz com que se tribute o que lhe é devido, ao nos prestar suas cortesias, e afasta-nos de si pelo respeito com que nos trata. Meu pai acha que há muito de grão-senhor no sr. Henarez, que, entre nós, ele chama de dom Henarez, por gracejo. Quando, faz poucos dias, eu tomei a liberdade de chamá-lo dessa maneira, ele, que conserva os olhos sempre baixos, ergueu-os para mim e dirigiu-me um olhar fulgurante, que me deixou embaraçada; tem indiscutivelmente os mais belos olhos do mundo. Perguntei-lhe se o havia magoado de qualquer forma e ele então respondeu-me na sua sublime e grandiosa língua espanhola:

— Senhorita, aqui venho somente para ensinar-lhe o espanhol.

Senti-me humilhada e corei; ia replicar-lhe com alguma boa impertinência, quando me lembrei do que nos dizia nossa querida mãe

em Deus, e então respondi:

— Se o senhor tiver de me fazer qualquer observação seja no que for, ficar-lhe-ei obrigada.

Ele estremeceu, o sangue lhe coloriu as faces azeitonadas, e respondeu com voz suavemente comovida:

— A religião deve ter-lhe ensinado, melhor do que eu o poderia fazer, a respeitar os grandes infortúnios. Se eu fosse *Don* na Espanha e tudo tivesse perdido com o triunfo de Fernando vii, seu gracejo seria uma crueldade; mas se eu nada mais sou do que um pobre professor de línguas, não lhe parece isso um sarcasmo atroz? Nem uma coisa nem outra são dignas de uma senhorita nobre.

Tomei-lhe a mão e disse:

— Invoco, pois, também a religião para pedir-lhe que esqueça minha falta.

Ele curvou a cabeça, abriu meu *Dom Quixote* e sentou-se. Esse pequeno incidente perturbou-me mais do que todos os cumprimentos e frases por mim recolhidos no sarau em que fui mais cortejada. Durante a lição, eu olhava atentamente para aquele homem, que se deixava examinar sem saber: nunca ergue os olhos para mim. Descobri que o nosso professor, ao qual dávamos quarenta anos, é moço; não deve ter mais de vinte e seis a vinte e oito anos. Minha governanta, a quem eu o destinara, fez-me notar a beleza dos seus cabelos negros e dos seus dentes, que são como pérolas. Quanto a seus olhos, são ao mesmo tempo veludo e fogo. E é tudo, pois é pequeno e feio. Tinham-nos descrito os espanhóis como pouco asseados; ele, porém, é extremamente cuidadoso da sua pessoa e tem as mãos mais alvas que o rosto; seu dorso é um pouco curvado; a cabeça é enorme e de um feitio singular; sua fealdade, aliás de expressão bastante inteligente, é agravada por sinais de varíola, que lhe picaram o rosto; sua fronte é muito proeminente, as sobrancelhas se juntam e são muito bastas, dando-lhe um ar duro, que afugenta as almas. Tem a fisionomia casmurra e doentia que caracteriza as crianças

destinadas a morrer e que só deveram a vida a cuidados infinitos, como a irmã Marta. Enfim, como dizia meu pai, tem a cara miúda do cardeal Ximenez.[120] Meu pai não o aprecia, sente-se constrangido perto dele. As maneiras de nosso professor têm uma dignidade natural que parece inquietar o querido duque, que não suporta a superioridade sob nenhuma forma, na sua vizinhança. Assim que meu pai souber o espanhol, partiremos para Madri. Dois dias após a lição que eu recebera de Henarez, eu disse a este, para manifestar-lhe uma espécie de gratidão:

— Não tenho dúvidas de que o senhor tenha deixado a Espanha em consequência de acontecimentos políticos: se meu pai for para lá, como parece, estaremos em condições de lhe prestar alguns serviços e de obter seu perdão, no caso em que se ache condenado.

— A ninguém é dado o poder de me prestar serviços — respondeu-me.

— Como, senhor? — disse-lhe eu — Diz isso por não querer aceitar nenhuma proteção, ou por impossibilidade?

— Por uma e outra coisa — disse, inclinando-se e com um acento que me impôs silêncio.

O sangue de meu pai ferveu-me nas veias. Aquela soberba revoltou-me, e deixei ali o sr. Henarez. Entretanto, querida, há algo de belo em nada querer dos outros. “Ele não aceitaria nem mesmo nossa amizade”, pensei comigo mesma, enquanto conjugava um verbo. Nesse ponto, detive-me e disse-lhe meu pensamento em espanhol. Henarez respondeu-me muito cortesmente que os sentimentos demandavam uma igualdade que não existia no caso e que, portanto, a questão era inútil.

— Refere-se à igualdade na reciprocidade dos sentimentos ou na diferença de categoria social? — perguntei, para tentar fazê-lo sair da sua gravidade, que me impacientava.

Ele tornou a erguer seus temíveis olhos, e eu baixei os meus. Esse homem, querida, é um enigma indecifrável. Parecia perguntar-me se minhas palavras eram uma declaração: havia no seu olhar uma felicidade, uma altivez, uma angústia de incerteza que me apertaram o coração.

Compreendi que esse coquetismo, que em França é estimado no seu justo valor, para um espanhol adquiria uma significação perigosa, e um tanto atoleimada recolhi-me à minha concha. Ao terminar a lição, ele saudou-me, dirigindo-me um olhar cheio de humildes súplicas e que dizia: “Não se divirta à custa de um infeliz”. Esse súbito contraste com seus modos graves e dignos causou-me uma viva impressão.

Não é uma coisa horrível de pensar e de dizer? Pareceu-me haver tesouros de afeição nesse homem.

IX – A SRA. DE L’ESTORADE À SRTA. DE CHAULIEU

Dezembro

Tudo dito e tudo feito, minha querida filha; é a sra. de l’Estorade quem te escreve; mas entre nós nada está mudado, há apenas uma donzela a menos. Podes ficar tranquila; meditei meu consentimento e não o dei levianamente. Minha vida está agora determinada. A certeza de seguir por um caminho traçado convém igualmente ao meu espírito e ao meu caráter. Uma grande força moral corrigiu para sempre o que denominamos os acasos da vida. Temos terras para valorizar, uma residência para ornar, embelezar; tenho uma casa para dirigir e tornar agradável, um homem a quem reconciliar com a vida. Terei sem dúvida uma família para cuidar, filhos para educar. Que queres? A vida ordinária não poderia ser nada de grande, nem de excessivo. Evidentemente, as imensas aspirações que ampliam quer a alma, quer o pensamento, não entram nessas combinações, pelo menos na aparência. Quem me impede de deixar vagar sobre o mar do infinito os barcos que nele lançávamos? Entretanto, não creias que as coisas humildes a que me dedico sejam isentas de paixão. A tarefa de fazer com que um pobre homem que foi joguete das tempestades creia na felicidade é uma bela obra e pode bastar

para modificar a monotonia da minha existência. Não me parece que tenha deixado entrada para a dor, e vi possibilidades de praticar o bem. Entre nós, não amo Luís de l'Estorade com esse amor que faz o coração bater quando se ouve um passo, que nos emociona profundamente às menores entonações da voz ou quando um olhar de fogo nos envolve; mas tampouco ele me desagrada. Que farei, dirás, desse instinto das coisas sublimes, desses pensamentos fortes que nos ligam e que estão em nós? Sim, foi isso o que me preocupou. Pois bem, não é uma grande coisa ocultá-los, empregá-los, sem que ninguém o saiba, na felicidade da família, fazer deles os elementos da ventura dos seres que nos são confiados e aos quais nos devemos? O período em que essas faculdades brilham é bem restrito para as mulheres, passa rápido; e, se minha vida não for grandiosa, terá sido calma, uniforme e sem vicissitudes. Nascemos favorecidas, podemos escolher entre o amor e a maternidade. Pois bem, escolhi: dos meus filhos farei os meus deuses, e deste canto de terra o meu Eldorado. É tudo o que te posso dizer hoje. Agradeço-te por tudo que me mandaste. Dá uma vista de olhos às minhas encomendas, cuja nota vai com esta carta. Quero viver num ambiente de luxo e de elegância e ter da província somente o que ela oferece de delicioso. Permanecendo na solidão, uma mulher nunca se torna provinciana, conserva-se o que é. Conto muito com a tua dedicação para me manter a par de todas as modas. No seu entusiasmo, o meu sogro nada me recusa e revoluciona a casa. Mandamos vir operários de Paris e modernizamos tudo.

X – A SRTA. DE CHAULIEU À SRA. DE L'ESTORADE

Janeiro

Ó Renata, entristeceste-me por muitos dias! Assim, pois, esse corpo

delicioso, esse belo e altivo rosto, essas maneiras de uma elegância natural, essa alma cheia de dons preciosos, esses olhos onde a alma se dessedenta como numa fonte viva de amor, esse coração repleto de delicadezas finíssimas, esse espírito vasto, todas essas faculdades tão raras, esses esforços da natureza e de nossa mútua educação, esses tesouros de onde deviam sair, para a paixão e para o desejo, riquezas únicas, poemas, horas que valeriam por anos, prazeres de tornar um homem escravo por um único movimento gracioso, tudo isso se vai perder na sensaboria de um casamento vulgar e comum, apagar-se no vácuo de uma vida que se tornará fastidiosa! Odeio de antemão os filhos que tiveres; eles serão malfeitos. Tudo em tua vida está previsto: nada tens a esperar, temer ou sofrer. E se num dia de esplendor encontrares um ser que te desperta do sono a que te vais entregar?... Ah! Senti-me gelar ante esse pensamento. Enfim tens uma amiga. Vais ser, sem dúvida, o espírito desse vale, serás iniciada nas suas belezas, viverás com essa natureza, penetrar-te-á a grandeza das coisas, o vagar com que procede a vegetação, a rapidez com que o pensamento voa, e, quando olhares tuas ridentes flores, tu te recolherás dentro de ti mesma. Depois, quando caminhares entre teu marido, à frente, e teus filhos, atrás, estes esganiçando-se, murmurando, brincando, aquele, calado e contente, sei de antemão que me escreverás. Teu vale nevoento e suas colinas áridas ou guarnecidas de belas árvores, teu prado provençal tão interessante, suas águas claras divididas em filetes, as diversas tonalidades da luz, todo esse infinito, variado por Deus, e que te cerca, te lembrará a infinita monotonia de teu coração. Mas, enfim, estarei aí, minha Renata, e encontrarás uma amiga cujo coração jamais será atingido pela menor pequenez social, um coração teu.

Segunda-feira

Minha querida, o meu espanhol é de uma melancolia admirável: há nele

não sei quê de calmo, de austero, de digno, de profundo, que me interessa no mais alto grau. Essa constante solenidade e o silêncio que envolve esse homem têm qualquer coisa de provocante para a alma. É mudo e soberbo como um rei decaído. Eu e Griffith nos preocupamos com ele, como com um enigma. Que singularidade! Um professor de línguas obtém sobre minha atenção o triunfo que nenhum homem conseguiu, eu que agora já passei em revista todos os filhos de família, todos os adidos de embaixada e os embaixadores, os generais e os segundos-tenentes, os pares de França, seus filhos e sobrinhos, a corte e a cidade. A frieza desse homem é irritante. O mais profundo orgulho enche o deserto que ele tenta estabelecer e estabelece entre nós; enfim, ele se envolve em sombras. É ele quem tem coquetismo, e sou eu quem tem ousadia. Essa estranheza diverte-me tanto mais por ser tudo isso sem consequências. Que é um homem, um espanhol, um professor de línguas? Não sinto o menor respeito seja lá por que homem for, mesmo por um rei. Acho que valemos mais do que todos os homens, mesmo os mais merecidamente ilustres. Oh! Como eu teria dominado Napoleão! Como lhe teria feito sentir, se me amasse, que estava à minha discrição!

Ontem, lancei um epigrama que deve ter ferido Henarez ao vivo; ele nada respondeu, tinha acabado a lição, pegou o chapéu e saudou-me, dirigindo-me um olhar que me deu a impressão que não voltaria mais. Isso me senta muito bem: haveria qualquer coisa de sinistro em recomeçar a *Nova Heloísa*[121] de Jean-Jacques Rousseau, que acabo de ler e que me fez odiar o amor. O amor discutidor e palrador, acho-o insuportável. Clarissa[122] também mostra-se contente demais por ter escrito sua longa cartinha; mas a obra de Richardson, disse-me meu pai, explica admiravelmente as inglesas. A de Rousseau faz-me o efeito de um sermão filosófico em cartas.

O amor, creio eu, é um poema inteiramente pessoal. Não há nada que não seja ao mesmo tempo verdadeiro e falso em tudo o que os autores escrevem. Realmente, minha linda querida, como não me podes mais

falar senão em amor conjugal, creio, no interesse bem entendido de nossa dupla existência, que é necessário que eu permaneça solteira e tenha alguma bela paixão, a fim de que possamos bem conhecer a vida. Conta-me exatamente tudo o que te acontecer, sobretudo nos primeiros dias, com esse animal que eu denomino um marido. Prometo-te a mesma exatidão, se jamais for amada. Adeus, pobre querida soterrada.

XI – A SRA. DE L'ESTORADE À SRTA. DE CHAULIEU

Crampade

Tu e teu espanhol me fazeis tremer de medo, minha querida mimosa. Escrevo-te estas poucas linhas para pedir-te que o despeças. Tudo o que me dizes se refere ao caráter mais perigoso dessas pessoas que, nada tendo a perder, arriscam tudo. Esse homem não deve ser teu amante e não pode ser teu marido. Eu te escreverei mais detalhadamente sobre os acontecimentos secretos de meu casamento, mas somente quando não tiver mais a pesar-me sobre o coração as inquietações que a tua última carta me trouxe.

XII – A SRTA. DE CHAULIEU À SRA. DE L'ESTORADE

Fevereiro

Esta manhã, minha bela corça, às nove horas, meu pai fez-se anunciar nos meus aposentos: eu estava de pé e vestida. Encontrei-o sisudamente sentado num canto, junto ao fogo, no meu salão, mais pensativo do que de costume; indicou-me a poltrona em frente a ele, compreendi-o, e nela mergulhei com uma gravidade que o arremedava tão bem que ele sorriu, mas com um sorriso impregnado de grave tristeza.

— Você é, pelo menos, tão espirituosa como sua avó — disse-me ele.

— Ora, meu pai, não seja cortesão aqui — respondi-lhe —; vejo que deseja pedir-me alguma coisa.

Ele levantou-se numa grande agitação e falou-me durante uma meia hora. Essa conversa, querida, mereceu ser conservada. Assim que ele se foi, sentei-me à minha escrivaninha, procurando reproduzir suas palavras. Foi essa a primeira vez que vi meu pai desenvolvendo todo o seu pensamento. Começou por lisonjear-me, no que não se saiu muito mal; eu tinha de lhe ser grata por ter-me adivinhado e apreciado.

— Armanda — disse-me ele —, você enganou-me de modo estranho e surpreendeu-me agradavelmente. Quando chegou do convento, eu a tomei por uma moça como todas as outras, sem grande alcance, ignorante, a quem se poderia aliciar com bagatelas, com um enfeite, e que pouco refletia.

— Obrigada, meu pai, em nome da mocidade.

— Oh! Não há mais mocidade! — disse ele, deixando escapar um gesto de homem de Estado. — Você tem o espírito de uma extensão incrível; julga as coisas pelo que elas valem, sua clarividência é extrema; você é muito maliciosa: pensa-se que você nada viu, e justamente você já está com a vista sobre a causa dos efeitos que os demais examinam. Você é um ministro de saias; só você aqui me compreende, e portanto só você mesma pode ser empregada contra você, se se quiser obter algum sacrifício. Por isso vou explicar-me francamente sobre os projetos que eu tinha formado e nos quais persisto. Para fazer com que você os adote, preciso demonstrar-lhe que eles se originam de sentimentos elevados. Sou, pois, forçado a entrar com você em considerações políticas do mais alto interesse para o reino e que poderiam ser enfadonhas para qualquer outra pessoa que não você. Depois de me ouvir, refletirá longamente; dar-lhe-ei meses, se assim for preciso. Você é senhora absoluta de si mesma, e, se se recusar aos sacrifícios que eu lhe pedir, submeter-me-ei à sua recusa, sem mais atormentá-la.

Ante esse exórdio, querida corça, fiquei realmente séria e lhe disse: — Fale, meu pai.

Bem, eis o que o homem de Estado expôs:

— A França, minha filha, está numa situação precária que só é conhecida pelo rei e alguns espíritos elevados; mas o rei é uma cabeça sem braços; além disso, os grandes espíritos que partilham o segredo do perigo não têm nenhuma autoridade sobre os homens que devem ser utilizados para se chegar a um resultado feliz. Esses homens, vomitados pela eleição popular, não querem ser instrumentos. Por mais notáveis que sejam, continuam a obra de destruição social, em vez de nos ajudar a consolidar o edifício. Em duas palavras, não há mais do que dois partidos: o de Mário e o de Sila; eu sou por Sila contra Mário.[123] Eis em bloco o nosso assunto. Em detalhe, a revolução continua, está implantada na lei, está escrita no solo, está sempre nos espíritos; é tanto mais formidável por parecer vencida para a maioria desses conselheiros do trono que não lhe veem nem soldados, nem tesouro. O rei é um grande espírito,[124] vê as coisas claras; mas, dia a dia, conquistado pelos adeptos do irmão, que querem ir demasiado depressa, ele não tem dois anos de vida, e esse moribundo arranja as suas cobertas para morrer tranquilo. Sabe, minha filha, quais são os efeitos mais destruidores da revolução? Jamais os suspeitaria. Ao cortar a cabeça de Luís xvi, a revolução cortou a cabeça de todos os chefes de família. Hoje não há mais família, há somente indivíduos. Ao quererem tornar-se uma nação, os franceses renunciaram a ser um império. Ao proclamarem a igualdade de direitos à sucessão paterna, mataram o espírito de família, criaram o fisco. Prepararam, pois, a fraqueza das superioridades e a força cega da massa, a extinção das artes, o reinado do interesse pessoal, e abriram caminho à conquista. Achamo-nos entre dois sistemas: ou constituir o Estado pela família, ou constituí-lo pelo interesse pessoal: a democracia ou a aristocracia, a discussão ou a obediência, o catolicismo ou a indiferença religiosa, eis a questão em poucas palavras. Pertenço ao

pequeno número dos que querem resistir ao que se denomina povo, no próprio interesse deste. Não se trata mais de direitos feudais, como se diz aos ingênuos, nem de fidalguia; trata-se do Estado, trata-se da vida da França. Todo país que não se baseia no poder pátrio fica sem existência assegurada. Aí começa a escala das responsabilidades, e a subordinação que ascende até o rei. O rei somos nós todos! Morrer pelo rei é morrer por si mesmo, pela própria família, a qual não morre, da mesma forma que não morre o reino. Cada animal tem seu instinto, o do homem é o espírito de família. Um país é forte, quando se compõe de famílias ricas, cujos membros têm, todos, interesse em defender um tesouro comum: tesouro monetário, de glórias, de privilégios, de gozos; é fraco, quando se compõe de indivíduos não solidários, aos quais pouco importa obedecer a sete homens ou a um único, a um russo ou a um corso, contanto que cada indivíduo conserve seu campo; e esse infeliz egoísta não vê que um dia lho tirarão. Encaminhamo-nos para um estado de coisas horrível, em caso de insucesso. Não haverá mais senão leis penais ou fiscais, a bolsa ou a vida. O mais generoso país da terra não será mais guiado pelos sentimentos. Nele se terão desenvolvido chagas incuráveis. Acima de tudo, uma inveja universal: as classes superiores ficarão confundidas, interpretar-se-á a igualdade de desejos como igualdade de forças; as verdadeiras superioridades reconhecidas, verificadas, serão invadidas pelas ondas da burguesia. Podia-se escolher um homem entre mil; nada se pode achar entre três milhões de ambições semelhantes, trajando a mesma libré, a da mediocridade. Essa massa triunfante não perceberá que tem contra si uma massa terrível, a dos camponeses proprietários: vinte milhões de jeiras de terra viva, que caminha, raciocina, de nada entende, querendo sempre mais, fazendo barricadas por toda parte, dispondo da força bruta...

— Mas — disse eu, interrompendo meu pai — que posso fazer pelo Estado? Não me sinto com nenhuma disposição para me tornar a Joana D'Arc[125] das famílias e perecer a fogo brando na fogueira de um

convento.

— Você é uma pestezinha — disse meu pai. — Se lhe falo seriamente, você vem com gracejos; quando eu gracejo, você fala como se fosse uma embaixatriz.

— O amor vive de contrastes — respondi.

Ele riu até as lágrimas.

— Você pensará nisso que lhe acabo de explicar; repare quanta confiança e grandeza há nesse meu modo de lhe falar, e talvez os acontecimentos auxiliem os meus projetos. Sei que, quanto a você, esses projetos podem ser ofensivos, indignos; por esse motivo é que peço, menos ao seu coração e à sua fantasia do que ao seu raciocínio, uma sanção para eles; reconheci em você mais razão e bom-senso do que em outra qualquer pessoa...

— O senhor se lisonjeia — disse-lhe eu sorrindo —, visto que sou bem sua filha!

— Enfim — continuou ele —, eu não poderia ser inconsequente. Quem quer os fins quer os meios, e devemos dar o exemplo a todos. Portanto, você não deverá ter fortuna enquanto a do seu irmão mais moço não estiver assegurada, e quero empregar todos os capitais de que você dispõe, de modo a constituir um morgadio para ele.

— Mas — repliquei — o senhor não me vai proibir que viva como me aprouver e que seja feliz deixando-lhe minha fortuna?

— Ah! Contanto — respondeu-me — que a vida como você a concebe não prejudique em nada a honra, a consideração e, posso acrescentar, a glória de sua família.

— Ora essa! — exclamei. — Bem depressa o senhor me destitui de minha razão superior.

— Em França — disse ele, com amargura — não encontraremos um homem que queira desposar uma moça da mais alta nobreza, sem dote, e que lhe constitua um. Se se encontrasse esse marido, pertenceria seguramente à classe dos burgueses enriquecidos: sob esse ponto de vista

pertenço ao século xi.

— E eu também — disse-lhe eu. — Mas por que desesperar-me? Não existem acaso velhos pares de França?

— Você está muito adiantada, Luísa — exclamou ele.

Depois disso deixou-me, sorrindo, e beijou-me a mão.

Eu tinha recebido tua carta naquela mesma manhã, a qual me fizera precisamente pensar no abismo no qual acreditas que eu poderia cair. Pareceu-me que uma voz bradava dentro de mim: “Tu cairás nele!”. Tomei, pois, minhas precauções. Henarez atreveu-se a olhar-me, querida, e seus olhos perturbaram-me, produzem-me uma sensação que não posso comparar a não ser com a de um profundo terror. Não se deve olhar esse homem, da mesma forma que não se deve olhar para um sapo; ele é feio e fascinante. Faz dois dias que delibero comigo mesma se direi categoricamente a meu pai que não quero mais aprender espanhol e fazer despedir esse Henarez; mas, depois das minhas resoluções viris, sinto a necessidade de ser atiçada pela horrível sensação que experimento ao ver esse homem e digo: “Ainda uma vez, e depois falarei”. Sua voz, querida, é de uma doçura penetrante, ele fala como Fodor[126] canta. Suas maneiras são simples e sem a menor afetação. E que lindos dentes! Ainda agora, ao retirar-se, ele julgou notar quanto me interessa, e fez o gesto, aliás muito respeitoso, de me segurar a mão para beijá-la; mas reprimiu-o como que assustado por sua ousadia e da distância que ia saltar. Apesar do pouco que transpareceu, eu adivinhei; sorri, pois nada é mais enternecedor do que ver o ímpeto de uma natureza inferior que recua assim sobre si mesma. Há tanta audácia no amor de um burguês por uma moça da nobreza! Meu sorriso encorajou-o, o pobre homem procurou o chapéu sem o ver, não o queria achar, e eu lho trouxe com toda a gravidade. Lágrimas reprimidas umedeciam-lhe os olhos. Havia um mundo de coisas e de pensamentos naquele instante tão breve. Nós nos compreendíamos tão bem que, naquele momento, lhe dei a mão a beijar.

Talvez isso quisesse dizer que o amor podia suprimir a distância que

nos separa. Pois bem, não sei o que me fez agir: Griffith voltou-se, eu estendi altivamente para ele a minha patinha branca e senti o fogo de seus lábios, temperado por duas grandes lágrimas. Ah! Meu anjo, fiquei sem forças na minha poltrona, pensativa; sentia-me feliz, e é-me impossível explicar como e por quê. O que senti foi a poesia. Meu rebaixamento, de que agora me envergonho, parecia-me grandioso: ele tinha me fascinado, é essa a minha desculpa.

Sexta-feira

Esse homem é verdadeiramente muito belo. Suas palavras são elegantes, seu espírito é de uma superioridade notável. Querida, ele é forte e lógico como Bossuet,[127] quando me explica o mecanismo não somente da língua espanhola, mas também do pensamento humano e de todas as línguas. O francês parece ser sua língua materna. Como lhe manifestasse minha admiração, respondeu-me já ter vindo à França, quando muito moço, com o rei de Espanha, em Valençay. Que se passou nessa alma? Não é mais o mesmo: veio vestido com simplicidade, mas absolutamente como um grão-senhor que tivesse saído pela manhã, a pé. Seu espírito, durante essa lição, brilhou como um farol: patenteou toda a sua eloquência. Como um homem fatigado que recupera as forças, revelou-me de todo uma alma cuidadosamente escondida. Contou-me a história de um pobre lacaio que se fizera matar por um único olhar de uma rainha da Espanha.

— Não podia senão morrer! — disse-lhe eu.

Essa resposta levou-lhe a alegria ao coração, e seu olhar, positivamente, espantou-me.

À noite fui ao baile em casa da duquesa de Lenoncourt; o príncipe de Talleyrand[128] lá estava. Fiz-lhe perguntas, por intermédio de um rapaz encantador, o sr. de Vandenesse, se entre seus hóspedes em 1809, em suas terras, havia um Henarez.

— Henarez é o nome mouro da família dos Sória, que são, segundo eles próprios dizem, abencerragens convertidos ao cristianismo. O velho duque e seus dois filhos acompanharam o rei. O primogênito, o duque de Sória atual, acaba de ser despojado de todos os seus bens, honrarias e grandezas pelo rei Fernando, o qual vingou assim uma velha inimizade. O duque cometeu um erro imenso, aceitando o ministério constitucional com Valdes. Felizmente fugiu de Cádiz antes da entrada de monsenhor o duque de Angoulême, o qual, apesar de sua boa vontade, não teria podido preservá-lo da cólera do rei.

Essa resposta, que me foi transmitida textualmente pelo visconde de Vandenesse, me deu muito o que pensar. Não posso dizer as ansiedades por que passei até a hora de minha primeira lição, que se realizou esta manhã. Durante o primeiro quarto de hora da aula, perguntei a mim mesma, enquanto o observava, se ele era duque ou burguês, sem poder compreender coisa alguma. Ele parecia adivinhar meus pensamentos à medida que eles iam nascendo e comprazia-se em contrariá-los. Por fim não me contive mais, larguei subitamente meu livro e, interrompendo a tradução que estava fazendo em voz alta, disse-lhe em espanhol:

— O senhor nos está enganando. O senhor não é um pobre burguês liberal e sim o duque de Sória!

— Senhorita — respondeu ele com um gesto de tristeza —, infelizmente não sou o duque de Sória.

Compreendi todo o desespero que ele incluiu na palavra *infelizmente*. Ah! Minha querida, será certamente impossível a qualquer outro homem pôr tanta paixão e tanta coisa numa única palavra. Ele baixara os olhos e não se animava a olhar-me.

— Sr. de Talleyrand — disse-lhe eu —, em cuja casa o senhor passou os anos de exílio, não deixa alternativa a um Henarez senão a de ser o duque de Sória, decaído do valimento, ou criado.

Ele ergueu os olhos para mim e mostrou-me dois braseiros negros e brilhantes, dois olhos ao mesmo tempo flamejantes e humilhados.

Pareceu-me naquele momento um homem posto em tortura.

— Meu pai, efetivamente — disse ele —, era servidor do rei de Espanha.

Griffith não conhecia aquele modo de estudar. Tínhamos, entre uma pergunta e a resposta, silêncios inquietadores.

— Enfim — perguntei-lhe —, é o senhor nobre ou burguês?

— Deve saber, senhorita, que na Espanha todos, até os mendigos, são nobres.

Tal reserva me impacientou. Eu tinha preparado, desde a última lição, um desses divertimentos que sorriem à imaginação. Traçara numa carta o retrato ideal do homem pelo qual eu queria ser amada, propondo-me fazer com que ele a traduzisse. Até agora, traduzi do espanhol para o francês, e não do francês para o espanhol; observei-lhe isso e pedi a Griffith que fosse buscar a última carta que eu tinha recebido de uma amiga.

— Verei — pensei comigo mesma —, pelo efeito que lhe causará meu programa, a qualidade do sangue que ele tem nas veias.

Tomei o papel das mãos de Griffith, dizendo:

— Vejamos se copiei direito.

Pois estava escrita com a minha letra. Entreguei-lhe o papel, ou, se quiseres, a armadilha, e examinei-o, enquanto ele lia o seguinte:

“O homem, para me agradar, querida, deverá ser rude e orgulhoso com os homens, mas meigo com as mulheres. Seu olhar de águia saberá reprimir instantaneamente tudo o que se possa assemelhar ao ridículo. Terá um sorriso de piedade para os que pretenderem gracejar com as coisas sagradas, sobretudo as que constituem a poesia do coração e sem as quais a vida não seria mais do que uma triste realidade. Desprezo profundamente os que desejam privar-nos das fontes das ideias religiosas, tão férteis em consolações. Por isso, as crenças desse homem deverão ter a simplicidade das de uma criança, unidas à convicção inabalável de um homem de espírito que aprofundou as suas razões de

crer. Seu espírito, novo, original, será sem afetação nem empáfia; não poderá dizer nada de mais, nem de deslocado; ser-lhe-ia tão impossível aborrecer os outros como aborrecer-se a si mesmo, porque terá um fundo rico em sua alma. Todos os seus pensamentos devem ser de um gênero nobre, elevado, cavalheiresco, sem nenhum egoísmo. Em todos os seus atos se deverá notar a ausência total do cálculo ou de interesse. Seus defeitos provirão da própria amplitude das suas ideias, que estarão acima do seu tempo. Em tudo devo achá-lo à frente de sua época. Cheio das delicadas atenções devidas aos seres fracos, ele será bom para todas as mulheres, mas dificilmente se apaixonará: considerará esse assunto como demasiado sério para fazer dele um brinquedo. Assim, pois, poderia atravessar a vida sem amar verdadeiramente, deixando ver em si todas as qualidades que podem inspirar uma paixão profunda. Mas, se encontrar uma vez seu ideal de mulher, a entrevista nos sonhos que se têm de olhos abertos; se encontrar um ser que o compreenda, que lhe encha a alma e ponha em toda a sua vida um raio de felicidade, que brilhe para ele como uma estrela através das nuvens deste mundo tão sombrio, tão gelado, tão frio, que dê um encanto inteiramente novo à sua existência e faça vibrarem nele cordas emudecidas até então, julgo inútil dizer que saberá reconhecer e apreciar sua felicidade. Por isso, ele fará essa mulher perfeitamente feliz. Jamais, nem por uma palavra, nem por um olhar, ele melindrará aquele coração amante que se terá entregue em suas mãos com o cego amor de uma criança que dorme nos braços da mãe; porque, se ela despertasse desse suave sonho, seu coração e sua alma ficariam para sempre despedaçados, pois lhe seria impossível embarcar sobre aquele oceano sem nele pôr todo o seu futuro.

"Esse homem terá necessariamente a fisionomia, o porte, os ademanes, enfim, a maneira de fazer as maiores como as menores coisas que têm os seres superiores que são simples e sem afetação. Poderá ser feio, mas suas mãos serão belas; terá o lábio superior ligeiramente erguido por um sorriso irônico e desdenhoso para os indiferentes;

finalmente, reservará para aqueles a quem ama o raio celeste e brilhante de seu olhar cheio de alma".

— Senhorita — disse-me ele em espanhol e com voz profundamente comovida —, quer permitir-me que conserve isto como uma recordação sua? É esta a última lição que terei a honra de lhe dar, e a que recebo neste escrito pode tornar-se uma regra eterna de procedimento. Deixei a Espanha como fugitivo e sem dinheiro; hoje, porém, recebi de minha família uma quantia que satisfaz às minhas necessidades. Terei a honra de mandar-lhe algum espanhol pobre para substituir-me.

Parecia dizer-me: "Basta de brinquedo". Ergueu-se com um ar de incrível dignidade e deixou-me confusa com aquela inaudita delicadeza em homem de sua categoria. Desceu e pediu para falar com meu pai. Ao jantar, meu pai disse-me sorrindo:

— Luísa, recebeste lições de espanhol de um ex-ministro do rei de Espanha e condenado à morte.

— O duque de Sória — disse eu.

— O duque! — respondeu meu pai. — Não o é mais, usa agora o título de barão de Macumer, de um feudo que lhe resta na Sardenha. Parece-me um original.

— Não macule com essa palavra, que, no senhor, comporta sempre um pouco de zombaria e de desdém, um homem da sua mesma categoria e que tem uma bela alma — disse eu.

— Baronesa de Macumer? — exclamou meu pai, olhando-me com ar trocista.

Baixei os olhos num movimento de altivez.

— Mas — disse minha mãe — Henarez deve ter-se encontrado na escadaria da entrada com o embaixador da Espanha...

— Sim — respondeu meu pai. — O embaixador perguntou-me se eu estava conspirando contra o rei, seu senhor; mas saudou o ex-grande de Espanha com muita deferência e pôs-se às suas ordens.

Isso, minha querida sra. de l'Estorade, passou-se faz quinze dias, e faz

quinze dias que não vejo esse homem que me ama, porque esse homem me ama. Que faz ele? Quisera ser mosca, camundongo, pardal. Quisera poder vê-lo, sozinho em sua casa, sem que me visse. Temos um homem ao qual posso dizer: "Vá morrer por mim!...". E ele tem caráter para fazê-lo, pelo menos eu o creio. Enfim, há em Paris um homem no qual penso, e cujo olhar me inunda interiormente de luz. Oh! É um inimigo que devo calcar aos pés. Como haveria um homem sem o qual eu não poderia viver, que me seria necessário? Tu te casas, e eu amo! Ao cabo de quatro meses aquelas duas pombinhas que voavam tão alto caíram no charco da realidade.

Domingo

Ontem, nos Italiens, senti que me olhavam, meus olhos foram magicamente atraídos por dois olhos de fogo, que brilhavam como dois rubis, num canto obscuro da orquestra. Henarez não tirou os olhos de mim. O monstro procurou o único lugar de onde me podia ver, e lá estava. Não sei o que ele é em política, mas em amor é genial.

"*Voilá, belle Renée, à quel point nous en sommes*,"[129] disse o grande Corneille.

XIII – A SRA. DE L'ESTORADE À SRTA. DE CHAULIEU

Crampade, fevereiro

Minha querida Luísa, antes de te escrever, tive de esperar; mas agora sei muita coisa, ou melhor, aprendi-as e devo dizê-las, para tua felicidade futura. Há tanta diferença entre uma moça solteira e uma mulher casada, que a moça não a pode conceber da mesma forma que a mulher não pode

voltar a ser donzela. Preferi desposar Luís de l'Estorade a voltar para o convento. Isso é claro. Depois de ter compreendido que, se não casasse com Luís, eu voltaria para o convento, tive, na minha condição de moça, de me resignar. Resignada, pus-me a examinar a minha situação, a fim de tirar dela o melhor partido.

Primeiro que tudo, a gravidade dos compromissos encheu-me de terror. O casamento tem como objetivo a vida, ao passo que o amor visa apenas ao prazer; mas também o casamento subsiste, quando os prazeres já desapareceram e dá nascimento a interesses bem mais preciosos do que os do homem e da mulher que se unem. Por isso, talvez, para fazer um casamento feliz, não seja preciso mais do que essa amizade, que, em razão de sua doçura, cede em muitas imperfeições humanas. Nada se opunha a que eu tivesse amizade a Luís de l'Estorade. Bem decidida a não buscar no matrimônio os gozos do amor, nos quais tanto pensávamos e com tão perigosa exaltação, senti a mais suave tranquilidade no meu íntimo. "Se não me é dado o amor, por que não buscar a felicidade?", disse comigo mesma. De resto, sou amada e me deixarei amar. Meu casamento não será uma servidão, e sim um domínio perpétuo. Que inconveniente esse estado de coisas pode oferecer a uma mulher que quer conservar-se senhora absoluta de si mesma?

Esse ponto tão grave, de ter o casamento sem o marido, foi regulado numa conversação entre mim e Luís, na qual ele me revelou a excelência de seu caráter e a doçura de sua alma. Minha mimosa, eu muito desejava permanecer nesta bela estação da esperança amorosa, que, não gerando o prazer, deixa à alma a sua virgindade. Nada conceder à lei, ao dever, depender apenas de si mesma e conservar o livre-arbítrio... que coisa nobre e suave! Esse contrato oposto ao das leis e ao próprio sacramento não podia ser fechado senão entre mim e Luís. Essa dificuldade, a primeira que se apresentava, foi a única que retardou a conclusão do meu matrimônio. Se, a princípio, eu estava resolvida a tudo para não voltar ao convento, é da nossa natureza pedir o mais, depois de ter obtido o menos,

e, querido anjo, somos daquelas que querem tudo. Eu examinava meu Luís de soslaio e dizia comigo: “A desgraça o terá tornado bom ou mau?”. À força de estudar, acabei descobrindo que o seu amor ia até a paixão. Uma vez alcançada a situação de ídolo, ao vê-lo empalidecer e tremer ao menor olhar frio, compreendi que podia ousar tudo. Naturalmente levei-o longe dos pais, em passeios durante os quais interroguei com prudência o seu coração. Fi-lo falar, pedi-lhe que me referisse suas ideias, seus planos sobre o nosso futuro. Minhas perguntas revelavam tantas reflexões preconcebidas e atacavam com tanta precisão os pontos fracos dessa horrível vida a dois que Luís me confessou depois que estava apavorado de tão sábia virgindade. Eu ouvia suas respostas; ele enleava-se nelas como essas pessoas a quem o medo priva de todos os recursos; acabei vendo que o acaso me dava um adversário que me era tanto mais inferior por adivinhar o que tu tão orgulhosamente denominas minha grande alma. Malferido pela desgraça e pela miséria, ele se considerava pouco mais ou menos como liquidado e perdia-se em três horríveis temores. Primeiro, tem trinta e sete anos, e eu dezessete; não considerava portanto sem temor os vinte anos de diferença que há entre nós. Depois, está convencionado que eu sou muito bonita; e Luís, que partilha nossas opiniões a esse respeito, não deixava de ver com profunda dor quanto os sofrimentos lhe tinham gasto a mocidade. Finalmente ele me sentia, como mulher, muito superior a ele como homem. Desconfiando de si mesmo por essas três visíveis inferioridades, tinha receio de não fazer a minha felicidade e via-se aceito como um último recurso. Se não fosse a perspectiva do convento, eu não o desposaria, disse-me tristemente uma tarde.

— Isso é verdade — respondi-lhe gravemente.

Minha querida amiga, ele me causou a primeira grande emoção das que nos vêm dos homens. Feriu-me o coração ver duas lágrimas cair dos olhos.

— Luís — disse-lhe com voz consoladora —, depende de você fazer

deste casamento de conveniências um casamento ao qual eu possa dar um completo consentimento. O que lhe vou pedir exige de você uma abnegação mais bela do que a pretensa escravidão de seu amor, se é sincero. Pode elevar-se até a amizade como eu a entendo? Na vida não se tem mais do que uma amizade, e eu quero ser a sua. A amizade é a união de duas almas iguais, ligadas por suas forças e, não obstante, independentes. Sejamos amigos e associados para juntos carregar a vida. Deixe-me a minha completa independência. Não lhe impeço que me inspire o amor que diz ter por mim: mas não quero ser sua mulher senão por minha livre e espontânea vontade. Inspire-me o desejo de lhe abandonar meu livre-arbítrio, e eu lho sacrificarei imediatamente. Por isso, não lhe proíbo insinuar paixão nessa amizade e de a turvar com a voz do amor; por minha vez farei tudo para que nossa afeição seja perfeita. Sobretudo, poupe-me os incômodos que causaria aos demais a situação bastante estranha em que nos veremos então. Não quero parecer nem caprichosa, nem hipocritamente virtuosa, porque não o sou, e julgo-o suficientemente homem de bem para lhe propor que conserve as aparências do casamento.

Querida, nunca vi um homem tão feliz como o ficou Luís com a minha proposta; seus olhos brilharam, o fogo da ventura secara-lhe as lágrimas.

— Veja — disse-lhe eu ao terminar — que nada há de estranho no que lhe peço. Essa condição decorre do meu imenso desejo de possuir sua estima. Se me obtivesse somente pelo casamento, gostaria de ver um dia seu amor coroado apenas pelas formalidades legais ou religiosas, e não por mim? Se, enquanto não o amo, mas obedecendo-lhe passivamente, como minha muito honrada mãe acaba de me recomendar, eu tivesse um filho, acredita que eu quereria a essa criança tanto como a uma outra que fosse filha de uma vontade comum? Embora não seja indispensável agradar tanto um ao outro, como entre amantes, há de convir que é necessário não desagradar. Pois bem, vamos ficar colocados numa situação perigosa: temos de viver no campo, não acha necessário que

pensemos na instabilidade das paixões? Não lhe parece que pessoas bem equilibradas se devem premunir contra os infortúnios das variações?

Ele ficou estranhamente surpreendido ao me ver tão razoável e tão raciocinadora; mas fez-me uma promessa solene, depois da qual peguei-lhe a mão e apertei-a afetuosamente.

Casamo-nos no fim da semana. Com a certeza de conservar minha liberdade, mostrei muita alegria nos insípidos detalhes de todas as cerimônias: pude ser eu mesma, e é possível que tenha passado por uma comadre bastante deslavada, para empregar a expressão de Blois. Tomaram uma rapariga, encantada da situação nova e cheia de recursos em que eu soubera colocar, por uma mulher finória. Querida, por uma espécie de visão, eu entrevira todas as dificuldades de minha vida e queria, sinceramente, fazer a felicidade daquele homem. Ora, na solidão em que vivemos, se o mando não está nas mãos da mulher, o casamento se torna dentro em pouco insuportável, a mulher deve então ter as seduções de uma amante e as qualidades de uma esposa. Temperar os prazeres com a incerteza, não é esse o modo de prolongar a ilusão e perpetuar os gozos do amor-próprio, dos quais fazem questão todas as criaturas, e com muito acerto? O amor conjugal, como o concebo, reveste, assim, uma mulher de esperanças, torna-a soberana e lhe dá uma força inesgotável, um calor de vida que faz tudo florescer em torno dela. Quanto mais senhora de si mesma, mais certeza terá de tornar viáveis o amor e a felicidade. Mas exigi, principalmente, que nossas convenções íntimas fossem veladas pelo mais profundo mistério. O homem dominado pela mulher é, com justiça, coberto de ridículo. A influência da mulher deve ser absolutamente secreta: em nós, em tudo, a graça está no mistério. Se empreendo reerguer esse caráter deprimido, restituir seu brilho às qualidades que nele entrevi, quero que tudo pareça espontâneo em Luís. Tal é a tarefa suficientemente bela que me impus e que basta para a dignidade de uma mulher. Sinto-me quase orgulhosa por ter um segredo que dê interesse à minha vida, um plano ao qual submeterei

meus esforços, e que só tu e Deus conhecerão.

Agora sinto-me quase feliz, e talvez que não o fosse completamente se não o pudesse confiar a uma alma querida, pois como dizê-lo a Luís? Minha felicidade o melindraria, foi preciso escondê-la. Ele é, minha querida, de uma delicadeza de mulher, como todos os homens que sofreram muito. Durante três meses, permanecemos como antes do casamento. Como bem deves imaginar, eu estudava uma porção de pequenos assuntos pessoais que interessam ao amor mais do que se pensa. Apesar de minha frieza, aquela alma encorajada se abriu; vi aquela fisionomia mudar de expressão e rejuvenescer. A elegância que introduzi na casa refletiu-se sobre sua pessoa. Insensivelmente acostumei-me a ele e fiz de Luís um outro eu. À força de o ver, descobri a correspondência de sua alma e de sua fisionomia. O animal a que chamamos marido, segundo tua expressão, desapareceu. Vi, em não sei que suave entardecer, um amante cujas palavras me iam diretamente à alma e em cujo braço eu me apoiava com prazer indizível. Enfim, para ser verdadeira contigo, como o seria com Deus, a quem não se pode enganar, estimulada talvez pelo modo religioso e admirável com o qual ele mantinha sua promessa, senti a curiosidade erguer-se em meu coração. Envergonhada comigo mesma, eu resisti ao meu impulso. Ai de mim! Quando se resiste somente por dignidade, o espírito logo acha meios de transigir. A festa, pois, foi secreta, como entre dois amantes, e secreta deverá permanecer entre nós. Quando te casares, aprovarás minha discrição. Entretanto quero que saibas que nada faltou de quanto exige o mais delicado amor, tampouco desse imprevisto que, de algum modo, é a glória desse momento: as misteriosas graças que nossas imaginações lhe pedem, o arrebatamento que desculpa, o consentimento arrancado, as voluptuosidades ideais muito tempo entrevistas e que nos subjugam a alma antes que nos entreguemos à realidade, tudo isso ali estava com suas formas encantadoras.

Confesso-te que, apesar dessas belas coisas, novamente estipulei meu

livre-arbítrio, embora não te queira dizer todos os motivos. Serás tu, certamente, a única alma na qual derramarei esta semiconfidência. Mesmo pertencendo ao nosso marido, adorado ou não, creio que perderíamos muito se não ocultássemos nossos sentimentos e o juízo que fazemos do casamento. A única alegria que tive, e que foi celestial, provém da certeza de ter restituído a vida àquele pobre ser, antes de a dar a filhos. Luís recuperou sua mocidade, sua força, sua alegria. Não é mais o mesmo homem. Como uma fada, apaguei até mesmo a recordação das desgraças. Metamorfoseei Luís, tornou-se encantador. Tendo certeza de me agradar, ele exibe seu espírito e revela novas qualidades. Ser o princípio permanente da felicidade de um homem, quando esse homem o sabe, e junta gratidão ao amor — ah! querida — essa certeza desenvolve na alma uma força que ultrapassa a do mais integral amor. Essa força impetuosa e durável, una e variável, gera enfim a família, essa bela obra das mulheres e que agora concebo em toda a sua fecunda beleza. O velho pai não é mais avaro, dá cegamente tudo o que desejo. Os criados estão alegres, dir-se-ia que a felicidade de Luís irradia neste lar, onde reino pelo amor. O velho concordou com todos os melhoramentos, não quis ser mancha no meu luxo; para me ser agradável adotou os costumes, e, com os costumes, as maneiras do tempo presente. Temos cavalos ingleses, um cupê, uma caleça e um tílburi. Nossos criados têm um fardamento simples, porém elegante. Por isso tudo, somos tidos como pródigos. Emprego minha inteligência (não estou rindo) a dirigir a casa com economia, a proporcionar a maior soma de prazeres pelo menor custo possível. Já demonstrei a Luís a necessidade de abrir estradas, a fim de lhe conquistar a reputação de homem preocupado pelo bem da localidade. Obrigo-o a completar sua educação. Espero vê-lo, em breve, membro do conselho geral do seu departamento, por influência de minha família e da de sua mãe. Declarei-lhe peremptoriamente que era ambiciosa, que não me desgostava que seu pai continuasse a se preocupar com os nossos bens, a realizar economias, porque no que diz respeito a

ele, queria-o inteiramente dedicado à política; se tivéssemos filhos, queria vê-los todos felizes e bem colocados no Estado; sob pena de perder minha estima e minha afeição, ele deveria fazer-se eleger deputado do departamento nas próximas eleições; minha família auxiliaria sua candidatura, e nós teríamos, então, o prazer de passar os invernos em Paris. Ah! Meu anjo, pelo ardor com que ele me obedeceu, vi quanto eu era amada. Enfim, ontem escreveu-me esta carta, de Marselha, aonde foi por algumas horas:

"Quando me permitiste amar-te, minha meiga Renata, acreditei na felicidade, mas hoje não mais lhe vejo o fim. O passado nada mais é do que uma vaga recordação, uma sombra necessária para fazer ressaltar o brilho de minha ventura. Quando estou perto de ti, o amor me exalta a tal ponto que me vejo impossibilitado de te exprimir toda a extensão do meu afeto: não posso senão admirar-te, adorar-te. Só longe de ti recupero a palavra. És perfeitamente bela, e de uma beleza tão grave, tão majestosa, que o tempo dificilmente poderá alterá-la, e, embora o amor entre esposos dependa menos da beleza do que dos sentimentos, que são em ti deliciosos, deixa-me dizer-te que essa certeza de te ver sempre bela me dá uma alegria que aumenta a cada olhar que te dirijo. A harmonia e a dignidade dos traços do teu rosto, no qual se revela tua alma sublime, têm não sei o quê de puro sob a firme coloração da tez. O brilho de teus olhos negros e o ousado desenho de tua fronte dizem quão elevadas são tuas virtudes, quanto é sólido teu convívio e resistente o teu coração às tempestades da vida se acaso sobreviessem. A nobreza é teu caráter distintivo; não tenho a pretensão de revelar-te, mas digo-te isso para que saibas que conheço o valor do tesouro que possuo. O pouco que me concederes será sempre para mim a felicidade, hoje, como daqui a muito tempo, porque sinto toda a grandeza que havia na nossa promessa de conservarmos um e outro toda a nossa liberdade. Jamais deveremos uma manifestação de ternura que não seja à nossa vontade. Seremos livres, apesar das estreitas correntes que nos unem. Terei tanto mais orgulho de

te reconquistar assim, porque agora sei o valor que atribuis a essa conquista. Não poderás nunca falar ou respirar, agir, pensar, sem que eu admire cada vez mais a graça de teu corpo e a de tua alma. Há em ti não sei quê de divino, de sensato, de sedutor, que põe de acordo a reflexão, a honra, o prazer e a esperança, que dá, enfim, ao amor uma extensão mais ampla do que a da vida. Oh! Meu anjo, que o gênio do amor se me conserve fiel e que o futuro permaneça cheio dessa volúpia com cujo auxílio tudo embelezaste em torno de mim! Quando serás tu mãe para que eu te veja aplaudir a energia de tua vida, para que eu te ouça, com essa voz tão suave e com essas ideias tão finas, tão novas e tão curiosamente expostas, bendizer o amor que refrescou minha alma, retemperou minhas faculdades, que faz o meu orgulho e onde fui buscar, como uma fonte mágica, uma nova vida? Sim, serei tudo que queres que eu seja; tornar-me-ei um dos homens úteis do meu país e farei recair sobre ti essa glória, cujo princípio será tua satisfação."

Eis, querida, como eu o formo. Esse estilo é de data recente; dentro de um ano, será melhor; Luís está no período das primeiras expansões. Eu o espero naquela sensação de felicidade igual e contínua que um casamento feliz deve proporcionar, quando, confiantes um no outro, e conhecendo-se bem, uma mulher e um homem encontram o segredo de variar o infinito, de dar encantos ao próprio fundamento da vida. Esse belo segredo das verdadeiras esposas, eu o entrevejo e quero possuí-lo. Como vês, ele se julga amado, o fátuo, como se não fosse meu marido. Por enquanto, porém, eu estou apenas nessa ligação material, que nos dá força para suportar muita coisa. Entretanto, Luís é amável, tem um caráter muito uniforme, realiza com simplicidade atos de que se vangloriaria a maior parte dos homens. Enfim, se não o amo, sinto-me muito capaz de lhe querer bem.

Eis, pois, meus cabelos negros, meus olhos negros, cujos cílios se abrem, segundo dizes, como venezianas, meu ar imperial e minha pessoa, elevados ao estado de poder soberano. Dentro de dez anos, querida,

veremos se as duas não estaremos muito risonhas, muito felizes, nessa Paris de onde te trarei algumas vezes para o meu belo oásis da Provença. Oh! Luísa, não comprometas nosso belo futuro, de nós duas! Não faças as loucuras com que me ameaças. Eu desposo um velho rapaz, desposa tu um jovem ancião da Câmara dos pares. Tens razão nisso.

XIV – O DUQUE DE SÓRIA AO BARÃO DE MACUMER

Madri

Meu caro irmão, não fizeste de mim um duque de Sória para que eu não procedesse como um duque de Sória. Se eu te soubesse errante e sem as doçuras que a fortuna dá por toda a parte, tornar-me-ia a felicidade insuportável. Nem Maria nem eu nos queremos casar até que venhamos a saber que aceitaste o dinheiro que te enviamos por Urraca. Esses dois milhões provêm das tuas próprias economias e das de Maria. Rezamos os dois, ajoelhados ante o mesmo altar e com que fervor! Ah! Deus o sabe! Por tua felicidade. Ó meu irmão! Nossos votos devem ser satisfeitos. O amor que buscas e que seria o consolo de teu exílio baixará do céu. Maria leu tua carta, chorando, e tens toda a sua admiração. Quanto a mim, aceitei por nossa casa, não por mim. O rei não desmentiu as tuas previsões. Ah! Atiraste-lhe com tanto desdém o que ele ambicionava, como se atira aos tigres a sua presa, que, para te vingar, eu quisera fazer-lhe saber como o esmagaste com a tua grandeza. A única coisa que tomei para mim, querido irmão, foi a minha felicidade, Maria. Mas também serei sempre diante de ti o que a criatura é para o Criador. Em minha vida, bem como na de Maria, haverá um dia tão belo como o nosso feliz casamento, será aquele em que viermos a saber que o teu coração foi compreendido, que uma mulher te ama como mereces e queres ser amado. Não esqueças que se vives para nós, nós também vivemos para ti.

Podes escrever-nos com toda a confiança, ao cuidado do núncio, mandando tuas cartas via Roma. O embaixador de França em Roma se encarregará, sem dúvida, de remeter a secretaria de Estado, a *monsignore* Bemboni, que deve ter sido prevenido por nosso legado. Qualquer outra via seria má.

Adeus, querido despojado, querido exilado. Se não puderes ser feliz com a felicidade que nos deste, ao menos orgulha-te dela.

Deus, com certeza, ouvirá nossas preces, cheias de ti.

fernando

XV – LUÍSA DE CHAULIEU À SRA. DE L'ESTORADE

Março

Ah! Meu anjo, o casamento nos torna filósofos?... Teu querido rosto devia estar amarelo no momento em que me escrevias aqueles pensamentos terríveis sobre a vida humana e sobre os nossos deveres. Acreditas, então, que me converterás ao matrimônio com aquele programa de trabalhos subterrâneos? Pobre de ti! Eis, pois, para onde te arrastaram os nossos sapientíssimos devaneios! Partimos de Blois paramentadas com toda a nossa inocência e armadas com os estiletes agudos da reflexão: os dardos dessa experiência puramente moral das coisas viram-se contra ti! Se não te conhecesse como a mais pura e a mais angélica criatura do mundo, eu te diria que teus cálculos tresandam a depravação! Como, querida, no interesse de tua vida de campo, submetes teus prazeres a um corte sistemático, tratas o amor como tratarias teus bosques? Ó! Prefiro mil vezes perecer na violência dos turbilhões do meu coração a viver na secura de tua sábia aritmética! Eras, como eu, a mais instruída das

moças, porque muito havíamos refletido sobre poucas coisas: mas, minha filha, a filosofia sem o amor, ou sob um falso amor, é a mais horrível das hipocrisias conjugais. Não sei se, de quando em quando, o maior imbecil da terra não entreveria o mocho da sabedoria acoitado no teu montão de rosas, descoberta pouco recreativa que pode apagar a mais acesa das paixões. Fazes o teu destino em vez de seres seu joguete. Portamo-nos as duas de modo bem singular: muita filosofia e pouco amor, é o teu lema; muito amor, pouca filosofia, o meu. A Júlia, de Jean-Jacques, que eu julgava um professor, não é mais do que uma estudante comparada contigo. Virtudes de mulher! Encaraste a vida? Ai de mim, zombo de ti e talvez tu é que tenhas razão. Imolaste num dia tua mocidade e te tornaste avara antes do tempo. O teu Luís, sem dúvida, será feliz. Se ele te ama, e não o duvido, jamais perceberá que procedes no interesse de tua família, da mesma forma que as cortesãs procedem no interesse de sua fortuna; evidentemente elas tornam os homens felizes, a julgar pelas loucas dissipações de que são causa. Um marido clarividente ficaria por certo apaixonado por ti; mas não acabaria ele por se dispensar de ter gratidão por uma mulher que faz da falsidade uma espécie de espartilho moral, tão necessário à sua vida como o outro o é para o seu corpo? Mas, querida, o amor a meu ver é o princípio de todas as virtudes, referidas a uma imagem, da Divindade! O amor, como todos os princípios, não se calcula. É o infinito na nossa alma. Não quiseste justificar perante ti mesma a horrível posição de uma moça casada com um homem a quem ela pode somente estimar? O dever, eis a tua regra e a tua medida; mas agir por necessidade, não é isso a moral de uma sociedade de ateus? Agir por amor e por sentimento, não é essa a lei secreta das mulheres? Tu te fizeste homem, e o teu Luís vai sentir-se mulher! Ó querida, tua carta mergulhou-me em meditações infinitas. Verifiquei que o convento jamais pode substituir uma mãe para os filhos. Suplico-te, meu nobre anjo de olhos negros, tão pura e tão altiva, tão grave e tão elegante, pensa nesses primeiros clamores que a tua carta me arranca! Consolei-me pensando

que, no momento em que me lamentava, o amor derrubara com certeza os arcabouços da razão. Eu farei talvez pior sem raciocinar, sem calcular; a paixão é um elemento que deve ter uma lógica tão cruel como a tua.

Segunda-feira

Ontem à noite, ao deitar-me, fui à janela para contemplar o céu, que era de uma sublime pureza. As estrelas assemelhavam-se a tachas de prata que sustivessem um véu azul. Pelo silêncio da noite, pude ouvir uma respiração e pelo claro-escuro que espargiam as estrelas, vi o meu espanhol, trepado, como um esquilo, nos galhos de uma árvore da aleia lateral dos bulevares, admirando, sem dúvida, as minhas janelas. Essa descoberta, como primeiro efeito, fez-me voltar para o quarto, com os pés, e as mãos, como que quebrados: mas no fundo dessa sensação de medo eu sentia uma alegria deliciosa. Estava abatida e feliz. Nenhum desses espirituosos franceses que me querem desposar teve o espírito de vir passar as noites sob um olmo, arriscando-se a ser preso pela guarda. Meu espanhol deve estar ali com certeza há muito tempo. Ah! Ele não me dá mais lições; quer recebê-las, pois as terá. Se ele soubesse tudo que a mim mesma eu disse sobre sua fealdade aparente! Eu também, Renata, filosofei. Pensei que havia algo de horrível em amar um homem belo. Não é isso confessar que os sentidos são as três quartas partes do amor, quando ele deve ser divino? Refeita do medo inicial, espichei o pescoço por trás da vidraça para tornar a vê-lo e nisso fiz bem. Por meio de um caniço oco, ele, com um sopro, fez-me chegar às mãos, pela janela, uma carta artisticamente enrolada em torno de um pesado grão de chumbo.

"Meu Deus! Não vá ele pensar que eu deixei a janela aberta de propósito!", pensei comigo mesma, "se a fecho bruscamente será tornar-me cúmplice."

Fiz melhor do que isso, voltei à janela como se não tivesse ouvido o ruído do bilhete, como se nada tivesse visto, e disse em voz alta:

— Griffith, venha ver as estrelas.

Griffith dormia como uma solteirona. Ao ouvir-me, o mouro deixou-se cair com a rapidez de uma sombra. Deve ter morrido de medo, como eu, pois não o ouvi retirar-se; ficou com certeza ao pé do olmo. Depois de um bom quarto de hora, durante o qual eu me afogava no azul do céu e nadava no oceano da curiosidade, fechei a janela e deitei-me na cama para desenrolar o fino papel com a solicitude dos que, em Nápoles, trabalham com os livros antigos. Meus dedos tocavam fogo. “Que horrível poder esse homem exerce sobre mim!”, pensei. Em seguida aproximei o papel da luz para queimá-lo sem o ler... Um pensamento me reteve a mão. “Que me escreve ele, para fazê-lo em segredo?” Pois bem, querida, queimei a carta, lembrando-me de que, se num caso desses, todas as raparigas da Terra a tivessem devorado, eu, Armanda Luísa Maria de Chaulieu, não a devia ler.

No dia seguinte, nos Italiens, ele estava no seu posto; mas, por mais primeiro-ministro constitucional que tenha sido, não creio que minha atitude lhe tenha revelado a menor agitação de minha alma: fiquei absolutamente como se nada tivesse visto nem recebido na véspera. Estava satisfeita comigo mesma; ele, porém, estava muito triste. Pobre homem: é tão natural na Espanha entrar o amor pela janela! Durante o intervalo, ele veio passear pelos corredores. O primeiro secretário da embaixada da Espanha disse-mo, relatando-me um ato dele que é sublime. Sendo duque de Sória, ele devia desposar uma das mais ricas herdeiras da Espanha, a jovem princesa Maria Heredia, cuja fortuna lhe amenizaria os rigores do exílio; mas parece que, frustrando os desejos dos pais, que os tinham comprometido desde a infância, Maria amava o mais moço dos Sória, e o meu Felipe renunciou à princesa Maria, deixando-se despojar pelo rei da Espanha.

— Deve ter feito essa grande coisa com toda a simplicidade — disse eu ao jovem.

— Conhece-o, então? — respondeu-me com toda a ingenuidade.

Minha mãe sorriu.

— Que vai ser dele, pois está condenado à morte, não? — perguntei.

— Se ele está morto na Espanha, tem direito de viver na Sardenha.

— Ah! Também há túmulos na Espanha? — disse eu para aparentar que tomava a coisa em gracejo.

— Há de tudo na Espanha, até espanhóis dos velhos tempos — respondeu-me minha mãe.

— O rei da Sardenha concedeu, não sem dificuldades, um passaporte ao barão de Macumer — continuou o jovem diplomata —, mas por fim ele se tornou um súdito sardo; possui magníficos feudos na Sardenha, com direito de alta e baixa justiça. Tem um palácio em Sassari. Se Fernando vii morresse, Macumer provavelmente entraria na diplomacia, e a corte de Turim faria dele um embaixador. Embora moço, ele...

— Ah! Ele é moço?

— Sim, senhorita... embora moço, é um dos homens mais distintos da Espanha.

Eu percorria a sala com o binóculo, enquanto ouvia o secretário, e parecia prestar-lhe pouca atenção; mas, entre nós, estava desesperada por ter queimado a carta. Como se expressará um homem desses quando ama? E ele me ama. Ser amada, adorada em segredo, ter nessa sala onde se reúnem todas as sumidades de Paris um homem seu, sem que ninguém o saiba! Ó! Renata, compreendi então a vida parisiense, e seus bailes, e suas festas! Tudo se apresentou a meus olhos com uma cor verdadeira. Quando se ama, precisa-se dos outros, quando mais não seja para sacrificá-los ao ente amado. Senti no meu ser um outro ser feliz. Todas as minhas vaidades, meu amor-próprio, meu orgulho estavam lisonjeados. Só Deus sabe o olhar que passeei pela assistência!

— Ah! Sonsinha! — disse-me a duquesa ao ouvido.

Ah! Minha muito ardilosa mãe adivinhou, por minha atitude, alguma alegria secreta, e tive de arrear pavilhão ante aquela mulher sapiente.

Aquelas duas palavras mais me ensinaram do mundo do que eu

surpreendera em um ano, pois que estamos em março. Infelizmente dentro de um mês não teremos mais os Italiens. Que fazer sem essa adorável música, quando se tem o coração transbordando de amor?

Na volta, querida, com uma resolução digna de uma Chaulieu, abri minha janela para admirar um aguaceiro. Oh! Se os homens soubessem o poder de sedução que exercem sobre nós as ações heroicas, eles se fariam bem grandes; os mais pusilânimes tornar-se-iam heróis. O que soubera a respeito do meu espanhol deixara-me febril. Tinha certeza de que ele estava ali, pronto para me atirar uma nova carta. Por isso não queimei: li. Eis pois a primeira carta de amor que recebi, senhora argumentadora, cada uma a sua:

"Luísa, não é por sua sublime beleza que a amo; não a amo por seu espírito tão vasto, pela nobreza dos seus sentimentos, pela graça infinita que comunica a tudo, nem pela sua altivez, por seu desdém real a tudo o que não é da sua esfera e que em si não exclui a bondade, pois tem a caridade dos anjos; amo-a, Luísa, porque fez curvarem-se para um pobre exilado todas essas altivas grandezas; porque, por um gesto, por um olhar, consolou um homem de estar tão abaixo da sua pessoa, que não tinha direito senão à sua generosa piedade. É a única mulher no mundo que, para mim, abrandou o rigor de seus olhos, e, como deixou cair sobre mim esse olhar benfazejo, quando eu era apenas um grão na poeira, coisa que jamais obtive quando tinha todo o poder de que um súdito pode dispor, faço empenho de dizer-lhe, Luísa, que se me tornou querida, que a amo por si mesma e sem nenhum pensamento preconcebido, ultrapassando de muito as condições que impôs a um amor perfeito. Saiba, pois, ídolo por mim colocado no mais alto dos céus, que existe no mundo um rebento da raça sarracena, cuja vida lhe pertence, a quem tudo pode pedir como a um escravo, e que se honrará de executar as suas ordens. Dei-me a si para sempre e pelo único prazer de me dar, por um único olhar seu, por essa mão estendida, certa manhã, para o seu professor de espanhol. Tem um servo, Luísa, e não outra coisa. Não, não

me atrevo a pensar que possa um dia ser amado, mas talvez serei suportado e somente por causa de minha dedicação. Desde aquela manhã em que me sorriu como uma jovem nobre que adivinhava a miséria de meu coração solitário e traído, eu a entronizei: é a soberana absoluta de minha vida, a rainha dos meus pensamentos, a divindade de meu coração, a luz que brilha onde estou, a flor de minhas flores, o bálsamo do ar que respiro, a riqueza de meu sangue, a luz que vela meu sono. Um único pensamento perturbava essa felicidade: a senhora ignorava ter de seu um devotamento sem limites, um braço fiel, um escravo cego, um agente mudo, um tesouro, pois que sou apenas o depositário de quanto possuo; enfim, ignorava que dispunha de um coração ao qual tudo podia confiar, o coração de uma velha avó a quem tudo podia pedir, um pai do qual pode reclamar toda a proteção, um amigo, um irmão; todos esses sentimentos lhe fazem falta, sei-o. Surpreendi o segredo de seu isolamento! Minha ousadia proveio do meu desejo de lhe revelar a extensão de suas posses. Aceite tudo, Luísa, pois me dará a única vida possível para mim no mundo, a de me devotar. Ao colocar-me o colar da servidão, a nada se expõe: jamais pedirei outra coisa senão o prazer de me saber seu. Nem mesmo me diga que jamais me amará: terá de ser assim, eu o sei; devo amar de longe, sem esperança, e para mim mesmo. Quanto quisera saber se me aceita como servo, e por isso dei tratos à imaginação a fim de achar uma prova que lhe ateste que não haverá de sua parte nenhuma quebra de dignidade se mo fizer saber, porquanto faz já muitos dias que lhe pertenço, sem que o saiba. Poderá, pois, dizer-mo se, uma noite, nos Italiens, tiver na mão um ramo composto de uma camélia branca e de uma camélia vermelha, imagem de todo o sangue de um homem às ordens de uma candura adorada. Tudo então ficará dito: a qualquer hora, amanhã como daqui a dez anos, tudo o que quiser e que seja possível a um homem fazer será feito, apenas o peça ao seu feliz servidor.

p. s. — Minha querida, confessa que os grão-senhores sabem amar! Que ímpeto de leão africano! Que ardor refreado! Que fé! Que sinceridade! Que grandeza de alma na humilhação! Senti-me pequenina e a mim mesma perguntei completamente aturdida: “Que fazer?...” É próprio de um grande homem desorientar os cálculos ordinários. Ele é sublime e enternecedor, ingênuo e gigantesco. Com uma única carta foi além das cem cartas de Lovelace e de Saint-Preux. Oh! Eis aí o amor verdadeiro sem chicanas: é ou não é; mas, quando é, mostra-se na sua imensidade. Eis-me destituída de todos os coquetismos. Recusar ou aceitar! Estou entre esses dois termos, sem um pretexto para abrigar minha irresolução. Toda e qualquer discussão suprimida. Não é mais Paris, e a Espanha ou o Oriente; é enfim o abencerragem que fala, que se ajoelha ante a Eva católica trazendo-lhe sua cimitarra, seu cavalo e sua cabeça. Aceitarei esse resto de mouro? Releia muitas vezes essa carta hispano-sarracena, minha Renata, e nela verá que o amor leva de roldão todas as estipulações judaicas de sua filosofia. Sim, Renata, tua carta pesa-me sobre o coração, tu me emburguesaste a vida. Preciso eu acaso de manhãs? Não sou eternamente senhora desse leão que substitui seus rugidos por suspiros humildes e religiosos? Oh! Quanto não deve ele ter rugido no seu covil da rue Hillerin-Bertin! Sei onde ele mora, tenho seu cartão de visita: *F.*, *Barão de Macumer*. Tornou-me qualquer resposta impossível, nada me resta senão atirar-lhe ao rosto duas camélias. Que ciência infernal possui o amor puro, verdadeiro, ingênuo! Eis, pois, o que há de mais elevado para o coração de uma mulher, reduzido a uma ação simples e fácil. Oh! A Ásia! Li as *Mil e uma noites*, é esse o seu espírito: duas flores, e tudo está dito. Atravessamos os catorze volumes de *Clarissa Harlowe* com um ramo. Retorço-me ante essa carta como uma corda no fogo. Leva ou não leva tuas duas camélias. Sim ou não, mata ou dá vida! Enfim, grita-me uma voz: “Experimenta-o!”. Vou experimentá-lo.

XVI – DA MESMA PARA A MESMA

Março

Estou toda de branco: tenho camélias brancas nos cabelos e na mão uma camélia branca; minha mãe tem-nas vermelhas: se quiser, eu lhe tomarei uma. Há em mim não sei que vontade de *lhe* vender sua camélia vermelha por um pouco de hesitação e de não me decidir senão no momento. Estou bem bonita! Griffith pediu-me para que a deixasse contemplar-me um momento. A solenidade desta noite e o drama desse consentimento secreto deram-me cores: em cada face tenho uma camélia vermelha desabrochada sobre uma camélia branca.

Uma hora

Todos me admiraram, somente um sabia adorar-me. Ao ver-me com uma camélia branca na mão, baixou a cabeça, e vi-o empalidecer e ficar branco como a flor que eu segurava, quando tomei uma vermelha das de minha mãe. Vir com as duas flores podia ser obra do acaso, mas aquele ato era uma resposta. Assinei, pois, minha confissão! Levavam *Romeu e Julieta*, e, como não sabes o que é o dueto de amantes, não podes compreender a felicidade de dois neófitos em amor ao ouvir aquela divina expressão da ternura. Deitei-me ouvindo passos sobre o terreno sonoro da alameda lateral. Oh! Agora, meu anjo, tenho fogo no coração, fogo na cabeça. Que estará ele fazendo? Que pensa? Terá ele um pensamento, um único que me seja estranho? Será sempre o escravo às ordens que me declarou ser? Como verificá-lo? Sentirá ele na alma a mais leve suspeita de que minha aceitação encerra uma censura, um qualquer arrependimento, um agradecimento? Estou entregue a todas as argúcias minuciosas das mulheres de *Cyrus* e da *Astrée*,[130] às sutilezas das cortes de amor. Saberá ele que em amor os mais insignificantes atos das mulheres são a

terminação de um mundo de reflexões, de combates interiores, de vitórias perdidas? Em que estará ele pensando neste momento? Como ordenar-lhe que me escreva à noite os detalhes do seu dia? Ele é meu escravo, devo ocupá-lo e vou sobrecarregá-lo de trabalhos.

Domingo, pela manhã

Dormi muito pouco, e só agora de manhã. É meio-dia. A meu pedido, Griffith acaba de escrever a seguinte carta:

Ao senhor barão de Macumer

A senhorita de Chaulieu encarregou-me, senhor barão, de lhe pedir a cópia de uma carta que lhe escreveu uma de suas amigas, escrita com sua letra, e que o senhor levou.

Queira receber etc.

griffith

Minha querida Griffith saiu, foi à rue Hillerin-Bertin e fez entregar esse bilhete ao meu escravo, que me restituiu fechado num envelope o meu programa, molhado de lágrimas. Obedeceu. Oh! Minha querida, como ele devia prezá-lo! Mas o sarraceno foi o que prometera ser: obedeceu. Estou comovida a ponto de chorar.

XVII – DA MESMA PARA A MESMA

2 de abril

Ontem, o dia estava esplêndido, preparei-me como uma moça amada e que quer agradar. A meu pedido, meu pai me deu a mais bela equipagem que se possa ver em Paris: dois cavalos tordilhos mosqueados e uma caleça da mais refinada elegância. Fui experimentar minha carruagem. Eu parecia uma flor debaixo de uma sombrinha forrada de seda branca. Ao subir a avenida dos Champs-Élysées, vi dirigir-se para meu lado o meu abencerragem montado num cavalo da mais admirável beleza: os homens que hoje, quase todos, são perfeitos conhecedores de cavalos, detinham-se para vê-lo e examiná-lo. Saudou-me e fiz-lhe um sinal amistoso para animá-lo; moderou o passo do cavalo, e eu pude dizer-lhe:

— Não me levará a mal, senhor barão, que lhe tenha mandado pedir minha carta, que lhe devia ser inútil... O senhor ultrapassou aquele programa... — acrescentei em voz baixa. — Tem um cavalo que chama a atenção sobre o senhor.

— Meu intendente da Sardenha mandou-mo com orgulho, porque este cavalo de raça árabe nasceu no meu haras.

Esta manhã, querida, Henarez apareceu montando um cavalo alazão, inglês, também muito bonito, mas que não chamava mais a atenção: bastara o esboço de crítica zombeteira das minhas palavras. Saudou-me, e respondi-lhe com uma leve inclinação de cabeça. O duque de Angoulême fez comprar o cavalo de Macumer. Meu escravo compreendeu que saía da simplicidade desejada, atraindo sobre si a atenção dos desocupados. Um homem deve fazer-se notar por si mesmo e não por seu cavalo, ou por coisas. Ter um cavalo demasiado belo parece-me tão ridículo como ter um enorme diamante na camisa. Fiquei encantada por pilhá-lo numa falta, e podia ser que houvesse no seu ato um pouco de amor-próprio, desculpável num pobre proscrito. Essa infantilidade agrada-me. Oh! Minha velha argumentadora! Gozas com os meus amores tanto quanto eu me entristeci com a tua sombria filosofia? Querido Felipe ii[131] de saias, será que passeias na minha caleça? Não vês esse olhar aveludado, humilde e cheio, orgulhoso de sua escravidão, que me dirige,

ao passar, esse homem verdadeiramente grande que veste a minha libré e que traz sempre à lapela uma camélia vermelha, enquanto eu tenho sempre na mão uma branca? Que claridade projeta o amor! Como eu compreendo Paris! Agora tudo me parece espiritual. Sim, o amor aqui é mais bonito, maior, mais encantador do que onde quer que seja. Decididamente verifiquei que jamais poderia atormentar ou inquietar um tolo, nem ter sobre ele o menor domínio. São somente os homens superiores que nos compreendem bem e nos quais podemos influir. Oh! Pobre amiga, perdão, esquecia-me do nosso l'Estorade; mas não me disseste que ias fazer dele um gênio? Oh! Adivinho o motivo: tu o educas com esmero, para um dia seres compreendida. Adeus, estou um pouco aloucada e não quero continuar.

XVIII – A SRA. DE L'ESTORADE A LUÍSA DE CHAULIEU

Abril

Querido anjo, ou quem sabe se seria melhor dizer: querido demônio? Afligiste-me sem querer, e, se não fôssemos duma única alma, eu diria que me feriste, mas não nos ferimos também a nós mesmas? Vê-se muito bem que ainda não detiveste teu pensamento na palavra *indissolúvel*, aplicada ao contrato que une uma mulher a um homem! Não quero contradizer nem os filósofos nem os legisladores, eles são bem capazes de contradizer-se; mas, querida, ao tornar o casamento irrevogável e impondo-lhe uma fórmula igual para todos e implacável, fizeram de cada união uma coisa inteiramente dessemelhante, tão dessemelhante quanto os indivíduos o são entre si; cada um deles tem as suas diferentes leis interiores: as de um casamento no campo, no qual dois seres estarão incessantemente em presença um do outro, não são as de um matrimônio na cidade, onde um maior número de distrações ameniza a vida; e as de

um casal em Paris, onde a existência se escoa com uma torrente, não serão as de um matrimônio na província, onde a vida é menos agitada. Se as condições variam segundo os lugares, variam ainda mais segundo os caracteres. A mulher de um homem de gênio nada mais tem a fazer do que se deixar guiar, e a mulher de um tolo deve, sob pena dos maiores desastres, apoderar-se da direção da máquina, se se sente mais inteligente do que ele. É possível, afinal de contas, que a reflexão e a razão alcancem ao que se chama depravação. Para nós, depravação não é o cálculo nos sentimentos? Uma paixão que raciocina é depravada; somente é bela se involuntária e naqueles sublimes arrebatamentos que excluem qualquer egoísmo. Ah! Cedo ou tarde a ti mesma dirás, querida: "Sim! A falsidade é tão necessária à mulher quanto o seu espartilho, se por falsidade queremos designar o silêncio da que tem a coragem de calar-se, se por falsidade designamos o necessário cálculo do futuro". Toda mulher casada aprende à própria custa as leis sociais, que em muitos pontos são incompatíveis com as da natureza. A gente pode ter doze filhos quando casa na nossa idade, e, se os tivéssemos, cometeríamos doze crimes, faríamos doze desgraças. Não seria destinar seres encantadores à miséria e ao desespero? Ao passo que dois filhos são duas felicidades, duas mercês, duas criações em harmonia com os costumes e as leis atuais. A lei natural e o código são dois inimigos, e nós somos o terreno no qual eles se digladiam. Denominarás depravação a previdência da esposa que cuida que a família não se arruíne por si mesma? Um único cálculo ou mil, tudo se perde no coração. Esse cálculo atroz vós o fareis um dia, bela baronesa de Macumer, quando fordes a esposa feliz e orgulhosa do homem que vos adora; ou antes, esse homem superior vo-lo poupará, pois que ele mesmo o fará. Já vês, querida louquinha, que estudamos o código nas suas relações com o amor conjugal. Deves saber que somente a Deus e a nós mesmas temos de prestar contas dos meios que empregamos para perpetuar a felicidade no interior de nossas casas: e mais vale o cálculo que tal consegue do que o

amor irrefletido que traz o luto, as dissensões ou a desunião. Estudei cruelmente o papel da esposa e da mãe de família. Sim, querido anjo, temos de recorrer a mentiras sublimes para sermos as nobres criaturas que somos ao cumprir nossos deveres. Tachas-me de falsa porque quero medir, dia a dia, para Luís, o conhecimento de mim mesma; mas não é acaso um conhecimento demasiado íntimo que provoca as desuniões? Quero ocupá-lo muito, para muito distraí-lo de mim, em nome de sua própria felicidade; e não é esse o cálculo da paixão? Se a ternura é inesgotável, o amor não o é; por isso constitui uma verdadeira empresa para uma mulher honesta distribuí-lo sensatamente por toda a vida. Arriscando-me a parecer-te execrável, dir-te-ei que persisto nos meus princípios, considerando-me muito grande e muito generosa. A virtude, mimosa, é um princípio cujas manifestações diferem segundo os meios: a virtude da Provença, a de Constantinopla, a de Londres e a de Paris têm efeitos perfeitamente diferentes, sem por isso deixar de ser virtudes. Cada vida humana oferece, no seu tecido, as mais irregulares combinações; vistas, porém, de certa altura, todas se assemelham. Se eu quisesse ver Luís infeliz e provocar uma separação de corpos, não precisaria mais do que deixá-lo pôr-me uma corrente. Não tive, como tu, a sorte de encontrar um homem superior, mas é possível que venha a ter o prazer de torná-lo superior, e para isso, marco-te um encontro, daqui a cinco anos, em Paris. Tu mesma ficarás surpreendida e me virás dizer que eu me enganei e que o sr. de l'Estorade era inatamente extraordinário. Quanto a esses belos amores, a essas emoções que somente experimento através de ti; quanto a essas sentinelas noturnas na sacada, à luz das estrelas; quanto a essas adorações excessivas, a essas divinizações de nós, soube que devia desistir delas. Teu desabrochamento na vida irradia à tua vontade; o meu é circunscrito, encerrado nos limites da Crampade: e tu me censuras as precauções exigidas por uma frágil, uma secreta, uma pobre felicidade, a fim de se tornar durável, rica e misteriosa! Eu julgava ter achado as seduções de uma amante no meu estado de mulher, e tu

quase me fizeste corar de mim mesma. Das duas, quem tem razão, quem está errada? É bem possível que ambas estejamos em erro e tenhamos razão, e possivelmente a sociedade nos vende muito caro os nossos enfeites, os nossos títulos e os nossos filhos! Eu tenho as minhas camélias vermelhas, estão nos meus lábios, em sorrisos que florescem para esses dois seres, o pai e o filho, aos quais sou dedicada, simultaneamente escrava e senhora. Mas, querida! Tuas últimas cartas fizeram-me entrever tudo o que perdi! Fizeste-me conhecer a extensão dos sacrifícios da mulher casada. Eu apenas tinha passeado os olhos por sobre as belas estepes selvagens onde corres e saltas, e não te falarei de algumas lágrimas que enxuguei ao ler-te; mas o pesar não era remorso, embora parente próximo. Disseste-me: "O casamento nos torna filósofas!". Infelizmente, não: bem o senti, quando chorei ao ver-te arrastada na torrente do amor. Meu pai, porém, fizera-me ler um dos mais profundos escritores da nossa província, um dos herdeiros de Bossuet, um desses cruéis políticos cujas páginas engendram a convicção. Enquanto lias *Corina*,[132] eu lia Bonald,[133] e é esse o segredo de minha filosofia: apresentou-se-me a família santa e forte. Segundo Bonald, teu pai tinha razão no seu discurso. Adeus, minha querida imaginação, minha amiga, tu que és a minha loucura!

XIX – LUÍSA DE CHAULIEU À SRA. DE L'ESTORADE

Pois bem, minha Renata, és um amorzinho, e estou agora de acordo em que é direito enganar: estás contente? De resto, o homem que nos ama pertence-nos; temos o direito de fazer dele um tolo ou um homem de gênio; mas, entre nós, na maioria das vezes fazemos dele um tolo. Tu farás do teu um homem de gênio e guardarás teu segredo: duas magníficas ações. Ah! Se não houvesse paraíso ficarias bem lograda, pois te votas a um martírio voluntário. Queres torná-lo ambicioso,

conservando-o apaixonado! Mas, criança que és, já era bastante mantê-lo apaixonado. Até que ponto o cálculo é virtude ou a virtude é cálculo? Hein? Não brigaremos por esse assunto, pois que Bonald aí está. Somos e queremos ser virtuosas; neste momento, porém, creio que apesar das tuas encantadoras tratantices, vales mais do que eu. Sim, sou uma mulher terrivelmente falsa: amo Felipe e escondo-lhe meu amor com uma infame dissimulação. Quisera vê-lo saltando de sua árvore para o muro e daí para a minha sacada e, se ele fizesse o que desejo, fulminá-lo-ia com o meu desprezo. Vês? Sou de uma boa-fé terrível. Quem me detém? Que potência misteriosa me impede de dizer a esse querido Felipe toda a felicidade que ele esparge em torrentes sobre mim, com o seu amor puro, inteiro, grande, secreto, amplo? A sra. de Mirbel[134] está fazendo meu retrato, e tenho a intenção de dar-lho a ele, querida. O que me surpreende mais cada dia é a atividade que o amor comunica à vida. Que interesse adquirem as horas, as ações, as mais pequenas coisas! E que admirável confusão do passado, do futuro no presente! Vive-se nos três tempos do verbo. Será ainda assim depois que se foi feliz? Oh! Responde-me, dize-me o que é a felicidade, se ela acalma ou irrita. Sinto uma mortal inquietude, não sei mais como proceder: há no meu coração uma força que me arrasta para ele apesar da razão e das conveniências. Enfim, compreendo tua curiosidade com Luís, estás contente? A felicidade de Felipe em me pertencer, seu amor a distância e sua obediência impacientam-me tanto quanto seu profundo respeito me irritava, quando ele era apenas meu professor de espanhol. Sou tentada a gritar-lhe quando ele passa: “Imbecil, se me amas na tela, que seria se me conhecesses?”.

Oh! Renata, queimas as minhas cartas, não? Eu queimarei as tuas. Se outros olhos que não os nossos lessem essas coisas que transvazamos de coração para coração, eu diria a Felipe que os fosse vazar e, para maior segurança, matasse um pouco os donos.

Segunda-feira

Ah! Renata, como sondar o coração de um homem? Meu pai ficou de me apresentar o sr. Bonald, e uma vez que ele é tão sábio, eu lho perguntarei. Deus é bem feliz por poder ler no fundo dos corações. Continuarei a ser um anjo para esse homem? Eis a questão.

Se um dia, num gesto, num olhar, no acento de uma palavra, eu percebesse uma diminuição do respeito que ele tinha por mim, quando era meu professor de espanhol, sinto que teria forças para tudo esquecer! "Para que essas palavras solenes, essas grandes resoluções?", perguntarás. Ah! Aí está, querida. Meu encantador pai, que me trata como um velho cavaleiro servidor a uma italiana, mandou retratar-me pela sra. de Mirbel, conforme já te disse. Consegui uma cópia bem executada para dá-la ao duque e mandei o original a Felipe. Esse envio foi feito ontem, acompanhado pelas três linhas seguintes: "Dom Felipe, respondo ao seu devotamento com uma confiança cega: o tempo dirá se não é isso atribuir demasiada grandeza a um homem".

A recompensa é grande, tem ares de promessa e, coisa horrível, de um convite: mas o que te vai parecer mais horrível ainda é que eu quis que a recompensa exprimisse promessa e convite sem chegar ao oferecimento. Se na sua resposta ele puser "Minha Luísa", ou mesmo "Luísa", ele estará perdido!

Terça-feira

Não, ele não está perdido! Esse ministro constitucional é um amante adorável. Aqui vai a sua carta:

"Todos os instantes que eu passava sem vê-la, eu os passava pensando em si, com os olhos cerrados às demais coisas e presos pela meditação sobre sua imagem, que nunca se desenhava de modo suficientemente rápido no escuro palácio onde vivem os sonhos e onde a senhora espalha luz. Doravante minha vista repousará sobre esse maravilhoso marfim, sobre esse talismã, devo dizer: pois que para mim seus olhos azuis se animam, e a pintura torna-se logo realidade. O atraso desta carta é devido à minha solicitude em gozar dessa contemplação, durante a qual eu lhe dizia tudo o que devo calar. Sim, desde ontem, encerrado sozinho consigo, entreguei-me, pela primeira vez na vida, a uma felicidade integral, completa, infinita. Se pudesse ver onde a coloquei, entre a virgem e Deus, compreenderia as angústias em que passei a noite: mas, ao dizer-lho, não quisera ofendê-la, pois que haveria tantas tormentas para mim num olhar despido daquela angelical bondade que me faz viver que de antemão lhe peço me perdoe. Se, portanto, rainha de minha vida e de minha alma, quisesse conceder-me um milésimo do amor que lhe dedico!

"O *se* desta constante súplica devastou-me a alma. Eu estava entre a crença e o erro, entre a vida e a morte, entre as trevas e a luz. Um criminoso não fica tão agitado durante a deliberação de sua sentença, como eu o estou enquanto me acuso desta audácia na sua presença. O sorriso impresso em seus lábios e que a todo momento eu ia rever acalmava as tormentas provocadas pelo temor de lhe desagradar. Desde que existo, ninguém, nem mesmo minha mãe, me sorriu. A bela jovem, que me era destinada, repeliu meu coração e apaixonou-se por meu irmão. Meus esforços, em política, fracassaram. Nunca, nos olhos de meu

rei, vi senão um desejo de vingança; e somos tão inimigos desde nossa mocidade que ele considerou uma injúria cruel o voto pelo qual as Cortes me ergueram ao poder. Por mais forte que fosse uma alma, por muito menos a dúvida a invadiria. De resto, faço-me justiça: conheço a desgraciosidade do meu aspecto e sei quanto é difícil apreciar meu coração através de semelhante invólucro. Ser amado não era mais do que um sonho, quando a vi. Por isso, quando me prendi à senhora, compreendi que somente a dedicação poderia desculpar minha ternura. Ao contemplar esse retrato, ao escutar aquele sorriso cheio de divinas promessas, uma esperança, que a mim mesmo não consentia, brilhou na minha alma. Essa claridade de aurora é incessantemente combalida pelas trevas da dúvida, pelo temor de ofendê-la, se a deixo transparecer. Não, ainda não me pode amar, sinto-o; mas, à medida que tiver posto à prova o poder, a duração, a amplitude de meu inesgotável afeto, a senhora lhe dará um pequeno lugar em seu coração. Se minha ambição é uma injúria, diga-me sem cólera, que eu tornarei a encerrar-me no meu papel; mas, se quiser tentar amar-me, não o faça sem minuciosas precauções para aquele que fazia consistir a felicidade de sua vida unicamente em servi-la".

Ao ler estas últimas palavras, minha querida, pareceu-me vê-lo pálido como ele estava, na noite em que lhe disse, ao mostrar-lhe a camélia, que aceitava os tesouros de sua dedicação. Vi nessas frases submissas coisa completamente diversa de uma simples flor de retórica para uso dos amantes e, em mim mesma, senti, como que um grande movimento, o frêmito da felicidade.

Está um tempo horroroso, não me foi possível ir ao Bois de Boulogne sem dar margem a estranhas suspeitas, porque minha mãe, que sai muitas vezes apesar da chuva, ficou em casa.

Quarta-feira à noite

Acabo de vê-lo na Ópera. Querida, não é mais o mesmo homem: veio ao nosso camarote, apresentado pelo embaixador da Sardenha. Depois de ter visto em meus olhos que sua audácia não desagradava, pareceu-me como se estivesse embaraçado com o próprio corpo e chamou a marquesa d'Espard de senhorita. Seus olhos tinham olhares que projetavam uma luz mais viva do que a dos lustres. Finalmente, saiu como um homem que teme cometer uma extravagância.

— O barão de Macumer está apaixonado! — disse a sra. de Maufrigneuse à minha mãe.

— É tanto mais de admirar por ser um ministro derrubado — respondeu minha mãe.

Tive forças para olhar a sra. d'Espard, a sra. de Maufrigneuse e minha mãe, com a curiosidade de uma pessoa que não conhece uma língua estrangeira e que quisera adivinhar o que estão dizendo; mas, interiormente, experimentava uma alegria voluptuosa na qual parecia banhar-se minha alma. Só uma palavra pode explicar-te o que eu sentia: encantamento. Felipe ama tanto que acho-o digno de ser amado. Sou exatamente o princípio de sua existência e tenho em minhas mãos o fio que guia seu pensamento. Enfim, se nos devemos dizer tudo, há em mim o mais violento desejo de vê-lo franquear todos os obstáculos, chegar até a mim, para pedir-me a mim mesma, a fim de saber se esse furibundo amor voltará a ser humilde e calmo, a um só de meus olhares.

Ah! Minha querida, detive-me e estou toda trêmula. Quando estava te escrevendo ouvi aí fora um ligeiro ruído e me levantei. Da minha janela, vi-o caminhando sobre o muro, com risco de cair e morrer. Fui à janela de meu quarto e fiz-lhe apenas um sinal, ele saltou do muro que tem dez pés de altura: depois correu pela estrada até a distância em que eu o podia ver, para mostrar-me que não se machucara. Essa atenção, no momento em que devia estar aturdido pela queda, comoveu-me tanto que choro sem saber por quê. Pobre feio! Que vinha ele buscar? Que me quereria dizer?

Não me animo a escrever meus pensamentos e vou deitar-me, mergulhada na minha alegria, sonhando em tudo que nos diríamos se estivéssemos juntos. Adeus, bela muda. Não tenho tempo de te repreender pelo teu silêncio, mas faz mais de um mês que não tenho notícias tuas! Estarás, por acaso, *feliz*? Não terás mais esse livre-arbítrio que te deixava tão orgulhosa e que, esta noite, quase me abandonou?

XX – RENATA DE L'ESTORADE A LUÍSA DE CHAULIEU

Maio

Se o amor é a vida do mundo, por que motivo filósofos austeros o suprimem no casamento? Por que a sociedade torna por lei suprema sacrificar a mulher à família, criando por essa forma, necessariamente, uma luta surda no seio do casamento? Luta por ela prevista e tão perigosa que inventou poderes para armar o homem contra nós, adivinhando que nós tudo podíamos anular, fosse pelo poder da ternura ou pela persistência de um ódio oculto. Vejo neste momento, no matrimônio, duas forças opostas que o legislador deveria ter reunido; quando se reunirão? Eis o que a mim mesma dizia ao ler-te. Ó querida, uma única carta tua derruba o edifício construído pelo grande escritor do Aveyron[135] e onde eu me alojara com uma doce satisfação! As leis foram feitas por anciões, e as mulheres o percebem; muito avisadamente eles decretaram que o amor conjugal isento de paixão não nos avilta, e que uma mulher devia entregar-se sem amor, uma vez que a lei autorizasse a um homem fazê-la sua. Preocupados com a família, eles imitaram a natureza, ciosa unicamente de perpetuar a espécie. Antes, eu era um ser, agora, sou uma coisa! Mais de uma lágrima devorei ao longe, sozinha, que eu bem quisera ter trocado por um sorriso consolador. De onde vem a desigualdade de nossos destinos? O amor permitido

engrandece tua alma. Para ti, a virtude se encontrará no prazer. Sofrerás somente de teu próprio querer. Teu dever, se te casas com Felipe, tornar-se-á o mais doce, o mais expansivo dos sentimentos. Nosso porvir há de dar a resposta, e eu a espero com inquieta curiosidade.

Amas, és adorada. Ó querida, entrega-te toda a esse belo poema que tanto nos preocupou! Essa beleza da mulher, tão fina e tão espiritualizada em ti, Deus a fez assim para que ela encante e agrade: ele tem seus desígnios. Sim, meu anjo, esconde bem o segredo de tua ternura e trata de submeter Felipe às provas sutis que nós inventamos para saber se o amante com que sonhávamos é digno de nós. Procura saber menos se ele te ama do que se tu o amas: nada tão enganador como a miragem produzida em nossa alma pela curiosidade, pelo desejo, pela crença na felicidade. Suplico-te, tu, a única de nós duas que ficas intata, querida, não te arrisques sem arras no mercado perigoso de um casamento irrevogável! Por vezes um gesto, uma palavra, um olhar, numa conversação sem testemunhas, quando as almas estão despidas de sua hipocrisia mundana, desvendam abismos. És suficientemente nobre, suficientemente senhora de ti mesma para poderes ousadamente enveredar por caminhos em que outras se perderiam. Não podes imaginar com que ansiedade eu te acompanho. Apesar da distância, vejo-te, sinto tuas emoções. Por isso, não deixes de escrever-me, sem nada omitir! Tuas cartas dão um sabor passional à minha vida doméstica tão simples, tão tranquila, uniforme como a estrada real num dia de sol. O que aqui se passa, meu anjo, é uma sequência de chicanas comigo mesma, das quais hoje quero guardar segredo, e que só mais tarde te revelarei. Dou-me e retomo-me com sombria obstinação, do desânimo à esperança. É bem possível que eu esteja pedindo à vida mais ventura do que ela nos deve. Nos tenros anos, temos tendência a querer que o ideal e o positivo se harmonizem. Minhas reflexões, e faço-as agora, sozinha, sentada no sopé de um rochedo de meu parque, levaram-me a pensar que o amor no casamento é um acaso sobre o qual é impossível basear a lei

que deve reger tudo. O meu filósofo do Aveyron tem razão em considerar a família como a única unidade social possível e a ela submeter a mulher, como sempre aconteceu. A solução desse assunto, quase terrível para nós, está no primeiro filho que temos. Por isso quisera ser mãe, quando mais não fosse para dar pasto à devoradora atividade de minha alma.

Luís continua de uma adorável bondade, seu amor é ativo, e minha ternura é abstrata; ele é feliz, colhe, ele só, as flores, sem se preocupar com os esforços da terra que as produz. Feliz egoísmo! Por mais que me custe, presto-me às suas ilusões como uma mãe, que, de acordo com a ideia que formo de uma mãe, se despedaça para proporcionar um prazer ao filho. Sua alegria é tão profunda que lhe cerra os olhos e projeta sobre mim seus reflexos. Engano-o pelo sorriso ou pelo olhar cheio da satisfação que me causa a certeza de o fazer feliz. Por isso o nome carinhoso que lhe dou na intimidade é “meu filho”! Espero o fruto de tantos sacrifícios que serão um segredo entre Deus, tu e eu. A maternidade é uma empresa para a qual abri um enorme crédito; ela muito me deve hoje, temo que não me pague suficientemente: ela está encarregada de desenvolver minha energia e de engrandecer meu coração, de me compensar com venturas ilimitadas. Ó meu Deus, que eu não seja ludibriada! Aí está todo o meu futuro e, coisa aterradora de pensar, o da minha virtude.

XXI – LUÍSA DE CHAULIEU A RENATA DE L’ESTORADE

Junho

Querida corça casada, tua carta veio a propósito para justificar perante mim mesma uma audácia na qual penso noite e dia. Há não sei que apetite em mim para as coisas desconhecidas ou, se quiseres, proibidas, que me inquieta e me revela, no meu íntimo, um combate entre as leis

das sociedades e as da natureza. Não sei se em mim a natureza é mais forte do que a sociedade, mas surpreendo-me a fazer transações entre essas potências. Enfim, para falar com clareza, eu queria conversar com Felipe, a sós, durante uma hora da noite, sob as tílias, no extremo do nosso jardim. Evidentemente, esse desejo é de uma rapariga que merece o título de *espertalhona* com que me designa a duquesa, a rir, e que meu pai confirma. Entretanto, considero essa falta prudente e avisada. Recompensando assim tantas noites passadas ao pé do muro de minha casa, quero saber o que pensará o meu Felipe da minha escapada e julgá-lo em tal momento; fazer dele meu querido esposo, se ele divinizar minha falta, ou não tornar a vê-lo nunca mais se não se mostrar mais respeitoso e mais trêmulo do que quando me saúda, ao passar por mim a cavalo nos Champs-Élysées. Quanto à sociedade, corro menos riscos vendo assim meu namorado do que quando lhe sorria em casa da sra. de Maufrigneuse ou em casa da velha marquesa de Beauséant, onde agora estamos cercados de espiões, pois sabe Deus com que olhares perseguem uma rapariga suspeitada de dar atenção a um monstro como Macumer. Oh! Se soubesses como me agitou sonhar com esse projeto, como me preocupei em ver por antecipação o modo pelo qual ele se podia realizar! Senti tua falta, teríamos tagarelado a respeito durante algumas boas horas, perdidas nos labirintos da incerteza e prelibando as boas ou más coisas de um primeiro encontro, à noite, na sombra e no silêncio, debaixo das belas tílias do palácio de Chaulieu, crivado pelas mil fulgurações do luar. Palpitei sozinha, dizendo comigo: “Ah! Renata, onde estás tu?”. A tua carta, pois, acendeu o rastilho, e os meus últimos escrúpulos se foram pelos ares. Atirei, pela janela, ao meu adorador estupefato o desenho fiel da chave do pequeno portão do jardim, com este bilhete: “O que se quer é impedi-lo de cometer loucuras. Se quebra a cabeça, fará perder a honra à pessoa a quem diz amar. Será o senhor digno de uma nova prova de estima e merecerá que lhe falem à hora em que a lua deixa na sombra as tílias do fundo do jardim?”.

Ontem, à uma hora, no momento em que Griffith ia deitar-se, eu lhe disse:

— Pegue seu xale e acompanhe-me, minha cara; quero ir ao fundo do jardim sem que ninguém o saiba.

Ela não me retrucou uma só palavra e seguiu-me. Que sensações, minha Renata! Porque depois de esperá-lo, presa de uma deliciosa angústia, vi-o deslizando como uma sombra. Chegando ao jardim sem novidades, disse a Griffith:

— Não se admire, o barão de Macumer está ali e foi justamente por causa dele que eu a fiz vir.

Ela nada respondeu.

— Que quer de mim? — perguntou Felipe com uma voz cuja emoção revelava que o roçar de nossos vestidos no silêncio da noite e o ruído de nossos passos sobre a areia, por mais leves que fossem, o tinham posto fora de si.

— Quero dizer-lhe o que não saberia escrever — respondi-lhe.

Griffith distanciou-se seis passos de nós. Era uma dessas noites cálidas perfumada pelas flores; experimentei naquele momento um prazer embriagador ao ver-me quase só com ele na suave obscuridade das tílias, para além das quais o jardim brilhava, tanto mais quanto a fachada do palácio refletia o luar. Esse contraste oferecia uma vaga imagem do mistério de nosso amor que deve terminar pela deslumbrante publicidade de nosso casamento. Depois de um momento concedido, de lado a lado, ao prazer daquela situação nova para os dois, e em que estávamos tão assombrados um como o outro, recuperei o uso da palavra.

— Embora eu não tema a calúnia, não quero mais que suba a essa árvore — disse-lhe apontando para o olmo — nem a esse muro. Já procedemos suficientemente, o senhor como colegial, eu, como uma pensionista: elevemos nossos sentimentos à altura de nossos destinos. Se o senhor morresse na sua queda, eu morreria desonrada...

Olhei-o, estava lívido. — E se o surpreendessem nessa situação, minha

mãe ou eu seríamos suspeitadas...

— Perdão — murmurou ele com voz débil.

— Passe pelo bulevar, ouvirei seus passos e, quando quiser vê-lo, abrirei a janela; mas não o farei correr e não correrei esse perigo senão em circunstâncias graves. Por que me forçou, por sua imprudência, a cometer uma outra e a dar-lhe má impressão a meu respeito?

As lágrimas que vi em seus olhos afiguraram-se-me a mais bela resposta do mundo.

— Deve compreender — disse-lhe sorrindo — que meu procedimento é excessivamente temerário...

Depois de uma ou duas voltas dadas silenciosamente sob as árvores, ele recuperou a voz:

— Deve julgar-me estúpido; e estou de tal forma inebriado de felicidade que me sinto sem forças e sem espírito; entretanto, saiba pelo menos que, a meus olhos, a senhora santifica suas ações, pelo simples fato de se permitir praticá-las. O respeito que lhe tributo só é comparável ao que sinto por Deus. De resto, miss Griffith está aí.

— Ela está ali por causa dos outros e não por nós, Felipe — disse-lhe com vivacidade.

Esse homem, querida, compreendeu-me.

— Sei perfeitamente — replicou, dirigindo-me o mais humilde olhar — que se ela ali não estivesse, tudo entre nós se passaria como se ela nos visse; se não estamos diante dos homens, estamos sempre diante de Deus e temos tanta necessidade de nossa própria estima quanto da do mundo.

— Obrigada, Felipe — disse, estendendo-lhe a mão num gesto que adivinhas. — Uma mulher, e considere-me uma mulher, sente-se bem-disposta a amar um homem que a compreenda. Oh! Somente disposta — continuei, pondo um dedo nos lábios. — Não quero que tenha mais esperanças do que aquelas que lhe quero dar. Meu coração pertencerá somente àquele que o souber ler e conhecer bem. Nossos sentimentos, sem serem absolutamente semelhantes, devem ter a mesma extensão e

estar no mesmo alto nível. Não procuro engrandecer-me, pois aquilo que julgo qualidades comporta com certeza defeitos; mas se os não tivesse, ficaria desolada.

— Depois de ter me aceitado como servo, permitiu-me que a amasse — disse ele trêmulo e olhando-me a cada palavra que proferia —, tenho mais do que desejei primitivamente.

— Mas — disse-lhe eu vivamente — acho seu lote melhor do que o meu; não me queixaria se trocássemos, e essa troca está a seu cargo.

— Toca-me a mim agradecer-lhe, agora — respondeu-me — conheço os deveres de um amante leal. Devo provar-lhe que sou digno de ti, e a senhora tem o direito de pôr-me à prova tanto tempo quanto lhe pareça. Pode, meu Deus! Repelir-me se eu traísse suas esperanças.

— Sei que me ama — respondi-lhe. — Até agora (acentuei cruelmente o termo) o senhor é o preferido e eis por que está aqui.

Recomeçamos a dar algumas voltas, conversando, e devo confessar-te que, posto à vontade, meu espanhol patenteou a verdadeira eloquência do coração, expressando-me, não a sua paixão, mas a sua ternura; pois soube explicar-me seus sentimentos por uma adorável comparação com o amor divino. Sua voz penetrante, que emprestava um valor particular às suas ideias, já de si tão delicadas, assemelhava-se ao timbre do rouxinol. Falava baixo, no tom médio e grave de sua deliciosa voz, e suas frases seguiam-se com a precipitação de uma fervura; seu coração transbordava.

— Pare — disse-lhe eu —, senão ficaria aqui mais tempo do que devo.

E, com um gesto, despedi-o.

— Agora está comprometida, senhorita — disse-me Griffith.

— Talvez na Inglaterra, mas não em França. — Respondi negligentemente. — Quero casar-me por amor e não ser enganada: é tudo.

Já vês, querida, como o amor não vinha a mim, fiz como Maomé com a sua montanha.

Sexta-feira

Voltei a ver meu escravo: tornou-se tímido, tomou um ar misterioso e devoto que me agrada; afigura-se-me estar ele impressionado com a minha glória e meu poder. Nada, porém, quer nos seus olhares, quer nas suas maneiras, permite às adivinhas do mundo suspeitar nele esse infinito amor que eu vejo. Entretanto, querida, não me sinto arrebatada, dominada, domada; pelo contrário, domo, domino, arrebato... Enfim, raciocino. Ah! Bem quisera encontrar outra vez aquele medo que me causava a fascinação do professor, do burguês ao qual me recusava. Há dois amores: o que ordena e o que obedece; são diferentes e dão nascimento a duas paixões, e uma não é a outra; para ter seu quinhão da vida, é possível que uma mulher precise conhecer uma e outra. Poderão confundir-se essas duas paixões? Um homem a quem inspiramos amor também nos poderá inspirar amor? Felipe chegará a ser um dia meu senhor? Far-me-á tremer como ele hoje treme? Essas perguntas me fazem fremir. Ele é bem cego. No lugar dele, eu teria achado a srta. de Chaulieu, sob as tílias, bem faceiramente fria, moderada, calculista. Não, isso não é amor, é brincar com o fogo. Felipe continua a agradar-me como sempre, mas sinto-me agora calma e à vontade. Não há mais obstáculos, que palavra terrível! Tudo se abate em mim, tudo volta ao seu lugar e tenho medo de interrogar-me. Ele fez mal em ocultar-me a violência de seu amor, deixou-me senhora de mim mesma. Enfim, não tenho as vantagens dessa espécie de falta. Sim, querida, seja qual for a doçura que me cause a lembrança daquela meia hora que passei sob as árvores, acho o prazer que ela me deu muito inferior às emoções que eu sentia ao dizer: “Irei? Não irei? Escrever-lhe-ei? Não lhe escreverei?”. Será assim com todos os nossos prazeres? Não será melhor protelá-los do que gozá-los? Valerá a esperança mais do que a posse? Os ricos serão os pobres? Será que ambos estendemos demasiado os sentimentos, desenvolvendo desmedidamente as forças de nossa imaginação? Há

momentos em que essa ideia me deixa gelada. Sabes por quê? Penso em voltar sem Griffith ao fundo do jardim. Até onde irei assim? A imaginação não tem limites, e os prazeres os têm. Dize-me, caro doutor de saias, como conciliar esses dois termos da existência da mulher?

XXII – LUÍSA A FELIPE[136]

Não estou satisfeita com o senhor. Se não chorou ao ler *Berenice*[137] de Racine, se não viu nela a mais horrível das tragédias, é que não me compreende, e jamais nos entenderemos: rompamos, não nos vejamos mais, esqueça-me; porque se não me responde de modo satisfatório, eu o esquecerei, o senhor será para mim o barão de Macumer, ou antes, não será nada, pois será como se jamais tivesse existido. Ontem, em casa da sra. d'Espard, mostrou não sei que ar de contentamento que me desagradou imensamente. Parecia ter certeza de ser amado. Enfim, sua liberdade de espírito apavorou-me, e naquele momento não vi mais no senhor o servo que dizia ser na sua primeira carta. Em vez de estar abstraído como deve estar um homem que ama, o senhor tinha ditos espirituosos. Um verdadeiro crente não procede assim: está sempre prostrado ante a divindade. Se eu não sou um ser superior às outras mulheres, se não vê em mim a fonte de sua vida, sou menos do que uma mulher, porque sou então simplesmente uma mulher. Despertou minha desconfiança, Felipe: ela rugiu de modo a abafar a voz da ternura, e, quando encaro nosso passado, sinto-me com direito de ser desconfiada. Saiba-o, senhor ministro constitucional de todas as Espanhas, refleti profundamente sobre as tristes condições de meu sexo. Minha inocência susteve archotes em suas mãos sem se queimar. Ouça bem o que me disse minha jovem experiência e que aqui lhe repito. Em qualquer outra coisa, a duplicidade, a falta de fé, as promessas inexecutadas encontram juízes, e os juízes infligem castigos; mas isso não acontece com o amor, que deve

ser ao mesmo tempo a vítima, o acusador, o advogado, o tribunal e o algoz; porque as mais atrozes perfídias, os crimes mais horríveis permanecem ignorados, sendo praticados de alma para alma, sem testemunhas, e está no interesse bem compreendido do assassinado permanecer mudo. O amor tem, pois, seu próprio código, sua própria vingança: a sociedade nada tem a ver com isso. Ora, resolvi eu jamais perdoar um crime, e nas coisas do coração não há nada insignificante. Ontem, o senhor parecia um homem que tem certeza de ser amado. Faria mal se não tivesse essa certeza, mas seria criminoso aos meus olhos se ela lhe tirasse a graça ingênua que antes lhe davam as ansiedades da esperança. Não quero vê-lo, nem tímido nem fátuo, não quero que trema pelo receio de perder minha afeição porque seria um insulto, mas não quero tampouco que a segurança lhe permita carregar despreocupadamente seu amor. Nunca deverá ser mais livre do que eu própria. Se não conhece o suplício que um único pensamento de dúvida impõe à alma, tema que eu lhe ensine. Por um único olhar entreguei-lhe a alma, e nela você pôde ler. Possui o senhor os sentimentos mais puros que jamais se ergueram numa alma de moça. A reflexão, as meditações de que lhe falei enriqueceram-me apenas o espírito, mas quando o coração maltratado pedir conselho à inteligência, creia-me, a moça participará do anjo, que tudo sabe e tudo pode. Juro-lhe, Felipe, se me ama, como creio, e se deixa que me invade a suspeita do mínimo enfraquecimento nos sentimentos de temor, de obediência, de respeitosa espera, de desejo submisso, que me afirmou; se me apercebo um dia da mínima diminuição daquele primeiro e belo amor que de sua alma veio até a minha, nada lhe direi; não o importunarei com uma carta mais ou menos digna, mais ou menos altiva ou zangada, ou somente repreensiva como esta; nada direi, Felipe: você me veria triste à maneira das pessoas que sentem a morte aproximar-se; mas eu não morreria sem lhe ter impresso o mais horrível estigma, sem ter desonrado do modo mais vergonhoso aquela a quem ama e ter-lhe enterrado no coração eternos remorsos,

porquanto me veria perdida na Terra aos olhos dos homens e para sempre maldita na outra vida.

Assim, pois, não me deixe ciumenta de uma outra Luísa feliz, de uma Luísa santamente amada, de uma Luísa cuja alma se expandia num amor sem sombras e que possuía, segundo a sublime expressão de Dante,

Senza brama, sicura ricchezza![138]

Saiba que esquadrinhei o Inferno para de lá trazer a mais dolorosa das torturas, um castigo moral terrível ao qual associarei a eterna vingança de Deus.

Ontem, pois, insinuou-se, em meu coração, por seu procedimento, a lâmina fria e cruel da suspeita. Compreende? Duvidei de si e sofri tanto que não quero mais duvidar. Se achar que sua escravidão é demasiado dura, abandone-a, não lhe quererei mal por isso. Não sei acaso que é um homem de espírito? Reserve todas as flores de sua alma para mim, tenha os olhos inexpressivos em sociedade, não se coloque nunca em situação de receber uma lisonja, um elogio, um cumprimento de quem quer que seja. Venha ver-me saturado de ódio, suscitando mil calúnias ou acabrunhado de desprezo, venha dizer-me que as mulheres não o compreendem, caminham a seu lado sem vê-lo, e que nenhuma delas seria capaz de amá-lo: conhecerá então o que há para si no coração e no amor de Luísa. Nossos tesouros devem estar tão bem enterrados que o mundo inteiro os calque aos pés sem suspeitá-los. Se o senhor fosse belo, seguramente eu jamais lhe teria prestado a menor atenção e não teria descoberto em si o mundo de razões que faz desabrochar o amor; e, conquanto não as conheçamos, do mesmo modo por que não sabemos como faz o sol para criar as flores e amadurecer os frutos, não obstante, entre essas razões uma existe que conheço e me encanta. Sua sublime fisionomia não tem seu caráter, sua linguagem, seu aspecto a não ser para mim. Somente eu tenho o poder de transformá-lo, de torná-lo o mais

adorável de todos os homens; não quero, pois, que seu espírito escape de meu poder: ele não deve revelar-se aos outros, do mesmo modo que seus olhos, sua encantadora boca, suas feições nada lhes dizem. Que somente a mim toque acender os clarões de sua inteligência, como inflamo seus olhares. Conserve-se esse sombrio e glacial, esse enfadonho e desdenhoso grande de Espanha que era antes. O senhor era um tosco domínio destruído, em cujas ruínas ninguém se aventurava: era contemplado de longe. E eis que o senhor desbasta estradas complacentes para que todos ali penetrem, e vai tornar-se um amável parisiense! Não se recorda mais de meu programa? Sua alegria dizia demasiado que amava. Foi preciso um olhar meu para impedi-lo de dar a conhecer ao mais perspicaz, ao mais zombeteiro, ao mais espirituoso dos salões de Paris, que Armanda Luísa Maria de Chaulieu lhe dava espírito. Considero-o demasiado grande para recorrer ao menor ardil da política em seu amor; mas, se não tiver comigo a simplicidade de uma criança, eu o lamentaria; e, apesar desta primeira falta, é ainda alvo de profunda admiração para

luísa de chaulieu

XXIII – FELIPE A LUÍSA

Quando Deus vê nossas faltas, vê também nosso arrependimento: tem razão, querida soberana. Senti que lhe tinha desagradado sem poder descobrir a causa de sua preocupação; mas explicou-me, dando-me novos motivos para adorá-la. Seu ciúme, o do Deus de Israel, encheu-me de felicidade. Nada é mais santo nem mais sagrado do que o ciúme. Oh, meu belo anjo da guarda, o ciúme é a sentinela que nunca dorme; ele é para o amor o que o mal é para o homem, um verídico aviso. Tenha ciúme de seu servo, Luísa: quanto mais o castigar, mais ele lamberá, submisso,

humilde e infeliz, o bastão que ao bater-lhe lhe diz quanto se interessa por ele. Mas, ai de mim! Querida, se não viu meus esforços, será então Deus que levará em conta o que fiz para vencer minha timidez, para dominar os sentimentos que julgou fracos em mim? Sim, esforcei-me por mostrar-lhe como eu era antes de amar. Em Madri, sentiam algum prazer na minha conversação, e eu quis que conhecesse o que eu valia. É isso uma vaidade? Castigou-a bastante. Seu último olhar deixou-me num tremor como jamais senti, mesmo quando vi as forças da França diante de Cádiz e minha vida posta em discussão numa hipócrita frase de meu senhor. Procurei a causa de seu desgosto sem poder achá-la e desesperava-me com esse dissídio de nossas almas, pois que devo agir por sua vontade, pensar por seu pensamento, ver pelos seus olhos, gozar do seu prazer e sentir seus pesares, como sinto o frio e o calor. Para mim, o crime e a angústia eram essa falta de simultaneidade na vida de nossos corações, que a senhora tornou tão bela. “Desagradar-lhe...”, repeti mil vezes como um louco. Minha nobre e bela Luísa, se alguma coisa podia aumentar meu absoluto devotamento à senhora e minha inabalável crença na sua santa consciência, seria a sua doutrina que me entrou no coração como uma nova luz. A senhora disse a mim mesmo os meus próprios sentimentos, explicou-me coisas que se achavam confusas em meu espírito... Oh! Se pensa punir desse modo, como serão então as recompensas? Mas ter-me aceito como servo satisfazia a tudo o que eu queria. Recebi de si uma vida inesperada: estou predestinado, meu respirar não é mais inútil, minha existência tem uma finalidade, quando mais não fosse a de sofrer pela senhora. Disse-lhe, repito-o, achar-me-á sempre semelhante ao que eu era, quando me ofereci como um humilde e modesto servo! Sim, estivesse a senhora desonrada e perdida, como disse que poderia ficar, minha ternura aumentaria com suas desditas voluntárias! Eu limparia as chagas, as cicatrizaria, convenceria Deus com as minhas preces de que não é culpada e de que as suas faltas eram crimes de outrem... Não lhe disse que tenho para si, no meu coração, os

múltiplos sentimentos de um pai, de uma mãe, de uma irmã e de um irmão? Que antes de tudo sou para si uma família, tudo e nada, segundo a sua vontade? Mas não foi a senhora mesma que encerrou tantos corações no coração de um amante? Perdoe-me, pois, se sou, de quando em quando, mais amante do que pai e irmão, sabendo que há sempre um irmão, um pai por trás do amante. Se pudesse ler meu coração, quando a vejo bela e radiante, calma e admirada no fundo de sua carruagem nos Champs-Élysées, ou no seu camarote no teatro!... Ah! Se soubesse como o meu orgulho é pouco pessoal ao ouvir um elogio arrancado por sua beleza, por sua atitude, e quanto quero aos desconhecidos que a admiram! Quando, por acaso, a senhora enflora minha alma com uma saudação, fico ao mesmo tempo humilde e orgulhoso, e me vou como se Deus me tivesse abençoado, volto alegre, e minha alegria deixa em mim um longo rastro luminoso: ela brilha nas nuvens de fumaça de meu cigarro, e sei melhor que o sangue que ferve em minhas veias é todo seu. Não imagina então o quanto é amada? Depois de a ter visto, volto ao gabinete onde brilha a magnificência sarracena, mas onde o seu retrato tudo eclipsa, quando aciono a mola que o torna invisível a todos os olhares; e atiro-me então no infinito dessa contemplação: faço aí poemas de felicidade. Do alto dos céus descubro o curso de toda uma vida que ouso esperar! Ouviu alguma vez no silêncio das noites, ou, apesar do ruído do mundo, ressoar uma voz na sua pequenina orelha adorada? Ignora as mil súplicas que lhe são dirigidas? À força de contemplá-la, em silêncio, acabei por descobrir a razão de todos os seus traços, sua correspondência com as perfeições de sua alma: faço-lhe então, em espanhol, sobre essa harmonia das suas duas belas naturezas, sonetos que não conhece, porque minha poesia está muito abaixo do seu motivo e não me atrevo a enviar-lhos. Meu coração está tão completamente absorvido no seu, que não há instante em que não pense na senhora; e se deixasse de animar assim minha vida, haveria sofrimento em mim. Compreende agora, Luísa, que tormento não é para mim ser causa

involuntária de um desprazer seu e não lhe adivinhar o motivo? Essa bela vida dupla detivera-se, e meu coração sentia um frio glacial. Enfim, na impossibilidade de explicar esse desacordo, eu julgava não ser mais amado; regressava bem triste, mas feliz ainda, à minha condição de servo, quando sua carta chegou e me encheu de alegria. Oh! Repreenda-me sempre assim.

Uma criança que caíra disse à sua mãe "Perdão" ao levantar-se, escondendo-lhe o seu sofrimento. Sim, perdão por lhe ter causado uma dor. Pois bem, essa criança sou eu: não mudei, entrego-lhe a chave de meu caráter com a submissão de um escravo; mas, querida Luísa, não tropeçarei mais. Faça com que a corrente, que me prende a si e que a sua mão segura, esteja sempre bastante tensa para que um único movimento indique seus desejos àquele que será sempre

Seu escravo
felipe

XXIV – LUÍSA DE CHAULIEU À SRA. DE L'ESTORADE

Outubro de 1825

Tu, querida amiga, que te casaste em dois meses com um pobre adoentado do qual te fizeste mãe, nada sabes das espantosas peripécias desse drama que se desenrola no fundo dos corações, drama que denominam amor, onde tudo, num momento, se torna trágico, onde a morte está num olhar, numa resposta dada levianamente. Como última prova reservei para Felipe uma que fosse terrível, mas decisiva. Quis saber se era amada "*quand même!*",[139] a grande e sublime expressão dos monarquistas, e por que não dos católicos? Durante toda uma noite

ele passeou comigo sob as tílias do fundo do jardim, sem ter tido na alma sequer a sombra de uma dúvida. No dia seguinte, eu era mais amada, e para ele tão casta, tão grande, tão pura como na véspera; não tirara do passeio nenhuma vantagem. Oh! Ele é bem espanhol, bem abencerragem. Subiu ao muro para vir beijar-me a mão que eu lhe estendia do alto da sacada; quase caiu; quantos moços fariam o mesmo? Tudo isso nada é, os cristãos sofrem martírios pavorosos a fim de ir para o céu. Anteontem, à noite, chamei à parte o futuro embaixador do rei na Corte de Espanha, meu muito honrado pai, e disse-lhe sorrindo:

— Excelência, para um pequeno número de amigos, ides casar nossa querida Armanda com o sobrinho de um embaixador, o qual, desejoso de tal aliança, que mendigou por muito tempo, assegura à supradita Armanda, por contrato de casamento, sua imensa fortuna e seus títulos, depois de sua morte, dando desde já aos dois esposos cem mil libras de renda e estipulando para a noiva um dote de oitocentos mil francos. Vossa filha lamenta-se, mas se curva sob o ascendente irresistível de vossa majestosa autoridade paterna. Alguns maldizentes murmuram que vossa filha oculta sob seus ,prantos uma alma interessada e ambiciosa. Vamos logo, à noite, à Ópera, no camarote dos gentis-homens, e o senhor barão de Macumer lá irá.

— Quer dizer que ele não vai? — perguntou meu pai, sorrindo e tratando-me como se eu fosse uma embaixatriz.

— O senhor está tomando Clarissa Harlowe por Fígaro! — disse, dirigindo-lhe um olhar cheio de desdém e de sarcasmo. — Quando me vir com a mão direita sem luva, o senhor desmentirá esse falatório impertinente e se mostrará ofendido.

— Posso ficar tranquilo quanto ao teu futuro: tens tanto a cabeça de uma rapariga quanto Joana d'Arc o coração de uma mulher. Serás feliz, não amarás ninguém e te deixarás amar.

Dessa vez soltei uma gargalhada.

— Que tens tu, minha pequena faceira? — disse ele.

— Tremo pelos interesses do meu país...

E, vendo que ele não me compreendera, acrescentei:

— Em Madri.

— Não pode imaginar como, ao cabo de um ano, essa religiosa zomba do pai — disse ele à duquesa.

— Armanda zomba de tudo — replicou minha mãe, olhando-me.

— Que quer dizer a senhora? — perguntei-lhe.

— Que você não tem medo de nada, nem mesmo da umidade da noite, que lhe pode causar reumatismo — disse ela, dirigindo-me um outro olhar.

— As manhãs são tão quentes — objetei.

A duquesa baixou os olhos.

— Já é tempo de casá-la — disse meu pai —, e tenho a esperança de que seja antes de minha partida.

— Sim, se o senhor quiser — respondi-lhe simplesmente.

Duas horas depois, minha mãe e eu, a duquesa de Maufrigneuse e a sra. d'Espard, estávamos, como quatro rosas, na frente do camarote. Eu me colocara de lado, apresentando somente um ombro para o público e podendo ver tudo sem ser vista naquele camarote espaçoso que ocupa um dos lados, separados pela colunas, no fundo da sala. Macumer chegou, firmou-se nas pernas, de pé, e pôs o binóculo nos olhos para poder contemplar-me à vontade. No primeiro intervalo entrou o sujeito que eu apelidei de "rei dos malandros", um rapaz de uma beleza feminina. O conde Henrique de Marsay penetrou no camarote com um epigrama no olhos, um sorriso nos lábios, uma expressão alegre em todo o rosto. Dirigiu os primeiros cumprimentos à minha mãe, à sra. d'Espard, à duquesa de Maufrigneuse, ao conde d'Esprignon e ao sr. de Canalis; depois disse-me:

— Não sei se serei o primeiro a felicitá-la por um acontecimento que vai torná-la objeto de inveja.

— Ah! Um casamento! — disse eu. — Será uma jovem recém-saída do

convento que lhe ensinará que os casamentos falados nunca se realizam?

O sr. de Marsay inclinou-se para o ouvido de Macumer, e só pelo movimento dos lábios compreendi perfeitamente que lhe dizia:

— Barão, o senhor ama talvez a essa pequena coquete que se serviu do senhor; mas, como se trata de casamento e não de uma paixão, é bom sempre saber o que se passa.

Macumer dirigiu ao oficioso maldizente um desses olhares que a meu ver são um poema e replicou-lhe algo assim como: "Não amo nenhuma pequena coquete", e isso com uma expressão que me encantou tanto que tirei a luva ao ver meu pai. Felipe não tivera o menor temor, nem a mínima suspeita. Fez exatamente tudo o que eu esperava de seu caráter: só crê em mim, o mundo e suas mentiras não o atingem. O abencerragem não pestanejou, o rubor de seu sangue azul não tingiu suas faces azeitonadas. Os dois jovens condes saíram. Rindo, disse eu então a Macumer:

— O sr. de Marsay fez-lhe um epigrama a meu respeito.

— Muito mais do que um epigrama — respondeu ele —, um epitalâmio.

— Está a falar-me grego — disse-lhe, sorrindo e recompensando-o com um certo olhar que sempre o deixa fora de si.

— Como não! — exclamou meu pai, dirigindo-se à sra. de Maufrigneuse. — Correm diz que diz que infames. Apenas uma moça é apresentada em sociedade, querem por força casá-la e inventam absurdos! Jamais casarei Armanda contra a vontade dela. Vou dar uma volta pelo *foyer*, pois poderiam acreditar que eu deixo esses boatos se propalarem a fim de lembrar a coisa ao embaixador; e a filha de César deve ser menos suspeitada ainda do que a sua mulher, que o não deve ser absolutamente.

A duquesa de Maufrigneuse e a sra. d'Espard olharam para minha mãe, depois para o barão, com um ar espevitado, zombeteiro, cheio de manhas e de interrogações refreadas. Aquelas espertas serpentes

acabaram por entrever algo. De todas as coisas secretas, o amor é a mais pública, e as mulheres, penso eu, o exalam. Por isso, para bem escondê-lo, é preciso que a mulher seja um monstro! Nossos olhos são mais indiscretos ainda do que nossa língua. Depois de ter gozado o prazer de ver Felipe tão grande quanto eu desejava, quis mais, naturalmente. Fiz, então, o sinal convencionado para lhe dizer que fosse à minha janela pelo perigoso caminho que conheces. Poucas horas depois, achei-o ereto como uma estátua, colado contra o muro, com a mão apoiada na sacada de minha janela, estudando os reflexos da luz no meu apartamento.

— Meu caro Felipe — disse-lhe —, portou-se muito bem esta noite: seu procedimento foi exatamente o que eu teria tido se me avisassem de que você ia casar-se.

— Pensei que, a ser verdade, ter-me-ia avisado antes que aos demais.

— E qual é seu direito a esse privilégio?

— O de um servo dedicado.

— E o é?

— Sim — disse ele —, e jamais mudarei.

— Pois bem, se esse casamento fosse necessário, se eu me resignasse...

O suave clarão da lua foi como que iluminado pelo dois olhares que ele dirigiu, primeiro a mim, e a seguir à espécie de abismo aberto pelo muro. Pareceu perguntar a si mesmo se podíamos morrer juntos; mas, depois de ter brilhado como um relâmpago em seu rosto e fuzilado em seus olhos, esse sentimento foi comprimido por uma força superior à da paixão.

— O árabe só tem uma palavra — disse com a voz estrangulada. — Sou seu servo e lhe pertenço; viverei toda a vida para você.

A mão pousada sobre a sacada pareceu-me fraquejar; coloquei sobre ela a minha, dizendo:

— Felipe, meu amigo, sou por minha livre e espontânea vontade sua mulher desde este momento. Vá de manhã pedir minha mão a meu pai. Ele quer ficar com a minha fortuna, mas você assumirá o compromisso de

por contrato reconhecer tê-la recebido e, sem a menor dúvida, será aceito. Não sou mais Armanda de Chaulieu; desça depressa, Luísa de Macumer não deve cometer a menor imprudência.

Ele empalideceu, afrouxaram-se-lhe as pernas, deu um salto de cerca de dez pés para o chão, sem se machucar por pouco que fosse; mas, depois de ter-me causado a mais horrível emoção, saudou-me com a mão e desapareceu. “Sou pois amada, como jamais uma mulher o foi!”, disse a mim mesma. E adormeci com uma satisfação infantil; minha sorte ficara fixada para sempre. Cerca das duas horas, meu pai mandou chamar-me para o seu gabinete, onde encontrei a duquesa e Macumer. Trocaram-se graciosamente os compromissos. Eu respondi simplesmente que, se o sr. Henarez tinha entrado em entendimento com meu pai, não tinha nenhum motivo para me opor aos desejos de ambos.

Dito isso, a duquesa reteve Macumer para jantar, após o que fomos os quatro dar um passeio pelo Bois de Boulogne. Olhei zombeteiramente para o sr. de Marsay quando ele passou a cavalo, pois notou que Macumer e meu pai iam no banco da frente da caleça.

O meu adorável Felipe mandou assim modificar os seus cartões:

henarez
dos duques de Sória, barão de Macumer.

Todas as manhãs ele me traz pessoalmente um ramalhete de uma deliciosa magnificência, no meio do qual encontro sempre uma carta que contém um soneto espanhol, em meu louvor, escrito por ele durante a noite.

Para não aumentar este pacote, mando-te como amostra o primeiro e o último desses sonetos que te traduzi palavra por palavra e verso por verso.

primeiro soneto

Mais de uma vez, sob fina veste de seda – espada em guarda sem que o coração tivesse uma pulsação a mais – esperei o assalto do touro furioso – e o seu corno mais agudo que o crescente de Febo.

Subi cantarolando uma seguidilha andaluza – a rampa de um reduto sob uma chuva de ferro; *– joguei a vida no tapete verde do acaso – sem me preocupar dela mais do que com um dobrão de ouro.*

Seguraria com a mão a bala na boca de um canhão; *– creio, porém, que estou ficando mais tímido do que uma lebre alertada*; *– do que uma criança que vê um espectro no vão de uma janela.*

Pois, quando me olhas com tuas suaves pupilas – cobre-me a fronte um suor gelado, e se me afrouxam os joelhos – tremo, recuo, perco a coragem.

segundo soneto

Esta noite, quis dormir para sonhar contigo; *– mas o sono invejoso fugiu das minhas pálpebras*; *– cheguei junto à sacada e contemplei o céu*: *– quando penso em ti, meus olhos se erguem para o alto.*

Fenômeno estranho, que só o amor explica – o firmamento perdera a sua cor de safira; *– as estrelas, diamantes extintos no seu engaste de ouro – tinham só olhares mortos, raios esfriados.*

A lua limpa de sua maquilagem de lírio e prata – rolava tristemente no monótono horizonte – pois roubaste ao céu todos os seus esplendores.

A brancura da lua brilha sobre tua fronte encantadora – nas tuas pupilas concentrou-se todo o azul do céu – e teus cílios são formados pelos raios das estrelas.

É possível demonstrar mais graciosamente a uma moça que só pensa nela? Que dizes desse amor que se exprime prodigalizando as flores da

inteligência e as flores da terra? Faz dez dias que conheço o que é a galantaria espanhola, tão famosa outrora.

Ora essa! Querida, que se está passando na Crampade, onde tantas vezes passeio, examinando os progressos da nossa agricultura? Nada tens a dizer-me das nossas amoreiras, das nossas plantações do inverno passado? Está saindo tudo segundo os teus desejos? Desabrocharam as flores no teu coração de esposa ao mesmo tempo que as dos nossos maciços? Não ouso dizer das nossas platibandas? Luís continua no seu sistema de madrigais? Vocês se dão bem? O suave murmúrio de teu filete de ternura conjugal vale mais do que a turbulência das torrentes do meu amor? Meu gentil doutor de saias zangou-se? Não o posso crer e mandarei Felipe como mensageiro ajoelhar-se a teu pés e trazer-me tua cabeça ou o meu perdão, se o concederes. Passo aqui uma bela vida, querido amor, e quisera saber como vai a da Provença. Acabamos de aumentar nossa família com um espanhol escuro como um charuto de Havana, e ainda estou à espera de tuas felicitações.

Realmente, minha bela Renata, estou inquieta, receio que estejas tragando algum sofrimento para não entristecer minhas alegrias, malvada! Escreve-me breve algumas páginas nas quais me pintes tua vida nos seus infinitamente pequenos detalhes, e dize-me se continuas resistindo, se teu livre-arbítrio está de pé ou de joelhos, ou senão sentado, o que seria grave. Julgas que não me preocupam as peripécias de teu casamento? Tudo o que me escreveste faz-me por vezes cismar. Muitas vezes, quando eu parecia, na Ópera, estar olhando para as piruetas dos dançarinos, a mim mesma dizia: “São nove e meia, ela talvez se esteja deitando. — Que estará fazendo? É feliz? Estará só, com o seu livre-arbítrio? Ou seu livre-arbítrio está aonde vão os livres-arbítrios de que não fazemos mais caso?...”

Mil carinhos.

XXV – RENATA DE L'ESTORADE A LUÍSA DE CHAULIEU

Outubro

Impertinente! Para que havia de escrever-te? Que poderia dizer-te? Durante essa vida animada por festas, pelas angústias do amor, por suas cóleras e suas flores que me descreves, e à qual assisto como a uma peça teatral bem representada, eu levo uma vida monótona e regrada, à semelhança da vida de convento. Deitamo-nos sempre às nove horas e levantamo-nos com o sol. Nossas refeições são sempre servidas com exatidão desesperadora. Nem o mais insignificante acidente. Acostumei-me, e sem grande dificuldade, a essa divisão do tempo. Isso é talvez natural: que seria da vida sem essa sujeição a regras fixas que, segundo os astrônomos e no dizer de Luís, regem os mundos? A ordem não cansa. De resto, impus-me cuidados de *toilette* que me tomam o tempo entre a hora de levantar-me e o almoço: faço questão de comparecer a este encantadora, em obediência aos meus deveres de mulher, o que me traz satisfação além do vivo contentamento que proporciono ao bom do velho e a Luís. Depois do almoço passeamos. Quando chegam os jornais, eu desapareço para entregar-me aos trabalhos domésticos, ou para ler, pois leio muito, ou senão para te escrever. Volto uma hora antes do jantar, e depois jogamos, recebemos ou fazemos visitas. Passo assim meus dias entre um ancião feliz, sem desejos, e um homem para quem sou a felicidade. Luís vive tão contente que sua alegria acabou aquecendo minha alma. A felicidade, para nós, não deve ser com certeza o prazer. Algumas vezes, à noite, quando não sou indispensável para a partida e mergulho numa poltrona, meu pensamento tem forças suficientes para fazer-me penetrar em ti; desposo então tua bela vida tão fecunda, tão matizada, tão violentamente agitada, e a mim mesma pergunto: aonde te levarão esses turbulentos prefácios; não irão eles matar o livro? Podes ter as ilusões do amor, tu, minha mimosa; mas para mim restam apenas as

realidades domésticas. Sim, teus amores parecem-me um sonho! Por isso sinto dificuldade em compreender como os tornas tão românticos. Queres um homem que tenha mais alma do que sentidos, mais grandeza e virtude do que amor; queres que o sonho das donzelas ao alvorecer da vida se corporifique; pedes sacrifícios para recompensá-los; submetes teu Felipe a provas, para saber se o desejo, a esperança e a curiosidade serão duráveis. Mas, filhinha, por trás das tuas fantásticas ornamentações ergue-se um altar no qual se prepara uma união eterna. No dia seguinte ao casamento, o ato terrível, que faz da donzela uma mulher e do enamorado um marido, pode derrubar os andaimes de tuas sutis precauções. Precisas saber, pois, finalmente, que dois namorados, da mesma forma que duas pessoas casadas, como eu e Luís, vão buscar, sob as alegrias de uma boda, segundo a expressão de Rabelais, "um grande talvez".[140]

Não te censuro, embora haja alguma leviandade, de ir conversar com dom Felipe no fundo do jardim, de o interrogar, de passar uma noite na tua sacada, com ele em cima do muro; mas, criança, estás brincando com a vida, e tenho receio de que a vida brinque contigo. Não me atrevo a aconselhar-te o que a experiência me sugere para a tua felicidade; deixa-me, porém, repetir-te ainda uma vez, do fundo de meu vale, que o viático do casamento está contido nestas palavras: resignação e devotamento! Porque, vejo, não obstante tuas provas, apesar do teu coquetismo e tuas observações, tu te casarás absolutamente como eu. Ao ampliar o desejo, cava-se um pouco mais profundo o abismo, eis tudo.

Oh! Como eu quisera ver o barão de Macumer e falar-lhe durante algumas horas de tanto que desejo a tua felicidade.

XXVI – LUÍSA DE MACUMER A RENATA DE L'ESTORADE

Março de 1825

Como Felipe, com uma generosidade de sarraceno, realiza os planos de meu pai e de minha mãe, dando como recebida minha fortuna sem ser isso exato, a duquesa tornou-se ainda melhor para mim do que antes. Chama-me de *pequena astuta*, de *pequena finória*, diz que tenho o *bico afiado*.

— Mas, querida mamãe — disse-lhe eu na véspera da assinatura do contrato —, a senhora atribui à política, à manha, à habilidade os efeitos do mais verdadeiro, do mais ingênuo, do mais desinteressado e do mais completo amor que já existiu! Saiba, pois, que não sou a *finória* pela qual me faz a honra de tomar-me.

— Deixa disso, Armanda — disse, enlaçando-me pelo pescoço, atraindo-me para si e beijando-me na testa —, não quiseste voltar para o convento, não quiseste ficar solteirona e, como uma grande e bela Chaulieu que és, sentiste a necessidade de reerguer a casa de teu pai... (Se soubesses, Renata, o que há de lisonja nessa frase para o duque, que nos estava ouvindo!) Eu te vi durante um inverno todo metendo tua carinha em todas as quadrilhas, julgando muito bem os homens e adivinhando o mundo atual em França. Por isso destacaste o único espanhol capaz de te dar a bela vida de uma mulher soberana em sua casa. Minha querida filhinha, trataste-o como Túlia trata teu irmão.

— Que escola o convento de minha irmã! — disse meu pai.

Dirigi ao duque um olhar que o fez calar de súbito; depois virei-me para a duquesa e disse-lhe:

— Senhora, amo meu noivo, Felipe de Sória, com todas as veras de minha alma. Conquanto esse amor tenha sido muito involuntário e muito combatido, quando surgiu em meu coração, juro-lhe que não me entreguei a ele senão no momento em que reconheci no barão de Macumer uma alma digna da minha, um coração no qual as delicadezas, as generosidades, o devotamento, o caráter e os sentimentos se harmonizavam com os meus.

— Mas, querida — replicou ela, interrompendo-me —, ele é feio

como...

— Como tudo o que a senhora quiser — disse eu vivamente —, mas amo essa fealdade.

— Pois bem, Armanda — disse meu pai —, se o amas e se tiveste forças para dominar teu amor, não deves arriscar tua felicidade. Ora, a felicidade depende muito dos primeiros dias do casamento...

— E por que não dizer-lhe das primeiras noites? — interveio minha mãe. — Deixe-nos, senhor — acrescentou a duquesa, olhando para meu pai.

— Daqui a três dias te casarás — disse-me mamãe ao ouvido —, devo pois, agora, sem pieguices burguesas, fazer-te as sérias recomendações que todas as mães fazem às filhas. Desposas um homem a quem amas; por isso não tenho por que lamentar-te, nem a me lamentar a mim mesma. Só convivi contigo de um ano para cá; se isso bastou para querer-te, tampouco é suficiente para que desate a chorar por perder tua companhia. Teu espírito sobrepujou tua beleza; lisonjeaste-me no meu amor-próprio de mãe e procedeste como uma boa e amável filha. Por isso encontrarás sempre em mim uma excelente mãe. Sorris?... Infelizmente, muitas vezes, nas situações em que mãe e filha conviveram bem, as duas mulheres acabam brigando. Quero ver-te feliz. Ouve-me, pois. O amor que experimentas é um amor de menina, o amor natural de todas as mulheres que nasceram para se dedicar a um homem; mas, ai de nós! minha filha, no mundo não há senão um homem para nós, e nunca dois! E aquele que somos destinadas a querer nem sempre é o que escolhemos para marido, embora julgando amá-lo. Por mais singulares que te pareçam minhas palavras, reflete sobre elas. Se não amamos o que escolhemos, a culpa nos toca a nós e a ele, e, às vezes, há circunstâncias que não dependem nem dele nem de nós; e, não obstante, nada se opõe a que o homem que nossa família nos dá, o homem ao qual se dirige nosso coração seja o homem amado. A barreira, que mais tarde se ergue entre nós e ele, surge muitas vezes por uma falta de perseverança que vem quer

de nós, quer de nosso marido. Fazer do marido um amante é obra tão delicada quanto a de fazer do amante marido, e disso acabas de te desempenhar às mil maravilhas. Pois bem, repito-o, quero ver-te feliz. Lembra-te pois, desde já, que nos três primeiros meses de teu casamento poderias vir a ser infeliz se, por teu lado, não te submetesses a ele com espírito obediente, com ternura e a inteligência que empregaste nos teus amores. Pois, minha sabidinha, tu te deixaste levar a todos os gozos inocentes de um amor clandestino. Se o amor feliz começar para ti com desencantos, com desprazeres, até com dores, então procura-me. Em primeiro lugar não esperes demasiado do casamento, ele te daria talvez mais aborrecimentos do que alegrias. Tua felicidade exige ser tão cultivada quanto o exigiu teu amor. Enfim, se por acaso perdesses o amante, ficar-te-ia o pai de teus filhos. Aí, filha minha, aí está toda a vida social. Sacrifica tudo ao homem cujo nome é o teu, cuja honra e consideração não podem sofrer o menor ataque que não produza em ti um enorme abalo. Tudo sacrificar ao marido não é somente um dever absoluto para mulheres de nossa posição social, é também o cálculo mais hábil. O mais belo atributo dos grandes princípios de moral é o de serem verdadeiros e proveitosos, seja qual for o lado pelo qual os estudemos. Bem, isso basta. Agora, julgo-te propensa ao ciúme; também eu, querida, sou ciumenta!... Mas não te quisera ver totalmente ciumenta. Ouve: o ciúme que se exibe assemelha-se a uma política que pusesse as cartas na mesa. Confessar-se ciumenta, deixar que o vejam, não é mostrar o próprio jogo? Ficarias, então, sem saber nada do jogo do outro. Em quaisquer circunstâncias devemos saber sofrer em silêncio. De resto, pretendo ter uma palestra séria com Macumer, a teu respeito, na véspera do casamento.

Segurei o formoso braço de minha mãe e beijei-lhe a mão, deixando cair nela uma lágrima que seu tom de voz me fizera subir aos olhos. Nessa elevada moral, digna dela e de mim, percebi a mais profunda sabedoria, uma ternura sem hipocrisias sociais e, acima de tudo, uma verdadeira

apreciação de meu caráter. Naquelas simples palavras ela pusera o resumo dos ensinamentos que a sua vida e a sua experiência lhe venderam, talvez, tão caro. Ela sentiu-se comovida e disse, olhando-me:

— Querida filhinha, vais dar um terrível passo. E a maioria das mulheres ignorantes ou desiludidas é capaz de imitar o conde de Westmoreland!

Rimo-nos as duas. Para explicar-te essa pilhéria, devo dizer-te que, à mesa, na véspera, uma princesa russa nos contara que o conde de Westmoreland, tendo sofrido terrivelmente do enjoo durante a travessia da Mancha e desejando ir à Itália, desistiu e deu volta quando lhe falaram na travessia dos Alpes: "Já estou farto de travessias dessa espécie", disse ele. Compreendes, Renata, que a tua sombria filosofia e a moral de minha mãe eram de natureza a despertar os temores que nos agitavam em Blois. Quanto mais se aproximava o casamento, tanto mais eu armazenava forças, vontade, sentimentos para resistir à terrível passagem do estado de donzela para o de mulher. Todas as nossas conversações me voltavam ao espírito, eu relia as tuas cartas, descobrindo nelas não sei que melancolia oculta. Essas apreensões tiveram o mérito de fazer de mim a noiva vulgar das gravuras e do público. Por isso a sociedade achou-me encantadora e muito correta no dia da assinatura do contrato. Hoje de manhã, na *mairie*,[141] aonde fomos sem aparato, somente estavam as testemunhas. Estou terminando esta cartinha no momento em que preparam minha *toilette* para o jantar. Nós nos casaremos na igreja de Sainte-Valère, hoje à meia-noite, depois de um brilhante sarau. Confesso que meus temores me dão um ar de vítima e um falso pudor que me acarretarão admirações, das quais nada compreendo. Estou encantada por ver meu pobre Felipe tão meninote como eu; a sociedade o fere, ele parece um morcego numa loja de cristais.

— Felizmente que este dia tem um amanhã — disse-me ele ao ouvido, sem sombra de malícia.

Por ele não viria ninguém, de tão envergonhado e tímido. Quando veio

assinar o contrato, o embaixador da Sardenha chamou-me à parte para oferecer-me um colar de pérolas preso por seis magníficos diamantes. É o presente de minha cunhada, a duquesa de Sória. Esse colar veio acompanhado de uma pulseira de safiras na qual está gravado: "*Amo-te sem conhecer-te!*". Duas cartas encantadoras envolviam esses presentes, que não quis aceitar sem saber se Felipe o permitia.

— Por que — disse-lhe eu — não quisera que você tivesse coisa alguma que não viesse de mim?

Enternecido, beijou-me a mão e respondeu-me:

— Use-o por causa do lema e dessas ternuras que são sinceras...

Sábado à noite

Aqui vão, minha pobre Renata, as últimas linhas da virgem. Depois da missa da meia-noite, partiremos para uma propriedade que Felipe, por uma delicada atenção, comprou no Nivernais, no caminho da Provença. Já me chamo Luísa de Macumer, mas deixo Paris daqui a poucas horas como Luísa de Chaulieu. Seja qual for o meu nome, serei sempre para ti

luísa

XXVII – DA MESMA PARA A MESMA

Outubro de 1825

Nada mais te escrevi, querida, desde o casamento na *mairie*, e já lá se vão oito meses. Quanto a ti, nem uma palavra! Senhora, isso é horrível.

Bem, fomos em carruagem de posta para o castelo de Chantepleurs, a propriedade comprada por Macumer no Nivernais, nas margens do Loire, a sessenta léguas de Paris. Nossa criadagem, menos a camareira, já lá estava, esperando-nos, e chegamos com extrema rapidez, no dia seguinte

à tarde. Dormi desde Paris até além de Montargis. A única liberdade que meu senhor e dono se permitiu foi a de me amparar pela cintura e de manter minha cabeça no seu ombro, onde ele estendera vários lenços. Essa atenção quase maternal, que lhe fazia vencer o sono, causou-me não sei que emoção profunda. Adormecida sob o fogo de seus olhos negros, despertei sob sua chama: o mesmo ardor, o mesmo amor; mas milhares de pensamentos por ali haviam cruzado! Por duas vezes beijou minha fronte.

Almoçamos no carro, em Briare. No dia seguinte, às sete horas e meia, depois de ter conversado como eu conversava contigo em Blois, admirando esse Loire que nós duas admirávamos, entramos na bela e comprida avenida de tílias, de acácias, de sicômoros e de larícios que conduz a Chantepleurs. Aí às oito horas jantamos; às dez horas estávamos num formoso quarto gótico, embelezado com todas as invenções do luxo moderno. Meu Felipe, que todos acham feio, pareceu-me bastante belo, belo de bondade, de graça, de ternura, de requintada delicadeza. Não via nem vestígios dos desejos de amor. Durante a viagem ele se portara como um amigo a quem eu conhecesse há quinze anos. Descreveu-me, como ele sabe descrever (é sempre o homem da primeira carta), as pavorosas tormentas que conteve e que vinham morrer na superfície de seu rosto.

— Até agora nada há de assustador no casamento — disse eu, dirigindo-me à janela e vendo, sob um soberbo luar, um delicioso parque de onde emanavam penetrantes perfumes.

Ele veio para junto de mim, enlaçou-me a cintura e disse:

— E por que assustar-se? Desmenti eu, acaso, por um gesto, por um olhar, as minhas promessas? Desmenti-las-ei algum dia?

Jamais uma voz, um olhar terão tal poder; a voz fazia-me vibrar todas as fibras do corpo e despertava todos os sentimentos; o olhar tinha uma força solar.

— Oh! — disse-lhe eu. — Quanta perfídia mourisca há na sua perpétua escravidão!

Querida, ele me compreendeu.

Por isso, bela corça, se passei tantos meses sem te escrever, podes agora adivinhar o porquê. Sou forçada a recordar o estranho passado da donzela para explicar-te a mulher. Hoje, Renata, eu te compreendo. Não é nem a uma amiga íntima, nem à própria mãe, nem a si mesma talvez, que uma jovem recém-casada pode falar de seu feliz casamento. Devemos deixar essa recordação em nossa alma como mais um sentimento que nos pertence exclusivamente, e para o qual não há nome. Como! Denominou-se um dever às graciosas loucuras do coração e à irresistível atração do desejo. E por quê? Que horrível potência se lembrou de nos obrigar a calcar aos pés as delicadezas do gosto, os mil pudores da mulher, convertendo essas voluptuosidades em deveres? Como se poderia dever essas flores da alma, essas rosas da vida, esses poemas da sensibilidade exaltada a um ser a quem não se amasse? Direitos em tais sensações! Mas, se elas nascem e se expandem ao sol do amor, ou seus germes se destroem sob o frio da repugnância e da aversão, ao amor incumbe sustentar tais prestígios! Ó minha sublime Renata, acho-te agora muito grande! Dobro os joelhos diante de ti, admiro tua profundeza e tua perspicácia. Sim, a mulher que não faz como eu um secreto casamento de amor, oculto sob as bodas legais e públicas, deve atirar-se na maternidade como uma alma, a que falta a terra, se projeta para o céu! De quanto me escreveste sobressai um princípio cruel: somente os homens superiores sabem amar. Hoje sei por quê. O homem obedece a dois princípios. Há nele a necessidade e o sentimento. Os seres inferiores ou fracos tomam a necessidade por sentimento, ao passo que os seres superiores disfarçam a necessidade sob os admiráveis ouropéis do sentimento: este por sua violência lhes comunica uma excessiva reserva e lhes inspira a adoração da mulher. Evidentemente a sensibilidade está na razão direta da potência das organizações interiores, sendo pois que o homem de gênio é então o único que se aproxima das nossas delicadezas: ele ouve, adivinha, compreende a mulher; ele a ergue nas asas de seu

desejo, contido pela timidez dos sentimentos. Por isso, quando a inteligência, o coração e os sentidos, todos eles inebriados, nos arrastam, não se cai sobre a terra; elevamo-nos às esferas celestes e, desgraçadamente, ali não permanecemos muito tempo. Tal é, alma querida, a filosofia dos três primeiros meses de meu casamento. Felipe é um anjo. Posso pensar em voz alta com ele. Sem figura de retórica, ele é um outro eu. Sua grandeza é inexplicável: a posse prende-o cada vez mais e descobre na felicidade novos motivos para amar. Para ele sou a mais bela parte de seu ser. Vejo-o: anos de casamento, longe de alterarem o objeto das suas delícias, aumentarão a sua confiança, desenvolverão novas sensibilidades e fortificarão a nossa união. Que feliz delírio! É de tal natureza a minha alma que os prazeres deixam em mim fortes clarões, aquecem-me, impregnam-se no meu ser interior: o intervalo que os separa é como a noite fugaz dos grandes dias. O sol que dourou os cimos, quando no ocaso, encontra-os quase quentes ao erguer-se. Por que feliz acaso foi assim para mim desde o começo? Minha mãe despertara em mim mil temores; suas previsões, que me pareceram cheias de ciúme, embora sem a menor mesquinhez burguesa, foram desmentidas pelos acontecimentos, pois os teus receios, os dela e os meus, tudo se dissipou! Permanecemos sete meses e meio em Chantepleurs, como dois amantes, um dos quais raptou o outro e que tivessem fugido dos pais zangados. As rosas do prazer coroaram nosso amor, elas enfloram nossa vida a dois. Numa súbita volta sobre mim mesma, numa manhã em que me sentia plenamente feliz, pensei na minha Renata e no seu casamento de conveniência e adivinhei a tua vida, penetrei-a! Ó meu anjo, por que teremos de falar uma linguagem diferente? Teu casamento puramente social e o meu, que é um amor feliz, são dois mundos que não se podem compreender, tanto quanto o finito não pode compreender o infinito. Tu ficas na Terra, eu estou no céu! Tu estás na esfera humana, e eu, na esfera divina. Eu reino pelo amor, tu reinas pelo cálculo e pelo dever. Eu subi tão alto que, se houvesse uma queda, ficaria partida em mil fragmentos.

Enfim, devo calar-me, pois envergonho-me de te pintar o brilho, a riqueza, as deslumbrantes alegrias desta primavera de amor.

Faz dez dias que estamos em Paris, num encantador palacete, na rue du Bac, preparado pelo arquiteto a quem Felipe encarregara de reformar Chantepleurs. Acabo de ouvir, com a alma largamente aberta pelos prazeres permitidos de um casamento feliz, a música celeste de Rossini, que eu ouvira com a alma inquieta, atormentada, malgrado meu, pelas curiosidades do amor. De um modo geral, acharam-me mais bonita, e fico que nem uma meninazinha quando ouço chamarem-me de senhora.

Sexta-feira, pela manhã

Renata, minha bela santa, minha felicidade faz-me constantemente voltar para ti. Sinto-me melhor para ti do que jamais o fui; sou-te tão dedicada! Estudei tão profundamente tua vida conjugal pelo começo da minha, e vejo-te tão grande, tão nobre, tão magnificamente virtuosa, que me constituo aqui tua inferior, tua sincera admiradora ao mesmo tempo que tua amiga. Ao ver o que é meu casamento, sinto que teria morrido se ele tivesse sido diferente. E tu vives? Por que sentimento, dize-mo? Também não me permitirei mais nenhum gracejo contigo. Ai de mim! O gracejo, meu anjo, é filho da ignorância: zombamos daquilo que não conhecemos. “Nas situações em que os recrutas riem, os veteranos ficam sisudos”, disse-me o conde de Chaulieu, pobre capitão de cavalaria que até agora só tem ido de Paris a Fontainebleau e vindo de Fontainebleau a Paris. Por isso, querida amada, palpita-me que não me contaste tudo. Sim, encobriste-me algumas feridas. Sofres, sinto-o. A teu respeito fantasiei romances de ideias, querendo, à distância e pelo pouco que me referiste, achar os motivos de teu procedimento. Uma tarde, pensei: ela fez apenas um ensaio de casamento e o que para mim é uma felicidade para ela foi somente sofrimento. Foram inúteis os seus sacrifícios e quer limitar-lhes o número. Mascara seus pesares sob os pomposos axiomas da moral

social. Ah! Renata, o que é admirável é que o prazer não tem necessidade de religião, de pompas, nem de palavras altissonantes, é tudo por si mesmo; ao passo que, para justificar as atrozes combinações de nossa escravidão e de nossa vassalagem, os homens acumularam teorias e máximas. Se tuas imolações são belas e sublimes, a minha felicidade, abrigada sob o pálio branco e ouro da igreja e rubricado pelo mais enfadonho dos *maires*,[142] seria então uma monstruosidade? Para honra das leis, por ti, mas sobretudo para que meus prazeres fossem completos, eu te quisera ver feliz, minha Renata. Oh! Dize-me que sentes invadir-te o coração um pouco de amor por esse Luís que te adora! Dize-me que o facho simbólico e solene do himeneu não te serviu somente para dissipar trevas! Pois o amor, meu anjo, é bem exatamente para a natureza moral o que o Sol é para a Terra. Volto sempre a falar-te dessa luz que me ilumina e que, temo-o, me consumirá. Querida Renata, tu que me dizias nos teus êxtases de amizade, sob a sombra das vinhas no fundo do convento: “Quero-te tanto, Luísa, que se Deus se mostrasse, eu lhe pediria para mim todas as dores e para ti todas as alegrias da vida. Sim, tenho a paixão do sofrimento!”. Pois bem, querida, hoje retribuo teu almejo e peço em altos brados a Deus que divida entre nós duas os meus prazeres.

Ouve: adivinhei que te tornaste ambiciosa sob o nome de Luís de l’Estorade; pois bem, nas próximas eleições, faze com que ele seja eleito deputado, porque ele terá cerca de quarenta anos e, como a Câmara não se reunirá senão dentro de seis meses depois das eleições, ele estará então precisamente com a idade requerida para ser um homem político. Virás a Paris, não te digo mais nada. Meu pai e os amigos que vou granjear vos apreciarão e se teu velho sogro quiser constituir um morgadio, obteremos para Luís o título de conde.[143] Já será alguma coisa! Enfim! Estaremos juntas.

XXVIII – RENATA DE L'ESTORADE A LUÍSA DE MACUMER

Dezembro de 1825

Minha muito feliz Luísa, deslumbraste-me. Durante alguns instantes sustive. nas mãos tua carta, na qual brilhavam ao sol poente algumas lágrimas minhas, ficando de braços caídos e sozinha ao pé do rochedo árido, onde mandei colocar um banco. Ao longe, como uma lâmina de aço, brilha o Mediterrâneo. Algumas árvores fragrantes sombreiam este banco, junto do qual fiz plantar um enorme jasmineiro, madressilvas e algumas giestas. O rochedo, um dia, ficará completamente coberto de trepadeiras. Já lá tenho vinhas virgens. Mas o inverno se aproxima, e toda essa verdura parece uma velha tapeçaria. Quando estou aqui ninguém me vem perturbar, pois sabem que desejo estar só. Esse banco se chama o banco de Luísa. Não equivale isso a dizer-te que não fico sozinha aqui, embora só?

Se te refiro esses detalhes, tão insignificantes para ti, se te pinto essa verdejante esperança que, por antecipação, reveste esse rochedo nu, imponente, no alto do qual os acasos da vegetação colocaram um dos mais belos pinheiros, é porque encontrei aqui imagens a que me afeiçoei.

Alegrando-me com teu feliz casamento (e por que não te confessarei tudo?), invejando-o com todas as minhas forças, senti o primeiro movimento de meu filho, que, das profundezas de minha vida, reagiu sobre as profundezas de minha alma. Essa surda sensação que é ao mesmo tempo um aviso, um prazer, uma dor, uma promessa, uma realidade; essa felicidade que é só minha no mundo e que se mantém um segredo entre mim e Deus, esse mistério me revelou que o rochedo seria um dia recoberto de flores, que os alegres risos de uma família ali ressoariam, que as minhas entranhas estavam por fim abençoadas e dariam vida a jorros. Senti que nascera para mãe! Por isso a primeira certeza que tive de trazer em mim uma outra vida me deu benfazejas

consolações. Uma imensa alegria coroou todos estes longos dias de dedicação que já fizeram a felicidade de Luís.

— Dedicação! — a mim mesma perguntei. — Não serás tu mais do que o amor? Não és tu a mais profunda volúpia, por seres uma volúpia abstrata, a volúpia geradora? Não serás tu, ó Dedicação, a faculdade superior ao efeito? Não és tu a misteriosa e infatigável divindade oculta sob as inúmeras esferas, num centro desconhecido por onde passam sucessivamente todos os mundos? A Dedicação, sozinha no seu segredo, cheia de prazeres saboreados em silêncio, sobre os quais ninguém dirige um olhar profano e que ninguém suspeita, a Dedicação, densa, ciosa e acabrunhante, deusa vencedora e forte, inesgotável por participar da própria natureza das coisas e que é assim sempre igual a si mesma, apesar do derramamento de suas forças, a Dedicação, eis pois o signo de minha vida.

O amor, Luísa, é um esforço de Felipe sobre ti, mas a irradiação de minha vida sobre a família provocará uma reação incessante desse pequenino mundo sobre mim! Tua bela messe dourada é passageira; mas a minha, embora retardada, não será por isso mais durável? Renovar-se-á de momento a momento. O amor é o mais lindo furto que a sociedade soube fazer à natureza; mas a maternidade não é a natureza na sua felicidade? Um sorriso secou-me as lágrimas. O amor torna o meu Luís feliz: mas o casamento fez-me mãe e também quero ser feliz! Voltei então vagarosamente ao meu branco bastião de persianas verdes para escrever-te esta.

Portanto, querida, o fato mais natural e mais surpreendente em nós firmou-se em mim faz cinco meses; mas posso dizer-te baixinho que em nada ele perturba meu coração, nem minha inteligência. Vejo-os a todos felizes: o futuro avô usurpa os direitos do neto, tornou-se uma espécie de criança; o pai toma ares graves e inquietos; todos me cercam de cuidados, falam da felicidade de ser mãe. Ai de mim! Se eu nada sinto e não me animo a confessar o estado de insensibilidade perfeita em que estou.

Minto um pouco para não lhes toldar a alegria. Como contigo me é permitido ser franca, confesso-te que, na crise em que me acho, a maternidade começa apenas na imaginação. Luís ficou tão surpreendido, como eu mesma, de minha gravidez. Não equivale isso a dizer-te que esta criança veio por si mesma, sem ter sido desejada mais do que pelos votos impacientemente expressos pelo pai? O acaso, querida, é o deus da maternidade. Porquanto, segundo diz nosso médico, esses acasos estejam em harmonia com os desígnios da natureza, ele não me negou que as crianças, que tão graciosamente são denominadas filhas do amor, deviam ser belas e inteligentes; que suas vidas eram, muitas vezes, como que protegidas pela felicidade que, brilhante estrela!, irradiara por ocasião da sua concepção. Talvez, portanto, Luísa, terás em tua maternidade alegrias que devo ignorar na minha. É possível que se queira mais ao filho de um homem adorado, como tu adoras Felipe, que ao de um marido que se desposou por conveniência, ao qual nos entregamos por dever, para afinal de contas sermos mulheres! Esses pensamentos, guardados no fundo do meu coração, concorrem para aumentar minha gravidade de mãe, em esperança. Mas, como não há família sem filhos, meu desejo quisera apressar o instante no qual começarão para mim os prazeres da família, que deverão constituir toda a minha existência. Neste momento minha vida é uma vida de espera e de mistério, na qual o mais nauseabundo sofrimento habitua, sem dúvida, a mulher a outros sofrimentos. Observo-me. Apesar dos esforços de Luís, cujo amor me cerca de cuidados, de carinhos e de ternuras, tenho vagas inquietações, às quais se misturam os enjoos, as perturbações, os singulares desejos da gravidez. Para te dizer toda a verdade, correndo embora o risco de te causar alguma repugnância pelo ofício, confesso-te que não compreendo a fantasia que experimento por certas laranjas, gosto estranho, mas que acho natural. Meu marido vai buscar em Marselha para mim as mais belas laranjas do mundo; ele as faz vir de Malta, de Portugal e da Córsega; eu, porém, as desprezo. Vou a Marselha algumas vezes a pé

devorar laranjas ordinárias, de um vintém, quase podres, numa ruazinha estreita que desce para o porto a dois passos da Municipalidade; e seu bolor azulado ou esverdeado brilha a meus olhos como diamantes; vejo nele flores, não tenho impressão nenhuma de seu cheiro corrompido e acho-lhe um sabor irritante, um calor vinhoso, um delicioso gosto. Pois aí está, meu anjo, são essas as primeiras sensações amorosas da minha vida. Essas horríveis laranjas são os meus amores. Tu não desejas tanto Felipe quanto eu uma dessas frutas em decomposição. Enfim, saio algumas vezes furtivamente, corro até Marselha com passo célere e sinto estremecimentos voluptuosos quando me aproximo da rua: tenho medo de que a vendedora não tenha laranjas podres, atiro-me sobre elas, como-as, devoro-as ao ar livre. Parece-me que essas frutas vêm do paraíso e constituem o mais suave alimento. Vi Luís desviar-se para não lhes sentir o mau cheiro. Lembrei-me daquela frase atroz de Obermann,[144] elegia sombria que me arrependo de ter lido: *As raízes se desalteram numa água fétida!* Desde que comi essas frutas, nada mais sinto no coração, e minha saúde se restabeleceu. Essas depravações têm um sentido, pois são um efeito natural, e a metade das mulheres sente desses desejos, algumas vezes monstruosos. Quando minha gravidez se tornar bastante visível não sairei mais da Crampade, não me agradaria ser vista nessas condições.

Estou excessivamente curiosa por saber em que momento da vida começa o sentimento materno. Não pode ser no instante das pavorosas dores que eu temo.

Adeus, minha feliz! Adeus, tu, em quem torno a nascer e por quem me são revelados os belos amores, os ciúmes por causa de um olhar, essas palavras sussurradas ao ouvido e esses prazeres que nos envolvem como uma outra atmosfera, um outro sangue, uma outra luz, uma outra vida! Ah! Mimosa, também eu compreendo o amor. Não te canses de me dizer tudo. Cumpramos rigorosamente o que convencionamos. Quanto a mim, nada te pouparei. Por isso, eu te direi para terminar sisudamente esta carta que, ao reler-te, fui assaltada por um profundo e invencível terror.

Pareceu-me que esse esplêndido amor desafiava Deus. O soberano senhor do mundo, o Infortúnio, não irá zangar-se por não ter um lugar no vosso festim? Quantas soberbas fortunas não derrubou ele? Ah! Luísa, não te esqueças, em meio a tua felicidade, de rogar a Deus. Faze o bem, sê caridosa e boa; enfim, exorciza a adversidade com a tua modéstia. Depois do meu casamento, eu me tornei mais devota ainda do que era no convento. Nada me dizes da religião em Paris. Na tua adoração por Felipe, parece-me que te diriges, contra o provérbio, mais ao santo do que a Deus. Meu terror, porém, é excesso de amizade. Vocês vão juntos à igreja e praticam o bem em segredo, não é? Vais achar-me, talvez, demasiado provinciana neste fim de carta. Lembra-te, porém, que meus temores encobrem uma extrema amizade, a amizade como a entende La Fontaine,[145] a que se inquieta e se alarma com um sonho, com uma ideia no estado de nuvem. Mereces ser feliz, pois que pensas em mim na tua felicidade, da mesma forma que eu penso em ti na minha vida monótona, um pouco incolor, mas cheia, sóbria, mas produtiva: sê pois bendita!

XXIX – LUÍS DE L'ESTORADE À BARONESA DE MACUMER

Dezembro de 1825

Senhora,

Minha mulher não quis que a senhora viesse a saber, pelo vulgar cartão de participação, do acontecimento que nos enche de alegria. Ela acaba de dar à luz a um rapagão, e adiaremos o batismo até o momento de sua volta à sua propriedade de Chantepleurs. Esperamos, Renata e eu, que a senhora venha até Crampade para ser madrinha do nosso primogênito. Nessa esperança, acabo de mandar inscrevê-lo no registro civil com o

nome de Armando Luís de l'Estorade. Nossa querida Renata sofreu muito, com uma paciência angelical. A senhora conhece-a, amparou-a nessa primeira provação do ofício de mãe a certeza da felicidade que a todos nos dava. Sem me entregar aos exageros um pouco ridículos dos que são pais pela primeira vez, posso assegurar-lhe que o pequeno Armando é muito bonito: mas a senhora não duvidará do que afirmo, quando lhe disser que ele tem as feições e os olhos de Renata. Já é isso uma demonstração de espírito. Agora que o médico e o parteiro nos asseguraram que Renata não corre o menor perigo porque ela está amamentando, a criança aceitou bem o seio, o leite é abundante, a natureza dela é tão rica! Podemos, eu e meu pai, entregar-nos à nossa alegria. Senhora, é tão grande essa alegria, tão forte e tão completa, dá tal animação à casa, transforma tão completamente a existência de minha querida mulher que, para a sua felicidade, faço votos para que o mesmo lhe aconteça o mais breve possível. Renata mandou preparar um apartamento que eu desejaria tornar digno de nossos hóspedes, mas onde a senhora e seu esposo serão recebidos, se não com fausto, pelo menos com fraternal cordialidade.

Renata disse-me, senhora, de suas intenções a nosso respeito, e aproveito com tanto maior gosto a ocasião de lhe agradecer, pois nada é mais oportuno. O nascimento de meu filho levou meu pai a fazer sacrifícios a que os velhos raramente se resolvem: ele acaba de adquirir duas propriedades. Crampade é agora uma fazenda que rende trinta mil francos. Meu pai vai solicitar ao rei permissão de constituí-la em morgadio; obtenha para ele o título de que falou em sua última carta e terá assim, desde já, trabalhado por seu afilhado.

Quanto a mim, seguirei seus conselhos, unicamente para que Renata possa estar junto à senhora durante as sessões. Estudo com ardor e procuro tornar-me o que se denomina um especialista.

Nada, entretanto, me dará tanto ânimo como sabê-la protetora de meu pequeno Armando. Prometa-nos, pois, vir desempenhar aqui, a

senhora que é tão bela e tão graciosa, tão grande e tão inteligente, o papel de fada para o meu primogênito. Terá por essa forma, senhora, acrescido de uma gratidão eterna os sentimentos de respeitosa afeição com que tenho a honra de ser seu muito humilde e obediente servidor

luís de l'estorade

XXX – LUÍSA DE MACUMER A RENATA DE L'ESTORADE

Janeiro de 1826

Macumer despertou-me faz pouco, meu anjo, com a carta de teu marido. Começo por dizer sim. Iremos em fins de abril a Chantepleurs. Será para mim prazer e mais prazer viajar, ver-te e ser madrinha do teu primeiro filho; mas quero Macumer como padrinho. Uma aliança católica com outro compadre me seria odiosa. Ah! Se pudesses ver a expressão de seu rosto quando lhe disse isso, ficarias sabendo o quanto esse anjo me ama.

— Desejo tanto mais ir contigo a Crampade, Felipe — disse-lhe eu —, porque talvez lá tenhamos um filho. Também eu quero ser mãe, embora então me veja bem dividida entre ti e um filho. Seja dito de passagem, se eu te visse preferir uma criatura a mim, fosse ela meu filho, não sei o que aconteceria. Medeia,[146] possivelmente, tinha razão: há coisas boas nos antigos!

Ele pôs-se a rir. Assim pois, minha corça, tiveste o fruto sem ter tido as flores, e eu tenho as flores sem o fruto. Continua o contraste de nossas vidas. Somos bastante filósofas para procurar um dia o sentido e a moral disso tudo. Ora! Tenho apenas dez meses de casamento, e temos de convir que ainda não há tempo perdido.

Estamos levando a vida dissipada e, não obstante, cheia das pessoas felizes. Os dias se nos afiguram demasiado curtos. A sociedade, que voltou a ver-me disfarçada de mulher, achou a baronesa de Macumer

muito mais bonita do que Luísa de Chaulieu: o amor feliz tem a sua maquiagem. Quando num belo dia de sol e com uma bela geada de janeiro, estando as árvores dos Champs-Élysées florescidas com cachos brancos estrelados, Felipe e eu passamos, no nosso cupê, diante de toda Paris, juntos no mesmo lugar em que no ano passado estávamos separados, vêm-me pensamentos aos milhares, tenho receio de ser um pouco insolente demais, como tu o pressentias na tua última carta.

Se ignoro as alegrias da maternidade, tu mas dirás e por ti serei mãe; mas, a meu ver, nada há comparável às voluptuosidades do amor. Vais achar-me bem estranha, mas já faz umas dez vezes em dez meses que me surpreendo a desejar morrer aos trinta anos, em todo o esplendor da vida, por entre as rosas do amor, no seio das volúpias, de me ir farta, sem decepções, tendo vivido neste sol, em pleno éter, e até mesmo morta um pouco pelo amor, nada tendo perdido da minha coroa, nem sequer uma folha, e conservando todas as minhas ilusões. Pensa um pouco no que é ter um coração moço num corpo velho, achar as fisionomias mudas, frias, onde todos, até os indiferentes, nos sorriam, ser enfim uma mulher respeitável... Isso é um inferno antecipado.

Felipe e eu tivemos a esse respeito a nossa primeira briga. Eu queria que ele tivesse a coragem de me matar aos trinta anos, durante o meu sono, sem que eu o suspeitasse, para me fazer passar de um sonho para outro. O monstro não quis. Ameacei-o de o deixar sozinho na vida, e ele, o pobre, empalideceu! Esse grande ministro, querida, tornou-se um verdadeiro garotinho. É incrível o que ele ocultava de juventude e de simplicidade. Agora que penso com ele em voz alta, como fazia contigo, e que o pus nesse regime de confiança, os dois nos maravilhamos um com outro.

Minha querida, os dois amantes Felipe e. Luísa querem mandar uma lembrança à parturiente. Quiséramos mandar fazer alguma coisa que te agradasse. Por isso dize-me francamente o que desejas, pois não cultivamos as surpresas, à moda burguesa. Queremos, portanto, tornar-

nos lembrados de ti, a todo momento, por uma lembrança agradável, por qualquer coisa que te sirva todos os dias e que não se destrua pelo uso. Nossa refeição mais alegre, mais íntima e mais animada, porque a fazemos a sós, é o almoço; pensei pois em te mandar um serviço especial, chamado de almoço, cujos ornamentos seriam crianças. Se me aprovas, responde-me prontamente. Para levá-lo é preciso encomendá-lo, e os artistas de Paris são uma espécie de reis preguiçosos.

Será minha oferta a Lucina.[147]

Adeus, querida ama de leite, almejo-te todos os prazeres das mães e aguardo com impaciência a primeira carta, na qual me contarás minuciosamente tudo, sim? Esse parteiro me causa arrepios. Essa palavra da carta de teu marido saltou-me não aos olhos, mas ao coração. Pobre Renata, custa caro um filho, não? Eu lhe direi, ao meu afilhado, quanto ele deverá amar-te. Mil ternuras, meu anjo.

XXXI – RENATA DE L'ESTORADE A LUÍSA DE MACUMER

Breve fará cinco meses que dei à luz e não achei, querida, um único momentinho para te escrever. Quando fores mãe, tu me desculparás mais plenamente do que o fizeste, pois me castigaste rareando tuas cartas. Escreve-me, querida mimosa! Dize-me todos os teus prazeres, pinta-me em cores bem vivas a tua felicidade, podes carregar nas tintas sem receio de me aborrecer, pois sou feliz e mais feliz do que jamais o imaginarias.

Fui à capela ouvir uma missa de purificação, com grande pompa, como é de uso nas nossas velhas famílias provençais. Os dois avós, o pai de Luís e o meu, deram-me o braço. Ah! Nunca me ajoelhei perante Deus em semelhante acesso de gratidão. Tenho tanta coisa a dizer-te, tanto sentimento a descrever-te que não sei por onde começar; mas, do seio desta confusão, ergue-se uma recordação radiosa, a da minha prece na igreja!

Quando, neste lugar, onde, donzela, duvidei da vida e de meu futuro, me vi metamorfoseada em mãe feliz, acreditei ver a Virgem do altar inclinando a cabeça e me mostrando o Menino Jesus que parecia sorrir-me! Com que santa efusão de amor celestial eu apresentei nosso pequenino Armando à bênção do padre, que o purificou antes do batismo. Mas nos verás juntos, Armando e eu.

Minha filha — aqui estou a te chamar de minha filha! Mas é efetivamente a mais doce palavra que existe no coração, na inteligência e nos lábios, quando se é mãe —, portanto, minha filha, arrastei-me durante os dois últimos meses, muito languidamente nos nossos jardins, cansada, acabrunhada pelo incômodo daquele fardo que eu não sabia tão caro e tão suave, apesar dos aborrecimentos desses dois meses. Tinha tantas apreensões, tantas previsões mortalmente sinistras, que a curiosidade não vencia: eu me sugestionava, a mim mesma dizia que nada do que a natureza exige é de temer, a mim mesma prometia ser mãe! Ai de mim! Nada sentia no coração, enquanto pensava nessa criança que me dava rudes pontapés no ventre; e, minha querida, pode-se gostar de os receber quando já se teve filhos; mas, pela primeira vez, essas manifestações de uma vida desconhecida causam mais espanto do que prazer. Falo-te de mim, que não sou nem falsa, nem teatral, e cujo fruto vinha mais de Deus, porquanto Deus dá os filhos, do que de um homem amado. Deixemos essas tristezas passadas e que não mais voltarão, assim o creio.

Quando sobreveio a crise, juntei em mim os elementos de tal resistência, preparei-me para tais dores, que suportei maravilhosamente, assim dizem, aquela horrível tortura. Houve uma hora, mais ou menos, minha mimosa, durante a qual me abandonei a um aniquilamento, cujos efeitos foram os de um sonho. Senti-me desdobrar: um invólucro atenazado, dilacerado, torturado, e uma alma plácida. Nesse estado singular, o sofrimento floresceu como uma coroa por sobre minha cabeça. Pareceu-me que uma imensa rosa que brotara de meu crânio crescia e me

envolvia. A cor rósea dessa flor sangrenta estava no ar. Eu via tudo vermelho. Assim, chegada ao ponto em que parecem prestes a separar-se o corpo e a alma, alanceou-me uma dor que me fez crer numa morte imediata. Dei gritos horríveis e adquiri novas forças contra novas dores. Esse horroroso concerto de clamores foi subitamente coberto, para mim, pelo delicioso canto dos vagidos argentinos do pequeno ser. Não, nada te poderá descrever esse momento: parecia-me que o mundo inteiro clamava comigo, que tudo eram dores ou bramidos, e tudo foi como que abafado por aquele flébil grito de criança. Tornaram-me a levar para a minha cama, onde penetrei como num paraíso, embora estivesse num estado de fraqueza extrema. Três ou quatro alegres rostos, com os olhos marejados de lágrimas, mostraram-me, então, a criança. Querida, gritei de susto.

— Que macaquinho! — disse eu. — Têm certeza de que é uma criança? — perguntei.

Tornei a deitar-me, muito desolada por me sentir tão pouco mãe.

— Não se atormente, querida — disse-me minha mãe, que se constituíra minha enfermeira —, você fez a mais bela criança do mundo. Evite perturbar a sua imaginação, precisa empregar toda a sua inteligência em animalizar-se, fazer exatamente como a vaca que pasta para ter leite.

Adormeci com a firme intenção de me deixar arrastar pela natureza. Ah! Meu anjo, o despertar de todas aquelas dores, daquelas confusas sensações, daqueles primeiros dias em que tudo é obscuro, penoso e indeciso, foi divino. Aquelas trevas foram animadas por uma sensação, cujas delícias ultrapassavam as do primeiro grito de meu filho. Meu coração, minha alma, meu ser, um eu desconhecido foi despertado em seu invólucro, até então desbotado e sofredor, como uma flor que se alçasse de sua semente ao brilhante apelo do sol. O pequeno monstro tomou meu seio e sugou-o: eis o *fiat lux*. Senti-me subitamente mãe. Eis a felicidade, a alegria, uma alegria inefável, conquanto acompanhada de

algumas dores. Ó, minha bela ciumenta, quanto apreciarás um prazer que se passa entre a mãe, o filho e Deus. Esse pequeno ser não conhece senão nosso seio. No mundo, para ele, somente existe esse ponto brilhante; ele o ama com todas as suas forças, não pensa senão nessa fonte de vida, a ela vem e dela se vai para dormir e desperta para voltar a ela. Seus lábios têm um amor inexprimível e, quando se colam ao seio, causam, ao mesmo tempo, uma dor e um prazer, um prazer que vai até a dor, ou uma dor que termina num prazer; não te saberia explicar essa sensação que do seio irradia em mim até as fontes da vida, pois parece um centro de onde partem mil raios que alegram o coração e a alma. Dar vida nada é; mas amamentar é dar vida a todo momento. Oh! Luísa, não há carícia de amante que valha as dessas pequeninas mãos rosadas, que afagam tão suavemente e procuram agarrar-se à vida. Que olhares passeia um filho, alternativamente, de nosso seio aos nossos olhos! Que sonhos temos ao vê-lo suspenso pelos lábios ao seu tesouro! Não interessa menos a todas as forças do espírito do que a todas as do corpo, solicita quer o sangue, quer a inteligência, e satisfaz-nos além dos nossos desejos. Aquela adorável sensação de seu primeiro grito, que foi para mim o que o primeiro raio de sol foi para a terra, eu tornei a senti-la, ao sentir meu leite encher-lhe a boca; tornei a senti-la ao receber o seu primeiro olhar; acabo de senti-la ao saborear, no seu primeiro sorriso, o seu primeiro pensamento. Ele riu, minha querida. Esse riso, esse olhar, aquela mordida, aquele grito, esses quatro gozos são infinitos: vão até o fundo do coração e lá fazem vibrar cordas que somente eles podem tocar! Os mundos devem prender-se a Deus, como uma criança se prende a todas as fibras de sua mãe: Deus é um grande coração de mãe. Nada há de visível nem de perceptível na concepção, nem mesmo na gravidez; mas amamentar, minha Luísa, é uma felicidade de todos os instantes. Vê-se no que se transforma o leite, faz-se carne, floresce na ponta desses dedos mimosos que se assemelham a flores e delas têm a delicadeza; cresce em unhas finas e transparentes, afila-se em cabelos, agita-se com os pés. Oh!

Os pés de uma criança são uma linguagem completa. É por eles que a criança começa a expressar-se. Amamentar, Luísa!, é uma transformação que se segue de hora em hora e com olhos assombrados. Os gritos não são escutados pelos ouvidos, mas pelo coração; os sorrisos dos olhos e dos lábios, ou os movimentos dos pés, a gente os compreende como se Deus nos escrevesse em letras de fogo no espaço! Não há mais nada no mundo que nos interesse: o pai?... Seríamos capazes de matá-lo se ele se lembrasse de despertar a criança. Somos exclusivamente o mundo para essa criança, como a criança é o mundo para nós! Temos tanta certeza de que a nossa vida é partilhada, somos tão amplamente recompensadas dos trabalhos que nos impomos e dos sofrimentos que experimentamos — pois que há sofrimentos... Deus te preserve de ter assaduras no seio! Essa ferida que se reabre sob os lábios rosados, que tão dificilmente se cura e que causa torturas de enlouquecer — se não tivéssemos a alegria de ver a boca da criança lambuzada de leite —, é uma das mais terríveis punições da beleza. Minha Luísa, lembra-te, isso só acontece com uma pele fina e delicada.

O meu macaquinho tornou-se, em cinco meses, a mais linda criatura que uma mãe já tenha banhado de lágrimas felizes, lavado, esfregado, penteado, empoado; pois Deus sabe com que infatigável ardor empoamos, vestimos, esfregamos, lavamos, mudamos e beijamos essas pequeninas flores! Portanto, meu macaquinho não é mais um macaco, mas sim um *baby*, como diz a ama-seca inglesa, um *baby*, alvo e rosado; e como ele se sente querido não grita muito; mas, realmente, eu quase não o deixo e esforço-me em penetrá-lo com a minha alma.

Querida, tenho agora, no coração, por Luís, um sentimento que não é o amor, mas que, numa mulher amorosa, deve completar o amor. Quem sabe se essa ternura, essa gratidão, livre de qualquer interesse, não vai além do amor? Por tudo o que me disseste, querida mimosa, o amor tem algo de horrivelmente terrestre, ao passo que há não sei que de religioso e de divino na afeição que uma mãe feliz tributa àquele de quem procedem

essas longas, essas eternas alegrias. A felicidade de uma mãe é uma luz que jorra até sobre o futuro e o ilumina, mas que se reflete sobre o passado para lhe dar o encanto das recordações.

O velho Estorade e o filho redobraram de bondade para comigo, sou para eles como uma nova criatura: suas palavras, seus olhares chegam-me à alma, pois me festejam todas as vezes que me veem ou me falam. O velho avô torna-se criança, creio: olha-me com admiração. A primeira vez que desci para almoçar e ele me viu comendo e dando de mamar ao seu neto, chorou. Essas lágrimas, naqueles olhos secos, onde brilham somente pensamentos de dinheiro, causaram-me um bem inexprimível; pareceu-me que o bom velho compreendia minhas alegrias. Quanto a Luís, teria sido capaz de dizer às árvores e às pedras da estrada que tinha um filho. Passa horas inteiras a contemplar o teu afilhado adormecido. Diz ele que não sabe quando se acostumará a isso. Essas excessivas demonstrações de alegria revelaram-me a extensão de suas apreensões e temores. Luís acabou confessando-me que duvidava de si mesmo e se julgava condenado a nunca ser pai. Meu pobre Luís teve uma súbita mudança para melhor, estuda agora mais do que antes. A criança duplicou a ambição do pai. Quanto a mim, alma querida, sinto-me cada vez mais feliz. Cada hora que passa acrescenta novo laço entre mãe e filho. O que sinto em mim demonstra-me que esse sentimento é imorredouro, natural, de todos os instantes; ao passo que suspeito o amor, por exemplo, de ter as suas intermitências. Não se ama do mesmo modo a todos os momentos, sobre esse tecido da vida não se bordam flores brilhantes, enfim, o amor pode e deve cessar; o sentimento materno, porém, não tem declínios a temer, cresce com as necessidades da criança, desenvolve-se com ela. Pois não é ao mesmo tempo uma paixão, uma necessidade, um sentimento, um dever, uma obrigação, a felicidade? Sim, mimosa, é essa a vida particular da mulher. Nossa sede de devotamento satisfaz-se com isso, e nesse sentimento não deparamos com as perturbações do ciúme. Por isso é talvez, para nós, o único ponto

em que a natureza e a sociedade estão de acordo. Nisso a sociedade enriqueceu a natureza, pois aumentou o sentimento materno com o espírito de família, a continuidade de nome, de sangue, de fortuna. De que amor uma mulher não deverá cercar o querido ser que, primeiro que todos, lhe fez conhecer semelhante felicidade, lhe fez desenvolver as forças de sua alma e lhe ensinou a grande arte da maternidade? O direito de primogenitura, que, por sua antiguidade, é tão velho como o mundo e se confunde com a origem das sociedades não me parece passível de discussão. Ah! Quanta coisa um filho ensina a sua mãe! Há tantas promessas feitas entre nós e a virtude, nessa proteção incessante devida a um ser fraco, que a mulher não se acha na sua verdadeira esfera senão quando é mãe; só então é que ela desenvolve suas forças, pratica os deveres de sua vida, tem todas as felicidades e todos os prazeres. Uma mulher que não tem filhos é um ser incompleto e frustrado. Apressa-te em ser mãe, meu anjo! Multiplicarás tua felicidade atual por todas as muitas volúpias.

Deixei-te ao ouvir teu afilhado gritar, e esse grito ouvi-o do fundo do jardim. Não quero mandar-te esta carta sem te dizer uma palavra de adeus; acabo de relê-la e estou espantada com as vulgaridades de sentimento que ela contém. O que sinto, ai de mim!, parece-me que todas as mães o sentiram como eu e o devem ter exprimido do mesmo modo, e que tu zombarás de mim, como se zomba da ingenuidade de todos os pais que falam da inteligência e da beleza de seus filhos, achando sempre neles algo de particular. Enfim, querida mimosa, a chave desta carta, ei-la aqui, repito: sou tão feliz agora quanto era infeliz antes. Esta casinha de campo, que aliás se vai transformando numa fazenda, num morgadio, é, para mim, a terra prometida. Acabei atravessando o meu deserto. Mil ternuras, querida mimosa. Escreve-me, posso hoje ler sem chorar as descrições da tua felicidade e do teu amor. Adeus.

XXXII – LUÍSA DE MACUMER A RENATA DE L'ESTORADE

Março de 1826[148]

Como, querida, faz mais de três meses que não te escrevo e que não recebo carta tua... Sou a mais culpada das duas, pois não te respondi; mas, que eu saiba, não és suscetível. Teu silêncio foi interpretado por Macumer e por mim como uma adesão ao almoço ornado de crianças, e essas encantadoras joias vão seguir hoje de manhã para Marselha; os artistas levaram seis meses para executá-las. Por isso despertei sobressaltada quando Felipe me convidou a ver esta coberta de mesa antes que o ourives a encaixotasse. Lembrei-me subitamente de que nada nos havíamos dito depois da carta em que me senti mãe contigo.

Anjo meu, minha desculpa é a terrível Paris; espero a tua. Oh! A sociedade, que abismo! Já não te disse eu que só se podia ser parisiense em Paris? Aqui a sociedade afrouxa todos os sentimentos, apodera-se de todos os nossos instantes; se nos descuidássemos, nos devoraria o coração. Que admirável obra-prima aquela criação de Celimène no *Misantropo*[149] de Molière! É a dama da sociedade do tempo de Luís xiv, como a de nossos dias, enfim, a dama mundana de todas as épocas. Onde estaria eu sem a minha égide, sem o meu amor por Felipe? Por isso, esta manhã, ao pensar nessas coisas eu lhe disse que ele era o meu salvador. Se minhas noites estão tomadas pelas festas, pelos bailes, pelos concertos e espetáculos, torno a encontrar na volta as alegrias do amor e suas loucuras que me fazem expandir o coração, apagando nele as picadas da sociedade. Só tenho jantado em casa quando recebemos as pessoas que consideramos amigas e só fico nos meus dias de recepção. São nas quartas-feiras. Entrei em luta com as sras. d'Espard e de Maufrigneuse, com a velha duquesa de Lenoncourt. Dizem que minha casa é divertida. Deixei que me pusessem em moda por ver o meu Felipe feliz com os meus sucessos. Reservo-lhe as manhãs, porque depois das

quatro da tarde às duas da madrugada pertenço a Paris. Macumer é um admirável dono de casa: é tão espirituoso e tão grave, tão verdadeiramente grande e de uma graça tão perfeita que se faria amar por uma mulher que o tivesse desposado a princípio por conveniência. Meu pai e minha mãe partiram para Madri: falecido Luís xviii, a duquesa obteve com facilidade que o nosso bom Carlos x nomeasse o seu sedutor poeta, que ela leva na qualidade de adido. Meu irmão, o duque de Rhétoré, digna-se considerar-me como uma superioridade. Quanto ao conde de Chaulieu, esse militar de fantasia, deve-me uma eterna gratidão: minha fortuna foi empregada, antes da partida de meu pai, em lhe constituir um morgadio em terras que rendem quarenta mil francos, e seu casamento com a srta. de Mortsauf, uma herdeira da Touraine, está completamente arranjado. O rei, para não deixar extinguir-se o nome e os títulos das casas de Lenoncourt e de Givry, vai autorizar, por uma ordenança, que meu irmão herde os nomes, títulos e armas dos Lenoncourt-Givry. Como, realmente, deixar perecer esses dois belos nomes e o sublime lema: *Faciem semper monstramus?*[150] A srta. de Mortsauf, neta e única herdeira do duque de Lenoncourt-Givry, receberá, dizem, mais de cem mil francos de renda. Meu pai pediu somente que as armas dos Chaulieu fossem gravadas por sobre as de Lenoncourt. Assim, pois, meu irmão será duque de Lenoncourt. O jovem de Mortsauf, a quem devia tocar toda essa fortuna, está no último grau de uma doença do peito, espera-se a sua morte a todo momento. No próximo inverno, depois do luto, realizar-se-á o casamento. Terei, segundo dizem, uma cunhada encantadora na pessoa de Madalena de Mortsauf. De modo que, como vês, meu pai tinha razão na sua argumentação. Esse resultado valeu-me a admiração de muitas pessoas, e meu casamento se explica. Por afeição à minha avó, o príncipe de Talleyrand enaltece Macumer, de modo que nosso triunfo é completo. Fará em breve dois anos que reino finalmente nessa Paris onde eu nada era. Macumer vê sua felicidade invejada por todos, porquanto sou a *mulher mais espirituosa de Paris*.

Bem sabes que há vinte das *mais espirituosas mulheres de Paris*. Os homens arrulham-me frases de amor ou se contentam em expressá-lo com olhares cúpidos. Há, realmente, nesse concerto de desejos e de admiração tão constante satisfação da vaidade que agora compreendo os gastos excessivos que fazem as mulheres para gozar essas frágeis e passageiras vantagens. Esse triunfo inebria o orgulho, a vaidade, o amor-próprio, enfim todos os sentimento do *eu*. Essa perpétua divinização embriaga tão violentamente que não me admiro mais de ver as mulheres se tornarem egoístas, esquecidas e levianas em meio dessa festa. A sociedade sobe à cabeça. Prodigalizam-se as flores do espírito e da alma, o tempo mais precioso, os mais generosos esforços, as pessoas que pagam com invejas e sorrisos, que dão a moeda falsa de suas frases, de seus cumprimentos e adulações contra os lingotes de ouro de nossa coragem, de nossos sacrifícios e de nossas invenções para nos mostrarmos belas, bem-vestidas, espirituosas, afáveis e agradáveis para todos. Sabe-se quanto esse comércio é custoso, sabe-se que nele se é roubado, mas assim. mesmo nós o fazemos. Ah! Minha bela corça, que sede se tem de um coração amigo, como são preciosos o amor e a dedicação de Felipe! Como eu o amo! Com que alegria fazemos nossos preparativos de viagem para ir repousar em Chantepleurs das comédias da rue du Bac e de todos os salões de Paris! Enfim, eu, que acabo de reler a tua última carta, terei descrito esse infernal paraíso de Paris, dizendo-te que é impossível a uma dama da sociedade ser mãe.

Até breve, querida: deter-nos-emos uma semana, quando muito, em Chantepleurs e estaremos aí contigo mais ou menos a 10 de maio. Ver-nos-emos, pois, novamente após dois anos de separação. E que mudanças! Eis-nos mulheres as duas; eu, a mais feliz das amantes, tu, a mais feliz das mães. Se não te escrevi, querido amor, não te esqueci. E meu afilhado, esse macaquinho, sempre bonito? Faz-me honra? Já deve ter mais de nove meses. Eu bem quisera assistir aos seus primeiros passos no mundo; mas Macumer disse-me que as crianças precoces

somente caminham aos dez meses. Teremos, pois, daquelas nossas conversas de Blois. Verei se é como dizem, que um filho deforma o corpo.

p.s. — Se me responderes, mãe sublime, dirige tua carta a Chantepleurs; eu parto.

XXXIII – RENATA DE L'ESTORADE À SRA. DE MACUMER

Olha, minha filha, se algum dia fores mãe, verás se é possível escrever durante os dois primeiros meses da amamentação. Mary, minha criada inglesa, e eu estamos esfalfadas. É verdade que não te disse que eu própria me empenho em fazer tudo. Antes do acontecimento, eu cosi com minhas próprias mãos e bordei o enxoval do bebê, e enfeitei eu mesma as touquinhas. Sou escrava, querida, escrava de dia e de noite. Para começar, Armando mama quando quer, e quer sempre; depois é preciso trocá-lo tão frequentemente, lavá-lo, vesti-lo; a mãe gosta tanto de o ver adormecido, de lhe cantar canções, de levá-lo a passear quando faz bom tempo, carregando-o no braços, que não sobra tempo para cuidar de si mesma. Enfim, tu tinhas a sociedade, eu tinha meu filho, nosso filho! Que vida rica e cheia! Ó, minha querida, eu te espero, verás! Mas tenho medo de que comece o trabalho da dentição e que tu o encontres manhoso e chorão. Ele, por enquanto, não gritou muito ainda, porque eu sempre estou presente. As crianças gritam somente porque têm necessidades que não sabemos adivinhar, e eu vivo sempre na pista das suas. Ó meu anjo, quanto meu coração cresceu enquanto tu diminuías o teu, colocando-o a serviço da sociedade! Espero-te com a impaciência de um solitário. Quero conhecer tua opinião sobre Estorade, da mesma forma que tu deves querer a minha sobre Macumer. Escreve-me da tua última pousada. Os meus homens querem ir ao encontro de nossos ilustres hóspedes. Vem, rainha de Paris, vem à nossa pobre choupana, onde serás querida!

XXXIV – A SRA. DE MACUMER À VISCONDESSA DE L'ESTORADE

Abril de 1826

O endereço da minha carta te anunciará, querida, o êxito de minhas solicitações. Eis teu sogro conde de l'Estorade. Não quis deixar Paris sem ter obtido o que desejavas, e escrevo-te na presença do chanceler, o qual me veio comunicar que a nomeação estava assinada.

Até breve.

XXXV – DA MESMA PARA A MESMA

Marselha, julho

A minha brusca partida vai causar-te espanto, estou envergonhada, mas, como acima de tudo sou sincera e te quero sempre da mesma forma, vou dizer-te ingenuamente tudo em quatro palavras: eu sou terrivelmente ciumenta. Felipe olhava demasiado para ti. Vocês tinham, um com o outro, pequenas palestras, junto ao teu rochedo, que me torturavam, me tornavam ruim e transformavam meu caráter. Tua beleza verdadeiramente espanhola devia lembrar-lhe sua terra e aquela Maria Heredia de quem sou ciumenta, pois tenho ciúme do passado. A tua esplêndida cabeleira negra, os teus belos olhos castanhos, essa fronte na qual as alegrias da maternidade põem em relevo tuas eloquentes dores passadas que são como as sombras de uma luz radiosa; essa frescura de pele meridional, mais alva do que minha alvura de loura; essas formas imponentes, esse seio que brilha através das rendas como um fruto delicioso, ao qual se pendura o meu lindo afilhado, tudo isso me feria os olhos e o coração.

Por mais que eu pusesse ora escovinhas nos cachos dos meus cabelos, ora temperasse a insipidez de minhas tranças louras com fitas cor de cereja, tudo isso empalidecia diante de uma Renata que eu não esperava encontrar nesse oásis da Crampade.

Felipe por sua vez invejava demasiado aquela criança, que eu começava a odiar. Sim, a insolente vida que enche a tua casa, que a anima, que nela grita, que nela ri, eu a queria para mim. Li pesar nos olhos de Macumer, e isso me fez chorar durante duas noites, sem que ele o soubesse. Tua casa era para mim um suplício. És uma mulher demasiado bela e uma mãe demasiado feliz para que eu possa ficar junto de ti. Ah! Hipócrita, e tu te queixavas! Para começar, o teu Estorade, achei-o muito bem, conversa agradavelmente; seus cabelos negros, entremeados de fios brancos, são bonitos; tem belos olhos, e seus modos de meridional têm esse *não sei quê*, que agrada. Pelo que vi, mais cedo ou mais tarde, ele será eleito deputado por Bouches-du-Rhône; fará carreira na Câmara, porque estou sempre às ordens de vocês em tudo que diga respeito às suas ambições. As misérias do exílio deram-lhe essa aparência calma e ponderada que me parece a metade da política. A meu ver, querida, toda a política consiste em parecer grave. Por isso dizia eu a Macumer que ele deve ser um grande homem de Estado.

Enfim, depois de ter adquirido a certeza de tua felicidade, vou-me a toda pressa, contente, para o meu querido Chantepleurs, onde Felipe se arranjará para ser pai; não te quero receber lá senão tendo ao seio uma bela criança, semelhante à tua. Mereço todos os nomes que me quiseres dar: sou absurda, infame, sem espírito. Ai de mim! Somos tudo isso quando temos ciúme. Não te quero mal por isso, mas eu sofria, e tu me perdoarás por ter-me esquivado a tais sofrimentos. Com mais dois dias e eu teria feito alguma asneira. Sim, teria feito alguma coisa de mau gosto. Apesar dos acessos de raiva que me remordiam o coração, sinto-me feliz por ter ido aí, por te haver visto mãe, tão bela e tão fecunda, ainda minha amiga em meio a tuas alegrias maternais, da mesma forma que me

conservo tua dentro do meu amor. Vês? Em Marselha, a poucos passos de vocês, sinto-me orgulhosa de ti, orgulhosa dessa grande mãe de família que tu serás. Com que intuição adivinharas a tua vocação! Pois pareces ter nascido mais para mãe do que para amante, ao passo que eu nasci mais para o amor do que para a maternidade. Certas mulheres não podem ser nem mães nem amantes se são muito feias ou muito tolas. Uma boa mãe e uma esposa-amante precisam ter a todo momento espírito, bom-senso, e saber a propósito de tudo exibir as mais sublimes qualidades da mulher. Oh! Observei-te atentamente; não é isso dizer, minha gatinha, que te admirei? Sim, teus filhos serão felizes e bem-educados, viverão mergulhados nas efusões de tua ternura, acariciados pelos clarões de tua alma.

Dize a verdade a respeito de minha partida ao teu Luís, mas colore-a com pretextos decentes aos olhos de teu sogro, que parece ser vosso intendente, e sobretudo aos olhos de tua família, uma verdadeira família Harlowe,[151] com, ademais, o espírito provençal. Felipe não sabe ainda por que parti, e não o saberá jamais. Se perguntar, tratarei de arranjar um pretexto qualquer. Dir-lhe-ei, provavelmente, que tiveste ciúme de mim. Perdoa-me esta pequena mentira oficiosa. Adeus; escrevo-te às pressas a fim de que esta carta te chegue às mãos à hora do almoço, e o postilhão que se encarregou de levá-la está aqui bebendo enquanto espera. Beija por mim meu querido afilhado. Vem a Chantepleurs em outubro, quando estarei sozinha durante o tempo que Macumer for passar na Sardenha, onde pretende fazer grandes transformações na sua propriedade. Pelo menos é esse o projeto de momento; é fatuidade sua ter projetos, pois se julga independente: por isso sempre está inquieto quando mos comunica.

Adeus!

XXXVI – A VISCONDESSA DE L'ESTORADE À BARONESA DE MACUMER

Minha querida, o espanto de todos nós foi inexprimível, quando, ao almoço, nos disseram que vocês tinham partido e sobretudo quando o postilhão que os levou a Marselha me entregou tua aloucada carta. Mas, malvada, naquelas conversações ao pé do rochedo, no "banco de Luísa", tratava-se unicamente de tua felicidade, e fizeste mal em ficar com ciúme. Ingrata! Condeno-te a voltar aqui ao meu primeiro chamado. Nessa odiosa carta rabiscada num papel ordinário de hospedaria, não me disseste onde pararias; vejo-me, pois, forçada a te dirigir minha resposta para Chantepleurs.

Ouve, querida irmã eleita, e fica sabendo, antes de mais nada, que quero ver-te feliz. Teu marido, minha Luísa, tem não sei que profundeza de alma e de pensamento que impõe tanto quanto a sua gravidade natural e a sua atitude nobre; demais, há na sua fealdade tão espiritual, naquele olhar aveludado, uma potência verdadeiramente majestosa; foi-me preciso tempo antes de estabelecer essa familiaridade sem a qual é difícil observar a fundo. Finalmente, esse homem foi primeiro-ministro e te adora como se adora a Deus: portanto, devia dissimular profundamente, e, para pescar segredos no fundo desse diplomata, sob as rochas de seu coração, eu tinha de desenvolver tanta habilidade quanto manha; acabei, porém, sem que o nosso homem se apercebesse, por descobrir muitas coisas que minha mimosa não suspeita. Das duas eu sou um pouco a Razão, como tu és a Imaginação; eu sou o grave Dever, como tu és o louco Amor. Esse contraste de espírito que não existia senão para nós duas, à sorte aprouve continuá-lo nos nossos destinos. Eu sou uma humilde viscondessa campesina, excessivamente ambiciosa, que deve conduzir sua família numa senda de prosperidade; ao passo que a sociedade sabe que Macumer é o ex-duque de Sória e que, duquesa por direito, reinas sobre essa Paris, onde é tão difícil reinar a quem quer que seja, até mesmo aos reis. Tens uma bela fortuna que Macumer vai duplicar se ele realizar os projetos de exploração dos seus imensos domínios da Sardenha, cujos recursos são bastante conhecidos em Marselha. Confessa

que se uma de nós devia ter ciúmes, devia ser eu. Mas demos graças a Deus pelo fato de termos, quer uma, quer outra, o coração bastante elevado para que nossa amizade esteja acima dessas vulgares mesquinhezas. Conheço-te, estás envergonhada por me teres deixado. Apesar de tua fuga, não te pouparei nem uma só das palavras que te ia dizer hoje, ao pé do rochedo. Lê-me com atenção, suplico-te, pois trata-se mais de ti mesma do que de Macumer, conquanto ele contribua com muito para a minha moral. Em primeiro lugar, minha mimosa, tu não o amas. Antes de dois anos te cansarás dessa adoração. Nunca verás em Felipe um marido, e sim um amante, do qual sem a menor preocupação farás teu brinquedo, como todas as mulheres costumam fazer com um amante. Não, ele não se impõe a ti, não lhe tens esse profundo respeito, essa ternura cheia de temor, que uma verdadeira amante dedica àquele em que vê um Deus. Oh! Meu anjo, eu estudei muito o amor, e por mais de uma vez mergulhei a sonda nos abismos de meu coração. Depois de te haver bem examinado, posso dizer-te: tu não amas. Sim, querida rainha de Paris, da mesma forma que as rainhas, tu desejarás ser tratada como uma *grisette*,[152] desejarás ser dominada, arrostada por um homem forte que, em vez de te adorar, saberá te machucar o braço, agarrando-o no meio de uma cena de ciúme. Macumer ama-te demasiado para que possa jamais ou repreender-te, ou te resistir. Um único de teus olhares, uma única de tuas palavras de feiticeira faz fundir-se seu mais forte querer. Cedo ou tarde tu o desprezarás por te amar ele demasiado. Infelizmente ele te mima mais do que o devido, do mesmo modo que eu te mimava quando estávamos no convento, porque és uma das mais sedutoras mulheres e um dos mais encantadores espíritos que se possa imaginar. Sobretudo, és verdadeira e muitas vezes o mundo exige, para nossa própria felicidade, mentiras às quais nunca baixarias. Assim, por exemplo, a sociedade exige que uma mulher não deixe ver o domínio que exerce sobre o marido. Socialmente falando, um marido não deve mostrar ser amante de sua mulher, quando a ama como amante, da

mesma forma que uma mulher não deve representar o papel de amante. Ora, vocês dois transgridem essa lei. Filha minha, em primeiro lugar, o que a sociedade menos perdoa, a julgar de acordo com o que me disseste, é a felicidade, que lhe deve ser ocultada; mas isso nada é. Existe, entre amantes, uma igualdade que, a meu ver, jamais deve haver entre mulher e marido, sob pena de uma subversão social e de desgraças irreparáveis. Um homem nulo é uma coisa lamentável, mas há coisa pior ainda: um homem anulado. Dentro de certo tempo determinado, terás reduzido Macumer à sombra de um homem: ele não terá mais vontade, não será mais ele mesmo, mas uma coisa modelada para teu uso; tu o terás assimilado tão completamente que, em vez de serem dois, não haverá mais no teu matrimônio do que uma pessoa, e esse ser será necessariamente incompleto; isso te fará sofrer, e o mal não terá remédio quando te dignares a abrir os olhos. Por mais que façamos, o nosso sexo jamais será dotado das qualidades que distinguem o homem, e essas qualidades são mais do que necessárias, são indispensáveis à família. Neste momento, apesar da sua cegueira, Macumer entrevê esse futuro e sente-se diminuído pelo seu amor. Sua viagem à Sardenha prova-me que ele vai tentar reencontrar-se por meio dessa separação momentânea. Tu não hesitas em exercer o poder que te dá o amor. Tua autoridade transparece num gesto, no olhar, no acento. Ó querida, és, como te dizia tua mãe, uma louca cortesã. Certamente, está provado para ti que eu sou de muito superior a Luís, mas viste-me alguma vez a contradizê-lo? Não sou eu, em público, uma mulher que o respeita como o poder da família? “Hipocrisia!”, dirás. Em primeiro lugar, os conselhos que julgo útil dar-lhe, minhas opiniões, minhas ideias, eu nunca lhas submeto, a não ser na sombra e no silêncio do quarto de dormir; mas posso jurar-te, meu anjo, que mesmo então não aparento em relação a ele nenhuma superioridade. Se eu não me mantivesse, quer secreta, quer ostensivamente, como sua mulher, ele não teria confiança em si. Minha querida, a perfeição da ação benéfica consiste em a gente apagar-se tão completamente que quem

recebe o benefício não se julgue inferior ao que beneficia, e esse devotamento dissimulado encerra doçuras infinitas. Por isso minha glória consistiu em te enganar a ti mesma e tu me felicitaste a respeito de Luís. A prosperidade, a felicidade, a esperança fizeram-lhe, aliás, recuperar nestes dois anos tudo o que a desgraça, as misérias, o abandono e a dúvida o haviam feito perder. Neste momento, pois, segundo minhas observações, acho que amas Felipe por ti, e não por ele. Há alguma verdade no que te disse teu pai; teu egoísmo de grande dama está mal e mal disfarçado sob as flores da primavera de teu amor. Ah! Minha filha, é preciso querer-te muito para te dizer tão cruéis verdades. Deixa-me contar-te, sob a condição de jamais revelares ao barão uma só palavra, o fim de uma das nossas conversações. Tínhamos entoado os teus louvores em todos os tons, pois ele percebera perfeitamente que eu te queria como a uma irmã, e depois de o ter levado, sem que ele se desse conta, a me fazer confidências:

— Luísa — disse-lhe eu — ainda não lutou com a vida, ela tem sido tratada pela sorte como uma criança mimada, e é bem possível que venha a sofrer se o senhor não souber ser para ela um pai como é um amante.

— Sim, mas posso eu sê-lo? — exclamou ele.

Deteve-se de repente, como um homem que vê o abismo onde se vai despenhar. Aquela exclamação bastou-me. Se não tivesses ido embora, ele ter-me-ia dito mais, alguns dias depois.

Meu anjo, quando esse homem estiver sem forças, quando ele tiver chegado à saciedade no prazer; quando se sentir, não digo aviltado, mas sem a sua dignidade diante de ti, as censuras que lhe fará sua consciência lhe darão uma espécie de remorso, opressivo para ti, justamente por te sentires culpada. Acabarás, afinal, desprezando aquele a quem não te habituaste a respeitar. Pensa nisto: o desprezo na mulher é a primeira modalidade do ódio. Como tens um nobre coração, tu te lembrarás sempre dos sacrifícios que Felipe fez por ti; mas ele não terá mais outros a fazer, depois de se haver, de algum modo, servido a si próprio nesse

primeiro festim, e infeliz do homem, e também da mulher, que nada deixam a desejar! Nada mais resta a dizer. Para nossa vergonha ou glória — não sei decidir esse ponto delicado —, não somos exigentes senão com o homem que nos ama!

Ó Luísa, modifica-te, ainda é tempo. Podes, procedendo com Macumer como eu o faço com Luís, fazer surgir o leão oculto nesse homem verdadeiramente superior. Dir-se-ia que te queres vingar da sua superioridade. Será que não te sentirás orgulhosa de exercer teu poder de outro modo que não em teu proveito, de fazeres um homem de gênio de um grande homem, como eu faço um homem superior de um homem comum?

Embora tivesses permanecido no campo, sempre te haveria escrito esta carta; eu teria temido tua petulância e teu espírito, numa conversação, ao passo que, sei, refletirás, ao ler-me, sobre o teu futuro. Alma querida, tens tudo para ser feliz, não estragues a tua felicidade e volta a Paris logo que chegue o mês de novembro. As obrigações e a voragem da sociedade de que eu me queixava são diversões necessárias a vossa existência, talvez um pouco demasiado íntima. Uma mulher casada deve ter o seu coquetismo. A mãe de família que não faz sua presença desejada, pela raridade de suas aparições no meio doméstico, arrisca-se a provocar saciedade. Se eu tiver vários filhos, coisa que almejo para minha felicidade, juro-te que, assim que eles atingirem certa idade, me reservarei horas em que ficarei a sós, pois é preciso nos fazermos desejar por todos, até mesmo por nossos filhos. Adeus, querida ciumenta! Sabes que uma mulher vulgar se sentiria lisonjeada por te haver causado esse ímpeto de ciúme? Ai de mim! Eu só posso afligir-me com isso, pois que em mim existe apenas uma mãe e uma sincera amiga. Mil carinhos. Enfim, faze o que quiseres para desculpar tua partida: se não estás segura de Felipe, estou segura de Luís.

XXXVII – A BARONESA DE MACUMER À VISCONDESSA DE L'ESTORADE

Gênova

Minha bela querida, tive a fantasia de ver um pouco a Itália e estou encantada por ter arrastado Macumer, cujos projetos na Sardenha foram protelados.

Este país me encanta e me seduz. As igrejas aqui, e sobretudo as capelas, têm um ar amoroso e garrido que deve dar às protestantes o desejo de se tornarem católicas. Muito festejaram Macumer, congratulando-se todos por haverem adquirido semelhante súdito. Se eu quisesse, Felipe teria a embaixada da Sardenha em Paris, pois que a Corte é encantadora para comigo. Se me escreveres, dirige tua carta para Florença. Não tenho tempo para te descrever minuciosamente minha viagem, coisa que farei na tua primeira estada em Paris. Ficaremos aqui apenas uma semana. Daqui iremos a Florença por Livorno, ficaremos um mês na Toscana e um mês em Nápoles, a fim de estarmos em Roma em novembro. Voltaremos por Veneza, onde permaneceremos na primeira quinzena de dezembro; iremos depois por Milão e Turim para Paris, em janeiro. Viajamos como amantes: a novidade dos lugares renova nossos queridos esponsais. Macumer não conhecia a Itália, e nós estreamos por esse magnífico caminho da Corniche[153] que parece construído por fadas. Adeus, querida. Não me queiras mal se não te escrevo; é-me impossível ter em viagem um momento meu; tenho apenas o tempo preciso para ver, sentir, saborear minhas impressões. Mas, para falar-te delas, esperarei que tenham tomado as cores da recordação.

XXXVIII – A VISCONDESSA DE L'ESTORADE À BARONESA DE MACUMER

Setembro

Querida, há para ti em Chantepleurs uma resposta bastante extensa à carta que me escreveste de Marselha. Essa viagem que realizais, como amantes, está tão longe de diminuir os temores que nela eu te exprimia que te peço para escrever para Nivernais, a fim de que te mandem a carta.

O ministério, dizem, resolveu dissolver as Câmaras. Se é uma desgraça para a Coroa, que devia empregar a última sessão dessa legislatura para fazer decretar as leis necessárias à consolidação do poder, também o é para nós: Luís só terá quarenta anos em fins de 1827. Felizmente, o meu pai, que consente em se fazer eleger deputado, pedirá demissão no momento oportuno.

Teu afilhado deu os primeiros passos sem a sua madrinha; ele, aliás, está admirável e começa a fazer-me desses pequenos gestos graciosos que mostram não ser ele mais unicamente um órgão que mama, uma vida brutal, e sim uma alma: seus sorrisos estão cheios de pensamentos. Fui tão favorecida no meu ofício de ama de leite que vou desmamar Armando em dezembro. Um ano de amamentação basta. As crianças que mamam demasiado tempo tornam-se tolas. Sou pelos adágios populares. Deves estar tendo um êxito louco na Itália, minha linda loura. Mil carinhos.

XXXIX – A BARONESA DE MACUMER À VISCONDESSA DE L'ESTORADE

Roma, dezembro

Recebi tua infame carta que, a meu pedido, meu intendente me mandou de Chantepleurs. Oh! Renata... Mas poupo-te tudo o que a minha indignação poderia sugerir-me. Vou apenas contar-te os efeitos produzidos pela tua carta. De volta da encantadora festa que nos ofereceu o embaixador e onde brilhei com todo o meu esplendor, de onde Macumer voltou tão inebriado de mim que não poderia descrever, li a tua horrível resposta, e li-a para ele, chorando, correndo embora o risco de

parecer-lhe feia. O meu querido abencerragem caiu-me aos pés chamando-me de tonta; levou-me à sacada do palácio onde estamos e de onde vemos parte de Roma: aí, sua linguagem foi digna da cena que se oferecia aos nossos olhos, pois havia um soberbo luar. Como já sabemos o italiano, seu amor expressado nessa língua tão flexível e favorável para a paixão se me afigurou sublime. Disse-me que embora fosses profetisa, ele preferia uma noite feliz, ou uma de nossas deliciosas manhãs, a uma vida inteira. Nesse sentido, ele já vivera mil anos. Ele queria que eu continuasse a ser sua amante e não ambicionava outro título que o de meu amante. Sente-se tão orgulhoso e feliz por se ver todos os dias o preferido que, se Deus lhe aparecesse e lhe concedesse optar entre viver ainda trinta anos segundo tua doutrina e ter cinco filhos, ou não ter mais do que cinco anos de vida dentro dos nossos queridos amores em flor, a sua escolha estaria feita: preferiria ser amado como eu o amo e morrer. Esses protestos murmurados ao meu ouvido, minha cabeça apoiada ao seu ombro, seu braço cingindo-me a cintura, foram perturbados, naquele momento, pelos gritos de um morcego que algum mocho surpreendera. Esse clamor de morte causou-me tão cruel impressão que Felipe me levou meio desmaiada para a cama. Mas tranquiliza-te! Embora esse horóscopo tenha repercutido em minha alma, hoje de manhã já vou bem. Ao levantar-me, pus-me de joelhos diante de Felipe e, com os olhos nos seus, com as suas mãos presas nas minhas, disse-lhe:

— Meu anjo, sou uma criança, e Renata bem pode ter razão: é, talvez, unicamente o amor que eu ame em ti; sabe pelo menos que não há outro sentimento em meu coração e que te amo, então, a meu modo. Enfim, se nas minhas maneiras, nas menores coisas da minha vida e de minha alma, houvesse algo que fosse contrário ao que querias ou esperavas de mim, dize-mo francamente! Quero saber! Terei prazer em ouvir-te e em não me orientar senão pela luz de teus olhos. Renata me apavora, ela me quer tanto!

Macumer não teve voz para responder-me, rompia em prantos. Agora

te agradeço, minha Renata; eu não sabia quanto era amada pelo meu belo, meu régio Macumer. Roma é a cidade onde se ama. Quando se tem uma paixão, é aqui que se deve vir para gozá-la: tem-se a arte e Deus como cúmplices. Em Veneza encontraremos o duque e a duquesa de Sória. Se me escreveres, escreve para Paris, pois deixaremos Roma daqui a três dias. A festa do embaixador era uma despedida.

p.s. — Querida imbecil, a tua carta bem mostra que só conheces o amor teoricamente. Fica, pois, sabendo que o amor é um princípio, cujos efeitos são todos tão dessemelhantes, que nenhuma teoria os poderia abarcar nem reger. Isto é para o meu doutorzinho de saias.

XL – A CONDESSA DE L'ESTORADE À BARONESA DE MACUMER

Janeiro de 1827

Meu pai foi nomeado, meu sogro morreu, e eu estou outra vez a ponto de dar à luz: tais são os acontecimentos notáveis deste fim de ano. Digo-os de imediato, para que logo se dissipe a impressão que te vai causar o meu papel tarjado.

Minha mimosa, tua carta de Roma fez-me vibrar de temor. Vocês são duas crianças. Felipe é ou um diplomata que dissimula ou um homem que te ama como amaria a uma cortesã, a quem sacrificasse sua fortuna, sabendo embora que ela o trai. Mas basta. Vocês me tomam por uma velha tonta, calo-me. Mas deixam-me dizer-te que, estudando nossos dois destinos, tiro desse estudo um princípio cruel: se queres ser amada, não ames.

Luís, minha querida, obteve a cruz da Legião de Honra ao ser nomeado membro do Conselho Geral. Ora, como breve fará três anos que ele pertence ao Conselho e que meu pai, a quem verás provavelmente em

Paris, durante a sessão, pediu para o genro o grau de oficial, faze-me o favor de empregar a tua habilidade no *mamamouchi*,[154] para que logo se efetue essa nomeação e de te interessares por essa insignificância. Sobretudo, não te preocupes com os assuntos do meu muito honrado pai, o conde de Maucombe, que quer obter o título de marquês; guarda os teus favores para mim. Quando Luís for deputado, isto é, no próximo inverno, iremos a Paris e ali revolveremos céu e terra para colocá-lo em alguma diretoria-geral, a fim de podermos economizar todas as nossas rendas, vivendo dos ordenados de um cargo. Meu pai está entre o centro e a direita e pede apenas um título; nossa família já era célebre no tempo do rei Renato,[155] e por isso o rei Carlos x não recusará um Maucombe; mas tenho meus receios de que meu pai queira solicitar algum favor para o meu irmão mais moço. Mantendo, porém, o bombom do marquesado um pouco fora do alcance de meu pai, este não poderá pensar senão em si mesmo.

15 de janeiro

Ah!, Luísa, acabo de sair do inferno! Se tenho a coragem de te falar de meus sofrimentos, é que tu se me afiguras uma outra eu mesma. E mesmo assim não sei se jamais deixarei meus pensamentos volver a estes cinco dias fatais! Só a palavra convulsão basta para causar-me arrepios, mesmo na alma. Não foram cinco dias que acabaram de passar, mas cinco séculos de dores. Enquanto uma mãe não tiver sofrido esse martírio, ignorará o que quer dizer a palavra sofrimento. Cheguei a considerar-te feliz por não teres filhos, por aí podes imaginar o meu desnorteamento!

Na véspera do dia terrível, o tempo, que estivera pesado e quase quente, pareceu-me ter incomodado o meu pequeno Armando. Ele, tão meigo e carinhoso, estava rabugento; gritava por qualquer coisa, queria brincar e quebrava os brinquedos. É bem possível que todas as doenças,

nas crianças, sejam precedidas por modificações do gênio. Atenta a essa singular maldade, eu observava em Armando vermelhidões e palidezes que atribuía à saída simultânea de quatro molares. Por isso deitei-o junto a mim, acordando a todo instante. Durante a noite, ele teve um pouco de febre que não me inquietou: eu a atribuía aos dentes. Já pela manhã ele disse: "Mamãe", pedindo, com um gesto, para beber, mas com um tom de voz e um movimento convulsivo no gesto que me gelaram o sangue. Saltei da cama para ir preparar água açucarada. Imagina meu pavor, quando, ao lhe apresentar a xícara, não vi fazer nenhum movimento; apenas repetia: "Mamãe!" com uma voz que já não era a sua, e nem mesmo era uma voz. Tomei-lhe a mão, mas essa já não obedecia, enrijecida. Cheguei-lhe então a xícara aos lábios; o pobrezinho bebeu de um modo apavorante uns três ou quatro goles convulsivos, e a água, na sua garganta, fez um ruído singular. Afinal ele se agarrou desesperadamente a mim e vi seus olhos, repuxados por uma força interior, tornarem-se brancos, seus membros perderem a flexibilidade. Dei gritos espantosos. Luís acorreu. — Um médico! Um médico!... Ele está morrendo — gritei-lhe.

Luís desapareceu, e meu pobre Armando disse outra vez: "Mamãe! Mamãe!", agarrando-se a mim. Foi o último momento em que ele soube que tinha uma mãe. As lindas veias de sua fronte se intumesceram e começaram as convulsões. Uma hora antes da chegada dos médicos, eu segurava em meus braços aquela criança tão viva, tão branca e rosada, aquela flor que era o meu orgulho e a minha alegria, rígido como um pedaço de pau; e que olhos! Estremeço ao lembrar-me. Negro, crispado, contraído, mudo, o meu gentil Armando era uma múmia. Um médico, dois médicos trazidos de Marselha por Luís, que ali estavam plantados como pássaros de mau agouro, faziam-me estremecer. Um falava de febre cerebral, o outro via naquilo convulsões como costumam ter as crianças. O médico do nosso cantão parecia-me o mais sensato, porque nada prescrevia. — São os dentes — dizia o segundo. — É uma febre — dizia o primeiro. Finalmente convieram em aplicar sanguessugas no pescoço e

gelo na cabeça. Eu sentia-me morrer. Estar ali, ver um cadáver azul ou negro, sem um grito, sem um movimento, em lugar de uma criatura tão ruidosa e tão viva! Houve um momento em que perdi o juízo e tive um riso nervoso ao ver aquele pescocinho bonito, que tantas vezes beijara, mordido pelas sanguessugas, e aquela cabecinha encantadora sob um capacete de gelo. Para poder aplicar o gelo foi preciso, minha querida, cortar-lhe aquela linda cabeleira que tanto admirávamos e que tantas vezes acariciaste. De dez em dez minutos, como nas minhas dores de parto, voltavam as convulsões, e o pobrezinho se estorcia, ora pálido, ora roxo. Quando se chocavam, os seus membros tão flexíveis faziam um som como se fossem de pau. Aquela criatura insensível me havia sorrido, falado, e pouco antes me chamara de mãe! Ao pensar nisso, ondas de dor atravessavam-me a alma, agitando-a como os vendavais agitam os mares, e eu sentia todos os laços pelos quais uma criança está presa aos nossos corações abalados. Minha mãe que, talvez, me tivesse auxiliado, aconselhado ou consolado, está em Paris. As mães, a respeito de convulsões, sabem mais, creio eu, do que os médicos. Após quatro dias e quatro noites passadas em alternativas e temores, que quase me mataram, os médicos concordaram todos em aplicar uma horrível pomada para provocar chagas! Oh! Chagas em meu Armando, que cinco dias antes andava, brincava, sorria, e se ensaiava dizer: “Madrinha”! Recusei, desejando confiar-me à natureza. Luís ralhava comigo, pois acreditava nos médicos. Um homem é sempre homem. Mas, nessas terríveis doenças, há momentos em que elas tomam a forma da morte: e durante um desses instantes, esse remédio que eu abominava pareceu-me a salvação de Armando. A pele, minha Luísa, estava tão seca, tão rude, tão árida que o unguento não colou. Desatei, então, a chorar durante tanto tempo por sobre o leito que a cabeceira ficou molhada. Os médicos, esses, jantavam! Ao me ver só, tirei do meu filho todos os tópicos da medicina; quase louca, agarrei-o nos meus braços, apertei-o contra o peito, encostei minha fronte na dele, rogando a Deus que lhe desse vida,

enquanto tentava transmitir-lha. Mantive-o assim durante alguns instantes, querendo morrer com ele para não me separar do meu pequeno, nem na vida, nem na morte. Querida, senti os membros se afrouxarem, as convulsões cederam, o meu filho moveu-se, as horríveis e sinistras cores desapareceram! Gritei como quando adoecera, os médicos subiram e lhes mostrei Armando.

— Está salvo! — exclamou o médico mais idoso.

Oh! Que palavra! Que música! O céu se abria. Com efeito, duas horas depois, Armando renascia: mas eu estava aniquilada, foi preciso para livrar-me de alguma doença o bálsamo da alegria. Oh! Meu Deus! Com que dores prendeis o filho à mãe! Que cravos nos enterrais no coração para aí sustê-lo! Não era eu ainda suficientemente mãe, eu a quem as balbúcies e os primeiros passos dessa criança fizeram chorar de alegria! Eu que fico a observá-lo durante horas inteiras para bem cumprir os meus deveres e instruir-me no suave ofício de mãe! Era preciso causar esses terrores, oferecer essas espantosas cenas àquela que fez de seu filho o seu ídolo? No momento em que te escrevo, nosso Armando brinca, grita, ri. Busco então as causas dessa horrível doença das crianças, lembrando-me que estou grávida. Será a saída dos dentes? Será um trabalho particular que se realiza no cérebro? Terão as crianças que sofrem de convulsões alguma imperfeição no sistema nervoso? Todas essas ideias me preocupam tanto quanto ao presente como quanto ao futuro. Nosso médico rural opina por uma excitação nervosa causada pelos dentes. Eu daria todos os meus para que a dentição de Armando termine logo. Quando vejo uma dessas pérolas brancas apontar no meio da gengiva inflamada, tenho, agora, suores frios. O heroísmo com que esse querido anjo sofre mostra-me que ele terá o meu caráter: dirige-me olhares de partir o coração. A medicina não sabe grande coisa a respeito das causas dessa espécie de tétano que termina tão rapidamente como começa, que não se pode nem prevenir nem curar. Repito-te, só uma coisa é certa: ver seu filho em convulsões é o inferno para uma mãe. Com

que furor eu o beijo! Oh! Como o trago durante muito tempo em meus braços, a passeá-lo! Ter passado por esse sofrimento, quando estou para dar à luz, outra vez, dentro de seis semanas, era uma horrível agravação do martírio, pelo medo que tinha quanto ao outro! Adeus, minha querida e amada Luísa; não queiras filhos, eis minha última palavra.

XLI – A BARONESA DE MACUMER À CONDESSA DE L'ESTORADE

Paris

Pobre anjo, Macumer e eu te perdoamos tuas *ruindades* ao saber quanto foste atormentada. Estremeci, sofri ao ler os detalhes dessa dupla tortura, e aqui estou menos pesarosa de não ser mãe. Apresso-me a comunicar-te a nomeação de Luís, o qual pode usar a roseta oficial. Desejavas uma menina; terás uma, provavelmente, minha feliz Renata! O casamento de meu irmão e da srta. de Mortsauf foi celebrado no nosso regresso. Nosso encantador rei, que é realmente de uma bondade admirável, deu a meu irmão a sucessão do cargo de primeiro gentil-homem de Câmara, do qual é titular seu sogro.

— O cargo deve ir acompanhado dos títulos — disse ele ao duque de Lenoncourt-Givry.

Exigiu apenas que o escudo dos Mortsauf fosse colocado ao lado do dos Lenoncourt.

Meu pai tinha cem vezes razão. Sem a minha fortuna nada disso teria acontecido. Meu pai e minha mãe vieram de Madri para o casamento e para lá voltarão, depois da festa que ofereço amanhã aos recém-casados. O carnaval vai ser muito brilhante. O duque e a duquesa de Sória estão em Paris; a presença deles preocupa-me um pouco. Maria Heredia é indiscutivelmente uma das mais belas mulheres da Europa, e não me agrada o modo pelo qual Felipe a olha. Por isso redobro de amor e de

ternura.

"*Ela* jamais te haveria amado assim!" é uma frase que tenho o cuidado de não proferir, mas que está gravada em todos os meus olhares, em todos os meus gestos. Deus sabe se sou elegante e coquete. Ontem, a sra. de Maufrigneuse me dizia:

— Minha querida pequena, diante de você, tem-se de arriar pavilhão.

Enfim, distraio tanto Felipe que ele deve achar a cunhada tola como uma vaca espanhola. Terei tanto menos pesar em não fazer um pequeno abencerragem, porque a duquesa vai sem dúvida dar à luz em Paris, vai ficar feia; se for varão, ele se chamará Felipe em homenagem ao banido. Um acaso malicioso fará com que eu seja outra vez madrinha. Adeus, querida. Este ano, irei cedo para Chantepleurs, pois nossa viagem custou quantias exorbitantes; partirei em fins de março, a fim de fazer economias em Nivernais. De resto, Paris me aborrece. Felipe suspira tanto quanto eu pela bela solidão de nosso parque, pelos nossos prados frescos e nosso Loire palhetado por suas areias, que não tem outro rio que se lhe assemelhe. Chantepleurs me parecerá delicioso, depois das pompas e das vaidades da Itália; porque, afinal de contas, a magnificência é tediosa e o olhar de um amante é mais belo do que um *capo d'opera*, ou que um *bel quadro*![156] Nós lá te esperaremos; não terei mais ciúme de ti. Poderás sondar à vontade o coração do meu Macumer, nele pescar imperfeições, dali retirar escrúpulos; entrego-te o meu marido com soberba confiança. Depois da cena de Roma, Felipe ama-me mais ainda; disse-me ontem (ele está lendo por cima do meu ombro) que sua cunhada, a Maria de sua mocidade, sua antiga noiva, a princesa Heredia, seu primeiro sonho, era estúpida. Oh! Querida, sou pior do que uma rapariga da ópera, essa injúria causou-me prazer. Fiz notar a Felipe que ela não falava corretamente o francês; ela pronuncia *esemple* por *exemple*, *sain* por *cinq*, *cheu* por *je*; enfim ela é bela, mas não é graciosa, não tem nenhuma vivacidade de espírito. Quando se lhe dirige um cumprimento, ela olha para quem o faz como uma mulher que não

estivesse acostumada a recebê-los. Com o caráter que tem, ele teria deixado Maria dois meses depois de casar. O duque de Sória, dom Fernando, está bem talhado para ela; tem generosidade, mas é uma criança mimada, bem se vê. Eu poderia ser maldosa e fazer-te rir; mas limito-me à verdade. Mil carinhos, meu anjo.

XLII – RENATA A LUÍSA

Minha filhinha está com dois meses; minha mãe foi a madrinha, e um velho tio-avô de Luís, o padrinho da pequena que se chama Joana Atenaís.

Logo que possa, partirei para ir vê-los em Chantepleurs, uma vez que uma ama não o assuste. Teu afilhado já diz teu nome, ele o pronuncia *Matumer*!, pois não sabe dizer o *c* de outra forma; ficarás louquinha por ele; tem todos os dentes; come carne agora, como um rapaz; corre como um ratinho; eu, porém, cerco-o sempre com olhares inquietos e estou desesperada por não poder conservá-lo continuamente junto a mim durante meu puerpério, o qual exige mais de quarenta dias de quarto, devido às precauções recomendadas pelos médicos. Ai de nós! Minha filha, a gente não se acostuma aos partos! As mesmas dores e as mesmas apreensões. Entretanto (não mostres minha carta a Felipe) eu tenho alguma responsabilidade na fabricação desta meninazinha, que talvez prejudique a teu Armando.

Meu pai achou Felipe emagrecido e minha querida mimosa também magrinha. Entretanto o duque e a duquesa de Sória já se foram, não havendo portanto mais motivo de ciúmes! Estarás a esconder-me algum pesar? Tua carta não era nem tão comprida nem tão afetuosamente pensada quanto as outras. Será somente um capricho da minha caprichosa?

Já é demais, minha enfermeira está ralhando comigo por te ter escrito,

e a srta. Atenaís de l'Estorade quer jantar. Adeus, pois, escreve-me umas cartas boas e bem extensas.

XLIII – A BARONESA DE MACUMER À CONDESSA DE L'ESTORADE

Pela primeira vez em minha vida, querida Renata, chorei sozinha à sombra de um salgueiro, num banco de madeira, à beira de meu vasto açude de Chantepleurs, uma vista deliciosa que vais embelezar, pois nela faltam apenas crianças alegres. Tua fecundidade fez com que eu, que não tenho filhos, depois de quase três anos de casamento, me recolhesse em mim mesma. "Oh! Estive pensando, mesmo que tivesse de sofrer cem vezes mais do que Renata sofreu ao dar à luz o meu afilhado, mesmo que tivesse de ver meu filho em convulsões, faze, meu Deus, que eu tenha uma criatura angélica como essa pequena Atenaís, que daqui vejo tão bela como a luz!" Porque nada me disseste a respeito! Reconheci nisso a minha Renata. Parece que adivinhas os meus sofrimentos. Toda vez que vejo frustradas as minhas esperanças, fico durante vários dias presa de um pesar profundo. Fazia, então, melancólicas elegias. Quando me tocará bordar pequeninas toucas? Quando escolherei as fazendas para um enxoval de bebê? Quando coserei lindas rendas para envolver uma cabecinha? Estarei destinada a nunca ouvir uma dessas encantadoras criaturas chamar-me mamãe, puxar-me pelo vestido, tiranizar-me? Não verei na areia os vestígios de um carrinho? Não apanharei brinquedos quebrados no meu pátio? Não irei, como tantas mães, ao bazar comprar espadinhas, bonecas, pequenos aparelhos domésticos? Não verei desenvolver-se essa vida e esse anjo que será um outro Felipe mais amado? Quisera um filho para saber como se pode amar o amante mais do que se ama, num outro ele. Meu parque, meu castelo, parecem-me desertos e frios. Uma mulher sem filhos é uma monstruosidade; nascemos unicamente para mães. Oh! Doutorzinho de saias, viste bem a

vida. De resto, a esterilidade é horrível sob todos os pontos de vista. Minha vida assemelha-se um pouco às pastorais de Gessner e de Florian, das quais dizia Rivarol, [157] que a gente lhes desejava lobos. Também eu quero dedicar-me! Sinto em mim forças que Felipe descuida; e, se não for mãe, será preciso que me conceda a fantasia de alguma desgraça. Eis o que acabo de dizer a meu rebento de mouro, ao qual estas palavras fizeram assomar lágrimas aos olhos; ficou quite em ser chamado de sublime animal; não se pode gracejar com ele sobre seu amor.

Momentos há em que tenho vontade de fazer rezar novenas, de ir pedir, a certas madonas ou a certas águas, a fecundidade. No próximo inverno consultarei os médicos. Estou tão furiosa comigo mesma que não te posso escrever mais longamente. Adeus.

XLIV – DA MESMA PARA A MESMA

Paris, 1829

Como, querida, um ano sem cartas?... Estou um pouco ressentida. Acreditas que teu Luís, que tem vindo ver-me quase de dois em dois dias, te substitui? Não me basta saber que não estás doente e que os vossos negócios vão bem; quero teus sentimentos e tuas ideias, como te entrego os meus, correndo embora o risco de que ralhes comigo, ou me censures, ou não me compreendas, porque te quero. Teu silêncio e tua reclusão no campo, quando aqui poderias gozar os triunfos parlamentares do conde de l'Estorade, cujo falatório e dedicação lhe granjearam influência, e que, sem dúvida nenhuma, ficará muito altamente colocado depois do período parlamentar, trazem-me graves inquietações. Será que passas tua vida a escrever-lhe, dando-lhe instruções? Numa não estava tão longe assim de sua Egéria[158]. Por que não aproveitaste a oportunidade para ver Paris? Eu já estaria gozando tua presença há quatro meses. Luís disse-me ontem que virias buscá-lo e que terias teu terceiro parto em Paris, horrorosa mãe Gigogne[159] que és! Depois de muitas perguntas, lamentos e queixumes, Luís, embora diplomata, acabou por me dizer que seu tio-avô, o padrinho de Atenaís, estava muito mal. Ora, suponho-te, como boa mãe de família, capaz de tirar partido da glória e dos discursos do deputado para obter um legado vantajoso do último parente do lado materno do teu marido. Tranquiliza-te, minha Renata, os Lenoncourt, os Chaulieu, o salão da sra. de Macumer trabalham por Luís. Martignac[160] com

certeza o colocará no Tribunal de Contas. Mas, se não me disseres por que motivo permaneces na província, zango-me contigo. Será para não dares a impressão de seres toda a política da casa de l'Estorade? Será pela herança do tio? Tiveste receio de ser menos mãe em Paris? Oh! Como eu quisera saber se é para não te mostrares no teu estado de gravidez, coquete! Adeus.

XLV – RENATA A LUÍSA

Tu te queixas do meu silêncio; esqueces então essas duas cabecinhas que eu governo e que me governam? Aliás, descobriste alguns dos motivos que eu tinha para ficar em casa. Além do estado do nosso precioso tio, não quis levar a Paris, estando grávida ainda, um garoto de cerca de quatro anos e uma meninazinha, que breve completará três anos. Não quis atrapalhar a tua casa e a tua vida com semelhante família, nem quis apresentar-me desvantajosamente no brilhante mundo, onde reinas, e tenho horror aos apartamentos mobiliados e à vida de hotel. O tio-avô de Luís, ao saber da nomeação de seu sobrinho-neto, fez-me presente da metade de suas economias, duzentos mil francos, para comprar uma casa em Paris, e Luís está encarregado de procurar uma na tua vizinhança. Minha mãe deu-me uns trinta mil francos para os móveis. Quando eu for instalar-me em Paris, para o período parlamentar, irei para a minha casa. Enfim, procurarei ser digna de minha querida irmã de eleição, seja dito sem trocadilho.

Agradeço-te teres colocado Luís tão bem na Corte, como está; mas, apesar da estima em que o têm os senhores de Bourmont e de Polignac[161], que o querem no seu ministério, não desejo que ele esteja tão em destaque: fica-se demasiado comprometido. Prefiro o Tribunal de Contas, por causa da inamobilidade. Nossos negócios estarão aqui em ótimas mãos, e, uma vez que o nosso administrador estiver bem a par de

tudo, irei secundar Luís, podes ficar tranquila.

Quanto a escrever agora longas cartas, posso eu fazê-lo? Esta na qual eu quisera. escrever-te a marcha normal dos meus dias ficará em cima da minha mesa durante uns oito dias. É capaz que Armando faça dela baterias para os seus regimentos enfileirados em cima do meu tapete, ou então barcos para as esquadras que navegam na sua banheira. Um único dos meus dias te bastará, de resto, pois todos se assemelham e se reduzem a dois acontecimentos: as crianças estão doentes, ou não estão. Ao pé da letra, para mim, nesta solitária casinha de campo, os minutos são horas ou as horas são minutos, segundo o estado das crianças. Se tenho algumas horas deliciosas, são as que consigo durante o sono dos dois, quando não estou embalando uma ou contando histórias ao outro, para adormecê-los. Quando os vejo adormecidos junto de mim, digo a mim mesma: "Nada mais tenho a temer". Com efeito, meu anjo, durante o dia, todas as mães inventam perigos, assim que os filhos estão longe de suas vistas. São navalhas roubadas com as quais Armando quis brincar, o fogo que pega na sua blusinha, uma cobra que o pode ferir, uma queda ao correr que lhe pode produzir um galo na testa, ou os tanques onde ele se pode afogar. Como vês, a maternidade comporta uma série de poesias suaves ou terríveis. Nem uma hora que não tenha suas alegrias e seus temores. Mas à noite, no meu quarto, chega a hora desses sonhos despertos durante os quais eu lhes organizo os destinos. Suas vidas são então iluminadas pelo sorriso dos anjos que entrevejo à sua cabeceira. Por vezes, Armando chama-me no seu sonho, e eu vou, sem que ele o sinta, beijar-lhe a fronte e os pés de sua irmã, contemplando-os, a ambos, na sua beleza. São essas as minhas festas! Ontem, nosso anjo da guarda, creio eu, me fez correr no meio da noite, muito inquieta, até o berço de Atenaís, que estava com a cabeça muito embaixo, e encontrei nosso Armando completamente descoberto, com os pés roxos de frio.

— Oh! Mãezinha! — disse-me ele despertando e beijando-me.

Eis aí, querida, uma cena da noite. Como é útil ter uma mãe os filhos

perto de si! Será acaso uma criada, por melhor que seja, os agarre, os reconforte e os faça adormecer novamente quando algum pesadelo os tiver despertado? Pois eles têm seus sonhos, e explicar-lhes um desses terríveis sonhos é uma tarefa tanto mais difícil quanto uma criança ouve então a mãe, com olhos ao mesmo tempo adormecidos, espantados, inteligentes e tolos. É uma suspensão entre dois sonos. Por isso meu dormir tornou-se tão leve que vejo e ouço os meus dois pequeninos através da gaze das minhas pálpebras. Acordo se suspiram, se fazem um movimento. O monstro das convulsões está, para mim, sempre acocorado junto a seus leitos.

De dia, o palrar dos meus dois filhos começa com os primeiros pios dos pássaros. Através dos véus do último sono, a algaraviada de ambos assemelha-se ao gorjeio da manhã, às disputas das andorinhas, pequenos gritos alegres ou plangentes, que ouço menos com os ouvidos do que com o coração. Enquanto Naís tenta chorar junto a mim, realizando a passagem do seu berço até minha cama, arrastando-se com as mãos e dando passadas inseguras, Armando trepa com a agilidade de um macaco e me beija. Os dois fazem, então, da minha cama o teatro dos seus brinquedos, onde a mãe fica à sua mercê. A pequenina puxa-me os cabelos, quer sempre mamar, e Armando defende meu seio como se fosse propriedade sua. Não resisto a certas atitudes, a risos que esfuziam como foguetes e que acabam expulsando o sono. Brinca-se então de bicho-papão, e o bicho-papão devora de beijos aquela carnezinha tão branca e tão macia; beija que te beija aqueles olhinhos tão faceiros na sua malícia, aqueles ombros rosados. E os dois se provocam ciumeiras encantadoras. Há dias em que tento calçar as meias às oito horas e às nove não consegui ainda enfiar uma.

Enfim, querida, levantamo-nos. Começam as *toilettes*. Visto o *peignoir*, arregaço as mangas, ponho na frente o avental encerado. Banho e limpo então minhas duas florzinhas, assistida por Mary. Só eu sou juiz do grau de calor ou de frio da água, pois a temperatura das águas é

responsável pela metade dos gritos, do pranto das crianças. Erguem-se então as frotas de papel, os patinhos de vidro. É preciso divertir as crianças para poder bem lavá-las. Se soubesses todos os prazeres que é preciso inventar para esses reis absolutos, a fim de poder passar-lhes esponjas macias nas menores dobras, ficarias assombrada com a habilidade e o espírito que o ofício de mãe exige para ser realizado condignamente. Suplica-se, ralha-se, promete-se, fica-se de um charlatanismo tanto mais superior quanto mais admiravelmente disfarçado deve ser. Não sei o que seria se à finura da criança Deus não tivesse oposto a finura da mãe. Uma criança é um grande político do qual nos tornamos senhoras como o fazemos com o grande político... por suas paixões. Felizmente esses anjos riem de tudo: uma escova que cai, um pedaço de sabonete que escorrega, é quanto basta para acessos de riso! Enfim, se os triunfos são caros, pelo menos existem triunfos. Mas somente Deus, pois o próprio pai nada sabe de tudo isso, Deus, tu ou os anjos, só vocês poderiam compreender os olhares que troco com Mary quando, depois de ter acabado de vestir nossas duas criaturinhas, vemo-las asseadinhas entre os sabonetes, as esponjas, os pentes, as bacias, os papéis, as flanelas, os mil detalhes de uma verdadeira *nursery*. Nesse ponto tornei-me inglesa e admito em que as mulheres da Inglaterra têm o gênio da criação. Embora não considerem a criança senão sob o ponto de vista do bem-estar material e físico, têm razão nos seus aperfeiçoamentos. Por isso meus filhos andarão sempre com os pés metidos em flanela e as pernas nuas. Não andarão nem apertados, nem comprimidos, mas também nunca ficarão sós. A prisão das crianças francesas nas suas faixas é a liberdade das amas, é essa a verdade. Uma verdadeira mãe não é livre: eis o motivo pelo qual te escrevo, pois tenho nos braços a administração da propriedade e duas crianças para educar. A ciência da mãe comporta méritos silenciosos, ignorados por todos, sem bazófia, uma virtude a varejo, uma dedicação de todos os momentos. É preciso cuidar das sopas que estão ao fogo. Julgas-me mulher capaz de se

esquivar a um cuidado? No mínimo cuidado há um sentimento a recolher. Oh! É tão bonito o sorriso de uma criança que acha a sua comidinha excelente! Armando tem meneios de cabeça que valem por toda uma vida de amor. Como deixar para outra mulher o direito, o cuidado, o prazer de soprar uma colherada de sopa que Naís vai achar muito quente, ela a quem desmamei faz sete meses e que continua a se lembrar do seio? Quando uma criança queima a língua e os lábios com alguma coisa quente, à mãe que acorre, a ama diz que foi a fome que a fez gritar. Mas como pode uma mulher dormir sossegada com a ideia de que um hálito impuro pode passar por sobre as colheradas engolidas por seu filho, ela a quem a natureza não permitiu que tivesse um intermediário entre o seu seio e os lábios do seu lactante? Cortar miudinho a costeleta de Naís, cujos últimos dentes estão saindo, e misturar essa carne bem cozida com batatas é uma obra de paciência, e verdadeiramente só uma mãe pode saber, em certos casos, fazer com que uma criança, que se impacienta, coma toda a sua refeição. Nem numerosas criadas nem uma ama inglesa podem, pois, dispensar uma mãe de comparecer em pessoa ao campo de batalha, onde a meiguice deve lutar contra os pequenos aborrecimentos da infância, contra as suas dores. Olha, Luísa, devemos cuidar desses queridos inocentes com nossa própria alma; não devemos acreditar senão nos nossos próprios olhos, senão no testemunho de nossas mãos para a *toilette*, para a alimentação e para o deitar. Em princípio, o choro de uma criança é uma razão absoluta que condena a mãe ou a criada, quando o choro não tem por causa um sofrimento imposto pela natureza. Desde que tenho dois, e dentro em pouco três, para cuidar, nada mais tenho na alma a não ser meus filhos; e tu mesma, a quem tanto quero, nela estás na qualidade de recordação. Nem sempre estou vestida às duas horas. Por isso não creio nas mães que têm apartamentos arranjados e golas, vestidos, suas coisas em ordem. Ontem, em princípios de abril, fazia um belo tempo, eu quis passear com as crianças antes do meu parto, cuja hora se aproxima: pois bem, para uma

mãe, uma saída é todo um poema, que ideamos na véspera para realizá-lo no dia seguinte. Armando devia pôr, pela primeira vez, uma jaqueta de veludo negro, uma nova golinha que eu bordara, um gorro escocês com as cores dos Stuart e penas de galo; Naís devia ir vestida de branco e rosa, com os deliciosos toucados dos *babies*, pois que ela é ainda um *baby*; ela vai perder esse lindo nome quando chegar o pequeno que me dá pontapés e a quem apelidei de *meu mendi*go, pois será o caçula. Já o vi em sonhos e sei que será um menino. Toucas, babeiros, blusas, as meiazinhas, os mimosos sapatinhos, as faixas cor-de-rosa para as pernas, o vestido de musselina bordado, a seda, tudo estava em cima de minha cama. Quando esses dois pássaros tão alegres e que tão bem se entendem estiveram, um, com a sua cabeleira castanha cheia de cachos, e o outro com a sua, arranjada sobre a fronte, margeando o boné branco e rosa; quando os sapatos foram abotoados; quando aquelas perninhas nuas, aqueles pés tão bem calçados, pisaram pela *nursery*; quando aqueles dois rostos *clean*, como diz Mary em francês límpido; quando aqueles olhos cintilantes disseram: “Vamos!”, eu palpitava. Oh! Ver crianças vestidas por nossas mãos, ver aquela pele fresca onde brilham as veias azuis; depois que os banhamos, enxaguamos, esponjamos nós mesmas, realçadas pelas cores vivas do veludo ou da seda; mas isso vale mais do que um poema! Com que paixão, apenas satisfeita, se as chamamos novamente para tornar a beijar aqueles pescoços que um simples barbeiro torna mais bonitos do que os das mais belas mulheres? Esses quadros, ante os quais as mais estúpidas litografias coloridas detêm todas as mães, eu os faço todos os dias.

Uma vez na rua eu gozava os meus trabalhos; admirava esse pequeno Armando que parecia ser o filho de um príncipe e que fazia *baby* caminhar ao longo daquele pequeno caminho que conheces, nisso veio um carro, eu quis resguardá-los, e os dois caíram numa poça de lama, e eis perdidas as minhas obras-primas! Foi preciso trazê-los para casa e vesti-los de outra forma. Peguei a pequenina nos meus braços

esquecendo-me de que estragava meu vestido, Mary apoderou-se de Armando, e eis-nos de volta. Quando um *baby* grita e uma criança se molha, tudo está dito: uma mãe não mais pensa em si, está absorvida.

Quando chega a hora do jantar, na maioria das vezes, eu nada fiz; e como posso eu bastar para servi-los aos dois, para lhes pôr os guardanapos, para arregaçar-lhes as mangas e fazê-los comer? É um problema que resolvo duas vezes por dia. Em meio a esses cuidados perpétuos, a essas festas ou a esses desastres, só eu em casa sou esquecida. Acontece-me muitas vezes ficar com os papelotes quando as crianças se portam mal. Minha *toilette* depende do humor deles. Para conseguir um momento meu, a fim de te escrever estas seis páginas, é preciso que eles estejam recortando as figuras dos meus romances, que construam castelos com livros, com peças de xadrez ou fichas de nácar; que Naís desenrole meus novelos de seda ou de lã, a seu modo, que, asseguro-te, é tão complicado que ela emprega nesse trabalho toda a sua jovem inteligência, e bem caladinha.

Afinal de contas, não tenho por que me queixar: meus dois filhos são robustos, livres e se divertem com mais facilidade do que se imagina. Tudo os torna felizes, eles necessitam muito mais de uma liberdade vigiada do que de brinquedos. Algumas pedrinhas rosadas, amarelas, roxas ou negras, pequenas conchas, as maravilhas da areia, fazem a sua felicidade. Possuir muitas coisinhas, eis a sua riqueza. Examino Armando, ele fala com as flores, com as moscas, com as galinhas, ele as imita: entende-se com os insetos, que o enchem de admiração. Tudo o que é pequeno os interessa. Armando começa a querer saber o porquê de tudo; veio ver o que eu estava dizendo à sua madrinha; aliás ele te julga uma fada, e por aí podes ver como as crianças têm sempre razão.

Meu querido anjo, não te queria entristecer, relatando-te todas essas venturas. Eis aqui um traço para te pintar o teu afilhado. Outro dia, um pobre nos seguiu, pois os pobres sabem muito bem que nenhuma mãe acompanhada do filho jamais lhes negará esmola. Armando não sabe

ainda que é possível não ter pão e ignora o que seja o dinheiro; mas como eu acabava de lhe comprar uma corneta que ele desejara, deu-a, num gesto régio, ao velho, dizendo-lhe: Toma!

— Permite que a guarde? — perguntou-me o pobre.

Que há no mundo que se possa comprar às alegrias de um tal momento?

— É que eu também, minha senhora, tive filhos — disse-me o ancião, pegando no que eu lhe dava, sem prestar atenção.

Quando penso que será preciso pôr uma criança como Armando no colégio e que só me restam três anos e meio para tê-lo comigo chego a sentir arrepios. A Instrução Pública ceifará a qualquer momento as flores dessa infância abençoada, desnaturalizará essas graças e essas adoráveis franquezas! Aquela cabeleira crespa que tanto cuidei, limpei, beijei, será cortada! Que farão da alma de Armando?

E tu, que é feito de ti? Nada me contas de tua vida. Amas sempre Felipe? Pois que o sarraceno não me preocupa. Adeus; Naís acaba de cair, e, se eu quisesse continuar, esta carta encheria um volume.

XLVI – A SRA. DE MACUMER À CONDESSA DE L'ESTORADE

1829

Já deves saber pelos jornais, minha boa e terna Renata, a horrível desgraça que se abateu sobre mim; não te pude escrever uma única palavra, fiquei à sua cabeceira durante uns vinte dias e vinte noites, recebi seu último suspiro, fechei-lhe os olhos, velei-o piedosamente, com os padres, e rezei a oração dos mortos. Infligi-me o castigo dessas dores espantosas e, entretanto, ao ver-lhe nos lábios menos o sorriso que me dirigia ao morrer, não podia crer que o meu amor o tivesse matado! Enfim ele *não mais existe*, e eu vivo! A ti, que tão bem nos conheceste,

que mais posso dizer? Tudo está naquelas duas expressões. Oh! Se alguém me pudesse dizer que ele poderia ser restituído à vida, eu daria o meu quinhão do céu para ouvir essa promessa, porque isso seria revê-lo!... E tê-lo novamente, quando mais não fosse durante dois segundos, isso seria respirar com o punhal fora do coração. Não virás, tu em breve, para dizer-me isso? Não me queres bastante para enganar-me?... Mas quê! Disseste-me de antemão que eu o feria profundamente... Será verdade? Não, não mereci o seu amor, tens razão, roubei-o. A felicidade, afoguei-a com os meus abraços insensatos! Oh! Ao escrever-te não estou mais louca, mas sinto que estou sozinha! Senhor, que mais haverá no vosso inferno além dessa palavra?

Quando mo arrancaram, deitei-me no mesmo leito, esperando morrer, pois que entre nós não havia mais do que uma porta, e eu me julgava com bastante força para abri-la! Mas ai de mim! Eu era demasiado jovem e depois de uma convalescença de quarenta dias, durante os quais me alimentaram com a arte horrível de uma triste ciência, vi-me no campo, sentada a uma janela, entre as lindas flores que ele cultivava para mim, gozando essa magnífica vista sobre a qual por tantas vezes o seu olhar vagou e que ele tanto se felicitava por ter descoberto, uma vez que ela me agradava. Ah! Querida, a dor de mudar de lugar é inaudita quando o coração está morto. A terra úmida de meu jardim causa-me arrepios, a terra é como um grande túmulo, e tenho a impressão de caminhar sobre ele! Ao sair pela primeira vez tive medo e fiquei imóvel. É muito lúgubre ver as *suas* flores sem *ele!*

Minha mãe e meu pai estão na Espanha, conheces meus irmãos, e tu és obrigada a ficar no campo, mas tranquiliza-te, dois anjos voaram para mim. O duque e a duquesa de Sória, esses dois seres encantadores, acorreram para ver o irmão. As últimas noites viram nossas três dores calmas e silenciosas, em torno do leito onde morria um desses homens verdadeiramente nobres e verdadeiramente grandes, que são tão raros e que nos são superiores em tudo. A paciência de meu Felipe foi divina. A

vista do irmão e de Maria por um momento lhe refrescou a alma e lhe apaziguou as dores.

— Querida — disse-me ele com a simplicidade que punha em tudo —, ia morrer sem me lembrar de transmitir a Fernando a baronia de Macumer; tenho de refazer meu testamento. Meu irmão me perdoará, pois ele sabe o que é amar!

Devo a vida aos cuidados de meu cunhado e de sua esposa; querem levar-me consigo para Espanha!

Ah! Renata, este desastre, só a ti posso dizer qual o teu alcance... O sentimento de meus erros me acabrunha, e é para mim um amargo consolo confiá-lo a ti, pobre Cassandra,[162] a quem não ouvi! Matei-o com minhas exigências, com minhas ciumeiras inoportunas, com minhas cruéis pirraças. Meu amor era tanto mais terrível por termos ambos uma fina e idêntica sensibilidade, além de que falávamos a mesma linguagem; ele compreendia admiravelmente tudo, e, muitas vezes, meus gracejos iam, sem que o suspeitasse, até o âmago de seu coração. Não podes imaginar até onde esse querido escravo levava a obediência: eu dizia-lhe, às vezes, que se fosse e me deixasse só; e ele saía sem discutir uma fantasia que talvez o fizesse sofrer. Até seu último suspiro ele me abençoou, repetindo-me que uma única manhã a sós comigo valia mais para ele do que uma vida longa com outra mulher amada, fosse ela Maria Heredia. Choro ao escrever-te estas palavras.

Agora, levanto-me ao meio-dia, deito-me às sete horas da noite, gasto um tempo ridículo nas minhas refeições, caminho devagar, fico durante uma hora diante de uma planta, olho as folhagens, ocupo-me, com moderação e gravidade, de insignificâncias, adoro a sombra, o silêncio, a noite; enfim, combato as horas e somo-as, com sombrio prazer, ao passado. A paz do meu parque é a única companhia que desejo; acho ali, em tudo, as sublimes imagens de minha felicidade extinta, invisíveis para todos, eloquentes e vivas para mim.

Minha cunhada, uma manhã, atirou-se em meus braços, quando lhes

disse: — Vocês me são insuportáveis! Os espanhóis têm na alma algo de grande a mais do que nós!

Ah! Renata, se não morri, foi porque Deus sem dúvida proporciona o sentimento da desgraça às forças dos aflitos. Só nós mulheres sabemos avaliar a extensão das nossas perdas, quando perdemos um amor sem nenhuma hipocrisia, um amor de eleição, uma paixão durável, cujos prazeres satisfaziam a alma e a natureza ao mesmo tempo. Quando é que encontramos um homem com tantas qualidades que o possamos amar sem aviltamento? Encontrá-lo é a maior felicidade que nos possa tocar, e não é possível encontrá-lo duas vezes. Homens verdadeiramente fortes e grandes, nos quais a virtude se oculte sob a poesia, cuja alma possua uma sedução elevada, feitos para serem adorados, evitai o amor, pois causaríeis a desgraça da mulher e a vossa! Eis o que grito nas alamedas de meus bosques! E nenhum filho dele! Esse amor inexaurível que sempre me sorria, que somente flores e alegrias tinha para dar-me, esse amor foi estéril. Sou uma criatura maldita! O amor puro e violento, como é quando absoluto, será, pois, tão infecundo quanto a aversão, da mesma forma que o calor extremo do deserto e o extremo frio do polo impedem qualquer vegetação? Será preciso casar com um Luís de l'Estorade para ter uma família? Terá Deus ciúme do amor? Não sei o que digo.

Creio que és a única pessoa a quem posso suportar perto de mim; vem, pois só tu podes estar junto de uma Luísa de luto. Que dia horrível aquele em que pus o véu das viúvas! Quando me vi de preto, caí numa cadeira e chorei até a noite, e choro ainda ao te falar desse horrível momento. Adeus, escrever-te me cansa: enfadam-me as minhas ideias, não as quero mais exprimir. Traze teus filhos, podes amamentar o último aqui, não terei mais ciúme: ele não mais está, e terei grande prazer em ver meu afilhado, porque Felipe desejava um filho que se parecesse com o pequeno Armando. Enfim, vem repartir comigo as minhas dores!...

XLVII – RENATA A LUÍSA

1829

Querida, quando esta te chegar às mãos, eu não estarei longe, porque sigo poucos instantes depois de a ter mandado. Estaremos a sós. Luís é obrigado a ficar na Provença por causa das eleições que se vão realizar: ele quer ser reeleito, e já há convênios feitos contra ele pelos liberais.

Não venho consolar-te, trago-te apenas o meu coração para fazer companhia ao teu e para ajudar-te a viver. Venho ordenar-te que chores: é preciso que assim conquistes o direito de te reunires com ele um dia, porquanto ele apenas está a caminho do seio de Deus; não darás mais um único passo que não te conduza para ele. Cada dever cumprido romperá algum anel da cadeia que vos separa. Vamos, minha Luísa, tu te reerguerás nos meus braços e irás para ele pura, nobre, perdoada das tuas faltas involuntárias e seguida das obras que aqui fizeres em seu nome.

Rabisco-te estas linhas no meio dos meus preparativos, dos meus filhos e de Armando, que está a gritar “Madrinha! Madrinha! vamos vê-la”, a ponto de me deixar enciumada: é quase teu filho!

SEGUNDA PARTE

XLVIII – A BARONESA DE MACUMER À CONDESSA DE L'ESTORADE

15 de outubro de 1833

Pois sim, Renata, tens razão, disseram-te a verdade. Vendi o meu palacete, vendi Chantepleurs e as herdades de Seine-et-Marne; mas que eu esteja louca e arruinada, isso é demais. Demos um balanço! Uma vez realizada minha resolução, resta-me da fortuna de meu pobre Macumer cerca de um milhão e duzentos mil francos. Vou prestar-te contas fiéis como uma irmã compenetrada. Pus um milhão no três por cento, quando estava a cinquenta francos, e realizei assim sessenta mil francos de renda,

em vez de trinta mil, que tinha em propriedades. Ir durante seis meses do ano à província, escriturar arrendamentos, ouvir os queixumes dos granjeiros que pagam quando querem, aborrecer-me lá como um caçador em dia de chuva, ter produção para vender e cedê-la com prejuízo; morar em Paris num palacete que representa dez mil francos de renda, empregar fundos em cartórios de notários, esperar os interesses, ser obrigada a processar gente para conseguir o reembolso, estudar a legislação hipotecária; enfim, ter negócios em Nivernais, em Seine-et-Marne, em Paris, que fardo, que aborrecimentos, que contrariedades e que prejuízos para uma viúva de vinte e sete anos! Minha fortuna, agora, está em hipotecas sobre o orçamento. Em vez de pagar contribuições ao Estado, recebo dele, em pessoa, sem despesas, trinta mil francos cada seis meses, no Tesouro, de um lindo funcionário que me dá trinta notas de mil francos e que sorri ao ver-me. “E se a França entrar em bancarrota?”, dirás tu. Em primeiro lugar:

Je ne sais pas prévoir les malheurs de si loin.[163]

Mas nesse caso a França, quando muito, me cortará a metade de minha renda; ainda assim serei tão rica quanto o era antes de ter colocado meu dinheiro; depois, daqui até a catástrofe, terei recebido o dobro da minha renda anterior. A catástrofe só acontece de século em século, tem-se pois tempo de sobra para acumular um capital, fazendo economias. Enfim, não é o conde de l’Estorade par da França semirrepublicana de julho? [164] Não é ele um dos sustentáculos da Coroa, oferecida pelo povo ao rei dos franceses? Posso eu ter receios quando tenho como amigo um presidente da Câmara do Tribunal de Contas, um grande financeiro? Atreve-te a dizer que estou louca! Calculo quase tão bem quanto teu rei-cidadão.[165] Sabes o que pode dar essa sabedoria algébrica a uma mulher? O amor! Infelizmente é chegado o momento de te explicar os mistérios de meu procedimento, cujos motivos escapavam a tua

perspicácia, a tua ternura curiosa, a tua finura. Caso-me numa aldeia das cercanias de Paris, secretamente. Amo, sou amada. Amo tanto quanto pode amar uma mulher que bem sabe o que é o amor. Sou amada tanto quanto um homem deve amar uma mulher por quem é adorado. Perdoa-me, Renata, por ter-me ocultado de ti, de todos. Se a tua Luísa ilude todos os olhares, se frustra todas as curiosidades, confessa que a minha paixão pelo meu pobre Macumer exigia esses enganos. L'Estorade e tu me haveríeis assassinado com desconfianças, entontecido com censuras. De resto as circunstâncias poderiam vir em auxílio de ambos. Só tu sabes o quanto sou ciumenta e me terias atormentado inutilmente. O que vais classificar de minha loucura, minha Renata, eu a quis realizar só por mim, a meu talante, obedecendo ao meu coração, como uma mocinha que engana a vigilância dos pais. Meu amante tem como única fortuna trinta mil francos de dívidas, que paguei. Que caso para observação! Vocês haviam de querer provar-me que Gastão é um aventureiro, e teu marido teria espionado esse querido garoto. Preferi estudá-lo eu mesma! Faz vinte e dois meses que ele me corteja; eu tenho vinte e sete anos, e ele, vinte e três. Entre mulher e homem, é enorme essa diferença de idade. Outra fonte de desgraça! Finalmente, ele é poeta, vivia do seu trabalho, podes deduzir com isso que ele vivia com muito pouco. Esse querido lagarto de poeta vivia mais tempo ao sol, construindo castelos no ar, do que à sombra de seu tugúrio a compor poemas. Ora, os escritores, os artistas, todos os que só vivem pelo pensamento, são em geral tachados de inconstância pelas pessoas positivas. Eles adotam e concebem tantos caprichos que é natural crer-se que a cabeça reage contra o coração. Apesar das dívidas pagas, apesar da diferença de idade, apesar da poesia, após nove meses de uma nobre defesa e sem lhe ter permitido que me beijasse a mão, depois dos mais castos e deliciosos amores, daqui a poucos dias, não me entrego, como há oito anos, inexperiente, ignorante e curiosa; dou-me e sou esperada com tão grande submissão que poderei protelar meu casamento para daqui a um ano;

mas não há nisso o mínimo servilismo: há servidão e não submissão. Jamais se viu mais nobre coração, nem mais espírito na ternura, nem mais alma no amor, do que no meu pretendente. Ai de mim! Meu anjo, ele tem a quem sair! Vais saber a sua história em duas palavras.

O meu amigo não tem outro nome a não ser os de Maria-Gastão. É filho, não natural, mas adulterino, daquela formosa lady Brandon[166] de quem deves ter ouvido falar e que, por vingança, lady Dudley fez morrer de desgosto; uma horrível história que esse querido garoto ignora. Maria-Gastão foi posto por seu irmão, Luís Gastão, no colégio de Tours, de onde saiu em 1827. O irmão embarcou poucos dias depois de o ter ali colocado, indo tentar fortuna, segundo lhe disse uma velha que foi a sua providência. Esse irmão que se fez marujo escreveu-lhe, de longe em longe, cartas verdadeiramente paternais e que emanam de uma bela alma; mas continua a debater-se sempre longe. Na última carta, ele comunicava a Maria-Gastão sua nomeação ao posto de capitão de navio não sei em que república americana, pedindo-lhe que esperasse. Por desgraça, faz três anos que o meu pobre lagarto não recebe cartas; e quer tanto a esse irmão que desejava embarcar para ir procurá-lo. Nosso grande escritor Daniel d'Arthez impediu essa loucura e interessou-se nobremente por Maria-Gastão, a quem deu, muitas vezes, como me disse o poeta na sua enérgica linguagem, pasto e pousada. Efetivamente, imagina as atribulações dessa criança; ele julgou que o gênio era o mais rápido meio de fazer fortuna! Não é de fazer rir durante vinte e quatro horas? Desde 1828 até 1833 ele tentou, portanto, criar nome nas letras e levou, naturalmente, a mais horrível vida de angústias, de esperanças, de trabalho e de privações que se possa imaginar. Arrastado por uma ambição excessiva e apesar dos bons conselhos de d'Arthez, nada mais fez do que engrossar a bola de neve de suas dívidas. Entretanto, seu nome começava a aparecer quando o encontrei em casa da marquesa d'Espard. Lá, sem que Gastão o suspeitasse, senti-me simpaticamente atraída por ele, à primeira vista. Como é possível não o terem ainda amado? Como foi

que o deixaram para mim? Oh! Ele tem talento e espírito, coração e orgulho; as mulheres se assustam sempre dessas grandezas completas. Não foi preciso cem vitórias para que Josefina entrevisse Napoleão no pequeno Bonaparte, seu marido? A inocente criatura julga saber quanto eu o amo! Pobre Gastão! Ele nem sequer o suspeita; mas a ti vou dizê-lo, é preciso que o saibas, porquanto, Renata, há nesta cota um pouco de testamento. Medita bem sobre as minhas palavras.

Neste momento, tenho a certeza de ser amada, tanto quanto uma mulher pode ser amada nesta terra, e tenho fé nessa adorável vida conjugal para a qual levo um amor que não conhecia... Sim, finalmente sinto o prazer da paixão experimentada. O que hoje todas as mulheres pedem ao amor, o casamento me vai dar. Sinto em mim por Gastão a adoração que eu inspirava ao meu pobre Felipe! Não sou senhora de mim, tremo diante desse garoto como o abencerragem tremia diante de mim. Enfim, amo mais do que sou amada; de tudo tenho medo, tenho os mais ridículos temores, temo ser abandonada, tremo de ficar velha e feia, quando Gastão estiver sempre jovem e belo, tremo de não lhe agradar bastante! Entretanto, creio possuir as faculdades, a dedicação, o espírito necessários, não para entretermos, mas para aumentar esse amor, longe da sociedade e na solidão. Se naufragar, se o magnífico poema deste amor secreto tiver de ter um fim, que digo, um fim! Se Gastão me amar um dia menos do que na véspera, se o perceber, Renata, fica sabendo que não é a ele e sim a mim a quem culparei. Não será culpa dele, e sim minha. Conheço-me; sou mais amante do que mãe. Por isso digo-te, desde já, morreria, ainda que tivesse filhos. Antes de me comprometer comigo mesma, minha Renata, suplico-te, pois, se tal desgraça me atingisse, que sirvas de mãe aos meus filhos, eu tos legarei. Teu fanatismo pelo dever, tuas preciosas qualidades, teu amor pelas crianças, tua ternura por mim, tudo o que sei de ti, me tornaria a morte menos amarga, não me atrevo a dizer mais doce. Essa resolução firmada comigo mesma acrescenta um não sei quê de terrível à solenidade desse casamento; por isso não quero

nele testemunhas que me conheçam; meu casamento será, pois, celebrado secretamente. Poderei tremer à vontade, não verei nos teus queridos olhos uma inquietação, e somente eu saberei que, ao assinar um novo contrato de casamento, posso assinar minha sentença de morte.

Não mudarei de opinião sobre esse pacto feito entre mim mesma e o eu em que me vou transformar; eu to confiei para que conheças a extensão de teus deveres. Caso-me com separação de bens, e, embora saiba que sou bastante rica para que possamos viver folgadamente, Gastão ignora a quanto monta minha fortuna. Em vinte e quatro horas distribuirei minha fortuna à minha vontade. Como nada quero de humilhante, fiz inscrever doze mil francos de renda em seu nome; ele os encontrará na sua secretária na véspera de nosso casamento, e, se não os aceitasse, eu suspenderia tudo. Foi preciso a ameaça de não desposá-lo para obter o direito de pagar suas dívidas. Estou fatigada de te haver escrito estas confissões; depois de amanhã dir-te-ei mais, pois sou obrigada a ir amanhã ao campo, durante todo o dia.

20 de outubro

Aqui vão as medidas que tomei para ocultar minha felicidade, pois desejo evitar toda e qualquer oportunidade para o meu ciúme. Assemelho-me àquela linda princesa italiana que corria como uma leoa para roer seu amor em alguma cidade da Suíça, depois de se ter precipitado sobre a presa como uma leoa. Mas também não te falo de minhas disposições senão para pedir-te um outro favor, o de jamais nos vires visitar sem que eu própria te convide, eu mesma, e de respeitar a solidão em que quero viver.

Mandei comprar, faz dois anos, acima das represas de Ville d'Avray, na estrada de Versalhes, umas vinte jeiras de prados, uma orla de floresta e um belo pomar. No fundo dos prados cavaram o terreno de modo a conseguir um lago de cerca de três jeiras de superfície, no meio do qual

deixaram uma ilha graciosamente recortada. As duas bonitas colinas, cobertas de bosques, que enquadram esse pequeno vale, deixam filtrar fontes deliciosas que correm através do meu parque, onde o meu arquiteto as distribuiu artisticamente. Essas águas caem nas represas da coroa, cuja vista se percebe através de abertas. Esse pequeno parque, admiravelmente bem desenhado por aquele arquiteto, é, segundo a natureza do terreno, cercado de sebes, de muros, de valas, de modo que não se perca nenhuma perspectiva. À meia encosta, flanqueado pelos bosques da Ronce, numa situação deliciosa e na frente de um prado que vai em declive para o açude, construíram-me um chalé cujo exterior é em tudo semelhante àquele que os viajantes admiram na estrada de Sion a Brigg e que tanto me seduziu na minha volta da Itália. No interior, sua elegância desafia a dos mais famosos chalés. A cem passos dessa rústica habitação, uma casa encantadora, dependência da outra com a qual comunica por um subterrâneo, achando-se aí a cozinha, os quartos dos criados, as cocheiras e os depósitos. De todas essas construções de tijolo, o olhar não vê mais do que uma fachada de uma simplicidade graciosa e cercada de bosquetes. O alojamento dos jardineiros forma um outro edifício e mascara a entrada dos pomares e da horta.

A porta dessa propriedade, disfarçada no muro que a cerca do lado dos bosques, é quase impossível de achar. As plantações já grandes dissimularão completamente as casas dentro de dois ou três anos. O viandante não perceberá nossas habitações, senão ao ver a fumaça da chaminé, do alto das colinas, ou no inverno, depois da queda das folhas.

Meu chalé[167] está erguido no centro de uma paisagem copiada da que chamam de jardim do rei, em Versalhes, mas tem vistas sobre o meu açude e a minha ilha. De todos os lados, as colinas ostentam suas massas de folhagens, suas belas árvores tão bem cuidadas pela tua nova lista civil. Meus jardineiros têm ordem de não cultivar em torno de mim senão flores odoríferas, e aos milhares, de modo que esse recanto de terra é uma esmeralda perfumada. O chalé enfeitado com uma vinha selvagem que

sobe pelo telhado é todo coberto de trepadeiras, lúpulas, clematites, jasmineiros, azáleas e cobeias. Quem enxergar nossas janelas poderá gabar-se de ter boa vista!

Esse chalé, querida, é uma bela e boa casa, com seu aquecimento e todo o conforto que soube proporcionar a arquitetura moderna, que faz palácios em cem pés quadrados. Encerra um apartamento para Gastão e um para mim. O pavimento térreo é ocupado por uma antecâmara, uma sala de estar e um refeitório. Em cima há três quartos destinados à *nourricerie*. Tenho cinco lindos cavalos, um cupê leve e pequeno e um *milord*[168] de dois cavalos: pois estamos a quarenta minutos de Paris; quando nos aprouver ouvir uma ópera, ver uma nova peça, poderemos partir depois do jantar e voltar à noite para o nosso ninho. A estrada é boa e passa por sob as sombras da sebe que cerca a propriedade. Minha criadagem, meu cozinheiro, meu cocheiro, o palafreneiro, os jardineiros, minha camareira são pessoas de confiança que andei procurando nos últimos seis meses e que serão governados pelo meu velho Felipe. Embora certa de sua dedicação e de sua discrição, fiz com que se ligassem à casa por interesse; têm salários pouco elevados, mas que de ano para ano serão aumentados com o que lhes daremos de Boas-Festas. Todos sabem que a mais leve falta, uma suspeita sobre sua discrição podem fazer com que percam imensas vantagens. Os namorados nunca importunam seus servidores; pois são indulgentes por temperamento: por isso posso confiar no meu pessoal.

Tudo que havia de precioso, de bonito, de elegante em minha casa da rue du Bac está no chalé. O Rembrandt está, nem mais, nem menos, do que uma tela qualquer, na escada; o Hobbema está no seu gabinete, em frente ao Rubens; o Ticiano, que minha cunhada Maria me mandou de Madri, orna o *boudoir*; os belos móveis achados por Felipe estão bem colocados na sala de estar que o arquiteto decorou deliciosamente. Tudo no chalé é de uma simplicidade admirável, dessa simplicidade que custa cem mil francos. Construído sobre porões de pedra molar, assentes sobre

cimento, o nosso rés do chão, apenas visível sob as flores e os arbustos, é de uma frescura admirável, sem a menor umidade. Enfim, uma frota de cisnes vaga no açude.

Ó, Renata! Reina neste vale um silêncio que alegraria os mortos. Desperta-se com o canto dos pássaros ou o frêmito da brisa nos choupos. Da colina desce um pequeno regato que o arquiteto descobriu ao cavar os alicerces do muro, do lado dos bosques, o qual corre sobre areias prateadas, para o açude, entre duas margens de agrião: não sei se haverá dinheiro que o possa pagar. Essa felicidade demasiado completa não irá despertar ódio em Gastão? Tudo é tão lindo que tremo de medo; os vermes se alojam nos belos frutos, os insetos atacam as flores magníficas. O orgulho da floresta não é sempre roído por essa horrível larva cuja voracidade se assemelha à da morte? Já sei que um poder invisível e invejoso ataca as felicidades completas. Aliás faz muito tempo que mo disseste por escrito, e nisso te revelaste boa profetisa.

Quando, anteontem, fui ver se minhas últimas fantasias tinham sido compreendidas, senti que me vinham lágrimas aos olhos e escrevi na conta do arquiteto, com grande surpresa sua: “Vale, a pagar”.

— Seu procurador não pagará, senhora — disse-me ele. — Trata-se de trezentos mil francos.

— Sem discussão! — respondi, como uma verdadeira Chaulieu do século xvii. — Mas, senhor, imponho uma condição ao meu reconhecimento: não fale desta edificação e do parque a quem quer que seja. Ninguém deve saber o nome do proprietário; prometa-me, sob palavra de honra, observar esta cláusula do meu pagamento.

Compreendes agora o motivo de minhas súbitas excursões, daquelas idas e vindas secretas? Vês agora onde se acham aquelas belas coisas que todos julgavam terem sido vendidas? Percebes a razão suprema da transformação da minha fortuna? Querida, amor é um assunto grave, e quem quiser amar bem não se pode ocupar de mais nada. O dinheiro, para mim, não constituirá mais uma preocupação; tornei a vida fácil e de

uma vez por todas fiz-me de dona de casa, para não ser mais obrigada a sê-lo outra vez, salvo durante dez minutos todas as manhãs, com meu velho mordomo Felipe. Observei bem a vida e suas curvas perigosas; a morte, um dia, deu-me sérias lições, e quero aproveitá-las. Minha única ocupação será a de lhe agradar e amá-lo, e pôr variedade no que para os seres vulgares parece tão monótono.

Gastão nada sabe ainda. A meu pedido ele instalou-se, como eu, em Ville-d'Avray; partimos amanhã para o chalé. Nossa vida lá será pouco dispendiosa, mas, se te dissesse a quanto montam as minhas *toilettes*, dirias, e com razão: "Ela está louca!". Quero enfeitar-me para ele, todos os dias, como as mulheres costumam enfeitar-se para a sociedade.

Minha *toilette* no campo, durante todo o ano, custará vinte e quatro mil francos, e a do dia não é a mais cara. Ele, se quiser, poderá andar de blusa! Não vás pensar que eu queira tornar nossa vida um duelo e exaurir-me em combinações para manter o amor: não quero ter uma única censura a fazer-me, é tudo. Tenho treze anos ainda para ser uma mulher bonita, quero ser amada no último dia do décimo terceiro ano mais ainda do que o serei no dia seguinte ao das minhas misteriosas bodas. Dessa vez, serei sempre humilde, sempre grata, sem palavras cáusticas, e me farei serva, visto o comando me haver perdido da minha vez. Ó, Renata, se Gastão, como eu, compreendeu o infinito do amor, tenho certeza de viver sempre feliz. A natureza é belíssima em torno do chalé, os bosques são encantadores. A cada passo, as mais repousantes paisagens, perspectivas florestais dão prazer à alma, despertando ideias encantadoras. Essas matas estão cheias de amor. Contanto que eu tenha feito uma outra coisa que não a de me preparar uma magnífica fogueira! Depois de amanhã, serei sra. Gastão. Meu Deus, a mim mesma pergunto se é verdadeiramente cristão amar tanto a um homem.

— Enfim, é legal — disse-me o nosso procurador, o qual é uma das nossas testemunhas e que, ao ver, finalmente, o objetivo da liquidação da minha fortuna, exclamou: — Perco uma cliente.

Tu, minha bela corça, já não ouso dizer amada, tu podes dizer: — Perco uma irmã.

Meu anjo, dirige doravante tuas cartas à sra. Gastão, posta-restante, Versalhes. Todos os dias irão lá buscar nossa correspondência. Não quero que sejamos conhecidos na região. Mandaremos buscar nossas provisões em Paris. Assim, espero poder viver misteriosamente. Desde que esta propriedade está pronta, já faz um ano, não se viu nela ninguém, e a aquisição foi feita durante a agitação que se seguiu à Revolução de Julho. O único ser que se mostrou por aqui foi o meu arquiteto; só conhecem a ele, que não mais voltará. Adeus. Ao escrever-te esta palavra, tenho no coração tanto pesar quanto prazer: não é isso lamentar-te tão intensamente quanto amo Gastão?

XLIX – MARIA-GASTÃO A DANIEL D'ARTHEZ

Outubro de 1834

Meu caro Daniel, necessito de duas testemunhas para o meu casamento; peço-lhe vir à minha casa amanhã de tarde e traga consigo o nosso amigo, o bom e grande José Bridau. A intenção da que será minha mulher é viver longe da sociedade e perfeitamente ignorada: ela pressentiu o mais caro de meus desejos. Você, que suavizou as misérias de minha vida pobre, nada soube dos meus amores, mas, como pode compreender, esse segredo absoluto foi uma necessidade. Eis o motivo pelo qual, faz um ano, tão pouco nos vimos. No dia seguinte ao meu casamento, estaremos separados por muito tempo. Daniel, você tem alma feita para me compreender: a amizade subsistirá sem o amigo. Eu terei, talvez, necessidade de você, mas não o verei, pelo menos em minha casa. Ela também nisso se antecipou aos nossos desejos. Fez-me o sacrifício da amizade que dedicava a uma companheira de infância, e que para ela era

uma verdadeira irmã; tive de lhe imolar o amigo. O que aqui lhe digo o fará perceber não uma paixão, mas um amor integral, completo, divino, baseado no íntimo conhecimento de dois seres que assim se unem. Minha felicidade é pura, infinita; como, porém, existe uma lei secreta que nos proíbe ter uma felicidade sem sombras, no fundo de minha alma e sepultado sob o último recesso, oculto um pensamento pelo qual sou o único atingido e que ela ignora. Você sempre me auxiliou na minha constante miséria para ignorar a horrível situação na qual eu me encontrava. Onde ia eu buscar a coragem para viver, quando a esperança se extinguia tão frequentemente? No seu passado, meu amigo, na sua casa, onde encontrava tanto consolo e auxílios delicados. Enfim, meu caro, minhas dívidas esmagadoras, ela as pagou. Ela é rica, eu nada tenho. Quantas vezes, nos meus acessos de preguiça, não disse eu: “Ah! Se alguma mulher rica me quisesse!”. Pois bem, ante os fatos, os gracejos da mocidade despreocupada, as resoluções dos infelizes sem escrúpulos, tudo se evaporou. Sinto-me humilhado, apesar da mais engenhosa ternura. Sinto-me humilhado, apesar da certeza quanto à nobreza de sua alma. Sinto-me humilhado, embora saiba que minha humilhação é uma prova de meu amor. Enfim, ela viu que não recuei diante dessa degradação. Há um ponto em que, longe de ser um protetor, sou o protegido. Essa dor eu a confio a você. Fora disso, meu caro Daniel, as menores coisas realizam meus sonhos. Encontrei o belo sem mácula, o bem sem defeitos. Enfim, conforme dizem, a noiva é demasiado bela: tem espírito na ternura, tem essa sedução e essa graça que põem variedade no amor, é instruída e tudo compreende; é bonita, loura, miúda e ligeiramente rechonchuda, a ponto de acreditar que Rafael e Rubens se combinaram para compor uma mulher! Não sei se me teria sido possível amar a uma mulher morena tanto quanto a uma loura: sempre me pareceu que a mulher morena era um homem frustrado. É viúva, não tem filhos, tem vinte e sete anos. Embora viva, alerta, incansável, sabe apesar disso comprazer-se nas meditações da melancolia. Esses dons

maravilhosos não excluem nela nem a dignidade, nem a nobreza: é imponente. Embora pertença a uma das mais velhas famílias mais encasquetadas da nobreza, ama-me o suficiente para passar por cima das desgraças da minha origem. Nossos amores secretos duraram muito tempo. Nós nos experimentamos um ao outro; somos igualmente ciumentos: nossos pensamentos são bem os relâmpagos do mesmo raio. Amamos os dois pela primeira vez, e essa deliciosa primavera encerrou nas suas alegrias todas as cenas que a imaginação enfeitou com as suas mais risonhas, mais doces e mais profundas concepções. O sentimento prodigalizou-nos as suas flores. Cada um desses dias foi cheio, e, quando nos separávamos, escrevíamos poemas um ao outro. Jamais tive o pensamento de ensombrecer essa brilhante temporada por um desejo, conquanto minha alma se visse incessantemente perturbada por eles. Ela era viúva e livre, compreendeu maravilhosamente o que havia de lisonjeiro naquela contínua reserva; muitas vezes isso a comoveu até as lágrimas. Poderás, pois, entrever, meu caro Daniel, uma criatura verdadeiramente superior. Não houve nem mesmo um primeiro beijo de amor: temíamos um ao outro.

— Cada um de nós tem uma miséria a censurar-se — disse-me ela.

— Não vejo qual a sua.

— Meu casamento — respondeu-me.

A você que é um grande homem e ama uma das mais extraordinárias mulheres dessa aristocracia[169] onde encontrei a minha Armanda, basta-lhe essa palavra para compreender aquela alma e prever qual será a felicidade de

seu amigo

maria-gastão

L – RENATA DE L'ESTORADE A LUÍSA DE MACUMER

Como! Luísa, depois de todas as desgraças íntimas que te deu uma paixão partilhada, no seio do próprio casamento, queres hoje viver com um marido na solidão? Depois de teres matado um, vivendo na sociedade, queres te isolar para devorar outro? Que pesares te estás preparando! Mas, pelo modo como procedeste, vejo que tudo é irrevogável. Para que um homem te haja feito esquecer tua aversão por um segundo casamento, é preciso que possua um espírito angelical, um coração divino; é preciso, pois, deixar-te com as tuas ilusões; mas então esqueceste o que dizias da mocidade dos homens, os quais todos passaram por lugares ignóbeis e cuja candura se perdeu nas mais horríveis encruzilhadas do caminho? Quem mudou? Tu ou eles? És bem ditosa por creres na felicidade: não tenho forças para censurar-te, embora o instinto da ternura me leve a te desviar desse casamento. Sim, cem vezes sim, a natureza e a sociedade se mancomunam para destruir a existência de felicidades inteiras, por serem elas contrárias à natureza e à sociedade, e por se sentir o céu, talvez, cioso de seus direitos. Enfim, minha amizade pressente alguma desgraça que nenhuma previsão me poderia explicar; não sei nem de onde virá nem quem a engendrará; mas, querida, talvez te esmague uma felicidade imensa e ilimitada. Carrega-se menos facilmente a extrema alegria do que o mais pesado desgosto. Nada digo contra ele: tu o amas, e eu jamais o vi; mas tu me pintarás, espero, um dia em que nada tenhas a fazer, um retrato qualquer desse belo e curioso animal.

Vês como me conformo alegremente, porque tenho a certeza de que depois da lua de mel vocês dois farão, e de comum acordo, como todos. Um dia, daqui a dois anos, quando passearmos nesta estrada, tu me dirás: “Ali está o chalé de onde eu não devia sair!”. E rirás com o teu bom riso, mostrando-me teus lindos dentes.

Nada disse ainda a Luís, pois lhe daríamos demasiados motivos para rir. Dir-lhe-ei simplesmente sobre teu casamento e teu desejo de o manter secreto. Infelizmente não precisas nem de mãe nem de irmã para

o deitar da noiva. Estamos em outubro, começas pelo inverno, como uma mulher de coragem. Se não se tratasse de casamento, eu diria que pegas o touro pelos cornos. Enfim, terás em mim a mais discreta e inteligente amiga. O centro misterioso da África devorou muitos viajantes, e parece-me que te lanças, em matéria de sentimentos, em uma viagem semelhante àquelas em que pereceram tantos exploradores, ou por culpa dos negros, ou das areias. O teu deserto está a duas léguas de Paris. Posso, pois, dizer-te alegremente: boa viagem! Voltarás.

LI – A CONDESSA DE L'ESTORADE À SRA. MARIA-GASTÃO

1837

Que é feito de ti, querida? Depois de um silêncio de dois anos, é permitido a Renata inquietar-se por Luísa. Eis pois o amor! Ele arrasta, anula uma amizade como a nossa: confessa que, se eu quero mais a meus filhos do que tu a Gastão, há no sentimento materno não sei que imensidade que permite nada tirar às outras afeições e que consente a uma mulher continuar uma amiga sincera e dedicada. Sinto falta de tuas cartas, tua meiga e encantadora figura. Estou reduzida a conjeturas a teu respeito, Luísa!

Quanto a nós, vou explicar-te as coisas o mais sucintamente possível.

Ao reler tua penúltima carta, encontrei nela algumas palavras azedas sobre a nossa situação política. Dirigiste-nos alguns sarcasmos por termos conservado o posto de presidente do Tribunal de Contas que nos fora dado, assim como o título de conde, pela graça de Carlos x; mas seria com quarenta mil libras de renda, das quais trinta pertencem ao morgadio, que eu poderia estabelecer convenientemente Atenaís e esse pobre mendigozinho do Renato? Não devíamos nós viver com os proventos do nosso cargo e acumular sabiamente a renda das nossas

terras? Em vinte anos teremos juntado cerca de seiscentos mil francos, que servirão para dotar quer minha filha, quer Renato, que destino à Marinha. Meu pobrezinho terá dez mil libras de renda, e talvez possamos deixar-lhe em dinheiro uma quantia que tome seu quinhão igual ao da irmã. Quando for capitão de navio, o meu mendigo fará um casamento rico e ocupará na sociedade uma situação igual à do irmão.

Esses sábios cálculos determinaram em nossa casa a aceitação da nova ordem de coisas. Naturalmente a nova dinastia nomeou Luís par de França e grande oficial da Legião de Honra. Uma vez que l'Estorade prestava juramento, não podia fazer as coisas a meio; desde então, prestou grandes serviços na Câmara. Ei-lo agora chegado a uma situação na qual permanecerá tranquilamente até o fim dos seus dias. É hábil nos negócios; é antes um conversador agradável do que um orador, mas isso satisfaz ao que se pede à política. A sua finura, os seus conhecimentos, quer em matéria de governo, quer de administração, são apreciados, e todos os partidos o consideram um homem indispensável. Posso dizer-te que ultimamente lhe ofereceram uma embaixada, mas eu fiz com que recusasse. A educação de Armando, que tem agora treze anos, e a de Atenaís, que vai para os onze, me retêm em Paris, e aqui quero ficar até que o meu pequeno Renato tenha concluído a sua, que agora começa.

Para permanecer fiel ao ramo primogênito[170] e voltar para os seus domínios, era preciso não ter três filhos para educar e sustentar. Uma mãe, meu anjo, não deve ser Décio, sobretudo numa época em que os Décios são raros.[171] Daqui a quinze anos l'Estorade poderá retirar-se para Crampade com uma bela aposentadoria, instalando Armando no Tribunal de Contas, onde o deixará como referendário. Quanto a Renato, a Marinha com certeza fará dele um diplomata. Aos sete anos, esse garoto já é tão esperto quanto um velho cardeal.

Ah! Luísa, sou uma mãe bem feliz! Meus filhos continuam a dar-me alegrias sem sombra (*Senza brama, sicura ricchezza*).[172] Armando está no colégio Henri iv. Optei pela educação pública sem me decidir

entretanto a separar-me dele e fiz como fazia o duque de Orléans antes de ser, e talvez para vir a ser Luís Filipe. Todas as manhãs, Lucas, o velho criado que conheces, leva Armando ao colégio na hora da primeira aula e o traz às quatro e meia. Um velho e sábio explicador, que mora em nossa casa, o faz estudar à noite e o desperta pela manhã à hora em que os colegiais se levantam. Lucas, ao meio-dia, lhe leva uma merenda, durante o recreio. Assim, eu o vejo durante o jantar, à noite, antes de deitar-se, e assisto de manhã à sua partida. Armando continua sempre o menino encantador, de grande coração e devotamento, a quem tanto querias; seu explicador está contente com ele. Tenho comigo minha Naís e o pequeno, que zumbem constantemente, mas sou tão criança como eles. Não me pude resignar a perder a doçura das carícias dos meus queridos filhos. É, para mim, uma necessidade da existência essa possibilidade de correr, assim que o deseje, à cama de Armando, para vê-lo durante o sono, ou para ir buscar, pedir, receber um beijo daquele anjo.

Não obstante, o sistema de conservar os filhos na casa paterna tem inconvenientes, e eu os verifiquei. A sociedade, como a natureza, é ciumenta e nunca deixa que se infrinjam suas leis; não admite que se lhe desarranjem a economia. Assim é que, nas famílias em que se conservam os filhos em casa, eles são muito cedo expostos ao fogo do mundo, vendo-lhe as paixões, estudando-lhe as dissimulações. Incapazes de distinguir as diferenças que regem a conduta dos adultos, submetem o mundo a seus sentimentos e paixões, em vez de submeterem seus desejos e suas exigências à sociedade; adotam o falso brilho, que luz mais do que as virtudes sólidas, pois são, sobretudo, as aparências que a sociedade põe em destaque e reveste de formas enganadoras. Quando, desde os quinze anos, uma criança tem a segurança de um homem que conhece o mundo, é uma monstruosidade, torna-se velho aos vinte e cinco anos e se torna por essa ciência precoce, inábil para os verdadeiros estudos sobre os quais repousam os talentos reais e sérios. O mundo é um grande comediante; e, como o comediante, tudo recebe e tudo restitui; nada

conserva. Uma mãe deve, pois, ao conservar seus filhos juntos de si, tomar a firme resolução de os impedir de penetrar na sociedade, ter a coragem de se opor aos desejos deles e seus e de não os mostrar. Cornélia devia esconder as suas joias.[173] Assim farei, porque meus filhos são toda a minha vida.

Tenho trinta anos, o mais intenso calor do dia já passou, já está percorrida a parte mais difícil do caminho. Daqui a poucos anos estarei velha, por isso auferirei uma força imensa do sentimento dos deveres cumpridos. Dir-se-ia que esses seres conhecem o meu pensamento e a ele se conformam. Existe entre mim e eles, que jamais me deixaram, relações misteriosas. Enfim, eles me cumulam de gozos, como se compreendessem todas as compensações que me devem.

Armando, que durante os três primeiros anos de seus estudos foi pesado, meditabundo e que me preocupava, modificou-se de repente. Compreendeu, com certeza, o fim desses trabalhos preparatórios, que as crianças nem sempre percebem, e que consiste em acostumá-las ao trabalho, apurar a sua inteligência e moldá-las à obediência, princípio das sociedades. Alguns dias atrás, querida, tive a sensação embriagadora de ver Armando premiado no concurso geral, em plena Sorbonne. O teu afilhado obteve o primeiro prêmio de tradução. Na distribuição de prêmios do colégio Henri iv, obteve dois primeiros prêmios, o de poesia e o de versão. Fiquei lívida ao ouvir proclamar seu nome e tive ímpetos de gritar: “Sou sua mãe!”. Naís apertava-me a mão a ponto de doer, se fosse possível sentir dor em tal momento. Ah! Luísa, essa festa vale bem os amores perdidos.

Os triunfos do irmão estimularam meu pequeno Renato, que quer ir para o colégio, como o mais velho. Algumas vezes, as três crianças gritam, movimentam-se na casa e fazem um barulho de atordoar. Não sei como resisto a isso, pois estou sempre com eles; jamais confiei a ninguém, nem mesmo a Mary, o cuidado de meus filhos. Mas há tanta alegria a recolher nesse belo ofício de mãe! Ver uma criança deixar o brinquedo para vir

abraçar-me como impelida por uma necessidade... Que alegria! De resto, podemos observá-las assim muito melhor. Um dos deveres da mãe é destrinçar, desde os primeiros anos, as aptidões, o caráter, a vocação dos filhos, coisa que nenhum pedagogo poderia fazer. Todas as crianças educadas pela mãe têm bons costumes e cortesia, duas aquisições que suprem o espírito natural, ao passo que o espírito natural não supre jamais o que os homens aprendem com as suas mães. Já reconheço essas nuanças nos homens, nos salões, onde distingo logo os vestígios da mulher nas maneiras de um rapaz. Como privar os filhos de tal vantagem? Como vês, meus deveres cumpridos são férteis em tesouros e gozos.

Tenho certeza de que Armando será o melhor magistrado, o mais probo administrador, o mais consciencioso deputado que se possa encontrar; ao passo que o meu Renato será o mais ousado, o mais arriscado e o mais ardiloso marujo do mundo. Esse malandrinho tem uma vontade de ferro; consegue tudo o que quer, tem mil recursos para alcançar seus fins, e, se os mil não chegam, ele acha um milésimo primeiro. Nos casos em que o meu querido Armando se resigna com calma, estudando o motivo das coisas, o meu Renato esbraveja, se esforça, combina, parlamentando constantemente, e acaba descobrindo um furo; se pode por aí introduzir a lâmina de uma faca, acaba fazendo passar seu carrinho.

Quanto a Naís, é de tal forma “eu”, que não a distingo de mim. Ah! A querida, a meninazinha amada que procuro tornar faceira, da qual tranço os cabelos e os cachos, pondo neles meus pensamentos de amor, quero-a feliz: só a darei àquele que a amar e a quem ela amar. Mas, Deus meu! Quando a deixo enfeitar-se ou quando lhe ponho nos cabelos fitas cor de groselha, quando lhe calço os pezinhos delicados, vem-me à cabeça e ao coração uma ideia que me deixa quase desfalecida. Poderemos ser senhoras do destino de uma filha? Talvez ame um homem indigno dela, talvez não seja ela amada pelo homem a quem amar. Muitas vezes,

quando a contemplo, sobem-me lágrimas aos olhos. Separarmo-nos de uma criatura encantadora, uma flor, uma rosa que viveu em nosso seio como um botão na roseira, e dá-la a um homem que tudo nos tira! És tu que, em dois anos, não me escreveste estas três palavras: “Eu sou feliz”, és tu que me fazes lembrar o drama do casamento, horrível para uma mãe tão mãe quanto eu. Adeus, pois não sei como te escrevo, não mereces a minha amizade. Oh! Responde-me, minha Luísa.

LII – A SRA. GASTÃO À CONDESSA DE L’ESTORADE

Chalé

Um silêncio de dois anos aguçou tua curiosidade, perguntas-me por que não te escrevi; mas, minha querida Renata, não há frases nem palavras nem linguagem para traduzir minha felicidade: nossas almas têm a força de suportá-la, eis tudo em poucas palavras. Não temos de fazer o menor esforço para ser feliz, entendemo-nos em tudo. Em três anos não houve a menor dissonância nesse concerto, o menor desacordo de expressão nos nossos sentimentos, a menor diferença nas nossas vontades, mesmo as mais insignificantes. Enfim, minha querida, nem um só desses numerosos dias deixou de produzir seu fruto particular, nem um só instante que a fantasia não o tenha tornado delicioso. Não somente a nossa vida, temos disso certeza, jamais será monótona, mas nunca será, por outro lado, bastante extensa para conter a poesia do nosso amor, fecundo como a natureza e como ela variado. Não, nem uma decepção! Nós nos queremos mais do que no primeiro dia e a cada momento descobrimos novos motivos para nos amarmos. Todas as noites ao passearmos, depois do jantar, projetamos ir a Paris por curiosidade, da mesma forma que se diz: “Irei à Suíça”.

— Como! — exclama Gastão. — Estão reformando tal bulevar, a

Madalena está terminada. Temos afinal de ir examinar isso tudo.

Pois bem! No dia seguinte ficamos deitados, fazemos o desjejum no quarto; chega o meio-dia, está calor, nós nos concedemos uma sesta; depois ele pede que eu o deixe contemplar-me e me olha exatamente como se eu fosse um quadro; embebe-se nessa contemplação, que, podes imaginar, é recíproca. Vêm-nos então, quer a um, quer a outro, lágrimas aos olhos, pensamos em nossa felicidade e estremecemos. Sou sempre sua senhora, o que quer dizer que pareço amar menos do que sou amada. Esse engano é delicioso. Há tanta sedução para nós, mulheres, em ver o sentimento vencer o desejo, em ver o senhor ainda tímido deter-se no ponto em que ansiamos que ele se detenha! Pediste que te dissesse como ele é; mas, minha Renata, é impossível fazer o retrato de um homem a quem se ama, não se pode alcançar a verdade. Além disso, confessemos sem hipocrisia um singular e triste resultado de nossos costumes: nada há tão diferente quanto o homem da sociedade e o homem do amor; a diferença é tão grande que um pode não se parecer em nada com o outro. Aquele que imita a mais graciosa atitude do mais gracioso dançarino, para nos dizer ao pé da lareira, à noite, uma palavra de amor, pode não ter nenhuma das graças secretas que uma mulher deseja. Inversamente, um homem que parece feio, sem maneiras, mal envolto em trajos negros, oculta um amante que possui o espírito do amor e que não será ridículo, em nenhuma dessas posições em que nós mesmas naufragamos, apesar de nossas graças exteriores. Encontrar num homem um acordo misterioso entre o que ele parece ser e o que é, encontrar um homem que na vida secreta do casamento tenha essa graça inata que não se dá, não se adquire, que a estatuária antiga desenvolveu nos casamentos voluptuosos e castos de suas estátuas, essa inocência da naturalidade que os antigos puseram nos seus poemas, e que no desnudamento parece ter ainda vestes para as almas, todo esse ideal que ressalta de nós mesmas e que se prende ao mundo das harmonias, que sem dúvida é o gênio das coisas; enfim, esse imenso problema buscado pela imaginação de todas as

mulheres, pois bem, Gastão é a sua solução viva. Ah! Querida, eu não sabia o que era o amor, a mocidade, o espírito e a beleza reunidos. O meu Gastão nunca é afetado, a sua graça é instintiva, desenvolve-se sem esforços. Quando caminhamos, sozinhos, pelos bosques, seu braço enlaçando-me a cintura, eu com o meu sobre seu ombro, seu corpo preso ao meu, as cabeças tocando-se, vamos com passos iguais, num movimento uniforme e tão doce, de tal forma idêntico, que para as pessoas que nos vissem passar pareceríamos um mesmo ser deslizando sobre a areia das alamedas, à feição dos imortais de Homero. Essa harmonia está no desejo, no pensamento, na palavra. Algumas vezes, sob a folhagem ainda úmida devido a uma chuva passageira, quando à tarde as ervas são de um verde lustrado pela água, damos passeios completos, sem nos dizer uma só palavra, ouvindo o ruído das gotas que caem, gozando as cores rubras que o poente espalha nos cimos ou nos cascos pardacentos. Certamente, nesse momento, nossos pensamentos são uma prece secreta, confusa, que ascende ao céu como uma desculpa por nossa felicidade. Algumas vezes exclamamos juntos, no mesmo instante, ao ver uma extremidade da alameda que se curva bruscamente e que, de longe, nos oferece imagens deliciosas. Se soubesses quanto mel e profundeza existem num beijo quase tímido que se troca, no meio dessa santa natureza... é da gente crer que Deus nos fez somente para rezar-lhe assim. E voltamos sempre mais apaixonados um pelo outro. Esse amor entre esposos que pareceria, em Paris, um insulto à sociedade só é permitido entre amantes, no fundo dos bosques.

Gastão, minha querida, tem a estatura mediana que foi sempre a dos homens de energia; não é gordo nem é magro e é muito bem-proporcionado; seus membros são roliços; é ágil nos seus movimentos; salta um fosso com a ligeireza de um animal selvagem. Seja qual for a posição em que se ache, há nele como que um sentido que o faz encontrar o equilíbrio, e isso é raro nos homens que têm o hábito da meditação. Embora moreno, é de uma alvura extraordinária. Seus cabelos são negros

como azeviche e produzem contrastes vigorosos com os tons trigueiro-claros de seu pescoço e de sua fronte. Tem a cabeça melancólica de Luís xiii. Deixou crescer os bigodes e a mosca, mas eu fiz com que cortasse as suíças e a barba, que se estão tornando vulgares. Sua santa miséria conservou-mo puro de todas as máculas que estragam tantos rapazes. Tem dentes magníficos, uma saúde de ferro. Seu olhar azul tão vivo, mas para mim de uma doçura magnética, acende-se e brilha como um relâmpago quando a sua alma se agita. Como todas as criaturas fortes e de inteligência poderosa, é de uma uniformidade de gênio que te surpreenderia, como me surpreendeu. Ouvi muitas mulheres me confiarem seus pesares íntimos, mas essas variações de gênio, essas inquietações dos homens descontentes consigo mesmos, que não querem ou não sabem envelhecer, que têm não sei que eternas recriminações contra sua aloucada mocidade, em cujas veias correriam venenos, cujo olhar tem sempre um fundo de tristeza, que se mostram rabugentos, para ocultar suas desconfianças, que nos vendem uma hora de tranquilidade por manhãs desagradáveis, que se vingam em nós por não poderem ser amáveis, e que concebem por nossa beleza um ódio secreto, todas essas dores, a mocidade não as conhece, pois são atributos dos casamentos desproporcionados. Oh! Minha querida, não cases Atenaís senão com um rapaz moço. Se soubesses como saboreio esse sorriso constante, que um espírito fino e delicado faz variar incessantemente, esse sorriso que fala, que no canto dos lábios encerra pensamentos de amor, mudos agradecimentos e que liga sempre as alegrias passadas às presentes! Entre nós nada é jamais esquecido. Das menores coisas da natureza fizemos cúmplices de nossa felicidade: tudo é vivo, tudo nos fala de nós, nesses bosques encantadores. Um velho carvalho musgoso, junto à casa do guarda na estrada, diz-nos que nos sentamos cansados à sua sombra e que Gastão me explicou, ali, os musgos que estavam a nossos pés, fez-me a história deles e que desses musgos subimos, de ciência em ciência, até o fim do mundo. Nossos dois espíritos têm algo de tão fraternal que julgo

serem duas edições da mesma obra. Como vês, tornei-me literária. Temos, os dois, o hábito ou o dom de ver cada coisa em toda a sua extensão, de tudo perceber nelas, e a prova que um ao outro damos constantemente dessa pureza de sentido interior é um prazer sempre renovado. Já chegamos ao ponto de considerar esse entendimento do espírito como uma prova de amor; e, se um dia ele nos falhasse, seria para nós o que uma infidelidade é para os outros casais.

Minha vida, saturada de prazeres, parecer-te-á, de resto, excessivamente laboriosa. Primeiro, querida, precisas saber que Luísa Armanda Maria de Chaulieu arruma ela mesma o seu quarto.

Jamais consentiria que cuidados mercenários, que uma mulher ou uma moça estranha se iniciasse (mulher literária!) nos segredos de meu quarto. Minha religião engloba as menores coisas necessárias ao seu culto. Não é ciúme, mas, sim, respeito de si própria. Por isso meu quarto é arrumado com o cuidado que uma jovem apaixonada pode dispensar aos seus adornos. Sou meticulosa como uma velha solteirona. Meu quarto de banho em vez de ser um caos é uma deliciosa alcova. Minhas pesquisas tudo previram. O senhor, o soberano, pode entrar a qualquer momento; seu olhar não será afligido, espantado, nem desencantado: flores, perfumes, elegância, tudo seduz os olhos. Enquanto Gastão dorme, pela manhã, levanto-me, sem que ele até agora o suspeitasse, passo para aquele gabinete, onde, ilustrada pelas experiências de minha mãe, faço desaparecerem os vestígios do sono com loções de água fria. Enquanto dormimos, a pele, menos excitada, desempenha mal as suas funções; torna-se quente, tem como que uma bruma visível ao olhar de um oução, uma espécie de atmosfera. De sob uma esponja que goteja, uma mulher sai mocinha. É essa talvez a explicação do mito de Vênus saída das águas. A água dá-me então as graças excitantes da aurora; penteio-me, perfumo os cabelos e, depois dessa *toilette* minuciosa, insinuo-me como uma cobra, para que, ao despertar, o senhor me encontre pimpona como uma manhã primaveril. Ele fica seduzido por essa frescura de flor

recentemente desabrochada, sem poder explicar o porquê. Mais tarde, a *toilette* do dia incumbe à minha camareira e se faz no quarto de vestir. Há, também, como deves imaginar, a *toilette* de deitar. Assim é que faço três para o senhor meu marido, e algumas vezes quatro; mas isso, querida, está em relação a outros mitos da Antiguidade.

Também temos nossos trabalhos. Nós nos interessamos muito pelas nossas flores, pelos belos exemplares da nossa estufa e pelas nossas árvores. Somos botânicos de verdade, gostamos apaixonadamente de flores, o chalé as tem em profusão. Nossos relvados estão sempre verdes, nossos maciços são tão cuidados como os dos jardins dos mais ricos banqueiros. Por isso, nada é tão belo como nosso cercado. Somos muito gulosos de frutas, cuidamos das nossas árvores frutíferas, dispostas e podadas de modo elegante. Mas no caso em que essas ocupações campestres não satisfaçam o espírito do meu adorado, aconselhei-o a concluir no silêncio da solidão algumas peças de teatro que ele iniciou nos seus dias de miséria e que são realmente belas. Essa espécie de trabalho é a única na literatura que se pode abandonar e recomeçar, pois exige demoradas reflexões e não requer os rebuscamentos de estilo. Não se pode sempre fazer diálogos; demandam viveza, rapidez, saídas, que o espírito traz em si como as plantas produzem suas flores que se encontram mais facilmente esperando-as do que buscando-as. Essa caça às ideias agrada-me. Sou colaboradora do meu Gastão e assim jamais o deixo, nem mesmo quando ele vagueia nos vastos campos da imaginação. Adivinhas agora como me avenho nos longos serões do inverno? Nosso serviço é tão suave que desde que nos casamos não tivemos uma censura, nem uma observação a fazer à nossa criadagem. Quando interrogados a nosso respeito, os criados tiveram o espírito de mentir, fazendo-nos passar pela dama de companhia e pelo secretário de patrões que estivessem viajando; certos de nunca sofrer uma recusa, não saem sem pedir licença; aliás, são felizes e veem perfeitamente que sua situação não pode mudar a não ser por sua própria culpa. Deixamos os jardineiros

venderem o excedente de nossos frutos e legumes. A encarregada do estábulo faz outro tanto com o leite, a nata e a manteiga fresca. Apenas reservam para nós os mais belos produtos. Esse pessoal está muito satisfeito com os seus lucros, e nós encantados com essa abundância que nenhuma fortuna pode ou sabe conseguir nessa terrível Paris, onde os belos pêssegos valem cada um o rendimento de cem francos. Tudo isso, querida, tem um sentido: quero ser o mundo para Gastão; o mundo é divertido, logo, meu marido não se deve entediar nesta solidão. Eu julgava ser ciumenta, quando era amada e me deixava amar; hoje, porém, experimento o ciúme das mulheres que amam, o verdadeiro ciúme, enfim. Por isso, um único de seus olhares que se me afigura indiferente me faz tremer. De quando em quando, a mim mesma digo: “E se ele não me amasse mais?” e estremeço. Oh! Estou exatamente diante dele como a alma cristã está diante de Deus.

Ai de mim! Renata, continuo a não ter filhos. Chegará com certeza o momento em que serão necessários os sentimentos de pai e de mãe para animar este retiro, em que ambos precisaremos ver vestidinhos, capinhas, cabecinhas morenas ou louras saltando, correndo através dos maciços e dos nossos caminhos floridos. Oh! Que monstruosidade, flores sem frutos. Punge-me a lembrança da tua bela família. Minha vida restringiu-se, ao passo que a tua aumentou, irradiou. O amor é profundamente egoísta, enquanto a maternidade tende a multiplicar nossos sentimentos. Senti bem essa diferença ao ler tua boa e terna carta. Tua felicidade causou-me inveja, ao ver-te vivendo em três corações! Sim, és feliz! Cumpriste sensatamente as leis da vida social, ao passo que eu estou à margem de tudo. Somente filhos amantes e amados podem consolar uma mulher da perda de sua beleza. Breve terei trinta anos, e nessa idade uma mulher começa a ouvir terríveis lamentações interiores. Se ainda sou bela, entrevejo os limites da vida feminina; depois, que será de mim? Quando eu tiver quarenta anos, ele não os terá, será ainda jovem, e eu já estarei velha. Quando esse pensamento me penetra no

coração, fico uma hora a seus pés, fazendo-o jurar que, quando sentir menos amor por mim, o dirá imediatamente. Mas é uma criança e jura-o como se seu amor jamais devesse diminuir, e é tão belo que... compreendes! Eu o creio. Adeus, querido anjo; passaremos ainda alguns anos sem nos escrever? A felicidade é monótona nas suas expressões; será talvez por causa dessa dificuldade que Dante parece maior às almas amantes no seu *Paraíso* do que no seu *Inferno*? Não sou Dante, sou apenas tua amiga, não te quero cacetear. Tu, sim, podes escrever-me porque tens nos teus filhos uma felicidade variada que vai num crescendo, ao passo que a minha... Não falemos mais nisso. Mando-te mil carinhos.

LIII – A CONDESSA DE L'ESTORADE À SRA. GASTÃO

Querida Luísa, li e reli tua carta e quanto mais a aprofundei mais vi em ti uma criança do que uma mulher; não mudaste, esqueces o que te disse mil vezes: o Amor é um roubo feito pelo estado social ao estado natural; ele é tão passageiro na natureza que os recursos da sociedade não lhe podem mudar as condições primitivas: por isso, todas as almas nobres tentam fazer um homem dessa criança; mas então o amor, segundo tu mesma, torna-se uma monstruosidade. A sociedade, querida, quis ser fecunda. Ao substituir a fugitiva loucura da natureza por sentimentos duradouros, ela criou a maior instituição humana: a Família, base eterna das Sociedades. Sacrificou tanto o homem quanto a mulher à sua bela obra; pois, não nos iludamos, o pai de família dá a sua atividade, as suas forças, todas as suas fortunas à esposa. Não é a mulher quem goza de todos os sacrifícios? O luxo, a riqueza, não lhe toca quase tudo a ela? Para ela a glória e a elegância, a doçura e a flor da casa. Ó, meu anjo, mais uma vez encaras mal a vida. Ser adorada é um tema para moças, bom para algumas primaveras, mas que não poderia ser o de uma mulher, esposa e

mãe. Bastará, talvez, para a vaidade da mulher saber que se pode fazer adorar. Se queres ser esposa e mãe, volta a Paris. Deixa-me repetir-te que te perderás pela felicidade como outros se perdem pela desventura. As coisas que não nos cansam, o silêncio, o pão, o ar são irrepreensíveis por não terem sabor; ao passo que as coisas que o têm e irritam os nossos desejos acabam por saciá-los. Ouve-me, filha! Agora, mesmo que eu pudesse ser amada por um homem pelo qual eu sentisse nascer em mim o amor que tributas a Gastão, eu saberia manter-me fiel aos meus caros deveres e à minha querida família. A maternidade, meu anjo, é para o coração da mulher uma dessas coisas simples, naturais, férteis e inesgotáveis, como as que são os elementos da vida. Lembro-me de ter um dia, breve fará catorze anos, adotado o devotamento como um náufrago se agarra ao mastro de seu navio, por desespero; hoje, entretanto, quando evoco pela imaginação toda a minha vida, eu escolheria ainda esse sentimento como o princípio de minha existência, por ser ele o mais seguro e mais fecundo de todos. O exemplo da tua vida, baseada num egoísmo feroz, conquanto mascarado pela poesia do coração, fortificou a minha resolução. Nunca mais te direi essas coisas, mas precisava dizê-las uma última vez ainda, ao saber que tua felicidade resiste à mais terrível das provas.

Tua vida no campo, objeto de minhas meditações, sugeriu-me esta outra observação que devia comunicar-te. Nossa vida, tanto para o corpo, como para o coração, é composta de certos movimentos regulares. Todo excesso, trazido a esse mecanismo, é uma causa de prazer ou de dor; ora, o prazer ou a dor são uma febre da alma, essencialmente passageira, porque não pode ser suportada muito tempo. Fazer do excesso a própria vida, não é isso viver doente? Vives doente, por manteres no estado de paixão um sentimento que, no matrimônio, deve tornar-se uma força uniforme e pura. Sim, meu anjo, reconheço hoje: a dignidade do lar está justamente nessa calma, nesse profundo conhecimento mútuo, nessa troca de bens e de males, que os gracejos vulgares lhe censuram. Oh!

Como é grande aquele dito da duquesa de Sully, a mulher do grande Sully,[174] a quem diziam que o marido, por mais grave que parecesse, não tinha escrúpulos em ter uma amante: “É muito simples”, respondeu ela, “eu sou a honra da casa, e ficaria muito triste de representar nela o papel de uma cortesã”. Mais voluptuosa do que terna, queres ser a esposa e a amante. Com a alma de Heloísa e os sentidos de Santa Teresa,[175] entregas-te a desvios sancionados pelas leis; numa palavra, depravas a instituição do casamento. Sim, tu que me julgavas tão severamente, quando eu parecia imoral aceitando, desde a véspera do meu casamento, os meios da felicidade, dobrando tudo ao teu ponto de vista, hoje mereces as censuras que me dirigias. Como! Queres submeter natureza e sociedade ao teu capricho? Permaneces tu mesma, não te transformas no que uma mulher deve ser; conservas as vontades, as exigências de donzela, e empregas na tua paixão os cálculos mais exatos e mais mercantis! Não estás vendendo por preço exorbitante os teus adornos? Acho-te muito desconfiada, com todas essas precauções. Oh! Querida Luísa, se pudesses conhecer as doçuras do trabalho que as mães têm consigo mesmas, para serem boas e ternas com toda a família! A independência e a altivez de meu caráter fundiram-se numa doce melancolia, que os prazeres maternais dissiparam recompensando-a. Se a manhã foi difícil, a tarde será pura e serena. Tenho receios de que em tua vida se dê exatamente o contrário.

Ao terminar tua carta, supliquei a Deus que te fizesse passar um dia entre nós para te converter à família, a essas alegrias indizíveis, constantes, eternas, porque são verdadeiras, simples e naturais. Mas ai de mim! Que pode a minha razão contra uma falta que te faz feliz? Ao te escrever estas palavras, tenho lágrimas nos olhos. Acreditei francamente que vários meses concedidos a esse amor conjugal te devolveriam à razão pela saciedade; mas vejo-te insaciável e, depois de teres matado um amante, chegarás a matar o amor. Adeus, querida transviada, desespero, porque a carta pela qual eu esperava restituir-te à vida social pela

descrição da minha felicidade não serviu senão para a glorificação do teu egoísmo. Sim, só tu existes no teu amor, e amas Gastão muito mais por ti do que por ele mesmo.

LIV – A SRA. GASTÃO À CONDESSA DE L'ESTORADE

20 de maio

Renata, chegou a desgraça; não, ela caiu em cima da tua pobre Luísa com a rapidez do raio e tu me compreendes: a desgraça para mim é a dúvida. A convicção seria a morte. Anteontem, após minha primeira *toilette*, procurei Gastão por toda parte para darmos um pequeno passeio antes do almoço e não o encontrei: fui à estrebaria, vi sua égua banhada em suor,enquanto o *groom*, com o auxílio de uma faca, limpava os flocos de espuma antes de enxugá-la.

— Quem pôs Fedelta em semelhante estado? — perguntei.

— O patrão — respondeu o menino.

Verifiquei nos jarretes da égua a presença da lama de Paris, a qual não se parece com a do campo.

"Foi a Paris", pensei.

Esse pensamento fez jorrarem outros mil no meu coração, afluindo a este todo o meu sangue. Ir a Paris sem nada me dizer, aproveitar a hora em que o deixo só, ir e voltar com tanta rapidez, a ponto de deixar Fedelta quase estafada!... A suspeita constringiu-me com seu terrível laço, a ponto de me tolher a respiração. Retirei-me a alguns passos dali e sentei-me num banco para tentar recuperar a calma. Gastão surpreendeu-me nessa situação, lívida, assustadora, segundo parece, pois disse-me "Que tens?" tão precipitadamente e com um tom de voz tão inquieto que me levantei e segurei-lhe o braço; mas tinha as articulações sem força e me vi constrangida a sentar outra vez; ele, então, tomou-me nos braços e levou-

me a dois passos dali, para a sala de estar, onde a nossa criadagem assustada nos havia seguido; Gastão, porém, com um gesto, os mandou embora. Quando ficamos sós, pude, sem nada lhe querer dizer, fugir para o meu quarto, onde me fechei para poder chorar à vontade. Gastão permaneceu cerca de duas horas atrás da porta ouvindo os meus soluços, interrogando a sua criatura, com uma paciência de anjo, e eu sem lhe responder.

— Eu o receberei quando meus olhos não estiverem mais vermelhos e quando minha voz não tremer mais — respondi-lhe por fim.

O tratamento cerimonioso o fez retirar-se de casa. Lavei os olhos com água gelada, refresquei meu rosto, a porta do nosso quarto se abriu, e eu o encontrei ali; ele voltara sem que eu ouvisse o ruído de seus passos.

— Que tens? — perguntou-me.

— Nada — respondi. — Reconheci a lama de Paris nos jarretes cansados de Fedelta, não compreendi que tivesses ido sem me prevenir; aliás és livre.

— Como castigo por tuas desconfianças criminosas, só amanhã saberás dos meus motivos — respondeu ele.

— Olha-me — disse-lhe eu.

Mergulhei os olhos nos seus: o infinito penetrou o infinito. Não, não percebi aquela nuvem que a infidelidade espalha na alma e que deve alterar a pureza das pupilas. Aparentei tranquilidade, conquanto continuasse inquieta. Os homens, tanto como nós, sabem enganar e mentir! Não nos separamos mais. Oh! Querida, quanto por momentos, ao olhá-lo, me senti indissoluvelmente presa a ele. Que tremores interiores me agitaram quando ele voltou depois de ter-me deixado só por um instante! Minha vida está nele e não em mim. Dei desmentidos cruéis à tua cruel carta. Senti eu jamais essa dependência com aquele divino espanhol para quem eu era o que este atroz pequeno é para mim? Como odeio aquela égua! Que tolice a minha em ter comprado cavalos! Mas seria preciso também cortar os pés de Gastão, ou detê-lo no chalé. Esses

estúpidos pensamentos me ocuparam, por aí podes julgar a minha loucura. Se o amor não lhe construiu uma jaula, não há poder capaz de reter um homem que se entedia.

— Eu te aborreço? — perguntei-lhe à queima-roupa.

— Como te atormentas sem motivo! — respondeu-me com os olhos cheios de uma meiga piedade. — Nunca te amei tanto.

— Se isso é verdade, meu anjo adorado — repliquei-lhe —, deixa-me mandar vender Fedelta.

— Vende! — disse ele.

Essa palavra como que me aniquilou. Gastão parecia dizer-me: "Só tu és rica aqui; eu nada sou, minha vontade não existe". Se ele não o pensou, eu acreditei que o pensava e deixei-o novamente para me ir deitar: anoitecera.

Ó, Renata, na solidão, um pensamento devastador nos leva a suicídio. Os deliciosos jardins, a noite estrelada, a frescura que me trazia em ondas o perfume de todas as nossas flores, nosso vale, nossa colinas, tudo me parecia sombrio, negro e deserto. Achava-me como que no fundo de um precipício entre serpentes e plantas venenosas; não via mais Deus no céu. Depois de uma noite dessas uma mulher envelhece.

— Monta Fedelta, vai a Paris — disse-lhe eu no dia seguinte pela manhã —, não a vendamos; gosto dela; ela te carrega!

Não obstante, ele não se enganou com o meu acento, onde transparecia a raiva interior que eu tentava ocultar.

— Confiança! — respondeu estendendo-me a mão num gesto tão nobre e dirigindo-me um olhar tão nobre que me senti aniquilada.

— Somos bem pequenas! — exclamei.

— Não, amas-me, eis tudo — disse ele, apertando-me contra si.

— Vá a Paris sem mim — disse-lhe, fazendo-lhe compreender que não desistia de minhas suspeitas.

Ele partiu, eu pensei que ele ficaria em casa. Desisto de te descrever meus sofrimentos. Havia em mim um outro eu, que eu ignorava. Essas

espécies de cenas, querida, têm, para uma mulher que ama, uma solenidade trágica que nada poderia exprimir; toda a vida passa diante dos nossos olhos, no momento em que elas se realizam, e o olhar não vê nenhum horizonte; o nada é tudo, o olhar é um livro, a palavra carreia blocos de gelo, e, num mover de lábios, lê-se uma sentença de morte. Eu esperava uma retribuição, pois tinha me mostrado bastante nobre e grande. Subi até o alto do chalé e segui-o com os olhos, pela estrada. Ah! Querida Renata, vi-o desaparecer com uma horrível rapidez.

— Como ele vai correndo para lá!— pensei involuntariamente.

Depois, quando me vi só, tornei a cair no inferno das hipóteses, no tumulto das suspeitas. Por vezes, a certeza de ser traída parecia-me um bálsamo, comparada com os horrores da dúvida! A dúvida é o nosso duelo com nós mesmas, e nela nos fazemos terríveis ferimentos. Caminhava, girava em torno das alamedas, voltava ao chalé, saía como uma louca. Tendo partido às sete horas, Gastão só voltou às onze; e, como pelo parque de Saint-Cloud e pelo Bois de Boulogne basta uma meia hora para ir a Paris, é claro que ele lá passara três horas. Entrou triunfante, trazendo-me uma chibata de borracha com castão de ouro.

Fazia quinze dias que eu não tinha chicote; o meu, gasto e velho, se partira.

— E foi por isto que me torturaste? — disse-lhe, admirando o trabalho daquela joia que contém uma caçoila na extremidade.

Depois compreendi que aquele presente ocultava um novo engano; mas saltei-lhe prontamente ao pescoço, não sem lhe fazer ternas recriminações por ter-me imposto tão grandes tormentos por uma ninharia. Ele se julgou muito esperto. Vi então na sua atitude, no seu olhar, aquela espécie de alegria interior que se sente quando impingimos uma mentira; escapa-se de nossa alma como que um clarão, como um raio de nosso espírito que se reflete nas feições e que se desprende com os movimentos do corpo. Ao admirar aquele lindo objeto, perguntei-lhe, num momento em que nos olhávamos:

— Quem fez para ti esta obra de arte?

— Um artista amigo meu.

— Ah! Verdier[176] o armou — acrescentei ao ler o nome do negociante, que estava impresso na chibata. Gastão ficou como uma criança, corou. Cobri-o de carícias por ter tido pejo de me enganar. Fiz-me de inocente, e ele pôde julgar tudo terminado.

25 de maio

No dia seguinte, cerca das seis horas, vesti meu traje de montar e, às sete horas, apresentei-me no estabelecimento de Verdier, onde vi várias chibatas do mesmo modelo. Um caixeiro reconheceu a minha que lhe mostrei.

— Nós a vendemos ontem a um moço — disse-me.

E, ante a descrição que lhe fiz do meu tratante Gastão, não houve mais dúvida. Poupo-te as palpitações de coração que me despedaçaram o peito ao ir a Paris e durante essa pequena cena em que se decidia a minha vida. De volta, às sete e meia, Gastão encontrou-me, pimpona, em *toilette* matinal, passeando com uma enganadora despreocupação, e certa de que nada traíra a minha ausência, em cujo segredo eu só pusera o meu velho Felipe.

— Gastão — disse-lhe eu, enquanto caminhávamos à margem do açude —, conheço a diferença que existe entre uma obra de arte única, feita com amor para uma única pessoa, e a que sai de um molde.

Gastão empalideceu e olhou para mim, que lhe apresentava a terrível peça de convicção.

— Meu amigo — disse-lhe —, não é um chicote, e sim um biombo por trás do qual você oculta um segredo.

Ai, querida, concedi-me o prazer de vê-lo enredar-se nas sendas da mentira e nos labirintos dos enganos, sem deles poder sair e desenvolvendo uma arte prodigiosa para tentar encontrar um muro que

pudesse transpor, mas forçado a permanecer na arena diante de um adversário, que consentiu afinal em se deixar iludir. Essa complacência sobreveio muito tarde, como sempre acontece nessa espécie de cena. Aliás eu cometera o erro contra o qual minha mãe tentara premunir-me. Ao mostrar-se a nu, meu ciúme estabelecia o estado de guerra, com seus estratagemas, entre mim e Gastão. O ciúme, querida, é essencialmente estúpido e brutal. A mim mesma prometi, então, sofrer em silêncio, tudo espionar, adquirir uma certeza e romper com Gastão, ou senão conformar-me com a minha desgraça: para uma mulher bem-educada não há outro procedimento. Que me oculta ele? Pois é certo que me oculta um segredo. Esse segredo concerne a uma mulher. Será uma aventura da mocidade da qual se envergonha? Que será? Esse *Que será*, querida, está gravado em letras de fogo sobre todas as coisas. Leio essas fatais palavras ao olhar o espelho de meu açude, através dos meus bosquetes, nas nuvens do céu, nos tetos, na mesa, nas flores de meus tapetes. No meio do meu sono uma voz me brada: "Que será?". A partir dessa manhã houve em nossa vida um interesse cruel, e conheci o mais acre dentre os pensamentos que possam corroer o nosso coração: pertencer a um homem que julgamos infiel. Oh! Minha querida, esta vida participa do inferno e do paraíso. Eu ainda não pousara o pé nessa fornalha, eu, que até então fora tão santamente adorada.

— Ah! Desejavas um dia penetrar nos sombrios e ardentes palácios do sofrimento? — a mim mesma dizia. — Pois bem, os demônios ouviram o teu voto fatal: marcha, desgraçada!

30 de maio

Desde esse dia, Gastão, em vez de trabalhar frouxamente e com a despreocupação do artista rico, que burila sua obra, entrega-se à tarefa como o escritor que vive da pena. Emprega, todos os dias, quatro horas para terminar duas peças de teatro.

— Está precisando de dinheiro!

Esse pensamento me foi sussurrado por uma voz interior. Ele não gasta quase nada; e, como vivemos em absoluta confiança, não existe um cantinho de seu gabinete que meus olhos e meus dedos não possam revistar; sua despesa por ano não vai a dois mil francos, sei de trinta mil francos que estão menos amontoados do que guardados numa gaveta. Adivinhas-me. No meio da noite, fui durante seu sono ver se a quantia lá estava. Que arrepio glacial me percorreu o corpo ao verificar que a gaveta estava vazia! Na mesma semana, descobri que ele vai buscar cartas em Sèvres, e deve rasgá-las logo depois de as ler, porque, apesar dos meus ardis de Fígaro, não pude achar vestígios. Ai de mim! Meu anjo, apesar das minhas promessas e de todos os belos juramentos que a mim mesma fizera a respeito do chicote, um impulso da alma, que se deve classificar de loucura, impeliu-me, e eu o segui, numa das suas rápidas excursões à agência do correio. Gastão ficou aterrorizado ao se ver surpreendido a cavalo, franqueando uma carta que tinha na mão. Após ter-me olhado fixamente, pôs Fedelta a galope num movimento tão rápido que me senti exausta ao chegar à entrada do bosque, num momento em que julgava não poder sentir nenhuma fadiga corporal, de tanto que minha alma sofria! Gastão nada me disse, tocou a sineta e esperou, sem falar-me. Eu estava mais morta do que viva. Ou tinha razão ou estava em erro; mas, nos dois casos, minha espionagem era indigna de Armanda Luísa Maria de Chaulieu. Chafurdava no lodo social, abaixo da *grisette*, da rapariga mal-educada, lado a lado com as cortesãs, as atrizes, as criaturas sem educação. Que sofrimento! Finalmente a porta se abriu, ele entregou a égua ao *groom*, e eu também desci, mas nos seus braços que ele me estendia; sustentando minha amazona no braço esquerdo, dei-lhe o braço direito e seguimos... sempre silenciosos. Os cem passos que demos assim podem ser contados para mim como cem anos de purgatório. A cada passo, milhares de pensamentos, quase visíveis, volteavam como línguas de fogo sob meus olhos, saltavam sobre minha alma, tendo cada qual um

dardo, um espinho, um veneno diferente! Quando o *groom* e os cavalos estiveram afastados, detive Gastão, olhei-o e, com um movimento que deves adivinhar, disse-lhe, apontando para a fatal carta que ele continuava a segurar:

— Deixas que eu a leia?

Ele deu-ma, eu a abri e li uma carta na qual Nathan,[177] o autor dramático, lhe dizia que uma das nossas peças, aceita, estudada e ensaiada, ia ser representada no próximo sábado. A carta continha uma senha de camarote. Embora para mim aquilo fosse subir do martírio ao céu, o demônio gritava-me sempre para perturbar minha alegria: "Onde estão os trinta mil francos?". E a dignidade, a honra, todo o meu antigo *eu* impediam-me de fazer uma pergunta; tinha-a nos lábios; sabia que se meu pensamento se concretizasse em palavras, seria de atirar-me no açude, e dificilmente resistia ao desejo de falar. Querida, não ultrapassavam meus sofrimentos as forças de uma mulher?

— Tu te aborreces, meu pobre Gastão — disse, ao lhe restituir a carta. — Se queres, iremos para Paris.

— Para Paris, por quê? — perguntou. — Eu quis saber se tinha talento e provar o ponche do triunfo!

No momento em que ele estiver trabalhando, poderei fingir espanto, ao remexer na gaveta sem achar os trinta mil francos; mas não é isso provocar a resposta: "Emprestei a um amigo", que um homem de espírito como Gastão não deixará de dar?

Minha querida, a moral de tudo isso é que o belo sucesso da peça a que toda Paris acorre neste momento é devido a nós, embora Nathan recolha todas as glórias. Sou uma das duas estrelas dessa palavras: *E os Srs.***. Vi a primeira representação, escondida no fundo de um camarote do proscênio, na primeira fila.

1º de julho

Gastão continua trabalhando e vai sempre a Paris; ele trabalha em novas peças para ter o pretexto de ir a Paris e ganhar dinheiro. Temos três peças aceitas e mais duas pedidas. Oh! Querida, estou perdida, movo-me nas trevas. Incendiaria minha casa para ver claro. Que significa semelhante procedimento? Terá ele vergonha de ter recebido a fortuna de mim? Ele tem a alma demasiado grande para preocupar-se com essa tolice. De resto, quando um homem começa a ter desses escrúpulos, é que estes lhe são inspirados por um interesse sentimental. Aceita-se tudo da esposa, mas nada se quer dever à mulher que se cogita abandonar e a quem não mais se ama. Se ele quer tanto dinheiro, é que sem dúvida precisa gastá-lo com uma mulher. Se se tratasse dele, não iria ele buscá-lo sem cerimônia na minha bolsa? Temos cem mil francos de economias! Enfim, minha bela corça, percorri todo o mundo das hipóteses e, tudo bem pesado, tenho certeza de ter uma rival. Ele me deixa, por quem? Quero vê-la.

10 de julho

Vi claro, estou perdida. Sim, Renata, aos trinta anos, em toda a glória da beleza, rica dos recursos de meu espírito, ataviada com as seduções da *toilette* sempre fresca e elegante, sou traída e por quem? Por uma inglesa que tem enormes pés, ossos reforçados, um peito largo, alguma vaca britânica. Não posso mais ter dúvidas. Eis o que me aconteceu nestes últimos dias.

Cansada de duvidar, pensando que Gastão mo haveria de dizer se tivesse auxiliado algum amigo, vendo-o acusar-se por seu silêncio e solicitado para o trabalho por uma contínua sede de dinheiro, inquieta com as suas perpétuas idas a Paris, tomei as medidas do caso, e essas medidas me fizeram descer tão baixo que nada te posso dizer. Faz três dias soube que Gastão vai, nas suas idas a Paris, à rue de Ville-l'Évèque, numa casa onde seus amores são acobertados com uma discrição sem

exemplo em Paris. O porteiro, nada conversador, disse pouca coisa, mas o bastante para desesperar-me. Fiz então o sacrifício de minha vida e quis unicamente saber toda a verdade. Fui a Paris, tomei um apartamento na casa que fica em frente àquela onde ia Gastão e pude vê-lo, com os meus olhos, entrando a cavalo no pátio. Oh! Tive demasiado cedo uma horrível e espantosa revelação. Aquela inglesa, que me pareceu ter trinta e seis anos, fez-se chamar de sra. Gastão. Essa descoberta foi para mim o golpe de misericórdia. Enfim, vi-a dirigir-se para as Tulherias com duas crianças... Oh! Minha querida, duas crianças que são as vivas miniaturas de Gastão. É impossível não ficar impressionado com tão escandalosa parecença... E que lindas crianças! E vestidas faustosamente como as inglesas as sabem preparar. Ela lhe deu filhos! Tudo se explica. Essa inglesa é uma espécie de estátua grega descida de algum monumento; tem a alvura e a frieza do mármore, marcha solenemente como mãe feliz. É forçoso convir que ela é bela, mas é pesada como um vaso de guerra. Nada tem de fino nem de distinto; não é certamente uma *lady*, deve ser filha de algum granjeiro de uma aldeia qualquer de um condado distante, ou a décima primeira filha de algum pobre pastor protestante. Voltei de Paris moribunda. No caminho, mil pensamentos me assaltaram como outros tantos demônios. Seria ela casada? Conhecia-a ele antes de me desposar? Foi ela amante de algum ricaço que a abandonou e teria voltado novamente a pesar sobre Gastão? Formulei hipóteses a não acabar mais, como se ante a evidência das crianças houvesse necessidade de suposições. No dia seguinte, voltei novamente a Paris e dei bastante dinheiro ao porteiro da casa para que à minha pergunta: “a sra. Gastão é casada legalmente?” ele me respondesse: “Sim, senhorita”.

15 de julho

Depois dessa manhã, querida, redobrei de amor por Gastão e achei-o mais apaixonado do que nunca; ele é tão moço! Vinte vezes, ao nos

levantarmos, estive a ponto de dizer-lhe: “Amas-me mais do que a essa da rue Ville-l’Évêque?”.

Mas não me animo a explicar-me o mistério da minha abnegação.

— Gostas muito de crianças? — perguntei-lhe.

— Oh! Sim — respondeu-me. — Mas teremos filhos.

— E como?

— Consultei os mais sábios médicos, e todos me aconselharam que fizesse uma viagem de dois meses.

— Gastão — disse-lhe eu —, se pudesse amar um ausente, eu teria ficado no convento até o fim dos meus dias.

Ele pôs-se a rir, e eu, querida, com a palavra viagem, senti-me morrer. Oh! Certamente prefiro saltar pela janela a deixar-me rolar escada abaixo, procurando reter-me de degrau em degrau. Adeus, meu anjo; tornei minha morte suave, elegante, mas infalível. Ontem fiz meu testamento. Podes agora vir visitar-me, está suspensa a proibição. Vem receber minhas despedidas. Minha morte será como minha vida, cheia de distinção e de graça: morrerei integralmente.

Adeus, querido espírito de irmã, tu, cuja afeição não teve nem querelas, nem altos, nem baixos, e que, semelhante à uniforme claridade da lua, sempre acariciaste meu coração; não conheceste as vivacidades, mas tampouco experimentaste a venenosa amargura do amor. Viste a vida sensatamente. Adeus!

LV – A CONDESSA DE L’ESTORADE À SRA. GASTÃO

16 de julho

Querida Luísa, mando-te esta carta por um mensageiro antes de eu mesma voar para o chalé. Acalma-te. Tua última carta me pareceu tão insensata que acreditei poder, em semelhante circunstância, confiar tudo

a Luís; tratava-se de te salvar, a ti mesma. Se, como tu, empregamos horríveis meios, o resultado é tão feliz que tenho certeza de tua aprovação. Desci ao ponto de fazer intervir a polícia, mas isso é um segredo entre o prefeito, nós e tu. Gastão é um anjo! Eis os fatos: o irmão dele, Luís Gastão, morreu em Calcutá a serviço de uma companhia comercial, no momento em que ia regressar à França, rico, feliz e casado. A viúva de um negociante inglês era-lhe a mais brilhante fortuna. Depois de dez anos de trabalhos empreendidos, a fim de mandar o necessário para a vida do irmão, a quem adorava e a quem nunca falava de suas decepções, nas suas cartas, para não afligi-lo, ele foi tomado de surpresa pela falência do famoso Halmer. A viúva ficou arruinada. O golpe foi tão violento que Luís Gastão perdeu a cabeça. Com o enfraquecimento da moral, a doença assenhorou-se do corpo, e ele sucumbiu em Bengala, onde fora salvar os restos da fortuna de sua pobre mulher. Esse querido capitão depositara num banco uma primeira quantia de trezentos mil francos para mandá-la ao irmão, mas o banqueiro, arrastado pela falência de Halmer, tirou-lhe esse último recurso. A viúva de Luís Gastão, essa bela mulher que tomaste por tua rival, chegou a Paris com dois filhos, que são teus sobrinhos, e sem vintém. As joias da mãe mal e mal deram para pagar a passagem da família. As informações que Luís Gastão dera ao banqueiro para mandar o dinheiro a Maria-Gastão serviram à viúva para achar o antigo domicílio de teu marido. Como o teu Gastão desapareceu sem dizer para onde ia, mandaram a sra. Luís Gastão à casa de d'Arthez, a única pessoa que podia dar informações sobre Maria-Gastão. D'Arthez foi tanto mais generoso em atender às primeiras necessidades dessa jovem senhora, por ter Luís Gastão, há quatro anos, no momento de seu casamento, indagado de seu irmão junto ao nosso célebre escritor, por sabê-lo amigo de Maria. O capitão pedira a d'Arthez o meio de fazer essa importância chegar com segurança às mãos de Maria-Gastão. D'Arthez respondera que Maria-Gastão se tornara rico com o seu casamento com a baronesa de Macumer. A beleza, esse magnífico presente da mãe, salvara

nas Índias como em Paris os dois irmãos de qualquer infortúnio. Não achas isso uma história comovente? D'Arthez escreveu, como era natural, ao teu marido, contando o estado em que se achavam a sua cunhada e os seus sobrinhos e informando-o das generosas intenções que o acaso fizera abortar, mas que o Gastão da Índia tivera para com o Gastão de Paris. O teu querido Gastão, como deves imaginar, acorreu precipitadamente a Paris. É essa a história de sua primeira excursão. Durante cinco anos, ele economizara cinquenta mil francos, sobre a renda que o forçaste a receber, e os empregou em duas inscrições de mil e duzentos francos de renda cada uma, em nome dos sobrinhos; depois mandou mobiliar esse apartamento, onde mora tua cunhada, prometendo-lhe três mil francos cada trimestre. Eis a história dos seus trabalhos no teatro e do prazer que lhe causou o êxito de sua primeira peça. Assim, pois, a sra. Gastão não é tua rival e usa muito legitimamente o teu nome. Um homem nobre e delicado, como Gastão, devia ocultar-te essa aventura, por temor de tua generosidade. O teu marido não considera seu o que tu lhe deste. D'Arthez leu-me a carta que ele lhe escreveu para pedir-lhe que fosse uma das testemunhas do vosso casamento: Maria-Gastão nela diz que sua felicidade seria completa se não tivesse dívidas para te deixar pagar e se fosse rico. Uma alma virgem não é senhora de não ter tais sentimentos; estes ou existem, ou não existem; e quando existem concebem-se as suas delicadezas e exigências. É muito simples que o teu Gastão tenha querido dar em segredo, ele próprio, uma existência conveniente à viúva do irmão, quando essa mulher lhe ia mandar cem mil escudos de sua própria fortuna. Ela é bonita, tem grande coração, maneiras distintas, mas não tem espírito. Essa mulher é mãe; já se deixa ver que me liguei a ela assim que a vi, vendo-a com um filho pelo braço e com o outro vestido como *baby* de um lorde. Tudo para os filhos! Está escrito nela nas menores coisas. Assim, longe de te zangares com o teu adorado Gastão, tudo o que tens são novos motivos para amá-lo! Entrevi-o, é o moço mais encantador de Paris. Oh! Sim, queridinha, bem compreendi ao vê-lo que uma mulher

o amasse loucamente: ele tem a fisionomia da sua alma. Em teu lugar, eu levaria para o chalé a viúva e os dois filhos, fazendo construir para eles uma deliciosa casa de campo, e faria deles meus filhos! Acalma-te, pois, e por tua vez prepara essa surpresa para Gastão.

LVI – A SRA. GASTÃO À CONDESSA DE L'ESTORADE

Ah! Minha bem-amada, ouve a terrível, a fatal, a insolente frase do imbecil La Fayette ao seu senhor, ao seu rei: *É demasiado tarde!*[178]. Oh! Minha vida, minha bela vida! Qual o médico que me restituirá? Golpeei-me mortalmente. Ai de mim! Não era eu um fogo-fátuo destinado a extinguir-se depois de ter brilhado? Meus olhos são duas torrentes de lágrimas e... não posso chorar senão longe dele... Fujo-lhe, e ele me procura. Meu desespero é todo interior. Dante esqueceu meu martírio no seu *Inferno*. Vem ver-me morrer.

LVII – A CONDESSA DE L'ESTORADE AO CONDE L'ESTORADE

Do Chalé, 7 de agosto

Meu amigo, leva as crianças e faze sem mim a viagem à Provença; fico junto de Luísa, que só tem poucos dias de vida, devo-me a ela e ao seu marido que, segundo creio, enlouquecerá.

Depois de escrever o bilhete que conheces e que me fez voar, acompanhada dos médicos, a Ville-d'Avray, não me separei dessa mulher encantadora e não te pude escrever, pois é esta a décima quinta noite que passo com ela.

Ao chegar, encontrei-a com Gastão, bela e enfeitada, com a fisionomia risonha, feliz. Que mentira sublime! Essas duas belas crianças tiveram uma explicação. Durante um momento, eu, como Gastão, fui enganada

por aquela audácia, mas Luísa apertou-me a mão e me disse ao ouvido:

— É preciso iludi-lo, estou morrendo.

Um frio glacial envolveu-me ao sentir-lhe as mãos ardendo e as faces vermelhas. Aplaudi-me por minha prudência. Eu tivera a ideia, para não assustar ninguém, de dizer aos médicos que ficassem passeando pelos bosques até que os mandasse chamar.

— Deixa-nos — disse ela a Gastão. — Duas mulheres que se reveem após cinco anos de separação têm muitos segredos a se confiar, e Renata tem, sem dúvida, alguma confidência a fazer-me.

Uma vez a sós, ela se atirou em meus braços sem poder conter as lágrimas.

— Mas que há? — perguntei. — Em todo caso, trago-te o primeiro cirurgião e o primeiro médico do hospital, com Bianchon; enfim, são quatro.

— Oh! Se eles puderem salvar-me, se ainda for tempo, que venham! — exclamou ela. — O mesmo sentimento que me induzia a morrer induz-me agora a viver.

— Mas que fizeste?

— Tornei-me tísica em último grau, em poucos dias.

— E como?

— Tinha suores noturnos e corria para junto do açude, no orvalho. Gastão julga-me resfriada, e eu estou morrendo.

— Manda-o a Paris; eu mesma vou buscar os médicos — disse, correndo como uma insensata para o lugar onde os tinha deixado.

Infelizmente, meu amigo, feita a conferência, nenhum desses sábios deu a menor esperança, todos acham que, com a queda das folhas, Luísa morrerá. A constituição dessa querida criatura favoreceu singularmente o seu intento: tinha tendências para a doença que ela acelerou; teria podido viver muito tempo, mas em poucos dias tornou tudo irreparável. Não te direi minhas impressões ao ouvir essa sentença perfeitamente justificada. Sabes que vivi tanto por Luísa como por mim. Fiquei aniquilada, e não

pude reconduzir os cruéis doutores. Com o rosto banhado em lágrimas, passei não sei quanto tempo mergulhada numa dolorosa meditação. Uma voz celestial tirou-me do meu entorpecimento com estas palavras: “Então, estou condenada!”, ditas por Luísa, que pousava a mão no meu ombro. Fez-me levantar e levou-me para o seu pequeno salão.

— Não me deixes mais — pediu-me com um olhar suplicante —, não quero ver desesperos em torno de mim; sobretudo quero enganá-lo, a ele, e terei forças para isso. Sinto-me cheia de energia, de mocidade, e saberei morrer de pé. Quanto a mim, não me queixo, morro como tantas vezes desejei: aos trinta anos, jovem, bela, íntegra. Quanto a ele, vejo que o faria infeliz. Deixei-me prender nas redes do meu amor, como uma corça que se estrangula ao se impacientar por se ver presa: das duas, sou eu a corça... e muito selvagem. Meus injustificados ciúmes já lhe martelaram o coração de modo a fazê-lo sofrer. No dia em que minhas suspeitas se topassem com a indiferença que é o prêmio que o ciúme atrai, pois bem... eu morreria. Estou quite com a vida. Há seres que têm sessenta anos de serviço nos registros do mundo e que de fato não viveram dois anos, e inversamente eu pareço ter apenas trinta anos, mas na realidade tenho sessenta anos de amor. Assim, pois, para mim e para ele, este desenlace é feliz. Quanto a nós duas é uma outra história: tu perdes uma irmã que te ama, e essa perda é irreparável. Somente tu, aqui, deves chorar minha morte. Minha morte — continuou ela, após uma longa pausa durante a qual eu a vi através de um véu de lágrimas — traz consigo uma cruel lição. Meu querido doutor de saias, tens razão: o casamento não pode ter como base a paixão, nem mesmo o amor. Tua vida é nobre e bela, caminhaste na tua via, querendo cada vez mais ao teu Luís, ao passo que, começando a vida conjugal com um ardor extremo, este não pode senão decrescer. Errei duas vezes, e duas vezes a Morte veio esbofetear a minha felicidade com a sua mão descamada. Tirou-me o mais nobre e o mais dedicado de todos os homens; hoje, a magra rapta-me ao mais belo, ao mais sedutor, ao mais poético dos maridos deste mundo. Mas, alternadamente, terei

conhecido o belo ideal da alma e o da forma. Em Felipe, a alma dominava o corpo e o transformava; em Gastão o coração, o espírito e a beleza rivalizam. Morro adorada, que posso mais querer?... Reconciliar-me com Deus, que talvez negligenciei um pouco, e para o qual me dirigirei cheia de amor, pedindo-lhe que me restitua um dia, no céu, aqueles dois anjos. Sem eles, o paraíso para mim seria um deserto. Meu exemplo seria fatal; sou uma exceção. Como é impossível encontrar Felipes ou Gastões, a lei social nisto está de acordo com a lei natural. Sim, a mulher é um ser fraco que deve, ao casar-se, fazer inteiro sacrifício da sua vontade ao homem, que em troca deve fazer-lhe o sacrifício do seu egoísmo. As revoltas e os prantos que o nosso sexo ergueu e divulgou nestes últimos tempos, com tanto estridor, são tolices que nos tornam merecedoras do qualificativo de crianças, que tantos filósofos nos deram.

Luísa continuou a falar assim, com voz meiga que lhe conheces, dizendo as mais sensatas coisas, do modo mais elegante, até que Gastão voltou trazendo de Paris a cunhada, com as duas crianças e a ama inglesa, que Luísa lhe pedira, fosse buscar.

— Eis os meus lindos algozes — disse ela ao ver os sobrinhos. — Não era natural que me enganasse? Como se parecem com o tio!

Foi encantadora com a sra. Gastão *senior*, a quem pediu que se considerasse no chalé como na sua própria casa, e fez-lhe as honras da casa com essas maneiras à Chaulieu que possui no mais alto grau. Escrevi imediatamente ao duque e à duquesa de Chaulieu, ao duque de Rhétoré e ao duque de Lenoncourt-Chaulieu, bem como à Madalena. Fiz bem. No dia seguinte, cansada de tanto esforço, Luísa não pôde dar seu passeio; nem sequer se levantou, a não ser para assistir ao jantar.

Madalena de Lenoncourt, os dois irmãos e a mãe vieram à noite. A frieza, que o casamento de Luísa pusera entre ela e sua família, dissipou-se. A partir dessa noite, os dois irmãos e o pai de Luísa têm vindo todas as manhãs a cavalo, e as duas duquesas passam no chalé todas as noites. A morte aproxima tanto quanto separa, faz com que as paixões mesquinhas

emudeçam. Luísa é sublime de graça, de razão, de seduções, de espírito e de sensibilidade. Até o último momento, evidencia esse bom gosto que a tornou tão notável e nos galardoou com os tesouros desse espírito, que fazia dela uma das rainhas de Paris.

— Quero estar bonita até no meu caixão — disse-me com aquele sorriso que é só dela, ao recolher-se ao leito para nele deperecer nestes últimos quinze dias.

No seu quarto não há vestígios de doença: as poções, os tubos de borracha, toda a aparelhagem médica está oculta.

— Não é que estou tendo uma bela morte? — dizia ela ontem ao cura de Sèvres, a quem deu sua confiança.

Nós desfrutamos dela como avarentos. Gastão, que tem sido preparado por tantas inquietações e tantas horríveis evidências, tem-se mostrado corajoso, mas está atingido: não me admirarei se o vir seguir de perto a esposa. Ontem, à margem do açude, ele me disse:

— Devo ser o pai dessas duas crianças. — E mostrava-me a cunhada que fazia os sobrinhos passear. — Mas, embora nada pretenda fazer para me ir deste mundo, prometa-me ser uma segunda mãe para eles e consentir que seu marido aceite a tutela oficial, que eu lhe confiarei juntamente com minha cunhada.

Disse isso sem a menor ênfase e como um homem que se sente perdido. Sua fisionomia responde com sorriso aos sorrisos de Luísa, e somente eu não me engano com esse jogo. Ele mostra uma coragem igual à dela. Luísa quis ver o afilhado; mas não me desgostei de ele estar na Provença, pois ela poderia querer fazer-lhe algumas liberalidades que muito me embaraçariam.

Adeus, meu amigo.

25 de agosto (dia do santo de seu nome)

Ontem à noite, durante alguns momentos, Luísa delirou; mas foi um

delírio verdadeiramente elegante, que demonstra que as pessoas de espírito não enlouquecem do mesmo modo que os burgueses e os tolos. Cantou com voz abafada algumas árias italianas dos *Puritanos*, da *Sonâmbula* e de *Moisés*.[179] Estávamos todos silenciosos em torno do leito, e todos, inclusive o seu irmão Rhétoré, ficamos com os olhos cheios de lágrimas, tão claro estava que a sua alma assim se evolava. Não nos via mais! Nos atrativos daquele canto fraco e de uma meiguice divina havia ainda toda a sua graça. A agonia começou à noite. Acabo, às sete horas da manhã, de a levantar; ela recuperou algumas forças e quis sentar-se junto à janela; pediu a mão de Gastão... Depois, meu amigo, o anjo mais encantador que poderemos ver neste mundo nada mais nos deixou que os seus despojos. Tendo recebido, na véspera, a extrema-unção, sem que Gastão o soubesse, pois durante a terrível cerimônia estivera a dormir um pouco, ela me exigira que lhe lesse em francês o *De profundis*,[180] enquanto se conservava assim frente a frente com a bela natureza que para si própria criara. Mentalmente ela repetia as palavras e apertava as mãos do marido, ajoelhado do outro lado da poltrona.

26 de agosto

Tenho o coração despedaçado. Acabo de vê-la no seu sudário, onde está pálida com tonalidades violeta. Oh! Quero ver os meus filhos! Os meus filhos! Traze-me os meus filhos a meu encontro.

Paris, 1841.

A BOLSA

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**

A bolsa (em francês, *La Bourse*) começa ainda nesse ambiente artístico de Paris onde Balzac nos introduziu em *Ao "Chat-qui-pelote"*; mas depressa nos faz passar do ateliê do pintor Hipólito Schinner ao apartamento de suas vizinhas, que será o cenário de todo o enredo. Cenário reproduzido, aliás, com todas as minúcias, que até se poderiam achar excessivas se o autor não tomasse o cuidado de o descrever através da visão justamente de um pintor; de olhos acostumados a distinguir os pormenores, este, logo em sua primeira visita, os percebe e avalia melhor do que o faria qualquer outro observador, reconstituindo pelo conjunto deles a essência latente da vida de suas vizinhas, isto é, a pobreza escondida.

Toda essa introdução é urdida com extrema habilidade; as minúcias da descrição, como o relato das impressões do pintor, preparam uma atmosfera de mistério que chega ao clímax com o episódio da bolsa. Fareja-se um segredo, aliás propositadamente sugerido pelo autor quando diz: "Nenhum pintor de costumes se animou, talvez por pudor, a nos iniciar na intimidade de certas existências parisienses, no segredo dessas moradias de onde saem tão frescas, tão elegantes *toilettes*, mulheres tão brilhantes que, exteriormente ricas, deixam em tudo os sinais de uma fortuna equívoca". Essa expectativa, porém, fica insatisfeita; o *happy end* um pouco forçado de que Balzac se socorre não fornece resposta a todas as perguntas que ele mesmo formulou ou

insinuou.

Poder-se-ia notar também que o enxerto da novela no conjunto de *A comédia humana* não se opera com a mesma perfeição que na maioria das obras. Só ao chegar ao fim é que o autor parece ter se lembrado de que não explicara satisfatoriamente a ligação que existe entre duas das personagens; daí, nas últimas frases, um esclarecimento precipitado, que antes serve para desorientar o leitor, desviando-lhe a atenção do desfecho da própria novela. O trabalho do alinhavo é, aqui, por demais visível.

paulo rónai

A BOLSA

a sofka[181]
Não notou, senhorita, que ao colocarem duas figuras em adoração ao lado de uma bela santa, os pintores ou escultores da Idade Média sempre lhes davam uma semelhança filial? Ao ver seu nome entre os que me são caros e sob cuja proteção eu ponho minhas obras, lembre-se desta comovente harmonia, e aqui encontrará menos uma homenagem do que a expressão do afeto fraternal que lhe consagra

seu servidor
balzac

Existe para as almas, facilmente expansivas, uma hora deliciosa que sobrevém no instante indeciso, em que ainda não é noite, mas em que já não é dia; a penumbra crepuscular projeta suas tintas imprecisas, ou seus estranhos reflexos, sobre todos os objetos, favorecendo um devaneio que se combina vagamente com os efeitos da luz e da sombra. O silêncio, que quase sempre reina nesse momento, torna-o mais particularmente caro aos artistas que se concentram, se colocam a alguns passos de suas obras, nas quais não podem mais trabalhar e as julgam, embriagando-se com o assunto cujo sentido íntimo se revela então aos olhos interiores do gênio. Aquele que não permaneceu pensativo, junto a um amigo, durante esse momento de sonhos poéticos, dificilmente compreenderá seus indizíveis

benefícios. Graças ao claro-escuro, os ardis materiais, empregados pela arte, a fim de dar a impressão de realidade, desaparecem completamente. Se se trata de um quadro, as personagens que ele representa parecem falar e caminhar; a sombra torna-se sombra, e o dia, dia, a carne adquire vida, os olhos se movem, o sangue circula nas veias, e os estofos cintilam. A imaginação contribui para a realidade de cada detalhe e nada mais vê a não ser a beleza da obra. É a hora em que a ilusão reina despoticamente; talvez se erga com a noite! Não é a ilusão, para o pensamento, uma espécie de noite que povoamos de sonhos? A ilusão abre então as asas, transportando a alma para o mundo da fantasia, mundo fértil em caprichos voluptuosos, no qual o artista esquece o mundo positivo, o dia anterior, o dia seguinte, o futuro, tudo, até mesmo suas misérias, tanto as boas como as más.

Nessa hora de magia, um jovem pintor, homem de talento, e que na arte nada mais via do que a própria arte, estava trepado numa escada dupla que lhe servia para pintar uma grande e alta tela, quase terminada. Nessa posição, criticando-se, admirando-se, de boa-fé, vogando na corrente de seus pensamentos, ele mergulhava numa dessas meditações que encantam a alma, ampliando-a, acariciando-a e consolando-a. Seu devaneio durou sem dúvida muito tempo. Caiu a noite. Ou fosse porque ele quisesse descer da escada, ou porque tivesse feito um movimento imprudente, por julgar já estar no chão — o acontecimento não lhe permitiu ter uma lembrança exata das causas do seu acidente —, caiu, batendo com a cabeça numa banqueta, perdeu os sentidos e ficou imóvel durante um lapso de tempo, cuja duração ignorou. Uma voz doce tirou-o da espécie de entorpecimento no qual se achava mergulhado. Quando abriu os olhos, uma luz intensa fez com que rapidamente os tornasse a fechar; mas, através do véu que lhe embotava os sentidos, ouviu o murmúrio de duas mulheres e sentiu duas mãos moças, tímidas, entre as quais sua cabeça repousava. Não tardou em voltar a si e pôde distinguir, ao clarão de uma dessas velhas lâmpadas chamadas *de dupla corrente de*

ar, a mais deliciosa cabeça de moça que jamais vira, uma dessas cabeças que passam muitas vezes por um capricho do pincel, mas que, de súbito, materializou para ele as teorias desse belo ideal que cada artista imagina para si mesmo e do qual procede o seu talento. O semblante da desconhecida pertencia, digamos assim, ao tipo fino e delicado da escola de Proudhon e possuía também aquela poesia que Girodet[182] dava às suas figuras fantásticas. A suavidade juvenil das têmporas, a regularidade das sobrancelhas, a pureza das linhas, a virgindade fortemente impressa em todos os traços daquela fisionomia faziam da moça uma criatura perfeita. O talhe era flexível e delgado, as formas eram delicadas. Suas vestes, conquanto simples e asseadas, não revelavam nem fortuna nem miséria. Ao voltar a si, o pintor exprimiu sua admiração com um olhar de surpresa e balbuciou agradecimentos confusos. Sentiu na testa um lenço e reconheceu, não obstante o olor particular dos ateliês, o cheiro forte do éter, que sem dúvida fora usado para o tirar de seu desmaio. Viu, finalmente, uma mulher velha, parecida com as marquesas do Antigo Regime, a qual segurava a lâmpada, dando conselhos à jovem desconhecida.

— Senhor — respondeu a moça, a uma das perguntas feitas pelo pintor que ainda se achava atordoado pela queda —, minha mãe e eu ouvimos o barulho causado pelo seu corpo ao cair no chão e julgamos ter escutado um gemido. O silêncio que se seguiu ao tombo assustou-nos, e subimos apressadamente. Como achássemos a chave na porta, tivemos a feliz ideia de entrar e o vimos estendido no chão, sem movimento. Minha mãe foi buscar o necessário para fazer uma compressa e reanimá-lo. O senhor está ferido na testa, aí, sente?

— Sim, agora sim — disse ele.

— Oh! Isso não será nada — disse a velha senhora. — Por felicidade sua cabeça bateu nesse manequim.

— Sinto-me muitíssimo melhor — murmurou o pintor —, de nada mais preciso além de um carro para regressar a casa. A porteira irá buscar

um.

Quis renovar os agradecimentos às duas desconhecidas, mas, a cada frase, a velha senhora o interrompia dizendo:

— Amanhã, senhor, não se esqueça de pôr umas sanguessugas ou de se fazer sangrar, beba algumas taças de vulnerário e tome cuidado consigo, porque as quedas são perigosas.

A moça olhava de soslaio para o pintor e para os quadros do ateliê. Sua atitude e seus olhares revelavam uma decência perfeita; sua curiosidade assemelhava-se à distração, e seus olhos pareciam exprimir esse interesse que as mulheres manifestam, com graciosa espontaneidade, por tudo quanto é desgraça em nós. As duas desconhecidas pareciam esquecer as obras do pintor, diante o sofrimento do artista. Depois que ele as tranquilizou sobre o seu estado, elas saíram examinando-o com uma solicitude igualmente despida de ênfase e de familiaridade, sem lhe fazer perguntas indiscretas nem tentar inspirar-lhe o desejo de conhecê-las. Seus atos tiveram um cunho de fina naturalidade e bom gosto. Suas maneiras nobres e simples causaram, a princípio, pouco efeito no pintor, porém mais tarde, quando relembrou todas as circunstâncias do acontecimento, ficou profundamente impressionado. Ao chegarem ao andar inferior ao do ateliê, a velha senhora exclamou suavemente.

— Adelaide, deixaste a porta aberta.

— Foi para me socorrer — respondeu o pintor com um sorriso de gratidão.

— Mamãe, a senhora desceu faz pouco — replicou a moça corando.

— Quer que o acompanhemos até lá embaixo? — perguntou a mãe ao pintor. — A escada é escura.

— Agradeço-lhe, minha senhora, já me sinto melhor.

— Agarre-se ao corrimão.

As duas mulheres ficaram no patamar para iluminar o caminho ao jovem, enquanto ouviam o ruído de seus passos.

A fim de fazer compreender tudo o que essa cena podia ter de interessante e de inesperado para o pintor, devemos acrescentar que fazia apenas alguns dias que ele tinha instalado o ateliê nos altos daquela casa, situada no lugar mais obscuro e, portanto, o mais lamacento da rue de Suresnes, quase em frente à Igreja de la Madeleine, a dois passos de seu apartamento que se achava na rua dos Champs-Élysées. A celebridade que o seu talento lhe valera fizera dele um dos mais queridos artistas da França; começava a não mais sentir apertos de dinheiro e, segundo sua própria expressão, gozava das suas últimas misérias. Em vez de ir trabalhar num desses ateliês situados perto das barreiras e cujo aluguel módico estava antigamente em relação com a escassez de seus recursos, satisfizera um desejo que nele renascia diariamente, evitando ademais uma longa caminhada e a perda de tempo que para ele se tornara mais precioso do que nunca.

Ninguém no mundo inspiraria tanto interesse como Hipólito Schinner, se consentisse em se fazer conhecer, mas não era homem que confiasse levianamente os segredos de sua vida. Era o ídolo de uma mãe pobre que o educara à custa das mais duras privações. A srta. Schinner, filha de um granjeiro alsaciano, nunca fora casada. Sua alma terna fora em outros tempos cruelmente espezinhada por um homem rico, que não se distinguia por grandes delicadezas no amor. No dia em que, moça e em todo o esplendor de sua beleza, em toda a glória de sua vida, ela sofreu, à custa de seu coração e das suas belas ilusões, esse desencanto que nos atinge tão lentamente e tão depressa, pois só queremos crer no mal o mais tarde possível, parecendo-nos chegar esse momento demasiado cedo, aquele dia foi um século de reflexões, sendo também o dia dos pensamentos religiosos e da resignação. Recusou as esmolas do homem que a traíra e renunciou à sociedade, fazendo de sua falta novo motivo de orgulho. Entregou-se toda ao amor materno, pedindo a este, em troca dos gozos sociais a que renunciava, todas as suas delícias. Viveu de seu trabalho, acumulando um tesouro em seu filho. Por isso, mais tarde, certo

dia, uma hora pagou-lhe os longos e lentos sacrifícios de sua indigência. Na última exposição, seu filho recebera a cruz da Legião de Honra. Os jornais, unânimes em favor de um talento ignorado, ainda reboavam de elogios sinceros. Os próprios artistas consagravam Schinner como um mestre, e os negociantes de pintura cobriam seus quadros de ouro. Aos vinte e cinco anos, Hipólito Schinner, ao qual a mãe transmitira sua alma de mulher, tinha, melhor do que nunca, compreendido sua posição no mundo. Querendo restituir à mãe os gozos de que a sociedade a tinha privado por tanto tempo, vivia para ela esperando, à força de glória e de fortuna, vê-la um dia feliz, rica, considerada, cercada de homens célebres. Schinner escolhera, pois, seus amigos entre os homens mais honrados e mais distintos. Difícil na escolha de suas relações, ele queria elevar ainda mais a posição que seu talento já erguera tão alto. O trabalho, a que se dedicava desde a mocidade, forçando-o a permanecer na solidão, mãe dos grandes pensamentos, deixara-o nas belas crenças que ornam os primeiros dias da vida. Sua alma adolescente não desconhecia nenhum dos mil pudores que fazem de um rapaz moço um ser à parte, cujo coração abunda em felicidades, em poesias, em esperanças virgens, fracas para os embotados, mas profundas porque são simples. Fora dotado dessas maneiras meigas e polidas que sentam tão bem à alma e seduzem até mesmo aqueles que as não compreendem. Era bem-feito de corpo. Sua voz, que vinha do coração, despertava nos outros nobres sentimentos e evidenciava uma modéstia verdadeira por um certo candor na pronúncia. Vendo-o, todos se sentiam arrastados para ele, por uma dessas atrações morais que os sábios, felizmente, não sabem analisar; se o soubessem, encontrariam, talvez, algum fenômeno de galvanismo ou o efeito de não sei que fluido e formulariam nossos sentimentos por proporções de oxigênio e de eletricidade. Esses detalhes farão, talvez, compreender às pessoas ousadas por gênio e aos homens bem engravatados o motivo pelo qual, durante a ausência do porteiro, a quem tinha mandado em busca de um carro, no fim da rue de Madeleine,

Hipólito Schinner não fez nenhuma pergunta à porteira a respeito das duas pessoas, cujo bom coração lhe fora patenteado. Mas, embora respondesse apenas por um sim ou por um não às perguntas, naturais em semelhante ocorrência, que lhe foram feitas por aquela mulher sobre o seu acidente e sobre a intervenção oficiosa das locatárias do quarto andar, não pôde impedi-la de obedecer ao instinto dos porteiros: ela falou-lhe das duas desconhecidas, segundo os interesses de sua política e segundo as opiniões subterrâneas do cubículo.

— Ah! — disse ela —, foram com certeza a srta. Leseigneur e a mãe, que moram aqui há quatro anos. Ainda não sabemos em que se ocupam essas senhoras; de manhã, e só até o meio-dia, vem uma velha criada, meio surda e tão calada como um muro, fazer a arrumação do apartamento; à noite, dois ou três velhos senhores, decorados como o senhor, sendo que um tem carruagem e lacaios, e que dizem ter sessenta mil libras de renda, vêm visitá-las e ficam, às vezes, até muito tarde. Aliás, são moradoras bem sossegadas, como o senhor. Ademais, são econômicas, vivem com muito pouco. Assim que chega uma conta elas pagam-na. É engraçado, senhor, a mãe tem nome diferente do da filha. Ah! Quando elas vão às Tulherias, a senhorita vai toda elegante! E não sai nem uma vez sem ser seguida por moços aos quais ela dá com a porta na cara quando entra. E faz bem. O proprietário não consentiria...

O carro chegara, Hipólito não quis ouvir o resto e foi para casa. Sua mãe, a quem ele contou o incidente, fez um novo curativo na ferida e não consentiu que ele voltasse ao ateliê no dia seguinte. Tendo vindo um médico, fez este diversas prescrições, e Hipólito ficou três dias em casa. Durante essa reclusão, sua imaginação ociosa lembrou-lhe vivamente, e de modo fragmentado, os detalhes da cena que se seguiu ao seu desmaio. O perfil da moça contrastava fortemente com as trevas de sua visão interior: revia o semblante emurchecido da mãe, ou sentia ainda as mãos de Adelaide; tornava a ver um gesto que, a princípio, pouco o impressionara, mas cuja graça deliciosa a recordação punha em relevo;

depois, uma atitude, na qual os sons de uma voz melodiosa, embelezada pela distância da memória, reapareciam de súbito, como esses objetos que, mergulhados no fundo da água, emergem à superfície. Por isso, no dia em que pôde recomeçar seu trabalho, foi cedo para o ateliê; mas a visita que incontestavelmente tinha o direito de fazer às suas vizinhas foi a causa verdadeira de sua pressa. Já se ia esquecendo dos quadros começados. No momento em que uma paixão se desfaz do seu casulo, encontram-se prazeres inexplicáveis, que os que amaram compreendem. Por isso, algumas pessoas saberão por que o pintor subiu lentamente os degraus do quarto andar e conhecerão o segredo das rápidas pulsações que agitavam seu coração no momento em que ele viu a porta escura do modesto apartamento onde a srta. Leseigneur morava. Essa moça, que não usava o nome da mãe, despertava mil simpatias no jovem pintor; ele queria ver, entre ambos, similitudes de situação e atribuía-lhe a desgraça de sua própria origem. Enquanto trabalhava, Hipólito entregou-se complacentemente a pensamentos de amor e fez bastante barulho para obrigar as duas senhoritas a se ocuparem com ele, da mesma forma que ele se ocupava com elas. Ficou até muito tarde no ateliê, aí jantando, e depois, cerca das sete horas, foi ter com as vizinhas.

Nenhum pintor de costumes se animou, talvez por pudor, a nos iniciar na intimidade de certas existências parisienses, no segredo dessas moradias, de onde saem tão frescas, tão elegantes *toilettes*, mulheres tão brilhantes que, exteriormente ricas, mostram em tudo sinais de uma fortuna equívoca. Se a pintura está aqui desenhada de modo demasiado franco, se nela achardes prolixidade, não acuseis a descrição que forma, por assim dizer, corpo com a história, pois o aspecto do apartamento habitado por suas vizinhas muito influiu nos sentimentos e nas esperanças de Hipólito Schinner.

A casa pertencia a um desses proprietários nos quais preexiste um profundo horror às reformas e aos embelezamentos, um desses homens que consideram sua posição de proprietário parisiense como um estado.

Na grande cadeia das espécies morais, essa gente ocupa uma situação intermédia entre o avarento e o usurário. Otimistas por cálculo, todos eles são fiéis ao *status quo* da Áustria. Se falardes em deslocar um armário de parede ou uma porta, em abrir o mais indispensável dos ventiladores, seus olhos brilham, revoluciona-se-lhes a bílis, empinam-se como cavalos assustados. Quando o vento derruba algum espigão de suas chaminés, ficam doentes e se privam de ir ao Ginásio[183] ou à Porte - Saint-Martin,[184] por causa das reparações a fazer. Hipólito que, a propósito de certos embelezamentos no seu ateliê, tivera, grátis, a representação de uma cena cômica com o sr. Molineux, não se admirou dos tons negros e gordurosos, das marcas oleosas, das manchas e outros acessórios bastante desagradáveis que ornavam o forro de madeira das peças. Aliás, esses estigmas de miséria não deixam de ter certa poesia para um artista.

A srta. Leseigneur veio ela mesma abrir a porta. Ao reconhecer o jovem pintor, cumprimentou-o; depois, ao mesmo tempo, com essa destreza parisiense e essa presença de espírito que o orgulho dá, virou-se para fechar a porta de uma divisão envidraçada, através da qual Hipólito poderia ter visto algumas peças de roupa, estendidas em cordas, por cima dos fogões econômicos, uma velha cama de campanha, brasas, carvão, ferro de passar, o filtro, a louça e todos os utensílios peculiares a uma casa modesta. Cortinas de musselina bem limpas ocultavam cuidadosamente aquele *cafarnaum*, termo usado para designar familiarmente essas espécies de laboratórios, aliás mal iluminados por pequenas aberturas que dão para os pátios vizinhos. Com o rápido olhar dos artistas, Hipólito viu a destinação, os móveis, o conjunto e o estado dessa primeira peça dividida em duas. A parte decorosa, que servia ao mesmo tempo de antecâmara e de sala de jantar, estava forrada com um velho papel cor de aurora, com margens aveludadas, fabricadas com certeza por Réveillon,[185] e cujos buracos e manchas tinham sido cuidadosamente dissimulados sob pedaços de lacre. Gravuras

representando as Batalhas de Alexandre, por Lebrun,[186] mas em quadros desdourados, guarneciam simetricamente as paredes. No meio da peça havia uma mesa de acaju maciço, de forma antiquada e de bordos gastos. Uma pequena estufa, cujo cano reto mal se via, ficava diante da lareira, cuja abertura continha um armário. Por um estranho contraste, as cadeiras apresentavam vestígios de um passado esplendor e eram de acaju esculpido, mas o marroquim vermelho dos assentos, as tachas douradas e os canutilhos mostravam cicatrizes tão numerosas como as dos velhos sargentos da guarda imperial. Aquela peça servia de museu para certas coisas que não se encontram senão nessas espécies de lares anfíbios, objetos sem nome, que participam ao mesmo tempo do luxo e da miséria. Entre outras curiosidades, Hipólito notou um óculo de longo alcance, magnificamente ornado, suspenso acima do pequeno espelho esverdeado que decorava a lareira. Para completar esse estranho mobiliário, havia entre a chaminé e o tabique um feio aparador pintado de modo a imitar o acaju, que de todas as madeiras é a que menos se consegue falsificar. Mas, quer o mosaico vermelho e escorregadio, quer os tapetes ordinários colocados diante das cadeiras, os móveis, tudo reluzia com aquele asseio de esfregação que dá um falso brilho às velharias, acentuando ainda mais seus estragos, sua idade e os longos serviços prestados. Reinava nessa peça um olor indefinível, resultante da mescla das exalações do cafarnaum com os vapores da sala de jantar e os da escada, embora a janela estivesse entreaberta e o ar da rua agitasse as cortinas de percal cuidadosamente estiradas, de modo a ocultar o vão onde os precedentes inquilinos tinham assinalado sua presença por várias incrustações, espécie de afrescos domésticos. Adelaide abriu logo a porta da outra sala, onde introduziu o pintor com certo prazer. Hipólito, que em outros tempos vira em casa de sua mãe os mesmos sinais de indigência, notou-os com a singular vivacidade de impressão que caracteriza as primeiras aquisições de nossa memória e penetrou, melhor do que outro qualquer, nos detalhes daquela existência. Ao reconhecer as

coisas de sua infância, aquele bom rapaz não sentiu nem desprezo dessa infelicidade oculta, nem orgulho do luxo que acabava de conquistar para sua mãe.

— Então, senhor, quero crer que não sente mais os efeitos de sua queda, não? — disse-lhe a velha, levantando-se de uma antiga poltrona, colocada no canto da lareira e oferecendo-lhe uma cadeira.

— Não, senhora. Venho agradecer-lhe os cuidados que me proporcionou, e sobretudo à senhorita que me ouviu cair.

Ao dizer essa frase, impregnada de adorável estupidez, que dá à alma as primeiras perturbações de um amor verdadeiro, Hipólito olhou para a moça. Adelaide estava acendendo a lâmpada de dupla corrente de ar, sem dúvida para fazer desaparecer uma vela posta num grande castiçal de cobre, adornada com algumas estrias salientes, devidas a um escoamento extraordinário de cera. Inclinou ligeiramente a cabeça, foi colocar o castiçal na antecâmara, voltou para pôr a lâmpada em cima da lareira e sentou-se ao lado da mãe, um pouco atrás do pintor, a fim de poder olhá-lo à vontade, fingindo estar muito ocupada com a luz da lâmpada, que, devido à umidade do vidro embaciado, estralejava por estar com a mecha queimada e mal cortada. Avistando o grande espelho que ornava a lareira, Hipólito para ele dirigiu imediatamente os olhos, a fim de admirar Adelaide. O pequeno ardil da moça serviu, portanto, apenas para embaraçar os dois. Conversando com a sra. Leseigneur, pois foi este nome que Hipólito se arriscou a dar à velha senhora, ele examinou o salão, mas de modo discreto e disfarçado. Viam-se apenas as figuras egípcias da grelha de ferro, numa lareira cheia de cinza, onde dois tições tentavam reunir-se diante de uma falsa acha de lenha de terracota, tão cuidadosamente enterrada como o poderia estar o tesouro de um avaro. Um velho tapete de Aubusson, bem remendado, bem passado, gasto como o casaco de um inválido, não recobria todo o mosaico, cuja frialdade se sentia nos pés. As paredes tinham como adorno um papel avermelhado, fingindo um estofo de lampa com desenhos amarelos. No

centro da parede oposta às janelas, o pintor viu uma fenda e os rasgões produzidos no papel pelas duas portas de uma alcova onde, sem dúvida, dormia a sra. Leseigneur. Um sofá, colocado diante dessa abertura secreta, não a dissimulava de modo completo. Em frente à lareira, por cima de uma cômoda de acaju, cujos ornamentos não deixavam de ter certa riqueza e gosto, ostentava-se o retrato de um militar de alta patente, que a escassez de luz não permitiu ao pintor distinguir, mas, pelo que viu, achou que aquele horrível borrão tivesse sido pintado na China. Nas janelas, cortinas de seda encarnada estavam descoradas como os móveis de estofo amarelo e encarnado daquele salão para duplo fim. Em cima do mármore da cômoda, uma bandeja preciosa de malaquita continha uma dúzia de xícaras de café, com pinturas magníficas e fabricadas sem dúvida em Sèvres. Em cima da lareira, erguia-se o eterno relógio estilo Império, representando um guerreiro guiando os quatro cavalos de um carro, cuja roda tinha em cada raio o número de uma hora. As velas dos castiçais estavam amarelecidas pela fumaça, e, em cada canto do alizar, havia um vaso de porcelana coroado de flores artificiais, cheias de poeira e cercadas de musgo. No meio da peça, Hipólito notou uma mesa de jogo preparada e cartas novas. Para um observador, havia um não sei quê de desolador no espetáculo daquela miséria, que se assemelhava à maquiagem de uma mulher velha que ainda quer se dar ares de moça. Diante desse espetáculo, qualquer homem de bom-senso teria, de início e secretamente, estabelecido o seguinte dilema: ou essas duas mulheres são a própria probidade, ou vivem de expedientes e do jogo. Mas, ao ver Adelaide, um rapaz tão puro como Schinner só podia acreditar na mais perfeita inocência e atribuir às incoerências daquele mobiliário os mais honrosos motivos.

— Minha filha — disse a velha dama à moça —, estou com frio, acende o fogo e traze o meu xale.

Adelaide foi a um quarto contíguo ao salão, no qual provavelmente dormia, e voltou trazendo para a mãe um xale de cachemira que, quando

novo, devia ter custado um preço elevado, e cujos desenhos eram indianos, mas que, agora velho, desbotado e cheio de cerziduras, harmonizava-se perfeitamente com os móveis. A sra. Leseigneur envolveu-se artisticamente nele e com a destreza de uma mulher velha que queria fazer crer na verdade de suas palavras. A rapariga correu celeremente ao cafarnaum e voltou com um punhado de gravetos que galhardamente atirou no fogo para reacendê-lo.

Seria bastante difícil reproduzir a conversa havida entre aquelas três pessoas. Guiado pelo tato adquirido pelas desgraças sofridas na infância, Hipólito não se atrevia a fazer a menor observação relativa à situação de suas vizinhas, ao ver em torno os sintomas de uma penúria tão mal disfarçada. A mais simples pergunta teria sido indiscreta e não devia ser feita senão por uma amizade já velha. Não obstante, o pintor estava profundamente preocupado com aquela miséria oculta, e sua alma generosa sofria com aquilo, mas sabendo o que qualquer espécie de piedade, mesmo a mais amistosa, pode ter de ofensivo, ele se sentia constrangido pelo desacordo que havia entre os seus pensamentos e as suas palavras.

As duas senhoras começaram falando em pintura, porque as mulheres adivinham muito bem os secretos embaraços que uma primeira visita acarreta, elas mesmas os sentem, talvez, e a natureza de seu espírito fornece-lhes mil recursos para fazê-los cessar. Interrogando o rapaz sobre os processos materiais de sua arte, sobre seus estudos, Adelaide e sua mãe conseguiram dar ânimo ao pintor para conversar. Os nadas indefiníveis da conversação das duas, cheia de benevolência, levaram muito naturalmente Hipólito a expender observações ou pensamentos que pintaram a natureza de seus costumes e de sua alma. Os desgostos haviam prematuramente envelhecido o rosto da senhora, bela sem dúvida em outros tempos, mas conservando hoje apenas os traços salientes, os contornos, numa palavra, o esqueleto de uma fisionomia, cujo conjunto indicava grande finura, muita graça no movimento dos olhos, nos quais

se divisava a expressão particular às mulheres da antiga corte e que nada poderia definir. Aquelas feições tão finas, tão delicadas, tanto podiam denunciar maus sentimentos e indicar astúcia e manhas femininas, levadas a um alto grau de perversidade, como revelar as delicadezas de uma bela alma. Com efeito, o semblante da mulher é embaraçoso para os observadores vulgares, pois a diferença entre a franqueza e a hipocrisia, entre o gênio da intriga e o gênio do coração, é nele imperceptível. O homem dotado de vista penetrante adivinha essas tonalidades sutilíssimas, produzidas por uma linha mais ou menos curva, uma covinha mais ou menos escavada, uma saliência mais ou menos arqueada ou proeminente. A apreciação desses diagnósticos é inteiramente da esfera da intuição, a única que pode desvendar o que cada um está interessado em esconder. Dava-se com o rosto da velha dama o mesmo que com o apartamento em que ela morava; parecia tão difícil saber se aquela miséria encobria vícios ou uma alta probidade, como verificar se a mãe de Adelaide era uma antiga coquete, habituada a tudo pesar, calcular, vender, ou uma mulher sensível, cheia de nobreza e de amáveis qualidades. Na idade de Schinner, porém, o primeiro impulso do coração é de crer no bem. Por isso, ao contemplar a nobre e quase desdenhosa fronte de Adelaide, ao fitar seus olhos cheios de alma e de pensamentos, ele, por assim dizer, respirou os suaves e modestos perfumes da virtude. Em meio da palestra, ele aproveitou uma oportunidade para falar de retratos em geral, proporcionando-se assim o direito de examinar o horroroso pastel, cujo colorido havia desmaiado e cujo polvilho em grande parte caíra.

— As senhoras talvez gostem muito desta pintura por causa da semelhança, porque o desenho é horrível, não? — perguntou ele, olhando para Adelaide.

— Foi feita em Calcutá, muito apressadamente — respondeu a mãe, com voz comovida.

Ela contemplou o esboço informe com aquele enlevo profundo que as

recordações da felicidade produzem, quando despertam e caem sobre o coração, como um orvalho benfazejo, e em cujas refrescantes impressões tanto gostamos de mergulhar; mas houve também na expressão da fisionomia da velha dama vestígios de um eterno luto. Pelo menos foi assim que o pintor quis interpretar a atitude e o semblante de sua vizinha, junto à qual foi então sentar-se.

— Senhora — disse ele —, dentro em pouco terão desaparecido as cores desse pastel. O retrato apenas existirá então na sua memória. Ali onde a senhora verá uma imagem que lhe é cara, os demais nada perceberão. Quer permitir-me transportar aquela semelhança para a tela? Ela assim ficará mais solidamente fixada do que o está nesse papel. Conceda-me em atenção à nossa vizinhança o gosto de prestar-lhe esse serviço. Há horas em que um artista gosta de descansar das suas grandes composições, por meio de trabalhos de menor alcance. Será para mim uma distração refazer essa cabeça.

A velha dama estremeceu ao ouvir essas palavras, e Adelaide dirigiu ao pintor um desses olhares concentrados, que parecem um jorro vindo da alma. Hipólito queria ligar-se às suas vizinhas por um laço qualquer e conquistar o direito de mesclar-se à sua vida. Seu oferecimento, que se dirigia aos mais vivos sentimentos afetivos, era o único que lhes podia fazer, pois satisfazia seu orgulho de artista e nada tinha de humilhante para as duas damas. A sra. Leseigneur aceitou sem calor nem pesar, mas com a consciência das grandes almas que conhecem a extensão dos laços que semelhantes favores estabelecem e que deles constituem um magnífico elogio, uma prova de estima.

— Parece-me — disse o pintor — que esse uniforme é de um oficial de Marinha?

— Sim — disse ela —, é o de um comandante de navio, o sr. de Rouville, meu marido. Morreu em Batávia, em consequência de ferimentos recebidos em combate com um vaso de guerra inglês, com o qual se encontrou nas costas da Ásia. Ele comandava uma fragata de

cinquenta e seis canhões, ao passo que o *Revenge* era uma nau de noventa e seis bocas de fogo. A luta foi muito desigual, mas ele se defendeu com tanta coragem que a sustentou até a noite e pôde escapar. Quando regressei à França, Bonaparte ainda não estava no poder, e recusaram-me uma pensão. Quando, ultimamente, eu a solicitei outra vez, o ministro disse-me com dureza que, se o barão de Rouville tivesse emigrado, eu a teria obtido, que hoje ele seria contra-almirante; enfim Sua Excelência terminou opondo-me não sei que lei sobre perda de direitos. Só fiz essa tentativa, a que fui impelida por amigos, por causa de minha pobre Adelaide. Sempre tive repugnância de estender a mão em nome de uma dor que tira à mulher sua voz e suas forças. Não me agrada essa avaliação pecuniária de um sangue irreparavelmente derramado...

— Minha mãe, esse assunto sempre lhe faz mal.

Ante essas palavras de Adelaide, a baronesa Leseigneur de Rouville curvou a cabeça e calou-se.

— Senhor — disse a rapariga a Hipólito —, eu pensava que os trabalhos dos pintores fossem, de um modo geral, pouco ruidosos.

A essa pergunta, Schinner corou, lembrando-se do barulho que fizera. Adelaide não concluiu e poupou-lhe uma mentira qualquer, levantando-se de repente ao ruído de um carro que se deteve na porta; foi ao seu quarto, de onde voltou em seguida com dois castiçais dourados, guarnecidos de velas já usadas, que ela acendeu bem depressa, e, sem esperar o tinir da sineta, abriu a porta da primeira peça, onde deixou a lâmpada. O ruído de um beijo, dado e recebido, repercutiu até o coração de Hipólito. A impaciência mal contida do rapaz para ver aquele que tratava Adelaide tão familiarmente não foi logo satisfeita. Os visitantes tiveram com a moça uma conversação em voz baixa que ele achou demasiado comprida. Finalmente, a srta. de Rouville apareceu, acompanhada por dois homens, cujo vestuário, fisionomia e aspecto constituem toda uma história. O primeiro, homem de cerca de sessenta anos, vestia uma dessas casacas inventadas, creio eu, para Luís xviii, que

então reinava, e nas quais o problema mais difícil do vestuário foi resolvido por um alfaiate que deveria ser imortal. Esse artista conhecia, sem dúvida nenhuma, a arte das transições que foi todo o espírito desse tempo tão politicamente móvel. Não é um mérito bastante raro o saber julgar a própria época? Aquela casaca, que os rapazes de hoje podem tomar por fábula, não era nem civil nem militar e podia passar ora por militar, ora por civil. Flores-de-lis bordadas ornavam os debruados das abas posteriores. Os botões dourados tinham também flores-de-lis. Nos ombros, duas passadeiras vazias pediam dragonas. Esses dois indícios de milícia ali estavam como uma petição sem apostila. No velho, a botoeira da casaca de fazenda azul estava florida com diversas fitas. Com certeza sempre trazia na mão seu tricórnio, guarnecido com alamar de ouro, pois as mechas níveas de seus cabelos empoados não apresentavam vestígios da pressão do chapéu. Parecia não ter mais de cinquenta anos e dava a impressão de gozar de perfeita saúde. Não deixando de acusar o caráter leal e franco dos velhos emigrados, sua fisionomia denotava também os costumes libertinos e fáceis, as paixões alegres e a despreocupação daqueles mosqueteiros, outrora célebres nos anais da galantaria. Seus gestos, seu porte, suas maneiras demonstravam que ele não se queria corrigir nem do seu monarquismo, nem da sua religião, nem dos seus amores.

Uma figura verdadeiramente fantástica acompanhava esse pretensioso *voltigeur de Luís xiv*[187] (tal foi a alcunha dada pelos bonapartistas àqueles nobres remanescentes da monarquia); mas, para bem descrevê-la, seria preciso fazer dela o objeto principal do quadro, no qual ela é apenas um acessório. Imaginem uma personagem magra e seca, vestida como o outro, mas não sendo, por assim dizer, mais do que seu reflexo, ou sua sombra, se quiserem. A casaca, nova no primeiro, no outro estava velha e sovada. O pó dos cabelos parecia, no último, menos branco, o ouro das flores-de-lis era menos brilhante, as passadeiras das dragonas mais desesperadas e amarrotadas, a inteligência mais fraca, a vida mais

próxima ao termo fatal, do que no primeiro. Enfim, realizava o dito de Rivarol sobre Champcenetz: “É o meu lugar”.[188] Nada mais era do que a cópia do outro, uma cópia pálida e pobre, pois existia entre eles a diferença que há entre a primeira e a última prova de uma litografia. Esse ancião mudo foi um mistério para o pintor e conservou-se constantemente um mistério. O cavalheiro — era cavalheiro — não falou, e ninguém lhe dirigiu a palavra. Seria um amigo, um parente pobre, um homem que acompanhava o velho conquistador, como uma dama de companhia acompanha uma velha senhora? Teria ele salvo a fortuna ou apenas a vida do seu benfeitor? Seria o *Trim* de um outro capitão Toby? [189] Por toda parte, como em casa da baronesa de Rouville, ele despertava sempre curiosidade, sem jamais satisfazê-la. Quem poderia, sob a Restauração, lembrar-se dos laços que antes da Revolução prendiam o cavalheiro à esposa de seu amigo, morta fazia vinte anos?

A personagem que parecia ser a mais moça daqueles dois destroços adiantou-se galantemente para a baronesa de Rouville, beijou-lhe a mão e sentou-se a seu lado. A outra saudou e colocou-se perto do seu modelo, a uma distância representada por duas cadeiras. Adelaide veio apoiar seus cotovelos no espaldar da poltrona ocupada pelo velho gentil-homem, imitando, sem o saber, a pose que Guérin deu à irmã de Dido no seu célebre quadro.[190] Conquanto a familiaridade do velho fidalgo fosse a de um pai, de momento suas liberdades pareceram desagradar à moça.

— Que é isso, estás enfadada comigo? — perguntou ele.

Depois lançou sobre Schinner um desses olhares enviesados, cheios de finura e de manha, olhares diplomáticos, cuja expressão traía a prudente inquietação, a curiosidade polida das pessoas bem-educadas que parecem, ao ver um desconhecido, perguntar: “É ele dos nossos?”.

— Apresento-lhe nosso vizinho — disse-lhe a velha senhora, mostrando-lhe Hipólito. — Este senhor é um pintor célebre, cujo nome deve ser-lhe conhecido, não obstante sua despreocupação pelas artes.

O gentil-homem percebeu a malícia de sua velha amiga na omissão do

nome, e saudou o rapaz.

— Certamente — disse ele — muito ouvi falar de seus quadros no último Salão. O talento, senhor, tem belos privilégios — acrescentou, olhando para a roseta vermelha do artista. — Essa distinção que temos de adquirir à custa de nosso sangue e de longos serviços, os senhores a obtêm ainda moços. Mas todas as glórias são irmãs — concluiu ele, levando a mão à sua cruz de São Luís.

Hipólito balbuciou algumas palavras de agradecimento e tornou ao seu silêncio anterior, contentando-se em admirar com crescente entusiasmo a bela cabeça da moça pela qual estava fascinado. Pouco depois esqueceu-se nessa contemplação, sem mais pensar na miséria profunda do ambiente. Para ele, o semblante de Adelaide destacava-se sobre uma atmosfera luminosa. Respondeu concisamente às perguntas que lhe foram dirigidas e que felizmente ouviu, graças à singular faculdade de nosso espírito, cujo pensamento pode, de algum modo, desdobrar-se às vezes. A quem já não aconteceu ficar mergulhado numa meditação voluptuosa ou triste, ouvir-lhe a voz no íntimo, e ao mesmo tempo assistir a uma conversação ou a uma leitura? Dualismo admirável que muitas vezes ajuda a suportar com paciência os cacetes! Fecunda e risonha, a esperança derramou sobre ele mil pensamentos de felicidade, e ele nada mais quis observar em derredor de si: criança, cheia de confiança, parecia-lhe vergonhoso analisar um prazer. Depois de certo lapso de tempo, apercebeu-se que a velha dama e a moça jogavam com o velho gentil-homem. Quanto ao satélite deste, fiel à sua condição de sombra, mantinha-se de pé, atrás do amigo cujo jogo o preocupava, respondendo às mudas perguntas que lhe fazia o jogador, por meio de pequenas caretas aprovativas, que repetiam os movimentos interrogadores da outra fisionomia.

— Du Halga, estou perdendo sempre — dizia o gentil-homem.

— É que está cometendo erros — respondeu a baronesa de Rouville.

— Faz três meses que não lhe pude ganhar uma única partida.

— Tem os ases, senhor conde? — perguntou a velha dama.

— Sim. E marquei um — disse ele.

— Quer que eu lhe aconselhe? — perguntou Adelaide.

— Não, não, fica-te aí, na minha frente. Com os diabos! Seria o cúmulo, se além de perder, eu não te visse na minha frente.

Por fim terminou a partida. O gentil-homem puxou da bolsa e, atirando dois luíses sobre o pano verde — não sem algum mau humor —, exclamou:

— Quarenta francos, exatinhos como ouro — e acrescentou: — Demônios! Já são onze horas.

— Onze horas — repetiu a personagem muda, olhando o relógio.

Ao ouvir essas palavras um pouco mais nitidamente do que as outras, o moço achou que já era tempo de se retirar. Voltando então para o mundo das ideias vulgares, recorreu a alguns lugares-comuns para dizer alguma coisa, cumprimentou a baronesa, a filha, os dois desconhecidos e saiu, entregue às primeiras alegrias do amor verdadeiro, sem tentar analisar os pequenos incidentes do serão.

No dia seguinte, o jovem pintor sentiu o mais violento desejo de ver Adelaide. Se tivesse dado ouvidos à sua paixão, teria entrado em casa das vizinhas desde as seis horas da manhã, ao chegar ao seu ateliê. Teve, entretanto, suficiente bom-senso para esperar até a tarde. Mas logo que julgou poder apresentar-se no apartamento da sra. de Rouville, desceu, tocou a sineta, não sem algumas fortes pulsações do coração e, corando como uma donzela, pediu timidamente a Adelaide, que lhe viera abrir a porta, o retrato do barão de Rouville.

— Mas queira entrar — disse a moça, que sem dúvida o ouvira descer.

O pintor seguiu-a envergonhado, embaraçado, sem saber o que dizer, de tão estúpido que ficara com a felicidade. Ver Adelaide, ouvir o fru-fru de seu vestido, depois de ter desejado, durante toda a manhã, estar junto dela, de se ter levantado cem vezes dizendo: “Vou descer!” e não ter descido; isso, para ele, era viver tão exuberantemente, que tais sensações

demasiado prolongadas lhe teriam gasto a alma. O coração tem o singular poder de dar um valor extraordinário a pequenos nadas. Que alegria para um viajante colher uma pequena haste de relva, uma folha qualquer, se nesta busca arriscou a vida! Os nadas do amor são assim. A velha dama não estava no salão. Quando a moça se viu ali só com o pintor, foi buscar uma cadeira para alcançar o retrato, mas vendo que o não podia tirar do prego onde estava pendurado sem pôr o pé na cômoda, virou-se para Hipólito e disse-lhe corando:

— Não sou bastante alta. Quer o senhor tirá-lo dali?

Um sentimento de pudor, de que davam testemunho a expressão de sua fisionomia e o tom de sua voz, foi o verdadeiro motivo de seu pedido, e o rapaz, que assim o compreendeu, dirigiu-lhe um desses olhares de inteligência que são a mais doce linguagem do amor. Vendo-se tão bem adivinhada pelo pintor, Adelaide baixou os olhos por um movimento de orgulho, cujo segredo pertence às virgens. Não achando o que dizer e quase intimidado, o pintor tirou o quadro do prego, examinou-o com toda a gravidade, expondo-o à luz, junto à janela, e retirou-se sem dizer à srta. Leseigneur mais do que: “Breve eu o restituirei”. Ambos, durante esse rápido momento, sentiram uma dessas intensas comoções cujos efeitos sobre a alma podem comparar-se aos produzidos por uma pedra atirada no fundo de um lago. Nascem daí as mais ternas reflexões, sucedendo-se umas às outras, indefiníveis, multiplicadas, sem alvo, agitando o coração como as ondas circulares que franzem a superfície das águas, durante muito tempo, a partir do ponto onde a pedra caiu. Hipólito voltou para o seu ateliê carregando aquele retrato. Já tinha tudo preparado, uma tela no cavalete, uma paleta carregada de tintas, os pincéis limpos, o lugar e a iluminação escolhidos. Trabalhou, pois, no retrato, até a hora do jantar com o ardor que os artistas empregam em seus caprichos. Voltou essa mesma noite à casa da baronesa de Rouville, lá ficando das nove às onze horas. Excetuando os vários assuntos da conversa, esse serão muito se assemelhou ao precedente. Os dois velhos

chegaram à mesma hora, foi jogada a mesma partida de *piquet*, foram repetidas as mesmas frases pelos jogadores, a quantia perdida pelo amigo de Adelaide foi tão considerável como a perdida na véspera, a única diferença foi que Hipólito, um pouco mais ousado, atreveu-se a conversar com a moça.

Passaram-se assim oito dias, durante os quais os sentimentos do pintor e os de Adelaide experimentavam essas deliciosas e lentas transformações, que levam as almas a um perfeito entendimento. Por isso, de dia para dia, o olhar com o qual Adelaide acolhia seu amigo se foi tornando mais íntimo, mais confiante, mais alegre e mais franco; sua voz, suas maneiras adquiriram qualquer coisa de mais untuoso, de mais familiar. Os dois riam, conversavam, diziam um ao outro seus pensamentos, falavam de si mesmos com a ingenuidade de duas crianças que, no decurso de um dia, travaram relações e procedem como se já se conhecessem há mais de três anos. Schinner aprendeu o *piquet*. Sendo ignorante e noviço, ele naturalmente cometeu erro após erro e, como o velho, perdeu quase todas as partidas. Sem ainda se terem confessado seu amor, os dois namorados sabiam que pertenciam um ao outro. Hipólito comprazia-se em exercer seu poder sobre a sua tímida amiguinha. Muitas concessões lhe foram feitas por Adelaide, a qual, medrosa e dedicada, se deixava ludibriar por esses falsos arrufos, que o menos hábil dos namorados ou a mais ingênua das moças inventam, deles se servindo continuamente, como as crianças mimadas abusam do poder que lhes confere o amor materno. Por esse motivo, bem depressa cessaram as familiaridades do velho conde com Adelaide. A moça compreendeu as tristezas do pintor e os pensamentos ocultos nas rugas de sua fronte, no acento brusco das poucas palavras que ele proferia, quando o velho beijava sem cerimônia as mãos ou o pescoço de Adelaide. Por sua vez, a srta. Leseigneur exigiu logo, do seu apaixonado, contas severas de todos os seus atos; mostrava-se tão infeliz, tão inquieta quando Hipólito não vinha, sabia tão bem ralhar com ele pelas suas ausências, que o pintor

teve de renunciar a ver seus amigos e deixou de frequentar a sociedade. Adelaide deixou transparecer o ciúme natural nas mulheres, quando soube que, às vezes, ao sair de casa da sra. Rouville, às onze horas, o pintor fazia ainda visitas e percorria os mais brilhantes salões de Paris. Esse gênero de vida, dizia ela, era mau para a saúde; depois, com a convicção profunda à qual o tom, o gesto e o olhar de uma pessoa amada dão tanto poder, ela assegurou "que um homem forçado a prodigar seu tempo e as cintilações de seu espírito a várias mulheres ao mesmo tempo não podia ser objeto de uma afeição bastante intensa". O pintor foi assim levado, tanto pelo despotismo da paixão como pelas exigências de uma moça enamorada, a viver unicamente naquele apartamento, onde tudo lhe agradava. Enfim, jamais amor foi mais puro nem mais ardente. Quer de um lado, quer do outro, a mesma fé, a mesma delicadeza fizeram crescer aquela paixão sem o recurso dos sacrifícios pelos quais muita gente procura demonstrar seu amor. Existia entre eles uma troca contínua de sensações tão doces que não sabiam qual dos dois dava ou recebia mais. Um pendor involuntário tornava sempre íntima a união de suas almas. O progresso desse sentimento verdadeiro foi tão rápido que, passados dois meses do acidente devido ao qual o pintor tivera a felicidade de conhecer Adelaide, as vidas de ambos se fundiam numa única vida. Desde pela manhã, ao ouvir caminhar no andar superior, a moça podia dizer a si mesma: "Ele está aí!". Quando Hipólito voltava para a casa materna, à hora do jantar, nunca deixava de ir cumprimentar as vizinhas e, à noite, acorria à hora habitual com pontualidade de apaixonado. Assim é que a mais tirânica das mulheres e a mais exigente em amor não poderia fazer a mais leve censura ao jovem artista. Por isso, Adelaide saboreou uma felicidade sem nuvens nem limites, ao ver realizar-se em toda a sua extensão o ideal que é tão natural sonhar na sua idade. O velho gentil-homem compareceu menos frequentemente, o ciumento Hipólito o substituirá à noite, no pano verde, na sua constante pouca sorte no jogo. Entretanto, em meio à sua felicidade, ao pensar na

triste situação da baronesa de Rouville, porquanto obtivera mais de uma prova de suas necessidades, invadiu-o um pensamento importuno. Já por várias vezes ao voltar para casa, dissera a si mesmo “Como! Vinte francos todas as noites?”. E não se animava a confessar a si mesmo suas odiosas suspeitas.

Levou dois meses a fazer o retrato, que ele próprio, depois de o terminar, envernizar e emoldurar, olhou como um de seus melhores trabalhos. A sra. baronesa de Rouville não lhe tocara mais no assunto. Seria pouco-caso ou orgulho? O pintor não quis procurar a explicação desse silêncio. Conspirou alegremente com Adelaide para colocarem o retrato no lugar, durante uma ausência da sra. de Rouville. Um dia, pois, durante o passeio que sua mãe dava habitualmente pelas Tulherias, Adelaide subiu sozinha, pela primeira vez, ao ateliê de Hipólito, alegando o pretexto de ver o retrato na luz favorável em que tinha sido pintado. Ficou muda e imóvel, mergulhada numa contemplação deliciosa, na qual todos os sentimentos da mulher se fundiam num único. Não se resumem eles numa admiração sem limites pelo homem amado? Quando o pintor, inquieto por aquele silêncio, se voltou para olhar a moça, ela estendeu-lhe a mão, sem poder articular uma palavra; mas duas lágrimas lhe corriam dos olhos. Hipólito tomou aquela mão, cobriu-a de beijos, e durante um momento os dois se olharam em silêncio, querendo ambos confessar seu amor, mas sem se arriscarem a isso. O pintor conservou a mão de Adelaide presa nas suas, e um mesmo calor e um mesmo movimento lhes fizeram saber que seus corações pulsavam tão forte um como o outro. Demasiado comovida, a jovem afastou-se suavemente de Hipólito e disse, dirigindo-lhe um olhar cheio de ingenuidade:

— Vai dar uma grande felicidade à minha mãe.

— Como! Só à sua mãe? — perguntou ele.

— Oh! Eu sinto-me demasiado feliz.

O pintor baixou a cabeça e ficou silencioso, assustado pela violência dos sentimentos que o tom daquela frase produziu no seu coração.

Compreendendo então os dois o perigo daquela situação, desceram e colocaram o retrato no lugar. Pela primeira vez, Hipólito jantou com a baronesa, a qual, no seu enternecimento e lavada em lágrimas, quis beijá-lo. À noite, o velho emigrado, antigo camarada do barão de Rouville, fez às suas duas amigas uma visita para participar-lhes que fora promovido a vice-almirante. Suas navegações terrestres através da Rússia e da Alemanha tinham-lhe sido contadas como campanhas navais. Ao aspecto do retrato, apertou cordialmente a mão do pintor e exclamou:

— Por Deus! Embora minha velha carcaça não valha a pena de ser conservada, eu daria de bom grado quinhentas pistolas[191] para me ver tão parecido como o meu velho Rouville.

A essa proposta, a baronesa olhou para seu amigo e sorriu, deixando expandir-se em seu rosto os sinais de uma súbita gratidão. Hipólito pensou adivinhar que o velho almirante queria oferecer-lhe o preço dos dois retratos, pagando tal quantia pelo seu. Seu orgulho de artista, tanto quanto seu ciúme, talvez, ofendeu-se com esse pensamento e respondeu:

— Senhor, se eu pintasse retratos, não teria feito este.

O almirante mordeu os lábios e pôs-se a jogar. O pintor ficou junto de Adelaide, que lhe propôs seis reis de *piquet*, o que ele aceitou. Embora jogando, Hipólito observou na sra. de Rouville um ardor pelo jogo que o surpreendeu. Nunca a velha baronesa manifestara como agora uma avidez tão ardente pelo lucro, nem um prazer tão intenso ao palpar as moedas de ouro do gentil-homem. Durante o serão, suspeitas desfavoráveis vieram perturbar a felicidade de Hipólito e causaram-lhe desconfianças. A sra. de Rouville viveria, pois, do jogo? Não estaria ela jogando neste momento para saldar alguma dívida, ou impelida por alguma necessidade? Talvez não tivesse pagado o aluguel... Aquele velho parecia ser bastante esperto para não deixar que lhe tomassem impunemente seu dinheiro. Que interesse o atraía àquela casa pobre, a ele que era rico? Por que, antigamente tão familiar com Adelaide, renunciaria ele a liberdades conquistadas e talvez devidas? Essas

reflexões involuntárias induziram-no a examinar o velho e a baronesa, cujos ares de entendimento e certos olhares de esguelha lançados sobre Adelaide e sobre ele o tinham aborrecido. “Será que me estão enganando?” Foi para Hipólito uma última ideia, horrível, acabrunhadora e à qual ele deu suficiente crédito para que o torturasse. Quis ficar até depois da partida dos dois velhos para confirmar suas suspeitas ou para dissipá-las. Puxou da bolsa para pagar a Adelaide, mas, levado por seus pensamentos pungentes, ele a colocou em cima da mesa e mergulhou numa cisma que durou pouco, e depois, envergonhado com o seu mutismo, levantou-se, respondeu a uma pergunta banal da sra. de Rouville aproximando-se dela para, enquanto conversavam, melhor escrutar aquele velho semblante, saiu, entregue a mil incertezas. Depois de ter descido alguns degraus, deu volta para buscar a bolsa que esquecera.

— Deixei aqui a minha bolsa — disse ele à moça.

— Não — respondeu ela corando.

— Pensei que ela estivesse ali — disse ele apontando para a mesa do jogo. Envergonhado com Adelaide e com a baronesa, por não a ver, ele as fitou com um ar aturdido que as fez rir, empalideceu e replicou apalpando o colete:

— Ter-me-ei enganado, com certeza estou com ela.

Numa das divisões da bolsa havia quinze luíses, e na outra algum troco. O roubo fora tão flagrante, tão descaradamente negado, que Hipólito não teve mais dúvida quanto à moralidade das suas vizinhas. Parou na escada, desceu-a com dificuldade, as pernas tremiam-lhe, tinha vertigens, suava, tiritava e se achava incapacitado de caminhar, às voltas com a atroz comoção causada pela derrocada de todas as suas esperanças. A partir desse momento, ele reviveu pela memória uma porção de observações insignificantes na aparência, mas que corroboravam suas horríveis suspeitas e que, provando-lhe a realidade do último incidente, lhe abriram os olhos quanto ao caráter e à vida daquelas duas mulheres.

Teriam elas esperado que o retrato fosse entregue para roubar aquela bolsa? Assim calculado, o roubo parecia ainda mais odioso. O pintor, para mal dos seus pecados, lembrou-se que, já por duas ou três noites, Adelaide, parecendo examinar com curiosidade de moça o trabalho particular da rede de seda usada, estaria provavelmente verificando o dinheiro existente na bolsa, por entre gracejos inocentes, na aparência, mas que com certeza tinham por fim saber o momento em que a quantia fosse bastante elevada, para então roubá-la.

— O velho almirante terá talvez suas razões para não se casar com Adelaide, e nesse caso a baronesa terá procurado me...

Ao lhe vir essa ideia, deteve-se, sem ao menos concluir o pensamento que foi destruído por uma reflexão bem justa:

— Se a baronesa — refletiu ele — espera casar-me com a filha, elas não me haveriam roubado. Depois, para não renunciar às suas ilusões, ao seu amor, já tão fortemente arraigado, ele tentou encontrar qualquer justificativa no acaso.

— Minha bolsa terá caído no chão ou terá ficado na minha poltrona. É capaz mesmo de estar comigo, sou tão distraído!

Com movimentos rápidos revistou os bolsos e não achou a maldita bolsa. Sua memória cruel retraçava-lhe, por instantes, a fatal realidade. Via distintamente a bolsa caída sobre o pano verde, mas, já não duvidando do roubo, desculpava Adelaide, achando que não se devia julgar tão rapidamente os infelizes. Com certeza, devia haver um segredo sob aquela ação de aparência tão degradante. Não queria que aquela altiva e nobre figura fosse uma mentira. Entretanto, aquele apartamento tão miserável apareceu-lhe despido da poesia do amor que tudo embeleza; viu-o sujo e maculado, considerou-o como a representação de uma vida interior sem nobreza, sem ocupação, viciosa. Não estão nossos sentimentos gravados, por assim dizer, sobre as coisas que nos cercam? No dia seguinte, pela manhã, levantou-se sem ter dormido. A dor do coração, essa grave doença moral, fizera nele enormes progressos. Perder

uma felicidade sonhada, renunciar a todo um futuro, é um sofrimento mais agudo do que o causado pela ruína de uma felicidade vivida, por mais completa que tivesse sido. Não é a esperança melhor do que a recordação? As meditações nas quais nossa alma cai repentinamente são como um mar sem praias em cujas águas podemos nadar um momento, mas onde nosso amor terá de se afogar e morrer. E é uma morte horrível. Não são os sentimentos a parte mais brilhante de nossa vida? Dessa morte parcial vêm, para certas organizações delicadas ou fortes, os grandes estragos produzidos pelos desencantos, pelas esperanças e pelas paixões frustradas. Assim aconteceu com o jovem pintor. Saiu muito cedo e foi passear sob as sombras frescas das Tulherias, absorvido em suas ideias, esquecido de tudo. Ali, por acaso, encontrou um dos seus mais íntimos amigos, um camarada de colégio e de ateliê, com o qual vivera melhor do que se vive com um irmão.

— Então, Hipólito, que tens? — disse-lhe Francisco Souchet, jovem escultor que acabava de conquistar o grande prêmio e devia partir, em breve, para a Itália.

— Sou muito infeliz — respondeu gravemente Hipólito.

— Só um assunto de amor pode entristecer-te. Dinheiro, glória, consideração, nada te falta.

Insensivelmente, iniciaram-se as confidências, e o pintor confessou seu amor. No momento em que ele falou da rue de Suresne e de uma jovem criatura residente num quarto andar, Souchet exclamou alegremente:

— Alto lá! É uma rapariguinha que vou ver todos os dias na igreja de l'Assomption e a quem faço a corte. Mas, meu caro, todos nós a conhecemos. A mãe dela é uma baronesa. Tu acreditas em baronesas que moram num quarto andar? Brrr! Ah! Meu caro, és um homem da idade de ouro! Todos os dias, nesta alameda, nós vemos a velha mãe; mas a aparência, o porte dela, diz tudo. Como! Não adivinhaste o que ela é pelo modo como segura a bolsa?

Os dois amigos passearam muito tempo juntos, e vários rapazes que conheciam Souchet e Schinner reuniram-se a eles. A aventura do pintor foi-lhes narrada pelo escultor, que a julgava de pouca importância.

— E ele também viu a garota! — disse Souchet.

E daí saíram observações, risadas, zombarias inocentes, com o cunho da alegria familiar dos artistas, mas que fizeram Hipólito sofrer horrivelmente. Certo pudor da alma causava-lhe um mal-estar por ver o segredo de seu coração tratado tão levianamente, sua paixão despedaçada, reduzida a farrapos, uma moça desconhecida, e cuja vida parecia tão modesta, sujeita a juízos verdadeiros ou falsos, emitidos com tanta despreocupação. Aparentou ser impelido por um espírito de contradição e pediu com toda a seriedade, a cada um de seus companheiros, as provas de suas afirmações, o que fez com que se renovassem os gracejos.

— Mas, meu caro amigo, não viste o xale da baronesa? — perguntou-lhe Souchet.

— Não seguiste a pequena, quando de manhã ela vai à igreja de l'Assomption? — dizia José Bridau, jovem pintor do ateliê de Gros.[192]

— Ah! A mãe, entre outras virtudes, tem um certo vestido cinzento que eu considero um modelo — disse Bixiou, o caricaturista.

— Ouve, Hipólito — continuou o escultor —, vem aqui pelas quatro horas e analisa um pouco o andar da mãe e da filha. Se depois ainda tiveres dúvidas!... Nesse caso nunca se poderá fazer nada de ti, porque serás capaz de casar com a filha de tua porteira.

Preso dos mais desencontrados sentimentos, o pintor separou-se dos amigos. Adelaide e sua mãe pareciam-lhe estar acima daquelas acusações, e no fundo do coração sentia remorsos por ter suspeitado da pureza daquela moça, tão bela e tão simples. Foi para o seu ateliê, passou pela frente da porta do apartamento de Adelaide e sentiu uma dor de coração com a qual nenhum homem se engana. Amava a srta. de Rouville tão apaixonadamente que, não obstante o roubo da bolsa, ele ainda a

adorava. Seu amor era o do cavalheiro des Grieux,[193] admirando e purificando sua amante, até sobre a carroça que leva para a prisão as mulheres perdidas.

— Por que meu amor não a tornaria a mais pura de todas as mulheres? Por que abandoná-la ao mal e ao vício, sem estender-lhe mão amiga?

Essa missão agradou-lhe. O amor aproveita-se de tudo. Nada seduz tanto um rapaz como representar o papel do bom gênio junto a uma mulher. Há um não sei quê de romanesco nessa empresa que agrada as almas exaltadas. Não é isso a dedicação mais ampla sob a forma mais elevada e mais graciosa? Não há certa grandeza em saber que se ama bastante para amar ainda, no ponto em que o amor dos outros se extingue e morre? Hipólito sentou-se no seu ateliê, contemplou seu quadro sem nele tocar, vendo as figuras através das lágrimas que lhe caíam dos olhos, segurando sempre o pincel, caminhando para a tela como para esmaecer uma cor, mas nada fazendo. A noite surpreendeu-o nessa atitude. Despertado de sua cisma pela escuridão, desceu, encontrou o velho almirante na escada, fitou-o com olhar sombrio, quando o saudou, e fugiu. Tivera a intenção de ir ao apartamento de suas vizinhas, mas a vista do protetor de Adelaide enregelou-lhe o coração e fê-lo desistir do seu intento. Pela centésima vez, perguntou a si mesmo que interesse podia levar aquele velho homem, possuidor de oitenta mil libras de renda, àquele quarto andar, onde perdia cerca de quarenta francos por noite. Julgou adivinhar qual fosse tal interesse.

No dia seguinte e nos demais, Hipólito entregou-se ao trabalho, procurando combater, pelo arrebatamento das ideias e pelo ardor da concepção, os seus apaixonados sentimentos. Conseguiu-o em parte. O estudo consolou-o, sem entretanto poder sufocar as recordações de tantas horas encantadoras passadas junto a Adelaide. Uma tarde, ao sair do ateliê, viu a porta do apartamento das duas damas entreaberta. No vão da janela havia uma pessoa de pé. A disposição da porta e da escada não permitia ao pintor passar sem ver Adelaide. Cumprimentou-a friamente,

dirigindo-lhe um olhar cheio de indiferença, mas, avaliando os sofrimentos da moça pelos seus, sentiu um frêmito interior ao pensar na amargura que aquele olhar e aquela frieza deviam lançar num coração amante. Coroar as mais ternas festas que jamais tivessem alegrado duas almas puras por um desdém de oito dias e pelo mais profundo e completo desprezo!... Que horrível desenlace!... Talvez tivessem achado a bolsa, e possivelmente Adelaide tivesse esperado o amigo todas as noites? Esse pensamento, tão simples e tão natural, renovou os remorsos do apaixonado rapaz. A si mesmo perguntou se as provas de afeição dadas pela moça, se as encantadoras palestras saturadas de um amor que o seduzira não mereceriam, pelo menos, uma investigação, uma justificativa. Envergonhado por ter resistido durante uma semana aos anseios de seu coração e julgando-se quase criminoso por essa luta, resolveu ir nessa mesma noite à casa da sra. de Rouville. Todas as suas suspeitas, todos os seus maus pensamentos se desvaneceram, na presença da moça pálida e emagrecida.

— Meu Deus! Que tens? — perguntou-lhe, depois de cumprimentar a baronesa.

Adelaide nada respondeu, mas dirigiu-lhe um olhar cheio de melancolia, um olhar triste, desanimado, que o fez sofrer.

— Deve ter com certeza trabalhado muito — disse a velha senhora —, pois está muito mudado. Somos a causa de sua reclusão. Este retrato deve ter atrasado alguns quadros importantes para a sua reputação.

Hipólito sentiu-se feliz por achar uma tão boa desculpa para a sua descortesia.

— Sim — disse ele —, estive muito ocupado, mas sofri...

A essas palavras Adelaide ergueu a cabeça, olhou seu namorado, e seus olhos inquietos nada mais lhe exprobraram.

— Julgou-nos então indiferentes ao que lhe pode acontecer de bom ou de mau? — disse a velha dama.

— Fiz mal — replicou ele. — Entretanto há pesares que não se podem

confiar a quem quer que seja, nem mesmo a uma afeição menos nova do que essa com que as senhoras me honram...

— A sinceridade e a força da afeição não se devem medir segundo o tempo. Vi velhos amigos não se darem uma lágrima na desgraça — disse a baronesa, meneando a cabeça.

— Mas que tem a senhora? — perguntou o rapaz a Adelaide.

— Oh! Nada — respondeu a baronesa. — Adelaide passou algumas noites em claro para terminar um trabalho e não me quis ouvir quando eu lhe disse que mais um dia, menos um dia, pouco importava...

Hipólito não ouvia mais. Ao ver aquelas duas criaturas tão nobres, tão calmas, corava por suas suspeitas e atribuía a perda de sua bolsa a algum acaso desconhecido. Esse serão foi delicioso para ele, e talvez também para ela. Há segredos que as almas jovens compreendem tão bem! Adelaide adivinhava os pensamentos de Hipólito. Sem querer confessar suas faltas, o pintor as reconhecia e voltava para a sua amada mais amante, mais afetuoso, tentando assim comprar um perdão tácito. Adelaide saboreava alegrias tão perfeitas, tão doces, que não lhe pareciam demasiado caras por toda a desgraça que tão cruelmente lhe fustigara a alma.

O acordo tão verdadeiro de seus corações, aquele entendimento cheio de magia, foi, não obstante, perturbado por uma palavra da baronesa de Rouville.

— Vamos jogar a nossa partida? — perguntou ela. — Porque o meu velho Kergarouët[194] anda a castigar-me.

Essa frase despertou todos os temores do jovem pintor, que corou ao olhar a mãe de Adelaide; mas naquele semblante nada mais viu do que a expressão de uma bonomia sem duplicidade, não sendo seu encanto destruído por nenhuma intenção oculta, não havendo perfídia em sua finura. A malícia, se havia, parecia meiga, e nenhum remorso lhe perturbava a calma. Foi então para a mesa de jogo. Adelaide quis partilhar a sorte do pintor, alegando que ele não sabia jogar bem o *piquet*

e precisava de um auxiliar. A sra. de Rouville e a filha trocaram, durante a partida, sinais de entendimento, que preocuparam tanto mais Hipólito por estar ele ganhando, mas no final, uma última jogada fez com que os dois amantes se tornassem devedores da baronesa. Ao procurar dinheiro na sua algibeira, o pintor retirou as mãos de debaixo da mesa e viu então diante dele uma bolsa que Adelaide ali havia posto sem que ele o percebesse; a pobre menina estava com a bolsa velha e, para dar-se uma atitude, fingia procurar dinheiro para pagar a mãe. Todo o sangue de Hipólito afluiu tão rapidamente ao seu coração que quase teve um desmaio. A bolsa nova que substituía a sua e continha os quinze luíses estava bordada com pérolas de ouro. As passadeiras, as borlas, tudo atestava o bom gosto de Adelaide que, sem dúvida nenhuma, tinha gasto seu pecúlio nos ornamentos daquela obra encantadora. Era impossível dizer com mais finura que a dádiva do pintor não podia ser retribuída senão por uma demonstração de ternura. Quando Hipólito, inundado pela felicidade, dirigiu os olhos para Adelaide e a baronesa, ele as viu trêmulas de contentamento e felizes por aquele amável logro. Achou-se pequeno, mesquinho, tolo; quisera castigar-se, despedaçar seu coração. Subiram-lhe lágrimas aos olhos, ergueu-se por um movimento irresistível, tomou Adelaide nos braços, apertou-a contra o coração, roubou-lhe um beijo, depois com a boa-fé de um artista:

— Peço-lhe a sua filha em casamento — exclamou, olhando para a baronesa.

Adelaide olhava para o pintor com olhos meio zangados, e a sra. de Rouville, um pouco espantada, procurava uma resposta, quando essa cena foi interrompida pelo tilintar da sineta. O velho vice-almirante apresentou-se, seguido por sua sombra e pela sra. Schinner. Depois de ter adivinhado a causa das penas que seu filho procurava ocultar-lhe em vão, a mãe de Hipólito informara-se com alguns amigos a respeito de Adelaide. Justamente alarmada com as calúnias que pesavam sobre a moça, sem que delas tivesse notícia o conde de Kergarouët, cujo nome lhe

foi fornecido pela porteira, ela fora contá-las ao vice-almirante, o qual, na sua ira, “queria” — dizia ele — “cortar as orelhas daqueles biltres”.

Exaltado por aquela irritação, o almirante contara à sra. Schinner o segredo de suas perdas voluntárias no jogo, porquanto o orgulho da baronesa não lhe deixava senão esse meio engenhoso de a socorrer.

Depois de a sra. Schinner ter cumprimentado a sra. de Rouville, esta olhou o conde de Kergarouët, o cavalheiro du Halga — velho amigo da falecida condessa de Kergarouët—, Hipólito e Adelaide e disse com a graça do coração:

— Parece-me que hoje estamos em família.

Paris, maio de 1832

MODESTA MIGNON

TRADUÇÃO DE VIDAL DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

No começo de 1844, a condessa Eveline Hanska, viúva do conde Wenceslau e noiva de Balzac, em seu castelo de Wierzchownia, no tédio das longas tardes do inverno ucraniano, pôs-se a garatujar umas fantasias sem prestar muita atenção ao que estava fazendo. Quando deu por si, tinha feito uma novela. Assustada, teve o bom-senso de a jogar no fogo depois de relê-la, mas consignou o incidente num desses longos diários que os dois amantes mandavam um ao outro, à guisa de cartas, de Wierzchownia a Paris e vice-versa. Encabulada, relatou o enredo da sua malograda tentativa literária a seu ilustre noivo.

Essa carta da condessa, como quase todas as outras, não foi encontrada depois da morte dela, mas facilmente se lhe reconstitui o conteúdo pela resposta de Balzac que figura na coletânea de suas *Cartas à Estrangeira*. Conclui-se daí que a condessa imaginara uma jovem provinciana que se apaixona por um famoso poeta graças a seus versos, sem nunca o ter visto, e lhe confessa numa carta a sua admiração. Assediado por admiradoras, o poeta entrega displicentemente a missiva a seu secretário, pedindo-lhe que responda em seu nome. O secretário não somente enceta uma longa correspondência com a desconhecida, que guarda o anonimato, conquistando-a completamente para o poeta, mas chega a se apaixonar por ela. Surge, então, uma curiosa rivalidade entre os dois homens, quando a moça se revela uma das herdeiras mais ricas da província.

Como sabemos, o romance de amor de Balzac e da condessa Hanska principiara, já em 1833, igualmente por uma carta anônima da aristocrata polonesa, seduzida pelo espírito do autor da *Fisiologia do casamento*. Nem faltou, no idílio dos dois, a intervenção de um "secretário", pois Balzac deu a segunda carta de Eveline a sua fiel amiga Zulma Carraud para que respondesse "qualquer coisa" em vez dele. Só a terceira carta de Eveline despertou no romancista uma curiosidade bastante viva a ponto de fazê-lo voltar a responder pessoalmente e dar uma explicação pouco plausível a respeito da escritura diferente das duas respostas anteriores. Anos depois, deve ter explicado o episódio, entre boas risadas, àquela que nesse ínterim se tornara sua amante e noiva. Assim, pois, à novela da condessa não faltava certo fundo autobiográfico.

Num entusiasmo de noivo impaciente de casar, Balzac achava esplêndido tudo o que a sua condessa dizia ou escrevia. "A sua novela é tão bonita", escreve-lhe em 1º de março de 1844, "que, se me quiser dar um grande prazer, escreva-a outra vez e mande-a." Ele mesmo a publicaria sob o próprio nome, depois de umas leves emendas. Nesse elogio indireto havia, decerto, um pouco de simulação: algo ciumento, por causa de uma visita de Liszt a Wierzchownia e umas cartas que Eveline trocara com o célebre virtuose; Balzac, com essa adulação inocente, só podia consolidar a própria posição.

Mas havia no elogio também um pouco de verdade. O romancista andava às voltas com um assunto difícil em que pretendia rivalizar com Molière, dando, em *Os pequenos burgueses*, um retrato do Tartufo moderno, o da democracia. Como fizera na maioria de seus grandes romances, preferia interrompê-lo no meio e incubá-lo mais algum tempo, pegando por enquanto em outro trabalho mais fácil. Andava, pois, justamente à procura de um assunto, e a novela de Eveline chegou a propósito. Sem esperar que ela se ponha a refazê-la, começa a revolvê-la imediatamente no espírito. "É preciso pintar, antes de tudo, uma família de província, em que se encontra no meio das vulgaridades daquela

existência uma moça exaltada, romanesca e, depois, pela correspondência, transitar para a descrição de um poeta em Paris. O amigo do poeta, que continuará a correspondência, deve ser um desses homens de espírito que se fazem os caudatários de uma glória [...] O desfecho deve ser a favor desse jovem contra o grande poeta e mostrar as manias e as asperezas de uma grande alma que espanta as pequenas. Escreva isto."

No dia seguinte, volta ao assunto em seu diário epistolar: "Quanto mais penso nela, mais a sua novela me agrada. Escreva-a por mim; hei de utilizá-la". E dois dias mais tarde: "Resolvi de cem maneiras a sua ideia de novela, que é algo de muito belo: é o combate da realidade e da paixão, do ideal e do positivo, da poesia física e daquela que é um efeito da alma, uma faculdade. Hei de fazer esta obra, é grande e bela".

Como vemos, não se trata mais de devolver o assunto a Eveline. Balzac acabou por descobrir os motivos latentes de romance que ele encerra. Além disso, lembranças pessoais avivam o seu interesse, e entra a evocar o início do seu idílio com a condessa. Sobrevêm, por outro lado, reminiscências da vida literária: o caso de Crébillon Filho com a rica admiradora inglesa, a paixão da misteriosa Elisa por Laurence Sterne; e sobretudo a correspondência do velho Goethe com a jovem Bettina, cuja tradução francesa o próprio Balzac tinha, pouco antes, comentado num artigo. Sim, essa exaltação impessoal a distância por um poeta desconhecido era mais natural numa estrangeira, principalmente numa alemã, do que numa francesa, fria e realista: a menina da novela de Eveline ou antes, desse novo romance dele, Balzac, devia ser uma alemã, ou, pelo menos, filha de alemã. (E não de uma alemã qualquer! Veremos no romance que a mãe da heroína, quando moça, fora escolhida por um pintor como representante da figura ideal da própria Alemanha.)

Eis o romancista com todos os elementos de um romance, e o acaso que os forneceu traz logo um estado feliz de inspiração. A condessa deve ficar bem surpreendida ao ler, no diário seguinte, sob a data de 16 de

março, estas linhas: “Estou na quinquagésima folha de *Modesta Mignon*, o assunto vindo do 60º grau. Oh! Não posso guardar o segredo com você mais tempo. Sim, executar o que você inventou pareceu-me o mais delicioso dos prazeres. Não me faltam mais do que sessenta folhas...”. E pede-lhe que outra vez, quando tiver outra ideia tão feliz, não jogue seu manuscrito no fogo.

A 21 de março só faltam algumas folhas. Balzac pretende nunca ter trabalhado com maior facilidade. “*Os pequenos burgueses* é a epopeia da burguesia, uma construção de vários andares que exigia tempo e muitas correções, ao passo que *Modesta Mignon* brotou como um cogumelo, sem pena e sem esforços.” Daí a pouco, Eveline poderá lê-lo no *Journal des Débats*: é um romance “ao mesmo tempo poético e simples, interessante e literário, picante, terno e cômico e, principalmente muito novo e original”.

De fato, em 3 de abril, apenas um mês após a chegada da carta da sra. Hanska, o romance, comprado pelo jornal por 6 mil francos, principia a sair em rodapé; e já o autor teve o tempo de ver sete provas de toda a primeira parte.

Animadíssimo com essa realização deveras rápida, Balzac faz questão de demonstrar a sua gratidão à inspiradora. Consagra-lhe o romance por meio da dedicatória propositadamente nebulosa dirigida *a uma Estrangeira* (que só transfere a *uma Polonesa*, na edição em volume, depois de meia Paris ter dado tratos à bola para adivinhar quem podia ser esse “anjo pelo amor, demônio pela fantasia”). Ademais, inclui no livro (no retrato literário de Canalis) algumas frases pronunciadas tais quais por Eveline, em certa ocasião, a respeito de Nodier.

Apesar dessa facilidade de inspiração, no decorrer das revisões e emendas sem fim a que invariavelmente submete esse romance como todos os outros, Balzac nota que *Modesta Mignon* também não foi tão fácil como parece, pois “não há nada tão difícil como as obras sem acontecimentos”. Só em 19 de julho pôde dar o livro como pronto. Mas

também valia a pena caprichar, polir e até pedir ao grande compositor Auber que fizesse a música da canção de Modesta: “Por toda parte acham *Modesta Mignon* uma obra-prima”. O próprio autor não hesita em compará-la a *Torquato Tasso*, o drama de Goethe.

Talvez não seja supérfluo pedir ao leitor ainda não bastante familiarizado com os métodos de Balzac que se arme de um pouco de paciência para abrir um caminho através das explicações preliminares um pouco maçudas que o autor acha indispensável fornecer antes de começar o enredo. Um romancista de hoje espalhá-las-ia engenhosamente em doses pequenas por toda a obra. O próprio Balzac não ignorava esse sistema (e em *A paz conjugal*, por exemplo, veremos com que mestria sabia empregá-lo), mas gostava de submeter de vez em quando seus leitores a um pequeno esforço inicial, compensando-os amplamente em seguida.

É este o caso de *Modesta Mignon*, em que os leitores da nossa edição encontrarão pela primeira vez um desses esplêndidos quadros de interior de província que eram uma especialidade de Balzac. Nesse cenário desenvolve-se uma ação simples só na aparência, pois realmente é de uma complexidade prodigiosa: pelo menos seis personagens, Modesta, Canalis, La Brière, Butscha, o duque de Hérouville, a duquesa de Chaulieu têm cada um o seu próprio drama. Repare-se também na riqueza de alguns retratos, o de Canalis, sobretudo, em cujo desenho Balzac soube tão bem resistir à tentação de usar só traços grosseiros e fortes e de reduzir o poeta a uma personagem monovalente, carregada de toda a antipatia dos leitores. E quanta vivacidade no debuxo dos comparsas! Os casais Mignon, Dumay, Latournelle, como são vivos, e até esse pálido Gobenheim que não abre a boca mais de cinco vezes!

Pelo menos algumas personagens do livro receberam feições de pessoas reais.

O visconde Spoelberch de Lovenjoul, esse pesquisador infatigável dos problemas relacionados com *A comédia humana*, demonstra, num

estudo engenhoso, *Une Page perdue de Honoré de Balzac*, que foi o poeta Lamartine que serviu de modelo à personagem de Canalis. Esta aparece pela primeira vez em 1842, na primeira edição de *Uma estreia na vida*, e volta em vários romances escritos depois dessa data. Quanto aos romances escritos antes, Balzac, ao remodelá-los para inserção no conjunto de *A comédia humana*, introduziu em muitos deles, entre outras personagens reaparecentes, Canalis também, substituindo por ele outras figuras de poeta. Assim, passou ele a figurar, nas edições de *A pele de onagro* ulteriores a 1842, lá onde na primeira edição figurava Lamartine, fato que demonstra a identificação, que existia no espírito de Balzac, de Canalis com este último. Quanto a Modesta, segundo declaração do próprio Balzac, teria por modelo remoto certa condessa Caliste Rzewuska, prima e amiga da sra. Hanska, a qual, por sua vez, teria também fornecido alguns rasgos para essa encantadora figura de mulher.

Os leitores atentos não terão deixado de notar certa contradição entre este romance e outras obras em que o mesmo autor, apontando os perigos das paixões românticas, condenava suas criaturas femininas apaixonadas a castigos cruéis por terem se entregado com demasiada facilidade aos excessos da imaginação. Augustina Guillaume e Luísa de Chaulieu pagaram bem caro suas cismas líricas. A Modesta Mignon logicamente caberia destino semelhante por ter se atirado nos braços do suposto Canalis. Sim, mas a história de Modesta é, na verdade, a da condessa Hanska, de que Balzac esperava a sua felicidade e a sua fortuna; como dar-lhe uma lição de moral? E assim, graças à providencial intervenção de um amigo devotado que lhe revela as fraquezas do seu poeta, ela escapará por um triz ao castigo de um “misticismo irrefletido”. (Ernest Seillière, *Balzac e a moral romântica*).

paulo rónai

MODESTA MIGNON

a uma polonesa[195]

Filha de uma terra escrava, anjo pelo amor, demônio pela fantasia, criança pela fé,velho pela experiência, homem pelo cérebro, mulher pelo coração, gigante pela esperança, mãe pela dor e poeta pelos teus sonhos; a ti, que és ainda a beleza, esta obra onde o teu amor e a tua fantasia, a tua fé,a tua experiência, a tua dor, a tua esperança e os teus sonhos são como as cadeias que sustentam uma trama menos brilhante que a poesia guardada na tua alma, e cuja expressão, quando anima a tua fisionomia, é, para quem te admira, o que são, para os sábios, os caracteres de uma língua perdida.

de balzac

I – UMA RATOEIRA

Em meados do mês de outubro de 1829, o sr. Simão Babylas Latournelle, notário, ia do Havre a Ingouville, de braço dado com o filho, e acompanhado pela esposa, junto da qual, como um pajem, marchava o primeiro amanuense do escritório, um corcundinha chamado João Butscha. Quando esses quatro personagens, dois dos quais, pelo menos, faziam esse trajeto todas as tardes, chegaram ao ângulo da estrada que se curva sobre si mesma, como as que os italianos denominam cornijas, o notário verificou se ninguém podia ouvi-lo do alto de um barranco, por

trás ou pela frente e, a meia voz, por excesso de precaução, disse ao filho:

— Exupério, procura executar inteligentemente a pequena manobra que te vou indicar, e sem tentar penetrar-lhe o sentido; mas, se o adivinhares, ordeno-te que te atires nesse Estige[196] que todo notário ou todo homem que se destina à magistratura deve ter em si mesmo para os segredos de outrem. Depois de teres apresentado teus respeitos, tuas cortesias e tuas homenagens à sra. e à srta. Mignon, ao sr. e à sra. Dumay e ao sr. Gobenheim, se estiver no chalé quando se restabelecer o silêncio, o sr. Dumay te levará para um canto; olharás com curiosidade (permito-o) para a srta. Mignon, durante todo o tempo que ele te falar. Meu digno amigo te pedirá para saíres e ir passear, para voltar ao cabo de uma hora mais ou menos: cerca das nove, com ar solícito, procura então imitar a respiração de um homem ofegante; depois lhe dirás ao ouvido, bem baixinho e sem embargo, de modo que a srta. Modesta te ouça: *O rapaz está a chegar!*

Exupério devia partir no dia seguinte para Paris, a fim de iniciar seu curso de direito. Essa próxima partida decidira Latournelle a propor, ao seu amigo Dumay, o seu filho para cúmplice da importante conspiração que aquela ordem deixava entrever.

— Será que suspeitam que a senhorita Mignon tenha alguma história? — perguntou Butscha, com voz tímida, à patroa.

— Cht! Butscha — respondeu a sra. Latournelle, tomando o braço do marido.

A sra. Latournelle, filha do escrivão do tribunal de primeira instância, sente-se suficientemente autorizada por seu nascimento a se declarar descendente de uma família parlamentar. Essa pretensão já indica o motivo pelo qual essa dama, de rosto um tanto purulento, tenta dar-se a majestade do tribunal, cujas sentenças são rabiscadas pelo senhor seu pai. Ela toma rapé, mantém-se rígida como uma estaca, dá-se atitudes de dama importantíssima e se assemelha perfeitamente a uma múmia que, pela galvanização, tivesse por um instante recuperado a vida. Procura

imprimir à sua voz áspera entonações aristocráticas; mas não o consegue, como igualmente não consegue mascarar a falta de instrução. Sua utilidade social parece incontestável, a julgar pelas toucas armadas de flores que usa, as travessas pregadas nas fontes e os vestidos que escolhe. Onde colocariam os negociantes esses produtos, se não existissem sras. Latournelle? Todos os ridículos dessa digna senhora, essencialmente caritativa e piedosa, poderiam talvez passar quase despercebidos; mas a natureza, que pilheria por vezes soltando dessas criações burlescas, dotou-a de uma estrutura de tambor-mor, a fim de pôr em destaque as inventivas desse espírito provinciano. Ela nunca saiu do Havre, acredita na infalibilidade do Havre, compra tudo no Havre, aí se veste, declara-se normanda até a ponta das unhas, venera o pai e adora o marido. O minguado Latournelle teve a ousadia de desposar essa rapariga que alcançara a idade antimatrimonial de trinta e três anos e soube fazer-lhe um filho. Como ele poderia obter em qualquer outro lugar os sessenta mil francos de dote dados pelo escrivão, atribuíram a sua intrepidez invulgar ao desejo de evitar a invasão do Minotauro,[197] da qual seus recursos pessoais dificilmente o teriam livrado, se tivesse cometido a imprudência de atear fogo em casa, metendo nela uma mulher jovem e bonita. O notário percebera muito simplesmente as grandes qualidades da srta. Agnès (chamava-se Agnès) e notara o quanto a beleza de uma mulher passa rapidamente para o marido. Quanto a esse insignificante rapaz a quem o escrivão impusera seu nome normando na pia batismal, a sra. Latournelle está ainda tão surpreendida de se ter tornado mãe aos trinta e cinco anos e sete meses que seria capaz de tornar a encontrar suas mamas e seu leite para ele, se assim fosse preciso, única hipérbole capaz de pintar sua louca maternidade.

— Como meu filho é bonito! — dizia ela à sua amiguinha Modesta, ao mostrar-lho, sem nenhum pensamento oculto, quando as duas iam à missa e quando o seu belo Exupério caminhava na frente.

— Ele se parece com a senhora — respondia Modesta Mignon, da

mesma forma que diria: “Como o tempo está feio!”.

A silhueta desse personagem, muito acessório, parecerá necessária ao dizermos que a sra. Latournelle, havia três anos, era a guardiã da moça para a qual o notário e Dumay, seu amigo, queriam preparar uma dessas armadilhas denominadas ratoeiras na *Fisiologia do casamento*.[198]

No que diz respeito a Latournelle, imaginem um homenzinho tão ardiloso quanto o permite a mais pura probidade, e que todo estrangeiro, ante a estranha fisionomia que o Havre se acostumara a ver, tomaria por um velhaco. Uma vista considerada fraca obriga o digno notário a usar óculos verdes para conservação dos olhos, constantemente vermelhos. Cada arcada superciliar, ornada de pelos bastante escassos, ultrapassa ligeiramente a armação escura dos óculos, duplicando-lhes, por assim dizer, o círculo. Se ainda não notaram no rosto de algum passante o efeito produzido por essas duas circunferências superpostas e separadas por um vácuo, não poderão imaginar quanto uma fisionomia dessas os intrigaria; sobretudo quando esse rosto, pálido e encovado, termina em ponta como o de Mefistófeles, que os pintores copiam da cara felina; pois tal é a semelhança oferecida por Babylas Latournelle. Acima daquelas horrorosas lunetas, ergue-se um crânio desnudado, tanto mais artificioso, porquanto a peruca, aparentemente dotada de movimento, tem a indiscrição de deixar passar pelos lados alguns cabelos brancos e sempre divide desigualmente a testa. Ao ver esse estimável normando, vestido de preto como um coleóptero, alçado sobre suas pernas como sobre dois alfinetes, e sabendo ser ele o mais honesto homem do mundo, fica-se a procurar, sem achá-lo, o motivo desses contrassensos fisiognomônicos.[199]

João Butscha, pobre filho natural abandonado, recolhido pelo escrivão Labrosse e sua filha, e que se tornara primeiro amanuense à força de trabalho, com cama e mesa em casa do patrão, o qual lhe dava novecentos francos de ordenado anual, rapaz sem nenhum vestígio de mocidade, quase anão, fazia de Modesta um ídolo; por ela daria a vida. Essa pobre

criatura, cujos olhos, semelhantes a duas almas de cano de espingarda, estão apertados entre pálpebras espessas, marcadas de varíola, esmagada por uma cabeleira encarapinhada, atrapalhada por suas mãos enormes, vivia sob os olhares da piedade desde os sete anos; não basta isso para explicá-lo completamente? Silencioso, reconcentrado, de procedimento exemplar, religioso, viajava, nas imensas extensões do país chamado, no Mapa da Ternura,[200] Amor-sem-esperança, pelas áridas e sublimes estepes do Desejo. Modesta apelidara aquele grotesco primeiro amanuense de Anão Misterioso. Essa alcunha fez com que Butscha lesse o romance de Walter Scott[201] e dissesse a Modesta: "Quer, para o dia do perigo, uma rosa de seu anão misterioso?". Modesta, com um daqueles olhares terríveis que as moças dirigem aos homens que não lhes agradam, fez com que a alma de seu adorador se recolhesse subitamente à sua choupana de barro. Butscha denominava-se a si mesmo *clerc obscur*[202] sem saber que esse trocadilho remonta à origem do notariado; ele, porém, como sua patroa, jamais saíra do Havre.

É talvez necessário, no interesse dos que não conhecem o Havre, dizer algumas palavras para explicar aonde ia a família Latournelle à qual evidentemente o primeiro amanuense estava enfeudado.

II – ESBOÇO DE INGOUVILLE

Ingouville é para o Havre o que Montmartre é para Paris: uma colina alta, ao pé da qual a cidade se estende, apenas com a diferença de que o mar e o Sena cercam a cidade e a colina, de que o Havre se vê fatalmente circunscrito por estreitas fortificações e, finalmente, de que a embocadura do rio, o porto, as docas oferecem um espetáculo completamente outro que o das cinquenta mil casas de Paris. Do alto de Montmartre, vê-se um oceano de ardósias, exibindo suas ondas azuis sem brilho; em Ingouville tem-se a visão de telhados móveis, agitados pelo

vento. Essa eminência, que, de Rouen até o mar, costeia o rio, deixando um espaço mais ou menos estreito entre ela e as águas, mas que inquestionavelmente contém tesouros de pitoresco, com as suas cidades, as suas gargantas, os seus pequenos vales, os seus prados, adquiriu um imenso valor em Ingouville a partir de 1816, época em que começou a prosperidade do Havre. Esse bairro tornou-se o Auteuil, o Ville-d'Avray, o Montmorency[203] dos comerciantes, que, para poderem respirar o ar do mar, perfumado pelas flores de seus suntuosos jardins, construíram naquele anfiteatro vilas escalonadas em vários planos. Esses audazes especuladores ali vão repousar das fadigas de seus escritórios e da atmosfera de suas casas, apertadas umas contra as outras, sem espaço, muitas vezes sem pátio, devido quer ao aumento da população do Havre, quer à linha inflexível de suas muralhas, como também ao desenvolvimento das docas. Realmente, que tristeza no coração do Havre e que alegria em Ingouville! A lei do desenvolvimento social fez nascer como um cogumelo o arrabalde de Graville, hoje maior do que o Havre, e que se estende ao sopé da encosta como uma serpente. No seu cimo, Ingouville tem somente uma rua, e, como em todas essas posições, as casas que dão frente para o Sena têm, necessariamente, uma imensa vantagem sobre as do outro lado do caminho, às quais elas tiram tal vista. Estas se erguem, como espectadores na ponta dos pés, a fim de espiar por sobre os telhados. Entretanto, ali, como em toda parte, existem servidões. Algumas casas edificadas no alto ocupam uma posição superior ou gozam de um direito de vista que obriga o vizinho a não ultrapassar, nas suas construções, uma determinada altura. Ademais, a rocha caprichosa está escavada para proporcionar caminhos que tornam seu anfiteatro acessível; e, por essas abertas, algumas propriedades podem entrever ou a cidade, ou o rio, ou o mar. Sem ser cortada a pique, a colina termina bruscamente em falésia. No fim da rua que serpenteia no alto, veem-se as gargantas onde estão situadas algumas aldeias, Saint-Adresse, dois ou três Santos-não-sei-quem e as enseadas onde muge o oceano. Esse lado

quase deserto de Ingouville faz um impressionante contraste com as belas vilas que olham para o vale do Sena. Será que temem as rajadas de vento para a vegetação? Será que os negociantes recuam ante as despesas exigidas por esses terrenos em declive?... Seja como for, o turista dos barcos a vapor fica admirado ao ver a costa nua e barrancosa a oeste de Ingouville, um pobre em farrapos ao lado de um rico suntuosamente trajado e perfumado.

III – O CHALÉ

Em 1829, uma das últimas casas do lado do mar e que se acha, com certeza, no meio da Ingouville de hoje, chamava-se e chama-se, talvez, ainda, o Chalé. Foi primitivamente uma habitação de porteiro, com seu jardinzinho na frente. O proprietário da vila a que ela pertencia, vila com parque, jardins, aviário, estufas, prados, teve a fantasia de pôr aquela casinhola em harmonia com a suntuosidade de sua residência e a fez reconstruir pelo modelo de um *cottage*. Separou esse *cottage* do seu gramado florido de platibandas, do terraço da sua vila, por um muro baixo, ao correr do qual plantou uma sebe para ocultá-lo. Por trás do *cottage*, que, apesar de todos os seus esforços, conservou o nome de Chalé, estende-se a horta e o pomar. Esse Chalé, sem vacas nem leitaria, tem como cerca, do lado do caminho, uma estacada cujos postes não mais se veem sob a vegetação luxuriante. Do outro lado do caminho, a casa fronteira, submetida a uma servidão, apresenta uma estacada e uma sebe semelhantes, que não obstruem a vista do Havre para o Chalé. Esta casinhola constituía o desespero do sr. Vilquin, proprietário da vila. Eis o motivo: o criador daquela residência cujos detalhes afirmam energicamente *Aqui refulgem milhões!* não estendera tanto seu parque em direção ao campo senão para não ter, como ele dizia, seus jardineiros no bolso. Uma vez terminado, o Chalé não podia mais ser habitado senão

por um amigo. O sr. Mignon, o anterior proprietário, apreciava muito o seu caixa, e esta história provará que Dumay lhe retribuía devidamente a estima; ofereceu-lhe, pois, aquela habitação. Respeitador das formas, Dumay fez o seu chefe assinar um contrato por doze anos, a trezentos francos de aluguel, ao que o sr. Mignon gostosamente acedeu dizendo: “Meu caro Dumay, lembra-te que te comprometes a viver doze anos na minha casa”.

Devido a acontecimentos que vão ser relatados, as propriedades do sr. Mignon, outrora o mais rico negociante do Havre, foram vendidas ao sr. Vilquin, um dos seus antagonistas na praça. Na alegria de se apoderar da célebre vila Mignon, o comprador se esqueceu de pedir a anulação daquele contrato. Dumay, para não fazer fracassar a venda, teria no momento assinado tudo que Vilquin exigisse; uma vez, porém, consumada a venda, ele se agarrou ao seu contrato como uma vingança. Ficou no bolso de Vilquin, no coração da família Vilquin, observando Vilquin, incomodando Vilquin, enfim, a vareja dos Vilquin. Todas as manhãs, na sua janela, Vilquin sentia uma violenta contrariedade ao ver aquela joia de construção, aquele Chalé que custara sessenta mil francos e que cintilava como um rubi aos raios do sol. Comparação quase justa! O arquiteto edificou aquele *cottage* com tijolos do mais belo vermelho, unidos com argamassa branca. As janelas são pintadas de verde gritante, e o madeiramento, de pardo amarelado. O telhado sobressai uns quantos pés. O primeiro andar é cercado por uma bonita galeria, e, no meio da fachada, uma varanda projeta sua vidraçaria. O rés do chão compõe-se de um bonito salão, de uma sala de jantar, separados pelo patamar de uma escada de madeira, cuja ornamentação e desenho são de uma elegante simplicidade. A cozinha é contígua à sala de jantar, e o salão é acrescido de um gabinete, que então servia de quarto de dormir para o sr. e a sra. Dumay. No primeiro andar, o arquiteto dispôs dois grandes quartos, providos cada qual de um quarto de vestir, para os quais a varanda servia de salão; depois, em cima, sob a cumeeira que lembra duas cartas

apoiadas uma contra a outra, dois quartos para criados, iluminados cada um deles por um olho de boi, espécies de mansardas, mas bastante espaçosas. Vilquin cometeu a mesquinheza de levantar um muro do lado do pomar e da horta. Após essa vingança, os poucos centiares que o contrato garantia ao Chalé se assemelham a um jardim de Paris. As peças de serviço, construídas e pintadas de modo a harmonizá-las com o Chalé, estão encostadas ao muro da propriedade vizinha. O interior dessa encantadora habitação está de acordo com o exterior. O salão, pavimentado de pau-ferro, oferece ao olhar as maravilhas de uma pintura, imitando lacas da China. Sobre fundos negros, enquadrados de ouro, brilham os pássaros multicores, as impossíveis folhagens verdes, os desenhos fantásticos dos chineses. A sala de jantar é completamente revestida de madeira do norte recortada, esculpida como nas belas cabanas russas. A pequena antecâmara, formada pelo patamar e o vão da escada, em velha madeira pintada, apresenta ornamentos góticos. Os quartos de dormir, forrados de chita da Índia, chamam a atenção pela valiosa simplicidade. O gabinete, onde então dormiam o caixa e a esposa, é forrado de madeira e estucado como a cabina de um navio. Essas loucuras de armador explicam a raiva de Vilquin. Esse pobre comprador queria instalar naquele *cottage* o genro e a filha. Esse projeto, conhecido por Dumay, poderá explicar-lhes mais tarde a sua teimosia de bretão.

Entra-se no Chalé por uma pequena porta de ferro gradeada, cujas lanças se erguem algumas polegadas acima da estacada e da sebe. O jardinzinho, da largura do faustoso gramado, estava na ocasião cheio de flores, de rosas, de dálias, das mais belas, dos mais raros espécimes da flora das estufas; pois — outro motivo de dor *vilquiniana* — a pequena estufa, a estufa de fantasia, a estufa chamada de senhora, depende do Chalé e separa a vila Vilquin, ou, se quiserem, liga-a ao *cottage*. Dumay consolava-se do seu trabalho de caixa cuidando da estufa, cujos produtos exóticos constituíam um dos prazeres de Modesta. A sala de bilhar da vila Vilquin, uma espécie de galeria, se comunicava antigamente, por um

imenso viveiro em forma de torrinha, com aquela estufa; mas, depois da construção do muro que o privou da vista dos pomares, Dumay murou a porta de comunicação. “Muro por muro!”, disse ele. “Você e Dumay, mur... muram!”, diziam os negociantes a Vilquin para arreliá-lo. E todos os dias, na Bolsa, saudavam o especulador invejado com um novo trocadilho. Em 1827, Vilquin ofereceu seis mil francos de ordenado a Dumay e mais dez mil francos de indenização para anular o contrato; o caixa recusou, embora não tivesse mais do que mil escudos em mãos de Gobenheim, um antigo empregado de seu patrão. Dumay, podem crer, é um bretão enxertado pelo destino na Normandia. Imaginem o ódio concebido pelo normando Vilquin contra os seus inquilinos do Chalé, ele, um homem possuidor de três milhões! Que crime de lesa-milhão, esse de demonstrar aos ricos a impotência do ouro! Vilquin, cujo desespero o tornava alvo das chacotas do Havre, acabava de propor a Dumay dar-lhe a plena posse de uma linda casa, e este recusara. O Havre começava a inquietar-se com aquela teimosia, cuja explicação, para muitos, estava nesta frase: “Dumay é bretão”. O caixa, esse pensava que a senhora e sobretudo a srta. Mignon, em qualquer outro lugar, ficariam mal alojadas. Seus dois ídolos residiam num templo digno delas e, pelo menos, se aproveitavam daquela suntuosa cabana, na qual reis decaídos teriam podido conservar a majestade das coisas ambientes, variedade de decoro de que muitas vezes carecem os decaídos.

IV – CENA DE FAMÍLIA

É possível que não venham a lamentar ter conhecido antecipadamente, quer a habitação, quer a sociedade habitual de Modesta; pois, na sua idade, os seres e as coisas têm sobre o futuro tanta influência quanto o caráter, se é que todavia o caráter não recebe delas algumas impressões inapagáveis.

O modo pelo qual os Latournelle entraram no Chalé permitiria a um estranho perceber que ali compareciam todas as tardes.

— Já, meu senhor?... — disse o notário ao ver no salão um jovem banqueiro do Havre, Gobenheim, parente de Gobenheim-Keller, chefe da grande casa de Paris.

Aquele rapaz, de rosto lívido, um desses louros de olhos negros, cujo olhar imóvel tem algo de fascinante, tão sóbrio nas suas palavras quanto no seu viver, trajado de preto, magro como um tísico, mas de arcabouço vigoroso, frequentava a família de seu antigo patrão e a casa do caixa daquele, muito menos por afeição do que por cálculo: jogava-se ali um uíste a dez tostões a ficha. Não se era obrigado a um traje de rigor, ele não aceitava senão copos de água açucarada e em troca não era obrigado a nenhuma retribuição. Essa aparência de devotamento aos Mignon fazia crer que Gobenheim tinha bom coração e o dispensava de frequentar a alta sociedade do Havre, de nela fazer despesas inúteis, de desorganizar a economia da sua vida doméstica. Esse catecúmeno do bezerro de ouro deitava-se todas as noites às dez e meia e levantava-se às cinco da manhã. Enfim, seguro da discrição de Latournelle e de Butscha, Gobenheim podia analisar diante deles os negócios espinhosos, submetê-los às consultas gratuitas do notário e reduzir os mexericos da praça ao seu justo valor. Esse aprendiz papa-ouro (qualificativo inventado por Butscha) pertencia a essa espécie de substâncias que a química denomina absorventes. Depois da catástrofe acontecida à casa Mignon, momento em que os Keller o fizeram estudar para aprender o alto comércio marítimo, ninguém no Chalé lhe pedira para fazer fosse o que fosse, nem sequer dar um simples recado; já se sabia sua resposta. Esse rapaz contemplava Modesta como teria examinado uma litografia de dois tostões.

— É um dos pistões da imensa máquina chamada comércio — dizia dele o pobre Butscha, cujo espírito se revelava por pequenos ditos timidamente lançados.

Os quatro Latournelle saudaram com a mais respeitosa deferência uma velha senhora vestida de veludo negro, que não se levantou da poltrona onde se achava sentada, pois seus dois olhos estavam recobertos pela membrana amarela produzida pela catarata. A sra. Mignon pode ser pintada numa única frase. Ela atraía logo os olhares pela fisionomia augusta das mães de família, cuja vida impecável desafia os caprichos do destino, mas a quem este criava com as suas flechas, e que formam a numerosa tribo das Níobes.[204] Sua peruca loura bem encrespada, bem colocada, assentava-lhe ao rosto alvo e frio, como o dessas esposas de burgomestres, pintadas por Mierevelt.[205] O extraordinário cuidado de sua *toilette*, suas botinas de veludo, uma gola de renda, o xale bem-posto, tudo testemunhava a solicitude de Modesta para com a mãe.

Quando o momento de silêncio, indicado pelo notário, se estabeleceu naquele bonito salão, Modesta, sentada junto da mãe e bordando para ela uma manta, tornou-se, por um instante, alvo de todos os olhares. Essa curiosidade, disfarçada sob as perguntas vulgares que se fazem entre visitantes e visitados, e mesmo entre os que se veem diariamente, teria bastado para revelar, mesmo a um indiferente, a conspiração doméstica meditada contra a moça. Gobenheim, porém, mais do que indiferente, nada notou e acendeu as velas da mesa de jogo. A atitude de Dumay tornou aquela situação terrível para Butscha, para os Latournelle e principalmente para a sra. Dumay, que sabia o marido capaz de alvejar o enamorado de Modesta, como atiraria num cão hidrófobo. Após o jantar, o caixa tinha ido passear, seguido de dois magníficos cães dos Pireneus, suspeitos de traição, e que ele deixara com um antigo caseiro do sr. Mignon; depois, poucos momentos antes da entrada dos Latournelle, apanhara, à cabeceira do seu leito, suas pistolas e as colocara em cima da chaminé, ocultando-se de Modesta. A moça não prestou nenhuma atenção a esses preparativos, que eram, pelo menos, estranhos.

Conquanto pequeno, atarracado, bexigoso, falando baixinho, com o ar de quem se escuta, esse bretão, antigo tenente da guarda, tem tão bem

impressos no rosto a resolução e o sangue-frio que, em vinte anos de exército, ninguém se animara a motejá-lo. Seus olhos pequenos, de um azul calmo, parecem dois fragmentos de aço. Suas maneiras, sua fisionomia, seu modo de falar, sua atitude, tudo concorda com a brevidade de seu nome, Dumay.[206] Sua força, aliás bem conhecida, permite-lhe não temer qualquer agressão. Capaz de matar um homem com um soco, realizara tal façanha em Bautzen, quando, desarmado, se vira frente a frente com um saxão e afastado da sua companhia. Naquele momento, a firme e meiga fisionomia de tal homem atingiu ao sublime do trágico. Seus lábios pálidos, como sua tez, revelavam uma convulsão dominada pela energia bretã; um leve suor, mas que todos viram e supuseram frio, umedecia-lhe a fronte. O notário sabia que de tudo aquilo podia resultar um drama que teria seu epílogo no tribunal do crime. Efetivamente, para o caixa, jogava-se, a propósito de Modesta Mignon, uma partida em que se achavam empenhados uma honra, uma fé e sentimentos de importância superior às dos laços sociais, e resultante de um desses pactos cujo único juiz, em caso de desgraça, está no céu. A maioria dos dramas está nas ideias que formamos das coisas. Os acontecimentos que nos parecem dramáticos nada mais são do que os assuntos que nossa alma converte em tragédia ou comédia, ao sabor de nosso caráter.

A sra. Latournelle e a sra. Dumay, encarregadas de observar Modesta, apresentavam algo de constrangido na atitude, de trêmulo na voz, que a indigitada, entretanto, não notou, tão absorta estava em seu bordado. Modesta aplicava cada fio de algodão com uma perfeição de desesperar bordadeiras. Via-se em seu rosto todo o prazer que lhe causava a cor mate da pétala de uma flor começada. O anão, sentado entre a sua patroa e Gobenheim, retinha as lágrimas, a si mesmo perguntando como chegar até Modesta, a fim de lhe sussurrar ao ouvido duas palavras de advertência. Ao tomar posição em frente à sra. Mignon, a sra. Latournelle, com a sua diabólica inteligência de devota, isolara Modesta.

A sra. Mignon, silenciosa na sua cegueira, mais pálida ainda do que habitualmente, bem mostrava saber da prova a que a filha ia ser submetida. Talvez que no último momento censurasse aquele estratagema, embora o achasse necessário. Daí o seu silêncio. No íntimo, chorava. Exupério, a mola da armadilha, ignorava completamente a peça em que o acaso lhe impunha um papel. Gobenheim permanecia, mercê do seu caráter, numa despreocupação igual à de Modesta. Para um espectador inteirado do caso, teria sido sublime aquele contraste entre a total ignorância de uns e a atenção palpitante de outros. Hoje, mais do que nunca, os romancistas[207] exploram esses efeitos e estão no seu direito, pois a natureza, desde sempre, se permitiu ser mais forte do que eles. Aqui a natureza, verão, a natureza social, que é uma natureza na natureza, concedia-se o gosto de fazer a história mais interessante do que o romance, da mesma forma que as torrentes desenham fantasias vedadas aos pintores e realizam maravilhas, colocando ou polindo as pedras de modo a surpreender os escultores e os arquitetos.

V – RETRATO MOLDADO NO ORIGINAL

Eram oito horas. Naquela estação, a essa hora, o crepúsculo deita os seus últimos clarões. Naquele dia, não havia uma nuvem no céu, o ar aquecido acariciava a terra, as flores embalsamavam, ouvia-se ranger o saibro sob os pés de alguns passeantes que regressavam. O mar refulgia como um espelho. Enfim, havia tão pouco vento, que as velas acesas sobre a mesa de jogo apresentavam suas chamas tranquilas, embora as janelas estivessem entreabertas. Aquele salão, aquela noite, aquela casa, que quadro para aquela moça, estudada então por aquelas pessoas com a profunda atenção de um pintor diante da Margherita Doni, uma das glórias do palácio Pitti![208] Modesta, flor enclausurada como a de Catulo,[209] mereceria ainda todas aquelas precauções?... Conhecem a

gaiola; agora, aqui está o pássaro.

Tendo, então, vinte anos, esbelta, tão delgada como uma dessas sereias inventadas pelos desenhistas ingleses para os seus *livros de belezas*, Modesta apresentava, como outrora sua mãe, uma faceira expressão dessa graça tão pouco compreendida em França, onde nós a chamamos *pieguice*, mas que, nas alemãs, é a poesia do coração que emerge à superfície do ser e se derrama em denguices nas tolas, em atitudes divinas nas moças inteligentes. Notável por sua cabeleira cor de ouro pálido, ela pertencia a esse gênero de mulheres denominadas, sem dúvida em memória de Eva, as *celestes louras*, e cuja epiderme acetinada se assemelha a papel de seda aplicado em cima da pele, que tirita no inverno ou desabrocha ao sol do olhar, tornando a mão ciumenta dos olhos. Sob aqueles cabelos leves como penas e encaracolados à inglesa, a fronte, que se diria traçada a compasso, de tão puras que eram as suas linhas, permanecia discreta e calma, até mesmo plácida, embora luminosa de pensamentos; mas quando e onde seria possível ver uma que fosse mais lisa e de uma nitidez tão transparente? Dir-se-ia que tinha oriente, como as pérolas. Os olhos, de um azul acinzentado, límpidos como olhos de criança, deixavam ver, naquela hora, toda a malícia e toda a inocência, em harmonia com a curva das sobrancelhas, levemente desenhadas pelas raízes dos pelos, implantados como os feitos a pincel nas figuras chinesas. Aquele candor espiritual era ainda realçado, em torno dos olhos e nas fontes, por tons de nácar com filetes azuis, privilégio das epidermes delicadas. O rosto, com o oval que Rafael tantas vezes conseguiu para as suas Madonas, distinguia-se pela cor sóbria e virginal das maçãs, tão suave como as rosas de Bengala, e sobre as quais os longos cílios das pálpebras diáfanas projetavam sombras mescladas de luz. O pescoço, então inclinado, quase débil, de uma brancura de leite, lembrava aquelas linhas fugidias, tão apreciadas por Leonardo da Vinci. Algumas pequenas sardas, semelhantes às moscas do século xviii, diziam que Modesta era bem uma filha da terra, e não uma dessas criações

sonhadas na Itália, pela Escola Angélica. Embora finos e grossos ao mesmo tempo, os seus lábios, um pouco zombeteiros, eram sensuais. Sua cintura, flexível sem ser débil, não temia a maternidade como a dessas moças que buscam o êxito na mórbida pressão de um espartilho. O *basin*, o aço, os cordões acentuavam, mas não fabricavam, as linhas serpentinas daquela elegância, comparável à de um choupo novo, oscilante ao vento. Um vestido gris-pérola, enfeitado com fitas cor de cereja, de cintura comprida, desenhava castamente o busto e cobria os ombros, ainda um pouco magros, de um véu que apenas deixava entrever as primeiras rotundidades com que o pescoço se prende ao tronco. Ante o aspecto daquela fisionomia ao mesmo tempo vaporosa e inteligente, em que a finura de um nariz grego, de narinas róseas, cujas asas firmemente desenhadas lhe emprestavam algo de positivo; em que a poesia que reinava na fronte, quase mística, era quase desmentida pela voluptuosa expressão da boca; em que a candura disputava os campos profundos e variados das pupilas ao mais instruído motejo, um observador pensaria que aquela moça, de ouvido alerta e fino, que qualquer ruído despertava, de nariz aberto aos perfumes da flor azul do ideal, devia ser a arena de um combate entre a poesia que adeja em torno de todas as alvoradas e trabalhos do dia, entre a fantasia e a realidade. Modesta era a jovem curiosa e pudica, que conhece seu destino e é toda castidade, antes a virgem da Espanha do que a de Rafael.

Ergueu a cabeça ao ouvir Dumay dizer a Exupério:

— Venha cá, meu rapaz!

E, depois de os ter visto a conversar num canto do salão, pensou que se tratasse de alguma incumbência em Paris. Olhou os amigos que a cercavam, como que admirada do seu silêncio, e, com ar mais natural deste mundo, exclamou:

— Que é isso? Não jogam? — e apontou para a mesa verde que a avantajada sra. Latounelle chamava *o altar*.

— Joguemos — replicou Dumay, que acabava de despachar o jovem

Exupério.

— Senta-te aí, Butscha — disse a sra. Latournelle, separando o amanuense, por todo o comprimento da mesa, do grupo formado pela sra. Mignon e pela filha.

— E tu, vem para aqui! — disse Dumay à esposa, ordenando-lhe que ficasse a seu lado.

A sra. Dumay, pequena americana de trinta e seis anos, enxugou furtivamente as lágrimas: ela adorava Modesta e temia uma catástrofe.

— Vocês hoje não estão alegres — disse Modesta.

— Estamos jogando — respondeu Gobenheim, embaralhando as cartas.

Por mais interessante que possa parecer, essa situação ainda o será muito mais, ao explicar-se a posição de Dumay relativamente a Modesta. Se a concisão desta narrativa a torna seca, perdoar-nos-ão essa secura tendo em vista o desejo de terminar rapidamente esta cena e a necessidade de contar o argumento que domina todos os dramas.

VI – PROSCÊNIO

Dumay (Ana-Francisco-Bernardo), nascido em Vannes, foi como soldado, em 1799, para o exército da Itália. Seu pai, presidente do tribunal revolucionário, advogado medíocre, tornara-se notável por uma tal energia que a localidade se tornou impossível para o filho, quando ele pereceu no cadafalso, depois do 9 Termidor.[210] Após ter visto a mãe morrer de desgosto, Dumay vendeu tudo o que possuía, correu, com vinte e dois anos de idade, à Itália, no momento em que os nossos exércitos sucumbiam. Encontrou no departamento do Var um rapaz que, por motivos análogos, também ia em busca de glória, achando que o campo de batalha era menos perigoso do que a Provença. Carlos Mignon, último rebento da família à qual Paris deve a rua e o palácio construído pelo

cardeal Mignon, teve em seu pai um finório que quis salvar das garras da Revolução a fazenda da Bastie, lindo feudo do Condado. Como todos os medrosos daquele tempo, o conde de La Bastie, que se tornara o cidadão Mignon, achou mais saudável cortar cabeças do que deixar que lhe cortassem a sua. Esse falso terrorista desapareceu no 9 Termidor, sendo então lançado na lista dos emigrados. O condado da Bastie foi vendido. O castelo desonrado viu arrasadas as suas torres de ameias. Finalmente, o cidadão Mignon, descoberto em Orange, foi massacrado, ele, a mulher e os filhos, com exceção de Carlos Mignon, a quem mandara aos Hautes-Alpes, a fim de lhe preparar um abrigo. Surpreendido por tão espantosas notícias, Carlos aguardou, num vale do monte Genèvre, tempos menos tempestuosos. Lá viveu até 1799 graças a alguns luíses que seu pai lhe dera antes da partida. Enfim, aos vinte e três anos, sem mais fortuna do que a sua bela presença, essa beleza meridional que, quando completa, alcança o sublime, e cujo tipo é o Antínoo[211] — o ilustre favorito de Adriano —, Carlos resolveu arriscar no tapete vermelho da guerra a sua audácia provençal, a qual, como tantos outros, tomou por uma vocação. Ao ir para o quartel do exército, em Nice, encontrou o bretão. Tendo-se tornado camaradas, quer pela similitude de seus destinos, quer pelo contraste de seus caracteres, esses dois infantes beberam na mesma taça, em plena torrente, dividiram ao meio o mesmo pedaço de bolacha e, ao chegar a paz que se seguiu à batalha de Marengo, eram sargentos os dois. Quando a guerra recomeçou, Carlos Mignon obteve transferência para a cavalaria e perdeu, então, de vista, o seu camarada. O último Mignon de La Bastie era em 1812 oficial da Legião de Honra e major de um regimento de cavalaria, à espera de ser nomeado conde de La Bastie e promovido a coronel pelo imperador. Aprisionado pelos russos, foi, como tantos outros, deportado para a Sibéria. Fez a viagem com um pobre tenente, no qual reconheceu Dumay, que não era condecorado, valente, mas sem sorte, como um milhão de pobres diabos de dragonas de lã, canhamaço de homem sobre o qual Napoleão pintou o quadro do

Império. Na Sibéria, para matar o tempo, o tenente-coronel ensinou cálculo e caligrafia ao bretão, cuja educação parecera inútil ao velho Cévola.[212] Carlos encontrou no seu primeiro companheiro de jornada um desses corações raríssimos, no qual pôde transvasar todos os seus pesares, contando-lhe todas as suas felicidades. O filho da Provença acabara por encontrar o acaso que anda em busca dos belos tipos. Em 1804, em Frankfurt-sobre-o-Meno, ele foi adorado por Betina Wallenrod, filha única de um banqueiro; e desposara-a com tanto mais entusiasmo por ser ela rica, além de ser uma das belezas da cidade e ele apenas um tenente, sem outra fortuna que não o futuro excessivamente problemático dos militares daquele tempo. O velho Wallenrod, barão alemão decaído (a finança é sempre baronesa), encantado ao saber que o belo tenente era o único representante dos Mignon de La Bastie, aplaudiu a paixão da loura Betina, a quem um pintor (havia, então, um em Frankfurt) fizera posar para uma imagem ideal da Alemanha. Wallenrod, que de antemão chamava os netos de condes de La Bastie-Wallenrod, colocou nos fundos franceses a quantia necessária para dar à filha uma renda de trinta mil francos. Esse dote fez uma brecha insignificante na sua caixa, dada a pequena importância do capital. O Império, em consequência de uma política para uso dos devedores, raramente pagava os semestres. Por isso, Carlos mostrou-se bastante assustado com essa colocação de fundos, porque não tinha tanta fé, como o barão, na águia imperial. O fenômeno da crença, ou da admiração, que nada mais é do que uma crença efêmera, dificilmente se estabelece em concubinagem com o ídolo. O mecânico teme a máquina que o viajante admira, e os oficiais eram um pouco os maquinistas da locomotiva napoleônica, se não fossem o carvão. O barão de Wallenrod-Tustall-Bartenstild prometeu então vir em auxílio do casal. Carlos amou Betina Wallenrod tanto quanto era amado por ela, e já não é pouco, mas, quando um provençal se exalta, tudo nele, em matéria de sentimento, torna-se natural. E como não adorar uma loura escapada de um quadro de Alberto Dürer,[213] de um caráter angelical e com uma

fortuna importante em Frankfurt? Carlos teve, pois, quatro filhos, dos quais só restavam duas filhas no momento em que derramava as suas dores no peito do bretão. Sem as conhecer, Dumay quis bem às duas pequenas, por causa dessa simpatia que Charlet[214] tão bem soube traduzir, a qual faz o soldado pai de todas as crianças! A mais velha chamava-se Betina-Carolina e nascera em 1805; a outra, Maria-Modesta, em 1808. O infeliz tenente-coronel, sem notícias desses seres queridos, voltou a pé, em 1814, em companhia do tenente, através da Rússia e da Prússia. Esses dois amigos, para os quais não mais existiam as diferenças das dragonas, alcançaram Frankfurt no momento em que Napoleão desembarcava em Cannes. Carlos encontrou a sua mulher em Frankfurt, mas de luto; ela tivera a dor de perder o pai, por quem era adorada e que a queria ver sempre sorridente, mesmo no seu leito de morte. O velho Wallenrod não podia sobreviver aos desastres do Império. Com setenta e dois anos, ele especulara em negócios de algodão, crente no gênio de Napoleão, sem saber que o gênio está tantas vezes abaixo como acima dos acontecimentos. Esse último Wallenrod, dos verdadeiros Wallenrod-Tustall-Bartenstild, comprara quase tantos fardos de algodão quantos homens o imperador perdera na sublime campanha da França. "*Che meirs tans le goton!*[215]", — dissera à filha esse pai da espécie dos Goriot,[216] esforçando-se em apaziguar uma dor que o assustava, — *ed che meirs ne teffant rienne a berzonne*[217] —, pois esse francês da Alemanha morreu, tentando falar a língua que sua filha amava.

Feliz por salvar daquele grande e duplo naufrágio sua mulher e suas duas filhas, Carlos Mignon voltou a Paris, onde o imperador o nomeou tenente-coronel dos couraceiros da guarda e o fez comendador da Legião de Honra. O sonho dourado do coronel, que finalmente se via general e conde no primeiro triunfo de Napoleão, desfez-se no mar de sangue de Waterloo. Ferido não muito gravemente, retirou-se para o Loire e deixou Tours antes do licenciamento.

VII – UM DRAMA VULGAR

Na primavera de 1816, Carlos liquidou seus trinta mil francos de renda, que lhe deram aproximadamente quatrocentos mil francos, e resolveu ir fazer fortuna na América, afastando-se do país onde a perseguição já se abatia sobre os soldados de Napoleão. Foi de Paris ao Havre acompanhado por Dumay, a quem, por um acaso frequente na guerra, salvara a vida, levando-o na garupa em meio da desordem que se seguiu à jornada de Waterloo. Dumay partilhava as opiniões e o desânimo do coronel. Carlos, a quem o bretão seguia como se fosse um cão (o pobre soldado idolatrava as duas meninas), acreditou que a obediência, o hábito de cumprir ordens, a probidade, a dedicação do tenente fariam dele um servidor tão fiel quanto útil; motivo pelo qual lhe propôs que fosse trabalhar sob suas ordens na vida civil. Dumay sentiu-se muito feliz por se ver adotado por uma família, com a qual esperava viver como o visco sobre o carvalho. Ao esperar uma oportunidade de embarque, escolhendo um navio e meditando sobre as probabilidades de êxito que lhe oferecia sua destinação, o coronel ouviu falar de brilhante futuro reservado ao Havre. Ao ouvir a dissertação de dois burgueses, entreviu um meio de fazer fortuna e tornou-se ao mesmo tempo armador, banqueiro e proprietário; comprou terrenos e casas no valor de duzentos mil francos e fez partir para Nova York um navio carregado de sedas francesas, compradas barato em Lyon. Dumay, seu agente, seguiu no navio. Enquanto o coronel se instalava com a família na mais bela casa da rue Royale e estudava assuntos bancários, desenvolvendo a atividade e a prodigiosa inteligência dos provençais, Dumay conseguiu duas fortunas, pois regressou com um carregamento de algodão adquirido a preço vil. Essa dupla operação trouxe um enorme capital para a casa Mignon. O coronel fez então a compra da vila de Ingouville e recompensou Dumay, dando-lhe uma modesta casa na rue Royale. O pobre bretão trouxe de Nova York, juntamente com os seus algodões, uma linda mulherzinha, a

qual se agradara, antes de mais nada, da sua qualidade de francês. Miss Grummer possuía cerca de quatro mil dólares, mais ou menos vinte mil francos, que Dumay empregou na casa do seu coronel. Dumay, que se tornara o *alter ego*[218] do armador, em pouco tempo aprendeu escrituração, ciência que, no seu dizer, distingue os sargentos-mores do comércio. Esse ingênuo soldado, que durante vinte anos fora esquecido pela fortuna, considerou-se o homem mais feliz do mundo quando se viu proprietário de uma casa que a generosidade de seu chefe guarneceu com uma bonita mobília, além de lhe dar mil e duzentos francos de interesse por seu capital e um ordenado anual de três mil e seiscentos francos. Jamais nos seus sonhos o tenente Dumay esperara semelhante situação; mas o que mais o satisfazia era saber-se o eixo do mais rico estabelecimento do comércio do Havre. A sra. Dumay, pequena americana, bastante bonita, teve a desgraça de perder todos os seus filhos ao nascerem, e os desastres de seu último parto privaram-na da esperança de ter outros; dedicou-se, pois, às duas srtas. Mignon, com tanto amor quanto Dumay, que as teria preferido aos seus próprios filhos. A sra. Dumay, descendente de agricultores habituados a uma vida econômica, contentou-se com dois mil e quatrocentos francos para si e para a casa. Assim é que, todos os anos, Dumay empregava mais dois mil e quatrocentos francos na casa Mignon. Ao examinar o balanço anual, o patrão aumentava a conta do caixa com uma gratificação de acordo com os serviços prestados. Em 1824, o crédito do caixa alcançava cinquenta e oito mil francos. Foi então que Carlos Mignon, conde de La Bastie, título do qual nunca se falava, cumulou o caixa, alojando-o no Chalé, onde, no momento atual, viviam obscuramente Modesta e sua mãe.

O estado deplorável em que se achava a sra. Mignon, que o marido deixara bela ainda, tem sua causa na catástrofe a que era devida a ausência de Carlos. O desgosto levara três anos para destruir aquela meiga alemã; mas era um desses desgostos semelhantes aos vermes que se alojam no coração de um belo fruto. O balanço dessa dor era fácil de

estabelecer. Dois filhos, mortos em tenra idade, tiveram um duplo *aqui jaz* naquela alma que nada sabia olvidar. O cativeiro de Carlos na Sibéria foi, para essa mulher amorosa, a morte diária. A catástrofe da rica casa Wallenrod e a morte do pobre banqueiro, sobre seus sacos vazios, foi, por entre as dúvidas de Betina sobre a sorte do marido, como um golpe supremo. A imensa alegria de tornar a encontrar o seu Carlos quase matou essa flor alemã. Depois, a segunda queda do Império, a expatriação projetada foram como novos acessos da mesma febre. Enfim, dez anos de contínua prosperidade, as diversões de sua casa, que era a primeira do Havre, os jantares, os bailes, as festas do feliz negociante, as suntuosidades da vila Mignon, a imensa consideração, a respeitosa estima de que gozava Carlos, a completa afeição desse homem, que correspondeu com um amor único a um único amor, tudo reconciliara a pobre mulher com a vida. No momento em que não mais duvidava, em que entrevia um belo entardecer para os seus dias tormentosos, uma catástrofe ignorada enterrada no coração dessa dupla família, e da qual em breve trataremos, fora como uma intimação da desgraça.

Em janeiro de 1826, no meio de uma festa, quando todo o Havre designava Carlos Mignon para deputado, três cartas, vindas de Nova York, de Paris e de Londres, foram como três marteladas no palácio de vidro da prosperidade. Em dez minutos, a ruína se abatera, com suas asas de abutre, sobre aquela felicidade inaudita, tal como o frio sobre o grande Exército em 1812. Numa única noite passada a fazer contas com Dumay, Carlos Mignon tomara uma resolução. Todos os valores, sem excetuar os móveis, bastavam para pagar tudo.

— O Havre — dissera o coronel ao tenente — não me verá a pé. Dumay, tomo os teus sessenta mil francos a seis por cento...

— A três, meu coronel.

— A nada, então — respondera Carlos Mignon peremptoriamente. — Dar-te-ei tua parte nos meus novos negócios. O *Modesta*, que não mais me pertence, parte amanhã, e o comandante leva-me consigo. Tu ficas

encarregado de minha mulher e de minha filha. Não escreverei nunca! Falta de notícias, boas notícias.

Dumay, sempre tenente, não fizera uma única pergunta ao seu coronel, indagando dos seus projetos.

— Penso — dissera ele a Latournelle, com ar de quem sabe — que o coronel já tem seu plano feito.

No dia seguinte, ao clarear do dia, acompanhou o patrão a bordo do *Modesta*, que partia para Constantinopla.

Ali, na popa do navio, o bretão disse ao provençal:

— Quais são as suas últimas ordens, coronel?

— Que nenhum homem se aproxime do Chalé — exclamou o pai, mal retendo uma lágrima. — Dumay! Guarda-me minha última filha, como o faria um buldogue. Morte para quem tentasse seduzir minha segunda filha! Nada temas, nem mesmo o cadafalso; eu iria lá ter em seguida.

— Meu coronel, trate dos seus negócios em paz. Compreendo-o. Tornará a encontrar a srta. Modesta tal como acaba de ma confiar, ou então estarei morto! O senhor me conhece e conhece os meus dois cães dos Pireneus. Ninguém chegará até sua filha. Desculpe dizer-lhe tantas frases!

Os dois militares se haviam atirado nos braços um do outro, como dois homens que se tinham apreciado em plena Sibéria.

Nesse mesmo dia, o *Courrier du Havre* publicou esta terrível, simples, enérgica e honrada declaração:

> A casa Carlos Mignon suspendeu seus pagamentos. Entretanto, os liquidatários abaixo assinados assumem o compromisso de pagar todos os créditos passivos. Pode-se, desde já, descontar ao terceiro portador os documentos vencidos. A venda dos bens imóveis cobre integralmente as contas-correntes.
>
> É dado este aviso, pela honra da casa, e a fim de impedir qualquer abalo de crédito na praça do Havre.

O sr. Carlos Mignon partiu esta manhã no navio *Modesta* para a Ásia Menor, tendo deixado plenos poderes para o fim de realizar todos os valores, mesmo os imobiliários.

Dumay (liquidatário para as contas bancárias); *Latournelle*, *notário* (liquidatário para os bens da cidade e do campo); *Gobenheim* (liquidatário para os valores comerciais).

Latournelle devia sua fortuna à bondade do sr. Mignon, o qual lhe emprestara cem mil francos, em 1817, a fim de comprar o mais belo cartório do Havre. Esse pobre homem, sem recursos pecuniários, primeiro amanuense havia dez anos, alcançara então a idade de quarenta anos e se via amanuense para o resto da vida. Foi o único em todo o Havre cuja dedicação pôde ser comparada à de Dumay, pois Gobenheim aproveitou-se da liquidação para continuar as relações e os negócios do sr. Mignon, o que lhe permitiu montar um pequeno banco. Enquanto se manifestavam pesares na Bolsa, no porto, em todas as casas, enquanto o panegírico de um homem irrepreensível, honrado e bondoso saía de todas as bocas, Latournelle e Dumay, silenciosos e ativos como formigas, vendiam, realizavam, pagavam e liquidavam. Vilquin fez de generoso, comprando a vila, a casa da cidade e uma granja. Por isso, Latournelle aproveitou esse bom primeiro impulso, fazendo Vilquin pagar um bom preço. Quiseram visitar a sra. e a srta. Mignon; estas, porém, obedeceram a Carlos, refugiando-se no Chalé na mesma manhã da partida daquele, a qual lhes foi ocultada no primeiro momento. Para se não deixar entibiar pela dor, o corajoso banqueiro beijara a mulher e a filha, enquanto dormiam. Trezentos cartões de visita foram deixados na porta da casa Mignon. Quinze dias depois, o mais profundo esquecimento, profetizado por Carlos, revelava às duas mulheres a grandeza e sabedoria da medida ordenada. Dumay fez representar seu patrão em Nova York, Londres e Paris. Acompanhou a liquidação das três casas bancárias, às quais se devia a ruína, realizou quinhentos mil francos de 1826 a 1828, um oitavo

da fortuna de Carlos, e, obedecendo às ordens escritas na noite da partida, mandou-os no começo do ano de 1828, por intermédio da casa Mongenod,[219] em Nova York, pôr na conta do sr. Mignon. Tudo isso foi feito militarmente, salvo a retirada de trinta mil francos, indispensáveis para as necessidades pessoais da sra. e da srta. Mignon, como Carlos recomendara a Dumay que fizesse, mas que este não fez. O bretão vendeu sua casa da cidade por vinte mil francos e os entregou à sra. Mignon, considerando que, quanto mais capital tivesse o seu coronel, mais cedo voltaria.

— Por falta de trinta mil francos, às vezes se leva o diabo — disse ele a Latournelle, o qual lhe pagara pelo seu justo valor aquela casa, onde os habitantes do Chalé tinham sempre um apartamento.

Tal foi, para a célebre casa Mignon do Havre, o resultado da crise que, de 1825 a 1826, transtornou as principais praças de comércio, e que causou, se ainda se recordam desse tufão, a ruína de vários banqueiros de Paris, um dos quais presidia o Tribunal do Comércio.

VIII – HISTÓRIA SIMPLES

Compreende-se então que essa imensa queda, coroando um reinado burguês de dez anos, pudesse ter sido o golpe de misericórdia para Betina Wallenrod, que mais uma vez se viu separada do marido, sem nada saber de um destino na aparência tão perigoso, tão arriscado, quanto o exílio na Sibéria; mas o mal que a arrastava para o túmulo é para esses pesares visíveis o que é para os pesares comuns de uma família o filho fatal que a explora e arruína. A pedra infernal atirada no coração dessa mãe era uma das pedras tumulares do pequeno cemitério de Ingouville, sobre a qual se lia:

betina carolina mignon

Falecida aos vinte e dois anos

rogai por ela

1827

Essa inscrição significa para uma moça o que um epitáfio representa para muitos mortos, o índice das matérias de um livro desconhecido. O livro, ei-lo aqui, no seu resumo terrível, o qual pode explicar o compromisso assumido na despedida entre o coronel e o tenente.

Um rapaz, de rosto encantador, chamado Jorge d'Estourny, chegou ao Havre sob o pretexto vulgar de ver o *oceano* e viu aí Carolina Mignon. Um pseudoelegante de Paris nunca anda sem cartas de recomendação; por isso foi convidado por intermédio de um amigo dos Mignon para uma festa dada em Ingouville. Tendo se apaixonado furiosamente por Carolina, e por sua fortuna, entreviu um feliz desenlace. Em três meses recorreu a todos os meios de sedução e raptou Carolina. Quando tem filhas, um pai de família não deve deixar introduzir-se um rapaz em sua casa sem o conhecer, da mesma forma que não deve deixar sobre as mesas livros e jornais sem os ler. A inocência das raparigas é como o leite que pode talhar com um trovão, um perfume venenoso, uma temperatura alta, um nada, até mesmo um sopro. Ao ler a carta de adeus da sua filha mais velha, Carlos Mignon fez a sra. Dumay partir imediatamente para Paris. A família alegou a necessidade de uma viagem subitamente exigida pelo médico da casa, o qual se acumpliciou àquela mentira necessária, o que, porém, não impediu o Havre de dar à língua sobre aquela ausência.

— Como! Uma moça tão forte, com uma tez de espanhola e uma cabeleira de azeviche!...

— Ela? Tuberculosa?! ...

— Sim, dizem que ela praticou uma imprudência.

— Ah! Ah! — exclamava um Vilquin.

— Ela voltou banhada em suor de um passeio a cavalo e bebeu água

gelada, pelo menos é isso que diz o doutor Troussenard.

Quando a sra. Dumay voltou, as desgraças da casa Mignon estavam consumadas; ninguém prestou mais atenção à ausência de Carolina nem à volta da mulher do caixa. Em princípios de 1827, os jornais noticiaram o processo de Jorge d'Estourny, condenado, por constantes fraudes no jogo, pela polícia correcional. Esse jovem corsário exilou-se, sem se preocupar com a srta. Mignon, a quem a liquidação do Havre tirava todo valor.

Em pouco tempo, Carolina soube do seu infame abandono e da ruína da casa paterna. Tendo voltado num estado terrível e mortal, extinguiu-se, em poucos dias, no Chalé. Sua morte lhe protegeu, pelo menos, a reputação. De um modo geral, acreditaram na doença alegada pelo sr. Mignon, quando da fuga da filha, e na prescrição médica que mandara, diziam, a srta. Carolina para Nice. Até o último momento, a mãe tivera esperança de conservar a filha! Betina era a sua preferida, da mesma forma que Modesta era a de Carlos. Havia algo de comovedor nessas duas preferências. Betina era o retrato perfeito de Carlos, como Modesta o era da mãe. Cada um dos dois esposos prolongara seu amor na filha. Carolina, filha da Provença, tirara do pai seus belos cabelos, negros como a asa de um corvo, que tanto se admiram nas mulheres do sul, olhos castanhos, cortados como amêndoa, brilhantes como estrelas, a tez azeitonada e a pele dourada de um fruto aveludado, o pé arqueado, essa desenvoltura espanhola que faz rodopiarem as saias. Por isso, pai e mãe tinham orgulho do encantador contraste que apresentavam as duas irmãs.

— Um diabo e um anjo! — diziam sem malícia, embora fosse uma profecia.

Depois de ter chorado um mês, encerrada em seu quarto, onde quis ficar sem ver ninguém, a pobre alemã de lá saiu doente dos olhos. Antes de perder a vista, ela foi, contrariando os amigos, contemplar o túmulo de Carolina. Essa última imagem permaneceu colorida nas suas trevas,

como o espectro do último objeto olhado continua a brilhar depois de se fecharem os olhos em plena luz. Depois daquele horrível e duplo infortúnio, Modesta, que se tornara filha única, sem que o pai o soubesse, tornou Dumay não mais dedicado, e sim mais temeroso do que antes. A sra. Dumay, louca por Modesta, como todas as mulheres que não têm filhos, cobriu-a com toda a sua maternidade de empréstimo, sem contudo esquecer as ordens do marido, que desconfiava das amizades femininas. A ordem era precisa: “Se um homem, seja qual for a sua idade, e a que classe pertença”, dissera Dumay, “falar com Modesta, olhá-la, lhe dirigir olhares ternos, é um homem morto: arrebento-lhe os miolos e me vou entregar ao procurador do rei; minha morte talvez a salve. Se não queres que me cortem o pescoço, substitui-me bem junto a ela, enquanto eu estiver na cidade”. Fazia três anos que Dumay todas as noites examinava suas armas. Parecia ter associado, com partes iguais, no seu compromisso, aos dois cães dos Pireneus, animais de uma inteligência superior; um dormia dentro de casa e o outro era colocado numa casinhola de onde não saía, nem ladrava; mas no momento em que os dois fechassem as mandíbulas sobre um indivíduo seria um caso sério.

IX – UMA SUSPEITA

Pode-se agora presumir a vida levada no Chalé por mãe e filha. O casal Latournelle, muitas vezes acompanhado por Gobenheim, vinha mais ou menos todas as noites fazer companhia aos amigos e jogavam uíste. A palestra versava sobre assuntos do Havre, os pequenos acontecimentos da província. Entre nove e dez horas da noite, separavam-se. Modesta ia deitar a mãe, juntas rezavam suas orações, diziam uma à outra suas esperanças, falavam do querido viajante. Depois de beijar a mãe, a filha ia para seu quarto, às dez horas. No dia seguinte, Modesta levantava a mãe com os mesmos cuidados, as mesmas orações, as mesmas conversas. Seja

dito em louvor de Modesta que, desde o dia em que a terrível doença roubara um dos sentidos de sua mãe, ela se fez de sua camareira e patenteou a mesma solicitude em todos os instantes, sem descansar e sem achar aquilo monótono. Foi sublime de afeição, a todo momento, com uma mansidão rara nas moças bem apreciada pelas testemunhas daquela ternura. Também, para a família Latournelle e para o casal Dumay, Modesta era, quanto ao moral, a pérola que sabem. Entre o almoço e o jantar, as sras. Mignon e Dumay davam, nos dias de sol, um pequeno passeio até a beira do mar, acompanhadas por Modesta, pois que a infeliz cega precisava do auxílio de dois braços. Um mês antes da cena, em meio da qual esta explicação é como que um parêntese, a sra. Mignon conferenciara com os seus únicos amigos, a sra. Latournelle, o notário e Dumay, enquanto a sra. Dumay entretinha Modesta num longo passeio.

— Ouçam, meus amigos — disse a cega —, minha filha ama, eu o sinto, eu o vejo... Operou-se nela uma estranha revolução, e não sei como vocês ainda não o perceberam...

— Com os demônios! — exclamou o tenente.

— Não me interrompa, Dumay. Faz dois meses, Modesta se arruma como se tivesse de ir a uma entrevista. Tornou-se exigente para o calçado, quer realçar seu pé, ralha com a sra. Gobet, a sapateira. O mesmo acontece com a costureira. Em certos dias, a minha pobrezinha fica sombria, atenta, como se estivesse esperando alguém; a voz dela tem entonações breves, como se, quando a interrogam, a contrariassem no que espera, nos seus cálculos secretos; depois, se esse alguém esperado veio...

— Com os demônios!

— Sente-se, Dumay — disse a cega. — Pois bem, Modesta fica alegre! Oh! Ela não lhes parece alegre porque vocês não percebem essas nuanças, demasiado delicadas para olhos ocupados com o espetáculo da natureza; essa alegria se trai pelas notas de sua voz, por inflexões que eu percebo,

que explico. Modesta, em vez de ficar sentada, pensativa, mostra uma atividade louca, em movimento desordenado... Numa palavra, é feliz! Há ações de graça até nas ideias que ela exprime. Ah! Meus amigos, eu conheço bem a felicidade, tanto quanto a desgraça... Pelo beijo que minha pobre Modesta me dá, eu adivinho o que se passa nela; se ela recebeu o que esperava ou se está inquieta. Há muitas nuanças nos beijos, mesmo nos de uma moça inocente, pois Modesta é a inocência personificada, mas uma inocência instruída. Se sou cega, minha ternura é clarividente, e eu os convido a vigiarem minha filha.

Dumay, que se tornara feroz, o notário, como um homem que quer achar a solução de um enigma, a sra. Latournelle, como uma aia ludibriada, e a sra. Dumay, que partilhava os temores do marido, dedicaram-se a espionar Modesta. Modesta não ficou mais sozinha um segundo. Dumay passou as noites sob as janelas da moça, oculto no seu manto, como um espanhol ciumento; mas não pôde, com a sua sagacidade de militar, descobrir nenhum indício acusador. A menos que amasse os rouxinóis do parque Vilquin, ou algum príncipe duende, Modesta não teria podido ver ninguém, nem dar nem receber sinal algum. A sra. Dumay, que só se deitava depois de ver Modesta adormecida, vigiou os caminhos do alto do chalé com uma atenção igual à do marido. Sob o olhar desses quatro Argos,[220] a irrepreensível criança, cujos mais insignificantes movimentos foram estudados, analisados, foi tão completamente absolvida de qualquer conversação criminosa que os amigos acusaram a sra. Mignon de loucura, de preocupação. A sra. Latournelle, que conduzia, pessoalmente, Modesta à igreja, acompanhando-a da mesma forma na volta, foi encarregada de dizer à mãe que esta estava enganada a respeito da filha.

— Modesta — observou a sra. Latournelle — é uma jovem muito exaltada, que se apaixona pelas poesias deste, pela prosa daquele. A senhora não pode ajuizar da impressão que produziu nela a sinfonia do carrasco (expressão de Butscha, que emprestava espírito à sua benfeitora,

sem esperança de restituição), chamada *O último dia de um condenado*; mas, com a sua admiração por esse sr. Hugo, parecia-me uma louca. Não sei onde essa gente (Victor Hugo, Lamartine, Byron, são *essa gente*, para a sra. Latournelle) vai buscar as suas ideias. A pequena falou-me de *Childe Harold*,[221] e eu não quis ficar sem resposta; por isso tive a simpleza de me pôr a ler aquilo para poder discutir com ela. Não sei se devo culpar a tradução, mas o que é verdade é que o coração me angustiava, meus olhos piscavam, e eu não pude continuar. Encontraram-se ali comparações que urram, rochedos que se esfumam, as lavas da guerra!... Enfim, como é um inglês que viaja, a gente tem de esperar coisas estranhas, mas aquilo é demais. A gente se julga na Espanha, e ele põe a gente nas nuvens, acima dos Alpes; ele faz as torrentes e as estrelas falar; e, além disso, há virgens demais!.... É de ficar impaciente! Enfim, depois das campanhas de Napoleão, já temos de sobra balas de canhão incandescidas, bronzes sonoros rolando de página em página. Modesta me disse que todo esse patético vinha do tradutor e que era preciso ler em inglês. Mas eu não vou aprender inglês por Lord Byron, já que o não aprendi por Exupério. Prefiro muito mais os romances de Ducray-Duminil[222] a esses romances ingleses! Eu sou demasiado normanda para me entusiasmar por tudo que vem do estrangeiro, e sobretudo da Inglaterra!...

A sra. Mignon, apesar de seu eterno luto, não pôde deixar de sorrir à ideia da sra. Latournelle a ler *Childe Harold*. A severa notária aceitou o sorriso como uma aprovação das suas doutrinas.

— Assim é que, querida sra. Mignon, a senhora toma as fantasias de Modesta, os efeitos das suas leituras, por amoricos. Ela tem vinte anos. Nessa idade a gente gosta é de si mesma. Nós nos enfeitamos para nos vermos enfeitadas. Eu punha na minha falecida irmãzinha um chapéu de homem e brincávamos de senhores... A senhora teve em Frankfurt uma mocidade feliz, mas, sejamos justos... Modesta aqui não tem nenhuma distração. Apesar da complacência com que são acolhidos os seus

menores desejos, ela sabe que é vigiada, e a vida que leva, poucos prazeres oferece para uma moça que não tivesse, como acontece com ela, achado com que se divertir nos livros. Descanse, ela não quer a ninguém mais que a senhora... Considere-se muito feliz por ela se apaixonar pelos corsários de Lord Byron, pelos heróis de romance de Walter Scott, pelos seus alemães, os condes d'Egmont, Werther, Schiller e outros terminados em *er*.[223]

— E então, senhora? — disse respeitosamente Dumay, assustado com o silêncio da sra. Mignon.

— Modesta não está simplesmente enamorada, ela ama alguém! — respondeu obstinadamente a mãe.

— Senhora, trata-se de minha vida, e a senhora não levará a mal, não por minha causa, mas por minha pobre mulher, por meu coronel e por nós todos, que eu procure saber quem é que está enganado, se o cão de guarda, se a senhora....

— É você, Dumay! Ah! Se eu pudesse olhar minha filha!... — disse a pobre cega.

— Mas a quem poderá ela amar? — perguntou Latournelle. — Quanto a nós, respondo pelo meu Exupério.

— Não pode ser Gobenheim, a quem, desde a partida do coronel, só vemos nove horas por semana — disse Dumay. — De resto, ele não pensa em Modesta, aquele patacão feito homem! O tio dele, Gobenheim-Keller, vive a repetir-lhe: "Torna-te bastante rico para desposar uma Keller". Com esse programa, não há perigo que ele saiba a que sexo pertence Modesta. É tudo que vemos aqui em matéria de homens. Não conto com Butscha, pobre corcunda, eu gosto dele, ele é o seu Dumay, sra. — disse ele à notária. — Butscha sabe perfeitamente que um olhar que dirigisse à Modesta lhe acarretaria uma *tunda* à moda de Vannes... Não há mais nenhum vivente que tenha relações conosco. A sra. Latournelle que, depois da vossa... vossa desgraça, vem buscar Modesta para ir à igreja e a traz de volta, observou-a bem, nestes dias, durante a missa, e nada viu de

suspeito em torno dela. Enfim, se devo dizer-lhe tudo, eu mesmo, faz um mês, tenho varrido as aleias em redor da casa, e pela manhã tenho-as encontrado sem vestígios de passos.

— Os ancinhos não são nem caros nem difíceis de manejar — disse a filha da Alemanha.

— E os cães? — perguntou Dumay.

— Os namorados sabem achar filtros para eles — respondeu a sra. Mignon.

— Era caso de dar um tiro na cabeça, se a senhora tivesse razão, porque então eu teria sido logrado!... exclamou Dumay.

— E por quê, Dumay?

— Ora, senhora, eu não poderia suportar o olhar do coronel, se ele não encontrasse a filha, sobretudo agora que ela é única, tão pura e virtuosa como, quando a bordo, ele me disse: “Que o medo do cadafalso não te detenha, Dumay, quando se tratar da honra de Modesta!”.

— Eu bem reconheço nisso, aos dois! — disse a sra. Mignon com voz comovida.

— Sou capaz de apostar a minha salvação eterna que Modesta é pura como o era no seu berço — disse a sra. Dumay.

— Oh! Eu o saberei — replicou Dumay — se a senhora condessa me permite experimentar um meio, pois os veteranos entendem de estratagemas.

— Permito-lhe tudo o que nos puder esclarecer, sem prejudicar à nossa última filha.

— E como farás, Ana — perguntou a sra. Dumay —, para conhecer o segredo de uma moça, sendo ele tão bem guardado?

— Obedeçam-me todos, rigorosamente — exclamou o tenente. — Preciso do concurso de todos.

Este rápido resumo, que, habilmente desenvolvido, forneceria um completo quadro de costumes (quantas famílias poderão nele identificar os acontecimentos de sua vida!), basta para fazer compreender a

importância dos pequenos detalhes dados sobre os seres e as coisas, durante esse serão em que o velho militar se decidiu a lutar com uma moça e fazer sair do fundo daquele coração um amor observado por uma mãe cega.

X – O PROBLEMA FICA SEM SOLUÇÃO

Passou-se uma hora numa calma aterradora, interrompida pelas frases hieroglíficas dos jogadores de uíste: — Espada! — Trunfo! — Carta. — Temos as honras? — Dois de *tri* (sic)! — Oito! — Quem dá? — frases que constituem hoje as grandes emoções da aristocracia europeia. Modesta trabalhava, sem se admirar do silêncio em que permanecia a mãe. O lenço da sra. Mignon escorregou do seu regaço e caiu no chão, Butscha precipitou-se para apanhá-lo; quando se erguia, murmurou ao ouvido de Modesta:

— Tome cuidado...

Modesta pousou sobre o anão seus olhos admirados, cujos raios, como que suavizados, o encheram de uma alegria inefável.

"Ela não ama ninguém!", pensou o pobre corcunda, que esfregou as mãos, como para lhes arrancar a epiderme.

Naquele momento, Exupério precipitou-se no salão como um vendaval e disse ao ouvido de Dumay:

— Aí está o rapaz!

Dumay ergueu-se, apoderou-se das suas pistolas e saiu.

— Ah! Meu Deus! E se ele o mata? — exclamou a sra. Dumay, rompendo em pranto.

— Mas afinal, que há? — perguntou Modesta, olhando para os amigos com um ar cândido e sem mostrar temor nenhum.

— É que se trata de um rapaz que anda rondando o Chalé!... — exclamou a sra. Latournelle.

— E daí? — indagou Modesta. — Por que motivo Dumay o mataria?

— *Sancta Simplicitas!*... — disse Butscha, que contemplou o patrão com a mesma altivez com que Alexandre olha Babilônia num quadro de Lebrun.[224]

Modesta dirigiu-se à porta.

— Aonde vais, Modesta? — perguntou a mãe.

— Preparar as coisas para a senhora se deitar, mamãe — respondeu Modesta, com voz tão pura como o som de uma harmônica. E deixou o salão.

— Não ganhou para as despesas! — disse o anão a Dumay, quando este entrou.

— Modesta é casta como a Virgem dos altares — exclamou a sra. Latournelle.

— Por Deus! Emoções como estas me arrebentam — disse o caixa —; e note-se que sou bem forte.

— Quero perder vinte e cinco tostões se compreendo patavina de tudo isso que estão fazendo esta noite — disse Gobenheim. — Parecem-me todos loucos.

— E, entretanto, trata-se de um tesouro — disse Butscha, erguendo-se na ponta dos pés para alcançar o ouvido de Gobenheim.

— Infelizmente, Dumay, tenho quase certeza do que lhe disse — repetiu a mãe.

— Toca-lhe agora à senhora — disse Dumay com voz calma — provar-nos que estamos enganados.

Ao ver que se tratava apenas da honra da Modesta, Gobenheim pegou o chapéu, cumprimentou, saiu embolsando dez tostões e considerando impossível qualquer novo *rubber*.

— Exupério e tu, Butscha, deixai-nos — disse a sra. Latournelle. — Ide ao Havre, chegareis ainda a tempo de ver um espetáculo, pago-vos a entrada.

Quando a sra. Mignon ficou a sós com os quatro amigos, a sra. Latournelle, depois de ter olhado para Dumay, que, como bretão, compreendia a obstinação da mãe de Modesta, e para o marido, que brincava com as cartas, julgou-se autorizada a tomar a palavra.

— Vejamos, sra. Mignon, qual foi o fato decisivo que a impressionou?

— Ora, minha boa amiga, se a senhora fosse musicista, já teria compreendido, como eu, a linguagem de Modesta quando ela fala de amor.

O piano das duas srtas. Mignon estava entre os poucos móveis para uso das senhoras que foram trazidos da casa da cidade para o Chalé. Modesta afugentava às vezes o tédio estudando sem professor. Musicista de nascimento, ela tocava para distrair a mãe. Cantava naturalmente e repetia as árias alemãs que a mãe lhe ensinava. Dessas lições, desses esforços, resultara o fenômeno, comum nas naturezas impelidas por uma vocação, que, sem saber, Modesta compunha, como se pode compor desconhecendo a harmonia, canções puramente melódicas. A melodia está para a música como a imagem e o sentimento estão para a poesia; é uma flor que pode desabrochar espontaneamente. Por isso, os povos têm tido melodias nacionais antes da invenção da harmonia. A botânica surgiu depois das flores. Assim é que Modesta, sem nada ter aprendido de pintura, a não ser o que vira a irmã fazer, quando esta pintava suas aquarelas, ficava encantada e abatida diante de uma tela de Rafael, de Ticiano, de Rubens, Murilo, Rembrandt, Alberto Dürer e de Holbein, isto é, diante do belo ideal de cada país. Ora, fazia um mês que Modesta se entregava a gorjeios de rouxinol, a tentativas cujo sentido e poesia haviam despertado a atenção da mãe, muito surpreendida por ver Modesta encarniçada na composição, tentando árias sobre palavras desconhecidas.

— Se as suas suspeitas não têm outro fundamento — disse Latournelle à sra. Mignon —, lamento a sua suscetibilidade.

— Quando moças da Bretanha cantam — disse Dumay, sombrio —, o

pretendente está bem próximo delas.

— Eu os farei surpreender Modesta improvisando — disse a mãe —, e então verão!...

— Pobre criança — disse a sra. Dumay —, mas estou certa de que, se ela soubesse de nossas inquietações, ficaria desesperada e nos diria a verdade, principalmente se souber do que se trata para Dumay.

— Amanhã, meus amigos, interrogarei minha filha — disse a sra. Mignon —, e é possível que consiga mais dela pela ternura do que vocês pela manha...

A comédia da Moça Mal guardada[225] representava-se ali, como por toda parte, e como sempre, sem que aqueles honrados Bartolos[226] — espiões dedicados —, aqueles vigilantes cães dos Pireneus tivessem podido farejar, adivinhar, entrever o enamorado, a intriga, a fumaça ao fogo... Aquilo não era o resultado de um desafio, entre guardas e uma prisioneira, entre o despotismo do cárcere e a liberdade do detento, mas a eterna repetição da primeira cena representada ao levantar do pano da Criação: Eva no Paraíso. Quem, agora, tinha razão, a mãe ou o cão de guarda? Nenhuma das pessoas que cercavam Modesta podia compreender aquele coração de moça, porque a alma e o rosto estavam em harmonia, podem acreditar! Modesta transportara sua vida para um mundo tão negado em nossos dias como o de Cristóvão Colombo no século xvi. Felizmente, ela se calava; do contrário a julgariam louca. Expliquemos, antes de mais nada, a influência do passado sobre Modesta.

XI – AS LIÇÕES DA INFELICIDADE

Dois acontecimentos tinham definitivamente formado a alma como também desenvolvido a inteligência daquela moça. Acautelados pela catástrofe sucedida a Betina, os pais tinham resolvido, antes do desastre financeiro, casar Modesta. Tinham escolhido o filho de um rico banqueiro

hamburguês, estabelecido no Havre desde 1815, que, aliás, lhes devia atenções. Esse rapaz, chamado Francisque Althor, o dândi do Havre, dotado da beleza vulgar apreciada pela burguesia, o que os ingleses chamam um *mastok* (cores vivas, muita carne, tronco quadrado), abandonou tão bem a noiva no momento do desastre que não mais vira nem Modesta, nem a sra. Mignon, nem os Dumay. Tendo Latournelle ousado interrogar o papai Jacó Althor a esse respeito, o alemão dera de ombros, respondendo: "Não sei o que o senhor quer dizer!". Essa resposta, relatada a Modesta a fim de lhe dar experiência, foi tanto mais compreendida, por se terem Latournelle e Dumay estendido em comentários sobre aquela ignóbil traição. As duas filhas de Carlos Mignon, como moças mimadas que eram, montavam a cavalo, tinham cavalos, lacaios e gozavam de uma liberdade fatal. Ao ver-se diante de um namorado oficial, Modesta deixara Francisque beijar-lhe a mão, enlaçá-la pela cintura a fim de auxiliá-la a montar a cavalo; aceitou as flores que ele lhe oferecia, assim como essas pequenas demonstrações de ternura que constituem a corte feita à prometida; bordara-lhe uma bolsa por crer nessa espécie de laços, tão fortes para as almas belas, teias de aranha para os Gobenheim, os Vilquin e os Althor. Na primavera seguinte à instalação da senhora e da srta. Mignon no Chalé, Francisque Althor foi jantar em casa dos Vilquin. Ao ver Modesta, por sobre o muro do gramado, desviou o olhar. Seis semanas depois, casou com a mais velha das filhas de Vilquin. Modesta, bela, jovem, de alto nascimento, soube assim que durante três meses fora apenas a srta. Milhão. A pobreza sabida de Modesta foi, pois, uma sentinela que defendeu o Chalé tanto quanto a prudência dos Dumay e a vigilância do casal Latournelle.

Só falavam na srta. Mignon para injuriá-la com uns: — Pobre moça, que será dela! Vai ficar para tia.

— Que destino! Ter visto todo o mundo a seus pés, ter tido a possibilidade de desposar o filho de Althor, e agora sem ninguém que a queira!

— Ter conhecido a mais luxuosa vida e cair na miséria!

E não se julgue que essas injúrias fossem secretas e somente adivinhadas por Modesta; ela as ouviu, mais de uma vez, ditas por moças, e moças do Havre, de passeio por Ingouville, e que, sabendo que Modesta e a mãe moravam no Chalé, falavam delas ao passar por diante da linda habitação. Alguns amigos dos Vilquin admiravam-se frequentemente de que aquelas duas mulheres tivessem querido viver no meio das criações de seu antigo esplendor. Modesta, muitas vezes, ouviu por trás de suas persianas fechadas insolências deste jaez:

— Não sei como podem viver ali! — diziam ao passar em volta do gramado, e talvez para ajudar Vilquin a escorraçar seus inquilinos.

— De que vivem elas? Que poderão fazer ali?...

— A velha ficou cega!

— A srta. Mignon ainda está bonita? Ah! Ela não tem mais cavalos! Como era elegante!...

Ao ouvir essas ferozes tolices da inveja, que se atira espumante e raivosa até sobre o passado, muitas moças teriam sentido o sangue avermelhar-lhes a face; outras teriam chorado, algumas teriam experimentado impulsos de ira; Modesta, porém, sorria como se sorri no teatro, quando se ouvem atores. Sua altivez não se curvava até o nível dessas baixas palavras.

O outro acontecimento foi mais grave ainda do que aquela covardia mercantil. Betina-Carolina morrera nos braços de Modesta, que cuidou da irmã com a dedicação da adolescência, com a curiosidade de uma imaginação virgem. As duas irmãs, pelo silêncio das noites, trocaram muitas confidências. De que interesse dramático não se revestia Betina aos olhos da irmã inocente? Betina conhecia a paixão somente pela desgraça, morria por ter amado. Para as duas moças, todo homem por mais celerado que seja é sempre um amoroso. A paixão é o que há de verdadeiramente absoluto nas coisas humanas, não consente nunca em estar em erro. Jorge d'Estourny, jogador, devasso, culpado, esboçava-se

sempre, na recordação das duas moças, como o dândi parisiense das festas do Havre, cobiçado por todas as mulheres (Betina julgou tê-lo tomado da coquete sra. Vilquin), enfim, o feliz amante de Betina. A adoração numa moça é mais forte do que todas as reprovações sociais. Na opinião de Betina, a justiça enganara-se: como pôde condenar um homem por quem ela fora amada durante seis meses, amada até à paixão, no misterioso refúgio onde Jorge a escondera em Paris, para que ele pudesse conservar sua liberdade? Betina agonizante inoculara, pois, o amor em sua irmã, comunicara-lhe esta lepra da alma.

As duas moças conversaram muitas vezes sobre o grande drama da paixão, que a fantasia engrandece ainda mais, e a morta levara para o túmulo a pureza de Modesta, deixando-a, senão instruída, pelo menos devorada de curiosidade. Não obstante, o remorso cravara seguidamente os dentes agudos no coração de Betina, para que esta poupasse seus conselhos à irmã. Em meio às suas confissões, nunca deixara de advertir Modesta, de lhe recomendar obediência absoluta à família. Suplicara à irmã, na véspera de sua morte, que se recordasse daquele leito encharcado de lágrimas e que não imitasse um procedimento que tantas dores mal expiavam. Betina se acusava de ter atraído o raio sobre a família; morreu desesperada por não ter recebido o perdão do pai. Apesar dos consolos da religião, enternecida por tão grande arrependimento, Betina não adormeceu sem gritar no momento supremo: “Meu pai! Meu pai!...” num tom de voz lancinante.

— Não dês teu coração sem a tua mão — disse Carolina a Modesta, uma hora antes de morrer — e sobretudo não aceites nenhuma homenagem sem o consentimento de nossa mãe ou do papai...

Essas palavras tão comovedoras na sua verdade textual, ditas em plena agonia, repercutiram tanto mais fortemente na inteligência de Modesta, por Betina lhe haver ditado um solene juramento. Aquela pobre moça, clarividente como uma profetisa, tirou de sob o travesseiro um anel, no qual, por intermédio de sua fiel criada Francisca Cochet,

mandara gravar, em vez de um lema qualquer, as seguintes palavras: *Lembra-te de Betina, 1827.* Poucos momentos antes de exalar o último suspiro, pôs aquele anel no dedo da irmã, pedindo-lhe que o conservasse até o casamento. Houve, pois, entre aquelas duas moças, uma estranha reunião de pungentes remorsos e de ingênuas descrições da fugida estação, à qual se seguiram tão rapidamente as ventanias mortais do abandono, mas onde as lágrimas, os arrependimentos, as recordações foram sempre dominados pelo terror do mal.

E, entretanto, aquele drama da jovem seduzida que volta para morrer de uma doença horrível, sob um teto de miséria elegante, o desastre paterno, a crapulice do genro dos Vilquin, a cegueira consequente à dor da mãe correspondem apenas às aparências oferecidas por Modesta, e com as quais se os contentam Dumay e os Latournelle, porquanto nenhuma dedicação pode substituir a mãe!

XII – O INIMIGO QUE VIGIA NO CORAÇÃO DAS MOÇAS

Aquela vida monótona naquele Chalé elegante, entre as belas flores cultivadas por Dumay, aqueles hábitos de movimentos regulares como os de um relógio, aquele bom-senso provinciano, aquelas partidas de cartas, junto às quais se fazia tricô, aquele silêncio cortado apenas pelo mugido do mar nos equinócios, aquela tranquilidade monástica ocultava a mais tormentosa vida, a vida pelas ideias, a vida do mundo espiritual. Admiramo-nos por vezes das faltas praticadas pela moças solteiras; é que não existe então junto delas uma mãe cega que dê com o seu bastão golpes sobre um coração virgem, escavado pelos subterrâneos da fantasia. Os Dumay dormiam, quando Modesta abria a janela, imaginando que por ali podia passar um homem, o homem de seus sonhos, cavalheiro esperado que a tomaria na garupa, sujeitando-se ao tiro de Dumay. Abatida com a morte da irmã, Modesta se embrenhara em

leituras contínuas, que quase a imbecilizavam. Educada de modo a falar duas línguas, conhecia tão bem o alemão quanto o francês: depois, ela e a irmã tinham aprendido inglês com a sra. Dumay. Modesta, nesse particular, pouco vigiada por pessoas sem instrução, alimentara a alma com as obras-primas modernas das três literaturas, inglesa, alemã e francesa. Lord Byron, Goethe, Schiller, Walter Scott, Hugo, Lamartine, Crabbe, Moore,[227] as grandes obras dos séculos xvii e xviii, a história e o teatro, o romance, desde Rabelais até *Manon Lescaut*, desde os *Ensaios* de Montaigne até Diderot, desde os *Fabliaux* até a *Nova Heloísa*;[228] o pensamento de três países povoou de imagens confusas aquela cabeça sublime de fria ingenuidade, de virgindade contida, de onde se precipitou brilhante, armada, sincera e forte, uma admiração absoluta pelo gênio. Para Modesta, um livro novo era um grande acontecimento. Feliz com uma obra-prima a ponto de assustar a sra. Latournelle, conforme se viu; entristecida quando a obra não lhe tomava o coração. Um lirismo íntimo ferveu naquela alma cheia das ilusões da mocidade. Daquela vida flamejante, porém, nenhum clarão aflorava à superfície escapando à percepção do tenente Dumay e da sua esposa, bem como à dos Latournelle; somente os ouvidos da mãe cega lhe ouviram as crepitações. O profundo desdém então concebido por Modesta por todos os homens vulgares imprimiu em breve à sua fisionomia não sei quê de altivo e de selvagem, que temperou sua ingenuidade germânica, o que, de resto, combinava com um detalhe de seu rosto. As raízes de seus cabelos implantados em ponta sobre sua fronte pareciam prolongar o leve sulco que o pensamento já cavara entre as sobrancelhas, tornando assim aquela expressão de selvagerismo talvez um pouco acentuada. A voz daquela encantadora criança que, antes de sua partida, Carlos apelidara de sua *pequena chinela de Salomão*, por causa do seu espírito, adquirira a mais preciosa flexibilidade no estudo das três línguas. Tal vantagem era ainda realçada por um timbre ao mesmo tempo suave e fresco, que tanto atinge o coração quanto o ouvido. Se a mãe não podia ver a esperança de um

alto destino gravado naquela fronte, estudou, entretanto, as transições da puberdade da alma nos acentos daquela voz amorosa. Ao período esfaimado das leituras, sucedeu, em Modesta, a movimentação dessa estranha faculdade concedida às imaginações vivas, de se tornarem atores numa vida organizada como num sonho; de imaginar as coisas desejadas com uma impressão tão mordente que toca a realidade; enfim, de gozar pelo pensamento, de tudo devorar, mesmo os anos, de casar, de envelhecer, de assistir ao próprio enterro, como Carlos v,[229] e finalmente representar em si mesma a comédia da vida e, se preciso, a da morte. Modesta, essa representava a comédia do amor. Supunha-se adorada de acordo com os seus anseios, passando por todas as fases sociais. Feita heroína de um romance tenebroso, ela amava, ou o algoz, ou algum celerado que morria no cadafalso, ou como sua irmã, um jovem elegante sem vintém que tinha dares e tomares somente com a Sexta Câmara.[230] Imaginava-se uma cortesã e zombava dos homens por entre festas contínuas, como Ninon.[231]

Vivia sucessivamente a existência de uma aventureira ou a de uma atriz aplaudida, esgotando os riscos de Gil Blas[232] e os triunfos das Pasta, das Malibran, das Florine.[233] Cansada de horrores, voltava à vida real. Casava-se com um notário, comia o pão ordinário de uma vida honesta, via-se como uma sra. Latournelle. Aceitava uma vida penosa, suportava os azares de uma fortuna a acumular. Recomeçava depois os romances: era amada por sua beleza; um filho de par de França, rapaz excêntrico, artista, adivinhava-lhe o coração e percebia a estrela que o gênio das Staël[234] engastara em sua fronte. Finalmente, o pai regressava riquíssimo, milionário. Autorizada por sua experiência, ela submetia seus apaixonados a provas, nas quais conservava sua independência; possuía um castelo magnífico, criadagem, carruagens, tudo o que o luxo tem de mais curioso, e mistificava seus pretendentes até que chegasse aos quarenta anos, idade na qual tomava um partido. Essa edição das *Mil e uma noites*, de um único exemplar, durou cerca de um

ano e fez com que Modesta conhecesse a saciedade do pensamento. Muitas vezes ela encerrou a vida no côncavo da mão e a si mesma disse, filosoficamente, com demasiado amargor, com demasiada seriedade e com demasiada frequência: — E daí? Que mais?... — para não mergulhar até à cintura nessa repugnância profunda na qual caem os homens de gênio, que têm pressa de sair dela pelos imensos trabalhos da obra a que se dedicam. Não fosse a sua rica natureza e sua mocidade, Modesta teria ido para um claustro. Aquela saciedade atirou a moça, ainda ungida da graça católica, no amor do bem, no infinito do céu. Concebeu a caridade com a ocupação da vida; mas arrastou-se em tristezas sombrias, ao não encontrar mais em si alimento para a fantasia, encolhida no seu próprio coração, como um inseto venenoso no cálice de uma flor. E cosia, tranquilamente, roupinhas para os filhos de mulheres pobres! E ouvia com ar distraído as rabugices do sr. Latournelle, que recriminava o sr. Dumay por lhe ter cortado uma décima terceira carta, ou por lhe ter tirado o último trunfo. A fé orientou Modesta por uma via singular. Imaginou que, tornando-se irrepreensível, sob o ponto doutrinário católico, alcançaria tal estado de santidade que Deus a ouviria e realizaria seus desejos.

— A fé, segundo Jesus Cristo, pode transportar montanhas: o Salvador arrastou seu apóstolo por sobre o lago de Tiberíades,[235] eu, porém, peço a Deus apenas um marido — dizia ela a si mesma —, é muito mais fácil do que andar por sobre as águas. — Jejuou durante toda uma quaresma, e não cometeu nenhum pecado, por menor que fosse; depois, imaginou que, certo dia, ao sair da igreja, encontraria um belo rapaz, digno dela, que sua mãe poderia aceitar e que a seguiria loucamente apaixonado. No dia em que aprazara a Deus para que lhe mandasse um anjo, foi seguida obstinadamente por um mendigo repugnante; chovia a cântaros, e não havia um único rapaz à vista. Foi passear pelo porto para ver os ingleses desembarcarem, mas todos vinham acompanhados por inglesas, quase tão lindas quanto Modesta, que não viu nem sombra de

um *Childe Harold* transviado. Em tais momentos, invadia-a o pranto, quando, qual outro Mário[236] sentava sobre as ruínas de sua fantasia. Um dia em que *intimara* Deus, pela terceira vez, julgou que o eleito de seus sonhos tinha ido à igreja e obrigou a sra. Latournelle a olhar todas as colunas, imaginando que ele, por delicadeza, se escondia. Dessa feita, destituiu Deus de todo e qualquer poder. Frequentemente tinha conversações com esse amante imaginário, inventando perguntas e respostas, e lhe atribuía muito espírito.

A excessiva ambição do seu coração, oculta nesses romances, foi, pois, a causa daquela sensatez que tanta admiração provocava nos que cuidavam de Modesta; poderiam aqueles trazer-lhe quantos Francisque Althor e Vilquin Filhos existissem, que ela não se baixaria até semelhantes labregos. Queria pura e simplesmente um homem de gênio — o talento parecia-lhe pouco, da mesma forma que um advogado nada vale para a moça que anda à caça de um embaixador. Por isso, só desejava a riqueza para atirá-la aos pés de seu ídolo. O fundo de ouro, sobre o qual se destacavam as figuras de seus sonhos, era menos rico ainda do que o seu coração repleto das delicadezas da mulher, pois o seu pensamento dominante era tornar rico e feliz um Tasso,[237] um Milton, um Jean-Jacques Rousseau, um Murat,[238] um Cristóvão Colombo. As desgraças vulgares pouco comoviam àquela alma, que queria apagar as piras daqueles mártires muitas vezes ignorados em vida. Modesta tinha sede dos sofrimentos inominados, das grandes dores do pensamento. Ora preparava bálsamos, ora inventava pesquisas, músicas, os mil meios pelos quais poderia acalmar a feroz misantropia de Jean-Jacques. Ora se supunha esposa de Lord Byron e quase adivinhava seu desdém pelo real, mostrando-se tão extravagante quanto a poesia de Manfredo,[239] e suas dívidas faziam dele um católico. Modesta censurava a melancolia de Molière, a todas as mulheres do século xvii.

"Como", a si mesma perguntava, "não toca, para cada homem de gênio, uma mulher amorosa, rica, bela que se torne sua escrava como em

Lara[240] o pajem misterioso?"

Como veem, ela compreendera perfeitamente *il pianto* que o poeta inglês cantou no personagem de Gulnare.[241] Admirava muito o procedimento daquela jovem inglesa que se veio oferecer a Crébillon Filho[242] e que este desposou. A história de Sterne e de Elisa Draper[243] encheu-lhe a vida e a fez feliz durante alguns meses. Transformada, na sua imaginação, em heroína de tal romance, por mais de uma vez estudou o papel sublime de Elisa. A admirável sensibilidade, tão graciosamente expressa naquela correspondência, encheu-lhe os olhos de lágrimas que, segundo afirmam, faltaram nos olhos do mais espirituoso dentre os autores ingleses.

Modesta viveu, pois, algum tempo ainda pela compreensão, não somente das obras, mas também do caráter dos seus autores favoritos.

Goldsmith, o autor de *Obermann*, Charles Nodier, Maturin,[244] os mais pobres, os mais sofredores, eram os seus deuses; adivinhava-lhes as dores, iniciava-se naqueles desenlaces estremeados de contemplações celestes, ali derramava os tesouros de seu coração; via-se como autora do bem-estar material desses artistas, mártires das próprias faculdades. Essa nobre compaixão, essa intuição das dificuldades do trabalho, esse culto do talento, é uma da mais raras fantasias que jamais tenha adejado na alma de uma mulher. Inicialmente, é como que um segredo entre a mulher e Deus; porque nada há nisso de brilhante, nem coisa alguma que lisonjeie a vaidade, esse poderoso auxiliar das ações, na França.

XIII – O PRIMEIRO ROMANCE DAS MOÇAS

Desse terceiro período de ideias nasceu, em Modesta, o desejo de penetrar no íntimo de uma dessas existências anormais, de conhecer as molas do pensamento, os infortúnios íntimos do gênio, e o que ele quer, e o que ele é. Desse modo, nela, os ímpetos desordenados da fantasia, as

viagens de sua alma no vácuo, as sortidas tentadas nas trevas do futuro, a impaciência de um amor em bloco a ser levado a um ponto, a nobreza de suas ideias no que dizia respeito à vida, a resolução previamente tomada de sofrer numa esfera elevada, em vez de patinhar nos charcos da vida de província, como fizera sua mãe, o compromisso que consigo mesma mantinha de não claudicar, de respeitar o lar paterno e de não lhe trazer senão alegrias, todo esse mundo de sentimentos concretizou-se finalmente, tomando uma forma. Modesta quis ser a companheira de um poeta, de um artista, enfim, de um homem superior à massa dos homens; mas quis escolhê-lo, não lhe dar seu coração, sua vida, sua imensa ternura liberta dos incômodos da paixão, senão depois de o ter submetido a um estudo aprofundado. Começou por gozar desse lindo romance. Reinou em sua alma a mais completa tranquilidade, seu rosto suavemente se coloriu. Tornou-se a bela sublime imagem da Alemanha que viram, a glória do Chalé, o orgulho da sra. Latournelle e dos Dumay. Modesta teve então uma dupla existência. Cumpria humildemente e com carinho todas as minúcias da vida vulgar do Chalé, a qual lhe servia de freio para encerrar o poema de sua vida ideal, a exemplo dos Cartuxos, que regularizam a vida material e buscam ocupações para deixar a alma desenvolver-se na oração. Todas as grandes inteligências se adstringem a algum trabalho mecânico, a fim de se assenhorearem do pensamento. Spinoza polia vidros para óculos, Bayle contava as telhas dos telhados, Montesquieu se ocupava de jardinagem. Com o corpo assim domado, a alma abre as asas em plena segurança. A sra. Mignon, que lia na alma da filha, tinha, pois, razão. Modesta amava, amava com esse amor platônico tão raro, tão pouco compreendido, a primeira ilusão das donzelas, o mais delicado de todos os sentimentos, a gulodice do coração. Bebia a largos sorvos na taça do desconhecido, do impossível, do sonho. Admirava o pássaro azul do paraíso das moças, que canta a distância e sobre o qual a mão jamais pode pousar, que se deixa entrever e que o chumbo de nenhuma espingarda atinge, cujas cores mágicas, cujas pedrarias

cintilam, deslumbram os olhos e que não mais se torna a ver assim que aparece a realidade, essa hedionda harpia, acompanhada de testemunhas e do senhor *maire*.

Ter todas as poesias do amor sem ver o amante! Que suave devassidão! Que Quimera integral, com todos os pelos e asas!

Eis o fútil e ingênuo acaso que decidiu da vida da nossa amiga. Modesta viu, na vitrina de um livreiro, o retrato litografado de um dos seus favoritos, Canalis.[245] Bem sabem quanto são enganadores esses esboços, frutos de hediondas especulações, que exploram as pessoas célebres, como se seus rostos fossem uma propriedade pública. Ora, Canalis, desenhado numa atitude bastante byroniana, oferecia à admiração pública os seus cabelos revoltos, seu pescoço nu, a fronte desmedida que todo bardo deve ter. A fronte de Victor Hugo fará raspar tantos crânios quanto a glória de Napoleão matou marechais em projeto. Aquela imagem, sublime por necessidade mercantil, impressionou Modesta; e no dia em que comprou aquele retrato, acabava de aparecer um dos mais belos livros de d'Arthez.[246] Embora Modesta tivesse de ser prejudicada por isso, cumpre confessar que hesitou muito tempo entre o ilustre poeta e o ilustre prosador. Mas seriam livres esses dois homens célebres? Modesta começou por conseguir a cooperação de Francisca Cochet, a rapariga que acompanhara a pobre Betina-Carolina e que a sra. Mignon e a sra. Dumay empregavam por dia, de preferência, a qualquer outra. Levou para o quarto essa rapariga bastante desfavorecida; jurou-lhe que jamais daria o menor desgosto aos pais; que jamais ultrapassaria os limites impostos a uma moça; quanto a ela, Francisca, mais tarde, quando o pai regressasse, lhe garantiria uma existência tranquila, com a condição de guardar um segredo inviolável sobre o serviço que lhe pedia. De que se tratava? De pouca coisa, uma coisa inocente. O que Modesta exigia da sua cúmplice era apenas pôr cartas no correio e retirar as que viessem dirigidas a Francisca Cochet. Concluído o pacto, Modesta escreveu uma pequena carta, cortês, a

Dauriat,[247] editor das poesias de Canalis, na qual lhe perguntava, no interesse do grande poeta, se este era casado; pedia-lhe depois que dirigisse a resposta à srta. Francisca, posta-restante, Havre.

XIV – UMA CARTA DE LIVREIRO

Dauriat, incapaz de levar aquilo a sério, respondeu, numa carta feita em colaboração com cinco ou seis jornalistas no seu gabinete, e na qual cada um pôs seu epigrama:

Senhorita,

Canalis (barão de), Constante Ciro Melquior, membro da Academia Francesa, nascido em 1800, em Canalis (Corrèze); com cinco pés e quatro polegadas de estatura, em muito bom estado, vacinado, de raça pura, reservista, goza de perfeita saúde, possui uma pequena propriedade rural, patrimonial, no Corrèze, e deseja casar-se, mas ricamente.

Seu escudo é partido de goles e de sable; no 1º, uma acha de ouro e no 2º, uma vieira de prata; encimado por coroa de barão e, como suportes, dois lariços de sinople.

O primeiro Canalis, que partiu para a Terra Santa na primeira cruzada, é citado nas crônicas de Auvergne por se ter apresentado unicamente com uma acha d'armas, por causa da completa indigência em que se achava e que desde esse tempo pesa sobre a sua raça. Daí, sem dúvida, o seu escudo. A acha não deu mais do que um copo de espada.[248] Esse poderoso barão, aliás, é célebre, hoje, por ter derrotado inúmeros infiéis e morreu em Jerusalém, sem ouro nem ferro, nu como um verme, na estrada de Ascalão, por não existirem ainda ambulâncias.

O castelo de Canalis, que rende algumas castanhas, consta de duas torres desmanteladas, reunidas por um traço de muralha notável por uma hera admirável, e paga vinte e dois francos de imposto.

O editor abaixo assinado observa que compra por dez mil francos cada volume de poesias ao sr. de Canalis, que não dá o que pode vender.[249]

O *chantre* de Corrèze mora à rue Paradis-Poissonnière, número 29, o qual, para um poeta da escola angelical, é um quarteirão conveniente. Os versos atraem para ali os trouxas, como os vermes atraem os cadozes.[250] Franquear.[251]

Algumas nobres damas do Faubourg Saint-Germain, segundo dizem, enveredam muitas vezes pelo caminho do paraíso e protegem o deus. O rei Carlos x considera esse grande poeta ao ponto de o julgar capaz de se tornar administrador; nomeou-o recentemente oficial da Legião de Honra e, o que ainda é melhor, referendário adido ao Ministério dos Negócios Exteriores. Essas funções de modo nenhum impedem o grande homem de receber uma pensão de três mil francos, sobre os fundos destinados ao fomento das artes e das letras. Esse êxito monetário causa, na livraria, uma oitava praga da qual o Egito escapou: os versos.[252]

A última edição das obras de Canalis, publicada em velino, formato *cavalier*, com vinhetas por Bixiou, José Bridau, Schinner, Sommervieux[253] etc., impressa por Didot[254], compõe-se de cinco volumes, a nove francos, via postal.

Essa carta caiu como um tijolo sobre uma tulipa. Um poeta, referendário, estipendiado num ministério, recebendo uma pensão, perseguindo a roseta vermelha, requestado pelas damas do Faubourg Saint-Germain, parecer-se-ia com o poeta enlameado, flanando pelos cais, triste, sonhador, sucumbido ao peso do trabalho e subindo à sua mansarda, carregado de poesia?...

Não obstante, Modesta percebeu a troça do livreiro invejoso que dizia: — Fiz Canalis! Fiz Nathan! — De resto, releu as poesias de Canalis, versos excessivamente impostores, cheios de hipocrisia, e que exigem uma palavra de análise, quando mais não seja para explicar a sua sedução.

XV – UM POETA DA ESCOLA ANGÉLICA

Canalis distingue-se de Lamartine, o chefe da Escola Angelical, por uma lábia de enfermeiro, por uma enganosa meiguice, por uma correção deliciosa. Se o mestre de gritos sublimes é uma águia, Canalis, branco e róseo, é como um flamingo. Nele as mulheres veem o amigo que lhes falta, um confidente discreto, seu intérprete, um ser que as compreende, que pode explicá-las a si mesmas. As grandes margens deixadas por Dauriat na última edição estavam cheias de confissões escritas a lápis por Modesta, que simpatizava com aquela alma sonhadora e terna. Canalis

não possui o dom da vida, não insufla existência às suas criações; mas sabe acalmar os sofrimentos vagos como os que assaltavam Modesta. Fala às moças a sua linguagem, adormece as dores das mais sangrentas feridas, amortecendo os gemidos e até mesmo os soluços. O seu talento não consiste em fazer belos discursos aos doentes, em lhes dar o remédio das emoções fortes; contenta-se em lhes dizer com voz harmoniosa, na qual se acredita:

— Sou infeliz como vós, compreendo-vos bem; vinde a mim, choremos juntos, à beira desse regato, à sombra dos salgueiros...

E elas vão! E escutam a poesia vazia e sonora, como o canto com que as amas adormecem as crianças.

Canalis, como Nodier, enfeitiça com uma ingenuidade natural no prosador, e estudada no poeta, com a sua finura, o seu sorriso, as suas flores desfolhadas, uma filosofia infantil. Imita bem a linguagem dos primeiros dias para nos fazer voltar aos prados da ilusão. Somos impiedosos com as águias, exigimo-lhes as qualidades do diamante, uma perfeição incorruptível; com Canalis, porém, todos se contentam com o vintenzinho do órfão, tudo se lhe desculpa. Parece um bom moço, sobretudo humano. Essas caretas de poeta angelical dão-lhe ótimos resultados, da mesma forma que darão sempre resultado as da mulher que sabe fazer a ingênua, a surpreendida, a jovem, a vítima, o anjo ferido.

Modesta, revendo suas impressões, confiou naquela alma, naquela fisionomia tão encantadora como a de Bernardin de Saint-Pierre.[255] Não deu ouvidos ao editor. Portanto, em princípios de agosto, escreveu a seguinte carta àquele novo Dorat de sacristia,[256] que ainda hoje é tido como uma das estrelas da plêiade moderna.

I – AO SR. DE CANALIS

Por várias vezes, senhor, quis escrever-lhe, e por quê? Não lhe é difícil adivinhar: para dizer-lhe quanto aprecio o seu talento. Sim, experimento a necessidade de exprimir-lhe a

admiração de uma pobre moça da província, solitária no seu canto, e para quem toda a felicidade consiste em ler as suas poesias. De *René*,[257] cheguei ao senhor. A melancolia conduz ao devaneio. Quantas outras mulheres já lhe devem ter enviado a homenagem de seus pensamentos secretos... Qual a minha probabilidade de ser distinguida nessa multidão? Que terá este papel, cheio da minha alma, mais do que todas as cartas perfumadas que o perseguem? Apresento-me com mais sensaboria do que as outras, porque quero permanecer incógnita e peço uma plena confiança, como se o senhor me conhecesse de há muito.

Responda-me, seja bom para comigo. Não assumo o compromisso de me dar um dia a conhecer; entretanto, não digo absolutamente que não. Que posso dizer mais nesta carta?... Veja nela, senhor, um grande esforço e permita-me estender-lhe a mão, oh! Uma mão bem amiga, a de sua servidora

o. d'este-m.

Se me fizer a mercê de uma resposta, dirija, peço-lhe, sua carta à srta. F. Cochet, posta-restante, Havre.

Agora, todas as moças, românticas ou não, podem imaginar a impaciência em que Modesta viveu durante alguns dias! O ar estava cheio de línguas de fogo. As árvores pareciam-lhe uma plumagem. Ela não sentia o próprio corpo, planava na natureza! A terra cedia sob seus passos. Admirando a instituição do correio, ela seguiu a trajetória de sua pequena folha de papel pelo espaço, sentiu-se feliz, como se é feliz aos vinte anos, com o primeiro exercício da vontade. Estava ocupada, possessa, como na Idade Média. Imaginou o apartamento, o gabinete de trabalho do poeta, viu-o abrindo a sua carta. E fazia suposições aos milhares.

Depois de haver esboçado a poesia, é necessário dar aqui o perfil do poeta.

Canalis é um homenzinho seco, de porte aristocrático, moreno, dotado de um rosto *vitulino*, e de uma cabeça um tanto pequena, como a dos homens que têm mais vaidade do que orgulho. Gosta do luxo, do brilho, da grandeza. Para ele, a fortuna é uma necessidade maior do que para qualquer outro. Orgulhoso da sua nobreza, tanto quanto do seu talento,

matou seus antepassados por demasiadas pretensões no presente. Afinal de contas, os Canalis não são nem os Navarreins, nem os Cadignan, nem os Grandlieu, nem os Nègrepelisse.[258] Não obstante, a natureza favoreceu as suas pretensões. Tem esses olhos de um brilho oriental que se requerem nos poetas, maneiras de uma bonita distinção, voz vibrante, mas um charlatanismo natural quase destrói essas vantagens. É comediante de boa-fé. Se adianta um pé muito elegante, ele o faz por hábito.

Se tem fórmulas declamatórias, elas lhe pertencem. Se toma atitudes dramáticas, é que fez delas sua segunda natureza. Essa espécie de defeito concorre para uma constante generosidade, ao que se deve denominar *paladinagem*, em contraste com a *cavalaria*. Canalis não tem fé suficiente para ser Dom Quixote; tem, porém, demasiada elevação para não se colocar sempre do lado conveniente das questões. Essa poesia, que faz suas erupções militares a propósito de tudo, prejudica muito a esse poeta que, aliás, não carece de espírito, mas a quem seu talento impede de desenvolver o espírito; é dominado por sua reputação, visa parecer maior do que ela. Assim, como frequentemente acontece, o homem está em completo desacordo com os produtos de seu pensamento. Aqueles trechos carinhosos, ingênuos, cheios de ternura, aqueles versos calmos, puros como o gelo dos lagos, aquela acariciadora poesia feminina têm como autor um pequeno ambicioso, apertado na sua casaca, com figura de diplomata, sonhando com uma influência política, aristocrata de causar náusea, amaneirado, pretensioso, sedento de fortuna, a fim de ter a renda necessária para a sua ambição, já pervertido pelo êxito sob a sua dupla forma: a coroa de louros e a coroa de mirto. Um posto de oito mil francos, três mil francos de pensão, os dois mil francos da Academia e os mil escudos da renda patrimonial, desfalcados pelas necessidades agronômicas das terras de Canalis, um total de quinze mil francos fixos, e mais os dez mil francos que lhe rendia a poesia, uns anos pelos outros, no total vinte e cinco mil libras. Para o herói de Modesta, essa importância

constituía uma fortuna tanto mais precária, porquanto gastava cinco ou seis mil francos mais do que os seus rendimentos: mas o cofre do rei, os fundos secretos do ministério cobriam esses déficits. Ele achara, para a sagração, um hino que lhe valeu uma baixela de prata. Recusou qualquer quantia em dinheiro, pois, assegurou, os Canalis deviam suas homenagens ao rei de França. O rei cavaleiro sorriu e encomendou a Odiot uma valiosa edição dos versos de *Zaira*:

> *Ah! versificateur, te serais-tu flatté*
> *D'effacer Charles Dix en générosité?* [259]

Desde essa época, Canalis tinha, segundo a pitoresca expressão dos jornalistas, esvaziado o seu saco; sentia-se incapaz de inventar uma nova fortuna de poesia; sua lira não possui sete cordas, tem uma apenas; e, à força de a ter tocado, o público não lhe deixava outra alternativa que não a de se enforcar com ela ou de calar-se. De Marsay,[260]que não gostava de Canalis, permitira-se um gracejo cuja ponta envenenada atingira o poeta ao vivo no seu amor-próprio.

— Canalis — disse ele uma vez — lembra-me o homem mais corajoso assinalado pelo grande Frederico, depois da batalha, *aquele corneta que não deixara de soprar a mesma coisa no seu pequeno turlututu*.

Canalis quis tornar-se político e aproveitou-se, para estrear, da viagem que fizera a Madri, por ocasião da embaixada do duque de Chaulieu, na qualidade de adido, *mas de adido à duquesa*,[261] segundo o dito então em voga nos salões de Paris. Quantas vezes um sarcasmo não terá decidido a vida de um homem? O antigo presidente da república Cisalpina, o maior advogado do Piemonte, Colla,[262] ouviu de um amigo, aos quarenta anos, que ele, Colla, nada entendia de botânica; isso o feriu, tornou-se um Jussieu, cultivou flores, inventou algumas e publicou a *Flora do Piemonte*, em latim, trabalho de dez anos. "Afinal de contas, Canning e Chateaubriand[263] são homens políticos", pensou

consigo mesmo o poeta extinto “e de Marsay encontrará em mim o seu mestre!”

De bom grado, Canalis quisera escrever uma grande obra sobre política, mas temia comprometer-se com a imprensa francesa, cujas exigências são cruéis para com aqueles que contraem o hábito de empregar quatro alexandrinos para exprimir uma ideia.

De todos os poetas desse tempo, somente três: Hugo, Théophile Gautier e de Vigny puderam acumular a dupla glória de poeta e prosador, o que também conseguiram Racine e Voltaire, Molière e Rabelais, uma das mais raras distinções da literatura francesa e que deve assinalar um poeta entre todos. Portanto, o poeta do Faubourg Saint-Germain agia sensatamente ao tentar recolher seu carro sob o teto protetor da administração.

XVI – PARTICULARIDADES DOS SECRETÁRIOS PARTICULARES

Ao tornar-se referendário, Canalis sentiu a necessidade de ter um secretário, um amigo que o pudesse substituir em múltiplas ocasiões, arranjar seus negócios na livraria, cuidar de sua glória nos jornais e, caso fosse preciso, ajudá-lo na política, ser em resumo a sua alma danada. Muitos homens célebres nas ciências, nas artes, nas letras, têm, em Paris, um ou dois caudatários, um capitão da guarda, ou um camarista, que vivem ao calor dos raios de seu sol, espécies de ajudantes de campo encarregados das missões delicadas, deixando-se mesmo comprometer, em caso de necessidade, trabalhando no pedestal do ídolo, não de todo seus criados, nem totalmente seus iguais, ousados no reclame, os primeiros na brecha, protegendo as retiradas, tratando dos negócios e dedicados, enquanto as ilusões perduram, ou até o momento em que veem seus desejos satisfeitos. Alguns reconhecem um pouco a ingratidão do seu grande homem, outros se julgam explorados, muitos se cansam do

ofício, poucos se contentam com aquela doce igualdade de sentimento, única recompensa que se deve buscar na intimidade de um homem superior, e com a qual se contentava Ali, erguido por Maomé até ele. Muitos se estimam tão capazes como o seu grande homem, iludidos pelo amor-próprio. A dedicação é rara, principalmente sem remuneração, sem esperança, como a concebia Modesta. Não obstante, encontram-se alguns Menneval[264] e mais em Paris do que em qualquer outro lugar, homens que se deleitam numa vida obscura, num trabalho tranquilo, beneditinos transviados na nossa sociedade, seus mosteiros. Esses cordeiros corajosos põem nos seus atos, na sua vida íntima, a poesia que os escritores exprimem. São poetas pelo coração, por suas meditações solitárias, pela ternura, como outros são poetas no papel, nos campos da inteligência e a tanto cada verso!, como Lord Byron, como todos os que vivem, infelizes, da sua tinta, a água de Hipocrene[265] de hoje, por culpa do governo.

Atraído pela glória de Canalis, pelo futuro destinado àquela pretensa inteligência política, e aconselhado pela sra. d'Espard[266], que nisso trabalhava para a duquesa de Chaulieu, um jovem conselheiro, referendário no Tribunal de Contas, constituiu-se em secretário benévolo do poeta e foi acarinhado por ele, da mesma forma que um especulador acaricia o primeiro capitalista que lhe empresta dinheiro. As primícias dessa camaradagem se assemelharam muito a uma amizade. Esse rapaz já havia feito um estágio junto a um ministro caído em 1827; mas o ministro tivera o cuidado de o colocar no Tribunal de Contas. Ernesto de La Brière, rapaz então de vinte e sete anos, condecorado com a Legião de Honra, sem mais fortuna que os emolumentos do cargo, conhecia a prática dos negócios e sabia muito, depois de ter vivido durante quatro anos no gabinete do principal ministério.

Delicado, amável, com um coração quase pudico e cheio de bons sentimentos, repugnava-lhe aparecer no primeiro plano. Amava a sua terra, queria ser-lhe útil, mas o brilho o deslumbrava. Se tivesse de escolher, preferiria o cargo de secretário às ordens de um Napoleão, ao de

primeiro-ministro. Ernesto, tendo-se feito amigo de Canalis, realizou, para este, grandes trabalhos; mas, em dezoito meses, percebeu a secura daquela natureza, tão poética somente pela expressão literária. A verdade do provérbio popular: “O hábito não faz o monge” é sobretudo aplicável à literatura. É extremamente raro encontrar acordo entre o talento e o caráter. As faculdades não são o resumo do homem. Essa separação, cujos fenômenos espantam, provém de um mistério inexplorado e talvez inexplorável. O cérebro, os seus produtos de toda espécie, pois nas artes a mão do homem prolonga o pensamento, são um mundo à parte que floresce sob o crânio, numa independência perfeita dos sentimentos, do que denominamos virtudes do cidadão, do pai de família, do homem privado. Isso, entretanto, não é absoluto. Nada no homem é absoluto. É certo que o devasso malbaratará seu talento, que o ébrio o gastará nas suas libações, sem que o homem virtuoso possa conseguir talento por meio de uma boa higiene; mas também está provado que Virgílio, o poeta do amor, jamais amou uma Dido, e que Rousseau, o cidadão-modelo, tinha orgulho bastante para uma aristocracia inteira. Contudo, Michelangelo e Rafael possuíam o feliz acordo do gênio e da forma do caráter. O talento nos homens é, pois, quanto ao moral, o que a beleza é nas mulheres: uma promessa. Admiremos duplamente o homem no qual o coração e o caráter se igualem, em perfeição, ao talento. Ao descobrir sob o poeta um egoísta ambicioso, a pior espécie de egoístas, pois os há amáveis, Ernesto experimentou não sei que pudor em deixá-lo. As almas honestas não rompem seus laços com facilidade, sobretudo os que ataram voluntariamente. O secretário vivia, pois, em bons termos com o poeta, quando a carta de Modesta trafegava pelo correio; mas como é possível viver em bons termos, à custa de sacrifícios. La Brière levava em conta a Canalis a franqueza com a qual este se lhe abrira. De resto, nesse homem que será sempre considerado grande durante a vida, que será festejado como o foi Marmontel,[267]os defeitos são o avesso de brilhantes qualidades. Assim é que, sem a sua vaidade, nem a sua pretensão, talvez

não tivesse ele tido aquela dição sonora, instrumento necessário para a vida política atual. Sua secura deu em retidão e lealdade. Sua ostentação era mesclada de generosidade. Os resultados são proveitosos para a sociedade; quanto aos motivos, esses, só a Deus interessam. Mas, quando chegou a carta de Modesta, Ernesto não tinha mais ilusões a respeito de Canalis.

XVII – VÃO LÁ ESCREVER AOS POETAS FAMOSOS!

Os dois amigos tinham acabado de almoçar e conversavam no gabinete do poeta, que ocupava então, no fundo de um pátio, um apartamento no rés-do-chão que dava para um jardim.

— Oh! — exclamou Canalis. — Bem que eu dizia, há pouco, à sra. de Chaulieu, que devo publicar algum novo poema, porque a admiração está baixando, pois já faz tempo que não recebo cartas anônimas...

— Uma desconhecida? — perguntou La Brière.

— Uma desconhecida! Uma d'Este,[268] e no Havre! Deve ser um pseudônimo.

E Canalis deu a carta a La Brière. Aquele poema, aquela exaltação oculta, enfim, o coração de Modesta, foi despreocupadamente entregue, com um gesto de vaidade.

— É uma beleza — exclamou o referendário — atrair assim os mais pudicos sentimentos, obrigar uma pobre mulher a sair dos hábitos que a educação, a natureza, a sociedade lhe impõem, a romper com as convenções... Que privilégio adquire o gênio! Uma carta como esta que aqui está, escrita por uma moça, uma verdadeira moça, sem segundas intenções, com entusiasmo...

— E daí? — perguntou Canalis.

— Pois bem! Pode-se ter sofrido tanto como o Tasso, mas se é recompensado — exclamou La Brière.

— É o que nós dizemos, meu caro, na primeira, na segunda carta —, comentou Canalis — mas, quando é a trigésima... Mas quando verificamos que a jovem entusiasta é bastante velhaca! Mas quando, no fim da brilhante estrada percorrida pela exaltação do poeta, topamos com uma velha inglesa sentada num barco, a nos estender a mão... Mas quando o anjo do correio se transforma numa pobre rapariga, mediocremente bonita, em busca de marido!... Oh! Então, a efervescência se acalma.

— Começo a crer — disse La Brière, sorrindo — que a glória tem qualquer coisa de venenoso, como certas flores deslumbrantes.

— E, de resto, meu amigo — replicou Canalis —, todas essas mulheres, mesmo quando sinceras, têm um ideal, e raramente correspondemos a ele. Elas não imaginam que o poeta seja um homem bastante vaidoso, como sou classificado; nunca imaginam o que seja um homem acometido de uma espécie de agitação febril que o torna desagradável, volúvel; querem-no sempre grande, sempre belo; nunca consideram que o talento é uma doença; que Nathan vive com Florina, que d'Arthez é demasiado gordo, que José Bridau é demasiado magro, que Béranger[269] anda muito bem a pé, que o Deus pode ter uma coriza. Um Luciano de Rubempré, poeta e rapaz bonito, é uma fênix. E para que ir em busca de louvores medíocres e receber as duchas frias que nos aplica o olhar pasmado de uma mulher desiludida?...

— O verdadeiro poeta — disse La Brière — deve então conservar-se escondido, como Deus, no centro dos seus mundos, e não ser visível senão por suas criações?

— A glória assim custaria demasiado caro — respondeu Canalis. — A vida é boa. Olha! — disse ele, segurando uma xícara de chá — Quando uma nobre e bela mulher ama um poeta, não se oculta nem sob as abóbadas, nem nas frisas dos teatros, como uma duquesa apaixonada por um ator; ela se sente forte bastante, e bastante protegida por sua beleza, por sua fortuna, por seu nome, para dizer como em todos os poemas

épicos: *Sou a ninfa Calipso, amante de Telêmaco*[270]. A mistificação é o recurso dos espíritos mesquinhos. Já faz tempo que não respondo mais às mascaradas...

— Oh! Como eu amaria uma mulher que viesse a mim!... — exclamou La Brière, retendo uma lágrima. — Pode-se responder-te, meu caro Canalis, que nunca é uma pobre moça que sobe até ao homem célebre; ela é demasiado desconfiada, tem demasiada vaidade e demasiado temor! É sempre uma estrela, uma...

— Uma princesa — exclamou Canalis, dando uma gargalhada —, não é? Que desce até ele... Meu caro, isso é coisa que se vê uma vez em cem anos. Tal amor é como essa flor que floresce de século em século... As princesas jovens, ricas e belas, estão demasiado ocupadas; como todas as plantas raras, vivem cercadas por uma sebe de idiotas, de gentis-homens bem-educados, vazios como hastes de sabugueiro! Meu sonho, ai de mim! O cristal de meu sonho, bordado do Corrèze aqui com grinaldas de flores, com que fervor... (nem é bom falar) está em cacos, a meus pés, há muito tempo... Não, não, toda carta anônima é de uma mendiga! E que exigências! Escreve a essa jovem, supondo que é jovem e bela, e verás! Não terás tempo para fazer outra coisa. Não é possível, razoavelmente, amar todas as mulheres. Apolo, o do Belvedere[271] pelo menos, é um elegante tuberculoso que deve poupar-se.

— Mas, quando uma criatura chega assim, sua escusa deve estar na certeza de eclipsar em ternura, em beleza, a mais adorada amante — disse Ernesto —; e, nesse caso, um pouco de curiosidade...

— Ah! — respondeu Canalis — vais permitir, meu muito jovem Ernesto, que eu me contente com a bela duquesa que faz a minha felicidade.

— Tens razão, muita razão — respondeu Ernesto.

Não obstante, o jovem secretário leu e releu a carta de Modesta, tentando adivinhar-lhe o espírito oculto.

— Entretanto, aí não há a menor ênfase, não te atribuem gênio,

dirigem-se ao teu coração — disse ele a Canalis. — Esse perfume de modéstia e esse contrato proposto me tentariam...

— Assina-o, vai tu mesmo até o fim da aventura. Dou-te uma triste gratificação — respondeu Canalis, sorrindo. — Vai; daqui a três meses me darás notícias, se é que isso dura três meses...

Quatro dias depois, Modesta recebia a seguinte carta, escrita num belo papel, protegida por um duplo envelope, lacrado com o sinete de armas de Canalis.

XVIII – UM PRIMEIRO AVISO

II – À SRTA. O. D'ESTE-M.

Senhorita,

A admiração pelas belas obras, admitindo-se que as minhas o sejam, comporta algo de santo e de cândido que coíbe toda zombaria e justifica perante qualquer tribunal o procedimento da senhorita ao escrever-me. Antes de mais nada, devo agradecer-lhe o prazer que sempre causam semelhantes manifestações, mesmo quando não merecidas; porque o escrevinhador de versos e o poeta sempre se julgam dignos delas, pois o amor-próprio é uma substância pouco refratária ao louvor. A melhor prova de amizade que me é possível dar a uma desconhecida, em paga desse bálsamo que curaria as dentadas da crítica, não será a de partilhar com ela a messe da minha experiência, com o risco de fazer dissiparem-se as suas vivas ilusões?

Senhorita, a mais bela palma de uma moça é a flor de uma vida santa, pura, irrepreensível. É só no mundo? Nesse caso, tudo está dito. Mas se tem uma família, um pai, ou uma mãe, lembre-se de todos os desgostos que se podem seguir a uma carta como a sua, dirigida a um poeta a quem não conhece pessoalmente. Os escritores não são anjos, têm defeitos. Há os levianos, os estouvados, os fátuos, os ambiciosos, os devassos; e, por mais respeitável que seja a inocência, por mais cavalheiresco que seja o poeta francês, em Paris poderia encontrar mais de um menestrel degenerado, disposto a cultivar sua afeição para ludibriá-la. Sua carta, nesse caso, seria interpretada de modo diferente do que o fiz. Veriam nela um pensamento que ali não pôs e que, na sua inocência, nem suspeita. Tantos autores, tantos caracteres. Sinto-me extraordinariamente lisonjeado por ter-me julgado digno de

compreendê-la; mas, se tivesse caído sobre um talento hipócrita, sobre um pândego cujos livros são melancólicos, mas cuja vida é um carnaval contínuo, senhorita, poderia ter encontrado, no desenlace de sua sublime imprudência, um mau homem, algum frequentador de bastidores, ou um herói de botequim barato! A senhorita não sente, sob as ramadas de clematite onde medita sobre as poesias, o cheiro do charuto que despoetiza os manuscritos; da mesma forma que, ao ir para o baile, ornada com as obras resplandecentes do joalheiro, não pensa no braço nervoso, nos operários de blusa, nas ignóbeis oficinas de onde jorram radiosas essas flores do trabalho. Vamos um pouco mais além!... Em que a vida sonhadora e solitária que leva, sem dúvida à beira-mar, pode interessar a um poeta, cuja missão é adivinhar tudo, visto que tudo deve pintar? Nossas jovens são de tal forma perfeitas que nenhuma filha de Eva pode lutar com elas! Qual a realidade que jamais valeu o sonho? Agora, senhorita, moça educada para se tornar uma honesta mãe de família, que poderá lucrar iniciando-se nas terríveis agitações da vida dos poetas nesta horrível capital, que só pode ser definida nestes termos: um inferno que se ama! Se foi o desejo de animar sua monótona existência de moça curiosa que lhe pôs a pena na mão, não tem isso a aparência de uma depravação? Que significado devo atribuir à sua carta? Pertence, acaso, a uma casta condenada e procura um amigo ao longe? Será feia e se julga uma bela alma sem confidente? Ai de mim! Triste conclusão: ou fez demasiado, ou não fez bastante. Ou fiquemos por aqui, ou, se continuar, diga-me mais do que na carta que me escreveu. Mas, senhorita, se é moça, se é bela, se tem uma família, se sente no coração um nardo celestial para derramar, como Madalena o fez aos pés de Jesus, faça-se estimar por um homem digno de si e torne-se o que deve ser toda moça direita: uma excelente esposa, uma virtuosa mãe de família. Um poeta é a mais triste conquista que uma jovem possa fazer; ele tem demasiada vaidade, demasiados ângulos que ferem, que devem colidir com as legítimas vaidades de uma mulher e magoar uma ternura sem experiência da vida. A mulher do poeta deve amá-lo durante muito tempo, antes de desposá-lo, deve resolver-se à caridade dos anjos, à sua indulgência, às virtudes da maternidade.

Essas qualidades, senhorita, existem apenas em germe nas moças.

Ouça toda a verdade; não lhe devo eu em paga da sua embriagadora lisonja? Se é glorioso desposar uma grande celebridade, cedo se verifica que um homem superior, como homem, é igual aos outros. Satisfaz tanto menos as esperanças, por se esperarem dele prodígios. Acontece então com um poeta notável o mesmo que com uma mulher, cuja beleza, demasiado louvada, faz dizer a quem a vê: julgava-a melhor. Ela não corresponde mais às exigências do retrato desenhado pela fada à qual devo seu bilhete, a Imaginação! Enfim, as qualidades do espírito não se desenvolvem e florescem a não ser numa esfera invisível; a mulher do poeta apenas lhe sente os inconvenientes, vê a fabricação das joias, em vez de se adornar com elas.

Se o brilho de uma posição excepcional a fascinou, saiba que os tais prazeres são rapidamente devorados. Fica-se irritado de encontrar tanta aspereza numa situação que, a distância, parecia lisa, tanto frio num cimo brilhante! Ademais, como as mulheres nunca põem os pés no mundo das dificuldades, em breve não apreciam mais o que admiravam, embora pensassem ter, à primeira vista, descoberto o manejo. Termino com uma última consideração, na qual erraria se visse uma súplica disfarçada, pois é o conselho de um amigo. A troca das almas não se pode fazer senão entre pessoas dispostas a nada se ocultarem. Será capaz de se mostrar tal qual é a um desconhecido? Detenho-me ante as consequências dessa ideia.

Receba aqui, senhorita, as homenagens que devemos a todas as mulheres, mesmo às desconhecidas e mascaradas.

XIX – AGORA É QUE A AÇÃO COMEÇA

Ter guardado essa carta entre o espartilho e o corpo, sob a barbatana ardente, durante um dia todo!... Ter reservado a leitura para a hora em que tudo dorme, meia-noite, depois de ter esperado esse silêncio solene, por entre as ansiedades de uma imaginação em fogo!... Ter abençoado o poeta, ter lido por antecipação mil cartas, ter suposto tudo, menos essa gota de água fria caindo sobre as mais vaporosas formas da fantasia e dissolvendo-as como o ácido prússico dissolve a vida!... Havia motivos para esconder o rosto sob os lençóis embora sozinha, como fez Modesta, para apagar a vela e chorar...

Isso se passava nos primeiros dias de julho. Modesta levantou-se, caminhou pelo quarto e foi abrir a janela. Queria ar. O perfume das flores ascendeu até ela, com o frescor próprio dos perfumes durante a noite. O mar, iluminado pela lua, cintilava como um espelho. Um rouxinol pôs-se a cantar no parque dos Vilquin. “Ah! Eis o poeta”, disse consigo Modesta, cuja cólera se desvaneceu. Sucederam-se, no seu espírito, as mais amargas reflexões. Sentiu-se ferida ao vivo, quis reler a carta, tornou a acender a vela, estudou aquela prosa estudada e acabou compreendendo o caminho fatigante do mundo real. “Ele tem razão, e eu estou errada”,

disse para si mesma. “Mas como é possível crer que, sob as vestes estreladas dos poetas, se viria achar um ancião de Molière?...” Quando uma mulher, ou uma moça, são apanhadas em flagrante delito concebem um ódio profundo contra a testemunha, o autor ou objeto de sua falta. Por isso a verdadeira, a natural, a selvagem Modesta sentiu no seu coração o pavoroso desejo de prevalecer sobre aquele espírito de retidão e de o precipitar em alguma contradição, de lhe revidar aquele golpe de clava. Aquela criança tão pura, na qual somente a inteligência fora corrompida, quer por suas leituras, quer pela longa agonia da irmã, e também pelas perigosas meditações da solidão, viu-se surpreendida por um raio de sol no rosto. Passara três horas bordejando sobre os mares imensos da dúvida. Noites como aquela não se olvidam jamais. Modesta foi direto à sua escrivaninha chinesa, presente do pai, e escreveu uma carta ditada pelo infernal espírito da vingança, que se agita no fundo do coração das jovens.

III – AO SR. DE CANALIS

Senhor,

O senhor é certamente um grande poeta, mas é mais do que isso, é um homem de bem. Depois de ter tido tão leal franqueza com uma moça que beirava o abismo, tê-la-á bastante ainda para responder, sem a menor hipocrisia, sem rodeios, à pergunta que aqui vai?

Teria o senhor escrito a carta que recebi, em resposta à minha; as suas ideias, a sua linguagem teriam sido as mesmas, se alguém lhe houvesse murmurado ao ouvido o que pode ser verdade: a srta. O. d’Este-M. tem seis milhões e não quer um tolo para marido?

Admita, por um momento e como certa, esta hipótese. Seja para comigo tal como seria consigo mesmo; nada tema, sou mais velha do que os meus vinte anos, nada que seja franco o prejudicaria no meu espírito. Depois que eu tiver lido essa confidência, se todavia, o senhor se dignar fazê-la, receberá então uma resposta à sua primeira carta.

Depois de ter admirado o seu talento, tantas vezes sublime, permita-me que preste homenagem à sua delicadeza e à sua probidade, que me obrigam a subscrever-me sempre

Sua humilde servidora
o. d'este-m.

XX – EMPATE

Quando Ernesto de La Brière teve esta carta em mãos, foi passear pelos bulevares, com a alma agitada como uma frágil embarcação numa tempestade, na qual o vento percorresse, de momento a momento, todos os quadrantes da bússola. Para um rapaz como se encontram tantos, para um verdadeiro parisiense, tudo ficaria dito com esta frase: "É uma espertalhona!...". Mas, para um moço de alma nobre e bela, aquela espécie de compromisso protelado, aquele apelo à verdade teve a virtude de despertar os três juízes que se assentam no fundo de todas as consciências. E a honra, a verdade e a Justiça puseram-se de pé, gritando energicamente:

— Ah! Querido Ernesto — dizia a verdade —, certamente não terias dado uma lição a uma rica herdeira!... Ah! Meu rapaz, tu terias partido, e ligeiro, para o Havre, a fim de saber se a moça era bonita, e te sentirias muito infeliz pela preferência concedida ao gênio. E, se pudesses ter passado uma rasteira no teu amigo, fazer-te aceitar, no lugar dele, a srta. d'Este seria sublime!

— Como! — dizia a Justiça. — Vocês, os homens de espírito ou de capacidade, sem dinheiro, se queixam de ver as moças ricas casarem-se com homens que vocês não justariam como porteiros; vocês deblateram contra o espírito positivo do século, que se apressa em unir o dinheiro ao dinheiro, e nunca um belo rapaz, cheio de talento, sem fortuna, a alguma moça nobre e rica; aí está uma que se revolta contra o espírito do século... e o poeta responde-lhe com uma paulada no coração.

— Rica ou pobre, moça ou velha, bonita ou feia, essa rapariga tem razão, tem espírito, ela chafurda o poeta no lodo do interesse pessoal —

exclamava a honra —; essa moça merece uma resposta sincera, nobre e franca e, antes de mais nada, a expressão do teu pensamento! Examina-te! Sonda o teu coração e purga-o das suas covardias. Que diria o Alceste[272] de Molière?

E La Brière, que partira do bulevar Poissonnière, ia tão devagar, imerso nas suas reflexões, que, uma hora depois, apenas chegava ao bulevar dos Capucines. Seguiu pelo cais, para ir ao Tribunal de Contas, então situado junto à Saint-Chapelle. Em vez de verificar contas, ficou sob o peso da sua perplexidade.

"Ela não tem seis milhões, é evidente", dizia com os seus botões, "mas a questão não é essa..."

Seis dias depois, Modesta recebeu a seguinte carta...

IV – À SRTA. O. D'ESTE-M.

Senhorita,

A senhorita não é uma d'Este. Esse nome é um nome de empréstimo para ocultar o seu. Deverei fazer revelações que solicita a quem mente a respeito de si mesma? Ouça, respondo à sua pergunta com outra: pertence a uma família ilustre? A uma família nobre? A uma família burguesa? Certamente que a moral não muda, ela é uma; suas obrigações, porém, variam segundo as esferas. Da mesma forma que o sol ilumina diversamente os sítios, determinando neles as diferenças que admiramos, assim ela condiciona o dever social à categoria e às posições. O pecadilho do soldado é um crime no general, e reciprocamente. As normas não são as mesmas para uma camponesa que trabalha na colheita, para uma operária a quinze tostões por dia, para a filha do pequeno varejista, para a jovem burguesa, para a filha de uma rica firma comercial, para a jovem herdeira de uma família nobre, para uma moça da casa d'Este. Um rei não se deve baixar para apanhar uma moeda de ouro, e o cultivador deve voltar atrás para procurar cinquenta tostões que perdeu, embora um e outro devam obedecer às leis da economia. Uma d'Este, com seis milhões, pode usar um chapéu de abas largas e com plumas, empunhar o chicote, meter as esporas num cavalo e ir, amazona bordada de ouro, seguida por lacaios, a um poeta e dizer-lhe: "Adoro a poesia e quero redimir as culpas de Leonora para com o Tasso!". Ao passo que a filha de um negociante cobrir-se-ia de ridículo se a imitasse. A que classe social pertence? Responda sinceramente, e eu lhe

responderei da mesma forma à pergunta que me fez.

Não tendo a dita de conhecê-la, e já ligado por uma espécie de comunhão poética, não quisera apresentar-lhe homenagens vulgares. Já é uma malícia vitoriosa embaraçar um homem que publica livros.

O referendário não carecia dessa habilidade que um homem de honra se pode permitir. No primeiro correio, recebeu a resposta.

V – AO SR. DE CANALIS

O senhor se vai tornando cada vez mais razoável, meu caro poeta. Meu pai é conde. Nossa principal ilustração é um cardeal, dos tempos em que os cardeais quase ombreavam com os reis. Hoje, nossa casa, quase por terra, termina em mim; mas tenho os quartéis[273] necessários para entrar em todas as cortes e em todos os capítulos. Numa palavra, estamos à altura dos Canalis. Não me leve a mal se não lhe mando os nossos brasões. Procure responder tão sinceramente como o fiz. Espero sua resposta, para saber se me posso subscrever, como agora,

Sua serva
o. d'este-m.

XXI – UM RECONHECIMENTO ÀS LINHAS DO INIMIGO

— Como abusa das suas vantagens essa mocinha! — exclamou La Brière. — Mas será ela franca?

Não se foi durante quatro anos secretário particular de um ministro, não se vive em Paris, não se observam as intrigas impunemente: por isso a mais pura alma está sempre, mais ou menos, embriagada pela capitosa atmosfera desta cidade imperial. Feliz por não ser Canalis, o jovem referendário reservou um lugar na diligência do Havre, depois de ter escrito uma carta em que prometia uma resposta para determinado dia, alegando a importância da confissão pedida e os quefazeres do seu

ministro. Tomou a precaução de conseguir com o diretor dos Correios uma ordem ao diretor do Havre, recomendando discrição e solicitude. Ernesto pôde assim ver Francisca Cochet chegar à agência do correio e segui-la disfarçadamente. Rebocado por ela, alcançou as alturas de Ingouville e viu Modesta Mignon, na janela do Chalé.

— E então, Francisca? — perguntou a moça, ao que a criada respondeu.

— Sim, senhorita, tenho uma.

Deslumbrado por aquela beleza de loura celestial, Ernesto deu volta e perguntou, a um passante, o nome do proprietário daquela magnífica residência.

— Isso? — indagou o passante, apontando para a propriedade.

— Sim, meu amigo.

— Oh! Pertence ao sr. Vilquin, o mais rico armador do Havre, um homem que nem sabe o dinheiro que tem.

— Não conheço, na história, nenhum cardeal Vilquin — ia ruminando o referendário, enquanto descia para o Havre, a fim de regressar a Paris.

Naturalmente interrogou o diretor dos Correios sobre a família Vilquin; ficou sabendo que ela possuía uma imensa fortuna. O sr. Vilquin tinha um filho e duas filhas, uma das quais casada com o sr. Althor. Júnior. A prudência impediu La Brière de se mostrar muito interessado pelos Vilquin, e o diretor já o estava mirando com um olhar velhaco.

— Não há ninguém, neste momento, em casa dele além da família? — perguntou ainda.

— Neste momento, está lá a família d'Hérouville. Fala-se do casamento do jovem duque com a senhorita Vilquin, a mais moça.

"Houve o famoso cardeal d'Hérouville, no tempo dos Valois", pensou La Brière "e no tempo de Henrique iv, o terrível marechal que fizeram duque." Ernesto seguiu viagem, tendo visto Modesta o quanto bastava para sonhar com ela e pensar que, rica ou pobre, se tivesse uma bela alma, de muito bom grado a faria sra. de La Brière, e resolveu continuar a

correspondência.

Tentai, pois, pobres mulheres de França, permanecer incógnitas, tecer o mais pequeno romance no meio de uma civilização que anota, na praça pública, a hora da partida e da chegada dos fiacres, que conta as cartas, que as sela duplamente no preciso momento em que são postas nas caixas e, quando são distribuídas, numera as casas, configura nos registros das contribuições os andares, depois de lhes ter verificado as aberturas, que breve possuirá todo o seu território representado nas suas mínimas parcelas, com os seus mais insignificantes lineamentos, sobre as vastas folhas do cadastro, obra de gigantes, ordenada por um gigante! Tentai, pois, subtrair-vos, raparigas imprudentes, não ao olho da polícia, mas à tagarelice incessante, que, no mais afastado burgo, perscruta os atos mais indiferentes, conta os pratos da sobremesa em casa do prefeito e vê as fatias de melão na porta do pequeno capitalista, que procura ouvir o ouro no momento em que a mão da economia o atira no tesouro, e que todas as noites, ao canto da lareira, avalia o total das fortunas da localidade, da cidade, do departamento! Modesta, por um equívoco comum, escapara à mais inocente das espionagens, da qual Ernesto já se censurava. Mas qual o parisiense que se conformaria em ser logrado por uma pequena provinciana? Não deixar-se enganar, eis a horrível máxima que dissolve todos os nobres sentimentos do homem.

Facilmente se poderá adivinhar a que luta de sentimentos esse honrado rapaz se viu sujeito pela carta que escreveu, e na qual deixou vestígios de cada golpe recebido pela consciência.

Em breve, foi esta a carta que Modesta leu na sua janela, num belo dia de agosto.

XXII – “BAS-BLEU”[274], TOMA E LÊ!

VI – À SRTA. O. DESTE-M.

Senhorita,

Sem nenhuma hipocrisia, confesso que, se estivesse certo de que a senhorita possuía uma imensa fortuna, eu teria agido de modo diverso. Por quê? Indaguei do motivo, ei-lo aqui: há em nós um sentimento inato, desenvolvido, aliás, desmedidamente, pela sociedade, que nos impele à procura, à conquista da felicidade. A maioria dos homens confunde a felicidade com os meios de obtê-la, e a fortuna, para eles, é o maior elemento da aventura. Assim, pois, eu teria procurado agradar-lhe, arrastado pelo sentimento social que, em todos os tempos, fez da riqueza uma religião. Pelo menos, assim o creio. Não se deve esperar, num homem ainda moço, encontrar essa sabedoria que substitui o bom-senso à sensação; e, ante uma presa, o instinto bestial oculto no coração do homem impele-o para diante. Em vez de uma lição, senhorita, teria recebido de mim cumprimentos e lisonjas. Conservaria eu a minha própria estima? É de duvidar. O êxito, nesse caso, senhorita, traz a absolvição; mas e a felicidade?... Isso é uma outra coisa. Desconfiaria eu de minha esposa, se a tivesse obtido por esse meio?... Com toda a certeza. Seu procedimento, cedo ou tarde, readquiriria seu caráter. Seu marido, por maior que a senhorita o fizesse, acabaria censurando-a por tê-lo aviltado; a senhorita mesma, cedo ou tarde, poderia chegar a desprezá-lo.

O homem ordinário corta o nó górdio do casamento por dinheiro com a espada da tirania. O homem forte perdoa. O poeta lamenta-se.

Tal é, senhorita, a resposta de minha probidade.

Agora, ouça-me bem. Alcançou o triunfo de me fazer refletir profundamente, quer sobre a senhorita, a quem não conheço o bastante, quer sobre mim, a quem eu pouco conhecia. Teve o talento de agitar muitos pensamentos maus que estagnam no fundo de todos os corações; mas de mim saiu qualquer coisa de generoso, e saúdo-a com minhas mais graciosas bênçãos, como no mar se saúda um farol que fez ver os escolhos sobre os quais se podia perecer. Eis a minha confissão, pois não quisera perder nem a sua estima nem a minha, mesmo em troca de todos os tesouros do mundo.

Quis saber quem a senhorita era. Volto do Havre, onde vi Francisca Cochet, a quem segui a Ingouville. A senhorita é tão bela como a mulher dos sonhos de um poeta; mas não sei se é a srta. Vilquin oculta na srta. d' Hérouville, ou a srta. d' Hérouville oculta na srta. Vilquin. Embora justificável, essa espionagem me fez corar, e detive-me nas minhas pesquisas. Despertou minha curiosidade, por isso não me queira mal, por ter eu procedido um pouco como uma mulher; não é isso um direito de poeta? Agora, abri-lhe meu coração, deixei-a ler nele, pode crer na sinceridade do que me resta dizer. Por mais rápido que tenha sido o meu olhar, bastou para modificar o meu juízo, a senhorita é ao mesmo tempo um poeta e uma poesia, antes de ser mulher. Sim, há na senhorita algo mais precioso do que a beleza, a srta. é o belo ideal da arte, a fantasia... O procedimento, censurável nas moças condenadas a um

destino vulgar, muda para a que seja dotada do caráter que lhe atribuo. Entre o grande número de seres que os azares da vida atiram sobre a terra, para nela comporem uma geração, há exceções. Se sua carta é o fecho de longos devaneios poéticos sobre a sorte que a lei reserva para as mulheres; se quis, impelida pela vocação de um espírito superior e instruído, conhecer a vida íntima de um homem, ao qual concede o acaso do gênio, a fim de conseguir uma amizade que exorbite das relações comuns, com uma alma igual à sua, fugindo a todas as condições de seu sexo, certamente a senhorita é uma exceção! A lei que serve para medir os atos da maioria torna-se muito estreita para determinar sua resolução. Mas os termos de minha primeira carta reaparecem então em toda a sua pujança: a senhorita fez demais, ou não fez bastante.

Queira receber meus agradecimentos pelo serviço que me prestou, forçando-me a sondar meu próprio coração; porque retificou em mim esse erro, tão comum na França, de que o casamento é um meio de fazer fortuna. Por entre as perturbações de minha consciência uma voz santa falou-me. A mim mesmo jurei, solenemente, fazer eu próprio, sozinho, a minha fortuna, a fim de não ser guiado na escolha de uma companheira por motivos cúpidos. Finalmente, censurei, reprimi, a curiosidade malsã que a senhorita suscitou em mim. Sei que não tem seis milhões. Não é possível haver incógnito no Havre, para uma moça que possuísse semelhante fortuna, e a senhorita seria traída pela malta das famílias do pariato que vejo, em Paris, à caça das herdeiras, e que leva o Grande-Escudeiro à casa dos Vilquin. Assim, pois, os sentimentos que lhe exprimo foram concebidos, abstração feita de qualquer romance ou da verdade, como uma regra absoluta.

Prove-me agora que tem uma dessas almas às quais se desculpa a desobediência à lei comum, e então dará razão, no seu espírito, a esta segunda, como à minha primeira carta. Destinada à vida burguesa, obedeça à férrea lei que sustenta a sociedade. Como mulher superior eu a admiro; mas, se quiser obedecer ao instinto que deve reprimir, lamento-a; assim o quer o estado social. A admirável moral da epopeia doméstica intitulada *Clarissa Harlowe*[275] é que o amor legítimo e honesto da vítima a leva à perdição, porque se concebe, desenvolve-se e continua apesar da família. A família tem razão contra Lovelace. A família, por tola e cruel que seja, é a sociedade.

Creia-me, para uma moça, como para uma mulher, a glória consistirá sempre em encerrar, na esfera das mais estreitas conveniências, os seus ardentes caprichos. Se eu tivesse uma filha que devesse ser Madame de Staël, eu faria votos para que ela morresse aos quinze anos. Pode imaginar sua filha em exposição no tablado da Glória, paradeando a fim de obter as homenagens da multidão, sem sentir pungente pesar? Seja qual for a altura a que uma mulher ascenda pela poesia secreta de seus sonhos, ela deve sacrificar suas superioridades no altar da família. Seu entusiasmo, seu gênio, suas aspirações para o bem, para o sublime, todo o poema da moça, pertencem ao homem que ela aceita, aos filhos que tiver. Entrevejo

na senhorita um desejo secreto de ampliar o círculo estreito da vida a que toda mulher é condenada e de pôr a paixão, o amor no casamento. Ah! É um belo sonho, não é impossível, é, porém, difícil; mas foi realizado para desespero das almas (desculpe-me o termo que se tornou ridículo) incompreendidas!

Se busca uma espécie de amizade platônica, ela faria o desespero de seu futuro. Se sua carta foi um brinquedo, não o continue. Assim, pois, este pequeno romance está concluído, não é? Não terá deixado de dar alguns frutos: minha probidade se armou, e a senhorita terá adquirido uma certeza sobre a vida social. Dirija seus olhos para a vida real e ponha nas virtudes de seu sexo o passageiro entusiasmo que a literatura fez nascer. Adeus, senhorita. Faça-me a honra de me conceder a sua estima. Depois de a ter visto, ou àquela que julgo ser a senhorita, achei sua carta muito natural: tão bela flor devia voltar-se para o sol da poesia. Adore a poesia do mesmo modo que deve adorar as flores, a música, as suntuosidades do mar, as belezas da natureza, como um adorno da alma; lembre-se, porém, de tudo o que tive a honra de lhe dizer a respeito dos poetas. Livre-se de despertar um tolo, procure com cuidado o companheiro que Deus lhe reserva. Existem, creia-me, muitas pessoas de espírito, capazes de apreciá-la, de a fazer feliz. Se eu fosse rico e a senhorita pobre, eu poria um dia minha fortuna e meu coração a seus pés, pois acredito que tem a alma cheia de riquezas, de lealdade; eu lhe confiaria, enfim, minha vida e minha honra com plena segurança. Mais uma vez, adeus, loura filha de Eva, a loura.

XIII – MODESTA LEVA SENSÍVEL VANTAGEM

A leitura dessa carta, haurida como um sorvo de água no deserto, tirou a montanha que pesava sobre o coração de Modesta; depois ela entreviu os erros que cometera na concepção de seu plano e os consertou imediatamente, dando a Francisca envelopes de carta nos quais escreveu, ela mesma, seu endereço em Ingouville, recomendando-lhe que não mais fosse ao Chalé. Daí por diante, Francisca, de volta à casa, colocaria cada carta chegada de Paris num desses envelopes e o botaria secretamente no correio no Havre. Modesta prometeu a si mesma ir em pessoa receber o carteiro, colocando-se na porta do Chalé à hora da sua passagem. Quanto aos sentimentos que aquela resposta, na qual o coração do nobre e infeliz La Brière batia sob o brilhante fantasma de Canalis, despertou em Modesta, foram tão numerosos quanto as vagas que, uma a uma, vieram

morrer na praia, enquanto, com os olhos fixos no oceano, ela se entregava à felicidade de ter arpoado uma alma, por assim dizer, uma alma angélica, no mar parisiense, de ter adivinhado que nos homens de elite o coração, por vezes, podia estar em harmonia com o talento, e de ter sido bem atendida pela voz mágica do pressentimento. Um interesse poderoso ia animar-lhe a vida. O recinto daquela bonita habitação, as grades de sua janela estavam despedaçadas! Seu pensamento voava de asas espalmadas.

"Ó meu pai", pensou, olhando o horizonte, "faze-nos bem ricos!".

A resposta que Ernesto de La Brière leu, cinco dias depois, dirá mais, de resto, do que qualquer espécie de glosa.

VII – AO SR. DE CANALIS

Meu amigo, permita-me dar-lhe esse nome, o senhor me encantou, e eu não o quisera diferente do que se revelou nesta carta, a primeira... Oh! Que não seja a última... Quem, a não ser um poeta, poderia jamais desculpar, tão graciosamente, uma moça e compreendê-la?

Quero falar-lhe com a mesma sinceridade que lhe ditou as primeiras linhas de sua carta. E, para começar, o senhor, muito felizmente, não me conhece. Posso, com a máxima alegria, dizer-lhe que não sou nem aquela horrível senhorita Vilquin nem a muito nobre e muito seca srta. d'Hérouville, que flutua entre os trinta e cinquenta anos, sem se decidir por uma idade razoável. O cardeal d'Hérouville floresceu na história da Igreja antes do cardeal ao qual devemos a nossa única grande ilustração, pois não levo em consideração alguns tenentes-generais ou padres de pequenos volumes e versos demasiado grandes para celebridades. De resto, não habito a esplêndida vila dos Vilquin; graças a Deus, não há nas minhas veias a décima milionésima parte de uma gota desse sangue esfriado nos balcões. Provenho ao mesmo tempo da Alemanha e do sul da França; tenho no pensamento o idealismo tudesco e no sangue a vivacidade provençal. Sou nobre, quer por meu pai, quer por minha mãe. Por esta estou ligada a todas as páginas do almanaque de Gotha.[276] Enfim, tomei minhas precauções, e não está ao alcance de nenhum homem, nem mesmo do poder da autoridade, desmascarar o meu incógnito. Permanecerei velada, desconhecida. Quanto à minha pessoa, e a meus bens, como dizem os normandos, tranquilize-se, sou pelo menos tão bonita como a criaturinha (feliz sem o saber) sobre a qual seus olhares se detiveram, e não creio ser uma mendiga, embora não me veja acompanhada nos meus passeios por dez filhos de pares de

França! Já vi representar para mim o *vaudeville* ignóbil da herdeira, adorada por seus milhões. Enfim, não tente de modo nenhum, nem mesmo por aposta, chegar até mim. Infelizmente, embora livre, sou vigiada, quer por mim mesma, quer por gente de coragem que não hesitaria em enterrar-lhe um punhal no coração, se o senhor quisesse penetrar no meu refúgio. Não digo isso para excitar-lhe a coragem ou a curiosidade; julgo não ter necessidade de nenhum desses sentimentos para interessá-lo e prendê-lo a mim.

Respondo agora à segunda edição consideravelmente aumentada do seu primeiro sermão.

Quer uma confissão? Pensei comigo mesma, ao vê-lo tão desconfiado, e tomando-me por uma Corina[277] cujas improvisações tanto me entediaram, que, já muitas décimas Musas o deviam ter levado, prendendo-o pela curiosidade, para os seus duplos vales, e o haviam convidado para provar os frutos de seus Parnasos de pensionistas... Oh! Pode ficar completamente descansado, meu amigo; se amo a poesia, não tenho versinhos na carteira, e minhas meias são e se conservarão de uma brancura imaculada.[278] O senhor não será incomodado por levezas em um ou dois volumes. Enfim, se um dia chegasse a lhe dizer: "Venha!", o senhor não encontraria, sabe-o agora, uma solteirona, pobre e feia. Oh! Meu amigo, se soubesse como lamento o senhor ter vindo ao Havre! Modificou por essa forma o que denominou o meu romance! Não, somente Deus pode pesar nas suas poderosas mãos o tesouro que eu reservava para o homem bastante grande, bastante confiante, bastante perspicaz, para partir de sua casa, baseado na fé das minhas cartas, depois de ter penetrado passo a passo na extensão de um coração e chegar à nossa primeira entrevista com a simplicidade de uma criança! Eu sonhava com essa inocência num homem de gênio. O tesouro, o senhor o esborcinou. Perdoo-lhe, caro poeta; o senhor vive em Paris, e, como disse, há um homem num poeta. Vai tomar-me, por causa disso, por uma meninazinha que cultiva o canteiro encantado das ilusões? Não se divirta atirando pedras nos vitrais partidos de um castelo, de há muito em ruínas. Como não adivinhou o senhor, que é um homem de espírito, que a lição de sua pedante primeira carta, já a srta. d'Este a tinha dado a si própria? Não, caro poeta, minha primeira carta não foi a pedrinha da criança que vai a louquejar ao longo da estrada, que se diverte assustando os proprietários que leem a taxa de suas contribuições por trás das suas espaldeiras, mas, sim, a linha atirada com prudência por um pescador, do alto de uma rocha, à beira-mar, na esperança de uma pesca milagrosa.

Tudo o que diz de belo sobre a família tem a minha aprovação. O homem que me agradar, do qual eu me julgar digna, terá meu coração, a minha vida, com o consentimento de meus pais; nem os quero afligir nem surpreendê-los; tenho certeza de reinar sobre eles que, de resto, não têm preconceitos. Finalmente, sinto-me forte contra as ilusões da minha fantasia. Construí uma fortaleza com as minhas próprias mãos e deixei que a fortificasse o devotamento ilimitado dos que velam por mim, como por um tesouro; não que não tenha

forças para me defender em campo raso; pois, saiba que o acaso me revestiu de uma armadura bem temperada sobre a qual está gravada a palavra desprezo.

Tenho o mais profundo horror por tudo o que cheira a cálculo, pelo que não é inteiramente nobre, puro e desinteressado. Tenho o culto do belo, do ideal, sem ser romântica, mas depois de o ter sido, só para mim, nos meus sonhos. Por isso reconheci a verdade das coisas, exatas até à vulgaridade, que o senhor me escreveu sobre a vida social.

Por enquanto, não somos e não podemos ser mais do que dois amigos. “Por que buscar um amigo num desconhecido?”, dirá o senhor. Sua pessoa me é desconhecida, mas seu espírito, seu coração me são conhecidos, agrada-me, e sinto em minha alma sentimentos infinitos que querem um homem de gênio para seu único confidente. Não quero que o poema de meu coração seja inútil; ele brilhará para o senhor, como teria brilhado só para Deus. Que coisa preciosa um bom camarada a quem tudo se pode dizer! Recusará as flores inéditas da jovem verdadeira, que voarão para o senhor como lindos insetos voam para o sol? Tenho certeza de que jamais encontrou essa felicidade do espírito: as confidências de uma donzela! Ouça sua tagarelice, aceite as músicas que até agora ela só cantou para si mesma. Mais tarde, se nossas almas forem bem irmãs, se nossos caracteres se convierem, depois de se experimentarem, algum dia, um velho criado de cabelos brancos, postado à beira de uma estrada, o esperará para conduzi-lo a um chalé, a uma vila, a um castelo, a um palácio, não sei ainda de que gênero será o pavilhão amarelo e pardo do himeneu (as cores da Áustria, tão forte pelo casamento),[279] tampouco sei se o desenlace é possível: mas confesse que é poético, e que a srta. d’Este é bastante conciliadora! Não lhe deixa ela a sua liberdade? Vai ela, ciosamente, lançar um olhar nos salões de Paris? Impõe-lhe ela os deveres de uma emprinse,[280] as correntes que os paladinos punham voluntariamente, outrora, nos braços? Ela lhe pede uma aliança puramente moral e misteriosa. Vamos, venha ao meu coração, quando se sentir infeliz, ferido, fatigado. Diga-me tudo então, nada me esconda, eu terei elixires para todas as suas dores. Tenho vinte anos, meu amigo, mas a minha razão tem cinquenta, e infelizmente sofri, numa outra eu mesma, os horrores e as delícias da paixão. Sei toda a covardia que se pode conter num coração humano, toda a infâmia, e não obstante, sou a mais correta de todas as moças. Não, não tenho mais ilusões, mas tenho coisa melhor, tenho crença e religião. Olhe, vou começar o jogo de nossas confidências.

Seja qual for o marido que eu venha a ter, se eu o escolher, esse homem poderá dormir tranquilo, poderá ir para as Índias e me encontrará terminando o bordado começado por ocasião de sua partida,[281] sem que nenhum olhar tenha mergulhado em meus olhos, sem que nenhuma voz de homem tenha maculado o ar em minhas orelhas; e, em cada ponto, ele reconhecerá como um verso do poema do qual terá sido herói. E, mesmo que eu me tivesse enganado com uma bela e mentirosa aparência, esse homem terá todas as flores do meu pensamento, todas as faceirices da minha ternura, os mudos sacrifícios de uma resignação

altiva e não mendicante. Sim, comprometi-me, comigo mesma, a nunca sair para acompanhar meu marido, quando ele não o quiser; serei a divindade de seu lar. É essa a minha religião humana. Mas por que não pôr à prova e não escolher o homem para o qual serei o que a vida é para o corpo? O homem sente-se alguma vez incomodado por ter vida? Que vem a ser uma mulher que contraria aquele a quem ama? É doença, em vez de ser a vida. Por vida, entendo essa feliz saúde que faz de cada instante um prazer.

Voltemos à sua carta, que me será sempre preciosa. Sim, pondo de lado qualquer gracejo, ela contém o que eu desejava: uma expressão de sentimentos prosaicos, tão necessários para a família quanto o ar para os pulmões, e sem os quais não há felicidade possível. Agir como homem de bem, pensar como poeta, amar como as mulheres amam, eis o que eu desejava no meu amigo, e que agora, sem dúvida, não mais é que uma quimera.

Adeus, meu amigo. Por enquanto sou pobre. É um dos motivos que me fazem querer à minha máscara, ao meu incógnito, à minha fortaleza inexpugnável. Li seus últimos versos na *Revue*, e com que delícia! Depois de ter-me iniciado nas austeras e secretas grandezas de sua alma!

Sentir-se-á muito infeliz por saber que uma moça roga fervorosamente a Deus pelo senhor, de quem faz seu único pensamento, e que só tem como rivais um pai e uma mãe? Haverá motivos para repelir páginas cheias do senhor, escritas para si, e que é o único a ler? Pague-me na mesma moeda. Sou ainda tão pouco mulher que suas confidências, contanto que sejam completas e verdadeiras, bastarão para a felicidade da sua

o. deste-m.

XXIV – O PODER DO DESCONHECIDO

— Meu Deus! Estarei já apaixonado? — perguntou o jovem referendário, que se apercebeu ter ficado mais de uma hora com aquela carta nas mãos, depois de a ter lido. — Que resolução tomarei? Ela pensa estar escrevendo ao nosso grande poeta! Devo continuar esse logro? Trata-se de uma mulher de quarenta anos ou de uma moça de vinte?

Ernesto permaneceu fascinado pelo abismo do desconhecido. O desconhecido é o obscuro infinito, e nada prende tanto. Erguem-se daquela sombria extensão fogos que a sulcam por instantes e que colorem fantasias à Martynn.[282] Numa vida ocupada, como a de Canalis, uma

aventura desse gênero é levada como uma centáurea nas rochas de uma torrente; mas na de um referendário à espera da volta aos negócios do sistema de que é representante o seu protetor e que, por discrição, criava Canalis à mamadeira para a tribuna, aquela linda moça, que a sua imaginação persistia em fazer-lhe ver a jovem loura, devia alojar-se no coração e aí causar os mil estragos dos romances que entram numa existência burguesa, como um lobo num galinheiro. Ernesto preocupou-se muito, portanto, com a desconhecida do Havre e respondeu a seguinte carta, carta estudada e pretensiosa, mas na qual a paixão já começava a revelar-se pelo despeito.

VIII – À SRTA. O. D'ESTE-M.

Senhorita,

Será bem leal de sua parte vir alojar-se no coração de um pobre poeta, com a ideia preconcebida de o deixar abandonado, se ele não corresponder ao tipo que ideou, legando-lhe eterno pesar por seu insucesso, mostrando-lhe por alguns instantes a imagem da perfeição, embora fosse esta apenas fingida, ou pelo menos um começo de felicidade? Fui bem imprevidente ao solicitar esta carta em que a senhorita começa a desenrolar a elegante laçaria das suas ideias. Um homem pode perfeitamente apaixonar-se por uma desconhecida que sabe aliar tanto arrojo a tanta originalidade, tanta fantasia a tanto sentimento. Quem não a desejaria conhecer, depois de ter lido essa primeira confidência? São-me necessários esforços verdadeiramente grandes para conservar o juízo ao pensar na senhorita, porque reúne tudo o que pode transtornar um coração e um espírito de homem. Por isso, aproveito-me do resto de sangue-frio que ainda tenho neste momento para fazer-lhe humildes explanações.

Julga, então, senhorita, que cartas mais ou menos verdadeiras em relação à vida tal qual é, mais ou menos hipócritas, pois as cartas que nos escrevêssemos seriam a expressão do momento em que elas nos escapariam, e não o sentido geral de nossos caracteres; julga então, repito, que por mais belas que sejam, poderiam substituir o juízo que formaríamos de nós mesmos, pelo testemunho da vida comum? O homem é duplo. Há a vida invisível, a do coração, para a qual algumas cartas podem bastar, e a vida mecânica, à qual damos, infelizmente, mais importância do que se pensa na sua idade! Essas duas existências devem

concordar no ideal que a senhorita acaricia; o que, seja dito de passagem, é muito raro. A homenagem pura, espontânea, desinteressada, de uma alma solitária, ao mesmo tempo instruída e casta, é uma dessas flores do céu, cujas cores e perfumes consolam de todos os sofrimentos, de todas as feridas, de todas as traições que comporta, em Paris, a vida literária, e eu lhe agradeço, por um impulso semelhante ao seu; mas, depois dessa poética troca de minhas dores pelas pérolas de sua esmola, que poderá esperar? Não tenho nem o gênio nem a magnífica posição de Lord Byron; não tenho sobretudo a auréola da sua falsa danação e de sua falsa desgraça social; mas que esperaria a senhorita dele em semelhante circunstância? Sua amizade, não é? Pois bem, ele, que só deveria ter orgulho, era devorado por vaidades ofensivas e doentias que desencorajavam a amizade. Eu, mil vezes menor do que ele, não posso, acaso, ter dissonâncias de caráter, que tornem a vida desagradável e façam da amizade o mais pesado fardo?... Em troca de seus devaneios, que receberia a senhorita? Os dissabores de uma vida que não seria inteiramente sua. Esse pacto é insensato. Eis por quê: seu poema projetado não é mais do que um plágio. Uma moça da Alemanha que não era como a senhora, uma semialemã, mas sim uma alemã integral, adorou Goethe, na embriaguez dos seus vinte anos; fez dele seu amigo, sua religião, seu deus! Tudo isso sabendo-o casado. A sra. Goethe, como boa alemã, como mulher de poeta, prestou-se a esse culto com uma complacência bastante zombeteira e que não curou Betina! Mas que aconteceu? Essa extática acabou desposando algum bom alemão gordo.[283] Confessemos, entre nós, que uma moça que se tivesse feito serva do gênio, que se houvesse igualado a ele pela compreensão, que o tivesse religiosamente adorado até a morte, como faz uma dessas divinas figuras, traçadas pelos pintores nos retábulos de suas capelas místicas, e que, quando a Alemanha perdesse Goethe, se entregasse à solidão para não ver mais ninguém, como fez a amiga de Lord Bolingbroke[284], confessemos que essa moça se terá incrustado na glória do poeta como Maria Madalena o está para sempre no sangrento triunfo do Salvador. Se isto é o sublime, que dirá a senhorita do avesso? Não sendo nem Lord Byron, nem Goethe, dois colossos de poesia, e de egoísmo, mas simplesmente autor de algumas poesias apreciadas, eu não poderia pretender às honras de um culto. Sou muito pouco mártir. Tenho, simultaneamente, coração e ambição, pois tenho de fazer fortuna e ainda sou moço. Veja-me como sou. A bondade do rei, a proteção dos seus ministros dão-me uma existência razoável. Tenho todo o jeito de um homem muito comum. Vou aos saraus de Paris, absolutamente como qualquer tolo; mas num carro cujas rodas não rolam por sobre um terreno sólido, como o exige o tempo presente, com o auxílio de inscrições de renda no Grande Livro.[285] Se não sou rico, tampouco tenho o relevo que a mansarda, o trabalho incompreendido, a glória na miséria dão a certos homens que valem mais do que eu, como d'Arthez, por exemplo. Que desenlace prosaico não vai a senhorita achar para as fantasias encantadoras de seu entusiasmo juvenil? Fiquemos por aqui. Se eu tive a felicidade de lhe parecer uma

raridade terrestre, a senhorita, para mim, terá sido qualquer coisa de luminoso, de elevado, como essas estrelas que se inflamam e desaparecem. Que nada empane esse episódio de nossa vida. Se assim continuar, eu poderei amá-la, conceber umas dessas paixões loucas que destroem os obstáculos, que acendem no coração fogos cuja violência é inquietante, relativamente à sua duração; e suponha que eu triunfasse junto à senhorita, terminaríamos do modo mais prosaico; um casamento, um lar, filhos... Oh! Bélise e Henriette Chrysale[286] ao mesmo tempo, é isso possível... Adeus, pois.

XXV – O CASAMENTO DAS ALMAS

IX – AO SR. DE CANALIS

Meu amigo, sua carta causou-me tanto pesar quanto alegria. Talvez tenhamos somente breve prazer ao ler nossas cartas. Compreenda-me bem. Fala-se a Deus, pedimos-lhe uma porção de coisas e Ele permanece mudo. Eu quero achar no senhor as respostas que Deus não nos dá. Não se poderá reproduzir a amizade de Montaigne e da srta. de Gournay.[287] Não conhece o lar de Sismonde de Sismondi[288] em Genebra, o interior mais tocante que se conhece e do qual me falaram, algo assim como o marquês e a marquesa de Pescara,[289] felizes até na velhice? O homem, e somente ele, na criação é ao mesmo tempo a harpa, o músico e o ouvinte. Vê-me, acaso, inquieta como costumam estar as mulheres comuns? Não sei eu que o senhor frequenta a sociedade, que lá vê as mais belas e mais espirituosas mulheres de Paris? Não posso eu presumir que uma dessas sereias se dignem enlaçá-lo nas suas frias escamas e que tenha ditado a resposta cujas prosaicas considerações me entristecem? Há, meu amigo, alguma coisa mais bela do que essas flores do coquetismo parisiense; existe numa flor que nasce no alto desses píncaros alpestres, chamados homens de gênio, que é o orgulho da humanidade, que eles fecundam, derramando nela as nuvens que captaram no céu com suas cabeças; essa flor, eu a quero cultivar e fazer desabrochar, porque seus perfumes selvagens e suaves não nos faltarão jamais, pois são eternos.

Conceda-me a honra de não acreditar na existência de qualquer coisa de vulgar em mim. Se eu tivesse sido Betina, pois sei a quem o senhor aludiu, jamais teria sido a sra. d'Arnim; e se eu tivesse sido uma das mulheres de Byron, a estas horas estaria num convento. Feriu-me no ponto sensível. Não me conhece, virá a conhecer-me. Sinto em mim qualquer coisa sublime de que se pode falar sem vaidade. Deus pôs na minha alma a raiz dessa planta híbrida, nascida no cume desses Alpes de que acabo de falar, a qual não quero transplantar para um vaso, em cima da minha janela, para vê-la morrer ali. Não, essa magnífica corola, única, de perfumes inebriantes, não será arrastada nas vulgaridades da vida; pertence-lhe

sem que nenhum olhar a polua; pertence ao senhor, para sempre! Sim, caro poeta, para si todos os meus pensamentos, mesmo os mais secretos, os mais loucos; para si um coração de virgem sem reservas; para si uma afeição infinita. Se sua pessoa não me convier, não me casarei. Posso viver da vida do coração, do espírito, dos seus sentimentos; eles me agradam, e serei sempre o que hoje sou, sua amiga. Há em si belezas morais; e isso me basta. Aí está todo o meu futuro. Não desdenhe de uma serva moça e bonita, que não recua horrorizada ante a ideia de ser um dia a velha governanta do poeta, um pouco sua mãe, um pouco sua caseira, um pouco sua razão, um pouco sua riqueza. Essa rapariga dedicada, tão necessária às vossas existências, é a amizade pura e desinteressada, a quem tudo se diz, que ouve, por vezes, meneando a cabeça, e que vela tecendo, à luz da lâmpada, a fim de estar presente, quando o poeta chega, ou encharcado pela chuva ou resmungando. Eis o meu destino, se não me for dado o de esposa feliz para sempre unida: sorrio tanto a uma quanto à outra coisa. E pensa que a França será muito lesada por não lhe dar a srta. d'Este dois ou três filhos, ou por que não se torne uma sra. Vilquin qualquer? No que me diz respeito, jamais serei velha solteirona. Far-me-ei mãe, por meus cuidados e minha secreta cooperação à existência de um grande homem, ao qual referirei meus pensamentos e meus esforços, aqui na terra. Tenho o mais profundo horror à vulgaridade. Se sou livre, se sou rica, sei que sou jovem e bonita, jamais pertencerei, nem a um tolo, sob o pretexto de ser ele filho de um par de França, nem a um negociante qualquer, que se pode arruinar da noite para o dia; nem a algum homem bonito que será a dama em casa, nem a nenhum homem que me faça corar vinte vezes por dia de ser sua esposa. Fique tranquilo a esse respeito. Meu pai tem demasiada adoração pelas minhas vontades, não as contrariará jamais. Se eu agradar ao meu poeta, se ele me agradar, o brilhante edifício de nosso amor será edificado tão alto, que se tornará perfeitamente inacessível à desgraça; sou uma aguiazinha, e o verá em meus olhos. Não lhe repetirei aqui o que já lhe disse, mas resumo-o, confessando-lhe que serei a mais feliz das mulheres por me ver prisioneira do amor, como o sou neste momento da vontade paterna. Ah! Meu amigo, reduzamos à verdade do romance o que nos acontece por vontade minha.

Uma moça, de imaginação viva, encerrada num torreão, está morta de desejos de correr pelo parque, onde apenas seus olhos penetram; descobre um meio de dessoldar a grade da prisão, salta pela janela, escala o muro e vai folgar na propriedade do vizinho. É um eterno *vaudeville*! Pois bem! Essa moça é a minha alma, o parque do vizinho é o seu gênio. Não é isso natural? Já se viu algum dia um vizinho que se queixasse por ver sua sebe estragada por uns bonitos pezinhos? Aí está para o poeta. Mas o sublime argumentador da comédia de Molière[290] quer mais razões? Aqui estão. Meu caro Geronte, os casamentos, em geral, se fazem à revelia do bom-senso. Uma família toma informações a respeito de um rapaz. Se o Leandro[291] fornecido pela vizinha, ou pescado num baile, não roubou, se não tem taras visíveis, se tem a fortuna desejada, se sai de um colégio ou de uma escola de direito, tendo

satisfeito às ideias vulgares sobre educação, e se veste bem, permitem-lhe visitar uma jovem espartilhada desde a manhã, a quem a mãe recomenda bem cuidar a língua, assim como nada deixar transparecer de sua alma, de seu coração, na fisionomia, gravando nesta um sorriso de bailarina ao terminar uma pirueta, armada com as mais positivas instruções sobre o perigo de revelar seu verdadeiro caráter, e muito recomendada para não expor uma inquietante cultura. Os pais, quando os assuntos de interesse estão bem combinados, têm a bonomia de induzir os pretendentes a se conhecerem, durante os momentos fugazes em que estão a sós, em que conversam ou passeiam, sem nenhuma espécie de liberdade, pois já se sabem ligados. O homem veste então a alma, tanto quanto o corpo, e a moça, por seu lado, faz o mesmo. Essa deplorável comédia, entremeada de ramalhetes, de adereços, de espetáculos, chama-se fazer a *corte à pretendida*. Eis o que me revoltou, e eu quero que o casamento legítimo suceda a um longo casamento das almas. Uma moça, em toda a vida, só dispõe desse momento em que lhe são necessárias a reflexão, a experiência e a previsão. Ela, aí, está arriscando sua liberdade, sua felicidade, e não lhe deixaram nem o copo nem os dados; ela aposta, faz número. Tenho o direito, a vontade, o poder, a permissão de fazer eu mesma a minha desgraça, e exerço como fez minha mãe, a qual, aconselhada pelo instinto, desposou o mais generoso, o mais dedicado, o mais amante dos homens, por cuja beleza se apaixonou num baile. Sei que é livre, poeta e belo. Saiba que eu não teria escolhido para confidente um dos seus confrades em Apolo já casado. Se minha mãe foi seduzida pela beleza, que é talvez o gênio da forma, por que não me sentirei atraída pelo espírito e a forma reunidas? Ficarei mais instruída, estudando-o por correspondência, do que se começasse pela experiência vulgar de alguns meses de corte?

"Eis a questão", diria Hamlet. Meu procedimento, porém, caro Chrysale,[292] tem pelo menos a vantagem de não comprometer as nossas pessoas. Sei que o amor tem as suas ilusões e que toda ilusão tem o seu despertar. Aí está o motivo de tantas separações entre amantes que se julgavam unidos por toda a vida. A verdadeira prova é o sofrimento e a felicidade. Quando, depois de terem passado por essa dupla provação da vida, dois seres mostraram seus defeitos e suas qualidades, observaram seus caracteres, podem seguir de mãos dadas até o túmulo; mas, meu caro Argante,[293] quem lhe diz que nosso pequeno drama começado não tem futuro?... Em todo caso, não teremos gozado o prazer de nossa correspondência?

Espero suas ordens, meu senhor, e com todo o coração sou

Sua serva
o. d'este-m.

X – À SRTA. D'ESTE

A senhorita é um demônio, amo-a, era isso o que desejava, original criatura? Será possível que somente queira preencher seus ócios de província, com o espetáculo das tolices que um poeta é capaz de fazer? Seria uma ação bem má. Suas duas cartas contêm justamente bastante malícia para inspirar essa desconfiança a um parisiense. Mas não sou mais senhor de mim, minha vida e meu futuro dependem da resposta que me vai dar. Diga-me se a certeza de uma afeição sem limites, concedida na ignorância das convenções sociais, poderá comovê-la; enfim, se admite que eu a requeste... Já há muita incerteza e angústia para mim na questão de saber se minha pessoa lhe agradará. Se me responder favoravelmente, modifico minha vida e digo adeus a uma porção de incômodos a que temos a loucura de chamar felicidade. Esta, minha querida bela desconhecida, é a que sonha: uma fusão completa de sentimentos, uma perfeita comunhão de almas, uma viva impressão do belo ideal (o que Deus nos permite aqui na Terra) sobre as ações vulgares da vida, a cuja marcha somos forçados a obedecer; enfim, a constância do coração, mais estimável do que o que chamamos fidelidade. Poder-se-á dizer que fazemos sacrifícios, quando se trata de um bem supremo, o sonho dos poetas, o sonho das virgens, o poema que, na entrada da vida, e assim que o pensamento ensaia seus voos, cada bela inteligência acariciou com seus olhares e chocou com os olhos para o ver despedaçar-se num tropeço tão rude quanto vulgar; pois, para a quase totalidade dos homens, o pé da realidade assenta logo sobre esse ovo misterioso, que quase nunca descasca. Por isso não lhe falarei ainda de mim, nem de meu passado, nem de meu caráter, nem de uma afeição quase maternal de um lado, filial do meu, que a senhorita já alterou profundamente, e cujo efeito sobre minha vida justificaria o terno sacrifício. A senhorita já me tornou bastante esquecido, para não dizer ingrato; basta-lhe isso? Oh! Fale, diga uma palavra, e eu a amarei até que meus olhos se cerrem, como o marquês de Pescara amou a esposa, como Romeu a sua Julieta, e com a mesma fidelidade. Nossa vida, pelo menos para mim, será aquela felicidade sem nuvens, de que fala Dante, como elemento de seu *Paraíso*, poema bem superior ao seu *Inferno*. Coisa estranha, não é de mim, mas sim da senhorita que eu duvido, nas longas meditações a que me entrego, possa seguir o curso quimérico de uma existência sonhada. Sim, querida, sinto-me com a força de amar assim, de marchar para o túmulo com suave vagar e sempre com ar risonho, dando o braço a uma mulher amada, sem jamais turvar o bom clima da alma. Sim, tenho a coragem de encarar a nossa dupla velhice, de nos ver de cabelos brancos, como o venerável historiador da Itália,[294] animados, ainda pelo mesmo afeto, mas transformados segundo o espírito de cada estação. Veja, não me é mais possível ser apenas seu amigo. Embora Chrysale, Geronte e Argante revivam, como a senhorita disse, em mim, não sou ainda bastante velho para beber numa taça oferecida pelas mãos encantadoras de uma mulher

velada, sem sentir o desejo feroz de rasgar o dominó, a máscara, e ver-lhe o rosto. Ou não me escreva mais ou então dê-me esperança. Que eu a entreveja, ou senão abandono a partida. Devo dizer-lhe adeus? Permite-me assinar

Seu amigo?

XXVI – EM QUE DÃO AS CORRESPONDÊNCIAS

XI – AO SR. DE CANALIS

Que lisonja! Com que rapidez o grave Anselmo se transformou no belo Leandro.[295] A que devo atribuir semelhante mudança? Será a esse preto que pus no branco, àquelas ideias que estão para as flores de minha alma como uma rosa desenhada a *crayon* está para as rosas do canteiro? Ou à recordação da moça que julgou que eu era, e que está para mim como a camareira está para a patroa? Invertemos os papéis? Sou eu a razão? É o senhor a fantasia? Deixemos de gracejo. Sua carta me fez conhecer embriagadores prazeres da alma, os primeiros que não deverei aos sentimentos da família. Que são, como disse um poeta, os laços do sangue que tanto pesam sobre as almas vulgares, em comparação com aqueles que o céu nos forja, nas simpatias misteriosas? Permita que lhe agradeça... Não, essas coisas não se agradecem... Bendito seja pela felicidade que me causou, seja feliz pela alegria que derramou em minha alma. O senhor me explicou algumas injustiças aparentes da vida social. Há um não sei quê de brilhante na glória, de másculo, que só convém aos homens, e Deus nos proibiu ostentar essa auréola, deixando-nos o amor, a ternura, para refrescar as frontes cingidas por aquela terrível luz. Eu senti minha missão, ou antes, o senhor a confirmou.

Algumas vezes, meu amigo, levantei-me pela manhã num inconcebível estado de ternura. Uma espécie de paz, terna e divina, dava-me a ideia do céu. Meu primeiro pensamento era como uma bênção. Eu denominava essas manhãs as minhas madrugadas da Alemanha, em oposição aos meus crepúsculos do sul, cheios de ações heroicas, de batalhas, de festas romanas e de poemas ardentes. Pois bem! Depois de ter lido aquela carta em que o senhor sente uma impaciência febril, eu senti no coração o frescor de um desses celestes despertares, nos quais eu adorava o ar, a natureza, e me sentia destinada a morrer por um ser amado. Uma das suas poesias, *O canto de uma jovem*, descreve esses momentos deliciosos nos quais a alegria é suave, a oração uma necessidade, e que é o meu poema predileto. Quer que lhe diga todas as minhas lisonjas numa única? Eu o julgo digno de ser

eu...

Sua carta, embora curta, permitiu-me ler no seu íntimo. Sim, adivinhei seus movimentos tumultuosos, sua curiosidade espicaçada, seus projetos, todas as braçadas de lenha trazidas (por quem?) para as fogueiras do coração. Mas não sei ainda o bastante a seu respeito para responder à sua pergunta. Ouça, querido, o mistério permite-me esta liberdade que deixa ver o fundo da alma. Uma vez vista, adeus nosso mútuo conhecimento. Quer fazer um pacto? Foi-lhe desvantajoso o primeiro que fizemos? Ganhou com ele minha estima. E, meu amigo, é uma grande coisa uma admiração reforçada pela estima. Escreva-me primeiro sua vida, em poucas palavras; depois conte-me sua existência em Paris, dia por dia, sem nenhum disfarce, e como se estivesse conversando com uma velha amiga: pois bem! Depois farei com que nossa amizade dê mais um passo. Eu o verei, meu amigo, prometo-lhe. E é muito... Tudo isso, querido, não é nem uma intriga nem uma aventura, previno-o; não é possível resultar daí nenhuma espécie de galanteria, como se diz entre homens. Trata-se de minha vida, e o que me causa, por vezes, remorsos horríveis pelos pensamentos que deixo voar em bando para o senhor trata-se da vida de um pai e de uma mãe adorados, aos quais minha escolha deve agradar e que no meu amigo devem encontrar um verdadeiro filho.

Até que ponto os seus espíritos soberbos, aos quais Deus empresta as asas dos seus anjos, nem sempre lhes dando a sua perfeição, poderão curvar-se à família, às suas pequenas misérias?... Quanto meditei sobre esse texto!... Oh! Se disse, em meu coração, antes de ir para o senhor: “Vamos!...”, não deixei de ter por isso palpitações no caminho, e não dissimulei nem a aridez do percurso nem as dificuldades dos Alpes, montanha que tinha de escalar. Tudo medi em longas meditações. Bem sei eu que os homens eminentes, como o senhor, conheceram o amor que inspiraram, bem como o que sentiram; que tiveram mais de um romance, e que o senhor, sobretudo, ao acariciar essas quimeras de raça que as mulheres compram por preços loucos, atraiu para si mais desenlaces do que primeiros capítulos... E, não obstante, eu exclamei: “Vamos!”. Pois, mais do que julga, estudei a geografia desses altos cimos da humanidade, aos quais acusa de frieza. Não me disse que Byron e Goethe eram dois colossos de egoísmo e de poesia? Ora, meu amigo, nisso partilhou o erro em que caem as pessoas superficiais; ou talvez fosse, no seu caso, generosidade, falsa modéstia ou desejo de escapar-me? É permitido aos homens vulgares, mas não ao senhor, tomar os efeitos do trabalho pelo desenvolvimento da personalidade. Nem Lord Byron, nem Goethe, nem Walter Scott, nem Cuvier,[296] nem o inventor, se pertencem; eles são escravos de sua ideia; e esse poder os absorve, os faz viver e mata-os em seu proveito. Os desenvolvimentos visíveis dessa existência oculta assemelham-se, em resultado, ao egoísmo; mas como se atrever a afirmar que o homem que se vendeu ao prazer, à instrução ou à grandeza de sua época é egoísta? Uma mãe é afetada de personalidade, quando imola tudo ao seu filho?... Pois bem! Os detratores do gênio não lhe vêm a fecunda maternidade, e é tudo! A vida do poeta é um

sacrifício tão contínuo que precisa de uma organização gigantesca para poder entregar-se aos prazeres de uma vida comum; por isso, em que desgraças não mergulha ele, quando, a exemplo de Molière, quer viver a vida dos sentimentos, exprimindo-os, mesmo, nas suas mais pungentes crises; pois que, para mim, o cômico de Molière sobreposto à sua vida privada é horrível.[297] A generosidade do gênio afigura-se-me quase divina, e eu o coloquei nessa nobre família de pretensos egoístas. Ah! Se eu tivesse achado a secura, o cálculo, a ambição, aí onde admiro todas as minhas mais queridas flores da alma, não pode imaginar a dor interminável que me haveria atingido! Já encontrei a decepção sentada à porta dos meus dezesseis anos! Que teria sido de mim se viesse a saber aos vinte que a glória é mentirosa, ao ver que aquele que expressava nas suas obras tantos sentimentos ocultos no meu coração não compreendia esse coração, quando se desnudasse só para ele? Ó meu amigo, sabe o que teria sido de mim? Vai penetrar nos bastidores de minha alma. Pois bem! Eu teria dito a meu pai: "Traga-me o genro que lhe agrade, abdico de todo querer, case-me para o senhor!". E fosse esse homem notário, banqueiro, avaro, tolo, provinciano, aborrecido como um dia de chuva, vulgar como um eleitor do primeiro turno; fosse ele fabricante ou algum bravo militar sem espírito, esse homem teria em mim a mais resignada e atenciosa serva. Mas horrível suicídio de todos os instantes! Jamais minha alma se teria aberto à luz vivificante de um sol adorado! Nenhum murmúrio revelaria, nem ao meu pai, nem à minha mãe, nem aos meus filhos, o suicídio da criatura que, neste momento, abala as grades de sua prisão, cujos olhos fuzilam, que voa de asas pandas para o senhor e que se coloca como uma Polímnia[298] no ângulo de seu gabinete, respirando-lhe a atmosfera, olhando tudo com olhos meigamente curiosos. Algumas vezes, no campo, onde meu marido me tivesse levado, escapando-me a alguma distância dos meus pequenos, ao ver uma esplêndida manhã, secretamente eu derramaria lágrimas amargas. Enfim, teria em meu coração e num canto de minha cômoda um pequeno tesouro para todas as raparigas decepcionadas pelo amor, pobres almas poéticas, atiradas nos suplícios por sorrisos!... Mas creio em si, meu amigo. Essa crença retifica os mais fantásticos pensamentos de minha secreta ambição; e, por momentos, veja até onde vai minha franqueza, eu quisera estar no meio do livro que começamos, tal a firmeza dos meus sentimentos, tal a força do meu coração para amar, tal a constância pela razão, tal o heroísmo pelo dever que me criei, se é que o amor jamais se pode transformar em dever que me atribuí.

Se lhe fosse dado seguir-me no magnífico retiro onde nos vejo felizes, se conhecesse meus projetos, uma frase terrível em que estaria a palavra loucura lhe escaparia, e talvez fosse eu cruelmente punida por ter enviado tanta poesia a um poeta. Sim, quero ser uma fonte, inesgotável como uma bela região, durante os vinte anos que a natureza nos concede para brilharmos. Quero afastar a saciedade, e a faceirice, e o requinte. Serei corajosa para o meu amigo, como as mulheres o são para a sociedade. Quero variar a felicidade, quero pôr

espírito na ternura, picante na fidelidade. Ambiciosa, quero matar as rivais do passado, desviar os desgostos exteriores com a meiguice da esposa, com a sua altiva abnegação, e ter durante toda a vida esses cuidados do ninho que os pássaros só têm por alguns dias. Esse imenso dote, pertencia, devia ser ofertado a um grande homem, antes de cair no lamaçal das transações vulgares. Acha agora que a minha primeira carta seja uma falta? O sopro de uma vontade misteriosa impelia-me para o senhor, do mesmo modo que uma tempestade leva uma roseira para o coração de um majestoso salgueiro. E na carta que tenho aqui, sobre o meu coração, o senhor exclamou, como o seu antepassado: "Deus o quer!", ao partir para as cruzadas.

Não vá dizer: "Ela é bem tagarela!"; em torno de mim todos dizem: "A senhorita é bem taciturna".

o. d'este-m.

Essas cartas pareceram muito originais às pessoas cuja bondade *A comédia humana* as deve, mas a admiração dessas pessoas por esse duelo entre dois espíritos que cruzaram as penas, enquanto o mais severo incógnito põe uma máscara no rosto, poderia não ser partilhada. Em cem espectadores, talvez oitenta se desinteressassem desse assalto. O respeito devido, em todos os países de governo constitucional, à maioria, embora apenas suspeitada, aconselhou suprimir mais outras onze cartas trocadas entre Ernesto e Modesta durante o mês de setembro. Se alguma lisonjeira maioria as reclamar, esperemos que nos forneça os meios para um dia colocá-las aqui.

Solicitados por um espírito tão agressivo quanto adorável, parecia o coração, os sentimentos verdadeiramente heroicos do pobre secretário privado deram-se livre curso naquelas cartas, que a imaginação de cada um fará talvez mais belas do que realmente são, ao adivinhar esse concerto de duas almas livres. Assim, pois, Ernesto não vivia mais senão por aqueles suaves farrapos de papel, como um avarento só vive pelos do banco; ao mesmo tempo que um amor profundo sucedia, em Modesta, ao prazer de agitar uma vida gloriosa, da qual, apesar da distância, seria o princípio. O coração de Ernesto completava a glória de Canalis. São precisos, muitas vezes, ai de nós, dois homens para fazer um perfeito

amante, da mesma forma que na literatura não se compõe um tipo, senão empregando as singularidades de vários caracteres similares. Quantas vezes uma mulher não disse, em seu salão, depois de íntimas conversações: “Este seria o meu ideal para a alma, e sinto que amo aquele que nada mais é do que o sonho dos sentidos!

A última carta escrita por Modesta, e que aqui vai, permite entrever a Ilha dos Faisões[299] aonde os meandros desta correspondência conduziam os dois enamorados.

XXIII – AO SR. DE CANALIS

Esteja domingo no Havre; entre na igreja, dê uma ou duas voltas por ela, depois da missa da uma hora, saia sem nada dizer a ninguém, sem nada perguntar a quem quer que seja, mas ponha uma rosa branca na lapela. Depois, volte para Paris: lá encontrará uma resposta. Essa resposta não será o que pensa, porque já lhe disse, não sou senhora ainda do futuro... Mas não seria eu uma verdadeira louca se lhe dissesse sim antes de o ter visto? Quando eu o tiver visto, poderei dizer não, sem feri-lo: tenho certeza de permanecer desconhecida.

XXVII – A MÃE CEGA É QUEM VÊ

Essa carta partira na véspera do dia em que se ferira o combate inútil entre Modesta e Dumay. A feliz Modesta esperava, pois, com impaciência doentia, o domingo em que os olhos deveriam condenar ou aplaudir seu espírito e seu coração, um dos momentos mais solenes da vida de uma mulher, e que três meses de um convívio espiritual tornavam tão romântico quanto o pudesse almejar a mais exaltada das raparigas. Todos, exceto a mãe, haviam tomado o torpor dessa espera pela calma da inocência. Por mais poderosas que sejam as leis da família e as peias religiosas, existem Júlias d’Étanges, Clarissas,[300] almas demasiado cheias e que transbordam sob uma pressão divina. Não era Modesta

sublime ao desenvolver uma energia selvagem para comprimir a sua exuberante mocidade, permanecendo velada? Digamo-lo, a recordação da irmã era mais poderosa do que todos os entraves sociais; armara de ferro a sua vontade para não faltar, nem para com o pai nem para com a família. Mas que tumultuosos movimentos! E como uma mãe não os teria adivinhado?

No dia seguinte, Modesta e a sra. Dumay, cerca do meio-dia, levaram a sra. Mignon para tomar um pouco de sol, no banco, em meio das flores. A cega virou o rosto lívido e murcho para o lado do oceano, aspirou o cheiro do mar e tomou a mão de Modesta, que ficou junto dela. No momento de interrogar a filha, a mãe lutava entre o perdão e a censura, pois reconhecera o amor, e Modesta parecia-lhe, como ao falso Canalis, uma exceção.

— Contanto que teu pai chegue a tempo! Se ele demorar, de tudo o que ama só te encontrará a ti! Por isso, Modesta, promete-me outra vez nunca o deixares — disse ela com carinho maternal.

Modesta levou a mão de sua mãe aos lábios e beijou-a meigamente, respondendo:

— Preciso, acaso, repeti-lo?

— Ah! Minha filha, é que eu mesma deixei meu pai, para seguir meu marido!... E, entretanto, meu pai estava sozinho e não tinha outros filhos... Será isso o que Deus castiga na minha vida?... O que te peço é que te cases ao gosto de teu pai, que lhe conserves um lugar no teu coração, que o não sacrifiques à tua felicidade e que o conserves no seio da família. Antes de perder a vista, escrevi-lhe as minhas vontades, e ele as executará; aconselho-o a reter toda a sua fortuna, não que tenha qualquer desconfiança de ti, mas sempre se poderá ter confiança num genro? Não fui razoável? Um olhar decidiu a minha vida. A beleza, esse cartaz tão enganador, foi verdadeira para comigo; mas, se acontecesse o mesmo contigo, pobre criança, jura-me que, se a aparência te seduzisse, deixarias ao teu pai o trabalho de investigar os costumes, o coração e a vida

anterior daquele a quem distinguisses, se é que terás distinguido alguém.

— Não me casarei senão com o consentimento de meu pai — respondeu Modesta.

A mãe permaneceu em profundo silêncio, depois de ter recebido essa resposta, e sua fisionomia quase morta revelava que a estava meditando à maneira dos cegos, estudando intimamente o acento com que a filha a dera.

— É que, minha filha — disse por fim, após demorado silêncio —, se a falta de Carolina me está fazendo morrer a fogo lento, o teu pai não sobreviveria a uma falta tua; conheço-o, ele meteria uma bala na cabeça, pois para ele não mais seria possível nem vida nem felicidade...

Modesta deu alguns passos para se afastar da mãe e voltou logo depois.

— Por que me deixaste? — perguntou a sra. Mignon.

— Fizeste-me chorar, mamãe — respondeu Modesta.

— Pois bem! Meu anjinho, beija-me. Não amas ninguém, aqui?... Não tens um cortejador? — perguntou, conservando-a sentada nos joelhos, coração contra coração.

— Não, mamãezinha querida — respondeu a pequena jesuíta.

— Podes jurar?

— Certamente que posso! — exclamou Modesta.

A sra. Mignon nada mais disse, ainda suspeitava.

— Enfim, se escolhesses um marido, teu pai o saberia? — perguntou.

— Prometi-o, quer à minha irmã, quer a ti, minha mãe. Que falta queres que eu cometa, se a toda hora estou lendo no anel que uso no dedo: “Lembra-te de Betina!”... Pobre irmã!

No momento em que Modesta dizia “pobre irmã”, e uma trégua de silêncio se estabelecia entre a filha e a mãe, cujos olhos extintos deixaram correr lágrimas, que aquela não pôde secar, aconchegando-se à sra. Mignon, e dizendo-lhe — Perdão, perdão, mamãe! —, o excelente Dumay subia a encosta de Ingouville, a passo acelerado, fato anormal na sua

vida.

Três cartas tinham trazido a ruína, uma carta trazia novamente a fortuna. Naquela mesma manhã, Dumay recebera de um capitão chegado dos mares da China a primeira notícia de seu patrão, do seu único amigo.

XXVIII – PERIPÉCIA PREVISTA

ao sr. dumay
antigo caixa da casa Mignon

Meu caro Dumay, seguirei muito de perto, salvo os azares da navegação, o navio pelo qual te escrevo esta; não quis deixar meu barco, ao qual estou muito acostumado. Eu te havia dito: falta de notícias, boas notícias. Mas, com a primeira frase desta carta, ficarás contente, porque essa frase é: tenho pelo menos sete milhões! Trago uma grande parte em anil, um terço em boas letras sobre Londres e um outro terço em ouro sonante. Tua remessa de dinheiro fez-me atingir a cifra que me havia fixado; eu queria dois milhões para cada uma das minhas filhas e o desafogo para mim. Negociei com ópio por atacado para algumas casas de Cantão, todas elas dez vezes mais ricas do que eu. Vocês, na Europa, não fazem ideia do que sejam os ricos negociantes chineses. Eu ia da Ásia Menor, onde obtinha ópio a baixo preço, a Cantão, onde entregava minha mercadoria às companhias que negociam com o produto. Minha última expedição foi às ilhas da Malásia, onde consegui trocar o produto do ópio por anil de primeira qualidade. Por isso, talvez, terei quinhentos ou seiscentos mil francos a mais, pois reputo o meu anil pelo preço de custo. Estive sempre de perfeita saúde. Nunca adoeci. Eis o que é trabalhar para os filhos! Logo no segundo ano, pude adquirir o *Mignon*, lindo brigue de setecentas toneladas, construído com pau de teca, forrado e cavilhado de cobre, e cujas divisões internas foram feitas por mim. É também um valor. A vida de marinheiro, a atividade requerida pelo meu comércio, meu trabalho para me tornar uma espécie de capitão de longo curso mantiveram-me em excelente estado de saúde. Falar-te de tudo isso não é te falar das minhas duas filhas e de minha querida mulher? Espero que, ao me saber arruinado, o miserável que me privou da minha Betina a tenha abandonado, e que a ovelha perdida haja voltado ao redil. Não será preciso mais alguma coisa para o dote desta última? Minhas três mulheres e o meu Dumay estiveram sempre presentes em meu espírito, durante esses três anos. Estás rico, Dumay. Tua parte, independente da minha fortuna, monta a quinhentos e sessenta mil francos que te envio numa letra que será paga exclusivamente a ti pela casa Mongenod, que foi avisada de Nova York. Mais alguns meses e

eu os tornarei a ver, a todos, com boa saúde, assim espero. Agora, querido Dumay, se só a ti escrevo, é porque desejo guardar segredo a respeito da minha fortuna, e porque quero deixar-te a incumbência de preparar meus anjos para a alegria da minha volta. Estou farto do comércio e quero deixar o Havre. A escolha de meus genros preocupa-me bastante. Minha intenção é comprar as terras e o castelo de La Bastie, construir um morgadio de cem mil francos de renda pelo menos e pedir ao rei o favor de transmitir a um dos meus genros meu nome e meu título. Ora, meu pobre Dumay, tu conheces a desgraça que devemos ao brilho fatal da opulência. Nela perdi a honra de uma de minhas filhas. Eu trouxe de volta a Java o mais infeliz dos pais, um pobre negociante holandês, com uma fortuna de nove milhões, cujas duas filhas lhe foram raptadas por miseráveis, e choramos juntos como duas crianças. Portanto não quero que saibam da minha fortuna. Assim é que não desembarcarei no Havre, e sim em Marselha. Meu imediato Castagnould é um provençal, antigo servidor da minha família, a quem proporcionei uma pequena fortuna. Ele receberá instruções minhas para a compra de La Bastie, e eu tratarei do anil por intermédio da casa Mongenod. Colocarei meus fundos no Banco de França e irei ao encontro de vocês, aparentando ostensivamente uma fortuna apenas de um milhão em mercadorias. Às minhas filhas serão atribuídos duzentos mil francos de dote. Escolher aquele dos meus genros que seja digno de suceder ao meu nome, aos meus brasões, aos meus títulos, e de viver conosco, será minha grande ocupação; mas quero-os aos dois, como tu e eu, experimentados, firmes, leais e absolutamente homens de bem. Nem por um segundo duvidei de ti, meu velho. Tive certeza de que minha boa e excelente mulher, a tua esposa e tu haviam erguido um muro intransponível em torno de minha filha, e que poderei depor um beijo cheio de esperança sobre a fronte pura do anjo que me resta. Betina-Carolina, se vocês puderam encobrir sua falta, terá fortuna. Depois de termos juntos feito a guerra e o comércio, vamos fazer agricultura, e tu serás nosso intendente. Agrada-te? Assim, velho amigo, eis-te senhor de tua conduta para com a minha família, de dizer ou de calar meus triunfos. Fio-me na tua prudência, dirás o que julgares conveniente. Em quatro anos podem ter sobrevindo muitas mudanças nos caracteres. Deixo-te como juiz, pois temo a ternura de minha mulher pelas filhas. Adeus, meu velho Dumay. Dize às minhas filhas e à minha mulher que nunca deixei de beijá-las com o coração, dia e noite. A segunda letra, igualmente pessoal, de quarenta mil francos, é para as minhas filhas e minha mulher.

Teu patrão e amigo
carlos mignon

— Teu pai está para chegar — disse a sra. Mignon à filha.
— Como o sabes, mamãe? — perguntou Modesta.

— Só essa notícia é que poderia fazer Dumay correr assim.

XXIX – UMA DECLARAÇÃO DE AMOR EM MÚSICA

Modesta, mergulhada em suas reflexões, não tinha visto nem ouvido Dumay.

— Vitória! — exclamou o tenente, já da porta. — Senhora, o coronel nunca esteve doente, e vem de volta... volta no *Mignon*, um lindo barco que é dele e que deve valer, com o carregamento que traz, de oitocentos a novecentos mil francos; mas ele lhes recomenda a mais profunda discrição, pois tem o coração bem ferido pelo acidente acontecido à nossa cara falecida.

— Sim, uma ferida funda como um túmulo! — disse a sra. Mignon.

— E ele atribui essa desgraça, o que me parece razoável, à cupidez que as grandes fortunas excitam nos jovens... O meu pobre coronel pensa encontrar a ovelha desgarrada aqui entre nós... Sejamos felizes a sós, nada digamos a ninguém, nem mesmo a Latournelle, se possível for.

— Senhorita — disse ele ao ouvido de Modesta —, escreva a seu pai uma carta, contando-lhe a perda que a família sofreu, as horríveis consequências desse acontecimento, a fim de o preparar para o terrível espetáculo que o aguarda; eu me encarrego de fazer com que essa carta lhe vá ter às mãos antes de sua chegada ao Havre, pois ele é obrigado a passar por Paris; escreva-lhe minuciosamente, tempo não lhe falta; eu levarei a carta segunda-feira, pois nesse dia pretendo ir a Paris...

Modesta teve medo de que Dumay e Canalis se encontrassem; deliberou subir ao quarto para escrever, adiando a entrevista.

— Senhorita — disse Dumay, de modo mais humilde, barrando a passagem de Modesta —, diga-me que seu pai vai encontrar a filha sem outro sentimento no coração, além daqueles que ali deixara antes de partir e dedicados a ele e à senhora sua mãe.

— Eu jurei a mim mesma, à minha irmã, à minha mãe, ser o consolo, a felicidade e o orgulho de meu pai, e assim será! — replicou Modesta, lançando um olhar altivo e desdenhoso a Dumay. — Não perturbe, com as suas suspeitas injuriosas, a alegria que eu sinto, ao saber que em breve meu pai estará entre nós. Não se pode impedir o coração de uma moça de pulsar; não pretende que eu seja uma múmia, não? Minha pessoa pertence à minha família, meu coração pertence a mim. Se amo, meu pai e minha mãe o saberão. Está satisfeito, senhor?

— Obrigado, senhorita — respondeu Dumay —; restituiu-me a vida; mas, em todo caso, bem podia chamar-me simplesmente Dumay, mesmo ao dar-me uma bofetada.

— Jura-me — disse a mãe — que não trocaste nem uma palavra, nem um olhar com um rapaz...

— Posso jurá-lo, minha mãe — disse Modesta sorrindo e olhando para Dumay que a examinava e sorria, como uma rapariga que estivesse a fazer uma pilhéria.

— Só se ela fosse muito falsa! — exclamou Dumay quando Modesta entrou em casa.

— Minha filha Modesta pode ter defeitos — respondeu a mãe —, mas é incapaz de mentir.

— Pois bem! Fiquemos, pois, tranquilos — replicou o tenente — e acreditemos que a desgraça já saldou suas contas conosco.

— Deus o queira! — replicou a sra. Mignon. — O senhor o verá, Dumay, quanto a mim só poderia ouvi-lo... Há bastante melancolia na minha felicidade...

Naquele momento, Modesta, embora feliz com a volta do pai, estava aflita como Perrette[301] ao ver os seus ovos quebrados. Ela esperava uma fortuna maior do que a anunciada por Dumay. Ambiciosa para o seu poeta, ela teria desejado pelo menos a metade dos seis milhões de que falara na sua segunda carta. Dominada por sua dupla alegria e contrariada pelo pequeno desgosto que lhe causava sua pobreza relativa,

pôs-se ao piano — o confidente de tantas jovens ao qual contam suas cóleras, seus desejos, exprimindo-os pelas nuanças da execução. Dumay conversava com a mulher, passeando sob as janelas; confiava-lhe o segredo de sua fortuna e indagava dos seus desejos, das suas inspirações e das suas intenções. A sra. Dumay, como o marido, não tinha outra família senão a família Mignon. Os dois esposos decidiram viver na Provença, se o conde de La Bastie fosse para a Provença, e legar sua fortuna ao filho de Modesta que mais necessitasse dela.

— Ouça, Modesta! — disse-lhes a sra. Mignon. — Só uma moça apaixonada pode compor semelhantes melodias sem conhecer música...

Podem as casas incendiar-se, naufragar as fortunas, os pais regressar de viagens, esboroar-se os impérios, a cólera devastar a cidade, que, com tudo isso, o amor de uma jovem prossegue no seu voo, como a natureza na sua marcha, como esse pavoroso ácido que a química acaba de descobrir e que pode perfurar o globo se nada o detiver no centro.

Eis a romança que a sua situação inspirava a Modesta, sobre as estâncias que deveremos citar, embora estejam elas impressas no segundo volume da edição a que se referia Dauriat, pois, para adaptar-lhe sua música, a jovem artista tinha quebrado as cesuras por meio de algumas modificações que poderiam espantar os admiradores da correção, muita vez demasiado sábia desse poeta.

chant d'une jeune fille[302]

Mon coeur, lève-toi! Déjà l'alouette
Secoue en chantant son aile au soleil.
Ne dors plus, mon coeur, car la violette
Élève à Dieu l'encens de son réveil.

Chaque fleur vivante et bien reposée,
Ouvrant tour à tour les yeux pour se voir,
A dans son calice un peu de rosée,

Perle d'un jour qui lui sert de miroir.

On sent dans l'air pur que l'ange des roses
A passé la nuit à bénir les fleurs!
On voit que pour lui toutes sont écloses,
Il vient d'en haut raviver leurs couleurs.

Ainsi lève-toi, puisque l'alouette
Secoue en chantant son aile au soleil;
Rien ne dort plus, mon coeur! la violette
Élève à Dieu l'encens de son réveil.[303]


Allegretto
PIANO
fz
fz
Mon cœur, lève-toi! Déjà l'alouet..
te, Secoue en chantant son aile au soleil. Ne dors
plus, mon cœur, car la vi.o.let.. te É.lève à Dieu l'en.


.cens de son ré.veil. Chaque fleur vi . vante et
bien repo.sée, On.vrant tour à tour les yeux pour se
voir. A dans son ca.lice un peu de ro.sé e. Per.le d'un
jour qui lui sert de mi.roir. On sent dans l'air pur que


l'ange des ro.ses A pas.sé la nuit à bé . nir les fleurs, On
voit que pour lui toutes sont é . closes. Il vient d'en haut ra.vi.
. ver leurs cou.leurs! Ainsi, lève toi, puisque l'alouet . .
. te Secoue en chantant son aile au so.leil; Rienne dort


plus, mon cœur, la vi.o . lette ___ É.leve à Dieu .l'en.
. cens desonré.veil. Riennedort plus, mon cœur, la vi.o.
. lette É . leve à Dieu Pen . cens desonré.veil.
fz
fz

Eis aqui, uma vez que os progressos da tipografia o permitem, a música de Modesta, à qual uma expressão deliciosa comunicava essa sedução admirável nos grandes cantores, e que nenhuma tipografia, ainda que seja hieroglífica ou fonética, poderá jamais exprimir.

— É bonita — disse a sra. Dumay. — Modesta é musicista, e nada mais...

— Ela tem o diabo no corpo — exclamou o caixa, a quem a suspeita da mãe entrara no coração, causando-lhe arrepios.

— Ela ama — repetiu a sra. Mignon.

XXX – FISIOLOGIA DO CORCUNDA

Conseguindo, como testemunho irrecusável daquela melodia, fazer Dumay partilhar sua certeza sobre o amor oculto de Modesta, a sra. Mignon perturbou a alegria que o regresso e os êxitos do patrão haviam causado ao caixa. O pobre bretão foi ao Havre continuar seu trabalho na casa Gobenheim; depois, antes de voltar para jantar, ele passou pela casa dos Latournelle a fim de lhes expor seus temores e pedir-lhes outra vez amparo e auxílio.

— Sim, meu caro amigo — disse Dumay, na soleira da porta, ao despedir-se do notário —, sou da mesma opinião que a sra. Mignon: ela ama, não há dúvida, e o diabo saberá do resto. Estou desonrado.

— Não se desespere, Dumay — respondeu o pequeno notário —, entre todos, nós seremos tão fortes como essa criaturinha e, mais cedo ou mais tarde, toda rapariga apaixonada comete uma imprudência que a trai; mas falaremos logo à noite.

Desse modo, todas as pessoas devotadas à família Mignon viram-se tomadas das mesmas inquietações que as pungiam na véspera, antes da experiência que o velho soldado julgara decisiva. A inutilidade de tantos esforços espicaçou de tal forma a consciência de Dumay que ele não quis

ir buscar sua fortuna em Paris antes de ter decifrado aquele enigma. Aqueles corações, para os quais os sentimentos eram mais preciosos do que os interesses, concebiam, todos eles, em tal momento que, sem a perfeita inocência de sua filha, o coronel podia morrer de desgosto ao encontrar Betina morta e a esposa cega. O desespero do pobre Dumay causou tal impressão sobre os Latournelle que esqueceram a partida de Exupério, o qual, pela manhã, haviam despachado para Paris. Durante os momentos do jantar em que os três ficaram sós, o sr., a sra. Latournelle e Butscha examinaram os termos do problema sob todos os pontos, considerando todas as hipóteses possíveis.

— Se Modesta amasse alguém no Havre, ela teria tremido ontem — disse a sra. Latournelle —; logo, seu pretendente não está aqui.

— Ela jurou — disse o notário —, hoje de manhã, à mãe dela e diante de Dumay, que não tinha trocado olhares nem falado com nenhum vivente...

— É que então ela ama à minha maneira — disse Butscha.

— E como é que tu amas, meu pobre rapaz? — perguntou a sra. Latournelle.

— Senhora — respondeu o corcundinha —, eu amo sozinho, a distância, pouco mais ou menos como daqui às estrelas...

— E como fazes tu, grande bobalhão? — disse a sra. Latournelle, sorrindo.

— Ah! Minha senhora — respondeu Butscha —, o que julga uma corcunda é o estojo das minhas asas.

— É essa então a explicação do teu sinete! — exclamou o notário.

O sinete do amanuense era uma estrela sob a qual se liam as seguintes palavras *Fulgens*, *sequar* (brilhante, eu te seguirei), a divisa da casa de Chastillonest.

— Uma bela criatura pode ter tanta desconfiança como uma feia — disse Butscha, como se falasse consigo mesmo. — Modesta possui bastante espírito para que possa ter medo de não ser amada senão por

sua beleza.

Os corcundas são criaturas maravilhosas, aliás, inteiramente devidas à Sociedade; pois, no plano da natureza, os seres fracos ou mal-acabados devem perecer. A curvatura ou a torsão da coluna vertebral produz nesses homens, na aparência desfavorecidos, como que um olhar no qual os fluidos nervosos se acumulam em maior quantidade do que nos outros, e no próprio centro onde se elaboram, onde atuam, de onde irradiam como uma luz para vivificar o ser interior. Daí resultam forças, por vezes reconhecidas pelo magnetismo, mas que com mais frequência se perdem através dos espaços do mundo espiritual. Procurai um corcunda que não seja dotado de nenhuma faculdade superior; seja uma alegria espiritual, seja uma completa maldade, seja uma bondade sublime! Como instrumentos que a mão da arte jamais despertará, esses seres, privilegiados sem o saber, vivem em si mesmos como vivia Butscha, quando não gastam suas forças, tão magnificamente concentradas, na luta que têm de sustentar contra os obstáculos para se conservarem vivos. Assim se explicam essas superstições, essas tradições populares, a que se devem os gnomos, os anões apavorantes, as fadas disformes, toda essa raça de frascos — disse Rabelais — que contêm elixires e bálsamos raros.

Butscha, portanto, quase adivinhou Modesta. E, na sua curiosidade de amante sem esperança, de servidor sempre pronto a morrer, como aqueles veteranos que, sozinhos e abandonados, gritavam nas neves da Rússia: *Viva o imperador!*, planejou descobrir sozinho o segredo de Modesta. Com ar profundamente preocupado, acompanhou os patrões, quando eles foram para o Chalé, pois se tratava de esconder, a todos aqueles olhos atentos, a todas aquelas orelhas alertas, a armadilha em que apanharia a moça. Deveria ser um olhar trocado, algum estremecimento surpreendido, como quando um cirurgião põe o dedo sobre uma dor oculta. Nessa noite, Gobenheim não compareceu, Butscha serviu de parceiro ao sr. Dumay, contra o sr. e a sra. Latournelle. Durante o momento em que Modesta se ausentou, pelas nove horas, a fim de ir

preparar a cama da mãe, a sra. Mignon e seus amigos puderam conversar sem reservas: mas o pobre amanuense, abatido pela convicção que também se apoderara dele, mostrou-se tão estranho aos debates quanto na véspera o estivera Gobenheim.

— Então! Que tens, Butscha? — exclamou a sra. Latournelle, admirada. — Dir-se-ia que perdeste todos os teus parentes...

Dos olhos do pobre corcunda, filho de um marinheiro sueco abandonado pelo pai e cuja mãe falecera de desgosto no hospital, desprendeu-se uma lágrima.

— Só tenho a senhora no mundo — respondeu ele com voz perturbada —, e sua compaixão é demasiado religiosa para que eu jamais a perca, pois nunca desmerecerei as suas bondades.

Essa resposta fez vibrar uma corda igualmente sensível entre as testemunhas dessa cena, a da delicadeza.

— Nós todos lhe queremos, sr. Butscha — disse a sra. Mignon com voz comovida.

— Eu tenho seiscentos mil francos meus! — disse o bom Dumay — Tu serás notário no Havre e sucessor de Latournelle.

A americana pegara as mãos do pobre corcunda entre as suas e apertava-as.

— Você tem seiscentos mil francos! — exclamou Latournelle, que ergueu o nariz para Dumay, assim que este soltou aquela palavra — E deixa estas senhoras aqui!... e Modesta não tem um cavalo bonito, e ela não continuou com os professores de música, de pintura, de...

— Ora! Ele os tem faz apenas algumas horas! — exclamou a americana.

— Pst! — fez a sra. Mignon.

Durante todas essas exclamações, a augusta patroa de Butscha se empertigara, contemplando-o.

— Meu filho — disse ela —, julgo-te tão cercado de tantas afeições, que não pensava no sentido particular desta locução proverbial; mas deves

agradecer-me essa pequena falta, porque serviu para te fazer ver os amigos que as tuas excepcionais qualidades te conquistaram.

— Teve então notícias do sr. Mignon? — perguntou o notário.

— Ele vai voltar — disse a sra. Mignon —, mas guardemos entre nós esse segredo... Quando meu marido souber que Butscha nos fez companhia, que nos tributou a mais viva e mais desinteressada amizade, no momento em que todos nos davam as costas, não o deixará como seu único comanditário, Dumay. Por isso, meu amigo — disse ela, tentando dirigir o rosto para Butscha —, pode desde já tratar com Latournelle...

— Mas ele já tem a idade, vinte e cinco anos e meio — disse Latournelle. — E, para mim, é saldar uma dívida, meu rapaz, facilitar-te a aquisição do meu cartório.

Butscha, que beijou a mão da sra. Mignon, cobrindo-a de lágrimas, apresentava um rosto molhado, quando Modesta abriu a porta do salão.

XXXI – MODESTA PRESA NA ARMADILHA

— Quem foi que entristeceu meu anão misterioso? — perguntou ela.

— Ora, senhorita Modesta, quem disse que nós, crianças embaladas pela desgraça, choramos de pesar? Acabam de me mostrar tanta simpatia quanto a que eu sentia no coração por todos aqueles que me comprazia em considerar parentes. Serei notário, poderei ficar rico. Ah! Ah! O pobre Butscha será talvez um dia o rico Butscha. A senhorita não faz uma ideia da audácia que existe neste aleijão! — exclamou ele.

O corcunda deu um forte soco na caverna do seu peito e se postou diante da lareira, depois de ter lançado sobre Modesta um olhar que deslizou como um clarão por entre suas espessas pálpebras cerradas; pois percebeu, nesse incidente imprevisto, a possibilidade de interrogar o coração da sua soberana. Dumay, por um instante, julgou que o amanuense se atrevera a dirigir-se a Modesta e trocou, rapidamente, com

os amigos, um olhar que compreenderam perfeitamente e que fez com que contemplassem o corcundinha com uma espécie de terror mesclado de curiosidade.

— Também eu tenho meus sonhos! — continuou Butscha, cujos olhos não se afastavam de Modesta.

A moça baixou as pálpebras com um movimento, que, para o amanuense, já foi uma revelação.

— A senhora gosta de romances, permita que, na alegria em que me vejo, lhe confie meu segredo, e me dirá se o desenlace do romance inventado por mim, para a minha vida, é possível; pois a não ser assim, para que a fortuna? Para mim o ouro, mais do que para qualquer outro, é a felicidade; pois, para mim, felicidade é enriquecer um ser amado! A senhorita que sabe tantas coisas, diga-me, pois, se é possível alguém se fazer amar independentemente da forma, bela ou feia, e unicamente pela própria alma.

Modesta fitou Butscha. Foi uma terrível interrogação, porque então ela partilhou as suspeitas de Dumay.

— Uma vez rico, eu procurarei alguma bela moça pobre, uma abandonada como eu, que tenha sofrido muito, que seja infeliz; eu lhe escreverei, eu a consolarei, serei seu gênio bom; ela lerá no meu coração, na minha alma, ela terá as minhas duas riquezas ao mesmo tempo, meu ouro muito delicadamente oferecido, e meu pensamento ornado com todos os esplendores que o acaso do nascimento recusou à minha grotesca pessoa! Eu me conservarei oculto como uma causa que os sábios pesquisam. Talvez Deus não seja belo!... Naturalmente, essa criança quererá ver-me, mas eu lhe direi que sou um monstro de fealdade, pintar-me-ei bem feio...

Nesse ponto Modesta olhou fixamente para Butscha; se lhe tivesse dito: “Que sabe você dos meus amores?”, não teria sido mais explícita.

— Se eu tiver a felicidade de ser amado pela poesia do meu coração! Se, um dia, para essa mulher, eu não for mais do que um pouco disforme,

confesso que serei mais feliz do que o mais belo dos homens, do que um homem de gênio, amado por uma criatura como a senhorita.

O rubor que coloriu as faces da moça revelou ao corcunda quase todo o seu segredo.

— E então! Enriquecer a quem ama, agradar-lhe moralmente, abstração feita da pessoa, não é esse o meio de ser amado? Eis o sonho do pobre corcunda, o sonho de ontem; pois hoje a sua adorável mãe acaba de dar-me a chave do meu futuro tesouro, prometendo facilitar-me os meios de comprar um cartório. Mas, antes de me tornar um Gobenheim, é preciso saber se essa horrível transformação será útil. Qual é sua opinião, senhorita?

Modesta estava tão surpreendida que não percebeu que Butscha a estava interpelando. A armadilha do enamorado foi melhor preparada do que a do soldado, pois a pobre moça estupefata perdera a voz.

— Pobre Butscha! — disse em voz baixa a sra. Latournelle ao marido — Irá ele ficar louco?...

— O senhor quer realizar o conto da *Bela e a Fera*[304] — respondeu finalmente Modesta —, mas esquece que a Fera se transforma no Príncipe Encantado.

— Pensa assim? — disse o anão. — Pois eu sempre pensei que essa transformação indicava o fenômeno da alma tornada visível, apagando a forma sob a sua luz radiosa. Se eu não for amado, conservar-me-ei escondido, e é tudo! A senhorita e os seus, minha senhora — disse ele à sua patroa —, em vez de terem um anão a seu serviço, têm uma vida e uma fortuna. — Butscha retomou seu lugar e disse aos três jogadores, fingindo a maior calma:

— Quem dá? — Mas no seu íntimo, dizia dolorosamente: “Ela quer ser amada por si mesma, corresponde-se com algum falso grande homem, e até que ponto terá ido?”.

— Mãezinha querida, são nove horas e três quartos — disse Modesta.

A sra. Mignon despediu-se dos amigos e foi deitar-se.

Os que querem amar em segredo podem ter como espiões cães dos Pireneus, mães, os Dumay, os Latournelle, e mesmo assim não estarão em perigo; mas, e um apaixonado?... é diamante contra diamante, fogo contra fogo, inteligência contra inteligência, uma equação perfeita, cujos termos se penetram mutuamente.

XXXII – BUTSCHA FELIZ

No domingo de manhã, Butscha antecipou-se à patroa, que sempre ia buscar Modesta, para irem à missa, e pôs-se a bordejar em frente ao Chalé à espera do carteiro.

— Tem hoje alguma carta para a srta. Modesta? — perguntou ele ao humilde funcionário, quando o viu chegar.

— Não, senhor, não...

— De há algum tempo estamos tendo um ótimo freguês para o governo, não? — disse o amanuense.

— Ah! Sim, então! — respondeu o carteiro.

Modesta viu e ouviu esse pequeno colóquio, do seu quarto, onde sempre se postava, por trás da persiana, para espreitar o carteiro. Ela desceu, saiu para o pequeno jardim, onde com voz alterada chamou:

— Sr. Butscha!

— Aqui estou, senhorita! — disse o corcunda, ao chegar à portinhola que foi aberta pela própria Modesta.

— Poderá dizer-me se entre os seus títulos à afeição de uma mulher, o senhor conta a vergonhosa espionagem a que se entrega? — perguntou-lhe a moça, tentando esmagar seu escravo com o olhar e uma atitude de rainha.

— Sim, senhorita! — respondeu ele altivamente. — Ah! Eu não pensava — continuou em voz baixa — que os vermes pudessem prestar serviços às estrelas! Mas é assim. Preferiria a senhorita que sua mãe, ou o

sr. Dumay, ou a sra. Latournelle, a tivessem adivinhado, e não uma criatura quase proscrita da vida, que se lhe dá como uma dessas flores que a senhora corta para servir-se dela um instante? Todos eles sabem que a senhorita ama; mas somente eu sei como... Tome-me como tomaria um cão vigilante, eu lhe obedecerei, eu a guardarei, jamais latirei e tampouco a julgarei. Nada lhe peço a não ser que me deixe ser-lhe útil em qualquer coisa. Seu pai pôs-lhe um Dumay na sua jaula, junte-lhe um Butscha e depois me diga! Um pobre Butscha que nada quer, nem mesmo um osso!

— Pois bem! Vou pô-lo à prova — disse Modesta, que se quis livrar de um guardião de tanto espírito. — Vá imediatamente de hotel em hotel, em Graville, no Havre, saber se chegou da Inglaterra um sr. Artur...

— Olhe, senhorita — disse Butscha respeitosamente, interrompendo Modesta —, eu irei muito simplesmente dar um passeio à beira-mar, e isso bastará, pois o que não quer é ver-me hoje na igreja. Eis aí.

Modesta olhou o anão deixando ver um assombro estúpido.

— Ouça, senhorita! Embora tenha envolvido suas faces numa manta, sei que não está endefluxada. E se está com um véu duplo no seu chapéu, é para ver sem ser vista.

— De onde lhe vem tanta perspicácia? — exclamou Modesta, enrubescendo.

— Ora, senhorita, a senhora não tem espartilho! Um defluxo não a obrigaria a disfarçar a cintura pondo várias saias, a ocultar as mãos numas luvas velhas, e seus bonitos pés em horríveis botinas, a vestir-se mal, a...

— Basta! — disse ela. — Agora, como poderei ter a certeza de que serei obedecida?

— Meu patrão quer ir a Sainte-Adresse, e isso o contraria; mas como é realmente bom, não me quis privar do meu domingo: pois bem, eu vou propor-lhe ir lá...

— Pois vá, e terei confiança em si...

— Tem certeza de que não precisará de mim no Havre?

— Não. Ouça-me, anão misterioso, olhe — disse ela, mostrando-lhe o céu sem nuvens. — Pode ver o rasto do pássaro que passou há pouco? Pois bem! Minhas ações, tão puras como este ar, não deixam tampouco vestígios. Tranquilize Dumay, tranquilize os Latournelle, tranquilize minha mãe, e saiba que esta mão — disse, mostrando-lhe uma bonita mão delicada, de dedos afilados e que a luz atravessava — não será concedida, nem mesmo animada de um beijo, antes da volta de meu pai.

— E por que não me quer hoje na igreja?

— Faz-me perguntas, depois que lhe dei a honra de dizer e de lhe pedir?

Butscha saudou, sem nada responder, e foi às pressas à casa do patrão, no deslumbramento de entrar para o serviço de sua senhora anônima.

Uma hora depois, o sr. e a sra. Latournelle vieram buscar Modesta, a qual se queixou de uma horrível dor de dentes.

— Não tive coragem de vestir-me — disse ela.

— Pois então fique — disse a boa notária.

— Oh! Não, quero rogar pelo feliz regresso de meu pai — respondeu Modesta — e pensei que, agasalhando-me assim, a saída me faria mais bem do que mal.

E a srta. Mignon seguiu sozinha ao lado de Latournelle. Recusou dar o braço a seu guardião, por medo de ser interrogada sobre o tremor que a agitava a ideia de ver em breve o seu grande poeta. Um único olhar, o primeiro, não ia em breve decidir o seu futuro?

XXXIII – RETRATO DE CORPO INTEIRO DO SR. DE LA BRIÈRE

Poderá haver na vida de um homem um momento mais delicioso do que

o da primeira entrevista? Renascerão jamais as sensações ocultas no fundo do coração e que então desabrocham? Encontrar-se-ão novamente os prazeres sem nome que se saboreiam ao procurar, como o fez Ernesto de La Brière, sua melhor navalha, sua mais bela camisa, um colarinho impecável e a mais cuidada roupa? Deificam-se as coisas associadas a essa hora suprema. Fazem-se então no íntimo poesias secretas que valem as das mulheres; e no dia em que, de um lado e de outro, elas são adivinhadas, não se dissipará tudo? Não acontece com essas coisas o mesmo que se passa com as flores de algumas frutas selvagens, acres e ao mesmo tempo suaves, perdidas no coração das florestas, sem dúvida, a alegria do sol; ou, como diz Canalis, no canto de uma jovem, a alegria da própria planta à qual o anjo das flores permitiu que ela se visse a si mesma? Isso tende a lembrar que, semelhante a muitos seres pobres, para os quais a vida começa pelo trabalho e pelas preocupações de dinheiro, o modesto La Brière ainda não tinha amado. Tendo chegado na véspera, à noite, ele se deitara logo, como uma coquete, para dissipar as fadigas da viagem, e acabava de fazer uma *toilette* cuidada, para melhorar-se depois de ter tomado um banho. Caberá talvez aqui o seu retrato de corpo inteiro, quanto mais não seja para justificar a última carta que Modesta devia escrever.

Filho de uma boa família de Toulouse, aparentada de longe com a do ministro que o tomara sob sua proteção, Ernesto possui esse ar *comme il faut* no qual se revela uma educação iniciada no berço, mas que o hábito dos negócios tornara grave, sem esforço, pois a pedantaria é o escolho de toda a gravidade prematura. De estatura comum, ele se faz notar por um rosto fino e suave, de tons quentes, mas sem coloração, e que ele realçava, então, por pequeno bigode e uma mosca à Mazarino. Sem esse atestado viril, ele se pareceria, talvez, a uma moça disfarçada, tão mimosos eram os lábios e as feições, tanto eram próprios de mulher aqueles dentes de esmalte transparente e de uma regularidade quase postiça. Junte-se a essas qualidades femininas um modo de falar suave como a fisionomia,

meigo com olhos azuis de pálpebras turcas, facilmente se poderá compreender que o ministro tivesse apelidado o seu jovem secretário de srta. de La Brière. A fronte ampla, pura, bem emoldurada por cabelos negros e abundantes, parece sonhadora e não desmente a expressão da fisionomia, que é inteiramente melancólica. A proeminência da arcada orbitária, conquanto elegantemente modelada, obumbra o olhar e carrega ainda aquela melancolia com tristeza, por assim dizer física, que produzem as pálpebras quando muito descidas sobre a pupila. Essa dúvida íntima, que traduzimos pela palavra modéstia, animava, pois, quer as feições, quer a pessoa. Talvez se possa compreender bem este conjunto, fazendo observar que a lógica do desenho exigiria mais comprimento no oval da cabeça, mais espaço entre o queixo que termina bruscamente e a fronte, muito diminuída pelo modo como se implantam os cabelos. Por isso, o rosto parece esmagado. O trabalho já havia cavado seu sulco entre as sobrancelhas, um pouco demasiado bastas e aproximadas, como nos ciumentos. Embora La Brière fosse então delgado, pertencia a esse gênero de temperamentos que, formando-se tardiamente, adquirem aos trinta anos uma gordura inesperada.

Esse rapaz, para as pessoas familiarizadas com a história da França, representaria muito bem a real e inconcebível figura de Luís xiii, modéstia melancólica sem causa conhecida, pálido sob a coroa, amante dos perigos da guerra, das fadigas da caça e odiando o trabalho, tímido com a amante a ponto de respeitá-la, indiferente até deixar cortarem a cabeça de um amigo e que somente pode explicar o remorso de ter vingado o pai em sua mãe,[305] teria ele sido, afinal, o Hamlet católico ou simplesmente a presa de alguma doença incurável? Mas o verme roedor que tornava Luís xiii lívido e lhe debilitava as forças era, então, em Ernesto, simples falta de confiança em si mesmo, a timidez do homem a quem nenhuma mulher ainda disse “Como eu te amo!” e sobretudo a dedicação inútil. Depois de ter esperado o dobre de finados de uma monarquia na queda de um ministério, esse pobre rapaz encontrara em

Canalis uma rocha oculta sob elegantes musgos; buscava, pois, uma dominação para amar; essa inquietação de cão em busca de dono dava-lhe o ar do rei que encontrou o seu. Essas nuvens, esses sentimentos, essa expressão de sofrimento espalhada por seu rosto tornavam-no muito mais belo do que o pensava o referendário, muito aborrecido por se ver classificado pelas mulheres na categoria dos belos tenebrosos; gênero esse que já passara da moda numa época em que todos queriam guardar para si mesmos as trombetas do Apocalipse.

O desconfiado Ernesto pedira, pois, todos os seus prestígios ao vestuário então na moda. Pôs para aquela entrevista, em que tudo dependia de um primeiro olhar, uma calça preta e botinas cuidadosamente lustradas, um colete cor de enxofre que deixava aparecer uma camisa de uma finura notável, e com botões de opala, uma gravata preta, uma sobrecasaca azul ornada com a roseta e que parecia colada nas costas e no talhe por um processo novo. Com bonitas luvas de couro de cabrito, cor de bronze florentino, trazia na mão esquerda uma bengalinha e o chapéu, com um gesto bastante *Luís-catorziano*, mostrando assim, como o exigia o local, a sua cabeleira penteada com arte, e na qual a luz produzia brilhantes acetinados. Postado desde o começo da missa no pórtico, examinou a igreja, olhando todos os cristãos, mas mais particularmente as cristãs, que molhavam os dedos na água benta.

Uma voz interior gritou à Modesta: *Ei-lo!*, logo que ela chegou. Aquela sobrecasaca e aquele porte essencialmente parisienses, aquela roseta, aquelas luvas, aquela bengala, o perfume dos cabelos, nada era do Havre. Por isso, quando La Brière se voltou para examinar a grande e orgulhosa notária, o pequeno notário e a trouxa (expressão consagrada entre mulheres) sob cuja forma Modesta se pusera, a pobre criança, embora preparada para isso, recebeu um golpe violento no coração ao ver aquela poética figura, iluminada em cheio pela claridade da porta. Não se podia enganar: uma pequena rosa branca quase ocultara a roseta. Ernesto poderia reconhecer sua desconhecida, ridiculamente toucada de um velho

chapéu guarnecido de um duplo véu? Modesta teve tanto medo da vidência[306] do amor que caminhou como uma velha.

— Não te parece — disse o pequeno Latournelle à esposa, ao ir para o seu lugar —, que esse senhor não é do Havre?

— Aparecem por aqui tantos estrangeiros — respondeu a notária.

— Mas os estrangeiros nunca vêm ver nossa igreja que não tem mais de dois séculos.

XXXIV – ONDE SE DEMONSTRA QUE O AMOR SE ESCONDE DIFICILMENTE

Ernesto permaneceu durante toda a missa na porta, sem ter visto entre as mulheres nenhuma que realizasse as suas esperanças. Modesta, essa não pôde conter seu tremor senão no fim da cerimônia. Sentiu alegrias que somente ela poderia descrever. Finalmente ouviu sobre as lajes o ruído de passos de um homem distinto, porque a missa terminara. Ernesto dava uma volta pela igreja, na qual não havia mais do que os *dilettanti* da devoção, os quais se tornaram objeto de uma análise sábia e perspicaz. Ernesto, na sua passagem, notou o tremor excessivo do livro de horas nas mãos da pessoa velada; e, como era a única que escondia o rosto, teve suspeitas confirmadas pelo vestuário de Modesta, estudado com um cuidado de amante curioso.

Saiu, quando a sra. Latournelle deixou a igreja, seguiu-a a uma distância conveniente e viu-a voltar com Modesta, pela rue Royale, onde, segundo o seu hábito, a srta. Mignon esperava a hora das vésperas. Depois de ter com o olhar medido de alto a baixo a casa ornada com a placa do notário, Ernesto perguntou o nome deste a um passante, que lhe deu quase que com orgulho o nome do sr. Latournelle, primeiro notário do Havre... Quando percorreu a rue Royale para mergulhar o olhar no interior da casa, Modesta entreviu seu namorado e afirmou então estar tão doente que não podia ir às vésperas, e a sra. Latournelle fez-lhe

companhia. Por essa forma, Ernesto perdeu tempo com o seu cruzeiro. Ele não se atreveu a passear por Ingouville, impondo-se obedecer, como ponto de honra, e voltou para Paris, depois de ter escrito, enquanto esperava a partida da diligência, uma carta que Francisca Cochet devia receber no dia seguinte, selada do Havre.

Todos os domingos, o sr. e a sra. Latournelle jantavam no Chalé, aonde costumavam ir depois das vésperas, para levar Modesta. Por isso, assim que a jovem doente se sentiu melhor, subiram para Ingouville, já aí acompanhados por Butscha. A feliz Modesta fez então uma *toilette* encantadora. Quando desceu para o jantar, esqueceu seu disfarce da manhã, seu pretenso defluxo, e cantarolou:

"Nada mais dorme, coração! a violeta
Ergue a Deus o incenso de seu despertar".

Butscha teve um leve estremecimento ante o aspecto de Modesta, de tão transformada que ela lhe pareceu, pois que as asas do amor como que estavam presas aos seus ombros; tinha o ar de uma sílfide e nas faces exibia o divino colorido do contentamento.

— De quem é o texto sobre o qual compuseste tão linda música? — perguntou a sra. Mignon à filha.

— De Canalis, mamãe — respondeu ela, subindo-lhe de súbito, do pescoço à fronte, o mais belo carmesim.

— Canalis! — exclamou o anão, para o qual o acento de Modesta e seu rubor revelaram a única coisa que ainda ignorava do segredo. — Ele, o grande poeta, faz romanças?

— São simples estâncias — disse ela — sobre as quais tive a ousadia de adaptar reminiscências de árias alemãs...

— Não, não — replicou a sra. Mignon —, essa música é tua, minha filha.

Modesta, sentindo-se enrubescer cada vez mais, saiu, levando Butscha

para o pequeno jardim.

— Você pode — disse-lhe ela em voz baixa — prestar-me um grande serviço. Dumay está se fazendo de discreto com minha mãe e comigo a respeito da fortuna que meu pai nos traz, e eu queria saber quanto é realmente. Dumay, faz tempo, não mandou ao papai qualquer coisa como quinhentos mil e tantos francos? Meu pai não é homem para se ausentar durante quatro anos só para duplicar seu capital. Ora, ele volta num navio seu, e a parte que atribui a Dumay é de cerca de seiscentos mil francos.

— Não é preciso interrogar Dumay — disse Butscha. — O senhor seu pai perdera, como sabe, quatro milhões, na época em que partiu, com certeza os recuperou; mas deve ter dado a Dumay dez por cento dos lucros, e, pela fortuna que o digno bretão confessa ter, nós avaliamos, meu patrão e eu, entre seis e sete milhões.

— Oh! Meu pai! — disse Modesta, cruzando os braços sobre o peito e erguendo os olhos para o céu —, tu me terás dado duas vezes a vida!

— Ah! Senhorita — disse Butscha — A senhorita ama um poeta? Homens dessa espécie são, mais ou menos, Narcisos![307] Saberá ele amá-la? Um operário de frases, ocupado em ajustar palavras, é bem cacete. Um poeta, senhorita, não é a poesia, da mesma forma que a semente não é a flor.

— Butscha, nunca vi homem tão bonito!

— A beleza, senhorita, é um véu que serve muitas vezes para encobrir muitas imperfeições...

— É o mais angélico coração do céu...

— Queira Deus que tenha razão, senhorita — disse o anão, juntando as mãos —, e que seja feliz. Esse homem, como a senhorita, terá em João Butscha um servidor. Não serei mais notário, então, vou atirar-me ao estudo, às ciências...

— E para quê?

— Ora, senhorita, para educar seus filhos, se dignar-se aceitar-me

como preceptor das crianças... Ah! Se quisesse aceitar um conselho! Olhe, deixe-me agir; eu saberei penetrar a vida e os costumes desse homem, descobrir se ele é bom, se é colérico, se é meigo, se terá esse respeito que a senhorita merece, se é capaz de amar absolutamente, preferindo-a a tudo, mesmo ao seu talento...

— Mas que importa isso se eu o amo? — disse ela ingenuamente.

— Ah! É verdade! — exclamou o corcunda.

Nesse momento, a sra. Mignon dizia aos seus amigos:

— Minha filha, esta manhã, viu aquele a quem ama!

— Devia ser então aquele colete cor de enxofre que tanto te intrigou, Latournelle — exclamou a notária. — Aquele moço tinha uma linda rosinha branca na lapela...

— Ah! — disse a mãe — O sinal convencionado.

— Ele tinha a roseta de oficial da Legião de Honra — disse a sra. Latournelle. — É um homem encantador! Mas nós nos enganamos! Modesta não ergueu o véu e estava entrouxada como uma mendiga, e...

— E — disse o notário — ela afirmava estar doente, mas agora tirou o lenço da cabeça e está melhor do que nunca...

— É incompreensível! — exclamou Dumay.

— Ai de nós! Agora está claro como o dia — disse o notário.

— Minha filha — disse a sra. Mignon a Modesta, que acabava de entrar, seguida por Butscha —, não viste esta manhã, na igreja, um rapazinho bem-vestido, que trazia uma rosa branca na lapela e uma condecoração?

— Eu o vi — disse vivamente Butscha, ao perceber, na atenção dos presentes, a armadilha na qual Modesta podia cair. — É Grindot,[308] o famoso arquiteto com o qual a cidade está em negociações para a restauração da igreja; veio de Paris, e encontrei-o esta manhã, a examinar o exterior, quando eu ia para Sainte-Adresse.

— Ah! É um arquiteto?... Bem que ele me intrigou — disse Modesta, a quem o anão dera tempo para se refazer.

Dumay olhou Butscha de soslaio. Modesta, prevenida, tomou uma atitude impenetrável. A desconfiança de Dumay ficou excitada ao mais alto grau, e ele se propôs ir, no dia seguinte, à prefeitura, a fim de saber se o arquiteto esperado tinha efetivamente estado no Havre. Por sua vez, Butscha, muito inquieto pelo futuro de Modesta, tomou a resolução de ir a Paris espionar Canalis.

Gobenheim veio para a partida de uíste e, com a sua presença, comprimiu os sentimentos em fermentação. Modesta esperava com uma espécie de impaciência a hora de a mãe deitar-se; ela queria escrever, nunca escrevia senão à noite, e eis a carta que o amor lhe ditou, quando julgou estarem todos adormecidos.

XXXV – UMA CARTA COMO O LEITOR GOSTARIA DE RECEBER

XXIV – AO SR. DE CANALIS

Ah! Meu amigo bem-amado! Que atrozes mentiras esses seus retratos expostos nas vitrinas dos vendedores de gravuras! Eu que punha a minha felicidade naquela horrível litografia! Estou envergonhada por amar um homem tão belo. Não, não posso imaginar que as parisienses sejam tão estúpidas para não verem todas que o senhor era o sonho delas realizado. O senhor desdenhado! O senhor sem amores!... Não creio mais numa única palavra do que me disse a respeito de sua vida obscura e trabalhosa, sobre o seu devotamento a um ídolo, em vão procurado até hoje. O senhor foi muito amado; sua fronte, pálida e suave como a flor da magnólia, o afirma suficientemente, e eu serei infeliz. O que sou eu, agora?... Ah! Por que ter-me chamado à vida! Num momento senti que meu pesado invólucro me deixava! Minha alma partiu o cristal que a retinha cativa e circulou em minhas veias! Finalmente, o frio silêncio das coisas cessou de súbito para mim. Tudo na natureza me falou. A velha igreja pareceu-me luminosa: suas abóbadas, brilhantes de ouro e azul, como as de uma catedral italiana, cintilaram por sobre minha cabeça. Os sons melodiosos que os anjos cantam para os mártires e que lhes fazem esquecer os sofrimentos acompanharam o órgão! O horrível calçamento do Havre pareceu-me uma estrada florida. Reconheci no mar um velho amigo, cuja linguagem, cheia de simpatia para mim, não me era ainda bastante

conhecida. Vi claramente que as rosas do meu jardim e da minha estufa me adoram de há muito e me diziam baixinho que amasse; todas sorriram à minha volta da igreja, e ouvi, finalmente, seu nome de Melquior murmurado pelos cálices das flores, li-o escrito nas nuvens! Sim, eis-me viva, graças a ti! Poeta mais belo do que esse frio e compassado Lord Byron, cujo rosto é tão sombrio quanto o clima inglês. Desposada por um único dos teus olhares orientais, que transpassou meu negro véu, atiraste-me teu sangue no coração, o qual me deixou ardendo da cabeça aos pés! Ah! Não sentimos assim nossa vida, quando nossa mãe no-la dá. Um golpe que recebesses me atingiria no mesmo instante, e a minha existência só se explica pelo teu pensamento. Sei para que serve a divina harmonia da música — foi inventada pelos anjos para exprimir o amor. Ter gênio e ser belo, meu Melquior, é demasiado! Ao nascer, um homem devia optar. Mas, quando penso nos tesouros de ternura e de afeição que me tem mostrado, sobretudo de há um mês para cá, a mim mesma pergunto se não será isto um sonho! Não; o sonho me oculta algum mistério! Que mulher poderá cedê-lo sem morrer? Ah! O ciúme penetrou no meu coração com um amor no qual eu não acreditava! Podia eu imaginar semelhante incêndio? Que inconcebível e nova fantasia! Eu te quisera feio agora! Quanta loucura fiz ao regressar! Todas as dálias amarelas lembravam-me teu lindo colete, todas as rosas brancas foram minhas amigas, e eu as saudei com um olhar que lhe pertencia, como toda minha pessoa! A cor das luvas que modelavam as mãos do gentil-homem, tudo, até o ruído dos passos sobre as lajes, tudo ocorre à minha lembrança, com tanta fidelidade que, daqui a sessenta anos, tornarei a ver as menores coisas desta festa, tais como a cor particular do ar, o reflexo do sol que um pilar espelhava, ouvirei a prece que interrompeste, respirarei o incenso do altar e acreditarei sentir por sobre nossas cabeças as mãos do padre, que nos abençoou aos dois no momento em que passavas, ao dar ele a sua última bênção! Esse bom cura Marcelino já nos casou! O prazer sobre-humano de sentir esse novo mundo de emoções inesperadas não pode ser igualado senão pela alegria que experimento em lho dizer, em devolver toda a minha felicidade àquele que a derramou na minha alma com a liberalidade do sol. Por isso, nada mais de véus, meu bem-amado! Olhe, oh! Volte logo. Tirarei a máscara com prazer.

Já deve ter ouvido falar da casa Mignon do Havre, não? Pois bem, sou, por efeito de uma irremediável desgraça, a sua única herdeira. Não faça pouco de nós, os descendentes de um bravo da Auvergne! Os brasões dos Mignon de La Bastie não desonrarão os dos Canalis. Nosso escudo é de goles, com uma banda de sable carregada de quatro besantes de ouro e, em cada quartel, uma cruz patriarcal do mesmo metal, com um chapéu cardinalício por cimeira e suas borlas como suportes. Querido, serei fiel à nossa divisa: *Una fides*, *unus Dominus!* A verdadeira fé e um único senhor.

É possível, meu amigo, que encontre algum sarcasmo no meu nome, depois de tudo o que acabo de fazer e que aqui lhe confesso. Chamo-me Modesta. Assim é que nunca o enganei

assinando-me O. d'Este-M. Tampouco o iludi, falando-lhe da minha fortuna; ela alcançará, penso eu, ao algarismo que o tornou tão virtuoso. E sei tão bem que para o senhor a fortuna é uma consideração sem importância, que lhe falo a respeito com simplicidade. Não obstante, deixe-me dizer-lhe o quanto me sinto feliz em poder dar à nossa felicidade a liberdade de ação e de movimento que a fortuna permite, em poder dizer: "Vamos!", quando nos der o desejo de ver um país, de voar numa bela caleça, sentados ao lado um do outro, sem preocupação de dinheiro: enfim, feliz por poder dar-lhe o direito de dizer ao rei: "Tenho a fortuna que exige em seus pares!". Nisso, Modesta Mignon ser-lhe-á útil para alguma coisa, e seu ouro terá o mais nobre destino. Quanto à sua serva, o senhor a viu uma vez na janela, em *toilette* matutina... Sim, a loura, filha de Eva, a loura, era a sua desconhecida; mas como a Modesta de hoje se parece pouco com a daquele dia! Uma estava num sudário, e a outra (não lhe disse bem?) recebeu do senhor a vida. O amor puro e permitido, o amor que meu pai, finalmente de volta de sua viagem e rico, autorizará, reergueu-me com a sua mão, ao mesmo tempo infantil e poderosa, do fundo daquele túmulo onde eu dormia! Despertou-me como o sol desperta as flores. O olhar de sua amada não é mais o olhar daquela pequena Modesta tão ousada! Oh! Não, ele é confuso, entrevê a felicidade e se vela sob castas pálpebras. Hoje tenho medo de não merecer a minha sorte! O rei mostrou-se na sua glória, o meu senhor não tem mais do que uma súdita que lhe pede perdão das suas grandes liberdades, como o jogador de dados viciados depois de ter roubado o cavalheiro de Grammont.[309] Vês, poeta querido, eu serei a tua Mignon,[310] mas uma Mignon mais feliz do que a de Goethe, pois tu me deixarás na minha pátria, não é? No teu coração. No momento em que escrevo este voto de noiva, um rouxinol do parque Vilquin acaba de me responder por ti. Oh! Dize-me bem depressa que o rouxinol, ao trinar sua nota tão pura, tão nítida, tão cheia, que me encheu o coração de alegria e amor, como uma Anunciação, não mentiu!

Meu pai passará por Paris, vindo de Marselha; a casa Mongenod, da qual ele foi correspondente, saberá seu endereço; vá procurá-lo, meu Melquior amado, diga-lhe que me ama e não tente dizer-lhe quanto o amo, faça com que isso seja sempre um segredo entre nós e Deus! Eu, caro adorado, vou contar tudo à minha mãe. A filha dos Wallenrod-Tustall-Bartenstild me dará razão por meio de carícias, ela se sentirá feliz com o nosso poema tão secreto, tão romanesco, humano e divino ao mesmo tempo! Tem a confissão da filha, obtenha o consentimento do conde de La Bastie, pai da sua

modesta

p. s. — Sobretudo não venha ao Havre sem ter obtido o consentimento de meu pai; e, se me ama, saberá encontrá-lo na sua passagem por Paris.

— Que está fazendo a estas horas, a senhorita? — perguntou Dumay.

— Escrevendo a meu pai — respondeu Modesta ao velho soldado. — Não me disse que partia amanhã?

Dumay, que nada teve a responder, foi deitar-se, e Modesta pôs-se a escrever uma longa carta ao pai.

No dia seguinte, Francisca Cochet, muito assustada ao ver o carimbo do Havre, veio ao Chalé entregar à sua jovem senhora a seguinte carta, levando a que Modesta havia escrito.

> à srta. o. d'este-m.
>
> Disse-me o coração que a senhora era a mulher tão cuidadosamente velada e disfarçada, colocada entre o sr. e a sra. Latournelle, que só têm um filho, um rapaz. Ah! Querida amada, se está numa situação modesta, sem brilho, sem ilustração, mesmo sem fortuna, não pode imaginar qual será minha alegria! Já deve conhecer-me, por que não me dizer a verdade? Eu não sou poeta a não ser pelo amor, pelo coração, pela senhora. Oh! De que força de afeição preciso para ficar aqui, neste hotel da Normandia, e não subir até Ingouville, que vejo das minhas janelas! Amar-me-á como eu a amo? Voltar do Havre para Paris, nesta incerteza, não é isso ser castigado por amar, tanto como se tivesse cometido um crime? Obedeci cegamente. Oh! Que me venha depressa uma carta, porque se a senhorita foi misteriosa, eu lhe paguei mistério com mistério, e devo finalmente tirar a máscara do incógnito, dizer-lhe que espécie de poeta sou e abdicar da glória que me foi emprestada.

Essa carta inquietou vivamente Modesta; não pôde reaver a sua, pois Francisca já a tinha posto no correio quando ela procurou a significação das últimas linhas, relendo-as; mas subiu ao seu quarto e escreveu uma resposta na qual pedia explicações.

XXXVI – COMPLICAÇÃO

Durante esses pequenos acontecimentos, outros pequenos sucediam no Havre e que deviam fazer Modesta esquecer a sua inquietação. Dumay, que fora cedo para a cidade, soube logo que nenhum arquiteto chegara na

antevéspera. Furioso com a mentira de Butscha, que revelava uma cumplicidade da qual queria satisfações, correu da prefeitura à casa de Latournelle.

— Onde está esse sr. Butscha? — perguntou ele ao amigo notário, quando não viu o amanuense no cartório.

— Butscha, meu caro, tomou um vapor e está a caminho de Paris. Esta manhã, muito cedo, ele encontrou no porto um marinheiro que lhe disse que o pai, aquele marinheiro sueco, está rico. O pai de Butscha teria ido às Índias, servido a um príncipe, os maratas,[311] e está em Paris...

— Histórias! Infâmias! Farsas! Oh! Eu encontrarei esse maldito corcunda, vou expressamente a Paris para isso! — exclamou Dumay. — Butscha nos está enganando! Ele sabe alguma coisa a respeito de Modesta e não nos diz nada. Se ele está metido nisso! Nunca será notário, eu o devolverei à mãe, à lama, e...

— Vejamos, meu amigo, não enforquemos nunca uma pessoa sem processo — replicou Latournelle, assustado com a irritação de Dumay.

Depois de ter explicado em que se fundavam as suas suspeitas, Dumay pediu à sra. Latournelle que fizesse companhia a Modesta, durante sua ausência.

— Vai encontrar o coronel em Paris — disse o notário. — No movimento dos portos, esta manhã, no *Jornal do Comércio*, há sob a rubrica de Marselha... Olha, está vendo? — disse ele apresentando a folha: — "O *Betina-Mignon*, capitão Mignon entrado a 6 de outubro", e hoje estamos a 17; o Havre neste momento já sabe da chegada do patrão...

Dumay pediu a Gobenheim que daquele dia em diante se arranjasse sem ele, subiu imediatamente para o Chalé e entrou no momento em que Modesta acabava de lacrar a carta para o pai e a destinada a Canalis. Salvo o endereço, as duas cartas eram exatamente iguais, quer quanto ao envelope, quer quanto ao volume. Modesta pensou ter colocado a do pai por cima da do seu Melquior e fizera exatamente o contrário. Esse engano, tão comum no curso das pequenas coisas da vida, ocasionou a

descoberta do seu segredo por sua mãe e Dumay. O tenente falava com calor à sra. Mignon, no salão, confiando-lhe os novos temores engendrados pela duplicidade de Modesta e cumplicidade de Butscha.

— Creia, senhora — exclamou ele —, é uma serpente que aquecemos no nosso seio, não há lugar para uma alma nesses pedaços de homens...

Modesta pôs no bolso do avental a carta para o pai, julgando pôr a que era destinada ao seu namorado, e desceu com a de Canalis na mão, ao ouvir Dumay falar de sua partida imediata para Paris.

— Que tem o senhor contra o meu pobre anão misterioso, e por que está gritando? — perguntou Modesta, aparecendo na porta do salão.

— Butscha, senhorita, partiu esta manhã para Paris, e a senhora sabe com certeza por quê! Deve ser para ir confabular com esse pseudoarquiteto de colete amarelo-enxofre, que, para desgraça do corcunda, ainda não chegou.

Modesta surpreendeu-se, adivinhou que o anão partira para proceder um inquérito sobre os costumes de Canalis; empalideceu e sentou-se.

— Eu o alcançarei; eu o acharei — disse Dumay. — É sem dúvida a carta para o senhor seu pai — disse ele, estendendo a mão. — Eu a mandarei à casa de Mongenod. Contanto que não nos cruzemos no caminho, meu coronel e eu!...

Modesta deu a carta. O pequeno Dumay, que lia sem óculos, olhou maquinalmente para o envelope.

— Senhor barão de Canalis, rue de Paradis-Poissonnière nº 29! — exclamou Dumay — Que quer dizer isso?

— Ah! Minha filha, é esse o homem a quem amas! — exclamou a sra. Mignon. — As estâncias sobre as quais compuseste tua música são dele...

— E é o retrato dele que a senhorita tem lá em cima, num quadro? — disse Dumay.

— Restitua-me essa carta, sr. Dumay! — disse Modesta, que se ergueu como uma leoa que defendesse os filhos.

— Ei-la, senhorita — respondeu o tenente.

Modesta tornou a pôr a carta no seio e entregou a Dumay a destinada ao pai.

— Sei do que o senhor é capaz, Dumay — disse ela —, mas se o senhor der um único passo contra o sr. de Canalis, eu darei outro fora de casa, para onde jamais regressarei!

— Vai matar sua mãe, senhorita — exclamou Dumay que saiu e chamou a esposa.

A pobre mãe desmaiara, ferida no coração pela fatal frase de Modesta.

— Adeus — disse o bretão, beijando a pequena americana. — Salva a mãe, eu vou salvar a filha.

Deixou a esposa e Modesta junto da sra. Mignon, fez os seus preparativos de viagem e daí a poucos instantes desceu para o Havre. Uma hora depois, viajava na mala-posta com a rapidez que somente a paixão ou os negócios imprimem às rodas.

Em breve, tendo recuperado os sentidos, graças aos cuidados de Modesta, a sra. Mignon subiu para os seus aposentos apoiada no braço da filha, à qual, como única censura, disse, quando ficaram a sós: — Minha pobre filha, que fizeste? Por que te ocultares de mim? Sou eu acaso tão severa?

— Mas, mamãe, se justamente eu te ia dizer tudo — respondeu a moça em pranto.

Contou tudo à mãe; leu-lhe as cartas e as respostas, desfolhou no coração da boa alemã, pétala por pétala, a rosa do seu poema, empregando nisso a metade do dia. Quando terminou a confidência, quando entreviu quase um sorriso nos lábios da indulgente cega, atirou-se-lhe nos braços, chorando.

— Ó, minha mãe! — disse ela por entre soluços. — A senhora, cujo coração, todo de ouro e poesia, é como um vaso de eleição modelado por Deus para conter o amor puro, único e celeste que enche toda a vida! A senhora, a quem quero imitar, não amando no mundo senão a seu marido! Deve compreender o quanto são amargas as lágrimas que

derramo neste momento e que lhe molham as mãos... Essa borboleta, de asas matizadas, essa dupla e bela alma educada com cuidados maternais por sua filha, o meu amor, meu santo amor, esse mistério animado, vivo, cai em mãos vulgares que lhe vão despedaçar as asas e os véus sob o triste pretexto de me esclarecer, de saber se o gênio é correto como um banqueiro, se o meu Melquior é capaz de acumular rendimentos, se tem alguma paixão a liquidar, se não é culpado aos olhos burgueses de algum episódio da mocidade, que agora está para o nosso amor como uma nuvem está para o sol... Que irão eles fazer? Olha, tome minha mão, estou com febre! Eles me vão matar.

Modesta, invadida por um arrepio mortal, foi obrigada a ir para a cama e causou as mais vivas inquietações à sua mãe, à sra. Latournelle e à sra. Dumay, que a vigiaram durante a viagem do tenente a Paris, para onde a lógica dos acontecimentos transportou o drama por um instante.

XXXVII – MORAL PARA MEDITAR

As pessoas verdadeiramente modestas, como Ernesto de La Brière, mas principalmente as que, conhecendo o próprio valor, não são nem apreciadas, nem queridas, compreenderão os gozos infinitos nos quais o referendário se comprouve ao ler a carta de Modesta. Depois de o ter achado espirituoso e grande pela alma, a sua jovem, a sua ingênua e ardilosa namorada achava-o belo. Essa é a suprema lisonja. E por quê? A beleza é, sem dúvida, a assinatura do artista na obra em que imprimiu a alma; é a divindade que se manifesta; e vê-la onde ela não se acha, criá-la pelo poder de um olhar encantado, não é isso a última palavra do amor? Por isso, o pobre referendário exclamou num deslumbramento de autor aplaudido: “Finalmente, sou amado!”. Quando uma mulher, virgem ou cortesã, deixou escapar esta frase: “És belo!”, seja embora uma mentira, se um homem abre o crânio espesso ao sutil veneno dessa palavra, fica

preso por laços eternos à sedutora mentirosa, a essa mulher sincera ou iludida; ela se torna então o seu universo, ele tem sede daquela afirmação, nunca se cansará dela, fosse ele embora um príncipe! Ernesto passeou orgulhoso pelo quarto, mirou-se ao espelho de três quartos, de perfil, de frente, a criticar-se; mas uma voz diabolicamente persuasiva lhe dizia: *Modesta tem razão*!, e retomou a carta, releu-a, viu sua celeste loura, falou-lhe! Depois, em meio ao êxtase, foi atingido por este atroz pensamento: "Ela julga que eu sou Canalis, e é milionária!". Toda a sua felicidade tombou como tomba um homem que, sonâmbulo, alcança o alto de um telhado, ouve uma voz, avança e se espedaça no calçamento. "Sem a auréola da glória, eu seria feio!", exclamou ele. "Em que terrível situação me fui meter!" La Brière era bem o homem das suas cartas, era bem o coração nobre e puro que ele deixara ver, para que hesitasse à voz da honra. Resolveu ir imediatamente confessar tudo ao pai de Modesta, se este se achasse em Paris, e informar Canalis do desenlace sério do gracejo parisiense. Para aquele rapaz delicado, a enormidade da fortuna foi um motivo determinante. Sobretudo, não quis ser suspeitado de ter feito os arrebatamentos daquela correspondência, tão sinceros de sua parte, servirem para a apropriação fraudulenta de um dote. Subiram-lhe lágrimas aos olhos enquanto ia de sua casa, situada na rue Chantereine, à casa do banqueiro Mongenod, cuja fortuna, parentescos e relações eram em parte obra do ministro, seu protetor.

No momento em que La Brière consultava o chefe do banco Mongenod e tomava todas as informações que sua estranha situação exigia, em casa de Canalis desenrolava-se uma cena que a brusca partida do antigo tenente podia fazer prever.

XXXVIII – ENCONTRO ENTRE O POETA DA ESCOLA ANGÉLICA E UM SOLDADO DE NAPOLEÃO, NO QUAL O SOLDADO ACABA POR SER DERROTADO COMPLETAMENTE

Como verdadeiro soldado da escola imperial, Dumay, cujo sangue bretão fervera durante a viagem, fazia ideia de um poeta como um tipo sem consequência, trocista de alegres pilhérias, morando numa mansarda, vestido de roupa preta esbranquiçada nas costuras, cujas botas têm às vezes solas, cuja roupa branca é anônima, que limpa o nariz com os dedos, tendo, finalmente, o ar de estar sempre a cair da lua, quando não, a escrever à maneira de Butscha. Mas a ebulição que lhe rugia no cérebro e no coração recebeu como que uma ducha de água fria quando entrou no bonito palacete em que residia o poeta, quando viu no pátio um lacaio lavando uma carruagem, quando entreviu, numa magnífica sala de jantar, um lacaio vestido como um banqueiro, e ao qual o *groom* o dirigira e ele lhe respondera, medindo-o de alto a baixo, que o senhor barão não estava visível.

— O senhor barão — concluiu — tem hoje sessão no Conselho de Estado...

— É mesmo aqui — perguntou Dumay — a casa do senhor Canalis, autor de poesias?

— O senhor barão de Canalis — respondeu o lacaio — é realmente o grande poeta a que o senhor se refere; mas é também referendário no Conselho de Estado e adido ao Ministério dos Negócios do Exterior.

Dumay, que vinha para esbofetear um poetastro, segundo a sua expressão depreciativa, topava com um alto funcionário de Estado. O salão onde ele ficou esperando, notável pela magnificência, ofereceu às suas meditações a cruz que brilhava sobre a casaca de Canalis e que fora deixada em cima de uma cadeira pelo lacaio. Daí a pouco, seus olhos foram atraídos pelo brilho e a forma de uma taça de prata dourada, onde as palavras *Oferecido por Madame*[312] o impressionaram. Depois, em frente, sobre uma coluna, ele viu um vaso de porcelana de Sèvres, sobre o qual estava gravado: *Oferecido por Madame la Dauphine*. Esses mudos avisos fizeram Dumay recuperar o bom-senso, enquanto o lacaio perguntava ao senhor se queria receber um desconhecido, que viera

expressamente do Havre para vê-lo, chamado Dumay.

— Que vem a ser isso? — perguntou Canalis. — Um homem bem- -vestido e condecorado.

A um sinal de aquiescência, o criado saiu e voltou, anunciando: — O senhor Dumay.

Quando ouviu que o anunciavam, quando se viu em presença de Canalis, no centro de um gabinete tão rico como elegante, com os pés num tapete tão belo como o mais belo da casa Mignon, e quando recebeu o olhar estudado do poeta que brincava com as borlas de seu suntuoso robe de chambre, Dumay ficou tão completamente confuso que se deixou interpelar pelo grande homem.

— A que devo a honra de sua visita, senhor?

— Senhor... — disse Dumay que ficou de pé.

— Se pretende demorar-se muito — disse Canalis, interrompendo-o —, eu o convidarei a sentar-se...

E Canalis mergulhou na sua poltrona à Voltaire, cruzou as pernas, elevou a de cima, bamboleando-a, até à altura dos olhos, mirou fixamente Dumay, o qual, segundo a sua expressão soldadesca, se achou completamente *mecanizado*.

— Estou às suas ordens, senhor — disse o poeta. — Meu tempo é precioso, o ministro me está esperando...

— Senhor — disse Dumay —, serei conciso. O senhor seduziu, não sei como, uma jovem senhorita do Havre, bela e rica, a última, a única esperança de duas nobres famílias, e eu venho perguntar-lhe quais são as suas intenções.

Canalis, que fazia três meses vinha se ocupando de negócios graves, que queria ser promovido a comendador da Legião de Honra e tornar-se ministro junto a uma corte da Alemanha, esquecera completamente a carta do Havre.

— Eu? — exclamou.

— O senhor — repetiu Dumay.

— Cavalheiro — respondeu Canalis sorrindo —, sei menos do que me está dizendo do que se me falasse em hebraico... Eu! Seduzir uma moça?... Eu que... — um soberbo sorriso esboçou-se nos lábios de Canalis. — Deixe-se disso, senhor! Já não sou tão criança para me divertir em furtar uma frutinha selvagem, quando tenho belos e bons pomares, onde amadurecem os mais belos pêssegos do mundo. Paris inteira sabe onde estão colocadas as minhas afeições. Que haja no Havre alguma moça que sinta alguma admiração, da qual não sou digno, pelos versos que fiz, isso não me admiraria, meu caro senhor! Nada mais comum. Olhe! Veja! Repare esse belo cofre de ébano incrustado de nácar e guarnecido de ferro trabalhado como renda... Esse cofre vem do papa Leão x e me foi dado pela duquesa de Chaulieu,[313] a qual o recebera do rei da Espanha; destinei-o para guardar todas as cartas que recebo, de todos os pontos da Europa, de senhoritas ou de moças desconhecidas... Oh! Tenho o mais profundo respeito por esses ramos de flores cortados em plena alma e enviados num momento de exaltação verdadeiramente respeitável. Sim, para mim, os impulsos de um coração são uma coisa nobre e sublime!... Outros, os sarcásticos, fazem tochas com essas cartas para acender seus charutos, ou as dão às esposas para que façam papelotes; eu, porém, que sou solteiro, senhor, tenho demasiada delicadeza para que não conserve essas oferendas tão ingênuas, tão desinteressadas, numa espécie de tabernáculo; enfim, recolho-as com uma sorte de veneração e, quando estiver para morrer, eu as farei queimar à minha vista. Tanto pior para os que me acharem ridículo! Que quer, sou grato, e essas manifestações me ajudam a suportar as críticas e os desgostos da vida literária. Quando recebo nas costas fuzilaria de um inimigo emboscado num jornal, olho para esse pequeno cofre e a mim mesmo digo: “Ainda existem algumas almas, cujas feridas foram curadas, ou aliviadas, ou tratadas por mim...”.

Essa poesia, recitada com o talento de um grande ator, petrificou o pequeno caixa, cujos olhos se dilatavam e cujo assombro divertiu o poeta.

— Para o senhor — disse aquele pavão que fazia roda —, e em atenção

a uma situação que compreendo, consinto que abra aquele tesouro, onde o senhor verá se acha a sua moça; mas conheço os meus haveres, retenho os nomes, e o senhor labora num erro que...

— Eis aí a que fica reduzida, nesse abismo de Paris, uma pobre criança!... — exclamou Dumay. — O amor dos pais, a alegria dos amigos, a esperança de todos, acarinhada por todos, o orgulho de uma casa, e a quem seis pessoas dedicadas fazem dos seus corações e das suas fortunas uma muralha contra a desgraça... — Dumay recomeçou, após uma pausa: — Olhe, o senhor é um grande poeta, e eu sou apenas um pobre soldado... Durante quinze anos servi meu país, e nos últimos postos recebi no rosto o sopro de mais de uma bala de canhão, atravessei a Sibéria, onde fiquei prisioneiro, os russos me atiraram em cima de um *kitbit*[314] como se fosse um objeto, sofri muito; enfim, vi morrer montões de camaradas... Pois bem! O senhor acaba de me fazer sentir um frio na espinha, coisa que nunca experimentei!...

Dumay acreditou ter comovido o poeta; lisonjeara-o, porém, coisa quase impossível, pois o ambicioso não mais se recordava do primeiro frasco perfumado que o louvor lhe havia quebrado na cabeça.

— Ora, meu bravo! — disse solenemente o poeta, pondo a mão no ombro de Dumay e achando graça em fazer estremecer um soldado do imperador. — Essa jovem é tudo para o senhor... Mas o que é ela na sociedade?... Nada. Neste momento, o mandarim mais útil à China passa desta para melhor e põe o império de luto: será que você sente muita pena dele? Os ingleses matam na Índia milhares de pessoas que valem tanto como nós, e, neste momento em que lhe estou falando, estão queimando lá a mais encantadora das mulheres, o que não o impediu de tomar a sua xícara de café... Neste mesmo instante, podem-se contar em Paris muitas mães de família deitadas numa esteira que lançam ao mundo uma criança e não têm roupa para recebê-la!... Entretanto, aqui temos chá delicioso, em xícaras de cinco luíses, e eu escrevo versos para fazer os parisienses dizer: *Encantador! Encantador! Divino! Delicioso!*

Isto vai direito à alma. A natureza social, da mesma forma que a própria natureza, é uma grande desmemoriada! Dentro de dez anos o senhor se admirará do seu passo. O senhor está numa cidade onde se morre, onde se casa, onde se idolatra numa entrevista, onde a jovem se asfixia, onde o homem de gênio e sua carga de temas repletos de benefícios humanitários naufragam, um ao lado dos outros, muitas vezes sob o mesmo teto, ignorando-se. E o senhor vem pedir-nos que desmaiemos de dor a esta pergunta vulgar: "Certa jovem do Havre existe ou não existe?". Oh!... Mas o senhor está...

— E o senhor diz que é poeta! — exclamou Dumay. — Mas então não sente nada do que escreve?...

— Ora, se sentíssemos as misérias ou as alegrias que cantamos, em poucos meses estaríamos gastos como botinas velhas... — disse o poeta, sorrindo. — Olhe, o senhor não terá vindo do Havre a Paris, e à casa de Canalis, para não levar alguma coisa. Soldado! — (Canalis teve a atitude e o gesto de um herói de Homero.) — Aprenda isto do poeta: todo grande sentimento, no homem, é um poema de tal forma individual, que o seu melhor amigo não se interessa por isso. É um tesouro que só a nós pertence, é...

— Perdoe-me interrompê-lo — disse Dumay, que contemplava Canalis, horrorizado —, o senhor foi ao Havre?...

— Passei lá uma noite e um dia, na primavera de 1824, quando ia a Londres.

— O senhor é um homem de honra — continuou Dumay —, pode dar-me sua palavra de que não conhece a srta. Modesta Mignon?

— É esta a primeira vez que ouço esse nome — disse Canalis.

— Ah! Senhor — exclamou Dumay —, em que tenebrosa intriga vou eu meter-me... Posso contar consigo para ser auxiliado nas minhas pesquisas, pois, tenho certeza, abusaram de seu nome! O senhor deve ter recebido ontem uma carta do Havre!...

— Nada recebi! Fique certo, senhor, de que farei tudo que depender de

mim para lhe ser útil — assegurou Canalis.

Dumay retirou-se, com o coração cheio de ansiedade, acreditando que o horrível Butscha se havia posto na pele do grande poeta para seduzir Modesta; ao passo que, pelo contrário, Butscha, espirituoso e fino, como um príncipe que se vinga, mais hábil do que um espião, esquadrinhava, naquele momento, a vida e os atos de Canalis, escapando por sua pequenez a todos os olhos, como um inseto que abre caminho pelo alburno de uma árvore.

XXXIX – UMA IDEIA DE PAI

Logo que o bretão saiu, entrou La Brière no gabinete do amigo. Canalis, naturalmente, falou da visita do homem do Havre.

— Ah! — disse Ernesto. — Modesta Mignon! Venho justamente por causa dessa aventura.

— Homessa! — exclamou Canalis. — Teria eu triunfado por procuração?

— É isso! Eis o nó do drama. Sou amado, meu amigo, pela mais encantadora rapariga do mundo, bela a ponto de brilhar entre as mais belas de Paris, com tanto coração e literatura como Clarissa Harlowe; viu-me, agrado-lhe, e ela me julga o grande Canalis!... E não é só Modesta Mignon de alto nascimento, e Mongenod acaba de dizer-me que o pai, o conde de La Bastie, deve ter algo assim como seis milhões... Esse pai chegou faz três dias, e acabo de lhe mandar pedir uma entrevista, para as duas horas, por intermédio de Mongenod, o qual, no seu bilhete, lhe diz tratar-se da felicidade da filha... Compreendes que, antes de ir falar ao pai, eu precisava confessar tudo.

— Por entre essas flores desabrochadas ao sol da glória — disse enfaticamente Canalis — uma existe; magnífica, carregando, como a laranjeira, seus frutos de ouro, entre os mil perfumes do espírito e da

beleza reunidos! Um arbusto elegante, uma ternura verdadeira, uma completa felicidade, e me escapa! — Canalis olhou para o tapete a fim de não deixar ler nos olhos. — Como — continuou, depois de uma pausa em que recuperou o sangue-frio —, como adivinhar, através dos aromas inebriantes desses lindos papéis adamascados, dessas frases que sobem à cabeça, o coração verdadeiro, a donzela, a jovem, na qual o amor enverga a libré da lisonja, e que nos ama por nós mesmos, que nos traz a felicidade? Seria preciso ser um anjo ou um demônio, e eu nada mais sou do que um ambicioso referendário... Ah! Meu amigo, a glória faz de nós um alvo visado por mil flechas! Um de nós é devedor de seu rico casamento a uma peça hidráulica da sua poesia, e eu, mais carinhoso, mais mulherengo do que ele, terei deixado escapar o meu... Pois tu amas a essa pobre rapariga — disse ele, olhando La Brière.

— Oh! — exclamou La Brière.

— Pois bem — disse o poeta, tomando o amigo pelo braço e nele se apoiando —, sê feliz, Ernesto! Por acaso não terei sido ingrato contigo! Eis-te ricamente recompensado pela tua dedicação, pois eu generosamente me prestarei à tua felicidade.

Canalis estava furioso; mas não podia agir de outra forma, e nessa situação tirava partido de sua desgraça, fazendo dela um pedestal. Uma lágrima umedeceu os olhos do jovem referendário, que se atirou nos braços de Canalis e beijou-o.

— Ah! Canalis, eu não te conhecia, absolutamente!

— Que queres? Para dar volta ao mundo, é preciso tempo! — respondeu o poeta com a sua enfática ironia.

— Já pensaste — disse La Brière — nessa imensa fortuna?

— Ora essa, meu amigo, não irá ela para boas mãos? — exclamou Canalis, acompanhando sua efusão com um gesto encantador.

— Melquior — disse La Brière — entre nós é para a vida e para a morte.

Apertou as mãos do poeta e deixou-o bruscamente, pois estava

ansioso por ver o sr. Mignon.

Naquele momento, o conde de La Bastie estava aniquilado por todas as dores que o esperavam, como uma presa. Soubera, pela carta da filha, da morte de Betina-Carolina e da cegueira da mulher; por sua vez Dumay acabava de narrar-lhe o terrível imbróglio dos amores da filha.

— Deixa-me só — disse o conde ao seu fiel amigo.

Depois que o tenente fechou a porta, o desgraçado pai atirou-se num divã, e aí ficou com a cabeça entre as mãos, chorando essas lágrimas escassas, magras, que rolam por entre as pálpebras dos homens de cinquenta e seis anos sem dali saírem, que as molham, que secam rapidamente e renascem, um dos últimos rocios do outono humano.

— Ter filhos queridos, ter uma mulher adorada, é adquirir vários corações e apresentá-los aos punhais! — exclamou ele, dando um salto de tigre e caminhando pelo quarto. — Ser pai é entregar-se de mãos e pés atados à desgraça. Se encontro esse d'Estourny, mato-o! Vá a gente ter filhas! Uma apanha um larápio, e a outra, a minha Modesta, um quê? Um covarde que a ilude sob a armadura de papel dourado de um poeta. Ainda se fosse Canalis, o mal não seria tão grande. Mas esse Scapino![315] Eu o estrangularei com as minhas próprias mãos... — dizia ele fazendo involuntariamente um gesto de uma energia atroz.... — E depois! — a si mesmo perguntava — E se minha filha morre de desgosto? Olhou maquinalmente pela janela do Hôtel des Princes e voltou a sentar-se no divã, onde ficou imóvel. As fadigas de suas seis viagens às Índias, as preocupações dos negócios, os perigos corridos e evitados, os desgostos haviam prateado a cabeleira de Carlos Mignon. Seu belo rosto militar, de contorno tão puro, bronzeara-se ao sol da Malásia, da China e da Ásia Menor; tomara um aspecto imponente que a dor tornou sublime naquele momento. — E Mongenod que me aconselha a ter confiança no rapaz que vai vir falar-me de minha filha...

Ernesto de La Brière foi então anunciado por um dos criados com que o conde de La Bastie se conciliara durante aqueles quatro anos e que

escolhera entre seus subordinados.

— O senhor vem da parte de meu amigo Mongenod? — disse ele.

— Sim — respondeu Ernesto que contemplou timidamente aquela fisionomia tão sombria como a de Otelo.[316] — Chamo-me Ernesto de La Brière, aparentado, senhor, com a família do último primeiro-ministro e seu secretário particular durante o seu ministério. Ao cair, Sua Excelência colocou-me no Tribunal de Contas, onde sou referendário de primeira classe, e onde posso vir a ser chefe da contabilidade...

— Em que pode tudo isso concernir à srta. de La Bastie? — perguntou Carlos Mignon.

— Senhor, amo-a e tenho a inesperada felicidade de ser amado por ela... Ouça-me, senhor — disse Ernesto detendo um terrível movimento do pai irritado —, tenho a mais estranha confissão a fazer-lhe, a mais vergonhosa para um homem de honra. O mais horrível castigo do meu procedimento, talvez natural, não é o de ter de revelá-lo ao senhor... Temo ainda mais à filha do que ao pai...

Ernesto contou ingenuamente, e com a nobreza que dá a sinceridade, o prólogo daquele pequeno drama doméstico, sem omitir as vinte e poucas cartas trocadas que ele trouxera nem a entrevista que acabava de ter com Canalis. Quando o pai acabou de ler aquelas cartas, o pobre namorado, pálido e suplicante, tremeu sob os olhares de fogo que lhe dirigiu o provençal:

— Senhor — disse Carlos —, em tudo isto há apenas um engano, mas esse é capital. Minha filha não tem seis milhões, e sim, quando muito, duzentos mil francos de dote, e esperanças muito duvidosas.

— Ah! Senhor — disse Ernesto, erguendo-se e abraçando Carlos Mignon —, o senhor tira-me de cima um peso que me oprimia. Nada mais se oporá talvez à minha felicidade. Tenho protetores, serei chefe da contabilidade. Embora ela não tivesse senão dez mil francos e fosse preciso assegurar-lhe um dote, a srta. Mignon seria, ainda assim, minha esposa, e torná-la feliz como o senhor tornou a sua, ser para o senhor um

verdadeiro filho... (Sim, senhor, eu não tenho mais pai, eis o fundo de meu coração).

Carlos Mignon recuou três passos, fixou em La Brière um olhar que penetrou nos olhos do rapaz, como um punhal na sua bainha, e ficou silencioso ao verificar a mais completa candura, a mais pura verdade naquela fisionomia aberta, naqueles olhos encantadores.

— A má sorte se teria cansado então! — disse ele à meia voz. — Acharei nesse rapaz a pérola dos genros? — Passeou pelo quarto, agitadíssimo.— O senhor deve — disse por fim — submeter-se em absoluto à sentença que aqui veio buscar; porque, a não ser assim, estaria representando uma comédia.

— Oh! Senhor.

— Ouça-me — disse o pai, imobilizando La Brière com um olhar. — Não serei severo, nem duro, nem injusto. O senhor sofrerá os inconvenientes e gozará das vantagens da falsa posição em que se meteu. Minha filha julga amar um dos grandes poetas da época presente, e cuja glória, antes de mais nada, a seduziu. Pois bem, eu, seu pai, não a devo colocar em situação de escolher entre a celebridade, que foi para ela como que um farol, e a pobre realidade que o acaso lhe atira, por uma dessas pilhérias que tantas vezes se permite? Não acha necessário que ela possa optar entre Canalis e o senhor? Confio em sua honra para que se cale a respeito do que lhe acabo de dizer, relativamente ao estado dos meus negócios. O senhor irá, com o seu amigo, o barão de Canalis, ao Havre, passar esta última quinzena de outubro. Minha casa lhes será franqueada aos dois, e minha filha terá oportunidade de observar a ambos. Lembre-se que o senhor mesmo deverá levar seu rival e deixar-lhe crer tudo o que se disser de fabuloso a respeito dos milhões do conde de La Bastie. Amanhã estarei no Havre e espero-o três dias depois de minha chegada. Adeus, senhor.

O pobre La Brière voltou a passos muito lentos para a casa de Canalis. Naquele momento, a sós consigo mesmo, o poeta podia entregar-se à

torrente de pensamentos que faz jorrar esse segundo movimento, tão celebrado pelo príncipe de Talleyrand. O primeiro movimento é a voz da natureza; o segundo, o da sociedade.

— Uma rapariga com uma fortuna de seis milhões, e meus olhos não viram brilhar esse ouro através das trevas! Com uma fortuna tão considerável, eu seria par de França, conde, embaixador! Respondi a burguesas, a toleironas, a aventureiras que queriam um autógrafo! E cansei-me dessas intrigas de baile de máscaras, justamente no dia em que Deus me mandava uma alma de elite, um anjo de asas de ouro... Ora! Vou compor um poema sublime, e esse acaso renascerá! Mas que sorte a desse tolinho de La Brière, que se pavoneou na minha luz!... Que plágio! Eu sou o modelo, ele será a estátua! Representamos a fábula de *Bertrand et Raton!*[317] Seis milhões e um anjo, uma Mignon de La Bastie! Um anjo aristocrático que ama a poesia e o poeta!... E eu que exibi meus poderosos músculos, que fiz exercícios de Alcides[318] para assombrar com força moral aquele campeão da força física, aquele valente soldado de grande coração, amigo daquela moça a quem vai dizer que sou uma alma de bronze! Banco o Napoleão quando devia apresentar-me como um serafim!... Enfim, terei talvez um amigo, mas o terei pago caro; mas é tão bela a amizade! Seis milhões, eis o preço de um amigo; a esse preço não se pode ter muitos...

La Brière entrou no gabinete do amigo, quando este soltava sua última exclamação. Estava triste.

— E então! Que tens? — perguntou Canalis.

— O pai exige que a filha seja posta em situação de escolher entre os dois Canalis...

— Pobre rapaz! — exclamou o poeta, rindo. — Esse pai é muito espirituoso!

— Assumi o compromisso de honra de te levar ao Havre — disse lastimosamente La Brière.

— Meu querido filho — respondeu Canalis —, uma vez que se trata da

tua honra, podes contar comigo... Vou pedir uma licença de um mês.

— Ah! Modesta é muito bonita! — exclamou La Brière, desesperado. — E tu me esmagarás facilmente. Por isso, eu estava tão admirado de ver a felicidade preocupar-se comigo; eu dizia: ela está enganada!

— Ora! Veremos! — disse Canalis com atroz alegria.

À noite, depois de jantar, Carlos Mignon e seu caixa voavam à razão de três francos as rédeas, de Paris ao Havre. O pai tranquilizara completamente o cão de guarda a respeito dos amores de Modesta, dispensando-o da sua obrigação e tranquilizando-o quanto a Butscha.

— Tudo está pelo melhor, meu velho Dumay — disse Carlos, que tomara informações com Mongenod, quer sobre Canalis, quer sobre La Brière. — Vamos ter dois personagens para um papel! — exclamou ele, alegremente.

Não obstante, recomendou ao velho companheiro uma absoluta discrição sobre a comédia que se devia representar no Chalé; a mais doce das vinganças, ou, se quiserem, das lições de um pai a uma filha. De Paris ao Havre, os dois amigos tiveram uma longa conversação que pôs o coronel a par dos mais insignificantes incidentes acontecidos à família durante aqueles quatro anos, e Carlos informou Dumay que Desplein, [319] o grande cirurgião, devia vir, antes do fim do mês, examinar a catarata da condessa, a fim de dizer se era possível restituir-lhe a visão.

XL – TRAGICOMÉDIA ÍNTIMA

Um momento antes da hora em que se almoçava no Chalé, os estalidos do chicote de um postilhão, que contava com uma boa gorjeta, deram a conhecer, às duas famílias, a chegada dos dois soldados. Somente a alegria de um pai que regressava, após tão longa ausência, podia justificar tal alarido; por isso as mulheres chegaram todas à pequena porta. Há tantos pais, tantos filhos, e talvez mais pais do que filhos, para

compreender a embriaguez de semelhante festa, que a literatura, felizmente, nunca teve necessidade de descrever, pois as mais belas frases, a poesia, estão aquém dessas emoções. É possível que as emoções suaves sejam pouco literárias. Nem uma palavra que pudesse perturbar as alegrias da família Mignon foi proferida nesse dia. Houve tréguas entre o pai, a mãe e a filha relativamente ao pseudomisterioso amor que empalidecia Modesta, a qual se levantara pela primeira vez. O coronel, com a admirável delicadeza que caracteriza os verdadeiros soldados, permaneceu durante todo o tempo ao lado da esposa, cuja mão não largou a sua, e ele contemplava Modesta sem se cansar de admirar aquela beleza fina, elegante, poética. Não é por essas pequenas coisas que se reconhecem as pessoas de grande coração? Modesta, que temia perturbar a melancólica alegria do pai e da mãe, vinha, de quando em quando, beijar a fronte do viajante; e ao beijá-lo com excesso, parecia querer beijá-lo por duas pessoas.

— Oh! Queridinha! Eu te compreendo! — disse o coronel, apertando a mão de Modesta, num momento em que ela o assaltava de carícias.

— Pst! — fez-lhe Modesta ao ouvido, mostrando-lhe a mãe.

O silêncio finório de Dumay deixou Modesta um tanto inquieta quanto aos resultados da viagem a Paris; ela olhava por vezes o tenente, de soslaio, sem poder penetrar aquela dura epiderme. O coronel, como pai prudente, queria estudar o caráter da filha única, e sobretudo consultar a esposa antes de ter uma conferência da qual dependia a felicidade de toda a família.

— Amanhã, minha filha querida — disse ele, à noite —, levanta-te cedo, se fizer bom tempo, para irmos dar um passeio à beira-mar... Temos de conversar sobre os seus poemas, srta. de La Bastie.

Essas palavras, acompanhadas de um sorriso paternal que, como um eco, se repetiu nos lábios de Dumay, foi tudo quanto Modesta pôde saber; mas foi o bastante, quer para acalmar suas inquietações, quer para deixá-la curiosa a ponto de só poder adormecer muito tarde, tantas foram as

hipóteses que formulou. Por isso, no dia seguinte, muito antes do coronel, já ela estava vestida e pronta para sair.

— O senhor sabe de tudo, querido paizinho — disse ela logo que se encontraram a caminho da praia.

— Sei tudo, e muitas coisas mais que tu não sabes — respondeu ele.

Depois dessas palavras pai e filha deram alguns passos calados.

— Explica-me, querida, como é que uma filha adorada por sua mãe pode dar um passo tão capital, como esse de escrever a um desconhecido sem consultá-la?

— Ora essa! Papai, porque ela não teria consentido.

— Crês, filha, que isso foi razoável? Se, fatalmente, te instruíste sozinha, como é possível que a tua razão ou o teu espírito, na falta do pudor, não te hajam dito que proceder assim era atirar-te nos braços de um homem? A minha filha, a minha única e última filha não teria altivez, nem delicadeza? Oh! Modesta, fizeste teu pai passar duas horas de inferno, em Paris; porque afinal, tiveste, moralmente, o mesmo procedimento que Betina, sem teres a culpa da sedução; foste coquete friamente, e esse coquetismo é o amor de cabeça, o pior vício da francesa.

— Eu, sem altivez? — dizia Modesta, chorando. — Mas se ele ainda não me viu!

— Ele sabe o teu nome...

— Eu só lho disse no momento em que os olhos justificaram três meses de correspondência, durante os quais as nossas almas se falaram!

— Sim, meu querido anjo transviado, você pôs uma espécie de razão numa loucura que comprometia sua felicidade e sua família...

— Ora! Papai, a felicidade é a absolvição dessa temeridade — disse ela com um gesto de enfado.

— Ah! É somente temeridade? — exclamou o pai.

— Uma temeridade que minha mãe se permitiu — replicou ela vivamente.

— Sua mãe, pequena rebelde, depois de me ter visto durante um baile,

disse à noite, ao pai que a adorava, que acreditava poder ser feliz comigo... Sê franca, Modesta, há qualquer semelhança entre um amor concebido rapidamente, é verdade, mas sob o olhar de um pai, e a louca ação de escrever a um desconhecido?

— Um desconhecido? Diga, papai, um dos nossos maiores poetas, cujo caráter e cuja vida estão expostos à luz do dia, à maledicência, à calúnia, um homem coberto de glória, e para o qual, meu querido pai, eu permaneci no estado de personagem dramática e literária, uma jovem de Shakespeare, até o momento em que eu quis saber se o homem é tão belo quanto a sua alma...

— Meu Deus, minha pobre filha, fazes poesia em matéria de casamento; mas, se desde sempre se enclausuraram as filhas no interior da família; se Deus, se a lei social, as colocam sob o jugo severo do consentimento paterno, justamente para poupar-lhes todas as desgraças dessas poesias que as encantam, que as deslumbram, e que de momento não podem apreciar no seu justo valor. A poesia é um dos prazeres da vida, não é toda a vida.

— Papai, isso é um processo ainda pendente ante o tribunal dos fatos, pois há uma luta constante entre nossos corações e a família.

— Desgraçada da filha que fosse feliz por essa resistência! — disse gravemente o coronel. — Em 1813, vi um dos meus camaradas, o marquês d'Aiglemont, casar-se com a prima,[320] contra a vontade do pai, e esse casal pagou caro a teimosia que uma moça tomava por amor... A família, nisso, é soberana.

— Meu noivo disse-me tudo isso — respondeu ela. — Ele se fez de Orgon[321] durante algum tempo, e teve a coragem de desacreditar a personalidade dos poetas.

— Li as cartas — disse Carlos Mignon, deixando escapar um sorriso malicioso que inquietou Modesta. — Mas, a propósito, devo fazer-te observar que a tua última seria, quando muito, admissível numa rapariga seduzida, numa Júlia d'Etanges! Meu Deus! Que mal os romances fazem!

— Se não os escrevessem, querido pai, nós os faríamos; é preferível lê-los... Há menos aventuras nos tempos que correm do que na época de Luís xiv e Luís xv, em que se publicavam menos romances... De resto, se o senhor leu as cartas, deve ter visto que lhe arranjei para genro o filho mais respeitoso, a mais angelical das almas, a mais severa probidade, e que nos amamos pelo menos tanto quanto o senhor e a minha mamãe se amavam. Pois bem! Concedo-lhe que tudo não se terá passado exatamente segundo as regras da etiqueta; cometi, se assim quiser, uma falta...

— Li as cartas — repetiu o pai, interrompendo a filha — e por isso sei como ele te justificou aos teus próprios olhos, de um procedimento que se poderia permitir numa mulher que conhecesse a vida e que fosse arrastada por uma paixão, mas que numa moça de vinte anos é uma falta monstruosa...

— Uma falta para burgueses, para Gobenheims metódicos, que medem a vida a compasso... Não saiamos do mundo artístico e poético, papai... Nós, moças, estamos entre dois sistemas: fazermos com que um homem veja que o amamos por meio de denguices, ou então irmos francamente a ele... Não acha este último método bem grande e bem nobre? Nós, moças francesas, somos entregues pelas nossas famílias como mercadorias, a três meses, quando não *à vista*, como a srta. Vilquin; mas na Inglaterra, na Suíça e na Alemanha, elas se casam pouco mais ou menos pelo sistema que segui... Que tem a dizer-me? Não sou eu um pouco alemã?

— Criança! — exclamou o coronel, olhando a filha. — A superioridade da França provém do seu bom-senso, da lógica a que sua bela língua obriga o espírito; a França é a razão do mundo! A Inglaterra e a Alemanha são românticas nesse ponto dos seus costumes; e, mesmo assim, suas grandes famílias seguem as nossas leis. Vocês não quererão nunca lembrar-se de que seus pais, que conhecem bem a vida, têm a responsabilidade de suas almas e de sua felicidade, que eles devem fazer

o possível para vos evitar os escolhos da sociedade! Meu Deus! Será culpa deles, ou nossa? Dever-se-á manter os filhos sob um jugo de ferro? Devemos ser castigados por essa ternura, que nos faz torná-los felizes e que infelizmente junge os nossos corações?

Modesta observou o pai de esguelha, ao ouvir essa espécie de invocação, dita com lágrimas na voz.

— Será uma falta se uma moça, senhora de seu coração, escolhe para marido não somente um rapaz encantador, mas ainda um homem de gênio, nobre e numa bela situação... um gentil-homem meigo como eu? — disse ela.

— Tu o amas? — perguntou o pai.

— Olhe, meu pai — disse ela, pousando a cabeça no ombro do coronel —, se não me quer ver morrer...

— Basta — disse o velho soldado —, a tua-paixão, vejo-o, é inabalável!

— Inabalável.

— Nada te pode fazer mudar?

— Nada neste mundo.

— Não imaginas nenhum acontecimento... nenhuma traição — continuou o velho soldado —, tu o amas *seja como for*, por causa de seu encanto pessoal, e se ele fosse um d'Estourny, tu continuarias a amá-lo?

— Oh! Meu pai... o senhor não conhece a sua filha. Poderia eu amar um covarde, um homem sem fé, sem honra, um pulha?

— E se tivesses sido enganada?

— Por aquele encantador e cândido rapaz, quase melancólico? Ou não o viu ou então quer gracejar.

— Enfim, muito felizmente, o teu amor não é mais absoluto, como dizias. Faço-te entrever circunstâncias que modificariam o teu poema... E então! Compreendes agora que os pais prestam para alguma coisa?

— O senhor quer dar uma lição à sua filha, papai. Isto se está volvendo positivamente *A moral em ação*...[322]

— Pobre enganada! — replicou severamente o pai. — A lição não vem

de mim, nada tenho com ela, a não ser para te abrandar o golpe...

— Basta, meu pai, não brinque com a minha vida... — disse Modesta, empalidecendo.

— Vamos, minha filha, enche-te de coragem. Foste tu que brincaste com a vida, e a vida se diverte à tua custa.

Modesta olhou para o pai com ar perplexo.

— Vejamos! Se o rapaz a quem amas, que viste na igreja do Havre, há quatro dias, fosse um miserável...

— Não é exato! — disse ela. — Aquela cabeça moreno-pálida, aquela nobre fisionomia, cheia de poesia...

— É uma mentira — disse o coronel, interrompendo a filha. — Ele é tanto o senhor de Canalis como eu sou aquele pescador que está içando a vela...

— Sabe o que está matando em mim? — disse ela.

— Tranquiliza-te, minha filha, se o acaso colocou o teu castigo na tua própria falta, o mal não é irreparável. O rapaz que viste, com o qual trocaste teu coração por correspondência, é um moço leal, que me veio confiar o seu embaraço; ele te ama, e eu não o recusaria para genro.

— Se não é Canalis, quem é ele então? — perguntou Modesta, com voz profundamente alterada.

— O secretário! Chama-se Ernesto de La Brière. Não é gentil-homem; mas é um desses homens comuns, de virtudes positivas, de moralidade segura, que agradam aos pais. Que nos importa isso, de resto? Tu o viste, nada pode modificar teu coração; tu o escolheste; conheces-lhe a alma, que é tão bela como ele é bonito.

O conde de La Bastie foi interrompido por um suspiro de Modesta. A pobre rapariga, pálida, com os olhos fitos no mar, rígida como uma morta, foi atingida, como por um tiro de pistola, por aquelas palavras: *é um desses homens comuns, de virtudes positivas, de moralidade segura, que agradam aos pais.*

— Enganada! — disse ela finalmente.

— Como a tua pobre irmã, mas menos gravemente.

— Voltemos, meu pai — disse ela, erguendo-se do cômodo onde ambos estavam sentados. — Olha, papai, juro-te, diante de Deus, que obedecerei à tua vontade, seja ela qual for, no negócio de meu casamento.

— Então já não amas mais? — perguntou o pai zombeteiramente.

— Eu amava um homem sincero, sem mentira, probo como o senhor, incapaz de se disfarçar como um ator, de pintar-se com a glória de outro...

— Dizias que nada te faria mudar? — disse ironicamente o coronel.

— Oh! não se divirta à minha custa! — disse ela, juntando as mãos e olhando o pai numa cruel ansiedade. — O senhor não sabe quanto revolve o meu coração e as minhas queridas crenças com os seus gracejos...

— Deus me livre de tal! Disse-te a pura verdade.

— O senhor é muito bom, meu pai! — respondeu ela, após uma pausa, e com uma espécie de solenidade.

— E ele tem as tuas cartas! — disse Carlos Mignon. — Hein? Se essas loucas carícias de tua alma tivessem caído nas mãos desses poetas que, segundo Dumay, fazem delas mechas para os charutos!

— Oh! O senhor vai demasiado longe...

— Canalis lho disse.

— Ele viu Canalis?

— Sim — respondeu o coronel.

Os dois caminharam em silêncio.

— Eis aí então o motivo pelo qual — disse Modesta depois de alguns passos — *esse senhor* me dizia tanto mal da poesia e dos poetas! Porque esse secretariozinho falava de... Mas — continuou ela interrompendo-se — suas virtudes, suas qualidades, seus belos sentimentos, não são senão roupagens epistolares? Quem rouba uma glória e um nome pode...

— Arrombar fechaduras, roubar o tesouro, assassinar nas estradas reais! — exclamou Carlos Mignon, sorrindo. — E assim são vocês, senhoras mocinhas, com o seus sentimentos absolutos e a sua ignorância

da vida! Um homem capaz de enganar uma mulher desce necessariamente do cadafalso ou deve subir a ele.

Esse motejo deteve a efervescência de Modesta, e o silêncio reinou outra vez entre eles.

— Minha filha — continuou o coronel —, os homens na sociedade, como também na natureza, devem procurar apoderar-se dos seus corações, e vocês devem defender-se. Inverteste os papéis. Está certo? Numa falsa posição, tudo é falso. A ti toca, portanto, a primeira falta. Não, um homem não é um monstro quando tenta agradar a uma mulher, e o nosso direito, a nós homens, permite-nos a agressão com todas as suas consequências, salvo o crime e a covardia. Um homem pode ainda ter virtudes, depois de haver enganado uma mulher, o que quer simplesmente dizer que não achou nela os tesouros que pensava; ao passo que somente uma rainha, uma atriz, ou uma mulher tão acima de um homem, que seja para este como uma soberana, é que pode tomar a iniciativa sem incorrer em censura. Mas uma moça! Nesse caso, mente a tudo o que Deus nela fez florescer de santo, de belo, de grande, por mais graça, mais poesia, mais precauções que ponha nessa falta.

— Procurar o senhor e achar o criado? Ter representado de novo *O jogo do amor e do acaso*,[323] apenas da minha parte! — disse ela amargamente: — Oh! não me reerguerei jamais.

— Louca! O senhor Ernesto de La Brière é, a meu ver, um personagem pelo menos igual ao senhor barão de Canalis; ele foi secretário particular de um primeiro-ministro, é conselheiro referendário no Tribunal de Contas, tem coração, adora-te: mas *não faz versos*. Não, convenho, ele não é poeta; mas pode ter o coração cheio de poesia. Enfim, minha pobre filha — disse ele ante o gesto de repulsa de Modesta —, tu os verás, a um e a outro, o falso e o verdadeiro Canalis...

— Oh! Papai!

— Não juraste obedecer-me em tudo, no *negócio* do teu casamento? Pois bem! Poderás escolher entre eles o que te agradar para marido.

Começaste por um poema, acabarás por uma bucólica, tentando surpreender o verdadeiro caráter desses senhores em algumas aventuras campestres, na caça ou na pesca.

Modesta baixou a cabeça.

XLI – MODESTA DESILUDIDA

A jovem voltou ao Chalé com o pai, ouvindo-o e respondendo com monossílabos. Caíra humilhada no fundo do lamaçal, daquela montanha em que julgava alçar-se até o ninho de uma águia. Para empregar as poéticas expressões de um autor destes tempos: “Depois de ter sentido a planta dos pés demasiado delicada para caminhar sobre os cacos de vidro da Realidade, a Fantasia que, naquele delicado peito, reunia tudo da mulher, desde os devaneios semeados de violeta da virgem pudica até os desejos insensatos da cortesã, levara-a ao centro dos seus jardins encantados, onde, amarga surpresa! ela via, em vez de sua flor sublime, saírem da terra as pernas peludas e torcidas da negra mandrágora”. Das alturas místicas de seu amor, Modesta achava-se no caminho liso, plano, marginado de fossas e lavouras, enfim, sobre a estrada calçada da Vulgaridade! Qual a moça de alma ardente que não se teria despedaçado com semelhante queda? Aos pés de quem tinha ela, pois, semeado as suas pérolas? A Modesta que voltou ao Chalé não se assemelhava à outra que dali saíra duas horas antes, como a atriz na rua não se parece com a heroína em cena. Mergulhou num entorpecimento penoso de ver. O sol estava obscuro, a natureza se velava, as flores nada mais lhe diziam. Como todas as raparigas de caráter extremado, ela bebeu alguns goles demais da taça do Desencantamento. Debateu-se contra a Realidade sem querer entregar o pescoço ao jugo da família e da sociedade, que achava pesado, duro, aniquilador! Nem mesmo ouviu as consolações do pai e da mãe; gozou não sei que selvagem volúpia em se entregar às suas dores

d’alma.

— O pobre Butscha — disse ela numa noite — era quem tinha razão!

Essa frase indica o caminho que percorrera, em pouco tempo, nas áridas planícies da Realidade, guiada por uma tristeza sombria. Essa tristeza, engendrada pelo descalabro de todas as esperanças, é uma doença, que muitas vezes ocasiona a morte. Não será um dos menores trabalhos da fisiologia atual o de pesquisar as vias, os meios pelos quais um *pensamento* chega a produzir a mesma desorganização que um veneno: como o desespero tira o apetite, destrói o piloro e modifica as condições da mais forte vida. Assim aconteceu com Modesta. Em três dias, ofereceu o espetáculo de uma mórbida melancolia; não cantava mais, não era possível fazê-la sorrir; assustou os pais e os amigos.

XLII – ENTRE AMIGOS

Carlos Mignon, inquieto por não ver chegarem os dois companheiros, pensava em ir buscá-los; mas, no quarto dia, o sr. Latournelle teve notícias deles. Eis como.

Canalis, excessivamente seduzido por um casamento tão rico, não se quis descuidar de nada, para levar a melhor sobre La Brière, sem que este o pudesse censurar por ter violado as leis da amizade. Achou o poeta que nada desconsidera mais um namorado aos olhos de uma moça como apresentá-lo numa situação subalterna e propôs, do modo mais simples, a La Brière morarem juntos e, para isso, alugar por um mês, em Ingouville, uma pequena casa de campo, onde se acomodariam pretextando um tratamento de saúde. Assim é que La Brière, que no primeiro momento nada viu que não fosse natural na proposta, consentiu. Canalis encarregou-se de levar o amigo gratuitamente e fez, sozinho, os preparativos da viagem; mandou o criado de quarto ao Havre e recomendou-lhe que se dirigisse ao sr. Latournelle para tratar do

aluguel de uma casa de campo em Ingouville, calculando que o notário daria com a língua nos dentes para a família Mignon. Ernesto e Canalis, como todos devem presumir, tinham falado sobre todas as circunstâncias desta aventura, e o prolixo La Brière dera mil informações ao seu rival. O criado de quarto, a par das intenções de seu senhor, atendeu-as às mil maravilhas; trombeteou a chegada ao Havre do grande poeta, a quem os médicos haviam prescrito alguns banhos de mar, para recuperar as forças esgotadas com os duplos trabalhos da política e da literatura. Esse grande personagem queria uma casa que tivesse pelo menos tantas peças, pois trazia o seu secretário, um cozinheiro, dois criados e um cocheiro, sem contar o sr. Germano Bonnet, seu criado de quarto. A caleça escolhida pelo poeta, e alugada por um mês, era bastante bonita, podia servir para alguns passeios: assim é que Germano procurou alugar nos arredores do Havre dois cavalos para um duplo fim, pois o senhor barão e seu secretário gostavam de cavalgar. Diante do pequeno Latournelle, Germano, ao visitar as casas de campo, insistia muito a respeito do secretário, e recusou duas, objetando que o sr. de La Brière não ficaria confortavelmente alojado. — O senhor barão — dizia ele — fez do seu secretário o seu melhor amigo. Ah! Eu levaria um bom sermão se o sr. de La Brière não fosse tratado como o próprio senhor barão! E, afinal, o sr. de La Brière é referendário no Tribunal de Contas. — Germano nunca se apresentou a não ser de preto, com luvas limpas, botas, e trajado como um senhor. Podem julgar do efeito que produziu, e do conceito em que foi dito o grande poeta, ante aquela amostra. O criado de um homem de espírito acaba por ter espírito, pois o espírito do patrão acaba extravasando sobre ele. Germano não exagerou o seu papel, foi simples, foi bonacheirão, de acordo com a recomendação de Canalis. O pobre de La Brière não suspeitava do mal que lhe estava causando Germano, e da depreciação em que consentira; pois, das esferas inferiores, subiram até Modesta alguns ecos do rumor público. Assim, Canalis ia levar o amigo no seu séquito, no seu carro, e o caráter de Ernesto não lhe permitia

perceber sua situação duvidosa a tempo de remediá-la. O atraso, contra o qual praguejava Carlos Mignon, provinha da pintura do brasão de Canalis nas portas da caleça, e das encomendas ao alfaiate, pois o poeta abarcara a profusão imensa desses detalhes, o mínimo dos quais pode impressionar a uma moça.

— Fique tranquilo — disse Latournelle a Carlos Mignon, no quinto dia —; o criado de quarto do sr. Canalis terminou esta manhã; ele alugou o pavilhão da sra. Amaury, em Sanvic, todo mobiliado, por setecentos francos, e escreveu ao seu patrão dizendo-lhe que podia partir, que tudo estaria pronto à sua chegada. Assim é que esses senhores estarão aqui domingo. Recebi, até, esta carta de Butscha... Veja, não é comprida: "Meu caro patrão, não posso regressar antes do domingo. Daqui até lá tenho de obter algumas informações extremamente importantes, e que dizem respeito à felicidade de uma pessoa pela qual o senhor se interessa".

XLIII – O PROJETO DE MODESTA

A notícia da chegada daqueles dois personagens não diminuiu a tristeza de Modesta; dominavam-na ainda o sentimento da sua queda e confusão, e ela não era tão coquete como a julgava o pai. Há uma faceirice encantadora que é permitida, a da alma, e que se pode chamar a polidez do amor. Ora, Carlos Mignon, ao repreender a filha, não fizera distinção entre o desejo de agradar e o amor de cabeça, entre a sede de amar e o cálculo. Como verdadeiro coronel do império, vira naquela correspondência, lida rapidamente, uma rapariga que se atirava nos braços de um poeta; mas, nas cartas suprimidas para poupar espaço, um conhecedor teria admirado a reserva pudica e graciosa que Modesta tão rapidamente substituíra ao tom agressivo e leviano de suas primeiras cartas, por uma transição bastante natural na mulher. Num ponto, o pai tivera cruelmente razão. A última carta em que Modesta, dominada por

um tríplice amor, falara como se o casamento já estivesse concluído, lhe causava vergonha; por isso, achava o pai muito duro e bem cruel em obrigá-la a receber um homem indigno dela, para o qual sua alma voara quase nua. Interrogara Dumay sobre sua entrevista com o poeta, fizera-o, com sutileza, contar os menores detalhes, e não achava Canalis tão bárbaro como o dizia o tenente. Sorria para aquele lindo cofrezinho papal que continha as cartas das *mil e três* mulheres daquele donjuan literário. Por várias vezes sentiu-se tentada a dizer ao pai: "Não sou a única a escrever-lhe, e a elite das mulheres manda folhas para a coroa de louros do poeta!".

O caráter de Modesta, durante aquela semana, sofreu uma transformação. Aquela catástrofe, que o foi, e grande, para uma natureza tão poética, despertou a perspicácia e a malícia latente nessa moça em que os pretendentes iriam encontrar um terrível adversário. Com efeito, quando numa jovem o coração esfria, a cabeça torna-se sã; observa tudo, então, com certa rapidez de julgamento, com um tom de gracejo que Shakespeare pintou admiravelmente na sua personagem de Beatriz em *Muito barulho por nada*. Modesta encheu-se de profundo desprezo pelos homens, dos quais os mais distintos assim lhe frustravam as esperanças. Em amor, o que a mulher toma por desprezo é simplesmente a visão justa; mas, em matéria de sentimento, ela, e principalmente as donzelas, nunca está com a verdade. Quando não admira, despreza. Ora, depois de ter sofrido dores inauditas, Modesta chegou necessariamente a vestir aquela armadura sobre a qual dissera ter gravado a palavra desprezo; podia, desde então, assistir, como uma pessoa desinteressada, ao que denominava o *vaudeville* dos pretendentes, embora nele representasse o papel da jovem protagonista. Propunha-se, sobretudo, humilhar constantemente o sr. de La Brière.

— Modesta está salva — disse a sra. Mignon, a sorrir, ao marido. — Ela quer vingar-se do falso Canalis, tentando amar o verdadeiro.

Tal foi, com efeito, o plano de Modesta. Era tão vulgar que sua mãe, a

quem ela confiou seus pesares, aconselhou-a a não manifestar ao sr. de La Brière senão a mais aniquiladora bondade.

XLIV – UM TERCEIRO PRETENDENTE

— Aí estão dois rapazes — disse a sra. Latournelle, no sábado à noite — que não suspeitam do número de espiões que vão ter no seu encalço, pois seremos oito a observá-los.

— Que dizes, qual dois, qual nada, querida amiga! — exclamou o pequeno Latournelle — Vão ser três. Gobenheim ainda não veio, posso falar.

Modesta erguera a cabeça, e todos, imitando-a, olharam para o pequeno notário.

— Um terceiro apaixonado, e ele o está, coloca-se na fileira...

— Qual! — disse Carlos Mignon.

— Pois não se trata nada menos — replicou faustosamente o notário — que de Sua Senhoria o sr. duque d'Hérouville, marquês de Saint-Sever, duque de Nivron, conde de Bayeux, visconde d'Essigny, Grande-Escudeiro de França e par, cavaleiro da ordem da Espora e do Tosão de Ouro, grande de Espanha, e filho do último governador da Normandia. Ele viu a srta. Modesta durante a sua estada em casa dos Vilquin, e lamentava então, disse o seu notário que chegou ontem de Bayeux, que ela não fosse suficientemente rica para ele, cujo pai só encontrara seu castelo d'Hérouville, ataviado de uma irmã por ocasião de seu regresso à França. O jovem duque tem trinta e três anos. Estou, positivamente, encarregado de fazer algumas sondagens — disse o notário, virando-se respeitosamente para o coronel.

— Pergunte a Modesta — respondeu o pai — se ela quer ter mais um pássaro no seu viveiro; porque, no que me diz respeito, consinto que o senhor, o Grande-Escudeiro, a cumule de atenções...

Não obstante o cuidado que tinha Carlos Mignon de não se avistar com ninguém, de se fixar em casa, de nunca sair sem Modesta, Gobenheim, a quem teria sido difícil não mais receber no Chalé, falara da fortuna de Dumay, pois Dumay, esse segundo pai de Modesta, dissera a Gobenheim ao deixá-lo: — Serei o intendente do meu coronel, e toda a minha fortuna, salvo o que ficar para minha mulher, será para os filhos da minha pequena Modesta... — Todos no Havre tinham pois repetido aquele argumento tão simples que já Latournelle a si mesmo havia dito: — É preciso que a fortuna do sr. Carlos Mignon seja colossal para que a parte de Dumay alcance seiscentos mil francos, e para que ele, Dumay, se torne seu intendente. — O sr. Mignon chegou num navio de sua propriedade, carregado de anil — diziam na Bolsa. — Esse carregamento vale, sem contar o navio, mais do que a fortuna que ele se atribui.

O coronel não quis despedir os criados, que escolhera com tanto cuidado durante as suas viagens, e foi obrigado a alugar por seis meses uma casa na parte baixa de Ingouville, porque tinha um criado de quarto, um cozinheiro e um cocheiro, negros os dois últimos; uma mulata e dois mulatos, com cuja fidelidade ele podia contar. O cocheiro andava à cata de cavalos de sela para a senhorita e para o patrão, e cavalos para a caleça na qual o coronel e o tenente tinham vindo. Esse carro, comprado em Paris, era da última moda e trazia o brasão dos La Bastie, encimado por uma coroa de conde. Essas coisas, insignificantes para um homem que vivera durante quatro anos no seio do luxo desenfreado das Índias, dos comerciantes *hongs*[324] e dos ingleses de Cantão, foram comentadas pelos negociantes do Havre, pela gente de Graville e de Ingouville. Em cinco dias, houve um rumor estrepitoso que fez, na Normandia, o efeito de um rastilho de pólvora, quando pega fogo.

— O senhor Mignon voltou da China com milhões — dizia-se em Rouen — e, segundo parece, tornou-se conde em viagem!

— Mas ele era conde de La Bastie antes da revolução — repetia um interlocutor. — Assim, pois, chama-se *senhor conde* a um liberal que,

durante vinte e cinco anos, se chamou Carlos Mignon! Para onde vamos?!

Modesta passou, pois, apesar do silêncio dos pais e dos amigos, a ser considerada a mais rica herdeira da Normandia, e então todos os olhos descobriram os seus méritos. A tia e a irmã do senhor duque d'Hérouville confirmaram em pleno salão, em Bayeux, o direito do sr. Carlos Mignon ao título e aos brasões de conde, devidos ao cardeal Mignon, cujas borlas e chapéu, em sinal de agradecimento, foram tomados como cimeira e suportes. Tinham entrevisto, da casa dos Vilquin, a srta. de La Bastie, e foi logo despertada a sua solicitude pelo chefe da própria casa empobrecida.

— Se a srta. de La Bastie é tão rica como bonita — disse a tia do jovem duque —, será o mais belo partido da província. E essa, pelos menos, é nobre. — Este último dito foi lançado contra os Vilquin, com os quais não fora possível um entendimento, depois da humilhação de ir à casa deles.

Tais são os pequenos acontecimentos que deviam introduzir mais uma personagem nesta cena doméstica, contrariamente às leis de Aristóteles e de Horácio,[325] mas o retrato e a biografia desse personagem, tão tardiamente chegado, não causarão alongamentos, em vista da sua exiguidade. O senhor duque não ocupará aqui mais lugar do que ocupa na história. Sua Senhoria, o senhor duque d'Hérouville, fruto do outono matrimonial do último governador da Normandia, nascera durante a emigração, em 1796, em Viena. Tendo voltado com o rei em 1814, o velho marechal, pai do atual duque, morreu em 1819 sem ter podido casar o filho, e embora este fosse duque de Nivron, deixou-lhe apenas o imenso castelo d'Hérouville, o parque, algumas dependências e uma herdade, a muito custo readquirida; quinze mil francos de renda, ao todo. Luís xviii concedeu o cargo de Grande-Escudeiro ao filho, o qual, no reinado de Carlos x, obteve os doze mil francos de pensão concedidos aos pares de França pobres. Que era o soldo de Grande-Escudeiro e vinte e sete mil francos de renda para essa família? Em Paris, o jovem duque tinha, era verdade, as carruagens do rei, seu palácio da rue Saint-Thomas du

Louvre, com grandes cavalariças; mas seu ordenado custeava o seu inverno, e os vinte e sete mil francos custeavam o verão na Normandia. Se esse grão-senhor se conservava ainda solteiro, era menos por culpa sua do que por culpa da tia, que não conhecia as fábulas de La Fontaine. [326] A srta. d'Hérouville alimentou pretensões enormes, em desacordo com o espírito do século, pois os grandes nomes sem dinheiro não podiam absolutamente encontrar ricas herdeiras na alta nobreza francesa, já bastante embaraçada para enriquecer seus filhos arruinados devido à partilha igual dos bens. Para casar vantajosamente o jovem duque d'Hérouville, seria preciso cortejar as grandes casas bancárias, e a altiva filha dos d'Hérouville a todos eles melindrou com seus ditos cruéis. Durante os primeiros anos da Restauração, de 1817 a 1825, mesmo buscando milhões, a srta. d'Hérouville recusou a srta. Mongenod, filha do banqueiro, com a qual se contentou o sr. de Fontaine.[327] Enfim, após boas oportunidades perdidas por sua culpa, achava, naquele momento, a fortuna dos Nucingen[328] muito torpemente adquirida para que ela se prestasse à ambição da sra. de Nucingen, que queria fazer da filha uma duquesa. O rei, desejoso de restituir aos d'Hérouville o seu esplendor, tinha quase arranjado aquele casamento e qualificou publicamente a srta. d'Hérouville de louca. A tia tornou assim ridículo o sobrinho, e o duque prestava-se ao ridículo. Com efeito, quando as grandes coisas humanas se vão, deixam migalhas, *frusteaux*, diria Rabelais, e a nobreza francesa mostra-nos, neste século, demasiados restos. Não há dúvida que, nesta longa história de costumes[329], nem o clero nem a nobreza têm de que se queixar. Essas duas grandes e magníficas necessidades sociais nela são bem representadas; mas não seria renunciar ao belo título de historiador o não ser imparcial, não mostrar aqui a degenerescência da raça, como em outro lugar encontrarão a figura do emigrado no conde de Mortsauf (vide *O lírio do vale*) e todas as nobrezas da nobreza do marquês d'Espard (vide *A interdição*)? Como podia a raça dos fortes e bravos, como a casa daqueles altivos d'Hérouville, que deram o famoso marechal

à realeza, cardeais à Igreja, capitães aos Valois, bravos a Luís xiv, vir a dar um ser débil e menor do que Butscha? É uma pergunta que se pode fazer, em mais de um salão de Paris, ao ouvir anunciar mais de um grande nome de França, quando se vê entrar um homem pequeno, franzino, que parece não ter mais do que um sopro, ou velhos prematuros, ou alguma criação estranha, na qual o observador procura com grande trabalho um traço em que a imaginação possa achar os sinais de uma antiga grandeza. As dissipações do reinado de Luís xv, as orgias desse período egoísta e funesto, produziram a geração estiolada na qual somente as maneiras sobreviveram às grandes qualidades desaparecidas. As formas, eis a única herança que os nobres conservam. Por isso, salvo algumas exceções, pode-se explicar o abandono no qual Luís xvi pereceu, devido ao pobre legado do reino de madame de Pompadour.

Louro, pálido e delgado, o Grande-Escudeiro, jovem de olhos azuis, não deixava de ter certa dignidade no pensamento; mas a sua pequena estatura e os erros da sua tia, que o tinham levado a cortejar em vão os Vilquin, davam-lhe uma timidez excessiva. A família d'Hérouville estivera a ponto de perecer por causa de um aleijão (vide *O filho maldito* nos *Estudos Filosóficos*). O grande marechal, pois que assim era chamado no seio da família, o homem que Luís xiii fizera duque, casara-se aos oitenta e dois anos, e naturalmente a família continuara. Não obstante, o jovem duque gostava de mulheres; mas colocava-as demasiado alto, respeitava-as demasiado, adorava-as, e não se sentia à vontade senão com aquelas a quem não se deve respeitar. Esse caráter fizera-o levar uma vida em parte dupla. Desforrava-se com as mulheres fáceis das adorações a que se dedicava nos salões, ou, se quiserem, nos *boudoirs* do Faubourg Saint-Germain. Esses costumes e sua pequena estatura, seu rosto doentio, seus olhos azuis sempre em êxtase, tinham contribuído, aliás, muito injustamente, para o ridículo com que o cobriam, pois era cheio de delicadeza e de espírito; mas o seu espírito sem cintilações não se manifestava senão quando ele se sentia à vontade. Por isso Fanny

Beaupré,[330] a atriz que passava por ser, a peso de ouro, a sua melhor amiga, dizia dele: — É um bom vinho, mas tão bem arrolhado, que se quebram nele os saca-rolhas. — A bela duquesa de Maufrigneuse,[331] a quem o Grande-Escudeiro não fazia senão adorar, esmagou-o com uma frase que, infelizmente, foi repetida, como todas as belas maledicências: — Ele me dá a impressão — disse ela — de uma joia preciosamente trabalhada, que a gente mostra muito mais do que usa, e que permanece guardada em algodão. — Nem mesmo o cargo de Grande-Escudeiro deixava de fazer rir pelo contraste ao bom Carlos x, embora o duque d'Hérouville fosse um bom cavaleiro. Os homens são como os livros, às vezes são apreciados demasiado tarde. Modesta entrevira o duque d'Hérouville durante a infrutuosa permanência deste em casa dos Vilquin; e, ao vê-lo passar, todas essas reflexões lhe acorreram quase involuntariamente ao espírito. Nas circunstâncias, porém, em que ela se achava, compreendeu o quanto era importante a corte do duque d'Hérouville, para não ficar à mercê de algum Canalis.

— Não vejo por que — disse ela a Latournelle — o duque d'Hérouville não deva ser admitido. Eu passei, apesar da nossa indigência — continuou ela, fitando maliciosamente o pai — para a categoria das herdeiras. Por isso acabarei publicando um programa... Não repararam como os olhares de Gobenheim se têm modificado há uma semana? Ele está desesperado por não poder botar as suas partidas de uíste na conta de uma muda adoração da minha pessoa.

— Pst! Meu coração — disse a sra. Latournelle —, ei-lo.

— O velho Althor está desesperado — disse Gobenheim ao sr. Mignon, ao entrar.

— E por quê? — perguntou o conde de La Bastie.

— Vilquin, dizem, vai falir, e a Bolsa julga o senhor dono de vários milhões.

— Ninguém sabe — replicou Carlos Mignon secamente — quais são os meus compromissos nas Índias, e não estou disposto a pôr o público no

segredo dos meus negócios. Dumay — disse ele ao ouvido do amigo —, se Vilquin está apertado, poderemos readquirir a minha propriedade de campo, pagando-lhe à vista o que ele deu por ela.

Tais foram os preparativos, filhos do acaso, em meio dos quais, ao domingo de manhã, chegaram Canalis e La Brière, precedidos de um postilhão, ao pavilhão da sra. Amaury. Soube-se que o duque d'Hérouville, com a irmã e a tia, devia chegar na terça-feira, sob pretexto de saúde, a uma casa alugada em Graville. Essa concorrência fez com que dissessem, na Bolsa, que graças à srta. Mignon iam subir os aluguéis em Ingouville.

— Se isso continua — disse a mais moça das srtas. Vilquin, desesperada por não ser duquesa —, ela acabará fundando um asilo.

A eterna comédia da *Herdeira*, que se devia representar no Chalé, poderia certamente, na disposição de espírito em que se achava Modesta e de acordo com o seu gracejo, denominar-se *o programa de uma donzela*, pois ela estava bem decidida depois da perda das suas ilusões a não conceder a mão senão ao homem cujas qualidades a satisfizessem plenamente.

XLV – ONDE SE VÊ QUE O PAI É SOBERBO

No dia seguinte ao da chegada, os dois rivais, ainda amigos íntimos, prepararam-se para a sua apresentação, à noite, no Chalé. Tinham empregado todo o domingo e a manhã de segunda-feira a esvaziar as malas, a tomar posse do pavilhão da sra. Amaury e nos arranjos que exigia a permanência de um mês. De resto, autorizado por sua situação de aprendiz-ministro a se permitir umas quantas manhas, o poeta calculava tudo: quis, pois, aproveitar-se do ruído provável que sua chegada devia causar no Havre, e cujos ecos repercutiriam no Chalé. Na sua qualidade de homem cansado, Canalis não saiu. La Brière foi por duas vezes passar

pela frente do Chalé, pois amava com uma espécie de desespero, sentia um profundo temor de ter desagradado, e o seu futuro lhe parecia toldado de espessas nuvens.

Na segunda-feira, os dois amigos desceram para o jantar, ambos vestidos para a primeira visita, a mais importante de todas. La Brière refizera a mesma *toilette* do célebre domingo na igreja, mas considerava-se como o satélite de um astro e entregava-se aos azares da sua situação. Canalis, esse, não omitira a casaca, nem as condecorações, nem aquela elegância de salão, aperfeiçoada nas suas relações com a duquesa de Chaulieu, sua protetora, e com a mais fina sociedade do Faubourg Saint-Germain. Todas as minúcias do dandismo foram observadas por Canalis, ao passo que o pobre La Brière ia mostrar-se com o descuido do homem sem esperanças. Ao servir seus dois patrões à mesa, Germano não pôde deixar de sorrir ante aquele contraste. Ao segundo serviço, ele entrou com ares diplomáticos, ou para melhor dizer, inquieto.

— Senhor barão — disse ele a Canalis, à meia-voz —, já sabe que o senhor Grande-Escudeiro está por chegar a Graville para tratar-se da mesma doença do sr. de La Brière e da do senhor barão?

— O duquezinho d'Hérouville? — exclamou Canalis.

— Sim, senhor.

— Terá ele vindo pela srta. de La Bastie? — pergunta La Brière, corando.

— Pela srta. Mignon — respondeu Germano.

— Estão zombando de nós! — exclamou Canalis olhando para La Brière.

— Ah! — redarguiu vivamente Ernesto. — Eis o primeiro *nós* que dizes desde a nossa partida. Até agora dizias *eu!*

— Tu me conheces — respondeu Melquior, dando uma gargalhada —, mas nós não estamos em condições de lutar contra um cargo da coroa, contra o título de duque e par, nem contra os pântanos, que de acordo com o meu relatório, o conselho de Estado acaba de atribuir à casa

d’Hérouville.

— Sua Senhoria — disse La Brière, maliciosamente, com aparência de seriedade — oferece-te uma ficha de consolação na pessoa da irmã.

Naquele momento, anunciaram o conde de La Bastie; os dois jovens levantaram-se ao ouvi-lo, e La Brière foi vivamente ao seu encontro para apresentar-lhe Canalis.

— Eu tinha de lhe retribuir a visita que me fez em Paris — disse Carlos Mignon ao jovem referendário — e sabia que, ao vir aqui, teria a dupla satisfação de ver um dos nossos grandes poetas da atualidade.

— Grande? Senhor! — respondeu o poeta, sorrindo. — Nada pode haver de grande num século ao qual serve de prefácio o reinado de Napoleão. De resto, somos um bando de pseudograndes poetas! E, além disso, os talentos secundários representam tão bem o gênio, que tornaram impossível toda grande ilustração.

— É esse o motivo que o lança na política? — perguntou o conde de La Bastie.

— O mesmo se passa nessa esfera — disse o poeta. — Não mais haverá grandes homens de Estado; haverá somente homens que tocarão mais ou menos nos acontecimentos. Olhe, senhor, sob o regime que nos proporcionou a Carta,[332] que toma a quota das contribuições por uma quota de guerreiro, nada mais há de sólido, senão o que o senhor foi buscar na China, a fortuna.

Satisfeito consigo mesmo e com a impressão que causava ao seu futuro sogro, Melquior virou-se para Germano.

— Sirva o café no salão — disse ele, convidando o negociante a deixar a sala de jantar.

— Agradeço-lhe, senhor conde — disse então La Brière —, por me poupar, desse modo, o embaraço em que me ia ver para levar meu amigo à sua casa. Além de muita alma, o senhor tem também muito espírito...

— Ora! Espírito que têm todos os provençais — disse Carlos Mignon.

— Ah! O senhor é da Provença? — exclamou Canalis.

— Desculpe o meu amigo — disse La Brière —; ele não estudou, como eu, a história dos La Bastie.

A essa observação de "amigo", Canalis dirigiu a Ernesto um olhar penetrante.

— Se sua saúde o permite — disse o provençal ao grande poeta —, requeiro a honra de o receber hoje à noite em minha casa, e será um dia para assinalar, como dizem os antigos, *albo notanda lapillo*.[333] Embora nos sintamos embaraçados em receber tão grande glória em tão pequena casa, o senhor satisfaria a impaciência de minha filha, cuja admiração pelo senhor vai ao ponto de pôr seus versos em música.

— O senhor tem mais do que a glória — disse Canalis —, pois tem nela a beleza, a crer no que diz Ernesto.

— Oh! Uma boa menina que o senhor achará bem provinciana — disse Carlos.

— Uma provinciana requestada, dizem, pelo duque d'Hérouville — disse Canalis, com secura.

— Oh! — replicou o sr. Mignon com a pérfida bonomia do meridional. — Deixo minha filha livre. Os duques, os príncipes, os simples particulares, tudo me é indiferente, até mesmo um homem de gênio. Não quero assumir nenhum compromisso, e o rapaz que a minha Modesta escolher será meu genro, ou antes, meu filho — disse ele, olhando para La Brière. — Que quer! A sra. de La Bastie é alemã, não admite a nossa etiqueta, e eu me deixo dirigir pelas minhas duas mulheres. Sempre preferi estar dentro do carro do que na boleia. Podemos falar dessas coisas sérias a rir, pois ainda não vimos o duque d'Hérouville, e não creio mais nos casamentos feitos por procuração do que nos pretensamente impostos pelos pais.

— É uma declaração tão desanimadora quanto de encorajar para dois rapazes que querem achar a pedra filosofal da felicidade no casamento — disse Canalis.

— Não lhe parece útil, necessário e político estipular a perfeita

liberdade dos pais, da moça e dos pretendentes? — perguntou Mignon.

Canalis, a um olhar de La Brière, ficou calado, tendo-se tornado banal a conversação; e, após algumas voltas pelo jardim, o pai retirou-se, contando com a visita dos dois amigos.

— É a nossa despedida — exclamou Canalis —, e tu a percebeste tão bem como eu. Aliás, em seu lugar, eu não hesitaria entre o Grande-Escudeiro e nós dois, por mais encantadores que fôssemos.

— Não penso assim — respondeu La Brière. — Creio que esse bravo soldado veio para satisfazer sua impaciência por ver-te e nos declarar a sua neutralidade, ao mesmo tempo que nos franqueava a sua casa. Modesta, seduzida por tua glória e iludida pela minha pessoa, acha-se simplesmente entre a poesia e o positivo. Tenho a desgraça de ser o positivo.

— Germano — disse Canalis ao criado de quarto que veio retirar o serviço do café —, mande atrelar o carro. Partiremos daqui a meia hora, vamos dar um passeio antes de ir ao Chalé.

XLVI – ONDE SE PODE VER QUE UM SOLTEIRO É MAIS CASADO DO QUE SE PENSA

Os dois rapazes estavam ambos igualmente impacientes por ver Modesta, mas La Brière temia essa entrevista, ao passo que Canalis encaminhava-se para ela com uma confiança cheia de fatuidade. O impulso de Ernesto para o pai e a lisonja com que acariciara o orgulho nobiliárquico do negociante, fazendo ressaltar a inabilidade de Canalis, decidiram o poeta a representar um papel. Melquior resolveu, recorrendo embora a todas as suas seduções, afetar indiferença para com Modesta, e assim espicaçar o amor-próprio da moça. Discípulo da bela duquesa de Chaulieu, mostrava-se nisso digno da sua reputação de homem entendido em mulheres, que não conhecia, como acontece com aqueles que são vítimas felizes de uma

paixão exclusiva. Enquanto o pobre Ernesto, encolhido no seu canto na caleça, mergulhado nos terrores do verdadeiro amor e pressentindo a cólera, o desprezo, o desdém, todos os raios de uma jovem ferida e ofendida, se mantinha num silêncio sombrio; Canalis, não menos silenciosamente, preparava-se, como um ator pronto para representar um papel importante em alguma peça nova. Certamente, nem um, nem outro, pareciam dois homens felizes. Quanto a Canalis, aliás, tratava-se de interesses graves. Para ele, a simples veleidade de casamento acarretava a ruptura da séria amizade que o ligava, faria em breve dez anos, à duquesa de Chaulieu. Embora tivesse disfarçado a sua viagem sob o pretexto vulgar da fadiga, pretexto no qual as mulheres nunca acreditam, mesmo quando verdadeiro, a sua consciência o atormentava um pouco; mas a palavra consciência pareceu a La Brière tão jesuítica, que este deu de ombros, quando o poeta lhe comunicou seus escrúpulos.

— A tua consciência, meu amigo, parece-me, muito simplesmente, o temor de perderes satisfações de vaidade, vantagens muito positivas e um hábito, ao perderes a afeição da sra. de Chaulieu; pois se triunfas com Modesta, sem o menor pesar renunciarás à insulsa revivescência de uma paixão já muito ceifada há oito anos. Confessa que tremes de medo à ideia de desagradar à tua protetora, caso ela venha a saber o motivo de tua estada aqui, e eu te acreditarei facilmente. Renunciar à duquesa e não triunfar no Chalé é um jogo muito forte. Interpretas o efeito dessa alternativa como remorsos.

— Nada compreendes em matéria de sentimento — disse Canalis com impaciência, como um homem ao qual se diz uma verdade, quando o que ele quer é uma lisonja.

— É o que um bígamo deveria responder a doze jurados — replicou La Brière rindo.

Esse epigrama causou uma impressão desagradável a Canalis; achou La Brière muito espirituoso e muito confiado para um secretário.

XLVII – UM POETA É QUASE UMA MULHER BONITA

A chegada de uma esplêndida caleça, guiada por um cocheiro com a libré de Canalis, causou tanto mais sensação no Chalé, porquanto eram esperados os dois pretendentes e todos os personagens desta história ali se achavam, salvo o duque e Butscha.

— Qual é o poeta? — perguntou a sra. Latournelle a Dumay, no vão de uma janela, onde se colocara ao ouvir o ruído do carro.

— O que marcha como um tambor-mor — respondeu o caixa.

— Ah! — exclamou a senhora do notário, examinando Melquior, que se pavoneava como quem se sente olhado.

Apesar de demasiado severa, a apreciação de Dumay, homem simples a não mais poder, tinha certa justeza. Por culpa da grande dama que o lisonjeava excessivamente e o mimava, como todas as mulheres mais idosas do que os seus adoradores os lisonjearão e mimarão sempre, Canalis era, então, quanto ao moral, uma espécie de Narciso. Uma mulher de certa idade, que queira prender para sempre um homem, deve começar por lhe divinizar os defeitos a fim de tornar impossível qualquer rivalidade; pois uma rival não se acha, no primeiro momento, no segredo dessa superfina adulação a que um homem facilmente se habitua. Os fátuos são o produto desse trabalho feminino, quando não o são de nascença. Canalis, que fora apanhado jovem pela bela duquesa de Chaulieu, justificava, pois, perante si mesmo, as suas maneiras afetadas, dizendo consigo que elas agradavam àquela mulher, cujo gosto era lei. Embora essas nuanças sejam de uma excessiva delicadeza, não é impossível apontá-las. Assim, por exemplo, Melquior possuía um talento de leitura muito admirado, que elogios demasiado complacentes tinham levado a um ponto de exagero em que nem o poeta, nem o ator se detêm, e que fez com que dissessem dele (sempre por de Marsay) que não declamava, mas que bramia os seus versos, de tanto que alongava os sons, ao ouvir-se a si mesmo. Em calão de bastidores, Canalis *tomava*

tempos um pouco *compridinhos*. Permitia-se olhadelas interrogativas para o seu público, poses de satisfação, e esses recursos de representação chamados pelos atores de *gangorras*, expressão pitoresca, como tudo o que criam os artistas. Canalis, aliás, teve imitadores e foi chefe de escola, nesse gênero. Aquela ênfase de melopeia viciara ligeiramente a sua conversação, na qual punha um tom declamatório, conforme se viu na sua palestra com Dumay. Uma vez tornado o espírito ultracoquete, as maneiras se ressentiram. Por isso, Canalis acabara por compassar seu caminhar, inventar atitudes, olhar-se disfarçadamente nos espelhos e fazer suas palavras concordarem com o modo pelo qual se quadrava. Preocupava-se tanto com o efeito a produzir que por mais de uma vez um trocista, Blondet,[334] apostara embaraçá-lo, e com êxito, dirigindo um olhar obstinado para os crespos do poeta, ou para as suas botinas, ou para as abas da sua casaca. Ao cabo de dez anos, essas graças, que começaram tendo por passaporte uma florescente juventude, se haviam tornado bastante velhas, tanto mais que Melquior parecia gasto. A vida social é tão fatigante para os homens como para as mulheres, e é bem possível que os vinte anos que a duquesa levava de vantagem a Canalis pesassem menos a ela do que a ele, pois o mundo sempre a via bela, sem rugas, sem rouge e sem coração. Infelizmente, nem os homens nem as mulheres têm amigos para avisá-los no momento em que o perfume de sua modéstia fica rançoso, em que a carícia de seu olhar é como uma tradição de teatro, em que a expressão de seu rosto se transforma em afetação e em que os artifícios de seu espírito deixam entrever suas carcaças enferrujadas. Somente o gênio sabe renovar-se como a serpente, e, em assunto de graça, como em tudo, apenas o coração não envelhece. As pessoas de grande coração são simples. Ora, Canalis, como sabem, tinha o coração seco. Ele abusava da beleza de seu olhar, dando-lhe, fora de propósito, a fixidez que a meditação empresta aos olhos. Enfim, para ele, os elogios eram um comércio no qual desejava ganhar demais. Seu modo de cumprimentar, encantador para as pessoas superficiais, podia

parecer às criaturas delicadas acintoso por sua banalidade, pela imprudência de uma lisonja, na qual se percebia uma segunda intenção. Efetivamente, Melquior mentia como um cortesão. Dissera sem pudor ao duque de Chaulieu, que pouco brilhara na tribuna, quando, como ministro do Exterior, fora obrigado a tomar a palavra: — Vossa Excelência esteve sublime! — Quantos homens se veriam como Canalis, operados de suas afetações, pelo insucesso administrado a pequenas doses!... Esses defeitos, bastante leves nos dourados salões do Faubourg Saint-Germain, para onde cada um leva com exatidão a sua cota de ridículos, e onde essa espécie de jactância, de afetação, de tensão, se quiserem, tem como quadro um luxo excessivo, *toilettes* suntuosas que talvez lhes sejam a desculpa, deviam contrastar enormemente no fundo da província, cujos ridículos pertencem a um gênero diferente. Canalis, simultaneamente empertigado e amaneirado, não podia, de resto, metamorfosear-se; já tivera tempo para esfriar no molde onde o lançara a duquesa; e, além disso, era muito parisiense, ou, se quiserem, muito francês. O parisiense admira-se de que tudo, por toda a parte, não seja como em Paris, e o francês como em França. O bom gosto consiste em conformar-se com as maneiras dos estrangeiros, sem contudo perder demasiado do próprio caráter, como fazia Alcibíades[335], modelo de *gentleman*. A verdadeira graça é elástica. Presta-se a todas as circunstâncias, está em harmonia com todos os meios sociais, sabe pôr um vestido de pano modesto, notável unicamente pelo seu feitio, para sair à rua, em vez de arrastar as plumas e os padrões de ramagens gritantes, que certas burguesas passeiam pelas calçadas. Ora, Canalis, aconselhado por uma mulher que o amava mais por ela mesma do que por ele, queria ditar leis, ser por toda parte o que era. Julgava, erro de que participam alguns dos grandes homens de Paris, carregar consigo o seu público particular.

XLVIII – UM ESPLÊNDIDO COMEÇO DE JOGO

Enquanto o poeta realizava, no salão, uma entrada estudada, La Brière nele se insinuou como um cão que teme pancada.

— Ah! Aqui temos meu soldado! — disse Canalis ao dar com Dumay, depois de ter dirigido um cumprimento à sra. Mignon e saudado as mulheres. — Suas inquietações estão acalmadas, não é? — disse ele, estendendo-lhe a mão enfaticamente — Mas o aspecto da senhorita faz com que as compreendamos em toda a sua extensão. Eu me referia a criaturas terrestres, e não a anjos.

Todos, por sua atitude, pediam a chave daquele enigma.

— Ah! contarei como um triunfo — continuou o poeta, ao compreender que os presentes desejavam uma explicação — ter comovido um desses homens de ferro que Napoleão soube achar para deles fazer a estacaria, sobre a qual tentou fundar um império demasiado colossal para ser durável. Para tais empreendimentos, só o tempo pode servir de argamassa! Mas será mesmo um triunfo do qual me deva orgulhar? Em nada contribuí para ele. Foi o triunfo da ideia sobre o fato. Suas batalhas, meu caro sr. Dumay, suas cargas heroicas, senhor conde, enfim, a guerra foi a forma que o pensamento de Napoleão adotou. De todas essas coisas, que resta? A erva que as cobre nada sabe, as colheitas não lhes indicariam o local; e, sem o historiador, sem as nossas escritas, o futuro poderia ignorar esse período heroico! Assim, pois, os nossos quinze anos de lutas não são mais do que ideias, e é o que salvará o império, os poetas farão poemas! Um país que sabe vencer tais batalhas deve saber cantá-las.

Canalis deteve-se para recolher, com um olhar dirigido aos ouvintes, o tributo de admiração que lhe era devido por provincianos.

— Não pode imaginar, senhor, o pesar que tenho de o não poder ver — disse a sra. Mignon —, pelo modo por que me compensa o prazer que me dá em ouvi-lo.

Decidida a achar Canalis sublime, Modesta, vestida como no dia em

que se iniciou a presente história, ficou pasmada e deixara o bordado que ficou preso aos seus dedos apenas pela agulha e o fio.

— Modesta, aqui está o sr. de La Brière. Sr. Ernesto, apresento-lhe a minha filha — disse Carlos, por achar o secretário numa situação demasiadamente humilde.

A moça saudou friamente Ernesto, dirigindo-lhe um olhar que devia demonstrar a todos que o via pela primeira vez.

— Perdão, senhor — disse ela sem corar —, a viva admiração que tributo ao maior dos nossos poetas é, para os meus amigos, uma escusa suficiente por não ter visto senão a ele.

Aquela voz fresca e acentuada como a tão famosa da srta. Mars[336] seduziu o pobre referendário, já deslumbrado pela beleza de Modesta, e, na sua surpresa, respondeu com uma frase sublime se fosse verdadeira:

— Mas se é meu amigo — disse ele.

— Nesse caso, perdoou-me — replicou ela.

— É mais que um amigo — exclamou Canalis, agarrando Ernesto pelo ombro e nele se apoiando como Alexandre em Hefestião[337] —, queremo-nos como dois irmãos.

A sra. Latournelle cortou a palavra ao grande poeta, mostrando Ernesto ao pequeno notário e dizendo-lhe:

— O senhor não é o desconhecido que vimos na igreja?

— E por que não? — replicou Mignon, ao ver Ernesto corar.

Modesta permaneceu fria e voltou ao bordado.

— A senhora pode ter razão, pois vim duas vezes ao Havre — respondeu La Brière, sentando-se ao lado de Dumay.

Canalis, maravilhado com a beleza de Modesta, enganou-se com a admiração que ela externava e sentiu-se feliz por haver satisfeito inteiramente os seus desígnios.

— Eu julgaria um homem de gênio sem coração, se não tivesse junto de si uma amizade delicada — disse Modesta, para reatar a conversação interrompida pela intempestiva intervenção da sra. Latournelle.

— Senhorita — disse Canalis —, a dedicação de Ernesto poderia fazer-me crer que valho alguma coisa, pois esse querido Pílades[338] tem muito talento, e foi a metade do maior ministro que temos tido desde a paz. Embora ocupe uma magnífica posição, consentiu em ser meu preceptor em política: ensina-me os negócios; assiste-me com a sua experiência, embora pudesse aspirar a mais altos destinos. Oh! Vale mais do que eu... — A um gesto de Modesta, Melquior disse graciosamente: — A poesia que exprimo, ele a tem no coração, e se falo assim diante dele é porque tem a modéstia de uma religiosa.

— Basta, basta! — disse La Brière, que não sabia que atitude tomar. — Até pareces, meu caro, uma mãe que quer casar a filha.

— E como, senhor — disse Carlos Mignon, dirigindo-se a Canalis —, pode pensar em tornou-se um político?

— Para um poeta é abdicar — disse Modesta —; a política é o recurso dos homens positivos.

— Ah! Senhorita, a tribuna, hoje, é o maior teatro do mundo; ela substituiu a liça da cavalaria; será o ponto de encontro de todas as inteligências, como o exército era outrora o de todas as coragens.

Canalis montou no seu cavalo de batalha e dissertou durante dez minutos sobre a vida política: — A poesia era o prefácio do homem de Estado. Hoje, o orador tornou-se um generalizador sublime, o pastor das ideias. — Quando o poeta podia indicar ao seu país o caminho do futuro, deixava então de ser ele próprio? — Citou Chateaubriand, afirmando que um dia este seria maior pelo lado político do que pelo literário. — A tribuna francesa ia ser o farol da humanidade. — As lutas orais tinham agora substituído as dos campos de batalha. Tal sessão da Câmara valia Austerlitz,[339] e os oradores mostravam-se à altura dos generais, perdiam nessas lutas tanta vida, tanta coragem e tanta força, gastavam-se tanto quanto aqueles na guerra. — Não era a palavra uma das mais apavorantes prodigalidades do fluido vital que o homem podia permitir-se? etc. etc.

Esse improviso composto dos lugares-comuns modernos, mas revestidos de expressões sonoras, de palavras novas e destinado a provar que o conde de Canalis devia ser um dia uma das glórias da tribuna, produziu uma profunda impressão no notário, em Gobenheim, na sra. Latournelle e na sra. Mignon. Modesta estava como em um espetáculo e numa atitude cheia de entusiasmo pelo ator, absolutamente como Ernesto diante dela, porque se o referendário sabia todas aquelas frases de cor, ouvia pelos olhos da moça, apaixonando-se dela loucamente. Para esse apaixonado de verdade, Modesta acabava de eclipsar as várias Modestas que ele criara ao ler suas cartas ou ao respondê-las.

Essa visita, cuja duração foi determinada de antemão por Canalis, que não queria dar tempo aos seus admiradores de se cansarem, terminou com um convite para jantar na próxima segunda-feira.

— Não estaremos mais no Chalé — disse o conde de La Bastie —, que voltará a ser residência de Dumay. Reingresso na minha antiga casa, por um contrato de retrovenda, de seis meses de prazo, que assinei há pouco com o sr. Vilquin, no cartório do meu amigo Latournelle.

— Faço votos — disse Dumay — para que Vilquin não lhe possa reembolsar a quantia que o senhor acaba de lhe emprestar...

— Estará ali — disse Canalis — numa habitação em harmonia com a sua fortuna.

— Com a fortuna que me atribuem... — respondeu vivamente Carlos Mignon.

— Seria uma infelicidade — disse Canalis, virando-se para Modesta e fazendo-lhe uma saudação encantadora — que essa madona não tivesse um quadro digno das suas divinas perfeições.

Foi tudo o que Canalis disse de Modesta, pois aparentava não olhá-la e comportar-se como homem a quem fosse vedada qualquer ideia de casamento.

— Ah! Minha querida sra. Mignon, ele tem muito espírito — disse a notária no momento em que os dois parisienses faziam crepitar a areia do

jardinzinho sob seus passos.

— É ele rico? Eis a questão — respondeu Gobenheim.

Modesta estava na janela, não perdendo um único movimento do grande poeta, e sem um olhar para Ernesto de La Brière. Quando o sr. Mignon entrou, quando Modesta, depois de ter recebido a última saudação dos dois amigos, voltou para o seu lugar, houve uma dessas profundas discussões, como costumam ter as pessoas da província a respeito da gente de Paris, por ocasião de uma primeira entrevista. Gobenheim repetiu sua pergunta: — É ele rico? — por entre o concerto de elogios que fizeram a sra. Latournelle, Modesta e sua mãe.

— Rico? — disse Modesta. — E o que importa isso? Não vê que o sr. de Canalis é um desses homens destinados a ocupar os mais altos cargos no Estado? Ele tem mais do que fortuna, pois possui os meios de conquistá-la.

— Ele será ministro ou embaixador — disse o sr. Mignon.

— Os contribuintes, mesmo assim, terão talvez de pagar as despesas do seu enterro — disse o notário.

— Como assim? — perguntou Carlos Mignon.

— Ele parece-me homem de devorar todas as fortunas, cujos meios lhe são tão liberalmente concedidos pela srta. Modesta.

— Como poderia Modesta deixar de ser liberal para com um poeta que a trata de madona? — disse Dumay com um risinho de escárnio, fiel à repulsa que Canalis lhe inspirara.

Gobenheim preparava a mesa do uíste com tanto mais persistência porque depois do regresso do sr. Mignon, Latournelle e Dumay se haviam abalançado a jogar a dez tostões a ficha.

— Então! Meu pequeno anjo — disse o pai à filha, no vão de uma janela —, confessa que o paizinho se lembra de tudo. Em oito dias, se deres as tuas ordens à tua antiga costureira de Paris e a todos os teus fornecedores, poderás apresentar-te com todo o esplendor de uma herdeira, bem como teremos tempo de nos instalar na nossa casa. Tens

um lindo pônei, lembra-te de mandar fazer uma amazona, pois o Grande-Escudeiro bem merece essa atenção...

— Tanto mais que temos convidados para fazê-los passear — disse Modesta, sobre cujas faces reapareciam as cores da saúde.

— O secretário — observou a sra. Mignon — não disse grande coisa.

— É um tolinho — respondeu a sra. Latournelle. — O poeta foi atento com todos. Soube agradecer ao sr. Latournelle pelo trabalho que teve com o aluguel do pavilhão, dizendo-me que ele parecia ter consultado o gosto de uma mulher. E o outro se conservou sombrio como um espanhol, com os olhos parados e o ar de quem queria engolir Modesta. Se me tivesse olhado, eu ficaria com medo.

— Tem um bonito timbre de voz — respondeu a sra. Mignon.

— Com certeza veio tomar informações a respeito da casa Mignon, por conta do poeta — disse Modesta, olhando de esguelha para o pai —, porque foi ele mesmo que vimos na igreja.

A sra. Dumay, a sra. e o sr. Latournelle aceitaram esse modo de explicar a viagem de Ernesto.

— Sabes, Ernesto — exclamou Canalis, a vinte passos do Chalé —, que não vejo na sociedade, em Paris, uma única jovem casadoira comparável a essa adorável moça!

— Pois então! Tudo está resolvido — replicou Ernesto com concentrada amargura —; ela te ama, ou se quiseres, te amará. Tua glória fez metade do caminho. Em resumo, está tudo à tua disposição. Voltarás lá sozinho. Modesta tem por mim o mais profundo desprezo, e tem razão, de modo que não vejo por que condenar-me ao suplício de ir admirar, desejar, adorar o que jamais poderei possuir.

Depois de algumas frases de condolência em que transparecia a satisfação de ter feito uma nova edição da frase de César,[340] Canalis deu a entender que desejava romper com a duquesa de Chaulieu. La Brière, que não podia suportar aquela conversação, alegou a beleza de uma noite duvidosa para descer do carro e correu como um louco para a

costa, onde ficou até as dez e meia, tomado de uma espécie de demência, ora caminhando a passos precipitados e monologando, ora permanecendo de pé ou sentado, sem se aperceber da inquietação que causava a dois guardas aduaneiros que o observavam. Depois de ter amado a instrução espiritual e o candor agressivo de Modesta, ele acabava de juntar a adoração da beleza, isto é, o amor sem razão, o amor inexplicável, a todos os motivos que o tinham levado, dez dias antes, à igreja do Havre.

XLIX – LA BRIÈRE É PARA BUTSCHA COMO A FELICIDADE PARA A RELIGIÃO

Voltou ao Chalé, onde os cães dos Pireneus ladraram tão fortemente contra ele que não se pôde entregar ao prazer de contemplar as janelas de Modesta. Em amor, essas coisas não contam mais para o amante do que para um pintor os trabalhos recobertos pela última camada.

Mas são todo o amor, como os pesares soterrados são toda a arte; daí saem um grande pintor e um amante verdadeiro, que a mulher e o público acabam, muitas vezes demasiado tarde, por adorar.

— Pois bem! — exclamou — Ficarei, sofrerei, vê-la-ei, e a amarei para mim, só, egoisticamente! Modesta será meu sol, minha vida, e respirarei por seu hálito, gozarei com as suas alegrias, emagrecerei com os seus pesares, seja ela embora a esposa desse egoísta Canalis.

— Eis o que se chama amar, senhor! — disse uma voz que saiu de uma moita, à beira do caminho: — Ora essa! Todo mundo, pelo que vejo, ama a srta. de La Bastie?

E Butscha apareceu de repente e olhou para La Brière. Este engoliu a sua cólera, medindo de alto a baixo o anão à claridade da lua, e deu alguns passos sem responder.

— Entre soldados que servem na mesma companhia, dever-se-ia ser mais camarada, amigo! — disse Butscha. — Se o senhor não gosta de

Canalis, eu, por minha vez, também não morro de amores por ele.

— É meu amigo — disse Ernesto.

— Ah! O senhor é o secretariozinho? — replicou o anão.

— Fique sabendo, senhor, que não sou secretário de ninguém — replicou La Brière —; tenho a honra de ser conselheiro num dos supremos tribunais do reino.

— Tenho a honra de saudar o sr. de La Brière — disse Butscha. — Quanto a mim, tenho a honra de ser primeiro escriturário no cartório do sr. Latournelle, conselheiro supremo no Havre, e tenho, não há dúvida, uma situação mais bela do que a sua. Sim, tenho, faz quatro anos, a felicidade de ver a srta. Modesta quase todas as noites, e espero viver junto dela como um servo de rei vive nas Tulherias. Se me oferecessem o trono da Rússia, eu responderia: "Amo demasiado o sol!". Não depreende daí, senhor, que me interesse por ela mais do que por mim mesmo, em tudo e por tudo? Julgo o senhor que a orgulhosa duquesa de Chaulieu verá com bons olhos a felicidade da sra. de Canalis, quando a sua camareira, apaixonada pelo sr. Germano e já inquieta da estada que esse encantador criado de quarto está fazendo no Havre, se queixar, enquanto estiver penteando a patroa, de...

— Como sabe todas essas coisas? — disse La Brière, interrompendo Butscha.

— Primeiro, sou escrivão de notário — respondeu o anão —, mas o senhor não viu a minha corcunda? Ela está cheia de invenções, cavalheiro. Fiz-me passar por primo da camareira srta. Filóxena Jacmin, nascida em Honfleur, onde nasceu minha mãe, uma Jacmin... Há onze ramos de Jacmin em Honfleur. Portanto, minha prima, seduzida por uma herança improvável, contou-me muita coisa...

— A duquesa é vingativa! — disse La Brière.

— Como uma rainha, disse-me Filóxena, ainda não perdoou ao senhor duque ser somente seu marido — replicou Butscha. — Ela odeia da mesma forma que ama. Estou a par do seu caráter, da sua *toilette*, dos

seus gostos, da sua religião e das suas pequenezas, pois Filóxena despiu-a para mim, de alma e espartilho. Fui à Ópera para ver a sra. de Chaulieu e não lamentei os meus dez francos (não me refiro ao espetáculo). Se a minha pretensa prima não me tivesse dito que sua patroa contava cinquenta primaveras, eu me teria achado muito generoso dando-lhe trinta: essa duquesa ainda não conheceu o inverno!

— Sim — replicou La Brière —, é um camafeu conservado pela pedra. [341]

— Canalis se veria bem atrapalhado se a duquesa soubesse seus projetos, e espero que o senhor se detenha aí, nessa espionagem indigna de um homem de bem.

— Senhor — replicou Butscha altivamente —, para mim Modesta é o Estado! Não espiono, prevejo! A duquesa virá, se for preciso, ou ficará na sua tranquilidade, se eu julgar conveniente...

— O senhor?

— Eu!

— E por que meio? — perguntou La Brière.

— Ah! Aí está! — disse o pequeno corcunda pegando uma haste de erva. — Olhe!... Esta grama tem a pretensão de crer que os homens constroem seus palácios para alojá-la, e um dia faz caírem os mármores mais solidamente unidos, como o povo, introduzindo no edifício do feudalismo, o lançou por terra. O poder do fraco, que se pode insinuar por toda parte, é maior que o do forte, que confia nos seus canhões. Somos três suíços que juramos que a srta. Modesta seria feliz, e que por ela venderíamos a nossa honra. Adeus, senhor. Se ama a senhorita de La Bastie, esqueça esta conversa e dê-me um aperto de mão, pois o senhor me parece ter sentimento!... Tardava-me ver o Chalé, cheguei no momento em que ela apagava a vela, e vi quando o senhor foi descoberto pelos cães e ouvi-o praguejar; por isso tomei a liberdade de lhe dizer que servimos no mesmo regimento, o do real devotamento.

— Pois bem! — respondeu La Brière, apertando a mão do corcunda. —

Tenha a bondade de me dizer se a srta. Modesta algum dia amou, de amor a alguém, antes da sua correspondência secreta com Canalis.

— Oh! — exclamou surdamente Butscha. — A suspeita é uma injúria!... E mesmo agora, quem sabe se ela ama? Ela própria o saberá? Apaixonou-se pelo espírito, pelo gênio, pela alma desse negociante de versos, desse vendedor de panaceia literária; ela, porém, o estudará, nós o estudaremos, e eu saberei fazer com que o verdadeiro caráter saia de dentro da carapaça do homem das belas maneiras, e então veremos a cabecinha da sua ambição, da sua vaidade — disse Butscha esfregando as mãos. — Ora, a menos que a senhorita esteja louca por ele...

— Oh! Ela ficou transida de admiração diante dele, como diante de uma maravilha! — exclamou La Brière, deixando escapar o segredo de seu ciúme.

— Se é um bom rapaz, leal, e se a ama, se é digno dela — continuou Butscha —, se renuncia à duquesa, será a duquesa a quem embrulharei!... Olhe, meu caro senhor, siga por este caminho, que chegará à sua casa em dez minutos.

Butscha deu volta para trás e chamou o pobre Ernesto, o qual, na sua qualidade de apaixonado, teria ficado toda a noite a conversar sobre Modesta.

— Senhor — disse-lhe Butscha —, não tive ainda a honra de ver o nosso grande poeta e estou curioso por observar esse magnífico fenômeno no exercício das suas funções; preste-me o serviço de passar à tarde, depois de amanhã, no Chalé; fique lá bastante tempo, pois não é numa hora que um homem se revela. Eu, antes de mais ninguém, saberei se ele ama ou se pode amar, ou se amará a srta. Modesta.

— O senhor é bem moço para...

— Para ser professor — concluiu Butscha, cortando a palavra a La Brière. — Ora, senhor, os aleijões nascem todos centenários! E depois, veja!... Um doente, quando o está há muito tempo, fica mais forte do que o seu médico, ele se entende bem com a doença, o que nem sempre

acontece com os médicos conscienciosos. Pois bem! Da mesma forma um homem que adora a mulher, e a quem a mulher deve desprezar sob pretexto de fealdade ou gibosidade, acaba por ser tão perito em amor, que passa por sedutor, como o doente que acaba por recuperar a saúde. Só a tolice é incurável... Desde a idade de seis anos (estou agora com vinte e cinco) que não tenho nem pai, nem mãe; por mãe tenho a caridade pública e, por pai, o procurador do rei. Fique descansado — disse ele, ante um gesto de Ernesto —; sou mais alegre do que a minha situação... Pois bem! Desde a idade de seis anos, quando o olhar insolente de uma criada da sra. Latournelle me disse que eu fazia mal em pretender amar, que eu amo e estudo as mulheres! Comecei pelas feias, é preciso sempre agarrar o touro pelos cornos. Por isso tomei para primeiro objeto de estudo a minha patroa, que, não há dúvida, é um anjo para mim. Talvez andasse mal, mas, que quer, passei-a pelo meu alambique e acabei por descobrir, encolhido no fundo de seu coração, este pensamento: "Não sou tão feia como pensam!". E não obstante a sua profunda devoção, explorando essa ideia, eu a poderia ter levado à beira do abismo... para aí deixá-la!

— E também estudou Modesta?

— Julgava ter-lhe dito — replicou o corcunda — que minha vida lhe pertence, da mesma forma que a França pertence ao rei! Compreende agora a minha espionagem em Paris? Ninguém, como eu, sabe tudo o que lhe dá de nobreza, de altivez, de dedicação, de graça imprevista, de bondade incansável, de verdadeira religião, de alegria, de instrução, de finura, de afabilidade, na alma, no coração, no espírito dessa adorável criatura!...

Butscha tirou o lenço para enxugar duas lágrimas, e La Brière apertou-lhe a mão demoradamente.

— Viverei na sua irradiação! Começa nela e acaba em mim, e aí se vê como estamos unidos, pouco mais ou menos como a natureza o está a Deus, pela luz e pelo verbo. Adeus, senhor... Nunca falei tanto na minha vida; mas, ao vê-lo diante das suas janelas, adivinhei que o senhor a

amava à minha maneira!

Sem esperar resposta, Butscha deixou o pobre amante, em quem essa conversa derramara não sei que bálsamo no coração. Ernesto resolveu fazer de Butscha um amigo, sem suspeitar que a loquacidade do escrivão tivera por fim principal conseguir um cúmplice junto a Canalis. Em que fluxo e refluxo de pensamentos, de resoluções, de planos de conduta, não teria sido Ernesto embalado antes de adormecer!... E seu amigo Canalis, esse, dormia, com o sono dos triunfadores, o sono mais suave depois do dos justos.

L – DO QUAL O AUTOR FAZ MUITO CASO

Ao almoço, os dois amigos combinaram passar o serão no Chalé no dia seguinte e iniciar-se nas doçuras de um uíste de província; mas, para passar rapidamente o dia, mandaram encilhar os cavalos, que haviam sido alugados para duas finalidades, e se aventuraram pela terra, que certamente lhes era tão desconhecida como a China; porque em França, para um francês, o que há de mais estrangeiro é a França.

Considerando a sua situação de amante infeliz e desprezado, o referendário fez então sobre si mesmo um trabalho quase semelhante ao que o obrigava a pergunta formulada por Modesta no começo de sua correspondência. Embora a desgraça tenha a fama de desenvolver as virtudes, ela não as desenvolve senão nas pessoas virtuosas, porque essa espécie de limpeza de consciência não se efetua senão nas pessoas naturalmente limpas. La Brière resolveu devorar suas dores como um espartano, conservar-se digno e não se deixar arrastar a nenhuma baixeza; ao passo que Canalis, fascinado pela enormidade do dote, comprometia-se consigo mesmo a nada descurar, a fim de conquistar Modesta. O egoísmo e a dedicação, chave daqueles dois caracteres, chegaram, por uma lei moral bastante estranha em seus efeitos, a meios

contrários às suas naturezas. O homem egoísta ia representar a abnegação, o homem que era todo complacências ia refugiar-se no monte Aventino do orgulho.[342] Esse fenômeno também se observa em política. Nela é frequente virar o caráter ao avesso, e acontece muitas vezes que o público não mais sabe qual é o lado direito.

LI – O DUQUE D'HÉROUVILLE ENTRA EM CENA

Depois do jantar os dois amigos souberam por Germano da chegada do Grande-Escudeiro, o qual, nessa mesma noite, foi apresentado no Chalé pelo sr. Latournelle. A srta. d'Hérouville achou meio de ferir uma primeira vez esse digno senhor, mandando pedir-lhe que fosse à sua casa, por intermédio de um lacaio, em vez de mandar simplesmente o sobrinho à casa do notário, o qual, certamente, teria falado durante o resto de sua vida na visita do Grande-Escudeiro. Por isso, o pequeno notário fez observar à Sua Senhoria, quando ela lhe propôs de o levar de carro a Ingouville, que ele devia conduzir a sra. Latournelle. Percebendo pelo ar formalizado do notário que havia alguma falta a reparar, o duque disse-lhe graciosamente:

— Terei a honra, se o permite, de ir buscar a sra. Latournelle.

Apesar do gesto de desaprovação da despótica srta. d'Hérouville, o duque saiu com o pequeno notário. Ébrio de alegria ao ver à sua porta uma caleça magnífica, cujo estribo foi abaixado por servidores com a libré real, a notária não soube mais onde achar as suas luvas, a sua sombrinha, a sua bolsa e o seu ar digno, ao saber que o Grande-Escudeiro viera buscá-la. Uma vez no carro, enquanto se desmanchava em cortesias com o duquezinho, ela exclamou, num impulso de bondade:

— Mas e Butscha?

— Levemos Butscha — disse o duque, sorrindo.

Quando a gente do porto, agrupada ante o esplendor daquela

equipagem, viu aqueles três homenzinhos com aquela comprida mulher seca, todos se entreolharam, a rir.

— Se os soldassem uns aos outros, pelas pontas, talvez se conseguisse um homem para aquele varapau — disse um marinheiro de Bordéus.

— Tem mais alguma coisa para levar, senhora? — perguntou pilhericamente o duque, no momento em que o lacaio esperava ordens.

— Não, monsenhor — respondeu a notária corando, e olhou para o marido como quem pergunta: "Teria eu feito alguma coisa de mal?".

— Sua Senhoria faz-me muita honra — disse Butscha — em me tomar por uma coisa. Um pobre escrivão como eu é apenas uma coisa.

Embora isso fosse dito a rir, o duque corou e nada respondeu.

Os grandes fazem sempre mal em gracejar com os seus inferiores. O gracejo é um jogo, o jogo supõe a igualdade: por isso, é para obviar aos inconvenientes dessa igualdade passageira que, terminada a partida, os jogadores têm o direito de não mais se conhecerem.

A visita do Grande-Escudeiro tinha como razão ostensiva um negócio colossal, a valorização de um imenso espaço deixado pelo mar na embocadura de dois rios e cuja propriedade acabava de ser adjudicada pelo Conselho de Estado à casa d'Hérouville. Tratava-se nada menos que de colocar comportas de dois pavimentos, secar um quilômetro de terras alagadas, numa largura de trezentos ou quatrocentos arpentos, aí cavar canais e construir estradas. Depois que o duque d'Hérouville explicou a disposição do terreno, Carlos Mignon observou que era preciso esperar que a natureza tivesse consolidado o terreno, ainda movediço, com as suas produções espontâneas.

— Somente o tempo, que providencialmente enriqueceu a sua casa, senhor duque, poderá terminar a sua obra — disse ele em conclusão. — Seria prudente deixar passar cinquenta anos, antes de começar a trabalhar.

— Espero que não seja a sua última palavra, senhor conde; venha a Hérouville para ver as coisas com seus próprios olhos.

Carlos Mignon respondeu que todo capitalista deveria examinar aquele negócio com o espírito repousado e deu com essa observação ao duque d'Hérouville um pretexto para ir ao Chalé. A vista de Modesta causou viva impressão no duque; solicitou o favor de recebê-la em casa, dizendo que a irmã e a tia tinham ouvido falar nela e se sentiriam felizes em conhecê-la. Diante disso, Carlos Mignon propôs apresentar pessoalmente a sua filha, convidando as duas senhoritas para jantar no dia de sua reintegração na vila, o que o duque aceitou. O aspecto do cordão azul, o título e sobretudo os olhares extáticos do gentil-homem influíram em Modesta; mas mostrou-se perfeita em palavras, atitude e dignidade. O duque retirou-se como que a contragosto, levando um convite para ir ao Chalé todas as noites, baseado o convite na impossibilidade evidente, para um cortesão de Carlos x, de passar uma noite sem jogar o seu uíste. Assim é que, na noite seguinte, Modesta veria reunidos os seus três pretendentes. Seguramente, digam o que disserem as jovens, e embora esteja na lógica do coração tudo sacrificar à preferência, é excessivamente lisonjeiro ver em torno a si várias pretensões rivais, homens notáveis ou célebres, ou portadores de um grande nome, procurando brilhar ou agradar. Embora isso desmereça o valor de Modesta, ela mais tarde confessou que os sentimentos expressos nas suas cartas tinham fraquejado ante o prazer de pôr na liça três espíritos tão diferentes, três homens que, tomados separadamente, teriam cada um honrado a mais exigente família. Não obstante, essa volúpia de amor-próprio foi nela dominada pela misantrópica malícia, engendrada pela horrível ferida que atualmente lhe parecia apenas uma decepção. Por isso, quando o pai lhe disse a sorrir:

— Que dizes, Modesta, queres ser duquesa?

— A desgraça tornou-me filósofa — disse ela, fazendo uma reverência zombeteira.

— Vai ser somente baronesa? — perguntou-lhe Butscha.

— Ou viscondessa — replicou o pai.

— Como assim? — perguntou vivamente Modesta.

— Pois sim, se escolheres o sr. de La Brière, este teria prestígio bastante para obter do rei a sucessão de meus títulos e de meus brasões.

— Oh! Desde que se trate de disfarces, esse não fará cerimônias — respondeu amargamente Modesta.

Butscha nada compreendeu daquele epigrama, cujo sentido só podia ser percebido pelo casal Mignon e por Dumay.

— Desde que se trate de casamento, todos os homens se disfarçam — respondeu a sra. Latournelle —, e as mulheres lhes dão o exemplo. Desde que vim ao mundo, ouço dizer: “O senhor ou a senhorita tal fez um bom casamento”; é forçoso, pois, que o outro tenha feito um mau?

— Casamento — disse Butscha — assemelha-se a um processo; sempre uma das partes fica descontente, e se uma logra a outra, metade dos casados, sem dúvida, representa uma comédia à custa da outra metade.

— E conclui, daí, senhor Butscha? — perguntou Modesta.

— Que se deve prestar a mais severa atenção às manobras do inimigo — disse ele.

— Que te disse eu, minha mimosa? — disse Carlos Mignon, aludindo à cena que tivera com a filha à beira-mar.

— Os homens para se casarem — disse Latournelle — representam tantos papéis quanto as mães fazem as filhas representar para se descartarem delas.

— O senhor então admite o estratagema? — disse Modesta.

— De parte a parte — exclamou Gobenheim —, a partida torna-se assim igual.

Essa conversação se desenrolava, como se diz familiarmente, a trouxe-mouxe, através da partida e por entre apreciações que cada qual se permitia sobre o sr. d’Hérouville, o qual foi considerado impecável pelo pequeno notário, pelo pequeno Dumay e pelo pequeno Butscha.

— Vejo — disse a sra. Mignon, com um sorriso — que a senhora Latournelle e meu pobre marido são aqui as monstruosidades.

— Felizmente para ele, o coronel não é de elevada estatura — respondeu Butscha, enquanto o seu patrão dava as cartas —, pois um homem grande e espirituoso é sempre uma exceção.

Sem essa pequena discussão sobre a legalidade das manhas matrimoniais, talvez, tachem de demorada a narrativa do serão

impacientemente esperado por Butscha; mas a fortuna pela qual se cometeram tantas baixezas secretas transmitirá talvez, às minúcias da vida privada, o imenso interesse que sempre apresenta o sentimento social, tão francamente definido por Ernesto na sua resposta a Modesta.

LII – UM PRÍNCIPE DA CIÊNCIA

Durante a manhã, chegou Desplein, que se demorou apenas o tempo necessário para mandar buscar os cavalos na posta do Havre e de os atrelar, tudo em mais ou menos uma hora. Depois de ter examinado a sra. Mignon, ele declarou que a doente recuperaria a vista e fixou o momento oportuno para a operação, que seria dali a um mês. Essa importante consulta realizou-se naturalmente perante os moradores do Chalé, todos palpitantes e à espera da sentença do príncipe da ciência. O ilustre membro da Academia de Ciências fez à cega algumas perguntas breves, enquanto lhe examinava os olhos, à forte luz da janela. Admirada com o valor que tinha o tempo para aquele homem tão famoso, Modesta viu a caleça de viagem cheia de livros que o sábio se propunha ler na volta para Paris, pois de lá saíra na véspera à tarde, empregando assim a noite em dormir e viajar ao mesmo tempo. A rapidez, a lucidez dos juízos que Desplein formava a cada resposta da sra. Mignon, seu tom breve, suas maneiras, tudo isso deu pela primeira vez à Modesta ideias justas sobre os homens de gênio. Ela entreviu enormes diferenças entre Canalis, homem secundário, e Desplein, homem mais do que superior. O homem de gênio tem na consciência do seu talento e na solidez da glória como que um terreiro onde seu orgulho legítimo se expande e respira, sem incomodar ninguém. A sua luta constante com os homens e as coisas não lhe deixa tempo para se entregar às faceirices que se permitem os heróis da moda, os quais se apressam a recolher as messes de uma estação fugaz, e cuja vaidade e amor-próprio têm a exigência e as arrelias de uma

aduana ávida em perceber seus direitos sobre tudo o que passa a seu alcance. Modesta ficou tanto mais encantada com aquele grande clínico quanto ele próprio impressionado com a deliciosa beleza da moça, ele, por cujas mãos passavam tantas mulheres, e que de há muito as examinava, por assim dizer, com a lente e o bisturi.

— Seria na verdade uma pena — disse ele com aquele tom de galantaria que sabia tomar e que contrastava com a sua pretensa rudeza — que uma mãe fosse privada de ver uma filha tão sedutora.

Modesta fez questão de servir pessoalmente o frugal almoço que o grande cirurgião aceitou. Acompanhou, assim como o pai e Dumay, o sábio, esperado por tantos doentes, até a caleça, que estacionava junto à pequena porta, e ali, com os olhos iluminados de esperança, disse ainda a Desplein:

— De modo que minha querida mamãe me verá?

— Sim, meu pequeno fogo-fátuo, prometo-o — respondeu ele, sorrindo —, e sou incapaz de mentir-lhe porque, também eu, tenho uma filha!

Mal Desplein dissera tais palavras, cheias de uma graça inesperada, os cavalos o arrebataram. Nada encanta mais do que o imprevisto das pessoas de talento.

Essa visita foi o acontecimento do dia e deixou na alma de Modesta um traço luminoso. A jovem entusiasta admirou ingenuamente aquele homem, cuja vida pertencia a todos e no qual o hábito de se ocupar das dores físicas destruíra as manifestações do egoísmo.

LIII – PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE MODESTA

À noite, quando Gobenheim, os Latournelle e Butscha, Canalis, Ernesto e o duque d'Hérouville estiveram reunidos, todos felicitaram a família Mignon pela boa notícia dada por Desplein. Naturalmente, então, a

palestra, na qual dominou a Modesta que as suas cartas haviam revelado, girou em torno daquele homem cujo gênio era, infelizmente para a sua glória, só apreciável pela tribo dos sábios e da faculdade. Gobenheim deixou escapar esta frase que, nos nossos dias, é o sacramento do gênio, do ponto de vista dos economistas e dos banqueiros: “Ele ganha um dinheirão!”.

Os louvores de Modesta a Desplein incomodavam o poeta. A vaidade procede como a mulher: ambos julgam perder alguma coisa com o elogio e o amor concedidos a outrem. Voltaire tinha ciúme do espírito de um espertalhão que Paris admirou durante dois dias, do mesmo modo que uma duquesa se ofende com um olhar dirigido à sua camareira. Tal é a avareza desses dois sentimentos que se consideram roubados da parte que se dá a um pobre.

— Acredita o senhor — perguntou Modesta sorrindo — que se deva julgar o gênio pela bitola comum?

— Antes de mais nada — respondeu Canalis —, seria talvez preciso definir o homem de gênio, e uma das suas condições é a invenção: invenção de uma forma, de um sistema ou de uma força. Assim, por exemplo, Napoleão foi inventor, além de suas outras condições de gênio. Inventou o seu método de conduzir a guerra. Walter Scott é um inventor, Lineu também o é, o mesmo acontecendo com Geoffroy Saint-Hilaire e Cuvier.[343] Tais homens são homens de gênio de primeira plana. Eles renovam, aumentam ou modificam a ciência ou a arte. Desplein, porém, é um homem cujo imenso talento consiste em bem aplicar leis já descobertas, em observar, por um dom natural, as desinências de cada temperamento e a hora marcada pela natureza para fazer uma operação. Ele não fundou, como Hipócrates,[344] a própria ciência. Não descobriu um sistema, como Galeno, Broussais ou Rasori.[345] É um gênio executante, como Moscheles no piano, Paganini no violino, como Farinelli[346] na sua laringe! Gente que desenvolve imensas faculdades, mas que não cria música. Entre Beethoven e Catalani[347] vai permitir-

me conferir a um a coroa imortal do gênio, e à outra muitas moedas de cinco francos; com esta estamos quites, com o outro a humanidade lhe será sempre devedora! Cada dia que passa, aumenta a nossa dívida para com Molière, e já pagamos demasiado a Baron.[348]

— Creio, meu amigo, que tornas muito bela a parte das ideias — disse Ernesto de La Brière com voz suave e melodiosa que produziu um súbito contraste com o tom peremptório do poeta, cujo órgão flexível havia deixado o tom do afago, pelo tom magistral da tribuna. — O gênio deve ser estimado, sobretudo, em razão da sua utilidade. Parmentier, Jacquard e Papin,[349] a quem algum dia erguerão estátuas, são também homens de gênio. Eles mudaram ou mudarão a face dos Estados, num sentido. Sob esse ponto de vista, Desplein apresentar-se-á sempre aos olhos dos pensadores acompanhado por toda uma geração, cujas lágrimas e sofrimentos terão desaparecido sob as suas mãos poderosas.

Bastava que essa opinião fosse emitida por Ernesto para que Modesta a quisesse contraditar.

— A ser assim, senhor — disse ela —, aquele que achasse meio de ceifar o trigo sem estragar a palha, com uma máquina que fizesse o trabalho de dez segadores, seria um homem de gênio?

— Oh! Sim, minha filha — disse a sra. Mignon —, ele seria abençoado pelo pobre, cujo pão custaria menos, e aquele que os pobres abençoam é abençoado por Deus!

— Isso é dar precedência ao útil sobre a arte — respondeu Modesta, meneando a cabeça.

— Sem o útil — disse Carlos Mignon — onde se iria buscar a arte? Sobre que se apoiaria, de que viveria, onde se abrigaria, e quem pagaria o poeta?

— Oh! Querido papai, isso é bem uma opinião de capitão de longo curso, de merceeiro, de burguês!... Que Gobenheim e o senhor referendário — disse ela, apontando para La Brière —, que estão interessados na solução desse problema social, sustentem esse ponto de

vista, eu o compreendo; mas o senhor, cuja vida foi a mais inútil poesia deste século, pois seu sangue espalhado pela Europa e os seus enormes sofrimentos exigidos por um colosso não impediram a França de perder dez departamentos adquiridos pela República, como pode ir parar nesse argumento excessivamente "peruca",[350] como dizem os românticos? Vê-se bem que o senhor regressa da China.

A irreverência das palavras de Modesta foi agravada por um pequeno tom de desprezo e de desdém que ela afetou de propósito e do qual se admiraram igualmente a sra. Latournelle, a sra. Mignon e Dumay. A sra. Latournelle não via claro, por mais que abrisse os olhos. Butscha, cuja atenção era comparável à de um espião, olhou para o sr. Mignon de modo significativo ao ver o rosto deste colorir-se de viva e súbita indignação.

— Mais um pouco, senhorita, e teria faltado com o respeito ao seu pai — disse o coronel, sorrindo, esclarecido pelo olhar de Butscha. — Eis o que é amimar demasiado os filhos.

— Sou filha única — respondeu ela, de modo insolente.

— Única — repetiu o notário, acentuando a palavra.

— Senhor — respondeu secamente Modesta a Latournelle —, meu pai se sente muito feliz por me arvorar, eu, em seu preceptor; ele deu-me a vida, e eu lhe dou o saber, ficará a dever-me algo.

— Há maneira, e sobretudo oportunidade — disse a sra. Mignon.

— Mas a senhorita tem razão — afirmou Canalis, erguendo-se e recostando-se na lareira, numa das mais belas atitudes da sua coleção. — Deus, na sua Providência, deu alimentos e vestuário aos homens, e não lhes deu diretamente a arte! Ele disse ao homem: "Para viver, tu te curvarás para a terra; para pensar, tu te erguerás para mim!". Temos tanta necessidade da vida da alma quanto da do corpo. Daí, duas utilidades. Assim, pois, evidentemente ninguém se calça com um livro. Um canto de epopeia não vale, sob o ponto de vista utilitário, uma sopa econômica da sociedade de beneficência. A mais bela ideia dificilmente substituiria a vela de um navio. Certamente que uma marmita autoclave,

ao erguer-se a duas polegadas de altura, nos dá a chita mais barata, a cinco centavos o metro; mas essa máquina e as perfeições da indústria não insuflam vida a um povo e não dirão ao futuro que ele existiu; ao passo que a arte egípcia, a arte mexicana, a arte grega, a arte romana, com as suas obras-primas tachadas inúteis, atestam a existência desses povos no vasto espaço do tempo, ao passo que grandes nações intermediárias, desprovidas de homens de gênio, desapareceram sem deixar no globo o seu cartão de visita! Todas as obras do gênio são o *summum* de uma civilização, e pressupõem uma imensa utilidade. Certamente que um par de botinas, aos nossos olhos, não sobrepuja uma peça teatral, e não preferireis um moinho à igreja de Saint-Ouen, não? Pois bem! Um povo é animado pelos mesmos sentimentos que um homem, e o homem tem por ideia favorita sobreviver a si mesmo moralmente, como se reproduz fisicamente. A sobrevivência de um povo é obra dos seus homens de gênio. Neste momento, a França prova energicamente a verdade desta tese. Seguramente ela é ultrapassada na indústria, no comércio, na navegação, pela Inglaterra, e, não obstante, está, assim o creio, à frente do mundo, pelos seus artistas, pelos seus homens de talento, pelo bom gosto dos seus produtos. Não há artistas nem inteligência que não venham pedir a Paris os seus títulos de mestria. Não há, neste momento, escola de pintura a não ser em França, e nós reinaremos pelo livro, mais firmemente e mais longamente, talvez, do que pela espada. No sistema de Ernesto, suprimir-se-iam as flores de luxo, a beleza da mulher, a música, a pintura e a poesia; evidentemente a sociedade não seria derrubada, mas pergunto: quem quereria aceitar a vida assim? Tudo o que é útil é horrível e feio. A cozinha é indispensável numa casa; mas ninguém se lembraria de lá ficar, e vamos para um salão a que enfeitamos, como este, de coisas perfeitamente supérfluas. Para que servem essas pinturas encantadoras, essas madeiras trabalhadas? Só é belo o que nos parece inútil! Denominamos o século xvi o do Renascimento, com admirável justeza de expressão. Esse século foi a

aurora de um mundo novo, os homens ainda falarão dele quando já não se lembrarem de alguns séculos anteriores, cujo único mérito será o de terem existido, como esses milhões de seres que não contam numa geração!

— Farrapos, seja! Meus farrapos me são caros! — respondeu com bastante espírito o duque d'Hérouville durante o silêncio que se seguiu àquela prosa pomposamente recitada.

LIV – EM QUE O POETA FAZ SEUS EXERCÍCIOS

— Mas a arte, que na sua opinião — disse Butscha, atacando Canalis — seria a esfera na qual o gênio estaria fadado a fazer as suas evoluções, será que esta arte existe? Não será antes uma magnífica mentira, na qual o homem social tem a mania de crer? Que necessidade tenho eu de ter no meu quarto uma paisagem da Normandia, se posso vê-la perfeitamente realizada por Deus? Temos nos nossos sonhos poemas mais belos do que a *Ilíada*. Por pouco dinheiro posso encontrar em Valogres, em Carentan, bem como na Provença, em Arles, Vênus tão belas como as do Ticiano. *A Gazette des Tribunaux* publica romances bem melhores que os de Walter Scott, que têm desenlaces terríveis, com sangue verdadeiro e não com tinta. A felicidade e a virtude estão acima da arte e do gênio.

— Bravos, Butscha! — exclamou a sra. Latournelle.

— Que disse ele? — perguntou Canalis a La Brière, deixando de recolher nos olhos e na atitude de Modesta os encantadores testemunhos de uma ingênua admiração.

O desprezo sofrido por La Brière e sobretudo as desrespeitosas palavras que a filha dirigira ao pai contristaram de tal forma o pobre rapaz que não respondeu a Canalis; os seus olhos, dolorosamente presos em Modesta, acusavam uma profunda meditação. A argumentação de Butscha foi reproduzida com espírito pelo duque d'Hérouville, o qual

terminou dizendo que os êxtases de Santa Teresa eram bem superiores às criações de Lord Byron.

— Oh! Senhor duque — respondeu Modesta —, isso é uma poesia inteiramente pessoal, ao passo que o gênio de Byron ou de Molière é proveitoso para o mundo.

— Põe-se então de acordo com o senhor barão — respondeu vivamente Carlos Mignon. — Queres agora que o gênio seja útil, absolutamente como o algodão; mas talvez aches a lógica tão *peruca*, tão velha como o teu pobre pai.

Butscha, La Brière e a sra. Latournelle trocaram olhares meio zombeteiros que de tal modo impeliram Modesta na senda da irritação, que ela ficou sem resposta alguns instantes.

— Tranquilize-se, senhorita — disse-lhe Canalis, sorrindo —, nem estamos vencidos nem pilhados em contradição. Toda obra de arte, quer se trate de literatura, de música, de pintura, de escultura ou de arquitetura, implica uma utilidade social positiva, igual a de todos os outros produtos comerciais. A arte é o comércio por excelência, ela o subentende. Um livro, hoje, faz com que o seu autor embolse algo assim como dez mil francos, e a sua fabricação pressupõe a imprensa, a papelaria, a livraria, a fundição; isto é, milhares de braços em atividade. A execução de uma sinfonia de Beethoven, ou de uma ópera de Rossini exige outros tantos braços, máquinas e fabricações. O preço de um monumento responde mais brutalmente ainda à objeção. Por isso, pode-se dizer que as obras do gênio têm uma base extremamente dispendiosa, e necessariamente proveitosa ao operário.

Partindo dessa tese, Canalis falou durante alguns instantes com grande luxo de imagens, e comprazendo-se com as suas frases; mas aconteceu-lhe, como a muitos grandes conversadores, achar-se, ao concluir, no ponto de partida da conversação, e com a mesma opinião que La Brière, sem dar por isso.

— Vejo com prazer, meu caro barão — disse com finura o pequeno

duque d'Hérouville —, que o senhor virá a ser um grande ministro constitucional.

— Oh! — disse Canalis, com um gesto de grande homem. — Que provamos nós com todas essas discussões? A eterna verdade deste axioma: "Tudo é verdadeiro e tudo é falso!". Há, para as verdades morais, como para as criaturas, meios em que elas mudam de aspecto, a ponto de se tornarem irreconhecíveis.

— A sociedade vive das coisas passadas em julgado — disse o duque d'Hérouville.

— Que leviandade! — disse baixinho a sra. Latournelle ao marido.

— É um poeta — respondeu Gobenheim, que ouvira a frase.

Canalis, que se achava dez léguas acima dos seus ouvintes e que talvez tivesse razão na sua última frase filosófica, tomou por sintomas de ignorância a espécie de frieza estampada em todas as fisionomias; mas viu-se compreendido por Modesta e ficou contente, sem perceber quanto o monólogo é ofensivo para provincianos, cuja principal preocupação é demonstrar aos parisienses a existência, o espírito e a sabedoria da província.

— Faz muito que não vê a duquesa de Chaulieu? — perguntou o duque a Canalis, para mudar de assunto.

— Deixei-a faz seis dias — respondeu Canalis.

— Ela vai bem? — insistiu o duque.

— Perfeitamente bem.

— Tenha a bondade de recomendar-me a ela, quando lhe escrever.

— Dizem que é encantadora, não? — perguntou Modesta, dirigindo-se ao duque.

— O senhor barão — respondeu o Grande-Escudeiro — poderá informá-la com mais conhecimento do que eu.

— Mais do que encantadora — disse Canalis, aceitando a perfídia do sr. d'Hérouville —, mas sou parcial, senhor, pois a duquesa é minha amiga faz dez anos: devo-lhe tudo o que posso ter de bom, e ela me

preservou dos perigos da sociedade. Além disso, o próprio duque de Chaulieu me fez entrar na via em que me acho. Sem a proteção dessa família, o rei e as princesas poderiam ter esquecido um pobre poeta como eu: por isso minha afeição será sempre cheia de gratidão.

Isso foi dito com lágrimas na voz.

— Como deveremos querer àquela que lhe ditou tantos cantos sublimes e lhe inspira tão belo sentimento! — disse Modesta enternecida. — Pode-se conceber um poeta sem musa?

— Ele não teria coração, faria versos secos como os de Voltaire que nunca amou senão a Voltaire — respondeu Canalis.

— Não me fez o senhor a honra de me dizer, em Paris — perguntou o bretão a Canalis —, que não sentia os sentimentos que expressava?

— A estocada é direta, meu bravo soldado — respondeu o poeta, sorrindo —, mas saiba que é permitido ter, ao mesmo tempo, muito coração, quer na vida intelectual, quer na vida real. Podem-se exprimir belos sentimentos sem os experimentar, e experimentá-los sem os poder exprimir. La Brière, o meu amigo aqui presente, ama a ponto de perder o juízo — disse ele com generosidade e olhando para Modesta —, eu, que certamente amo tanto como ele, creio, a menos que me iluda, que poderia dar ao meu amor uma forma literária em harmonia com a sua potência; mas não garanto, senhorita — acrescentou, virando-se para a moça com uma graça um pouco rebuscada —, ter espírito amanhã...

Assim, pois, o poeta triunfava de todos os obstáculos, queimava em honra do seu amor os paus que lhe atiravam às pernas, e Modesta ficava assombrada com aquele espírito parisiense que ela não conhecia e que abrilhantava as declamações do discursador.

— Que saltarilho! — disse Butscha ao ouvido do pequeno Latournelle, depois de ouvir a mais estupenda tirada sobre a religião católica e sobre a felicidade de ter por esposa uma mulher devota, e que o poeta ofereceu em resposta a uma frase da sra. Mignon.

Modesta estava como se tivesse os olhos vendados; o prestígio da

facúndia e a atenção que prestava a Canalis, de propósito preconcebido, impediram-na de ver o que Butscha notava cuidadosamente, a declamação, a falta de simplicidade, a ênfase substituída ao sentimento e todas as incoerências que tinham ditado ao corcunda a sua observação um tanto cruel. Onde o sr. Mignon, Dumay, Butscha, Latournelle se admiravam da inconsequência de Canalis, sem levar em conta a inconsequência de uma conversação, sempre tão caprichosa, em França, Modesta admirava a flexibilidade do poeta, e a si mesma dizia, arrastando-o consigo pelos caminhos tortuosos de sua fantasia: “Ele me ama!”. Butscha, como todos os espectadores do que se devia chamar de uma *representação*, ficou impressionado com a falha principal dos egoístas, que Canalis deixou transparecer demais, como todas as pessoas acostumadas a perorar nos salões. Ou porque compreendesse de antemão o que o interlocutor queria dizer, ou porque não escutasse, ou porque tivesse a faculdade de escutar pensando em outra coisa, Melquior apresentava essa fisionomia distraída que desconcerta a quem fala, tanto quanto lhe fere a vaidade. Não escutar é não somente uma falta de cortesia, mas também um sinal de pouco-caso. Ora, Canalis levava um pouco longe esse hábito, pois muitas vezes esquecia de responder a uma asserção que exigia resposta e passava sem nenhuma transição polida para o assunto que o preocupava. Se de um homem altamente colocado se aceita sem protesto essa impertinência, ela engendra, no fundo dos corações, um fermento de ódio e de vingança; mas, vindo de um igual, ela chega ao ponto de destruir a amizade. Quando, por acaso, Melquior se forçava a escutar, caía em outro defeito, era como se se prestasse apenas, sem nenhum abandono. Sem ser tão chocante, esse meio sacrifício indispõe do mesmo modo o outro, deixando-o descontente. Nada rende tanto no comércio social como a esmola da atenção. Ter ouvidos para ouvir não é somente um preceito evangélico, é também uma excelente especulação; se o observardes, tudo vos desculparão, até mesmo vícios. Canalis modificou-se o quanto pôde, com a intenção de agradar a

Modesta; mas, se foi complacente para com ela, com os outros voltou a ser o mesmo.

Modesta, impiedosa para os dez mártires que fazia, pediu a Canalis que lesse uma das suas poesias; queria uma amostra daquele tão gabado talento de leitura. Canalis pegou no volume que Modesta lhe passou e arrulhou — é o termo exato — aquela das suas poesias que dizem ser a mais bela, uma imitação dos *Amores dos anjos*, de Moore, intitulada *Vitalis*, que as sras. Latournelle e Dumay, Gobenheim e o caixa acolheram com alguns bocejos.

— Se o senhor joga bem uíste — disse Gobenheim, apresentando cinco cartas abertas em leque —, jamais terei visto homem tão completo como o senhor...

Essa tirada fez rir, pois traduzia o pensamento de todos.

— Eu jogo o bastante para poder viver na província os dias que me restam — respondeu Canalis. — Tivemos, não há dúvida, mais literatura e conversação do que toleram os jogadores de uíste — acrescentou ele com impertinência e atirando o livro sobre um consolo.

Esse detalhe mostra os perigos que corre o herói de um salão, ao sair, como Canalis, da sua esfera; assemelha-se então ao ator querido de certo público, cujo talento se perde ao deixar seu palco, abordando um teatro superior.

LV – MODESTA IDENTIFICA-SE COM O SEU PAPEL

Puseram o barão e o duque juntos, Gobenheim ficou de parceiro com Latournelle. Modesta foi colocar-se junto ao poeta, com grande desespero do pobre Ernesto, que acompanhava na fisionomia da caprichosa jovem os progressos da fascinação exercida por Canalis. La Brière ignorava o dom de sedução que Melquior possuía e que a natureza recusa muitas vezes às criaturas sinceras, que são geralmente tímidas. Esse dom exige

uma ousadia, uma vivacidade de meios, que se poderia chamar o trapézio do espírito; comporta mesmo um pouco de mímica; mas não há sempre, moralmente falando, um comediante no poeta? Entre exprimir sentimentos que não se sentem, mas dos quais se concebem todas as variantes, e fingi-los quando deles se necessita para obter um sucesso no teatro da vida privada, a diferença é grande; entretanto, se a hipocrisia necessária ao homem mundano tiver gangrenado o poeta, este chegará a transportar as faculdades do seu talento para a expressão de um sentimento indispensável, como o grande homem votado à solidão acaba por transbordar o coração no seu espírito.

— Ele está trabalhando pelos milhões — dizia consigo Ernesto, dolorosamente — e representará tão bem a paixão que Modesta acabará acreditando.

E, em vez de se mostrar mais amável e mais espirituoso do que o seu rival, La Brière imitou o duque d'Hérouville e permaneceu sombrio, inquieto, atento; mas onde o homem de corte estudava os despropósitos da jovem herdeira, Ernesto ficava entregue às dores de um negro e concentrado ciúme. Não obtivera ainda um olhar do seu ídolo. Saiu com Butscha por alguns instantes.

— Está acabado — disse—, ela está louca por ele; eu sou mais do que desagradável; de resto, ela tem razão! Canalis é encantador, tem espírito no seu silêncio, paixão nos olhos, poesia nas suas amplificações...

— É ele um homem de bem? — perguntou Butscha.

— Oh! Sim! — respondeu La Brière. — É leal, cavalheiresco e capaz de perder, sob a influência de uma Modesta, os pequenos senões que obteve da sra. de Chaulieu.

— O senhor é um rapaz às direitas — disse o pequeno corcunda. — Mas é ele capaz de amar, e a amará?

— Não sei — respondeu La Brière. — Falou ela em mim? — perguntou após um momento de silêncio.

— Sim — disse Butscha, que repetiu ao outro a frase escapada a

Modesta a propósito dos disfarces.

O referendário atirou-se a um banco e escondeu o rosto nas mãos; não podia reter as lágrimas e não queria que Butscha as visse; mas o anão era homem para adivinhá-las.

— Que tem, senhor? — perguntou ele.

— Ela tem razão — disse La Brière, erguendo-se bruscamente —, eu sou um miserável!

Contou a fraude a que o induzira Canalis, mas insistindo em que tinha querido desenganar Modesta, antes que esta se desmascarasse; e rompeu em apóstrofes bastante infantis sobre o seu destino. Butscha percebeu com simpatia o amor na sua vigorosa e rápida ingenuidade, nas suas verdadeiras e profundas ansiedades.

— Mas por que — disse ele ao referendário — não se expande o senhor diante da srta. Modesta e deixa o seu rival executar todos os seus manejos?

— Ah! O senhor não sentiu — disse-lhe La Brière — apertar-se a sua garganta assim que trata de lhe falar... Mas então não sente nada na raiz dos seus cabelos, nada na superfície da pele quando ela o olha, embora distraidamente?

— Mas o senhor teve juízo bastante para mostrar-se de uma tristeza sombria, quando ela, de algum modo, disse ao seu digno pai: “O senhor é um palerma”.

— Amo-a demasiado para não ter sentido como a lâmina de um punhal entrar-me no coração, ao ouvi-la dar, daquela forma, um desmentido às perfeições que lhe atribuo.

— Canalis, esse, justificou-a — respondeu Butscha.

— Se ela tivesse mais amor-próprio do que coração, não mereceria compaixão — replicou La Brière.

Naquele momento, Modesta, seguida por Canalis, que acabava de perder no jogo, saiu com o pai e a sra. Dumay para respirar o ar de uma noite estrelada. Enquanto a filha passeava com o poeta, Carlos Mignon

afastou-se dela para ir ter com La Brière.

— O seu amigo, senhor, deveria ter-se feito advogado — disse ele sorrindo e olhando atentamente para o rapaz.

— Não se apresse, senhor conde, em julgar um poeta com a severidade que poderia ter para com um homem comum, como eu, por exemplo — respondeu La Brière. — O poeta tem a sua missão. Ele está destinado por sua natureza a ver a poesia dos assuntos, do mesmo modo que exprime a de todas as coisas: por isso, onde o senhor o julga em oposição consigo mesmo, é ele fiel à sua vocação. É o pintor, que faz igualmente bem uma madona e uma cortesã. Molière tem razão nos seus personagens de velho e nos de gente moça, e Molière sem dúvida tinha o espírito são. Esses jogos do espírito corruptores nos homens secundários não têm nenhuma influência no caráter dos verdadeiros grandes homens.

Carlos Mignon apertou a mão de La Brière, dizendo-lhe:

— Não obstante, essa facilidade poderia servir para se justificar a si mesmo de ações diametralmente opostas, sobretudo em política.

— Ah! Senhorita — respondeu Canalis, naquele momento, com voz acariciadora a uma maliciosa observação de Modesta —, não julgue que a multiplicidade das sensações tire a menor força aos sentimentos. Os poetas, mais do que os outros homens, devem amar com constância e fé. Antes de mais nada, não deve ter ciúme do que se denomina a Musa. Feliz a mulher de um homem ocupado! Se ouvisse os lamentos das mulheres que sofrem o peso da ociosidade dos maridos sem ocupações, ou aos quais a riqueza deixa prolongados lazeres, saberia que a principal felicidade de uma parisiense é a liberdade, a realeza em sua casa. Ora, nós outros deixamos que a mulher empunhe o cetro em nossa casa, pois nos é impossível baixarmos à tirania exercida pelos espíritos mesquinhos. Temos mais que fazer... Se algum dia eu me casasse, o que, juro-lhe, é uma catástrofe muito longínqua para mim, quereria que a minha mulher tivesse a liberdade moral que uma amante conserva e que é talvez a fonte de onde ela retira todas as suas seduções.

Canalis desenvolveu sua verve e suas graças ao falar no amor, no casamento, na adoração da mulher, discutindo com Modesta até que o sr. Mignon, que se lhes veio juntar, encontrasse um momento de silêncio para pegar a filha pelo braço e levá-la diante de Ernesto, a quem o digno soldado aconselhara tentasse uma explicação.

— Senhorita — disse Ernesto com voz alterada —, é-me impossível permanecer sob o peso do seu desdém. Não me defendo, não busco justificar-me, quero somente observar-lhe que antes de ler sua lisonjeira carta, dirigida à pessoa, e não mais ao poeta, enfim, a última, eu queria, e fiz-lhe saber por um bilhete escrito do Havre, dissipar o engano em que se achava. Todos os sentimentos que tive a felicidade de lhe exprimir são sinceros. Luziu para mim uma esperança, quando, em Paris, o senhor seu pai afirmou ser pobre; agora, porém, se tudo está perdido, se só me restam pesares eternos, para que ficar eu aqui onde tudo é suplício para mim?... Deixe-me, pois, levar comigo um sorriso seu, que ficará gravado no meu coração.

— Senhor — respondeu Modesta, que se mostrou fria e distraída —, não sou senhora aqui; mas, certamente, sentir-me-ia desesperada se retivesse em minha casa os que nela não encontram nem prazer nem felicidade.

Afastou-se do referendário, tomando o braço da sra. Dumay para entrar em casa. Pouco depois, todos os personagens desta cena doméstica, outra vez reunidos no salão, ficaram bastante surpresos ao ver Modesta sentada junto ao duque d'Hérouville e coqueteando com ele como o faria a mais ardilosa parisiense; ela se interessava pelo jogo dele, dava-lhe os conselhos que ele pedia, e achou oportunidade para dizer-lhe coisas lisonjeiras, elevando o acaso do nascimento ao mesmo plano que os acasos do talento e da beleza. Canalis sabia, ou julgava saber, o motivo daquela mudança: ele quisera espicaçar Modesta, dizendo que o casamento era uma catástrofe e mostrando-se lhe arredio; mas, como acontece com todos os que brincam com fogo, foi ele quem se queimou. O

orgulho de Modesta, seu desdém, alarmou o poeta, e voltou para perto dela, dando o espetáculo de um ciúme tanto mais visível por ser fingido. Modesta, implacável como os anjos, saboreou o prazer que lhe causava o exercício de seu poder, e, como era natural, abusou. O duque d'Hérouville nunca se vira em semelhante festa: uma mulher sorria-lhe! Às onze horas da noite, hora insólita para o Chalé, os três pretendentes saíram: o duque achando Modesta sedutora, Canalis julgando-a extremamente coquete, e La Brière magoado com a sua dureza.

LVI – QUANTO TEMPO DURA A ADMIRAÇÃO NA PROVÍNCIA?

Durante oito dias, a herdeira mostrou-se para os seus pretendentes o que fora durante aquele serão, de modo que o poeta pareceu levar a melhor sobre os seus rivais, não obstante os repentes e as fantasias que, de quando em quando, davam esperanças ao duque d'Hérouville. As irreverências de Modesta para com o pai, as liberdades excessivas que tomava com ele; suas impaciências com a mãe cega, prestando-lhe como que com pesar aqueles pequenos serviços que antes eram o triunfo de sua piedade filial, pareciam ser efeito de um caráter caprichoso e de uma vivacidade tolerada desde a infância. Quando ia demasiado longe, Modesta dava a si própria lições de moral e atribuía suas leviandades e extravagâncias ao seu espírito de independência. Confessava ao duque e a Canalis seu pouco gosto pela obediência, e considerava esta como um real obstáculo para a sua instalação na vida, e sondando por essa forma o moral dos seus pretendentes, à maneira daqueles que furam a terra para dela retirarem ouro, carvão, turfa ou água.

— Jamais encontrarei — dizia ela na véspera do dia em que se devia realizar a mudança da família para a vila — um marido que suporte os meus caprichos com a bondade com que meu pai os suporta, a qual nunca se desmentiu nem com a indulgência de minha adorável mãe.

— É que eles se sabem amados, senhorita — disse La Brière.

— Fique certa, senhorita, de que o seu marido conhecerá todo o valor do tesouro que possui — acrescentou o duque.

— A senhorita tem mais espírito e resolução do que é preciso para disciplinar um marido — disse Canalis, rindo.

Modesta sorriu como Henrique iv deve ter sorrido depois de revelar a um embaixador estrangeiro, por três respostas a uma pergunta insidiosa, o caráter dos seus três principais ministros.[351]

No dia do jantar, Modesta, impelida pela preferência que concedia a Canalis, passeou durante muito tempo, sozinha com ele, pelo terreno arenoso que se achava entre a casa e o relvado ornado de flores. Pelos gestos do poeta, pelo ar da jovem herdeira, era fácil de ver que ela ouvia favoravelmente Canalis; por isso as duas srtas. d'Hérouville foram interromper aquele escandaloso colóquio, e, com a habilidade peculiar às mulheres em semelhantes circunstâncias, orientaram a conversação para a Corte, para o brilho de um cargo da Coroa, explicando a diferença existente entre os cargos da casa do rei e os da Coroa: procuraram embriagar Modesta, dirigindo-se ao seu orgulho e mostrando-lhe um dos mais altos destinos a que podia aspirar uma mulher.

— Ter por filho um duque — exclamou a senhorita — é uma vantagem positiva. Esse título é uma fortuna que se dá aos filhos, fora do alcance de qualquer contratempo.

— A que circunstância — disse Canalis, a quem muito contrariara aquela interrupção do seu colóquio — devemos atribuir a falta de êxito que tem tido o senhor Grande-Escudeiro até agora, no assunto em que esse título pode, com mais vantagem, servir às pretensões de um homem?

As duas senhoritas lançaram a Canalis um olhar tão cheio de veneno quanto o que injeta uma víbora ao morder e ficaram tão desconcertadas com o sorriso zombeteiro de Modesta que nada acharam para responder.

— O senhor Grande-Escudeiro — disse Modesta a Canalis — nunca verberou ao senhor a humildade que a própria glória lhe inspira; por que,

pois, querer-lhe mal por sua modéstia?

— De resto, ainda não se encontrou — disse a velha senhorita — uma mulher digna da condição do meu sobrinho. Vimos algumas que tinham apenas a fortuna dessa posição; outras, que sem a fortuna, tinham o espírito, e confesso que fizemos bem em esperar que Deus nos oferecesse a oportunidade de conhecer uma pessoa na qual se reúnem a nobreza, o espírito e a fortuna de uma duquesa d'Hérouville.

— Há no reino, minha querida Modesta — disse Helena d'Hérouville, levando a nova amiga para poucos passos dali —, mil barões de Canalis, como em Paris há cem poetas que a ele se equivalem; e Canalis é tão pouco grande homem que eu, que sou uma pobre moça destinada a professar por falta de dote, não o queria para marido! Além disso, não pode imaginar o que seja um rapaz explorado há dez anos pela duquesa de Chaulieu. Só mesmo uma velha, que breve fará sessenta anos, pode submeter-se às pequenas indisposições que, segundo dizem, afligem o grande poeta e das quais a menor foi, em Luís xiv, um defeito insuportável,[352] mas a duquesa com isso não sofre tanto, é verdade, quanto sofreria uma esposa, pois nem sempre o tem em casa, como se tem um marido...

E, usando uma das manobras particulares às mulheres entre si, Helena d'Hérouville repetiu de boca a orelha as calúnias que as mulheres enciumadas da sra. de Chaulieu propalavam sobre o poeta. Esse pequeno detalhe, bastante comum nas conversações das jovens, mostra com que encarniçamento já se estava disputando a fortuna do conde de La Bastie.

Em dez dias muito haviam variado, no Chalé, as opiniões sobre os três personagens que pretendiam a mão de Modesta. Essa mudança, toda ela desvantajosa para Canalis, baseava-se em considerações de natureza a fazer refletirem os portadores de uma glória qualquer. Não se pode negar, ao ver a paixão com que se persegue um autógrafo, que a curiosidade pública seja vivamente excitada pela celebridade. A maioria dos habitantes da província não se dá conta exata dos processos que as

pessoas ilustres empregam para atar a gravata, caminhar pelo bulevar, bocejar ou comer uma costeleta; pois quando veem um homem revestido dos raios da moda ou resplandecente de uma popularidade mais ou menos passageira, mas sempre invejada, dizem uns: “Oh! É aquilo!”, ou senão: “Que engraçado!” e outras exclamações esquisitas. Em resumo, a estranha sedução causada por qualquer espécie de glória, mesmo justamente adquirida, não subsiste. É, sobretudo para as pessoas superficiais, motejadoras ou invejosas, uma sensação rápida como relâmpago, e que não se renova. Parece que a glória, tal como o sol, quente e luminosa à distância, é, se dela nos aproximamos, fria como os píncaros das montanhas. Talvez o homem não seja realmente grande senão para os seus pares; talvez os defeitos inerentes à condição humana desapareçam de preferência ante os seus olhos do que aos olhos dos admiradores vulgares. Para agradar todos os dias, um poeta se veria, pois, obrigado a exibir as graças enganadoras das pessoas que sabem fazer perdoar a sua obscuridade, com maneiras amáveis e palavras complacentes; pois, além do gênio, todos lhe pedem as vulgares virtudes de salão e o *berquinismo*[353] de família. O grande poeta do Faubourg Saint-Germain, que se quis dobrar a essa lei social, viu suceder uma insultuosa indiferença ao deslumbramento causado por sua conversação das primeiras visitas. O espírito prodigalizado sem medida produz na alma o efeito que produz nos olhos uma loja de cristais; é dizer com isso que o fogo do brilho de Canalis cansou rapidamente as pessoas que, segundo diziam, gostavam do sólido. Obrigado logo a mostrar-se homem comum, o poeta topou com numerosos escolhos num terreno em que La Brière conquistou os sufrágios daqueles que a princípio o tinham achado sensaborão. Sentiram a necessidade de se vingar da reputação de Canalis, preferindo, a ele, o seu amigo. As melhores pessoas são assim. O simples e bom referendário não ofendia nenhum amor-próprio; voltando a ele, todos lhe descobriram bom coração, uma grande modéstia, uma discrição de caixa-forte e uma excelente compostura. O duque d’Hérouville

colocou, como valor político, Ernesto muito acima de Canalis. O poeta, desigual, ambicioso e variável como Tasso,[354] gostava do luxo, das grandezas, endividava-se; ao passo que o jovem conselheiro, de um caráter uniforme, vivia sensatamente, útil sem ostentação, esperando as recompensas sem pedi-las, e fazia economias. Canalis, de resto, justificara aos burgueses que o observavam. Fazia dois ou três dias que se deixava arrastar a gestos de impaciência, a abatimentos, a essas melancolias sem razão aparente, a essas mudanças de humor, frutos do temperamento nervoso dos poetas. Essas originalidades (como as denominam na província) engendradas pela inquietação que lhe causavam as suas faltas, que dia a dia se avolumavam, para com a duquesa de Chaulieu, à qual devia escrever, sem que, no entanto, a isso se resolvesse, foram cuidadosamente anotadas pela meiga americana, pela digna sra. Latournelle, e se tornaram assuntos de mais de uma palestra entre elas e a sra. Mignon. Canalis sentiu os efeitos dessas palestras, sem que os pudesse explicar. A atenção não foi mais a mesma, as fisionomias não lhe apresentaram mais aquele ar de encantamento dos primeiros dias, ao passo que Ernesto começava a se fazer ouvir. Fazia dois dias que o poeta tentava, pois, seduzir Modesta e aproveitava todos os instantes em que podia ficar a sós com ela para envolvê-la na rede de uma linguagem apaixonada. O rubor de Modesta revelara às duas moças o prazer com que a herdeira ouvia os deliciosos *concetti*[355] deliciosamente ditos, e, inquietas com tal progresso, acabavam de recorrer à *ultima ratio*[356] das mulheres em semelhantes casos, a essas calúnias que raramente falham nos seus efeitos, quando apelam para as mais violentas repugnâncias físicas. Em consequência, ao ir para a mesa, o poeta entreviu nuvens na fronte do seu ídolo, por onde compreendeu as perfídias da srta. d'Hérouville e julgou necessário propor-se ele próprio para marido, logo que pudesse falar a Modesta. Ao ouvir alguns conceitos agridoces, embora corteses, trocados entre Canalis e as duas nobres senhoritas, Gobenheim fez, com o cotovelo, sinal a Butscha, seu vizinho,

para mostrar-lhe o poeta e o Grande-Escudeiro.

— Eles se destruirão mutuamente! — disse-lhe ao ouvido.

— Canalis é bastante genial para se destruir sozinho — respondeu o anão.

LVII – MODESTA ADIVINHADA

Durante o jantar, que foi de extraordinária magnificência e admiravelmente servido, o duque conseguiu grande vantagem sobre Canalis. Modesta, que recebera na véspera os seus trajes de montaria, falou dos passeios a fazerem pelos arredores. Pelo giro que tomou a conversa, ela foi levada a manifestar o desejo de ver uma caçada com matilha, prazer que lhe era desconhecido. Imediatamente o duque propôs oferecer à srta. Mignon o espetáculo de uma caçada, numa floresta da Coroa, a algumas léguas do Havre. Graças às suas relações com o príncipe de Cadignan, Monteiro-Mor,[357] ele entreviu os meios de exibir aos olhos de Modesta um fausto real, de seduzi-la, mostrando-lhe a fascinante sociedade da Corte, e inspirar-lhe o desejo de nela introduzir-se por meio de um casamento. Olhares trocados entre o duque e as duas senhoritas, percebidos por Canalis, diziam bastante claramente: “A nós, a herdeira!”, para que o poeta, reduzido aos seus esplendores pessoais, se apressasse em obter um penhor de afeição. Quase assustada de se ter adiantado com os d’Hérouville, além das suas intenções, Modesta, ao passear depois do jantar pelo parque, fez questão de ir um pouco na frente aos demais, em companhia de Melquior. Por uma curiosidade de moça, e bastante legítima, ela deixou entrever as calúnias ditas por Helena, e, a uma exclamação de Canalis, pediu-lhe que guardasse segredo, o que ele prometeu.

— Esses golpes de língua — disse ele — são de boa guerra na alta sociedade; a sua probidade, senhorita, se escandaliza com essas coisas,

que me fazem rir... e até me alegram. Essas senhoritas deverão ter sentido que os interesses de Sua Senhoria estavam perigando muito, para que recorressem a tais métodos.

E, aproveitando-se logo da vantagem que dá uma comunicação dessa natureza, Canalis usou, para justificar-se, de tal fluência de gracejos, uma paixão tão espiritualmente expressa ao agradecer a Modesta uma confidência na qual ele se apressava em ver um pouco de amor, que ela se viu tão comprometida com o poeta como com o Grande-Escudeiro. Canalis, sentindo a necessidade de ser audaz, declarou-se positivamente. Fez protestos a Modesta, nos quais sua paixão irradiou como a lua, engenhosamente invocada, nos quais brilhou a descrição da beleza daquela sedutora loura, admiravelmente vestida para a festa da família. Essa exaltação de encomenda, à qual, a noite, a folhagem, o céu e a terra, a natureza inteira, serviram de cúmplices, impeliu o amante ávido para além de toda prudência, pois falou no seu desinteresse e soube rejuvenescer pela graça de seu estilo o famoso tema: *Mil e quinhentos francos e a minha Sofia* de Diderot,[358] ou *Uma choupana e o teu coração!* de todos os amantes que conhecem exatamente a fortuna do sogro.

— Senhor — disse Modesta, depois de ter saboreado a melodia daquele concerto tão admiravelmente executado sobre *um tema conhecido* —, a liberdade que meus pais me dão permitiu-me ouvi-lo; mas é a eles que se deve dirigir.

— Pois bem! — exclamou Canalis. — Diga-me que, se obtenho o consentimento deles, a senhorita lhes obedecerá gostosamente?

— Sei por antecipação — respondeu ela — que meu pai tem fantasias que poderão contrariar o justo orgulho de uma antiga casa como a sua, pois ele deseja que o seu próprio título e o seu nome sejam usados pelos netos.

— Ora! Querida Modesta, que sacrifícios não se fariam para confiar a vida a um anjo da guarda tal como a senhorita!

— Vai permitir-me que não decida, num único instante, a sorte de toda a minha vida — disse ela, reunindo-se às senhoritas d'Hérouville.

Naquele momento as duas nobres senhoritas acariciavam as vaidades do pequeno Latournelle, a fim de o colocar no seu jogo. A srta. d'Hérouville, a quem, para distingui-la da sobrinha, Helena, é preciso tratar exclusivamente pelo nome patrimonial, dava a entender ao notário que o posto de presidente do tribunal do Havre, do qual Carlos x disporia em seu favor, era uma aposentadoria devida ao seu talento de legista e à sua probidade. Butscha, que passeava com La Brière e que se assustava com os progressos do audacioso Melquior, achou meio para conversar durante alguns minutos com Modesta, ao pé da escadaria exterior, no momento em que entravam para se entregar às arrelias do inevitável uíste:

— Senhorita, devo crer que a senhora ainda não o chama de Melquior? — perguntou-lhe em voz baixa.

— Pouco falta, meu anão misterioso — respondeu ela com um sorriso de danar um anjo.

— Santo Deus! — exclamou o escrivão, deixando cair as mãos que roçaram os degraus da escada.

— Mas afinal! Não vale ele tanto como esse odioso e sombrio referendário por quem tanto se interessa? — replicou ela, tomando em relação a Ernesto um desses ares altaneiros cujo segredo pertence somente às moças, como se a virgindade lhes desse asas para voar tão alto. — Seria o seu pequeno sr. de La Brière que me aceitaria sem dote? — disse ela, após uma pausa.

— Pergunte ao senhor seu pai — replicou Butscha, que deu alguns passos para levar Modesta a uma distância respeitável das janelas. — Ouça-me, senhorita. Sabe que quem lhe está falando está pronto a dar-lhe não somente a vida, como também a honra, sempre, a qualquer momento; de modo que pode acreditar nele, pode confiar-lhe o que talvez não fosse capaz de dizer ao seu próprio pai. Pois bem, esse sublime

Canalis dirigiu-lhe a linguagem desinteressada que lhe faz lançar essa censura às faces do pobre Ernesto?

— Sim.

— E acreditou?

— Isso, garatujador — replicou ela, empregando um dos dez ou doze apelidos que lhe pusera —; tem o ar de pôr em dúvida o poder do meu amor-próprio.

— Está rindo, querida senhorita; assim pois, não há nada de sério, e posso esperar, portanto, que esteja zombando dele?

— Que pensaria de mim, senhor Butscha, se eu me permitisse rir de um desses homens que me dão a honra de querer-me para esposa? Saiba, mestre João, que mesmo tendo o ar de quem despreza a mais desprezível das homenagens, uma moça sempre se sente lisonjeada de obtê-la.

— Quer dizer que eu a lisonjeio? — disse o anão, mostrando o seu rosto iluminado como uma cidade em dia de festa.

— Você? — disse ela. — Você me testemunha a mais preciosa de todas as amizades, um sentimento desinteressado como o de uma mãe pela filha! Não se compare com ninguém, pois o meu próprio pai tem obrigação de se devotar a mim. — Fez uma pausa. — Não posso dizer-lhe que o amo, no sentido que os homens dão a essa palavra, mas o que lhe concedo é eterno e jamais conhecerá vicissitudes.

— Pois bem! — disse Butscha, que fingiu apanhar uma pedra para beijar a ponta do sapato de Modesta, deixando ali uma lágrima. Permita-me, pois, velar pela senhora, como um dragão vela um tesouro. O poeta, há pouco, desenrolou para a senhorita a renda das suas preciosas frases, os ouropéis das promessas. Ele cantou o seu amor na mais bela corda da sua lira, não foi? Se, assim que esse nobre amante tiver certeza da sua pouca fortuna, a senhorita o vir mudar de procedimento, embaraçado, frio, ainda fará dele seu marido e lhe dará, ainda, a sua estima?

— Um novo Francisque Althor? — perguntou ela com uma expressão de amarga repugnância.

— Conceda-me o prazer de efetuar essa mudança de cenário — disse Butscha. — Não somente quero que seja súbita, mas, depois não desespero de lhe restituir o seu poeta novamente apaixonado, de o fazer soprar alternativamente o frio e o quente sobre o seu coração, tão graciosamente como sustenta o pró e o contra na mesma noite, sem às vezes se aperceber disso.

— Se tem razão — disse ela —, em quem confiar?

— Naquele que verdadeiramente a ama.

— No duquezinho?

Butscha olhou para Modesta. Os dois deram alguns passos, calados. A moça manteve-se impenetrável, não pestanejou.

— Senhorita, permite-me ser o tradutor dos pensamentos aninhados no fundo de seu coração, como musgos marinhos sob as águas, e que a senhorita não quer descobrir?

— Como! — disse Modesta. — Meu atual conselheiro íntimo e privado seria também um espelho?

— Não, mas um eco — respondeu ele, acompanhando essa frase com um gesto impregnado de sublime modéstia. — O duque a ama, mas ama-a demasiado. Se bem compreendi, eu, anão, a infinita delicadeza do seu coração, repugnar-lhe-ia ser adorada como um santo sacramento no seu tabernáculo. Mas, como é eminentemente mulher, não quer ver um homem continuamente a seus pés e do qual estivesse eternamente segura, da mesma forma que não quereria um egoísta, como Canalis, que se preferiria à senhorita... Por quê? Não sei. Eu me faria mulher, e mulher velha, para saber a razão desse programa que li nos seus olhos e que é talvez o de todas as moças. Não obstante, a senhorita tem na sua grande alma uma necessidade de adoração. Quando um homem está a seus pés, a senhorita não pode estar aos dele. Não se vai tão longe assim, dizia Voltaire. O duquezinho tem, pois, demasiadas genuflexões no seu moral, e Canalis não as tem em quantidade suficiente, para não dizer que não tem nenhuma. Por isso, adivinhei a malícia oculta dos seus sorrisos,

quando se dirige ao Grande-Escudeiro, quando ele lhe fala, quando a senhorita lhe responde. Não poderá ser nunca infeliz com o duque, todos a aprovarão se o escolher para marido, mas não o amará. O frio do egoísmo e o excessivo calor de um êxtase contínuo produzem indiscutivelmente uma negação no coração de todas as mulheres. Não é, evidentemente, esse triunfo perpétuo que lhe prodigalizará as infinitas delícias do casamento que sonha, em que há obediências que orgulham e em que se fazem grandes pequenos sacrifícios ocultados com alegria, em que se sentem inquietações sem causa, em que se esperam êxitos com arroubo, em que a gente se curva com satisfação ante grandezas imprevistas, em que se é compreendido até nos segredos, em que por vezes, com o seu amor, a mulher protege o protetor...

— Você é um feiticeiro! — disse Modesta.

— Não encontrará também essa doce igualdade de sentimentos, essa comunhão contínua da vida, e essa certeza de agradar, que faz aceitar o matrimônio, se desposar um Canalis, um homem que só pensa em si mesmo, cujo eu é a nota única, cuja atenção ainda se não baixou até atender ao seu pai ou ao Grande-Escudeiro!... Um ambicioso de segunda categoria a quem a sua dignidade, a sua obediência pouco importam, que fará da senhorita uma coisa necessária na sua casa, e que já a insulta com a sua indiferença em matéria de honra! Sim, se a senhorita se permitisse esbofetear a própria mãe, Canalis fecharia os olhos para poder negar a si próprio esse crime, tal a sede que tem da sua fortuna. Assim, pois, senhorita, eu não pensava nem no grande poeta, que nada mais é do que um pequeno comediante, nem em Sua Senhoria, que não seria para a senhorita mais do que um bom casamento e não um marido...

— Butscha, meu coração é um livro em branco, onde você mesmo grava o que lê — respondeu Modesta. — Você é arrastado por seu ódio provinciano contra tudo o que o obriga a olhar mais acima da cabeça. Você não perdoa ao poeta ser ele um homem político, possuir uma palavra brilhante, ter um imenso futuro, e calunia as intenções dele.

— Ele?... Senhorita! Dar-lhe-á as costas da noite para o dia, com a baixeza de um Vilquin.

— Oh! Faça-o representar essa comédia, e...

— Em todos os tons, dentro de três dias, quarta-feira, lembre-se disso. Até então, senhorita, divirta-se ouvindo todas as árias desse realejo, a fim de que sobressaiam melhor as ignóbeis dissonâncias do contraponto.

LVIII – ERNESTO FELIZ

Modesta voltou alegremente para o salão onde, único dentre os homens, La Brière, sentado no vão de uma janela da qual sem dúvida contemplara o seu ídolo, ergueu-se como se um porteiro tivesse gritado: “A Rainha!”. Foi um movimento respeitoso, cheio dessa viva eloquência peculiar ao gesto e que ultrapassa a dos mais belos discursos. O amor falado não vale o amor provado, todas as moças de vinte anos têm cinquenta na prática desse axioma. É esse o grande argumento dos sedutores. Em vez de olhar Modesta de frente, como o fez Canalis, que a saudou com uma homenagem pública, o amante desdenhado seguiu-a com um demorado olhar de soslaio, humilde à maneira de Butscha, quase medroso. A jovem herdeira notou aquela atitude ao ir sentar-se junto a Canalis, a cujo jogo pareceu associar-se. Durante a conversação, La Brière ficou sabendo, por uma palavra de Modesta ao pai, que quarta-feira ela iniciaria os exercícios de equitação; observava-lhe que lhe faltava uma chibata que se harmonizasse com a suntuosidade do seu traje de amazona. O referendário dirigiu ao anão um olhar que cintilou como um incêndio, e poucos momentos depois ambos caminhavam pelo terraço.

— São nove horas — disse Ernesto a Butscha —; parto para Paris a toda brida, posso estar lá amanhã às dez horas. Meu querido Butscha, de você ela aceitará de bom grado uma lembrança, porque lhe tem amizade; deixe que eu lhe dê, em seu nome, uma chibata, e fique sabendo que, em

paga dessa imensa condescendência, você terá em mim não um amigo, mas um devotamento.

— Pode ir, o senhor é bem feliz, tem dinheiro! — disse o escrivão.

— Previna Canalis, de minha parte, que não volto para casa, e que ele invente uma desculpa para justificar uma ausência de dois dias.

Uma hora depois, Ernesto partiu com o correio, em doze horas chegou a Paris, onde seu primeiro cuidado foi reservar um lugar na diligência do Havre para o dia seguinte. Depois foi aos três mais famosos ourives da capital, comparando os castões de chibatas e procurando o que a arte podia oferecer de mais regiamente belo. Achou, feito por Stidmann para uma russa que não pudera pagá-lo depois de o ter encomendado, uma caça à raposa esculpida em ouro e ornada de um rubi de preço exorbitante para o ordenado de um referendário; todas as suas economias se foram: tratava-se de sete mil francos. Ernesto deu o desenho do brasão dos La Bastie e vinte horas para executá-lo no lugar do outro que ali estava. Essa caçada, obra-prima de delicadeza, foi ajustada numa chibata de borracha e colocada num estojo de marroquim vermelho, forrado de veludo, sobre o qual gravaram dois M entrelaçados. Quarta-feira de manhã, La Brière chegava pela diligência, e a tempo de almoçar com Canalis. O poeta ocultara a ausência do seu secretário, dizendo estar este ocupado com um trabalho que lhe haviam mandado de Paris. Butscha, que se achava no correio para dar a mão ao referendário na chegada da diligência, correu para levar a Francisca Cochet aquela obra de arte, recomendando-lhe que a colocasse sobre o toucador de Modesta.

— O senhor vai, sem dúvida, acompanhar a srta. Modesta no seu passeio? — disse o escrivão, que foi à casa de Canalis para avisar com um olhar a La Brière que a chibata tinha felizmente chegado ao seu destino.

— Eu! — respondeu Ernesto — Vou deitar-me...

— Homessa! — exclamou Canalis, olhando para o amigo. — Não te entendo mais.

LIX – EM QUE BUTSCHA APARECE COMO MISTIFICADOR

Estava na hora do almoço, e naturalmente o poeta convidou o amigo. Butscha ficara, com a intenção de se fazer convidar, ao ver na fisionomia de Germano o êxito de uma malícia de corcunda, que sua promessa a Modesta devia fazer prever.

— O senhor tem bastante razão em reter o escrivão do sr. Latournelle — disse Germano ao ouvido de Canalis.

Canalis e Germano foram para o salão, a um piscar de olhos do criado para o patrão.

— Esta manhã, senhor, fui ver pescar. Uma excursão proposta anteontem, por um patrão de barca, com quem travei relações...

Germano não confessou ter tido o mau gosto de jogar bilhar num café do Havre, onde Butscha o cercara de amigos para agir sobre ele à vontade.

— E daí? — disse Canalis — Vamos aos fatos, e depressa!

— Ouvi, senhor barão, a respeito do sr. Mignon, uma discussão que provoquei tanto quanto pude, pois não sabiam de que lado eu estava. Ah! Senhor barão, o que corre no porto é que o senhor vai cair num laço. A fortuna da srta. de La Bastie é como o seu nome, muito modesta. O navio no qual veio o pai não é dele, mas sim de uns negociantes da China com os quais ele deverá lealmente contar. Dizem a esse respeito coisas pouco lisonjeiras para a honra do coronel. Tendo ouvido dizer que o sr. e Sua Senhoria o duque disputavam um ao outro a srta. de La Bastie, tomei a liberdade de preveni-lo; pois, dos dois, é melhor que seja Sua Senhoria *quem a engula*... Ao regressar, dei umas voltas pelo porto, pela frente da sala de espetáculos, onde passeiam os negociantes, e por entre os quais me intrometi ousadamente. Essa boa gente, ao ver um homem bem-vestido, pôs-se a falar do Havre; passando de um assunto ao outro levei a conversa para o coronel Mignon, e todos eles estiveram tão bem de acordo com os pescadores, que eu faltaria aos meus deveres se me

calasse. Foi por isso que deixei o senhor levantar-se e vestir-se sozinho...

— Que fazer? — exclamou Canalis, ao se ver comprometido, de modo a não poder voltar atrás, com as suas promessas a Modesta.

— O senhor conhece a minha dedicação — disse Germano, ao ver o poeta como que fulminado —, por isso não se admirará se eu lhe der um conselho. Se pudesse emborrachar o escrivão, ele diria a última palavra a respeito, e se ele não se desarrolha na segunda garrafa de champanha, a coisa se dará na terceira. De resto, seria bastante estranho que o senhor, que sem dúvida veremos um dia como embaixador, pelo que Filóxena ouviu da senhora duquesa, não levasse a melhor com um escrivão do Havre.

Naquele momento, Butscha, autor ignorado daquela pescaria, instigava o referendário a que se calasse a respeito de sua ida a Paris, e a não contrariar sua manobra à mesa. O escrivão tirara partido de uma reação desfavorável, que se estava operando no Havre, contra Carlos Mignon. Eis por quê. O senhor conde de La Bastie deixava num completo esquecimento os seus amigos de outros tempos, que durante a sua ausência haviam esquecido sua mulher e seus filhos. Ao saber que se ia realizar um grande banquete na vila Mignon, cada qual acreditou ser um dos convivas e ficou à espera de um convite; quando, porém, souberam que Gobenheim, os Latournelle, o duque e os dois parisienses eram os únicos convidados, fez-se um clamor de protesto contra o orgulho do negociante; sua prosápia em não ver ninguém, em não descer até o Havre, foi então notada e atribuída a um desprezo do qual o Havre se vingava, pondo em dúvida aquela súbita fortuna. Conversa vai, conversa vem, cada um soube, em breve, que os fundos necessários à retrovenda de Vilquin tinham sido fornecidos por Dumay. Essa circunstância permitiu aos mais ferrenhos suporem caluniosamente que Carlos viera confiar ao absoluto devotamento de Dumay fundos para os quais previa discussões com seus supostos sócios de Cantão. As reticências de Carlos, cuja intenção fora sempre ocultar sua fortuna, os dizeres de seus empregados,

a quem fora dada a palavra de ordem, emprestavam um ar de verossimilhança àquelas fábulas grosseiras, nas quais todos acreditaram, em obediência ao espírito de difamação que anima os comerciantes uns contra os outros. Tanto o bairrismo exaltara a imensa fortuna de um dos fundadores do Havre, como a inveja da província a diminuiu. O anão, a quem os pescadores deviam mais de um obséquio, pediu-lhes segredo e que dessem a língua. Foi bem servido. O patrão da barca disse a Germano que um de seus primos, marinheiro, acabava de chegar de Marselha, despedido, em consequência da venda do brigue no qual o coronel voltara. O brigue era vendido por conta de um tal Castagnould, e a carga, na opinião do primo, valeria quando muito trezentos ou quatrocentos mil francos.

— Germano — disse Canalis no momento em que o criado de quarto saiu —, tu nos servirás champanha e *bordeaux*. Um membro do foro da Normandia deve conservar recordações da hospitalidade de um poeta... E, ademais, ele tem tanto espírito quanto o *Figaro* — disse Canalis, apoiando a mão no ombro de Butscha —, e é preciso que esse espírito de pasquim jorre e espume como champanha; tampouco nós nos pouparemos, não, Ernesto?... Por Deus, faz bem uns dois anos que não me embriago — disse ele, olhando para La Brière.

— Com vinho?... Isso se concebe — respondeu o escrivão. — O senhor se embriaga todos os dias consigo mesmo! Bebe regaladamente, em matéria de louvores. Ah! O senhor é belo, é poeta, é ilustre já em vida, tem uma palestra à altura do seu gênio e agrada a todas as mulheres, até mesmo à minha patroa. Amado pela mais bela sultana favorita que jamais vi (até agora só vi essa), o senhor pode, se quiser, desposar a senhorita de La Bastie... Olhe, só de fazer o inventário do presente, sem contar o futuro (um belo título, o pariato, uma embaixada!...), fico borracho como essa gente que engarrafa o vinho dos outros.

— Todas essas magnificências sociais — disse Canalis — nada são sem o que lhes dá valor, a fortuna!... Estamos aqui entre homens, os belos

sentimentos são encantadores em versos, em estâncias...

— E em circunstâncias — disse o escrivão, fazendo um gesto significativo.

— Mas o senhor, o homem dos contratos — disse o poeta, sorrindo com a interrupção —, sabe tão bem como eu que *chaumière* rima com *misère*.[359]

À mesa, Butscha desempenhou o papel de Trigaudin de *A casa em loteria*[360], a ponto de assustar Ernesto, que não conhecia as mistificações de cartório, que valem as do ateliê. O escrivão referiu a crônica escandalosa do Havre, a história das fortunas, a das alcovas e os crimes cometidos de código em punho, o que, na Normandia, se chama tirar o corpo como se pode. Não poupou ninguém. Sua verve aumentava com a torrente de vinho que lhe passava pela garganta, como um aguaceiro por uma calha.

— Sabes, La Brière, que esse esplêndido rapaz — disse Canalis, servindo vinho a Butscha —, daria um notável secretário de embaixada?

— Capaz de *abafar* o patrão! — replicou o anão, dirigindo a Canalis um olhar em que a insolência ficou mergulhada na crepitação do gás carbônico. — Tenho muito pouca gratidão e espírito de intriga suficiente para encarapitar-me nos seus ombros. Um poeta carregando um aleijão!... É coisa que às vezes se vê, e mesmo com frequência... na livraria. Vamos, o senhor me está olhando como um engolidor de espadas! Ora, meu querido grande gênio, o senhor é um homem superior, e por isso sabe perfeitamente que a gratidão é um termo de imbecis, que se põe no dicionário, mas que não se acha no coração humano. O reconhecimento não tem valor senão em certo monte que não é nem o Parnaso nem o Pindo.[361] Acredita o senhor que eu deva muito à minha patroa por me ter educado? Mas se a cidade em peso lhe saldou essa conta em estima, em palavras, em admiração, a mais querida das moedas. Não admito o bem com que as pessoas se constituem rendas de amor-próprio. Os homens fazem entre si um comércio de serviços, a palavra

gratidão indica um débito, nada mais. Quanto à intriga, essa é a minha divindade. Como — disse ele, ante um gesto de Canalis — não adoraria o senhor a faculdade que permite a um homem hábil levar a melhor sobre um homem de gênio, que exige uma observação constante dos vícios, das fraquezas dos nossos superiores, e o conhecimento do momento psicológico em todos os assuntos! Pergunte à diplomacia se o mais belo de todos os sucessos não é o triunfo da manha sobre a força. Se eu fosse seu secretário, senhor barão, o senhor seria logo primeiro-ministro, porque nisso eu teria o mais forte interesse!... Olhe, quer uma prova dos meus pequenos talentos nesse gênero? Pois veja! O senhor ama, até a adoração, a srta. Modesta, e tem razão. A menina possui a minha estima, é uma verdadeira parisiense. Às vezes, aqui e acolá, nasce uma parisiense na província!... A nossa Modesta é mulher de fazer um homem ir para a frente... Ela tem isto — disse ele, brandindo o punho no ar. — O senhor tem um competidor terrível, o duque: que me dá para fazer com que ele deixe o Havre em três dias?

— Terminemos esta garrafa — disse o poeta, enchendo o copo de Butscha.

— O senhor vai embriagar-me! — disse o escrivão, emborcando uma nona taça de champanha. — Tem uma cama onde eu possa dormir uma hora? O meu patrão é sóbrio como um bom camelo que é, e a senhora Latournelle também. Tanto um como outro teriam a dureza de ralhar comigo, e teriam razão contra mim, que não teria mais a minha, e tenho de redigir atas!... — Depois, voltando sem transição às suas ideias anteriores, à maneira dos ébrios, exclamou: — E que memória!... Iguala a minha gratidão.

— Butscha, faz pouco dizias que não tinhas gratidão, estás a contradizer-te — objetou o poeta.

— De modo nenhum — replicou o anão. — Esquecer quase sempre é lembrar-se! Vamos, marche! Estou talhado para ser um notável secretário.

— E como farias para o duque ir embora? — disse Canalis, encantado de ver a conversação encaminhar-se por si mesma para o fim que ele queria.

— Isso não é da sua conta! — disse o escrivão, soltando um arroto maiúsculo.

Butscha balanceou a cabeça sobre os ombros, e seus olhos foram de Germano a La Brière, deste a Canalis, à maneira das pessoas que, sentindo chegar a embriaguez, querem saber em que conceito os têm; pois, no naufrágio da borracheira, pode-se observar que o amor-próprio é o único sentimento que sobrenada.

— Diga-me, grande poeta, o senhor é um grande trocista! O senhor me está tomando por um dos seus leitores, o senhor que manda seu amigo, a Paris, à toda brida, para ir colher informações sobre a casa Mignon... Eu zombo, tu zombas, nós zombamos... Bom! Faça-me, entretanto, a honra de acreditar que sou bastante calculador para ter sempre a consciência necessária às minhas funções. Na minha qualidade de primeiro amanuense do senhor Latournelle, meu coração é uma pasta com cadeado... Minha boca não solta nenhum papel relativo aos clientes. Sei tudo, e nada sei. E, ademais, minha paixão é sabida. Amo Modesta, ela é minha aluna, tem de fazer um belo casamento... E lograrei o duque, se preciso. Mas o senhor desposa...

— Germano, o café e os licores — disse Canalis.

— Licores? — repetiu Butscha, levantando a mão como uma falsa virgem que quisesse resistir a uma pequena sedução. — Ah! Minhas pobres atas!... Há justamente um contrato de casamento. Olhe, meu segundo amanuense é burro como uma dotação matrimonial, e capaz de me... me... meter uma canivetada nos parafernais da futura esposa; julga-se um belo tipo, porque tem cinco pés e seis polegadas... um imbecil.

— Tome, aqui tem um creme de chá, um licor das ilhas — disse Canalis. — O sr. a quem a srta. Modesta consulta...

— Ela me consulta.

— Pois bem! Julga que ela me ama? — perguntou o poeta.

— Olaré! Mais do que ao duque! — respondeu o anão, saindo de uma espécie de torpor que ele fingia às mil maravilhas. — Ela o ama por causa do seu desinteresse. Disse-me que, pelo senhor, era capaz dos maiores sacrifícios, de se privar de *toilettes*, de não gastar mais de mil escudos por ano, de empregar a vida para lhe provar que, desposando-a, o sr. teria feito um excelente negócio, e ela é firmemente (um arroto) honesta, pode crer! E instruída, é uma rapariga que não ignora nada!

— Isso e trezentos mil francos — disse Canalis.

— Oh! Talvez haja o que o senhor diz — replicou o amanuense com entusiasmo. — O velho Mignon... Olhe, como pai, ele é *Mignon*[362] (por isso eu o estimo)... Para bem casar a filha única, ele se despojará de tudo... Esse coronel está acostumado pela Restauração dos senhores (um arroto) a viver com o meio-soldo, ele se sentirá muito feliz em viver com Dumay no Havre, caloteando; dará com certeza os seus trezentos mil francos à pequena... Mas não devemos esquecer Dumay, que destina a sua fortuna para Modesta. Dumay, o senhor sabe, é bretão, sua origem é um valor no contrato, ele não variará, e sua fortuna equivale à do seu patrão. Entretanto, como eles me ouvem, pelo menos tanto como ao senhor, embora eu não fale tanto, nem tão bem, eu lhes disse: "O senhor está gastando muito com a sua casa; se Vilquin a cede ao senhor, aí estão duzentos mil francos que não vão render nada... Sobrariam, portanto, cem mil francos para *manducar*... o que não chega a meu ver...". Neste momento o coronel e Dumay estão conferenciando. Pode crer. Modesta é rica. O pessoal do porto está dizendo asneiras, têm inveja... Quem é que tem um dote como esse no departamento? — disse Butscha que levantou os dedos para contar. — Duzentos a trezentos mil francos à vista — disse, curvando o polegar da mão esquerda com o indicador da direita —, e vai um! A inteira propriedade da vila Mignon, e vão dois; *tertio*, a fortuna de Dumay! — acrescentou, deitando o médio. — Mas a menina Modesta será uma moça de seiscentos mil francos quando os dois militares tiverem ido

pedir a senha ao Padre Eterno.

Essa ingênua e brutal confidência, entremeada de cálices, desembriagava Canalis, tanto quanto parecia embriagar Butscha. Para o escrivão, rapaz de província, aquela fortuna, evidentemente, era colossal. Ele deixou cair a cabeça na palma da mão direita; e com o cotovelo apoiado majestosamente na mesa, piscou os olhos, pondo-se a falar consigo mesmo.

— Daqui a vinte anos, na marcha em que vai o Código, que saqueia as fortunas com o capítulo das Sucessões, uma herdeira de um milhão será tão rara como o desinteresse em um usurário. O senhor vai dizer-me que Modesta devorará bem uns doze mil francos por ano, o juro do seu dote, mas como ela é gentil... bem gentil... bem gentil... É, veja (um poeta precisa de imagens), um arminho malicioso como um macaco.

— Que me dizias, então? Ter ela seis milhões? — murmurou suavemente Canalis, olhando para La Brière.

— Meu amigo — disse Ernesto —, permite que te observe que fui forçado a calar-me; estou comprometido por um juramento e talvez já terei dito demasiado, ao...

— Um juramento, a quem?

— Ao sr. Mignon.

— Como! Ernesto, tu que sabes quanto me é necessária a fortuna...

Butscha roncava.

— ... tu que conheces a minha situação e tudo o que eu perderia na rue de Grenelle, casando-me, tu deixarias, friamente, que eu me enterrasse? — disse Canalis, empalidecendo. — Mas é um assunto entre amigos, e nossa amizade, meu caro, comporta um pacto anterior ao que te pediu esse astuto provençal...

— Meu caro — disse Ernesto —, amo demasiado Modesta para...

— Imbecil! Deixo-a para ti — gritou o poeta. — Quebra, pois, o teu juramento.

— Dás-me a tua palavra de honra de que esquecerás o que te vou

dizer, de te portares comigo como se esta confidência jamais te tivesse sido feita, aconteça o que acontecer?

— Juro-o, pela memória de minha mãe.

— Pois bem, em Paris, o sr. Mignon disse-me que estava longe de ter a fortuna colossal de que os Mongenod me falaram. A intenção do coronel é dar duzentos mil francos à filha. Agora, Melquior, teria o pai desconfiança? Era ele sincero? Não me compete resolver essa questão. Se Modesta se dignasse escolher-me, mesmo sem dote, seria minha mulher.

— Uma literata pretensiosa! Com uma instrução de apavorar, que já leu tudo! Que sabe tudo... teoricamente! — exclamou Canalis, ante um gesto de La Brière. — Uma menina mimada, criada no luxo desde os primeiros anos e que dele está desmamada há cinco?... Ah! Meu pobre amigo, pensa bem.

— Ode e código![363] — disse Butscha, despertando — o senhor trabalha na ode, e eu no código, pouca diferença há entre nós. Ora, código vem de *coda*, cauda! O senhor me banqueteou... gosto do senhor, não se deixe levar pelo código!... Olhe, um bom conselho vale bem o seu vinho e o seu creme de chá. O velho Mignon é também um creme, o creme dos homens de bem... Pois bem! Monte a cavalo, ele acompanha a filha, o senhor pode abordá-lo com franqueza, fale-lhe do dote, ele lhe responderá positivamente, e o senhor verá o fundo do saco, tão verdade como estar eu bêbado e ser o senhor um grande homem; mas nós deixaremos o Havre juntos, não é?... Eu serei seu secretário, pois que esse pequeno, que pensa que eu estou bêbado e que ri de mim, vai deixá-lo... Vamos, ande! Deixe-o desposar a moça.

Canalis ergue-se para ir vestir-se.

— Nem uma palavra... Ele vai ao suicídio — disse firmemente Butscha a La Brière, frio como Gobenheim e que fez para Canalis um sinal familiar aos garotos de Paris. — Adeus, meu senhor! — continuou o escrivão, gritando bem alto. — Permite que eu vá *me esvaziar* no quiosque da *mamã* Amaury?

— Está em sua casa — respondeu o poeta.

O escrivão, motivo de riso para os três criados de Canalis, alcançou o quiosque, caminhando por sobre as platibandas e os canteiros de flores com a graça teimosa dos insetos que descrevem seus intermináveis ziguezagues quando tentam sair por uma janela fechada. Depois de ter subido ao quiosque e de terem entrado os criados, ele sentou-se num banco de pau pintado e abismou-se nas alegrias do seu triunfo. Acabava de lograr um homem superior, acabava não de lhe arrancar a máscara, mas de ver-lhe desatar os cordões, e ria como um autor para a sua peça, isto é, com o sentimento do valor imenso daquela *vis comica*.[364]

— Os homens são piões, tudo está em achar o barbante que se enrola neles! — exclamou. — Pois a mim mesmo não me fariam desmaiar se me viessem dizer: a srta. Modesta acaba de cair do cavalo e quebrou a perna?

LX – CANALIS TORNA-SE POSITIVO

Poucos momentos depois, Modesta, vestida como uma deliciosa amazona de casimira verde-garrafa, toucada de um chapeuzinho com um véu verde, com luvas de pele de gamo, botas de veludo nos pés sobre as quais brincavam as guarnições de renda dos calções, e montada num pônei ricamente ajaezado, mostrava ao pai e ao duque d'Hérouville o lindo presente que acabava de receber e que a fazia feliz, por adivinhar naquilo uma dessas atenções que mais lisonjeiam as mulheres.

— Foi o senhor duque? — disse ela, passando-lhe às mãos a pauta brilhante da chibata. — Puseram-lhe em cima um cartão em que se lia: "Adivinha se puderes" e reticências. Francisca e a sra. Dumay atribuem essa encantadora surpresa a Butscha, mas o meu querido Butscha não é bastante rico para comprar tão lindo rubi! Ora, o meu pai, a quem eu disse, note bem, no domingo à noite, que não tinha pingalim, mandou buscar este em Rouen.

Modesta mostrava na mão do pai uma chibata cuja ponta era um chuveiro de turquesas, uma invenção então na moda e que veio a se tornar comum.

— Eu quisera, senhorita, à custa de dez anos tomados à minha velhice, ter o direito de oferecer-lhe esta magnífica joia — disse cortesmente o duque.

— Ah! Eis aqui, pois, o audacioso — exclamou Modesta, ao ver chegar Canalis a cavalo. — Só um poeta para se lembrar de tão lindas coisas... Senhor — disse ela a Melquior —, meu pai vai ralhar-lhe, pois aqui dá razão aos que o censuram por suas dissipações.

— Ah! — exclamou ingenuamente Canalis. — Foi esse então o motivo pelo qual La Brière foi de rédea solta do Havre a Paris?

— Seu secretário então tomou semelhante liberdade? — disse Modesta, empalidecendo e atirando a chibata para Francisca Cochet, com uma vivacidade na qual se devia ler um profundo desprezo. — Dê-me esse outro pingalim, meu pai.

— Pobre moço, que jaz no leito, moído de cansaço! — disse Melquior, seguindo a jovem que saíra a galope. — É dura, senhorita. "Não tenho", disse-me ele, "outra possibilidade de me fazer lembrado..."

— E o senhor estimaria uma mulher capaz de conservar recordações de todas as paróquias? — interrogou Modesta.

— Como se compraz em torturar aqueles que a amam! — disse-lhe o duque. — Essa nobreza, esse orgulho desmentem tão bem os seus gestos, que começo a suspeitar que a senhorita se calunia a si mesma, premeditando suas maldades.

— Oh! Não faz mais do que se aperceber, senhor duque? — disse ela a rir. — O senhor tem precisamente a perspicácia de um marido.

Fizeram em silêncio quase um quilômetro. Modesta admirou-se de não mais receber a flama dos olhares de Canalis, que parecia um pouco encantado demais com as belezas da paisagem para que essa admiração fosse natural. Na véspera, Modesta, ao mostrar ao poeta um admirável

efeito de crepúsculo no mar, dissera-lhe, ao vê-lo interdito como um surdo: “Mas que é isso! Não viu?”. “Não vi mais que a sua mão”, respondeu ele.

— O senhor de La Brière sabe montar a cavalo? — perguntou ela a Canalis, para implicar com ele.

— Não muito bem, mas vai indo — respondeu o poeta, que se tornara frio como Gobenheim antes da volta do coronel.

Num atalho que o sr. Mignon fez o grupo seguir, por um bonito vale, até uma colina que coroava o curso do Sena, Canalis deixou Modesta e o duque passarem para a frente, retardando a andadura do cavalo, de modo a poder ficar ao lado do coronel.

— Senhor conde, o senhor é um leal militar, por isso verá, na minha franqueza, um título à sua estima. Quando as propostas de casamento, com todas as suas discussões selvagens, ou demasiado civilizadas, se quiser, passam por boca de terceiros, todos perdem com isso. Quer eu, quer o senhor, somos dois gentis-homens tão discretos um como o outro, e o senhor, da mesma forma que eu, já passou da idade das admirações; por isso falemos como camaradas. Eu lhe darei exemplo. Tenho vinte e nove anos, não possuo fortuna territorial e sou ambicioso. A srta. Modesta agrada-me infinitamente, como deve ter percebido. Ora, apesar dos defeitos que a sua querida filha se força a ter de propósito...

— Sem contar os que ela tem — disse o coronel, sorrindo.

— Com satisfação faria dela minha esposa e creio poder fazê-la feliz. A questão da fortuna tem toda a importância do meu futuro, agora em jogo. Todas as moças casadouras devem ser amadas, apesar de tudo! Não obstante, o senhor não é homem para querer casar a sua querida Modesta sem dote, e minha situação não me permitiria fazer um casamento dito de amor, como tampouco casar-me com uma mulher que não me trouxesse uma fortuna pelo menos igual à minha. Recebo, das minhas sinecuras, da Academia e do meu editor, cerca de trinta mil francos por ano, fortuna enorme para um solteiro. Juntando sessenta mil francos de

renda, eu e minha mulher, ficarei pouco mais ou menos nas mesmas condições de vida em que me acho. Dá um milhão à srta. Modesta?

— Ah! Senhor, estamos muito longe das minhas contas — disse jesuiticamente o coronel.

— Faça de conta, então — replicou vivamente Canalis —, que, em vez de falar, tivéssemos estado a assobiar. O senhor ficará satisfeito com o meu procedimento, senhor conde; serei classificado entre os infelizes que essa sedutora criatura tem feito. Dê-me sua palavra de guardar segredo para com todos, inclusive a senhorita Modesta; pois — acrescentou, como ficha de consolação — poderia talvez sobrevir na minha vida tal mudança que me permitisse pedi-la sem dote.

— Juro-lhe — disse o coronel. — O senhor sabe com que ênfase o público, tanto o da província como o de Paris, fala das fortunas que se fazem e se desfazem. Amplia-se de modo igual a sorte e a desgraça, e nós não somos nunca nem tão infelizes nem tão felizes como dizem. No comércio, só estão seguros os capitais empregados em terras, depois de saldadas as contas. Espero com viva impaciência os relatórios dos meus agentes. A venda das mercadorias e do meu navio, a liquidação das minhas contas na China, nada disso ainda está concluído. Só saberei a quanto monta a minha fortuna daqui a dez meses. Não obstante, em Paris, garanti ao senhor La Brière um dote de duzentos mil francos, e em dinheiro à vista. Quero constituir um morgadio em terras e assegurar o futuro de meus netos, obtendo-lhes a transmissão de meus brasões e de meus títulos.

Desde o começo dessa resposta, Canalis não mais ouvia. Os quatro cavaleiros, que se achavam numa estrada bastante larga, seguiram em linha e alcançaram o planalto, de onde a vista se estendia por sobre a rica bacia do Sena, para os lados de Rouen, enquanto que para o outro lado os olhos ainda podiam ver o mar.

— Creio que Butscha tinha razão. Deus é um grande paisagista — disse Canalis, contemplando aquela perspectiva única entre as que tornam as

margens do Sena tão justamente famosas.

— É sobretudo nas caçadas, meu caro barão — respondeu o duque —, quando a natureza é animada por uma voz, por um tumulto no silêncio, que as paisagens, entrevistas então rapidamente, parecem verdadeiramente sublimes, com seus mutáveis efeitos.

— O sol é uma paleta inesgotável — disse Modesta, olhando para o poeta, como em estupefação.

A uma observação de Modesta a respeito do ar absorto em que via Canalis, ele respondeu que se estava entregando a pensamentos, uma escusa que os autores têm a mais do que os outros homens.

— Seremos nós bem felizes ao transportar nossa vida para o seio da sociedade, aumentando-a com mil desejos fictícios e com nossas vaidades superexcitadas? — disse Modesta ante o aspecto daquela rica e suave campanha, que aconselhava uma filosófica tranquilidade de existência.

— Essa bucólica, senhorita, sempre se escreveu em tábuas de ouro — disse o poeta.

— E talvez fosse concebida nas mansardas — replicou o coronel.

Depois de ter dirigido a Canalis um olhar perscrutador que ele não sustentou, Modesta sentiu, nos ouvidos, um ruído de campainhas, viu tudo sombrio e exclamou em tom glacial:

— Ah! Mas hoje é quarta-feira!

— Não é para lisonjear o capricho, certamente, passageiro da senhorita — disse solenemente o duque d'Hérouville, ao qual essa cena, trágica para Modesta, dera tempo de pensar: — Mas declaro que estou tão profundamente desgostado da sociedade, da Corte, de Paris, que, com uma duquesa d'Hérouville dotada com as graças e o espírito da senhorita, eu assumiria o compromisso de viver como filósofo no meu castelo, espalhando o bem em torno de mim, secando meus mangues, educando meus filhos...

— Isso, senhor duque, lhe será levado em conta — respondeu Modesta, detendo por muito tempo os olhos naquele nobre gentil-homem. — O

senhor me lisonjeia — continuou ela —, o senhor não me julga frívola e me atribui bastantes recursos próprios para viver na solidão. É esse talvez o meu destino — acrescentou, olhando para Canalis, com expressão de piedade.

— É o de todas as fortunas medíocres — respondeu o poeta. — Paris exige um luxo babilônico. Por vezes, a mim mesmo pergunto como pude até hoje satisfazê-lo.

— O rei pode responder por ambos — disse o duque com candura —, pois vivemos das bondades de Sua Majestade. Se, depois da queda do senhor Le Grand, como chamavam Cinq-Mars,[365] nós não tivéssemos conservado o seu cargo em nossa casa, teríamos necessidade de vender Hérouville ao Bando Negro.[366] Ah! Creia-me, senhorita, é uma grande humilhação para mim misturar questões financeiras com o meu casamento...

A simplicidade dessa confissão vinda do íntimo, e cujo lamento era sincero, comoveu Modesta.

— Hoje em França, senhor duque — disse o poeta —, ninguém é suficientemente rico para praticar a loucura de esposar uma mulher por seu valor pessoal, por suas graças, seu caráter e sua beleza...

O coronel, depois de ter examinado Modesta, cujo rosto não mostrava mais nenhum espanto, olhou para Canalis de um modo singular.

— Para pessoas de honra — disse então o coronel — é um belo emprego da riqueza destiná-la a reparar os ultrajes do tempo nas velhas casas históricas.

— Sim, papai — respondeu gravemente a moça.

LXI – CANALIS JULGA-SE DEMASIADAMENTE AMADO

O coronel convidou o duque e Canalis para jantar em sua casa, sem cerimônia, e com seus trajos de montaria, dando-lhes o exemplo.

Quando, no seu regresso, Modesta foi mudar de *toilette*, olhou curiosamente para a joia vinda de Paris e que tão cruelmente desdenhara.

— Como se trabalha hoje! — disse a Francisca Cochet, que se tornara sua camareira.

— E esse pobre rapaz, senhorita, que está com febre...

— Quem te disse?

— O sr. Butscha! Pediu-me que eu lhe observasse que a patroa sem dúvida já notara como ele cumprira com a sua palavra, e no dia marcado.

Modesta foi ao salão numa *toilette* de régia simplicidade.

— Meu querido pai — disse ela em voz alta, tomando o braço do coronel —, vá saber como vai o sr. de La Brière, e peço-lhe que lhe devolva o presente. O senhor poderá alegar que a minha pouca fortuna, tanto quanto os meus gastos, me impede de usar bagatelas que só convêm a rainhas ou a cortesãs. Aliás, nada posso aceitar senão de um noivo. Peça a esse excelente rapaz que conserve a chibata até que o senhor saiba se é suficientemente rico para lho resgatar.

— Minha filhinha, então, é um cofre de bom-senso? — disse o coronel, beijando-a na fronte.

Canalis aproveitou uma conversação que se estabelecera entre o duque d'Hérouville e a sra. Mignon para ir ao terraço, onde Modesta se lhe reuniu, atraída pela curiosidade, ao passo que ele a julgou trazida pelo desejo de ser sra. de Canalis. Assustado do impudor com que fizera o que os militares chamam *meia-volta volver*, e que, segundo a jurisprudência dos ambiciosos, todo homem na sua posição teria feito com igual subitaneidade, ele procurou razões plausíveis para dar, ao ver a infortunada Modesta.

— Querida Modesta — disse ele, afetando um tom carinhoso —, no ponto em que estamos, será desagradável lhe fazer notar quanto as suas respostas a propósito do senhor d'Hérouville são penosas para um homem que ama, mas sobretudo para um poeta, cuja alma é feminina, nervosa, e que sente os mil ciúmes de um amor verdadeiro? Eu seria um

triste diplomata se não tivesse percebido que as suas primeiras faceirices, suas inconsequências calculadas, tiveram por fim estudar nossos caracteres...

Modesta ergueu a cabeça com um movimento inteligente, rápido e faceiro, cujo tipo não existe, talvez, senão nos animais, em que o instinto produz milagres de graça.

— Por isso, ao voltar a casa, já não estava mais enganado. Maravilhava-me da sua fineza, em harmonia com o seu caráter e a sua fisionomia. Fique tranquila, nunca supus que tanta duplicidade fictícia fosse o invólucro de uma candura adorável. Não, o seu espírito, a sua instrução, nada roubaram a essa preciosa inocência que exigimos numa esposa. A senhora é bem a mulher de um poeta, de um diplomata, de um pensador, de um homem destinado a conhecer aventurosas situações na vida, e admiro-a tanto que sinto forte inclinação por si. Suplico-lhe, se não representou uma comédia para mim, ontem, quando aceitava a fé de um homem cuja vaidade se vai transformar em orgulho ao se ver escolhido pela senhora, homem cujos defeitos se tornarão qualidades ao seu divino contato, não fira nele o sentimento que ele extremou até o vício... Na minha alma o ciúme é um dissolvente, e a senhora revelou-me todo o poder que ele possui, que é terrível e tudo destrói... Oh! Não se trata do ciúme de um Otelo! — continuou ele, ante um gesto de Modesta — Nada disso!... Trata-se de mim mesmo; nesse ponto sou um corrompido. Conhece a afeição única a que devo a única felicidade que gozei na vida, aliás, bem incompleta! — (Meneou a cabeça.) — Entre todos os povos, pintam o amor como uma criança, porque ele a si próprio não se concebe sem uma vida inteira diante de si... Pois bem! Esse sentimento tinha seu fim, indicado pela natureza. Era um natimorto. A mais engenhosa maternidade adivinhou, acalmou esse ponto doloroso de meu coração, pois uma mulher que se sente, que se vê morrer para as alegrias do amor, tem condescendências angelicais: por isso a duquesa não me deu nenhum sofrimento desse gênero. Em dez anos, nem uma

palavra, nem um olhar foram desviados do seu alvo. Dou mais valor às palavras, aos pensamentos, aos olhares do que lhes atribuem as pessoas vulgares. Se para mim um olhar é um tesouro imenso, a menor dúvida é um veneno mortal, atua instantaneamente; não amo mais. A meu ver, e contrariamente ao da multidão que gosta de tremer, desejar, esperar, o amor deve residir numa segurança completa, infantil, infinita... Para mim, o delicioso purgatório, que as mulheres gostam de nos impor aqui na terra, com o seu coquetismo, é uma felicidade atroz a que me nego; para mim o amor é o céu ou o inferno. Do inferno não quero saber, e sinto-me com forças para suportar o eterno azul do paraíso: dou-me sem reservas, não terei nem segredos, nem dúvidas, nem enganos, na vida vindoura, e peço reciprocidade. Ofendo-a, talvez, ao duvidar de si! Lembre-se que nisto não lhe falo senão de mi...

— Muito; mas nunca será demasiado — disse Modesta, ferida por todos os espinhos daquele discurso, no qual a duquesa de Chaulieu servia de clava —; tenho o hábito de admirá-lo, meu caro poeta.

— Pois bem! Promete-me essa fidelidade canina que lhe ofereço? Não é belo? Não era o que queria?

— Por que, caro poeta, não procura para esposa uma muda que fosse cega e um pouco tola? Não desejo nada mais do que agradar em tudo ao meu marido; mas o senhor ameaça uma moça de lhe retirar a felicidade particular que lhe arranja, de lha retirar ao menor gesto, à mais inocente palavra, ao mais insignificante olhar! Corta as asas do pássaro e quer vê-lo a volitar. Eu bem sabia serem os poetas acusados de inconsequência. Oh! injustamente — disse ela, ante o gesto de denegação que fez Canalis —, pois esse pretenso defeito vem de não se dar conta o vulgo da vivacidade do espírito dos senhores poetas. Mas não acreditava que um homem de gênio inventasse as condições contraditórias de semelhante jogo e o denominasse: a vida! O senhor pede o impossível para ter o gosto de pegar-me em falta, como aqueles mágicos que, nos contos azuis, põem máculas nas jovens perseguidas, que as boas fadas socorrem.

— A fada, aqui, seria o amor verdadeiro — disse Canalis em tom seco, ao ver seu motivo de rusga desvendado por aquele espírito fino e delicado que Butscha tão bem pilotava.

— Neste momento, caro poeta, o senhor se parece com esses pais que se inquietam com o dote da filha antes de mostrar o do filho. O senhor se mostra exigente comigo sem saber se tem tal direito. O amor não se estabelece por meio de convenções secamente debatidas. O pobre duque d'Hérouville deixa-se levar com o desprendimento do tio Toby em Sterne, salvo a diferença de que eu não sou a viúva Wadman,[367] embora, neste momento, viúva de muitas ilusões sobre a poesia. Sim! Nós moças não queremos crer no que perturba o nosso mundo fantástico!... Preveniram-me a tempo! Ah! O senhor está buscando um pretexto indigno de si, não reconheço o Melquior de ontem.

— Por que o Melquior verificou na senhora uma ambição com a qual ainda conta...

Modesta mediu Canalis de alto a baixo com um olhar imperial.

— ... mas um dia eu serei embaixador e par de França, tal como ele.

— Toma-me por uma burguesa — disse ela, subindo a escada. Mas voltou-se com vivacidade: — É menos impertinente do que me tomar por tola. A mudança de suas maneiras tem sua razão de ser nas tolices que o Havre propala, e que Francisca, minha camareira, acaba de me transmitir.

— Ah! Modesta, como pode acreditar numa coisa dessas? — disse Canalis, tomando uma atitude dramática. — Acreditava-me então capaz de desposá-la unicamente pela sua fortuna?

— Se lhe faço essa injúria depois dos seus edificantes discursos às margens do Sena, depende do senhor desenganar-me e então eu serei tudo o que quiser que eu seja — disse ela, fulminando-o com o seu desdém.

— Se pensas pegar-me nessa armadilha, minha pequena — disse consigo o poeta, seguindo-a —, é que me crês mais jovem do que sou.

Afinal, para que tanto luxo com uma sonsinha cuja estima me importa tanto quanto a do rei de Bornéu! Mas, ao atribuir-me um sentimento ignóbil, ela dá razão à minha nova atitude. Como é ardilosa!... La Brière será encilhado, como um bobo alegre que é, e daqui a cinco anos muito riremos dele, com ela.

A frieza que essa altercação estabelecera entre Canalis e Modesta foi visível naquela mesma noite para todos os olhos. Canalis retirou-se cedo, pretextando a indisposição de La Brière, e deixou o campo livre para o Grande-Escudeiro. Cerca das onze horas, Butscha, que foi buscar a patroa, disse, sorrindo, a Modesta:

— Não tinha eu razão?

— Infelizmente, sim!

— Mas, de acordo com as nossas convenções, não deixou a porta entreaberta, de modo que ele pudesse voltar?

— Dominou-me a cólera — respondeu Modesta. — Tanta baixeza fez-me subir o sangue à cabeça e disse-lhe o que tinha de dizer.

— Pois tanto melhor! Quando os dois estiverem bem indispostos, a ponto de não mais se falarem gentilmente, encarrego-me de o deixar tão apaixonado e insistente que a senhora mesma se enganará.

— Deixe disso, Butscha, não vê que é um grande poeta, um gentil--homem, um homem de espírito?

— Os oito milhões de seu pai são mais do que tudo isso.

— Oito milhões?... — perguntou Modesta.

— Meu patrão, que vai vender o cartório, parte para a Provença, a fim de dirigir as aquisições que propõe Castagnould, o imediato de seu pai. A soma dos contratos a fazer para reconstituir o domínio de La Bastie ascende a quatro milhões de dote, e o coronel conta com mais um para a sua instalação em Paris, um palácio e o mobiliário! Calcule.

— Ah! posso ser duquesa d'Hérouville — disse Modesta, olhando para Butscha.

— Se não fosse esse comediante de Canalis, a senhorita teria

conservado a sua chibata, como sendo coisa minha — disse o amanuense advogando assim a causa de La Brière.

— Senhor Butscha, quereria o senhor, por acaso, casar-me a seu gosto? — disse Modesta rindo.

— Esse digno rapaz ama tanto como eu, a senhorita o amou durante oito dias, e é um homem de bom coração — respondeu o amanuense.

— E pode ele lutar contra um cargo da Coroa? Não existem senão seis: esmoler-mor, chanceler, camareiro-mor, grão-mestre, condestável, grande almirante; mas não se nomeiam mais condestáveis.

— Dentro de seis meses, senhorita, o povo, que se compõe de uma infinidade de Butschas maus, pode dar um sopro em todas essas grandezas. E, de resto, que significa a nobreza hoje? Não há, em França, mil verdadeiros gentis-homens. Os d'Hérouville descendem de um oficial de diligências de Roberto de Normandia. A senhorita terá muitos incômodos com essas duas solteironas de rosto laminado! Se faz questão do título de duquesa, a senhora é do Condado; o papa terá tantas contemplações para com a senhora como para com os mercadores, e ele lhe venderá qualquer ducado de nome terminado em *nia* ou em *agno*. Não jogue a sua felicidade por um cargo da Coroa.

LXII – UMA CARTA POLÍTICA

As reflexões de Canalis durante a noite foram inteiramente positivas. Não viu nada pior no mundo do que um homem casado sem fortuna. Ainda trêmulo pelo perigo que lhe fez correr a sua vaidade, posta em jogo perante Modesta, bem como o desejo de suplantar o duque d'Hérouville e a sua crença nos milhões do sr. Mignon, ele indagou consigo o que estaria pensando a duquesa de Chaulieu de sua estada no Havre, agravada por um silêncio epistolar de quinze dias, quando em Paris eles escreviam um ao outro quatro ou cinco cartas por semana.

— E a pobre mulher que está trabalhando para conseguir-me o cordão de comendador da Legião e o posto de ministro junto ao grão-duque de Bade! — exclamou ele.

Imediatamente, com essa vivacidade de decisão que, nos poetas como nos especuladores, resulta de uma viva intuição do futuro, sentou-se à mesa e escreveu a seguinte carta:

à sra. duquesa de chaulieu

Querida Eleonora, estarás sem dúvida admirada de não teres recebido ainda notícias minhas; mas a estada que aqui estou fazendo não tem somente por motivo a minha saúde, tratava-se de algum modo de saldar minha dívida para com o nosso pequeno La Brière. Esse pobre rapaz está caidinho por uma certa srta. Modesta de La Bastie, uma mocinha pálida, insignificante e complicada que, entre parênteses, tem o vício de amar a literatura e, para justificar seus caprichos, se diz poetisa, e tem também os repentes e as variações de um caráter bastante mau. Conheces Ernesto, é tão fácil enredá-lo que não o quis deixar só. A srta. de La Bastie coqueteou singularmente com o teu Melquior, estava muito disposta a se tornar tua rival, embora tenha os braços magros, ombros estreitos como todas as raparigas, cabelos mais desbotados do que os da sra. de Rochefide,[368] e uns olhinhos cinzentos muito suspeitos. Pus um alto-lá, talvez demasiado bruscamente, às graciosidades dessa imodesta; mas o amor único é assim. Que me importam as mulheres da Terra, se todas juntas não te valem?

As pessoas com quem passo o tempo e que formam o acompanhamento da herdeira são burgueses de dar náuseas. Lamenta-me, passo os meus serões com escrivães de notários, mulheres de notários, caixas, um usurário de província e, evidentemente, é grande a distância entre isto aqui e os serões da rue de Grenelle. A pretensa fortuna do pai que volta da China valeu-nos a presença do eterno pretendente, o Grande-Escudeiro, tanto mais faminto de milhões porquanto lhe são necessários, segundo dizem, seis ou sete para valorizar os famosos pântanos d'Hérouville. O rei não sabe quão fatal foi o presente que deu ao duque. Sua Graça, que não suspeita de como é diminuta a fortuna de seu desejado sogro, só tem ciúme de mim. La Brière vai se insinuando junto a seu ídolo, à sombra do seu amigo, que lhe serve de biombo. Não obstante os êxtases de Ernesto, eu, o poeta, penso no sólido; e as informações que acabo de ter sobre a fortuna tornam sombrio o futuro do nosso secretário, cuja noiva tem dentes inquietantemente afiados para qualquer espécie de fortuna. Se o meu anjo quer redimir alguns pecados nossos, procurará saber a verdade sobre estes assuntos,

mandando chamar e interrogando, com a habilidade que a caracteriza, o seu banqueiro Mongenod. O sr. Mignon, antigo coronel de cavalaria na guarda imperial, foi durante sete anos correspondente da casa Mongenod. Fala-se em duzentos mil francos, de dote, quando muito, e eu desejava, antes de fazer o pedido da senhorita para Ernesto, possuir dados positivos. Logo que nossa gente se puser de acordo, voltarei a Paris. Conheço o meio de fazer com que tudo acabe em benefício do nosso apaixonado; trata-se de obter a transmissão do título de conde ao genro do sr. Mignon, e ninguém mais do que Ernesto, em razão dos seus serviços, está em condições de obter esse favor, sobretudo auxiliado por nós três, tu, o duque e eu. Com os seus gostos, Ernesto, que facilmente se tornará chefe de contabilidade, viverá muito feliz em Paris, ao ver-se senhor de vinte e cinco mil francos por ano, de um cargo inamovível e de uma mulher, o desgraçado!

Oh! Querida, quanto me tarda rever a rue de Grenelle! Quinze dias de ausência, quando não matam o amor, restituem-lhe os ardores dos primeiros dias, e, melhor do que eu, sabes, talvez, os motivos que tornam eterno o meu amor. Meus ossos, no túmulo, ainda te amarão! Também lá não me sentiria à vontade! Se me vir forçado a ficar ainda dez dias, irei por algumas horas a Paris.

O duque conseguiu o necessário para que eu me enforque? E tu, minha vida, precisarás tomar tuas águas em Baden no ano que vem? Os arrulhos do nosso belo tenebroso, comparados aos acentos do amor feliz, sempre idêntico a si mesmo, em todos os momentos, fará em breve dez anos, deram-me grande desprezo pelo casamento; nunca tinha visto essas coisas de tão perto! Ah! Querida, o que se denomina a falta liga dois seres muito melhor do que a lei, não é?

Essa ideia serviu de texto para duas páginas de recordações e de aspirações demasiado íntimas para que seja permitido publicá-las.

LXIII – UM CASAL ARISTOCRÁTICO

Nas véspera do dia em que Canalis pôs esta carta no correio, Butscha, que respondeu sob o nome de João Jacmin a uma carta da sua suposta prima Filóxena, deu a esta resposta doze horas de adiantamento sobre a carta do poeta. No cúmulo da inquietação, fazia quinze dias, e ferida com o silêncio de Melquior, a duquesa, que ditara a carta de Filóxena ao primo, acabava de tomar informações exatas sobre a fortuna do coronel Mignon,

depois da leitura da resposta do escrivão, um pouco decisiva demais para um amor-próprio quinquagenário. Vendo-se traída e abandonada por milhões, Eleonora estava em pleno paroxismo de raiva, de ódio e de fria maldade. Filóxena bateu para entrar no suntuoso quarto de sua senhora, encontrou-a com os olhos cheios de lágrimas e ficou estupefata ante aquele fenômeno sem precedentes nos quinze anos em que a servia.

— Expia-se a felicidade de dez anos em dez minutos! — exclamava a duquesa.

— Uma carta do Havre, senhora.

Eleonora leu a prosa de Canalis sem se aperceber da presença de Filóxena, cujo espanto aumentou ao ver voltar a serenidade ao rosto da duquesa, à medida que se adiantava na leitura da carta. Estendam para um homem que se está afogando uma vara da grossura de uma bengala, e ele verá nela uma estrada real de primeira classe; por isso a feliz Eleonora acreditou na boa-fé de Canalis ao ler aquelas quatro páginas em que se acotovelavam o amor e os negócios, a verdade e a mentira. Ela que, depois do banqueiro sair, acabava de mandar chamar o marido para impedir a nomeação de Melquior se ainda estivesse em tempo, foi invadida por um sentimento generoso que ascendeu ao sublime.

— Pobre rapaz! — pensou. — Não teve o menor pensamento mau! Ama-me como no primeiro dia, diz-me tudo. Filóxena! — chamou ela, ao ver sua primeira camareira de pé e que parecia estar arrumando o toucador.

— Senhora duquesa?

— Minha filha, traze-me o espelho.

Eleonora mirou-se, viu as finas rugas da fronte e que desapareciam à distância, suspirou, pois acreditava que com aquele suspiro dizia adeus ao amor. Concebeu então um pensamento viril, alheio às pequenezas femininas, um pensamento que inebria por alguns momentos, e cuja embriaguez pode explicar a demência da Semíramis do Norte quando casou sua jovem e bela rival com Momonoff.[369]

— Uma vez que ele não tem falta nenhuma, quero fazer com que obtenha a rapariga e os milhões — pensou ela —, se essa pequena Mignon é tão feia como ele diz.

Três pancadas elegantemente batidas anunciaram o duque, a quem sua mulher foi abrir a porta, em pessoa.

— Ah! Já está melhor, querida? — exclamou ele com essa voz fingida que os cortesãos tão bem sabem modular, e com cuja expressão os tolos se deixam embair.

— Meu caro Henrique — respondeu ela —, é verdadeiramente inconcebível que você não tenha obtido ainda a nomeação de Melquior, você que se sacrificou pelo rei, no seu ministério de um ano, sabendo que este duraria apenas esse tempo...

O duque olhou Filóxena, e a camareira com um sinal quase imperceptível mostrou a carta do Havre que estava sobre o toucador.

— Você vai aborrecer-se muito na Alemanha, e voltará de lá indisposta com Melquior — disse ingenuamente o duque.

— E por quê?

— Pois não vão estar sempre juntos? — respondeu o antigo embaixador com uma cômica bonomia.

— Oh! Não — disse ela —, eu vou casá-lo.

— Se devemos crer em d'Hérouville, o nosso querido Canalis não espera os seus bons ofícios — replicou o duque, sorrindo. — Ontem, Grandlieu leu-me trechos de uma carta que o Grande-Escudeiro lhe escreveu e que sem dúvida era redigida pela tia em sua intenção; pois a srta. d'Hérouville, sempre à caça de um dote, sabe que Grandlieu e eu jogamos uíste quase todas as noites. Esse bom lazer o d'Hérouville pede ao príncipe de Cadignan para que vá fazer uma caçada real na Normandia, recomendando-lhe que leve o rei para virar a cabeça à donzela, quando se vir metida em semelhante cavalgata. De fato, duas palavras de Carlos x arranjariam tudo. D'Hérouville diz que a moça é de uma incomparável beleza...

— Henrique, vamos ao Havre! — disse a duquesa, interrompendo o marido.

— Sob que pretexto? — perguntou gravemente aquele homem que fora um dos confidentes de Luís xviii.

— Nunca vi uma caçada.

— Estaria bem se o rei fosse, mas é uma maçada ir caçar tão longe, e ele não irá, acabo de falar-lhe no assunto.

— Madame[370] poderia ir...

— Isso já é mais provável — replicou o duque —, e a duquesa de Maufrigneuse[371] pode ajudá-la a fazer com que ela saia de Rosny. O rei concordaria então com que se servissem das suas equipagens de caça. Não vá ao Havre, querida — disse paternalmente o duque —, isso seria comprometer-se. Olhe, eis aqui, creio eu, um meio melhor. Gaspard tem do outro lado da floresta de Brotonne o seu castelo de Rosembray; por que não lhe insinuar que receba toda essa gente?

— Por quem? — perguntou Eleonora.

— Mas a sua esposa, a duquesa, que é unha e carne com a senhorita d'Hérouville, poderia, induzida por essa solteirona, fazer o pedido a Gaspard.

— Você é um homem adorável — disse Eleonora. — Vou escrever um bilhete à velha e a Diana, pois precisamos fazer trajos de caçada. Aquele chapeuzinho rejuvenesce extraordinariamente. Ganhou ontem em casa do embaixador da Inglaterra?

— Sim — disse o duque —, desquitei-me.

— Sobretudo, Henrique, suspenda todas as providências às duas nomeações de Melquior.

LXIV – ONDE SE DEMONSTRA QUE NEM SEMPRE SE DEVE JOGAR DIREITO COM AS SENHORAS

Depois de ter escrito dez linhas à bela Diana de Maufrigneuse e uma palavra de aviso à srta. d'Hérouville, Eleonora zurziu a seguinte resposta, como uma chicotada, através das mentiras de Canalis.

ao sr. barão de canalis

Meu caro poeta, a srta. de La Bastie é muito bela, Mongenod demonstrou-me que o pai tem oito milhões; eu pensava casar você com ela; fico, pois, muito ressentida consigo por sua falta de confiança. Se tinha intenção de casar La Brière quando foi ao Havre, não compreendo por que não me disse isso antes de partir. E por que ficar quinze dias sem escrever a uma amiga que se inquieta tão facilmente como eu? Sua carta chegou um pouco tarde; eu já tinha falado com o nosso banqueiro. Você é uma criança, Melquior; trapaceia conosco. Não está direito. O próprio duque está indignado com o seu procedimento; acha-o pouco gentil-homem, o que põe em dúvida a honra da senhora sua mãe.

Agora, desejo ver as coisas com os meus próprios olhos. Terei a honra, creio, de acompanhar *Madame* à caçada que o duque d'Hérouville prepara para a srta. de La Bastie; arranjar-me-ei para que você seja convidado a ficar em Rosembray, pois o *rendez-vous* de caça será provavelmente em casa do duque de Verneuil.[372]

Creia bem, meu caro poeta, que nem por isso deixo de ser, para toda a vida.

Sua amiga
eleonora de m.

— Toma, Ernesto — disse Canalis, atirando a La Brière, e por cima da mesa, aquela carta que recebera durante o almoço —; é esta a carta amorosa número dois mil que recebo dessa mulher e não tem um único tu! A ilustre Eleonora nunca se comprometeu mais do que fez aqui... Casa-te, anda! O pior dos casamentos é melhor do que o mais suave desses cabrestos!... Ah! Sou o maior Nicodemo[373] que já caiu da lua! Modesta tem milhões, está perdida para sempre para mim, porque não se volta dos polos, onde estamos, para os trópicos onde estávamos há três dias! Assim, pois, anseio tanto mais por teu triunfo sobre o Grande-Escudeiro, por ter dito à duquesa que vim só por teu interesse: e assim vou trabalhar por ti.

— Ai de mim! Melquior, seria preciso que Modesta tivesse um caráter

tão grande, tão bem formado, tão nobre, para resistir ao espetáculo da Corte e dos esplendores tão habilmente exibidos em sua honra e glória pelo duque, que não creio na existência de semelhante perfeição; e, contudo, se ela é ainda a Modesta das suas cartas, haverá esperança...

— Como és feliz, jovem Bonifácio,[374] por veres o mundo e tua namorada com esses óculos verdes! — exclamou Canalis, retirando-se para o jardim.

O poeta, apanhado entre duas mentiras, não sabia mais o que fazer.

— Vai-se jogar conforme as regras e perde-se! — exclamou, sentado no quiosque. — Seguramente, qualquer homem sensato teria agido como eu, há quatro dias, e se teria retirado da armadilha onde me via preso; pois, em tais casos, não se perde tempo em desatar; corta-se!... Vamos, permaneçamos calmos, fico digno, ofendido. A honra não me permite proceder de outra forma; e uma rigidez inglesa é o único meio de reconquistar a estima de Modesta. Afinal de contas, se eu me retiro de lá a fim de voltar para a minha velha felicidade, minha fidelidade de dez anos será recompensada, Eleonora me casará bem!

LXV – O VERDADEIRO AMOR

A caçada devia ser o *rendez-vous* de todas as paixões em jogo pela fortuna do coronel e pela beleza de Modesta; por isso viu-se como que uma trégua entre todos os adversários. Durante os poucos dias exigidos pelos preparativos daquela solenidade florestal, o salão da vila Mignon ofereceu o tranquilo aspecto de uma família muito unida. Canalis, entrincheirado no seu papel de homem ferido por Modesta, quis mostrar-se cortês; abandonou suas pretensões, não deu mais nenhuma amostra do seu talento oratório e tornou-se o que são as pessoas de espírito, quando renunciam às suas afetações — encantador. Com Gobenheim ele conversava sobre finanças; sobre guerra com o coronel; sobre a

Alemanha com o sr. Mignon e sobre quefazeres domésticos com a sra. Latournelle, tentando conquistá-los para La Brière. O duque d'Hérouville seguidamente deixava o campo livre para os dois amigos, porque era obrigado a ir a Rosembray conferenciar com o duque de Verneuil e velar pela execução das ordens do Monteiro-Mor, o príncipe de Cadignan. Entretanto, não houve falta do elemento cômico. Modesta viu-se entre as atenuações que Canalis interpunha à galantaria do Grande-Escudeiro e os exageros das duas srtas. d'Hérouville, que compareciam todas as tardes. Canalis fazia Modesta sentir que, em vez de ser a heroína da caçada, mal seria notada. *Madame* vinha acompanhada da duquesa de Maufrigneuse, nora do Monteiro-Mor, da duquesa de Chaulieu, de algumas damas da Corte, entre as quais uma mocinha não causaria sensação. Convidariam seguramente alguns oficiais da guarnição de Rouen etc. Helena não cessava de repetir àquela a quem já considerava sua cunhada que seria apresentada à *Madame*; que o duque de Verneuil certamente convidaria, a ela e ao pai, para ficarem em Rosembray; que, se o coronel quisesse obter uma graça do rei, o pariato, aquela oportunidade seria única, pois não perdiam a esperança da presença do rei, no terceiro dia; que ela ficaria surpreendida com o encantador acolhimento que lhe fariam as mais belas mulheres da Corte, as duquesas de Chaulieu, de Maufrigneuse, de Lenoncourt-Chaulieu etc. Disse mais que as prevenções de Modesta contra o Faubourg Saint-Germain se dissipariam etc., etc. Foi uma pequena guerra extraordinariamente divertida por suas marchas e contramarchas, seus estratagemas, com o que se distratam os Dumay, os Latournelle, Gobenheim e Butscha, os quais, todos, em pequeno cenáculo, diziam perfídias horríveis dos nobres, e notavam suas baixezas, sábias e cruelmente estudadas.

Os dizeres do partido d'Hérouville foram confirmados por um convite, redigido em termos lisonjeiros, do duque de Verneuil e do Monteiro-Mor de França, ao senhor conde de La Bastie e à sua filha, para irem assistir a uma grande caçada em Rosembray, nos dias 7, 8, 9 e 10 de novembro

próximo.

La Brière, cheio de pressentimentos funestos, gozava da presença de Modesta, com esse sentimento de avidez concentrada, cujos acerbos prazeres somente são conhecidos pelos amorosos fatalmente separados. Esses clarões de felicidade somente dele, entremeados de meditações melancólicas sobre o tema “Ela está perdida para mim!”, fizeram daquele jovem um espetáculo tanto mais comovedor por estarem sua fisionomia e sua pessoa em harmonia com um sentimento profundo. Nada mais poético do que uma elegia animada, que tem olhos, que caminha e que suspira sem rimas.

Finalmente, o duque d’Hérouville veio combinar a partida de Modesta, a qual, depois de atravessar o Sena, devia ir na caleça do duque em companhia das srtas. d’Hérouville. O duque foi de uma cortesia admirável; convidou Canalis e La Brière, observando-lhes, bem como ao sr. Mignon, que tivera o cuidado de pôr à sua disposição cavalos para a caçada. O coronel convidou os três pretendentes para almoçar, na manhã da partida. Canalis resolveu, então, pôr em execução um projeto amadurecido durante os últimos dias, o de reconquistar surdamente Modesta, ludibriar a duquesa, o Grande-Escudeiro e La Brière. Um estudante de diplomacia não podia ficar atolado na situação em que ele se achava. Por sua vez La Brière resolvera dizer um eterno adeus a Modesta. Desse modo, cada pretendente pensava insinuar sua última palavra, como o pleiteante ao juiz antes da sentença, por pressentir o fim de uma luta que durava fazia três semanas. Depois de jantar, na véspera, o coronel pegou a filha pelo braço e lhe fez sentir a necessidade de se pronunciar.

— Nossa situação com a família d’Hérouville ficaria intolerável em Rosembray — disse-lhe ele. — Queres ser duquesa?

— Não, meu pai — respondeu ela.

— Amas, pois, Canalis?

— Seguramente que não, meu pai! Mil vezes não! — disse ela com

impaciência de criança.

O coronel olhou para Modesta com uma espécie de alegria.

— Ah! Eu não te influenciei — exclamou aquele bom pai. — Posso agora confessar-te que, desde Paris, eu tinha escolhido meu genro, quando, ao fazer-lhe crer que eu não tinha fortuna, ele saltou-me ao pescoço, dizendo-me que eu lhe tirava um peso de cem libras de cima do coração...

— De quem fala o senhor? — perguntou Modesta, corando.

— *Do homem de virtudes positivas, de firme moralidade* — disse ele zombeteiramente, repetindo a frase que, no dia seguinte ao seu regresso, dissipara os sonhos de Modesta.

— Ora! Eu não estava pensando nele, papai! Deixe-me com liberdade para eu mesma recusar o duque; conheço-o, sei como lisonjeá-lo.

— Tua escolha então ainda não está feita?

— Ainda não. Resta-me adivinhar ainda algumas sílabas na charada do meu futuro; mas, depois de ter visto a Corte através de um claro, eu lhe direi meu segredo em Rosembray.

— O senhor irá à caçada, não é? — gritou o coronel ao ver ao longe La Brière que vinha pela aleia, onde ele estava passeando com Modesta.

— Não, coronel — respondeu Ernesto. — Venho trazer-lhes as minhas despedidas, ao senhor e à senhorita... pois volto para Paris...

— O senhor não é curioso — disse Modesta, interrompendo e olhando para o tímido Ernesto.

— Bastaria, para fazer-me ficar, a manifestação de um desejo que não ouso esperar — replicou ele.

— Se é só isso, o senhor me daria prazer, a mim — disse o coronel, indo ao encontro de Canalis e deixando a filha e o pobre Ernesto juntos por um instante.

— Senhorita — disse este, erguendo os olhos para ela com a ousadia de um homem sem esperanças —, tenho um pedido a fazer-lhe.

— A mim?

— Que eu possa levar o seu perdão! Minha vida não será jamais feliz, tenho o remorso de haver perdido a felicidade, sem dúvida por culpa minha; mas, pelo menos...

— Antes de nos separarmos para sempre — respondeu Modesta com voz comovida, interrompendo-o à moda de Canalis — só quero saber do senhor uma única coisa; e se uma vez usou de um disfarce, não acredito que desta vez tenha a baixeza de me enganar...

A palavra baixeza fez Ernesto empalidecer, exclamando:

— A senhorita é impiedosa!

— Será franco?

— A senhorita tem direito de me fazer uma pergunta tão degradante como essa — disse ele com voz enfraquecida por uma violenta palpitação.

— Pois bem! Leu minhas cartas ao sr. de Canalis?

— Não, senhorita; e se as dei a ler ao coronel, foi para justificar minha afeição e mostrar-lhe como esta nascera, e como tinham sido sinceras as minhas tentativas para ver se a curava da sua fantasia.

— Mas como surgiu a ideia dessa ignóbil mascarada? — disse ela, com certa impaciência.

La Brière contou com toda a sinceridade a cena a que dera lugar à primeira carta de Modesta, a espécie de desafio que daí resultara, em consequência da boa opinião dele, Ernesto, em favor de uma moça atraída para a glória como uma planta em busca do sol.

— Basta — respondeu Modesta com contida emoção. — Se o senhor não tem o meu coração, tem, contudo, toda a minha estima.

Essa simples frase causou o mais profundo abalo em La Brière. Ao sentir que cambaleava, apoiou-se num arbusto, como um homem que tivesse perdido o juízo. Modesta, que se ia retirando, virou a cabeça e voltou precipitadamente.

— Que tem? — disse ela, segurando-o pela mão e impedindo-o de cair.

Modesta sentiu uma mão gelada e viu um rosto branco como um lírio, pois o sangue de Ernesto refluíra todo para o coração.

— Perdão, senhorita... Eu acreditava ser tão desprezado...

— Mas — replicou ela com desdenhosa altivez — eu não disse que o amava.

E novamente deixou La Brière, que, apesar da dureza dessa frase, julgou pairar no espaço. A terra se amaciava sob os seus pés, as árvores lhe pareciam carregadas de flores, o céu estava cor-de-rosa, e o ar pareceu-lhe azulado como nos templos de himeneu, no final das peças feéricas que acabam bem. Nessas situações, as mulheres são como Jano, [375] veem o que se passa às suas costas, sem se voltarem; e Modesta percebeu na atitude daquele apaixonado os irrecusáveis sintomas de um amor à feição de Butscha, o que certamente é o *nec-plus-ultra* dos desejos de uma mulher. Por isso o alto valor dado à sua estima por La Brière causou a Modesta uma emoção de infinita doçura.

— Senhorita — disse Canalis, deixando o coronel e dirigindo-se para Modesta —, apesar do pouco caso que faz dos meus sentimentos, exige a minha honra que se apague uma mancha que por demasiado tempo nela sofri. Cinco dias depois de minha chegada, eis o que me escrevia a duquesa de Chaulieu.

Fez Modesta ler as primeiras linhas, em que a duquesa dizia ter visto Mongenod e querer casar Melquior com Modesta; depois entregou-as à moça após ter rasgado o resto.

— Não lhe posso deixar ver o resto — disse ele, pondo o papel no bolso —, mas confio à sua delicadeza essas poucas linhas a fim de que possa verificar a letra. A moça que me atribuiu sentimentos ignóbeis é bem capaz de crer em algum conluio ou estratagema. Isso pode provar-lhe quanto faço questão de lhe demonstrar que a querela que ainda subsiste entre nós não teve por base, de minha parte, um vil interesse. Oh! Modesta — disse ele com lágrimas nos olhos —, o seu poeta, o poeta da sra. de Chaulieu, não tem menos poesia no coração do que a que tem no pensamento. Verá a duquesa, suspenda, até então, o seu juízo.

E deixou Modesta atônita.

— Ora essa! Ei-los todos uns anjos — disse ela —; são indesposáveis, somente o duque é humano.

— Srta. Modesta, esta caçada me inquieta — disse Butscha, que apareceu trazendo um embrulho embaixo do braço. — Sonhei que o seu cavalo tomara o freio nos dentes e fui a Rouen buscar um freio espanhol, pois me disseram que com este nunca um cavalo poderia disparar; suplico-lhe que o ponha no animal; eu o mostrei ao coronel, que me agradeceu mais do que isso merece.

— Pobre querido Butscha! — exclamou Modesta comovida até às lágrimas com aquele cuidado maternal.

Butscha se foi saltitando, como um homem a quem acabassem de participar a morte de um tio do qual receberia herança.

— Meu querido pai — disse Modesta, ao entrar no salão —, eu quisera obter a bonita chibata... se o senhor propusesse ao sr. de La Brière para trocá-la pelo seu quadro de Van Ostade...[376]

Modesta olhou dissimuladamente para Ernesto, enquanto o coronel fazia a este a proposta, em frente ao quadro, única coisa que ele possuía como recordação das suas campanhas, e que comprara a um burguês em Rastisbona.

— Ele irá à caçada! — disse ela consigo, ao ver a precipitação com que La Brière deixou a sala.

Coisa estranha, os três adoradores de Modesta foram para Rosembray, com o coração cheio de esperanças e encantados com as adoráveis perfeições da moça.

LXVI – ENTRADA POMPOSA DE MODESTA EM ROSEMBRAY

Rosembray, terra recentemente comprada pelo duque de Verneuil, com a quantia que lhe tocou no bilhão votado para legitimar a venda dos bens nacionais,[377] é notável por um castelo de magnificência comparável ao

de Mesniére e de Balleroy. Chega-se a esse imponente e nobre edifício por uma imensa alameda de quatro fileiras de olmos seculares, e atravessa-se um vasto pátio de honra, em declive, como o de Versalhes, com magníficas grades, dois pavilhões para os porteiros, e ornado de grandes laranjeiras em caixões. Para o pátio, o castelo apresenta, entre dois corpos em ângulos, duas ordens de dezenove janelas altas de arcos esculpidos, vidraças de pequenos vidros e separadas por uma colunata embutida e estriada. Um entablamento de balaústres esconde um telhado à italiana, de onde saem chaminés de pedras de cantaria, tapadas por troféus de armas, pois Rosembray foi edificado no reinado de Luís xiv por um recebedor-geral chamado Cottin. Do lado do parque, a fachada distingue-se da do pátio por um puxado de cinco janelas com colunas, por cima das quais se vê um magnífico frontão.

A família de Marigny,[378] para a qual os bens desse Cottin foram levados pela srta. Cottin, única herdeira do pai, mandou esculpir nele um nascer do sol por Coysevox.[379] Abaixo, dois anjos desenrolam uma fita onde se lê este lema, substituído ao antigo, em honra do grande rei: *Sol nobis benignus*.[380] O grande rei fizera duque o marquês de Marigny, que era um dos seus mais insignificantes favoritos.

Da entrada, de grandes escadas circulares com balaústres, a vista se estende sobre um imenso lago, tão comprido e largo como o grande canal de Versalhes e que começa na parte baixa de um relvado digno dos mais britânicos gramados, cercado de canteiros onde brilhavam então as flores do outono. De cada lado, dois jardins à francesa exibem seus canteiros, suas alamedas, suas belas páginas escritas no mais majestoso estilo Le Nôtre.[381] Esses dois jardins são enquadrados em todo o seu comprimento por uma orla de matas de cerca de trinta arpentos, onde, no reinado de Luís xv, desenharam parques, à inglesa. Do terraço, a vista se detém, ao fundo, numa floresta dependente de Rosembray, e contígua a duas florestas, uma do Estado e a outra da Coroa. É difícil encontrar paisagem mais bela.

A chegada de Modesta causou certa sensação na avenida, na qual se viu uma carruagem com a libré da França, acompanhada pelo Grande-Escudeiro, o coronel, Canalis e La Brière, todos a cavalo, precedidos de um picador em grande libré, seguidos de dez lacaios entre os quais se notavam o mulato, o negro e a elegante *briska*[382] do coronel para as duas camareiras e os pacotes. A carruagem de quatro cavalos era guiada por condutores montados, vestidos luxuosamente, por ordem do Grande-Escudeiro, muitas vezes mais bem servido do que o rei. A entrar, e vendo aquele pequeno Versalhes, Modesta, deslumbrada com a magnificência dos grão-senhores, pensou de súbito na sua entrevista com as famosas duquesas e teve medo de parecer contrafeita, provinciana ou arrivista; perdeu completamente o tino e arrependeu-se de ter desejado aquela caçada.

Quando o carro parou, muito felizmente, Modesta viu um velho de peruca loura encrespada com pequenos cachos, cujo rosto calmo, cheio, liso, oferecia um sorriso paternal e a expressão de uma jovialidade monástica, tornada quase digna por um olhar semivelado. A duquesa, mulher de grande devoção, filha única de um primeiro presidente riquíssimo, e falecido em 1800, seca, muito ereta, mãe de quatro filhos, parecer-se-ia com a sra. Latournelle, se a imaginação consentisse em embelezar a notária com todas as graças de uma atitude verdadeiramente abacial.

— Ora, bom dia, querida Hortênsia — disse a srta. d'Hérouville que abraçou a duquesa com toda a simpatia que ligava aqueles dois caracteres altivos —, permita que lhe apresente, bem como ao nosso querido duque, este pequeno anjo, a srta. de La Bastie.

— Falaram-nos tanto da senhorita — disse a duquesa — que tínhamos grande ansiedade em tê-la aqui.

— Lamentaremos o tempo perdido — disse o duque de Verneuil, inclinando a cabeça com galante admiração.

— O senhor conde de La Bastie — disse o Grande-Escudeiro,

segurando o coronel pelo braço e apresentando-o ao duque e à duquesa, com um quê de respeito no gesto e nas palavras.

O coronel saudou a duquesa, e o duque apertou-lhe a mão.

— Sede bem-vindo, senhor conde — disse o sr. de Verneuil —; possuis muitos tesouros — acrescentou, olhando para Modesta.

LXVII – UMA CÓLERA DE DUQUESA

A duquesa tomou Modesta pelo braço e conduziu-a a um imenso salão, onde se achavam agrupadas diante da lareira umas dez senhoras. Os homens, levados pelo duque, passeavam no terraço, com exceção de Canalis, que foi respeitosamente para junto da soberba Eleonora. A duquesa, sentada junto a um bastidor de tapeçaria, dava conselhos à srta. de Verneuil, sobre o modo de matizar.

Se Modesta tivesse atravessado o dedo com uma agulha ao pôr a mão num novelo, não se teria sentido tão vivamente atingida, como o foi pelo olhar glacial, altaneiro, cheio de desprezo, que lhe dirigiu a duquesa. No primeiro momento, não viu mais do que aquela mulher, adivinhou-a. Para saber até que ponto vai a crueldade dessas encantadoras criaturas que as nossas paixões tanto enaltecem, é preciso ver as mulheres entre si. Modesta teria desarmado qualquer outra que não Eleonora, com a sua pasmada e involuntária admiração; pois, se não lhe conhecesse a idade, ela julgaria estar vendo uma mulher de trinta e seis anos; mas estavam-lhe reservados outros espantos.

O poeta esbarrava, então, contra uma cólera de grande dama. Semelhante cólera é a mais atroz das esfinges; o rosto é radioso, tudo o mais é bravio. Os próprios reis não sabem como fazer capitular a polidez elegante de frieza que uma amante oculta então sob uma armadura de aço. A deliciosa cabeça de mulher sorri, e ao mesmo tempo o aço morde, a mão é de aço, o braço, o corpo, tudo é de aço. Canalis tentava agarrar-se

àquele aço, mas seus dedos escorregavam sobre ele, como suas palavras sobre o coração. E a cabeça graciosa, e a frase graciosa, e a atitude graciosa da duquesa disfarçavam, para todos os olhares, o aço de sua cólera, descida a vinte e cinco graus abaixo de zero. O aspecto da sublime beleza de Modesta, aformoseada pela viagem, a vista daquela moça tão bem-vestida como Diana de Maufrigneuse, tinham inflamado a pólvora acumulada pela reflexão na cabeça de Eleonora.

Todas as mulheres tinham ido à janela para ver descer da carruagem a maravilha do dia, acompanhada de seus três adoradores.

— Não mostremos um ar tão curioso — dissera a sra. de Chaulieu, mortalmente atingida no coração por estas palavras de Diana: — Ela é divina! De onde saiu aquilo? — e tinham-se eclipsado para o salão, onde cada uma retomara a sua atitude, e onde a duquesa de Chaulieu sentiu no coração mil víboras, que pediam todas, ao mesmo tempo, a sua presa.

A srta. d'Hérouville disse em voz baixa à duquesa de Verneuil e intencionalmente:

— Eleonora recebeu muito mal o seu grande Melquior.

— A duquesa de Maufrigneuse acredita que estão um pouco frios um com o outro — respondeu com simplicidade Laura de Verneuil.

Não é admirável essa frase, tantas vezes dita nos salões? Sente-se nela o vento gelado do polo.

— E por quê? — perguntou Modesta àquela encantadora jovem saída do Sacré-Coeur fazia dois meses.

— O grande homem — respondeu a devota duquesa, que fez sinal à filha para que se calasse — deixou-a sem uma linha durante quinze dias, após a sua partida para o Havre, e depois de lhe dizer que lá fora por causa da saúde.

Modesta deixou escapar um gesto que impressionou Laura, Helena e a srta. d'Hérouville.

— E durante esse tempo — continuava a devota duquesa — ela o fazia nomear comendador e ministro em Baden.

— Oh! É malfeito da parte de Canalis, pois lhe deve tudo — disse a srta. d'Hérouville.

— Por que não foi a sra. de Chaulieu ao Havre? — perguntou Modesta, ingenuamente, a Helena.

— Minha filha — disse a duquesa de Verneuil —, ela é mulher de se deixar assassinar sem proferir uma palavra. Olhe-a! Que rainha! Com a cabeça sobre o cepo, continuaria a sorrir, como o fez Maria Stuart; e a nossa bela Eleonora tem, de resto, esse sangue nas veias.

— Ela não lhe escreveu? — perguntou Modesta.

— Diana — respondeu a duquesa, impelida às confidências por uma cotovelada da srta. d'Hérouville — disse-me que ela dera, à primeira carta que Canalis lhe escreveu, há dez dias, uma resposta sangrenta.

Essa explicação fez Modesta corar de vergonha por Canalis; desejou não esmagá-lo sob os pés, mas vingar-se com uma dessas malícias mais cruéis do que punhaladas. Olhou com altivez para a duquesa de Chaulieu. Foi um olhar dourado por oito milhões.

— Senhor Melquior! — disse ela.

Todas as mulheres ergueram o nariz e dirigiram os olhos, alternativamente para a duquesa, que estava conversando em voz baixa, no bastidor, com Canalis, e para aquela moça bastante mal-educada para perturbar dois amantes que estão brigando, o que não se faz em parte alguma. Diana de Maufrigneuse meneou a cabeça como quem diz: "A menina está no seu direito!". As doze mulheres acabaram sorrindo entre si, pois todas invejavam uma mulher de cinquenta e seis anos, bastante bela ainda para poder prover-se no tesouro comum e dele roubar um quinhão de jovem. Melquior olhou para Modesta com impaciência febril e com um gesto de senhor para com o servo, ao passo que a duquesa baixava a cabeça com um movimento de leoa interrompida no seu festim; mas seus olhos fixos na tapeçaria lançaram chamas quase rubras sobre o poeta, revolvendo-lhe o coração a golpes de epigramas, pois cada palavra se explicava por uma tríplice injúria.

LXVIII – UMA MALÍCIA DE MOÇA

— Senhor Melquior! — repetiu Modesta, com voz que tinha o direito de se fazer ouvir.

— Que é, senhorita? — perguntou o poeta.

Obrigado a levantar-se, ficou de pé a meio caminho do bastidor que se achava junto de uma janela, e da lareira perto da qual Modesta estava sentada, no canapé da duquesa de Verneuil. Que pungentes reflexões não terá feito aquele ambicioso, quando recebeu um olhar fixo de Eleonora? Obedecer a Modesta era pôr ponto final irremediável entre ele e sua protetora. Não atender à moça era confessar sua servidão e anular o proveito de seus vinte e cinco dias de baixezas, além de fugir às mais simples leis da civilidade pueril e honesta. Quanto maior a tolice, tanto mais imperiosamente a duquesa a exigia. A beleza, a fortuna de Modesta, postas em confronto com a influência e os direitos de Eleonora, tornaram essa hesitação, entre o homem e a sua honra, tão terrível de assistir como o perigo do matador na arena. Um homem só encontra palpitações semelhantes a essas que podiam produzir um aneurisma em Canalis diante do pano verde, ao ver sua fortuna ou sua ruína decididas em cinco minutos.

— A srta. d'Hérouville fez-me deixar tão apressadamente o carro que lá deixei meu lenço — disse Modesta a Canalis.

Canalis teve um sobressalto significativo.

— E — disse Modesta, continuando, apesar daquele gesto de impaciência — eu atei nele a chave de uma carteira que contém um fragmento de carta muito importante; tenha a bondade, Melquior, de a mandar buscar.

Entre um anjo e um tigre igualmente irritados, Canalis ficou lívido e não mais hesitou; o tigre pareceu-lhe o menos perigoso, e ia decidir-se, quando La Brière apareceu à porta do salão, afigurando-se lhe o arcanjo Miguel tombado do céu.

— Olha, Ernesto, a srta. de La Bastie precisa de ti — disse o poeta, que voltou vivamente para a sua cadeira junto do bastidor.

Ernesto, esse correu para Modesta, sem cumprimentar ninguém, não vendo senão a ela, recebeu o encargo com visível satisfação e lançou-se para fora da sala com a aprovação secreta de todas as mulheres.

— Que ofício para um poeta! — disse Modesta a Helena, apontando para a tapeçaria na qual a duquesa trabalhava raivosamente.

— Se lhe falares, se a olhares uma única vez, tudo está terminado para sempre — dizia Eleonora em voz baixa para Melquior, pois o *mezzo termine*[383] de Ernesto não a satisfizera. — E lembra-te! Quando eu não estiver presente, deixarei olhos que te observarão.

LXIX – UMA SAÍDA MODELAR?

Ao dizer isso, a duquesa, mulher de porte mediano, mas já um pouco gorda demais, como o são todas as mulheres de mais de cinquenta anos que se conservam belas, ergueu-se, caminhou para o grupo em que se achava Diana de Maufrigneuse, avançando pés pequenos e nervosos como os de uma corça. Sob suas formas arredondadas revelava-se a deliciosa delicadeza de que é dotada essa espécie de mulheres e que lhes dá o vigor do sistema nervoso que rege e vivifica o desenvolvimento da carne. Não se podia explicar de outra forma o seu caminhar leve, de uma nobreza incomparável. Somente as mulheres cujos quartéis de nobreza se iniciam com Noé sabem, como Eleonora, ser majestosas apesar de sua gordura de granjeira. Um filósofo talvez lamentasse Filóxena ao admirar a feliz distribuição da blusa e os cuidados minuciosos de uma *toilette* matinal, usada com uma elegância de rainha, com a desenvoltura de uma jovem. Audaciosamente penteada, de modo a patentear uma abundante cabeleira, sem pintura, e toucada em forma de torre, Eleonora mostrava orgulhosamente seu pescoço de neve, seu colo e suas espáduas de um

modelado delicioso, seus braços nus deslumbrantes e terminados por mãos formosas. Modesta, como todas as antagonistas da duquesa, reconheceu nela uma dessas mulheres das quais se diz: “É senhora de todas nós!”. E, com efeito, reconhecia-se em Eleonora uma das poucas grandes damas, hoje tão raras em França. Querer explicar o que há de augusto no porte da cabeça, de fino, de delicado em tal ou qual sinuosidade do pescoço, de harmonioso nos movimentos, de digno na atitude, de nobre no acordo perfeito dos detalhes e do conjunto, nesses artifícios tornados naturais e que tomam uma mulher santa e grande, seria analisar o sublime. Gozar-se dessa poesia como da de Paganini, sem ser possível explicar-lhe os meios, pois a causa é sempre a alma que se torna invisível. A duquesa inclinou a cabeça para cumprimentar Helena e a tia, depois disse a Diana com voz graciosa, pura, sem vestígios de emoção:

— Não é tempo de nos vestirmos, duquesa?

E saiu, acompanhada pela nora e pela srta. d’Hérouville, que lhe deram o braço. Falou baixo, ao retirar-se, com a solteirona, a qual a estreitou nos braços, dizendo-lhe: “Está sedutora!”, o que significava: “Sou inteiramente sua pelo serviço que acaba de prestar-nos”. A srta. d’Hérouville voltou para representar seu papel de espião, e seu primeiro olhar deu a entender a Canalis que a última frase da duquesa não era uma ameaça vã. O aprendiz de diplomata viu-se baldo de recursos para tão terrível luta, e seu espírito serviu-lhe, ao menos, para se colocar numa posição franca, senão digna. Quando Ernesto voltou, trazendo o lenço de Modesta, ele o pegou pelo braço e levou-o para o gramado.

— Meu caro amigo — disse-lhe —, sou o homem, não o mais infeliz, mas sim mais ridículo do mundo; por isso, recorro a ti para me tirar do vespeiro em que me meti. Modesta é um demônio; ela viu meu embaraço, riu dele e acaba de falar-me de duas linhas de uma carta da sra. de Chaulieu que cometi a asneira de confiar-lhe; se ela as mostrasse, eu jamais me poderia reconciliar com Eleonora. Assim, pois, pede

imediatamente esse papel a Modesta e dize-lhe, de minha parte, que não tenho nenhuma pretensão a respeito dela, nenhuma intenção. Conto com a sua delicadeza, com a sua probidade de moça, para se conduzir comigo como se jamais nos tivéssemos visto, peço-lhe que não me dirija a palavra, suplico-lhe que me conceda seus rigores, sem ousar reclamar da sua malícia uma espécie de cólera enciumada que serviria às mil maravilhas aos meus interesses. Vai, espero-te aqui.

LXX – LIGEIRO ESBOÇO DA SOCIEDADE

Ernesto de La Brière viu, ao entrar no salão, um jovem oficial da companhia dos guardas do Havre, o visconde de Sérisy,[384] que acabava de chegar de Rosny para anunciar que *Madame* se via obrigada a estar presente na abertura da sessão. Sabe-se a importância que teve essa solenidade constitucional, na qual Carlos x proferiu o seu discurso cercado por toda a família, com a sra. Delfina e *Madame* assistindo da tribuna. A escolha do embaixador encarregado de expressar os pesares da princesa era uma atenção para Diana, que diziam ser adorada por esse encantador rapaz, filho de um ministro de Estado, gentil-homem ordinário da câmara, fadado a altos destinos, na sua qualidade de filho único e herdeiro de imensa fortuna. A duquesa de Maufrigneuse só tolerava as atenções do visconde para pôr bem em evidência a idade da sra. de Sérisy, que, segundo a crônica publicada por trás dos leques, lhe havia roubado o coração do belo Luciano de Rubempré.[385]

— Quero crer que o senhor nos dará o prazer de ficar em Rosembray — disse a severa duquesa ao jovem oficial.

Embora apurando o ouvido às maledicências, a devota fechava os olhos para as leviandades dos seus hóspedes, cuidadosamente acasalados pelo duque, pois não se sabe tudo o que toleram essas excelentes senhoras, sob pretexto de fazer voltar ao redil, por meio de indulgência,

as ovelhas desgarradas.

— Nós não contamos — disse o Grande-Escudeiro — com o nosso governo constitucional, e Rosembray, senhora, perde com isso uma grande honra...

— Em compensação estaremos mais à vontade! — disse um velho alto e seco, de uns setenta e cinco anos, com um traje azul, e que conservava o boné de caça na cabeça por autorização das damas.

Esse personagem, que se assemelhava muito ao duque de Bourbon, era nada mais, nada menos, do que o príncipe de Cadignan, Monteiro-Mor, um dos últimos grão-senhores franceses. No momento em que La Brière tentava passar por trás do canapé para pedir a Modesta um minuto de atenção a fim de lhe falar, entrou um homem de uns trinta e oito anos, baixo, gordo e vulgar.

— Meu filho, o príncipe de Loudon — disse a duquesa de Verneuil a Modesta, a qual não pôde disfarçar, na sua fisionomia jovem, uma expressão de espanto ao ver por quem era usado o nome que o general da cavalaria vendeana tornara tão famoso tanto por sua audácia como por seu suplício[386].

O duque de Verneuil atual era um terceiro filho, levado pelo pai em emigração, e o único sobrevivente de quatro irmãos.

— Gaspar! — disse a duquesa, chamando o filho. O jovem príncipe atendeu à ordem da mãe, que lhe disse, mostrando-lhe Modesta: — A srta. de La Bastie.

O herdeiro presuntivo, cujo casamento com a filha única de Desplein estava combinado, saudou a moça, sem parecer, como acontecera com o pai, maravilhado com a sua beleza. Modesta pôde então comparar a mocidade de hoje com a velhice de outros tempos, pois o velho príncipe de Cadignan já lhe havia dito duas ou três frases encantadoras, provando-lhe assim que tanto prestava homenagem à mulher quanto à realeza. O duque de Rhétoré, filho primogênito da sra. de Chaulieu,[387] notável por esse tom que reúne a impertinência e a sem-cerimônia, tinha, como o

príncipe de Loudon, cumprimentado Modesta quase petulantemente. A razão desse contraste entre os filhos e os pais vem, talvez, de que os herdeiros já não se sentem grandes coisas, como seus antepassados, e se dispensam dos encargos do poder, por se considerarem apenas a sombra daqueles. Os pais ainda têm a polidez inerente à sua grandeza desaparecida, como esses cumes ainda dourados pelo sol, quando tudo em torno já está mergulhado em trevas.

Finalmente, Ernesto pôde sussurrar duas palavras a Modesta, a qual se levantou.

— Minha belezinha — disse a duquesa, julgando que Modesta ia vestir-se e que por isso puxou o cordão da sineta —, vão conduzi-la ao seu apartamento.

LXXI – LA BRIÈRE SEMPRE ADMIRÁVEL

Ernesto acompanhou Modesta até a grande escadaria, apresentando-lhe o requerimento do desventurado Canalis, e tentou comovê-la, pintando-lhe as angústias do poeta.

— Como vê, ele a ama! É um escravo que julgava poder quebrar os grilhões.

— Amor, naquele calculista feroz! — replicou Modesta.

— A senhorita está na entrada da vida, não lhe conhece os desfiladeiros. Deve-se perdoar todas as inconsequências a um homem que se coloca sob o domínio de uma mulher mais velha do que ele, pois ele não tem culpa nenhuma. Pense em quantos sacrifícios Canalis tem feito àquela divindade! Ele agora já semeou demasiado para que possa desdenhar a colheita; a duquesa representa dez anos de cuidados e de felicidade. A senhora fez esquecer tudo àquele poeta, que por desgraça tem mais vaidade do que orgulho, tudo esquecer; ele não soube o que perdia senão quando tornou a ver a duquesa de Chaulieu. Se conhecesse

Canalis, a senhorita o ajudaria. É uma criança que está desorientando a vida para sempre!... Chama-o de calculista, mas ele calcula muito mal, como, aliás, todos os poetas, gente de sensações pueris, deslumbrados, como as crianças, pelo que brilha, e correndo-lhe atrás!... Ele gostou de cavalos e de quadros, cortejou a glória, mais tarde, vende suas telas para conseguir armaduras, móveis do Renascimento e de Luís xv, e agora aspira ao poder. Pensa que essas bagatelas sejam grandes coisas?

— Basta — disse Modesta. — Venha — acrescentou ao ver o pai, a quem chamou com um sinal de cabeça, para que lhe desse o braço —, vou entregar-lhe as duas linhas; o senhor as restituirá ao grande homem, assegurando-lhe completa condescendência aos seus desejos; mas com uma condição. Quero que lhe apresente meus melhores agradecimentos pelo prazer que tive de ver representar, somente para mim, uma das mais belas peças do teatro alemão. Sei agora que a obra-prima de Goethe não é nem o Fausto nem o *Conde de Egmont*... — E como Ernesto olhasse para a maliciosa rapariga com ar perplexo: — É *Torquato Tasso*![388] — concluiu ela. — Diga ao senhor de Canalis — acrescentou sorrindo — que ele a releia. Faço questão que repita isto ao seu amigo, palavra por palavra, porque não é um epigrama, mas a justificação da conduta dele, com a única diferença de que ele se tornará, assim espero, muito razoável, graças à loucura de Eleonora.

A primeira aia da duquesa conduziu Modesta e o pai para o apartamento que lhes fora reservado, onde Francisca Cochet já pusera tudo em ordem, e cuja elegância e requinte causaram admiração ao coronel, ao qual Francisca informou que havia trinta apartamentos senhoriais, daquele estilo, no castelo.

— É assim que eu concebo uma propriedade rural! — disse Modesta.

— O conde de La Bastie te fará construir um castelo semelhante a este — disse o coronel.

— Tome, senhor — disse Modesta, dando o papelzinho a Ernesto —, vá tranquilizar o nosso amigo.

Essa expressão *nosso amigo* impressionou o referendário. Olhou Modesta para saber se havia alguma coisa de sério na comunhão de sentimentos que ela parecia aceitar, e a moça, compreendendo aquela interrogação, disse-lhe:

— Vá de uma vez! O seu amigo o espera.

La Brière corou extraordinariamente e saiu num estado de dúvida, de ansiedade, de perturbação, mais cruel do que o desespero. As proximidades da felicidade são, para os verdadeiros amantes, comparáveis ao que a poesia católica tão bem denominou a entrada do paraíso, para exprimir um lugar tenebroso, difícil, estreito, e onde reboam os últimos gritos de uma suprema angústia.

LXXII – ONDE O POSITIVO LEVA VANTAGEM À POESIA

Daí a uma hora, a ilustre sociedade estava reunida, sem faltar ninguém no salão, alguns jogando uíste, outros conversando, as mulheres ocupadas em pequenos trabalhos, todos à espera do aviso para o jantar. O Monteiro-Mor fez o sr. Mignon falar sobre a China, sobre as suas campanhas, sobre os Portenduère, os l'Estorade e os Maucombe, famílias provençais,[389] censurou-o por não ter pedido reincorporação no exército, assegurando-lhe que nada era mais fácil do que ingressar na guarda com o seu posto de coronel.

— Um homem de seu nascimento e com a sua fortuna não adota as opiniões da atual oposição — disse o príncipe sorrindo.

Aquela sociedade de elite não somente agradou a Modesta como também lhe fez adquirir, durante a sua estada, uma perfeição de maneiras que, não fosse aquela revelação, lhe teria faltado toda a vida. Mostrar um relógio a um mecânico em perspectiva será sempre revelar-lhe o mecanismo inteiro; imediatamente ele desenvolve os germes existentes em si. Do mesmo modo, Modesta soube apropriar-se de tudo o

que caracterizava as duquesas de Maufrigneuse e de Chaulieu. Tudo, para ela, foram ensinamentos, nas coisas em que burguesas só teriam conseguido ridículos, ao imitar tais maneiras. Uma moça de bom nascimento, instruída e disposta, como Modesta, pôs-se naturalmente no diapasão e descobriu diferenças que separam o mundo aristocrático do mundo burguês, a província do Faubourg Saint-Germain; ela apreendeu essas nuanças quase imperceptíveis, compreendeu, enfim, a graça da grande dama, sem perder a esperança de adquiri-la. Achou o pai e La Brière infinitamente melhores do que Canalis, no seio daquele Olimpo. O grande poeta, abdicando o seu verdadeiro e incontestável poder, o do espírito, nada mais foi do que um referendário que queria um posto de ministro, perseguindo o colar de comendador, obrigado a cortejar todas aquelas constelações. Ernesto de La Brière, sem ambições, permanecia o mesmo; ao passo que Melquior, tornado menino, para usar uma expressão vulgar, cortejava o príncipe de Loudon, o duque de Rhétoré, o visconde de Sérisy, o duque de Maufrigneuse, na situação de um homem que não pode dizer o que sente, como o coronel Mignon, conde de La Bastie, orgulhoso dos seus serviços e da estima do imperador Napoleão. Modesta notou a preocupação contínua do homem de espírito buscando um dito para fazer rir, uma palavra para causar admiração, um cumprimento para lisonjear aquelas altas potências entre as quais Melquior queria manter-se. Enfim, ali, aquele pavão perdeu as penas.

LXXIII – ONDE MODESTA SE COMPORTA COM DIGNIDADE

No meio do serão, Modesta foi sentar-se com o Grande-Escudeiro a um canto do salão; ela o levara ali para terminar uma luta que não podia prolongar-se sem se desmerecer no próprio conceito.

— Senhor duque, se me conhecesse — disse-lhe —, saberia quanto estou sensibilizada com as suas atenções. Precisamente por causa da

profunda estima que concebi pelo seu caráter, da amizade que inspira uma alma como a sua, eu não quisera, levemente que fosse, ferir o seu amor-próprio. Antes de sua chegada ao Havre, eu amava sinceramente, profundamente, e para sempre, uma pessoa digna de ser amada e para a qual minha afeição é ainda um segredo; mas saiba, e aqui sou mais sincera do que costumam sê-lo as moças, que se eu não tivesse esse compromisso voluntário, o senhor teria sido escolhido por mim, tal a nobreza e belas qualidades que lhe reconheci. As poucas palavras que ouvi de sua irmã e de sua tia obrigam-me a falar-lhe deste modo. Se o julgar necessário, amanhã, antes da partida para a caçada, minha mãe, por um recado, me mandará chamar, sob o pretexto de uma indisposição grave. Não quero, sem o seu consentimento, assistir a uma festa preparada pelo senhor e na qual o meu segredo, se me escapasse, o penalizaria, contrariando as suas legítimas pretensões. “Por que vim eu aqui?”, perguntará. Eu podia não aceitar. Seja bastante generoso para não me levar a mal uma curiosidade necessária. Isto não é o que tenho de mais delicado a dizer-lhe. O senhor tem em mim e no meu pai amigos mais sólidos do que julga, e como a fortuna foi o primeiro móvel dos meus pensamentos, quando o senhor veio a mim, sem querer servir-me disso como de um calmante ao pesar que o senhor deverá galantemente manifestar, saiba que meu pai se está ocupando do assunto d’Hérouville, que seu amigo Dumay acha viável e já está tentando organizar uma companhia. Gobenheim, Dumay e meu pai oferecem um milhão e meio e se encarregam de reunir o resto pela confiança que inspirarão aos capitalistas, investindo no negócio tão avultada quantia. Se eu não tenho a honra de ser duquesa d’Hérouville, tenho quase a certeza de o colocar em situação de a escolher um dia, com inteira liberdade, na alta esfera onde ela está... Oh! Deixe-me terminar — disse ela, ante um gesto do duque...

— Pela emoção do meu sobrinho — dizia a srta. d’Hérouville a Helena —, é fácil perceber que tens uma irmã.

— ... Senhor duque, isto foi decidido por mim no dia do nosso primeiro passeio a cavalo, ao ouvi-lo lamentar a sua situação. Eis o que eu queria revelar-lhe. Nesse dia o meu destino fixou-se. Se o senhor não conquistou uma esposa, terá encontrado amigos em Ingouville, se todavia se digna aceitar-nos sob esse título...

Esse pequeno discurso, meditado por Modesta, foi proferido com tal sedução espiritual que as lágrimas assomaram aos olhos do Grande-Escudeiro, que tomou a mão de Modesta, beijando-a.

— Fique aqui durante a caçada — respondeu o duque d'Hérouville. — O meu pouco mérito deu-me o hábito dessas recusas; mas, embora aceitando sua amizade e a do coronel, permita que me informe com os técnicos mais competentes, de que o dessecamento dos mangues de Hérouville não faz correr nenhum risco e pode trazer lucros para a companhia de que me fala, antes de aceitar o oferecimento de seus amigos. A senhorita é uma nobre criatura, e embora seja triste não ser mais que seu amigo, eu me orgulharei desse título e sempre lho provarei, em qualquer lugar ou ocasião.

— Em todo caso, senhor duque, guardemos o segredo para nós; não se saberá da minha escolha, se é que me iludo, até a cura completa de minha mãe; pois quero que meu futuro noivo e eu sejamos abençoados pelos seus primeiros olhares.

— Senhoras — disse o príncipe de Cadignan, no momento de se recolherem —, chegou-me aos ouvidos que algumas dentre as senhoras tinham a intenção de caçar amanhã conosco; ora, creio de meu dever preveni-las de que se quiserem ser Dianas, terão de levantar-se à maneira de Diana, isto é, com o dia.[390] O *rendez-vous* é às oito e meia. Vi, durante o curso de minha vida, as mulheres ostentarem mais coragem, muitas vezes, do que os homens, mas por alguns momentos apenas; e ser-lhes-ia necessário, a todas, certa dose de teimosia para ficar durante um dia inteiro a cavalo, salvo a parada que faremos para almoçar, como verdadeiros caçadores, às pressas e de pé... Estão sempre dispostas a

mostrar-se amazonas completas?

— Príncipe, sou obrigada a isso — respondeu finalmente Modesta.

— Eu respondo por mim — disse a duquesa de Chaulieu.

— Conheço a minha filha Diana, ela é digna de seu nome — replicou o príncipe.

— Assim, pois, estão todas empenhadas na partida... Não obstante, para a senhora e a senhorita de Verneuil e para as pessoas que ficaram aqui, farei de modo a forçar o veado junto ao lago.

— Tranquilizem-se, senhoras, o almoço às pressas terá lugar debaixo de uma tenda magnífica — disse o príncipe de Loudon, quando o Monteiro-Mor deixou o salão.

LXXIV – ENCONTRO DE CAÇA E ENCONTRO DE AMOR

No dia seguinte, ao alvorecer, tudo pressagiava um dia bonito. O céu, toldado por um leve vapor grisáceo, deixava entrever espaços claros de um azul puro, e ao meio-dia devia ficar inteiramente limpo, graças a uma brisa de noroeste, que já varria as pequenas nuvens flocosas. Ao deixarem o castelo, o Monteiro-Mor, o príncipe de Loudon e o duque de Rhétoré, que não tinham damas a proteger, viram, ao ir, em primeiro lugar, ao *rendez-vouz*, as chaminés do castelo, suas massas brancas, desenhando-se sobre a folhagem pardo-avermelhada que as árvores conservam na Normandia, pelo fim dos belos outonos, e aparecendo através do véu de vapores.

— Essas senhoras têm sorte — disse ao príncipe o duque de Rhétoré.

— Oh! Não obstante as suas fanfarronadas de ontem, creio que nos deixarão caçar sozinhos — respondeu o Monteiro-Mor.

— Sim, se não tivessem todas elas um atento servidor — replicou o duque.

Em tal momento, aqueles caçadores resolutos, pois que o duque de

Rhétoré e o príncipe de Loudon eram da raça dos Nemrod[391] e passavam por ser os melhores atiradores do Faubourg Saint-Germain, ouviram o ruído de uma altercação, e foram a galope para a encruzilhada do *rendez-vouz*, numa das entradas do bosque de Rosembray, e notável por sua pirâmide musgosa. Eis qual era o motivo do debate. O príncipe de Loudon, atacado de anglomania, pusera às ordens do Monteiro-Mor uma equipagem de caça inteiramente britânica. Ora, de um lado da encruzilhada fora colocar-se um jovem inglês de pequena estatura, louro, pálido, de ar insolente e fleumático que falava mais ou menos o francês, e cujo vestuário apresentava esse asseio que distingue todos os ingleses, mesmo os das mais baixas classes. John Barry vestia uma sobrecasaca curta, apertada na cintura, de pano escarlate, com botões de prata nos quais se viam as armas de Verneuil, calções de pele brancos, botas de cano revirado, um colete listrado, gola e capa de veludo preto. Segurava um pequeno chicote de caça e, do lado esquerdo, preso por um cordão de seda, uma trompa de cobre. Esse primeiro picador estava acompanhado por dois grandes cães, galgos corredores, verdadeiros *fox-hound*, de pelo branco com manchas pardo-claras, de pernas altas, focinho fino, cabeça pequena e orelhas diminutas no alto. Esse picador, um dos mais célebres do condado de onde o príncipe o fizera vir com grandes gastos, comandava uma equipagem de quinze cavalos e sessenta cães de raça inglesa que custavam um dinheiro louco ao duque de Verneuil, pouco amante de caça, mas que transmitia ao filho esse gosto essencialmente régio. Os subordinados, homens e cavalos, mantinham-se a certa distância, num silêncio perfeito.

Ora, ao chegar ao ponto de reunião, John viu-se precedido por três picadores à frente de duas matilhas reais, vindos de carro, os três melhores picadores do príncipe de Cadignan, personagens esses que formavam um contraste perfeito, pelos seus caracteres e seus trajes franceses, com o representante da insolente Albion. Esses favoritos do príncipe, todos com os seus chapéus bordados, de três bicos, muito

chatos, muito abertos, sob os quais careteavam rostos tostados, curtidos, enrugados, e como que iluminados por olhos vivos, eram notavelmente secos, magros, nervosos, como gente devorada pela paixão da caça. Todos munidos dessas grandes trombetas à Dampierre, guarnecidas de cordões de sarja verde que só deixam ver o cobre do pavilhão, continham os seus cães com os olhos e com a voz. Estes dignos animais formavam uma assembleia de súditos mais fiéis do que aqueles a quem, então, se dirigia o rei, todos manchados de branco, de pardo, de preto, tendo cada um deles a fisionomia absolutamente como os soldados de Napoleão, acendendo, ao menor ruído, as pupilas, com uma chama que as fazia parecer diamantes; uns, do Poitou, de cintura estreita, paleta larga, atarracados, de orelhas compridas; outros, da Inglaterra, brancos, esguios, com pouco ventre, e orelhas pequenas, talhadas para correr; os novos, impacientes e prontos para brigar; ao passo que os velhos, marcados de cicatrizes, deitados, calmos, a cabeça apoiada nas patas dianteiras, escutavam a terra, como selvagens.

Ao verem chegar os ingleses, cães e homens do rei entreolharam-se, perguntando-se mudamente:

— Então não caçaremos sós?... O serviço de Sua Majestade não ficará comprometido?

Depois de ter começado com gracejos, aquecera-se a disputa entre o sr. Jacquin La Roulie, o velho chefe dos picadores franceses, e John Barry, o jovem insular.

De longe, os dois príncipes perceberam o motivo da altercação, e fazendo avançar o cavalo, o Monteiro-Mor pôs termo a tudo, dizendo com voz imperiosa:

— Quem percorreu o mato?

— Eu, monsenhor — disse o inglês.

— Bem — disse o príncipe de Cadignan, ao ouvir o relatório de John Barry.

Homens e cães, todos ficaram respeitosos ante o Monteiro-Mor, como

se todos igualmente conhecessem a sua dignidade suprema. O príncipe organizou a jornada, pois que uma caçada é como uma batalha, e o Monteiro-Mor de Carlos x foi o Napoleão das florestas. Graças à ordem admirável introduzida na montaria por ele, podia ocupar-se exclusivamente da estratégia e da alta ciência. Soube determinar à equipagem do príncipe de Loudon o seu lugar nas disposições da jornada, reservando-a, como um corpo de cavalaria, para bater o mato e impelir o veado para a lagoa se, como pensava, as matilhas reais conseguissem levá-lo à floresta da Coroa, que margeia o horizonte na frente do castelo. O Monteiro-Mor soube poupar o amor-próprio dos seus velhos servidores, confiando-lhes o trabalho mais rude, e o do inglês, que ele empregava assim na sua especialidade, dando-lhe oportunidade de mostrar o poder dos jarretes dos seus cães e dos seus cavalos. Os dois sistemas deviam então achar-se em presença e operar maravilhas, em emulação um com o outro.

— Monsenhor nos ordena que ainda esperemos? — perguntou respeitosamente La Roulie.

— Bem que te compreendo, meu velho! — replicou o príncipe. — É tarde. Mas...

— Aqui vêm as senhoras, porque Júpiter sente cheiros *tépidos* — disse o segundo picador, notando o modo de olfatear de seu cão favorito.

— Tépidos? — repetiu o príncipe de Loudon, a sorrir.

— Ele quererá dizer talvez fétidos — replicou o duque de Rhétoré.

— É isso mesmo, porque tudo o que não cheira a canil infeta, no dizer do sr. Laravine[392] — comentou o Monteiro-Mor.

Efetivamente, os três senhores viram de longe um esquadrão composto de dezesseis cavalos, à frente do qual brilhavam os véus verdes de quatro damas. Modesta, acompanhada pelo pai, pelo Grande-Escudeiro e pelo pequeno La Brière, ia na frente, com a duquesa de Maufrigneuse, que tinha ao lado o visconde de Sérisy. Vinham depois a duquesa de Chaulieu, flanqueada por Canalis, ao qual sorria sem vestígios

de rancor. Ao chegar à encruzilhada, onde os caçadores trajados de encarnado e armados de suas trompas de caça, cercados de cães e de picadores, formaram um espetáculo digno do pincel de um Van der Meulen,[393] a duquesa de Chaulieu, que montava admiravelmente bem, apesar de sua gordura, aproximou-se de Modesta e achou que não era digno de si mostrar-se enfadada com aquela jovem, à qual, na véspera, não dirigira uma só palavra.

No momento em que o Monteiro-Mor terminou suas felicitações por uma pontualidade fabulosa, Eleonora dignou-se notar o magnífico castão da chibata que cintilava na mãozinha de Modesta e graciosamente pediu para vê-lo.

— É a que conheço de mais bela nesse gênero — disse ela, mostrando aquela obra-prima a Diana de Maufrigneuse —; de resto está em harmonia com a pessoa — disse, restituindo-a a Modesta.

— Confesse, senhora duquesa — respondeu a srta. de La Bastie, dirigindo a La Brière um terno e malicioso olhar, no qual o namorado podia ler uma confissão —, que, da mão de um futuro, é um presente bem singular...

— Mas — disse a sra. de Maufrigneuse — eu o receberia como uma declaração de meus direitos, em lembrança de Luís xiv.[394]

La Brière ficou com lágrimas nos olhos e soltou as rédeas do cavalo, ia cair; mas um segundo olhar de Modesta restitui-lhe as forças, ordenando-lhe não trair sua felicidade. Puseram-se em marcha.

O duque d'Hérouville disse em voz baixa ao jovem referendário:

— Espero, senhor, que fará sua esposa feliz, e, se lhe posso ser útil em qualquer coisa, disponha de mim, pois muito me alegraria poder contribuir para a felicidade de duas criaturas tão encantadoras.

LXXV – CONCLUSÃO

Esse grande dia, em que foram resolvidos tão grandes interesses de coração e de fortuna, não ofereceu ao Monteiro-Mor mais do que um problema, o de saber se o veado atravessaria o lago para ir morrer no alto do relvado, diante do castelo; pois os caçadores dessa força são como os jogadores de xadrez, que predizem o mate em tal casa. O feliz ancião triunfou à medida dos seus desejos, fez uma caçada magnífica, e as damas o consideraram quite da colaboração delas para o dia seguinte, que foi chuvoso.

Os hóspedes do duque de Verneuil demoraram-se cinco dias em Rosembray. No último, a *Gazette de France* dava a notícia da nomeação do senhor barão de Canalis para o grau de comendador da Legião de Honra e para o posto de ministro em Carlsruhe.

Quando, nos primeiros dias de dezembro, a senhora condessa de La Bastie, operada por Desplein, pôde finalmente ver Ernesto de La Brière, apertou a mão de Modesta e disse-lhe ao ouvido:

— Eu o teria escolhido...

Em fins de fevereiro, todos os contratos de aquisições foram assinalados pelo bom e excelente Latournelle, mandatário do sr. Mignon, na Provença. Nessa época, a família de La Bastie obteve do rei a insigne honra de sua assinatura no contrato de casamento, e a transmissão do título e das armas de La Bastie a Ernesto de La Brière, que foi autorizado a chamar-se visconde de La Bastie La Brière. O domínio de La Bastie, reconstituído a mais de cem mil francos de renda, era elevado a morgadio[395] por cartas patentes, que a Corte real registrou em fins de abril. As testemunhas de La Brière foram Canalis e o ministro ao qual durante cinco anos ele servira como secretário particular. As da noiva foram o duque d'Hérouville e Desplein, a quem os Mignon tributavam grande gratidão, depois de lhe ter dado magníficos testemunhos dela.

Mais tarde, tornar-se-á a ver, talvez, no decurso desta longa história de nossos costumes, o sr. e a sra. de La Bastie-La Brière;[396] os conhecedores verão, então, como o casamento é suave e fácil de ser

levado com uma mulher instruída e de espírito; pois Modesta, que soube evitar, segundo prometera, os ridículos do pedantismo, é ainda o orgulho e a felicidade de seu marido, bem como de sua família e de quantos compõem a sua sociedade.

Paris, março-julho de 1844.

[1] Este romance deverá sair na presente edição sob o título de *A Bretanha em 1799*.
[2] Carta de Friedrich Engels a Margaret Harkness em Londres, abril de 1888. (n.e.)
[3] Esses esclarecimentos são largamente aproveitados nas notas introdutivas que, nesta edição, precedem cada romance ou novela.
[4] É interessante observar como Stefan Zweig, em sua biografia de Balzac, submete essas cartas a uma análise incisiva para distinguir os trechos que exprimem fatos e sentimentos verdadeiros e os que foram escritos no desempenho de um papel.
[5] O êxito teatral foi o maior sonho, infelizmente nunca realizado, de Balzac. Via no palco um meio eficaz de enriquecimento, e por isso quis conquistá-lo a qualquer preço. A maioria de suas peças, feitas com colaboradores clandestinos, não está à altura do resto da sua produção: todas mostram o escritor lutando com um gênero que não era feito para o seu talento. Mas a imperfeição das peças não é suficiente para explicar a série ininterrupta das derrotas que suas tentativas cênicas infligiram a Balzac. Houve como que uma verdadeira fatalidade que se desencadeou sobre elas, uma série de circunstâncias e coincidências desastrosas. Em 1839, *A escola dos casais* foi recusada pelo teatro que a encomendara. Em 1840, *Vautrin* provocou um escândalo desde a primeira representação e foi logo proibida pela censura por causa da máscara do protagonista que imitava Luís Felipe. Em 1842, *Os recursos de Quinola*, vaiada pelo público e condenada pela crítica, desapareceu do programa depois de poucas representações. Em 1843, *Paméla Giraud* teve acolhimento medíocre. *A madrasta*, em 1848, foi a única que alcançou mais de trinta representações. A melhor de todas, *Mercadet*, recusada em 1848 pela Comédie-Française depois de ter sido aceita, acolhida pelo teatro da Porte Saint-Martin, mas retirada por Balzac à vista das modificações que lhe queriam impor, alcançou finalmente um êxito retumbante no Gymnase — mas já em 1851, depois da morte do autor.
[6] Alusão às edições clandestinas de suas obras publicadas sem autorização na Bélgica, onde os direitos autorais dos escritores franceses ainda não estavam protegidos nessa época.
[7] Parmentier foi quem desenvolveu na França a cultura da batata, que já na época de Balzac era o alimento popular por excelência.
[8] O sr. Victor Wittkowski publicou no *Correio da Manhã* de 9 de julho de 1944 *Uma anedota de Balzac sobre d. Pedro II* que o demonstra.
[9]*Exames*: alusão às análises explicativas com que os grandes autores do século xvii costumavam preceder a edição de suas obras, principalmente peças.
[10]*Georges Cuvier* (1769 -1832), fundador da anatomia comparada e da paleontologia, combateu as teorias de outro grande naturalista, *Étienne Geoffroy Saint-Hilaire* (1772 -1844). Os trabalhos deste ligam-se todos a uma mesma ideia, a da "unidade de composição orgânica", que lhe permitiu descobrir um sistema dentário nas aves, analogias entre os esqueletos dos vertebrados mais diversos etc. A polêmica despertou considerável interesse e levou muitos sábios a se pronunciar, entre os quais o próprio Goethe, que tomou partido por Geoffroy Saint-Hilaire; no entanto, a discussão acabou, contrariamente ao que mais adiante afirma Balzac, pela vitória de Cuvier. Certas ideias do adversário vencido, sobretudo as que concerniam à variabilidade das espécies e à filiação das espécies atuais às já extintas, exerceriam mais tarde profunda influência sobre as teorias de Darwin.
[11]*Emmanuel Swedenborg* (1688-1772), naturalista e mineralogista sueco de grande valor que, depois de publicar obras relativas às ciências naturais, enveredou pelos caminhos da teosofia e do misticismo. Seus livros de metafísica (*Arcanos celestiais*, *Apocalipse explicado* etc.), em que descreve estranhas visões místicas e dá representações do céu e do inferno, alcançaram enorme êxito em toda a Europa, lidos e comentados apaixonadamente por muitos leitores (entre os quais a própria mãe de Balzac), além dos membros da seita que Swedenborg chegara a fundar. — *Saint-Martin* (1743-1803), autor, entre outras obras curiosas, do poema *O Crocodilo ou a Guerra do Bem e do Mal*, foi um dos adeptos mais fervorosos de Swedenborg. Percorreu vários países para propagar-lhe a doutrina, fazendo campanhas contra o sensualismo e o materialismo; considerado

apóstolo por uns, impostor por outros.
[12] Os problemas a que Balzac alude aqui foram os que mais agitaram a opinião científica da época. Assim, a teoria das *mônadas de Leibniz* (1646-1716), exposta na *Monadologia*, refere-se à ação de átomos imateriais, forças simples e irredutíveis que contêm em si mesmas o princípio e a fonte de toda a sua atividade; a das *moléculas orgânicas de Buffon* (1707-1788) supõe a existência de uma matéria viva sempre ativa que serviria à nutrição, ao desenvolvimento e à reprodução das plantas e dos animais. Papel semelhante cabe à *força vegetativa* no sistema do jesuíta polígrafo John Turberville *Needham* (1713 -1781), que em suas pesquisas, feitas com a ajuda do microscópio, encontrou argumentos a favor da "geração espontânea" e afirmou que podem formar-se espontaneamente "animálculos" no suco de limão. *Charles Bonnet* (1720 -1793), autor de um famoso *Tratado de Insetologia*, abandonou aos poucos as pesquisas concretas, como Swedenborg, para entregar-se a considerações de filosofia especulativa (*Ensaio analítico acerca das faculdades da alma*, *contemplação da natureza* etc.), que culminaram na teoria do *emboîtement*, isto é, o encaixe de todos os seres vivos que formariam uma cadeia única.
[13]*Num livro o conjunto da zoologia...*: este livro é a *História natural*, em 36 volumes, cujas proporções imponentes podem ter contribuído ao nascimento, no espírito de Balzac, da ideia de uma obra única que reunisse rodos os seus romances.
[14]*Anton van Leeuwenhoek* (1632-1723): conhecido por suas investigações microscópicas. — *Jan Swammerdam* (1637-1680), autor da *Bíblia da natureza*, estudioso da anatomia dos insetos. — *Lazzaro Spallanzani* (1729-1799), publicou *Experiências para servir à história da geração dos animais e das plantas*. — *René-Antoine Ferchault de Réaumur* (1683-1757), físico e naturalista, o "Plínio do século xviii", inventor do termômetro e do vidro branco opaco, autor de pesquisas sobre a digestão. — *Charles Bonnet*, já citado acima. — *Hans Peter Müller* (1801-1858), médico e fisiologista, autor de um *Manual da fisiologia do homem*. — *Albrecht von Haller* (1708-1777), fisiologista e poeta alemão, autor não só de *Elementos da fisiologia do corpo humano* mas também de um conhecido poema didático sobre *Os alpes*.
[15]*Petrônio*: escritor romano do século i da nossa era, autor de *Satíricon*, espécie de "romance de costumes", de que só ficaram alguns fragmentos.
[16]*O abade Jean-Jacques Barthélemy* (1716-1795) escreveu as *Viagens do jovem Anacársis na Grécia*, livro popularíssimo na época e em que, sob forma de romance, está condensado o que no tempo se sabia a respeito da vida pública e particular dos gregos no século iv a.C. O Anacársis do romance seria o descendente de um filósofo cita que visitou Atenas no século vi a.C., foi amigo de Sólon e se tornou famoso por seus julgamentos independentes.
[17]*Trouveur*: pessoa que acha, que inventa. À guisa de explicação, no original este termo vem seguido, entre parênteses, do equivalente *trouvère*, nome dado a certo grupo de poetas da Idade Média.
[18] Todos esses nomes indicam personagens famosas de romances e obras de ficção. *Dáfnis* e *Cloé* são os protagonistas de um romance pastoral grego, do século iv d.C., de Longus; Rolando, o herói da *Canção de Rolando*, epopeia francesa do século xii, como também do *Orlando Furioso*, poema heroico-cômico do italiano Ariosto (1474-1533); *Amadis de Gaula*, o do primeiro romance cavalheiresco espanhol, do começo do século xvi. *Panurge* é um dos principais personagens do *Gargântua*, de Rabelais, do mesmo século. *Dom Quixote*, o cavaleiro da triste figura, de Cervantes, e *Manon Lescaut*, a bela cortesã cuja história foi contada pelo Abade Prévost, não precisam de apresentação. Já as criaturas do inglês Richardson (1689-1761), *Clarissa Harlowe* e seu sedutor *Lovelace*, andam mais esquecidas hoje. *Robinson Crusoé*, de Defoe, e o simpático aventureiro *Gil Blas*, de Lesage, são figuras vivas para os leitores de nossos tempos também. *Ossian*, embora não seja protagonista de romance, é igualmente personagem fictícia: foi a um antigo poeta celta desse nome que o escocês Macpherson (século xviii) atribuiu, por uma das burlas mais famosas da história literária, suas próprias poesias. *Júlia d'Étanges* é a heroína da *Nouvelle Héloise*, de Rousseau; *meu tio Toby*, um tipo curioso do escritor irlandês Sterne (1713-

1768), um dos autores preferidos de Balzac, em *Tristram Shandy*; *Jeanie Dean*, personagem central da *Prisão de Edimburgo*, de Walter Scott. *Werther*, de Goethe, *Corina*, de mme. de Staël, *Adolfo*, de Benjamin Constant, *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, são ainda hoje universalmente conhecidos. *Claverhouse* é personagem de *Os puritanos da Escócia*, de Walter Scott; *Ivanhoé* é outro herói do mesmo autor; *Manfredo*, protagonista de um drama de Byron; *Mignon*, uma das criações mais atraentes de Goethe em *Wilhelm Meister*.
[19] A respeito do *abade Barthélemy*, ver a nota 8. — *Amans-Alexis Monteil* (1769-1850) publicou uma *História dos franceses das diversas condições*, em que, por oposição à "história heroica", procurou historiar os costumes dentro das diversas classes da sociedade.
[20] O visconde *Louis-Gabriel Amboise de Bonald* (1754 -1840) foi um dos defensores mais fervorosos das ideias monárquicas e católicas e um adversário combativo dos princípios da Revolução Francesa assim como da filosofia sensualista.
[21]*Por esse motivo viveram todos os seus dias*. Subentenda-se: e não morreram envenenados ou crucificados como Sócrates ou Jesus.
[22] *Mme. Suzzanne Necker* (1739 -1794), esposa do famoso banqueiro e ministro Jacques Necker, famosa por seu espírito; mãe de Madame de Staël.
[23]*Os prodígios da eletricidade*: refere-se às experiências de Mesmer relativas aos fenômenos de magnetismo animal ou, como se diria hoje, de espiritismo, pelos quais Balzac sempre se interessou vivamente.
[24]*Franz Josef Gall* (1758 -1828), fisiologista e filósofo alemão, fundador da ciência da frenologia. Segundo sua doutrina, hoje abandonada, as protuberâncias do crânio permitem tirar conclusões acerca das disposições psíquicas do indivíduo. Balzac foi um adepto entusiasta desta teoria, que aplicou em grande número de retratos de suas personagens, tão bem como as ideias do filósofo protestante e rousseauísta *Johann Kaspar Lavater* (1741-1801), inventor da fisiognomonia, isto é, da ciência de julgar o caráter de uma pessoa pelas feições de seu rosto.
[25]*Caracala*: imperador romano (188-227). *David*: Pierre-Jean David d'Angers (1788-1856), escultor, autor, entre outras obras, de um busto de Balzac.
[26]*Um nome odioso*: "janela de guilhotina".
[27]*Humboldt*: Alexander von Humboldt (1769-1850), sábio naturalista alemão, autor de *Kosmos, ou descrição física do mundo*. *Gimnoto*: peixe elétrico teleósteo, de água doce.
[28]*Preboste dos mercadores*: antigamente, o primeiro magistrado municipal de Paris, chefe dos comerciantes.
[29]*Mercúrio*: na mitologia antiga, deus do comércio.
[30]*Maximum*: tabelamento dos gêneros. Aqui o autor alude especialmente ao decreto de tabelamento publicado durante a Revolução Francesa. Sua publicação e revogação ocasionaram grandes desordens, em particular manifestações contra os industriais e os atacadistas.
[31]*Os movimentos entrecortados de um aparelho telegráfico*. Para compreender o trecho é preciso lembrar-se de que se trata do telégrafo Chappe, que durante cinquenta anos funcionou na França e foi adotado em outros países. Segundo amável informação de Antônio Gil (A. P. Carvalho), o aparelho constava de uma prancheta de 4 metros, firmada pelo centro na ponta de um mastro e tendo nas extremidades duas outras réguas de 1 metro. Todo o sistema era articulado, e por meio de cordas e polias, manejadas dentro da torre onde era fincado o mastro, tomavam as pranchetas várias posições, cada qual representando determinado sinal de um código. Tais pranchetas e seus movimentos, efetuados com grande rapidez pelo operador, eram vistos a grandes distâncias através de óculos de alcance. A mensagem expedida por um posto era imediatamente repetida no posto seguinte à medida que ia sendo articulada.
[32] *Le Ragois*: trata-se do abade Claude Le Ragois, diretor de consciência de mme. de Maintenon, autor da *Introdução sobre a história da França e a história romana* (1684), obra muitas vezes reeditada, apesar de medíocre.
[33] Romances sentimentais, respectivamente da sra. d'Aulnoy e da sra. de Tencin.

[34]*A Trappe*: abadia fundada em 1140, reformada pelo abade do Rancé em 1662, e cujos religiosos observavam um regulamento de extremo rigor.
[35]*Girodet*: Anne-Louis Girodet de Roussy (1767-1824), pessoa real, pintor famoso na época, autor, entre outros quadros, do *Sonho de Endimião*. O trecho dá um bom exemplo de como Balzac introduz pessoas reais entre suas criaturas de ficção.
[36]*Tebaida*: antigo nome do Alto Egito, para cujos desertos se retiraram os primeiros eremitas cristãos; eremitério.
[37]*A Borralheira*: *vaudeville* de Désaugiers e de Gentil, representado em 1810.
[38]*Céladon*: personagem de *L'Astrée*, famoso romance de d'Urfé (1568-1626). Este nome se emprega como sinônimo de amante constante, tímido e langoroso.
[39] Todas pessoas reais em evidência: Claude-Joseph Vernet (1714-1794), pintor; Lekain (1721-1800), ator trágico; Jean-Georges Noverre (1729-1810), coreógrafo.
[40] Também pessoas reais: Cav. Saint-Georges (1745-1794); Philidor (1726-1795), músico e enxadrista.
[41]*O gênio do cristianismo*: obra célebre de Chateaubriand (1802).
[42]*Dupont*: Jean Dupont (1735-1819), antigo banqueiro, *maire* (subprefeito) de um distrito de Paris; chegou, sob o Império, a administrador da Caixa Econômica.
[43]*Bene sit*: frase latina que significa "assim seja", "pois bem".
[44]*In petto*: expressão italiana que significa "no peito", isto é, "intimamente".
[45]*Fioriture*: palavra italiana que significa "adornos", "requintes".
[46] A respeito do irmão de Balzac, ver *A vida de Balzac*, neste volume, p. 10.
[47]*A Guerra de Vendeia* ou, antes, as guerras de Vendeia surgiram durante a Revolução Francesa e levantaram contra o resto da França a população, sobretudo a nobreza e o clero da referida região, em nome do princípio monárquico. Os insurgentes, depois de sucessos iniciais consideráveis — entre os quais a batalha de Quatre-Chemins, em 13 de dezembro de 1793, a que o autor faz uma referência mais adiante —, foram vencidos pelos generais Kléber, Marceau e Hoche. Balzac romanceou esse episódio sangrento da história quase contemporânea em sua primeira obra de real valor, *A Bretanha em 1799*, em que vemos aparecer o conde de Fontaine como um dos chefes do movimento vendeano sob o nome de "Grande Jacques".
[48]*Tulherias*: antiga residência, em Paris, dos reis da França.
[49]*A recordação da Liga e das Barricadas*: movimentos da nobreza francesa. É com o nome de Liga que a história lembra a união política dos nobres no fim do século xvi, formada para combater os protestantes e defender a supremacia do catolicismo. Por outro lado, o nome do "dia das Barricadas" dá-se a duas insurreições de Paris, a primeira contra Henrique iv em 1588, a segunda contra Mazarin, em 1684.
[50]*Decididamente o rei nunca foi outra coisa senão um revolucionário*: referem-se estas palavras mal-humoradas do conde a certas manifestações liberais de Luís xviii que lembraremos a seguir. Entretanto, como veremos no decorrer da história, o sr. de Fontaine mudará brevemente de opinião e aceitará ele mesmo as ideias "revolucionárias" do rei.
[51]*Monsieur* era o título dado, em França, ao mais velho dos irmãos do rei. Aqui se refere ao conde de Artois, irmão de Luís xviii, a quem o veremos suceder, dentro do lapso de tempo compreendido em *O baile de Sceaux*, sob o nome de Carlos x. O conde de Artois, desde sua volta à França após a queda de Napoleão, mostrava-se decididamente hostil a toda e qualquer reforma liberal, incentivando uma série de medidas reacionárias.
[52] Foi em Saint-Ouen que, ao voltar de seu exílio em 1814, acompanhado de seu ministro Claude Beugnot, Luís xviii fez uma proclamação solene, em que deu a conhecer os princípios em virtude dos quais pretendia governar, princípios bastante liberais, mas que nunca chegaram a ser postos em prática.
[53] *Os acontecimentos de vinte de março de 1815* foram o abandono de Paris por Luís xviii e sua fuga para o norte após a vitoriosa investida de Napoleão redivivo, que, de volta da ilha de Elba,

desembarcara na Provença no dia 1º de março.
[54] *O exílio da corte em Gand* verificou-se nesse mesmo ano durante os "cem dias" do segundo e último reinado de Napoleão.
[55]*A volta de Napoleão e os cem dias* de seu segundo reinado.
[56]*O incidente do Trocadero* deu-se em 1823, quando tropas francesas, entradas na Espanha sob o comando do duque de Angoulême para derrubar o governo liberal das cortes, assediaram e tomaram a famosa fortaleza da península de Cádiz antes da data esperada.
[57] *A Carta* era o documento constitucional outorgado por Luís xviii em 4 de junho de 1814 e revisado depois da Revolução de 1830.
[58] *Amicus Plato, sed magis amica natio*, frase latina que significa: "Platão é meu amigo, porém a nação é mais minha amiga", alteração do ditado *Amicus Plato, sed magis amica veritas*, "Platão é meu amigo, porém a verdade é mais minha amiga", cujo original grego é atribuído a Sócrates.
[59] *Se vejo a rima, não lhe vejo a razão*. Observe-se que as palavras francesas *épigramme et épithalame* rimam, o que não acontece com seus equivalentes portugueses.
[60]*Mascarille* é o tipo do criado velhaco, insolente e manhoso, na comédia francesa dos séculos xvii e xviii.
[61] *Uma "fetfa" do sultão* é uma decisão dogmática, que reveste força de artigo de fé.
[62]*Faubourg Saint-Germain*: bairro aristocrático de Paris.
[63]*Conquistar o pariato*: Durante a Restauração na França (1814-1839), chamavam-se pares os membros da Câmara aristocrática, criada em 1814 para exercer o poder legislativo conjuntamente com a Câmara dos Deputados; eram nomeados em caráter perpétuo pelo rei, e sua dignidade era hereditária de filho a filho varão. A Câmara dos Pares, modificada em sua composição em 1830, foi definitivamente suprimida em 1848.
[64] *Tão afastado do partido de La Fayette como do de La Bourdonnaye*: O marquês Jean-Paul Gilbert Motier la Fayette, o conhecido herói da independência americana, chefiou durante a Restauração o partido realista liberal, ao passo que o conde François Regis de la Bourdonnaye, alcunhado de "Jacobino Branco" por seu contrarrevolucionarismo feroz, encabeçava os reacionários.
[65]*Rohan*: ilustre família aristocrática. Muitos de seus membros desempenharam papel importante na história da França.
[66] *Celimène*: jovem viúva, personagem do *Misantropo* de Molière. É o tipo da mulher bela, espirituosa, faceira e frívola.
[67] *Os dias de Longchamps*: A planície do Longchamps, no Bois du Boulogne, perto de Paris, durante o século xviii e a primeira metade do xix, era, em três dias da Semana Santa, o alvo de verdadeira invasão da sociedade elegante que lá ia primeiro para rezar na igreja da famosa abadia, mas depois com o fim único de exibir o esplendor de suas carruagens e de seus trajes.
[68] *A administração Villèle*: trata-se do regime do conde Joseph de Villèle, primeiro-ministro de 1821 e 1828, ultrarrealista, autor de medidas reacionárias.
[69]*Il Barbiere*: *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini.
[70] *Os rapazes casadouros* enumerados a seguir pelo conde Fontaine são, todos eles, personagens de destaque de *A comédia humana*, e nas diversas partes desta viremos de fato a saber como cada um deles se casaria, esquecendo a altiva Emília: Manerville desposaria a Natália Evangelista (em *O contrato de casamento*); Beaudenord, a Isaura d'Aldrigger, em *A casa Nucingen*; Portenduère, a Úrsula Mirouët (no romance do mesmo nome); quem ficará mais tempo solteiro é Rastignac, mas por fim ele também se casará — para escândalo de todos — com a jovem Augusta, filha da sra. Nucingen, isto é, de sua amante no momento da conversação acima (*O deputado de Arcis*).
[71] *O convento da srta. de Condé* era a instituição da Adoração Perpétua, fundada em Paris em 1815 por Luiza Adelaide de Bourbon, srta. de Condé.
[72] *Matrimônio secreto*: ópera-bufa de Domenico Cimarosa com letra de Bertrati. As palavras

italianas da ária “Cara non dubitar” significam em português: “Querida, não duvides!”
[73]*O sr. de Marsay*: um dos representantes mais brilhantes da *jeunesse dorée* de *A comédia humana*.
[74] O *duque de Bordeaux*: filho do duque de Berry, herdeiro único do ramo mais velho da casa de Bourbon, nasceu em 1820. No momento desta palestra devia ter, pois, aproximadamente cinco anos.
[75]*Girodet*: Anne-Louis Girodet de Roussy (1767-1824), pintor francês precursor do romantismo, autor, entre outros quadros, de *Atala no túmulo*. Balzac fez dele personagem de *Ao “Chat-qui-pelote”*.
[76] *Os senhores não têm Guimard, nem Duthé*: Maria-Madalena Guimard-Despreaux, célebre bailarina da Ópera, de vida licenciosa, e Rosália Duthé, cortesã não menos famosa, brilharam no fim do século xviii.
[77]*Hipócrates* (460-377 a.C.): médico grego, o maior da Antiguidade.
[78] *Pergolesi*: Giovanni Battista Pergolesi (1710-1736), compositor italiano, autor da ópera-bufa *A criada patroa*, de cantatas e de música sacra (*Stabat Mater*). *Rossini*: Gioacchino Rossini (1792-1868), compositor italiano, autor das óperas *O barbeiro de Sevilha*, *Otelo*, *Guilherme Tell*; amigo de Balzac.
[79]*Príncipes que punham barras nos seus escudos*: a barra ou contrabanda era usada para denotar bastardia. Consiste num listão que atravessa diagonalmente o escudo, do ângulo superior esquerdo para a direita da ponta.
[80]*Saint-Preux*: herói da *Nova Heloísa* de Rousseau, é o tipo do amante apaixonado.
[81]*O cavaleiro de Saint-Georges*: personagem real, era um homem de cor, de estatura imponente e feições bonitas, capitão de guardas, muito popular, principalmente por sua habilidade na música e na esgrima. Na novela anterior, no entanto, o sr. Guillaume se queixa das peças que ele pregou à casa “Chat-qui-pelote”, deixando de pagar as fazendas que lá comprara.
[82]*Barême* era o autor de um livro de cálculos já prontos, publicado em 1670, e que se tornou tão popular que o nome do autor ficou, na língua, como substantivo comum para designar qualquer livrinho de cálculos feitos, de uso prático.
[83] *Sabão para tirar a casca de plebeu*: tradução da conhecida expressão francesa “*savonnette à vilain*”, que servia para designar certos cargos acessíveis aos *parvenus*, mediante pagamento e comprados por estes para se enobrecerem e apagarem a mancha de sua origem modesta.
[84] Evidente alusão a Chateaubriand.
[85] *A primeira expedição do sr. Suffren, A batalha de Abukir*: o bailio de Suffren venceu a esquadra inglesa nas batalhas do Cabo Verde, de Madras e de Negapatam (1781-83). Em Abukir, pelo contrário, foi Nelson que venceu a esquadra francesa (1798).
[86] *Embora [...] tentasse ombrear com as senhoras*: todas as elegantes cujo nome se segue são personagens de *A comédia humana*; logo encontraremos uma delas, Luísa de Chaulieu, pois é ela uma das protagonistas do romance *Memórias de duas jovens esposas*, que nesta edição segue-se a *O baile de Sceaux*. A respeito do visconde de Portenduère, ver a nota 25.
[87]*O rei de copas*: em francês, “roi de coeur”, o que dá à frase do bispo de Persépolis o valor de um bonito trocadilho, que ela não tem em português. Notemos que a história da bela e impertinente Emília não acaba aqui. Ela há de casar-se, depois da morte do conde de Kergarouët, com o marquês Carlos de Vandenesse; encontrá-los-emos no romance *Uma filha de Eva*.
[88]*Balzac mis à nu*.
[89]*George Sand*: pseudônimo de Aurore Dupin (1803-1876), famosa autora de romances sentimentais e humanitários, que com seus livros, suas maneiras livres e sua vida emancipada exerceu enorme influência social. Ela também era de “ameaçadora fecundidade literária”, tendo publicado uma centena de volumes. Amiga de Balzac, serviu-lhe de modelo para a personagem de Felicidade des Touches (no romance *Beatriz*). Felicidade, escritora, publica seus livros também sob um pseudônimo masculino.

[90]*Beauvisage (beau visage)* significa “belo rosto”. *As duas jovens húngaras* eram duas xifópagas mencionadas na *História natural* de Buffon.
[91]4 *Presa do temor de professar sem o prefácio da srta. La Vallière*: a srta. La Vallière, favorita de Luís xiv durante uns dez anos a partir de 1661, depois de ter tido quatro filhos dele, ao se ver eclipsada pela sra. de Montespan, retirou-se ao convento das carmelitas. A frase de Luísa significa, pois, que ela sentia repugnância em fazer votos sem ter feito antes, pelo menos em parte, as experiências amorosas da célebre favorita.
[92]5 *Hipogrifo*: este nome primitivamente designava um animal fabuloso, metade cavalo, metade grifo, frequentemente encontrado nos romances de cavalaria, e depois passou a significar, na linguagem literária, um gênio alado que parece arrebatar a imaginação através dos campos do espaço.
[93]*As Danaides* da mitologia antiga eram as cinquenta filhas do rei Dânaos que na noite de suas núpcias mataram seus maridos e foram condenadas a encher, no inferno, um tonel sem fundo.
[94]*Paracleto*: nome grego do Espírito Santo, que significa “advogado” ou “consolador”.
[95]*Fique sabendo que és mais Montespan do que La Vallière*: as duas favoritas de Luís xiv eram bastante diferentes de caráter. Meiga, modesta e amável, La Vallière contentou-se com o seu papel de amante e absteve-se de urdir intrigas, ao passo que Montespan, brilhante, espirituosa, cheia de ambição e de orgulho, usou e abusou dos favores do monarca, angariando donativos e empregos para os seus parentes etc.
[96]*Invalides*: monumento de Paris, erguido no século xvii para residência e administração de soldados inválidos. Hoje Museu do Exército, que abriga o mausoléu de Napoleão.
[97]*Pó à marechala*: espécie de pó para os cabelos.
[98]*Savonnerie*: antiga manufatura real de tapeçaria, reunida em 1826 à dos Gobelinos. (Ver a nota seguinte.)
[99]*Os Gobelinos* (em francês, Gobelins): nome de uma famosa família de tapeceiros do século xv, em cuja oficina, localizada em Paris, foi instalada mais tarde a tapeçaria real, depois tapeçaria nacional francesa, ainda hoje existente e célebre no mundo inteiro.
[100]*Os Lomellini* eram uma das 28 grandes famílias patrícias de Gênova.
[101]*Grande-Livro*: chamava-se assim a lista que continha os nomes de todos os credores do Estado e todos os elementos da dívida pública.
[102]*Victorine*: pessoa real, costureira da alta sociedade.
[103]*Janssen*: pessoa real, sapateiro da alta roda, estabelecido na rue Saint-Honoré.
[104]*Corina* (1807): romance de Madame de Staël.
[105]*Adolfo* (1816): romance de Benjamin Constant.
[106]*Madame de Staël* morreu em 1817; a ação do romance desenvolve-se entre 1825 e 1833.
[107]*O massacre de nossos antepassados no Pátio dos Leões*: dom Felipe Henarez, o autor desta carta, é um descendente, segundo sua própria afirmação, da outrora poderosa tribo moura dos Abencerragens. As lutas dessa tribo legendária com a dos Zegris teriam apressado a queda do reino de Granada (1480-1492). O amor de um Abencerragem à irmã ou à esposa do soberano Boabdil teria ocasionado o massacre dos principais membros da tribo no famoso Pátio dos Leões, de Alhambra. Esse episódio inspirou a obra de Chateaubriand, *O último Abencerragem*.
[108]O *Fernando* de que se trata aqui é o rei Fernando vii de Espanha (1784-1833). Retido por Napoleão em Valençay, abdicou a favor do irmão deste, José Bonaparte; quando o imperador lhe devolveu a coroa, voltou em 1813 à Espanha para ali restabelecer a monarquia absoluta. Seu despotismo provocou a Revolução Liberal de 1820 — em que dom Felipe Henarez também tomou parte —, que o forçou a outorgar a constituição; ao cabo de três anos, porém, com o auxílio de um exército francês comandado pelo duque de Angoulême conseguiu derrubar as Cortes e inaugurar outro período de reação absolutista, volvendo a ser o *rei neto*. Uma de suas primeiras medidas nessa ocasião consistiu em ordenar a prisão de Gaetano Valdez y Flores, presidente do conselho de regência eleito pelas Cortes, apesar dos serviços que este prestou à casa real durante o assédio de

Cádis. Fugindo à morte certa, Valdez y Flores emigrou para a Inglaterra, de onde só voltou para a Espanha em 1834.
[109]*General Rafael Riego y Núnes*: um dos chefes dos patriotas liberais, foi enforcado por ordem de Fernando vii em 1823.
[110]*Galignani*: dono de uma livraria da rue Vivienne, que vendia também livros ingleses.
[111] *Esta vida de Dionísio em Corinto*: Dionísio ii ou o Jovem, tirano de Siracusa, depois de um reino odioso, foi exilado de sua pátria e retirou-se com os seus tesouros para Corinto.
[112] As *ilhas de Hyères* são um pequeno arquipélago do Mediterrâneo perto da costa provençal, famoso pela beleza da paisagem e pelo clima agradável.
[113] *Validé*: Sultana-mãe.
[114] *García*: Manuel Victor García (1775-1832) e *Pellegrini*: Félix Pellegrini (1774-1832), cantores que desempenhavam papéis principais em *Otelo*, ópera de Rossini, *Il cor mi si divide* (em italiano): "O meu coração se parte".
[115] O *jovem senhor que não gostou que sua soberana o mandasse buscar sua luva no meio dos leões*: essa história é um dos assuntos conhecidos do folclore universal. Uma dama, para experimentar o amor de um cavalheiro, joga sua luva branca numa jaula de leões. O cavalheiro arrisca a vida, retira a luva da jaula, mas depois dá uma bofetada na dama cruel (segundo outra variante, abandona-a simplesmente). Na Espanha, uma antiga tradição liga essa lenda ao nome de Manuel de León. Entre as numerosas obras de literatura que versam sobre o assunto, lembremos a balada *Der Handschuh (A luva)*, de Schiller, e a comédia *El Guante de Doña Blanca*, de Lope de Vega.
[116]*O sr. de Canalis, o grande poeta do dia*: uma das personagens de *A comédia humana* que mais frequentemente encontramos. Deve parte da sua grande carreira e extraordinária ascensão social justamente à sua ligação com a sra. de Chaulieu. Desempenhará papel mais importante nos romances *Modesta Mignon*, *Uma estreia na vida* e *O deputado de Arcis*.
[117] *Antígona*: filha de Édipo, serviu de guia ao pai depois que este vazou os olhos.
[118] *O papel de Chimène no* Cid *e o de Cid*: na famosa peça de Corneille, essas duas personagens sentem-se atraídas uma pela outra por veemente paixão. Como, porém, por uma coincidência infeliz, Cid mata em duelo o pai de Chimène, esta heroicamente procura, por todos os meios, sufocar o próprio amor e exige ao rei o castigo do assassino. Contudo é o amor que acaba vencendo.
[119] *Gonçalvez de Córdoba*: general espanhol (1445-1515), herói da Reconquista.
[120]*Cardeal Ximenez*: Ximenez de Cisneros (1436-1517), arcebispo de Toledo.
[121]*Recomeçar a* Nova Heloísa *de Rousseau*: nesse romance, como é sabido, a heroína Júlia, aluna de Saint-Preux, é seduzida pelo seu professor.
[122] *Clarissa Harlowe*: o título de um romance em cartas do escritor inglês Richardson e, ao mesmo tempo, o nome da heroína. Perseguida pelos membros da própria família que, unicamente inspirados por interesses materiais, querem forçá-la a casar com um pretendente indigno, Clarissa deixa-se raptar por seu namorado Lovelace. Este, abusando da confiança da moça, leva-a a um prostíbulo e a viola, apesar da heroica resistência que ela lhe opõe. Clarissa morre, Lovelace é executado em duelo por um dos parentes de sua vítima. Eis o enredo dessa obra famosa, cuja publicação em fascículos (impressos aliás pelo próprio autor, que era tipógrafo) manteve todo o público inglês numa expectativa febril durante vários anos. Inúmeras leitoras escreveram ao autor para obter o perdão de Clarissa, mas Richardson, que chegara a considerar a sua heroína uma pessoa real, permaneceu inflexível: seguindo seus princípios de puritano, nunca pôde perdoar Clarissa por ter deixado a família, por antipática que fosse. O êxito da obra foi tamanho que o nome de Lovelace entrou na língua como sinônimo de sedutor. Em *Memórias de duas jovens esposas*, em que a influência de Clarissa Harlowe é manifesta, Balzac faz a esta última obra constantes alusões.
[123]*Não há mais do que dois partidos*: *o de Mário e o de Sila*: *eu sou por Sila contra Mário*:

alusão às lutas, por volta de 100 a.C., desses dois generais romanos, dos quais um, Mário, chefiava o partido popular, outro, Sila, o partido aristocrático.
[124]*O rei é um grande espírito*: o rei de que se trata aqui é Luís xviii; seu irmão é o conde de Artois, futuro Carlos x. Ver a respeito deles nossa nota 6 em *O baile de Sceaux*.
[125]*Joana d'Arc*: Jeanne d'Arc (1412-1431), heroína francesa que libertou o território francês da ocupação inglesa.
[126] *Josephine Fodor-Mainville* (1793-1870): famosa cantora, aplaudida em Paris, Londres, Veneza etc.
[127] *Bossuet*: Jacques Bénigne-Bossuet (1627-1704), bispo de Meaux, escritor e orador sacro, um dos clássicos da língua francesa; grande adversário dos protestantes.
[128] *Talleyrand*: esse famoso diplomata e estadista que habilmente serviu a todos os regimes, Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838), confraterniza aqui com as personagens fictícias de *A comédia humana*.
[129] Verso adaptado de outro, de Corneille: *"Voilà, belle Émilie, à quel point nous en sommes"* (*Cina*, ato I, cena III, verso 149).
[130]*Todas as argúcias minuciosas das mulheres de* Cyrus *e da* Astrée: trata-se de *Le Grand Cyrus*, romance *À clef* heroico-precioso, da srta. de Scudéry (1608-1701), e *Astrée*, romance pastoral de Honoré d'Urfé (1568-1625), obras que nos parecem hoje frívolas e de um gosto bastante duvidoso, cheias de minúcias psicológicas e de infinitas complicações sentimentais.
[131]*Felipe ii* (1527-1598): filho de Carlos v, rei da Espanha, que anexou Portugal. Em *Os camponeses*, Balzac o chama de "Alexandre da dissimulação".
[132] *Corina* (1807): famoso romance de Madame de Staël, de tendência "feminista"; a heroína é uma poetisa genial que não encontra seu lugar na sociedade.
[133] *Bonald*: Visconde Luís de Bonald (1754-1840): fundador da filosofia "tradicionalista", político e teórico da extrema direita, é um dos autores preferidos de Balzac. Autor de várias obras, entre as quais o *Ensaio analítico sobre as leis naturais da ordem social*, a *Teoria do poder político e religioso* etc., foi o campeão da proibição do divórcio.
[134]*A sra. de Mirbel* (1796-1849): personagem real, retratista da alta sociedade.
[135]*O grande escritor do Aveyron*: Bonald (nascido no castelo de Mouna, departamento do Aveyron).
[136] Em sua correspondência com a condessa Hanska, sua futura esposa, Balzac afirma que esta carta de Luísa a Felipe constitui um dos poucos trechos de sua obra em que ele se inspirou conscientemente num acontecimento da própria vida, a saber, numa cena de ciúme que se verificou entre ele e a condessa durante seu encontro em Viena, em 1835.
[137]*Berenice*: bela tragédia de Racine, quase impossível de se resumir, pois toda a ação é íntima, desenvolvendo-se no coração de dois amantes famosos, o imperador Tito e a rainha Berenice. Todo o enredo foi tirado destas duas linhas de Suetônio: "Tito, que amava apaixonadamente a rainha Berenice e até lhe teria prometido casamento, mandou-a embora de Roma a malgrado seu e dela, logo nos primeiros dias de seu império".
[138]*Senza brama, sicura ricchezza* (em italiano): "(possuir) sem inquietação, riquezas seguras"; palavras de Dante (*Paraíso*, xxvii, 9).
[139]*Quand même*: "apesar de tudo".
[140] *Buscar, segundo a expressão de Rabelais, um grande talvez*: a expressão que a tradição atribui a Rabelais moribundo refere-se à morte: "*Je m'en vais chercher un grand peut-être*"; aqui é aplicada ao casamento.
[141]*Mairie*: prefeitura.
[142]*Maires*: prefeitos.
[143] *Se teu velho sogro quiser constituir um morgadio, obteremos para Luís o título de conde*: o sistema dos morgadios, abolido pela Revolução Francesa, foi restabelecido em 1806 por Napoleão I, o qual, para aumentar o brilho do Império, instituiu uma nova nobreza. O morgadio (em

francês, *majorat*) era uma propriedade imobiliária cujas rendas eram especialmente destinadas, em virtude de uma autorização do soberano, a sustentar um título nobiliárquico e a serem transmitidas perpetuamente na linha masculina por ordem de primogenitura. Havia duas espécies de morgadio: uma, chamada morgadio "de movimento próprio", constituída por uma dotação do próprio chefe do Estado; outra, "a pedido", que um chefe de família estava autorizado a constituir à custa de seus próprios bens, vinculando parte de suas propriedades como "dotação" de um título hereditário. Os títulos — duque, conde, visconde, barão — da nova aristocracia, criada pelo imperador, não se tornavam hereditariamente transmissíveis senão por meio da constituição de um morgadio. A renda obrigatória dos morgadios foi fixada por decreto: era tanto maior quanto mais elevado o título. A Restauração manteve este sistema e até obrigou os membros da Câmara dos Pares a instituírem morgadios. >

A partir da revolução de julho de 1830 o sistema dos morgadios foi progressivamente abolido. É indispensável lembrarmos esses traços essenciais de uma instituição à qual encontramos constantes alusões em *A comédia humana*. No caso de Luís de l'Estorade, como facilmente se compreende depois dessas explicações, era preciso, para ele poder ser nomeado conde, que seu velho pai, dono das propriedades da família, vinculasse uma parte destas e pedisse ao rei autorização para constituí-las em morgadio.

[144]*Obermann* (1804): famoso romance melancólico de Senancour, cujo herói é um parente francês do *Werther*, de Goethe. O livro, formado por uma série de cartas sem resposta a um amigo, nas quais Obermann conta suas desilusões, sua desorientação, a inquietação de seu espírito, era muito lido e ainda mais citado durante a primeira parte do século xix.

[145] Alusão à fábula O*s dois amigos* (*Fábulas*, viii, 11).

[146]*Medeia*: feiticeira da mitologia antiga, abandonada por seu esposo Jasão, a quem ajudara na conquista do Tosão de Ouro, estrangulou não somente sua rival, como também seus próprios filhos, para vingar-se do infiel.

[147] *Lucina*: na religião romana, deusa que presidia ao parto.

[148] Notam-se, nesta carta, várias distrações do autor. Ela não pode ser de março de 1826, pois a mensagem anterior de Luísa (de nº xxx) data de janeiro; ora, ela começa afirmando que não escreve à amiga há mais de três meses. Outro engano: no fim da carta ela calcula a idade do afilhado em mais de nove meses, mas, segundo fomos informados pela carta do conde de l'Estorade (de nº xxix), o pequeno Armando nasceu em dezembro de 1825.

[149]*Celimène no* Misantropo *de Molière*: uma jovem viúva faceira e maldizente que vive no meio da alta sociedade. Alceste, apaixonado por ela, procura debalde uma ocasião para poder falar-lhe a sério e acaba por abandoná-la ao verificar que ela é incapaz de sacrificar a vida mundana ao amor.

[150] *Faciem semper monstramus*: frase latina que significa "mostramos sempre o rosto".

[151]*Uma verdadeira família Harlowe*: ver a nota 35.

[152]*Grisette*: costureirinha de costumes fáceis.

[153] *Esse magnífico caminho da Corniche*: chama-se assim o caminho que, ao longo do Mediterrâneo, vai de Nice a Gênova.

[154] *Mamamouchi*: "alto dignitário" ou "funcionário". (Nome forjado por Molière para designar um dignitário turco burlesco de sua invenção.)

[155] *Renato*: conde de Provença, rei de Sicília, conhecido pelo apelido de *bom rei Renato*; viveu de 1409 a 1480.

[156]*Capo d'opera*: "obra-prima". *Bel quadro*: "quadro bonito".

[157] *As pastorais de Gessner e de Florian*: os poemas idílicos do suíço Salomon Gessner (1730-1788) e do francês Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794) distinguem-se por seu caráter sentimental, ingênuo, moralizador, bastante insulso; foi sua pieguice que provocou essa observação do espirituoso jornalista Antoine de Rivarol (1753-1801).

[158] *Numa não estava tão longe assim de sua Egéria*: conforme a lenda, Numa, segundo rei de Roma, ia ao bosque de Arícia, perto da cidade, pedir os conselhos da ninfa profetisa Egéria.

[159] *Mãe Gigogne*: chama-se assim uma personagem feminina cônica do antigo teatro de títeres. Representava a fecundidade. Mais tarde apareceu também no cenário dos grandes teatros, em companhia de Arlequim e de Polichinelo.
[160] *Jean Baptiste Martignac* (1778-1832): ministro liberal de Carlos x.
[161]*Os senhores de Bourmont e de Polignac*: Luís Auguste Victor de Bourmont, conde de Ghaisnes, político reacionário, antigo vendeano; ministro da Guerra em 1829. Auguste Armande Jules Marie, conde e depois príncipe de Polignac, político reacionário que acompanhou Luís xviii a Gand durante o reinado de 100 dias de Napoleão; presidente do Conselho em 1829.
[162]*Cassandra*: filha de Príamo e de Hécuba, que recebeu de Apolo o dom de vaticinar o futuro. Por não ter cumprido uma promessa feita ao deus, este castigou-a fazendo com que ninguém acreditasse nas suas profecias.
[163] O texto exato deste verso de Racine é *Je ne sais point prévoir les malheurs de si loin* ("Não sei prever os infortúnios de tão longe", *Andrômaca*, i, 2, 196).
[164] *A França semirrepublicana de julho*: *a Coroa oferecida pelo povo ao rei dos franceses*. A orgulhosa Luísa fala com certa ironia do regime liberal de Luís Filipe, que, no intervalo de seis anos, decorrido entre essa carta e a anterior, em julho de 1830, substituiu o regime absolutista de Carlos x. Sua ironia não poupa Renata e o marido desta, os quais, por motivos que a resposta a esta carta nos explicará, aderiram a um rei que recebeu sua coroa não de Deus, mas do povo.
[165] *O rei-cidadão*: Luís Filipe.
[166] *Lady Brandon*: a morte dessa personagem é contada na novela *O romeiral*; mas faltou tempo ao romancista para contar-lhe os antecedentes.
[167] *O chalé* de Luísa representa um dos grandes sonhos da vida de Balzac. Essa fabulosa propriedade perto de Paris é a imagem idealizada das *Jardies*, a vila que Balzac mandou construir na mesma região. Infelizmente, antes de poder transformá-lo em paraíso terrestre, teve de vendê-lo com perda sensível que aumentou ainda mais as suas terríveis dívidas.
[168] *Milord*: carro de quatro rodas, dois lugares, coberta e um assento elevado sobre o jogo dianteiro.
[169] *Uma das mais extraordinárias mulheres dessa aristocracia*: alusão a Diana de Maufrigneuse, princesa de Cadignan, uma das personagens mais notáveis de *A comédia humana*, tipo da "mulher fatal", como se diria hoje, com inúmeros casos. Nesse momento, já em plena maturidade (tinha seus trinta e oito anos), era amante de Daniel d'Arthez. Ver *Os segredos da princesa de Cadignan*, *O deputado de Arcis* etc.
[170] *O ramo primogênito* dos Bourbon era representado por Carlos x, derrubado pela Revolução de 1830 a favor de Luís Filipe, representante do ramo secundogênito ou dos Bourbon de Orléans.
[171] *Uma mãe não deve ser Décio*, *sobretudo numa época em que os Décios são raros*: alusão a três personagens da história romana que se devotaram aos deuses infernais para assegurar a vitória aos exércitos de Roma. Seu nome passou na língua para designar aquele que se sacrifica aos interesses de sua pátria.
[172] *Senza brama*, *sicura ricchezza*: esta frase italiana já figurou numa carta de Luísa a Felipe (v. nossa nota 51), da qual, porém, Renata não teve conhecimento e a que, portanto, não deveria aludir. Houve distração do romancista (que várias vezes cita essas palavras em suas cartas à Estrangeira)? Ou devemos atribuir a repetição ao fato de se tratar de uma frase lida e repetida pelas duas amigas desde os tempos do convento e da qual ambas se servem como de uma espécie de *slogan* para resumir seu ideal de felicidade?
[173]*Cornélia devia esconder as suar joias*: Cornélia era filha do famoso general romano Cipião, o Africano, e mãe dos Gracos. Ficou viúva com doze filhos, que educou com toda a dedicação e com os maiores cuidados. Exibindo-lhe um dia uma rica patrícia a sua coleção de joias e pedindo-lhe que mostrasse as suas, ela respondeu indicando os filhos: "Eis as minhas joias". Estes, porém, tiveram uma sorte trágica. Os dois últimos, Tibério e Caio, a quem a mãe ensinara o idealismo e o amor apaixonado à coisa pública, morreram assassinados em sua luta contra a avidez da

aristocracia romana.
[174] *O grande Sully*: Maximilien de Béthune, duque de Sully, estadista, amigo de Henrique iv; famoso por sua boa atuação nas pastas da Fazenda e da Agricultura.
[175] *A alma de Heloísa e os sentidos de Santa Teresa*: estes dois nomes são aqui sinônimos, respectivamente, de "uma amante apaixonada" e de "uma mística".
[176] *Verdier*: pessoa real, negociante de bengalas estabelecido na rue de Richelieu.
[177] *Nathan, o autor dramático*: um dos personagens mais frequentemente encontrados em *A comédia humana*, tipo representativo da boêmia balzaquiana. Ver *Uma filha de Eva*, *Esplendores e misérias das cortesãs* etc.
[178]*É demasiado tarde!* (Il est trop tard!): esta frase famosa foi pronunciada por La Fayette quando, presidente da comissão instalada na Prefeitura de Paris durante a Revolução de Julho de 1830, recebia a carta pela qual o rei Carlos x revogava seus decretos de 25 do mesmo mês, cujo caráter reacionário tinha provocado a revolução. Poucos dias depois, o duque de Orléans, chefe do ramo secundogênito, ocupou o trono sob o nome de Luís Filipe.
[179] *Os puritanos, A sonâmbula e Moisés*: óperas italianas, com música de Bellini as duas primeiras, de Rossini a terceira.
[180] *De Profundis*: o Salmo cxxix na tradução latina da *Vulgata*, incluído no ofício dos mortos.
[181] A *Sofka* da presente dedicatória é uma bela russa da alta sociedade parisiense, Sophie Koslowsky, filha do príncipe Koslowsky, aventureiro bem conhecido; foi ela que introduziu Balzac em várias famílias aristocráticas. Segundo as curiosíssimas memórias manuscritas, devidas a um contemporâneo, já citadas na introdução de *Memórias de duas jovens esposas*, cujo autor anônimo relata todos os diz que diz que malévolos que corriam sobre Balzac, as duas figuras em adoração de que se trata no prefácio seriam o próprio romancista e a srta. Sofka; a bela santa seria a condessa Guidoboni-Visconti, anteriormente — segundo o anônimo — amante do príncipe Koslowsky, amiga de sua filha Sophie e, no momento da dedicatória, amante de Balzac.
[182] *Pierre Proudhon* (1758-1823) *e Anne-Louis Girodet de Roussy* (1767-1824): pintores famosos da época.
[183] *Ginásio*: Théâtre du Gymnase Dramatique, de comédias musicadas (*Vaudevilles*), inaugurado em 1828.
[184] *Porte-Saint-Martin*: no bulevar deste nome, onde anos depois se representaria *Vautrin*, drama do próprio Balzac.
[185]*Réveillon*: pessoa real, fabricante de papéis de parede.
[186]*Lebrun*: Charles Lebrun (1619-1690), ilustre pintor francês; deve a fama a uma série de quadros monumentais que representam as *Batalhas de Alexandre*.
[187] *Voltigeur*: fuzileiro de infantaria ligeira; no sentido figurado: partidário apaixonado.
[188] O *dito de Rivarol sobre Champcenetz*: Rivarol (1753-1801), espirituoso jornalista e escritor, autor do famoso *Discurso sobre a Universalidade da Língua Francesa*, teve como colaborador de seus panfletos o cavalheiro de Champcenetz (1759-1794), jornalista ultrarrealista, executado durante a Revolução.
[189] O caporal Trim é o criado inseparável do capitão Toby, duas figuras originais e divertidas do romance *Tristram Shandy*, de Sterne.
[190] *O célebre quadro de Guérin* (1774-1833): *Eneias contando a Dido os desastres de Troia*. Por uma coincidência das mais interessantes, Baudelaire, ao analisar, em suas *Curiosidades estéticas*, este mesmo quadro, observa que "o olho úmido desta Dido, afogado nos vapores do *keepsake*, quase anuncia certas parisienses de Balzac".
[191]*Pistolas*: antiga moeda francesa de valor equivalente a dez francos.
[192] *José Bridau*: uma das personagens principais da boêmia balzaquiana, aluno do barão Antoine-Jean Gros (1771-1835), famoso pintor de assuntos históricos. Já encontramos José Bridau em *Memórias de duas jovens esposas*, onde figura como um dos melhores amigos de Maria-Gastão, segundo marido de Luísa de Chaulieu.

[193] *O cavalheiro des Grieux*: personagem de *Manon Lescaut*, romance do abade Prévost, tipo do amante cego pela paixão que lhe faz perdoar as piores infidelidades da amiga.
[194]*O conde de Kergarouët* já apareceu em *O baile de Sceaux*. Almirante aposentado, casou com a sobrinha-neta, Emília de Fontaines.
[195]*A Polonesa*, a quem esta dedicatória é dirigida, é a condessa de Hanska, a "Estrangeira" com quem Balzac casou em 1850, depois de um namoro de dezessete anos. Na nota introdutória a este romance explicamos os motivos da dedicatória e lembramos a curiosidade que levantou no público. Seus termos misteriosos, além de exprimirem o arrebatamento do namorado, constituíam ao mesmo tempo um engodo hábil para captar o interesse dos leitores e principalmente das leitoras. Como esse recurso de propaganda alcançou o efeito desejado, demonstra-o a curiosidade, velada de indignação, de Sainte-Beuve, o grande adversário de Balzac: "Quem já viu semelhante aranzel? Como é que o ridículo não fustiga escritores assim? Por que concessão um jornal que se respeita lhes abre as suas colunas, e com tamanho alarido? Perguntamo-nos: a quem pode dirigir-se uma dedicatória tão esquisita e tão pouco francesa?".
[196] *Estige*: lago dos infernos da mitologia antiga.
[197] *Minotauro*: monstro mitológico, metade homem, metade touro. Representavam-no com cornos, o que explica essa alusão pilhérica aos maridos enganados.
[198] *Fisiologia do casamento*: obra de Balzac, que faz parte de *A comédia humana*.
[199]*Contrassenso fisiognomônico*: contraste entre as feições da fisionomia e os do caráter. Balzac era fervoroso adepto da fisiognomonia, "ciência" agora desacreditada, que permitiria tirar conclusões seguras da fisionomia dos homens no tocante às suas qualidades morais.
[200] *Mapa da Ternura*: não se trata, absolutamente, de uma expressão figurada, pois o Mapa da Ternura (*Carte du Tendre*) é um verdadeiro mapa, cuja gravura acompanhava as edições do romance precioso-heroico da srta. de Scudéry, *Clélie*, do século xvii. Nela figuravam "países", "lagos" e "rios" que representavam as diversas etapas pelos quais o perfeito galanteador deve passar para conquistar o objeto de sua paixão.
[201] *O romance de Walter Scott*: *The Black Dwarf* (*O anão negro*), cujo herói, um anão misterioso, apesar de sua misantropia, contribui secretamente para a felicidade de certo número de pessoas, entre as quais a jovem Isabel. Esta pôde ser salva de um perigo mortal graças a uma rosa branca que o anão lhe deu para que a usasse como sinal de reconhecimento quando precisasse de seu auxílio.
[202] *Clerc obscur* ("amanuense obscuro"): pronuncia-se em francês da mesma forma que *clair-obscur* ("claro-escuro", imitação, na pintura, dos efeitos de luz naturais); daí o trocadilho, intraduzível em português.
[203] *Auteuil*: antiga comuna do departamento do Sena, hoje 16º distrito de Paris. *Ville-d'Avray*, comuna do mesmo departamento a 6 km de Versalhes, no meio de um bosque, famoso precisamente pela vila "les Jardies" que pertenceu a Balzac e, depois dele, a Gambetta. *Montmorency*: cidadezinha com bosque a 15 km de Paris.
[204] *Níobe*: figura mitológica, filha de Tântalo; na literatura, símbolo da dor materna. Orgulhosa de sua prole numerosa, Níobe atreveu-se a troçar de Latona, mãe apenas de dois filhos, Apolo e Diana. Estes, por vingança, mataram-lhe os filhos, um por um, a flechadas.
[205]*Mierevelt*: Michiel Jansz van Mierevelt, retratista holandês (1567-1641).
[206] *Suas maneiras* [...] *tudo concorda com a brevidade de seu nome*, *Dumay*: segundo Balzac, na vida real existe uma relação misteriosa entre as pessoas e seus nomes. Por isso escolhia com particular cuidado o nome de suas personagens, extremamente satisfeito quando, nesse pormenor, conseguiu algum achado, como no caso de *Z. Marcas*, protagonista de uma novela de *A comédia humana*.
[207] *Hoje* [...] *os romancistas exploram esses efeitos*: Balzac fala aqui nos romancistas como se ele mesmo não fosse um deles. Com efeito, veremos mais tarde, no decorrer deste mesmo romance, como a si próprio ele conferia o nome de "historiador dos costumes".

[208] *Margherita Doni, uma das glórias do palácio Pitti*: trata-se de um retrato da autoria de Rafael; o modelo, porém, era Maddalena (e não Margherita) Doni.
[209] *Modesta, flor enclausurada como a de Catulo*: alusão aos seguintes versos do *Canto nupcial* de Catulo, poeta romano (87-47 a.C.):
Ut flos in saeptis secretus nascitur hortis...
Sic virgo, dum intacta manet, dum cara suis est.

("Como a flor secreta que nasce nos jardins cercados... assim a virgem é querida dos seus enquanto é intacta.")
[210]*9 Termidor*: dia do ano x do calendário revolucionário, que corresponde ao 27 de julho de 1794 da era comum, e marca a data em que Robespierre foi derrubado pela Convenção. Esse dia assinala o fim do Terror.
[211] *Antínoo*: nome de um jovem escravo de grande beleza, favorito do imperador Adriano (sec. ii a.C.).
[212] *Cévola*: Mucio Cévola, herói da história romana, tipo do homem resoluto, que não transige no cumprimento de um dever cívico.
[213]*Alberto Dürer*: Albrecht Dürer (1471-1528), pintor e gravador alemão, um dos maiores artistas de todos os tempos, retratista consumado, aperfeiçoador da xilogravura e da água-forte.
[214]*Charlet*: Nicolas-Toussaint Charlet (1792-1846), desenhista que exceliu em cenas militares e na representação dos veteranos de Napoleão.
[215] "*Che meirs tans le goton*": pronúncia errada à alemã, desta frase francesa "*je meurs dans le coton*" ("Estou morrendo no algodão"). Balzac, que não sabia nenhuma língua estrangeira, deliciava-se em figurar a pronúncia errada das personagens estrangeiras de *A comédia humana*. Observe-se, porém, que a sua transcriação não representa fielmente a pronúncia alemã do francês.
[216]*O pai Goriot*: protagonista de um dos romances mais poderosos de Balzac. É o rei Lear na sociedade moderna, o pai que se sacrifica por duas filhas ingratas. O velho Wallenrod parece-se com ele no excesso do amor paterno, mas não sofre a mesma tragédia em relação à filha.
[217] "*Ed che meirs ne teffant rienne a berzonne*": pronúncia à alemã desta frase francesa: "*Et je meurs ne devant rien à personne"* ("E morro não devendo nada a ninguém").
[218]*Alter ego* (em latim): "outro eu".
[219]*A casa Mongenod*: família de banqueiros imaginada por Balzac, encarregada das transações financeiras de várias personagens de *A comédia humana*.
[220]*Argos*: personagem mitológica, que tinha cem olhos, dos quais cinquenta ficavam sempre abertos.
[221]*Childe Harold* (1813-1817): romance em versos de Byron, em cujo herói o autor em parte pintou a si mesmo.
[222]*Ducray-Duminil* (1761-1819): romancista popular em voga no começo do século xix, sem categoria literária.
[223]*Os condes d'Egmont, Werther, Schiller e outros terminados em er*: A boa sra. Latournelle faz confusão entre personagens literárias (Werther e o conde d'Egmont, ambos de Goethe) e uma pessoa viva, Schiller, o grande poeta do romantismo alemão.
[224] *Lebrun*: ver a nota 6 da novela *A bolsa*.
[225] *A filha mal guardada*: opereta de Duni, representada em Paris pela primeira vez em 1758.
[226] *Bartolo*: personagem de *O barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais: tipo do tutor desconfiado.
[227] *Crabbe*: George Crabbe (1754-1832), autor do poema *The Village*, pintou com realismo a mesquinhez da vida provinciana. *Moore*: Thomas Moore (1779-1852), poeta agradável e harmonioso de *Lalla-Rookh* e de *Irish Melodies*. Os nomes dos outros poetas não necessitam explicação.
[228] *Rabelais*: François Rabelais (1483-1553), autor de *Gargântua* e *Pantagruel*, que Balzac considerava um de seus mestres e a quem imitou em seus *Contos droláticos*. *Manon Lescaut*: pequeno romance de amor, obra-prima do abade Prévost (1697-1763). *Montaigne*: Michel de

Montaigne (1553-1592), moralista cético, autor de admiráveis *Ensaios*. *Diderot*: Denis Diderot(1697-1763): filósofo e escritor; um dos organizadores da *Enciclopédia*. *Fabliaux*: pequenos contos populares em versos, do fim da Idade Média, na França. *A Nova Heloísa*: romance de Jean-Jacques Rousseau (ver a nota 34 de *Memórias de duas jovens esposas*).
[229] *Carlos v* (1500-1558): rei da Espanha e imperador da Alemanha. Cansado do poder, retirou-se em 1555 ao mosteiro de Yuste. Segundo uma lenda hoje considerada falsa, teria mandado erguer o seu próprio catafalco e celebrar missa fúnebre por sua alma; as emoções que sentiu assistindo à cerimônia ter-lhe-iam acelerado a morte, sobrevinda poucos dias depois.
[230] *A Sexta Câmara*: trata-se provavelmente da Câmara (de justiça) que julgava nos processos de devedores.
[231] *Ninon de Lenclos*: cortesã famosa pela beleza e pelo espírito. Reunia em seu salão a elite do século xvii.
[232] *Gil Blas*: personagem principal do romance do mesmo nome (1715), de Lesage; tipo do aventureiro amável.
[233] *As Pasta*, *as Malibran*, *as Florine*: segundo seu costume, Balzac mistura aqui mais uma vez personagens reais, as cantoras Giuditta Pasta (1798-1865) e Maria Felicia Garcia Malibran (1808-1836), célebres em sua época, a uma criação de sua própria fantasia, a atriz Florine (personagem de *Uma filha de Eva*, de *Esplendores e misérias das cortesãs* etc.).
[234] *Madame de Staël* (1766-1817): filha do ministro Necker, autora de livros muito lidos em seu tempo (*Corina*, *Delfina*, *Da Alemanha*) e que desempenharam grande papel na preparação do movimento romântico.
[235] *O Salvador arrastou seu apóstolo por sobre o lago de Tiberíades*, (ou Genesaret), segundo a narração contida no Evangelho de São João, cap. xxi.
[236] *Mário* (156-86 a. C.): general romano, adversário de Sila, por quem foi vencido. Fugindo a este, desembarcou na Líbia, e descansava nas ruínas de Cartago quando o prefeito da província o mandou partir imediatamente. — "Dize ao teu senhor" — falou então Mário ao lictor — "que viste Mário fugitivo, sentado sobre as ruínas de Cartago".
[237] *Tasso*: Torquato Tasso (1544-1595), famoso poeta italiano, autor do poema épico *A Jerusalém libertada*; homem de caráter altivo e desconfiado, sujeito a acessos de loucura.
[238] *Murat*: general Joachim Murat (1767-1815). Cunhado de Napoleão, foi nomeado, por este, rei de Nápoles e ocupou o trono até a queda do imperador; fuzilado quando tentou reconquistar o seu reino.
[239] *Manfredo*: estranho drama de Byron (1817), chamado às vezes o *Fausto* do poeta inglês, e no qual o autor apresenta um criminoso que vive em orgulhosa solidão à margem da sociedade.
[240] *Lara*: título de um drama de Byron (1814) e nome do personagem principal, um corsário violento e romântico, sempre acompanhado de seu misterioso pajem Kaled, que se revela por fim ser uma moça.
[241]*Gulnare*: bela escrava de Seyd, paxá que — no poema *O corsário*, de Byron — se apaixona pelo corsário Conrado, prisioneiro do paxá, e o salva da morte, embora ele não lhe retribua o amor.
[242] *Crébillon Filho*: Claude Prosper Jolyot de Crébillon (1707-1777), escritor licencioso, autor de *Os desvios do coração e do espírito*, *O sofá*, *Conto moral* etc.; muito popular em seu tempo. Depois de ter-lhe lido as obras, em que pinta as mulheres com todos os traços da depravação, uma inglesa rica e bonita, lady Stafford, apaixonou-se por ele, ofereceu-lhe a mão e desposou-o. Merecidamente esquecido hoje, foi superestimado até por contemporâneos da inteligência de um Sterne, que o considerava igual a Rabelais.
[243] *Sterne*: Laurence Sterne (1713-1768), escritor inglês de grande talento, um dos autores preferidos de Balzac; autor de *Tristram Shandy*, de *A Sentimental Journey* etc. Elisa Draper era a esposa de um funcionário inglês da Índia. Sterne apaixonou-se por ela durante sua estada em Londres e, quando ela partiu para Bombaim, ficou numa verdadeira prostração. As cartas do

romancista à sua bem-amada só vieram à luz depois da morte de Sterne sob o título de *Letters from Yorick to Eliza* e levantaram uma onda de simpatia e compaixão.
[244] *Goldsmith*: Oliver Goldsmith (1728-1774), autor de *The Vicar of Wakefield*. *Sénancour*: Étienne Sénancour (1770-1846), autor de *Obermann*; *Nodier*: Charles Nodier (1780-1844), contista de valor da escola romântica, amigo de Balzac. *Maturin*: Charles Robert Maturin (1782-1824), autor do romance terrificante *Melmoth the Wanderer*, cujo assunto é um pacto com o diabo, e cujo herói reaparece no *Melmoth reconciliado* de Balzac.
[245] *Canalis*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*. Já o encontramos nas *Memórias de duas jovens esposas* como amante da duquesa de Chaulieu, ligação esta a respeito da qual aqui viremos a saber muitos pormenores curiosos. No tocante ao provável "original" desse personagem, ver a nota introdutiva ao presente romance.
[246] *D'Arthez*: importante personagem balzaquiana; escritor de renome, já encontrado, na qualidade de amigo de Maria-Gastão, em *Memórias de duas jovens esposas*.
[247] *Dauriat*: livreiro, personagem balzaquiana. Além das obras de Canalis, publica também o volume de sonetos de Luciano de Rubempré (*Ilusões perdidas*).
[248] *A acha não deu mais do que um copo de espada*: no original, *La hache n'a donné qu'une coquille*. Como se vê, aqui há um trocadilho, baseado nos dois sentidos da palavra *coquille*: "vieira" (a que figura no escudo de Canalis) e "copo de espada".
[249] *Que não dá o que pode vender*: no original, *Qui ne donne pas ses coquilles*, expressão figurada que significa "ser mesquinho", "não dar nada de boa vontade" etc., e entra aí para dar margem a novo trocadilho sobre a palavra *coquille*.
[250]*Os versos atraem para ali os trouxas, como os vermes atraem os cadozes*: há neste trecho, no original francês, uma série de trocadilhos de impossível tradução. A pilhéria parte do nome da rua em que mora o poeta, rua Paradis–Poissonnière, nome extravagante, composto de duas palavras; a primeira significa "paraíso" e a segunda "panela para cozer peixe". Para esta panela, os *vers* ("vermes", mas também "versos") atraem os *goujons* ("cadozes", mas também "trouxas").
[251]*Franquear*: na época de Balzac, o porte das cartas era pago ou pelo remetente ou pelo destinatário, daí o editor recomendar à consulente que franqueie as suas missivas.
[252] *Uma oitava praga da qual o Egito escapou*: *os versos*: outro trocadilho, baseado ainda nos dois sentidos da palavra *vers* ("versos" e "vermes").
[253] *Bixiou*, *José Bridau*, *Schinner*, *Sommervieux*: todos esses pintores são personagens de *A comédia humana*. A história de Sommervieux nos foi contada em *Ao "Chat-qui-Pelote"*; a de Schinner, em *A bolsa*, novela em que Bixiou e José Bridau também aparecem acidentalmente.
[254]*Didot*: nome de famosa dinastia de tipógrafos, cuja casa ainda existe.
[255]*Bernardin de Saint-Pierre* (1737-1814): autor do romance idílico *Paulo e Virgínia*.
[256] *Aquele novo Dorat de sacristia*: a história da literatura francesa registra dois poetas com esse nome: Jean Dorat (1508-88), poeta erudito, membro da Plêiade e mestre de Ronsard; e Claude-Joseph Dorat (1734-1780), poeta galante e frívolo, autor de madrigais, dramas e poemas descritivos cheios de afetação. Aqui se trata provavelmente do segundo.
[257] *René* (1802): romance autobiográfico de Chateaubriand, de uma melancolia mórbida.
[258] *Navarreins*, *Cadignan*, *Grandlieu*, *Nègrepelisse*: nomes de grandes famílias aristocráticas em *A comédia humana*.
[259] *O rei cavaleiro*: Carlos x. Odiot era joalheiro da Corte, o mesmo que, no Império, executara o berço do rei de Roma, filho de Napoleão. Tradução dos dois versos da tragédia de Voltaire: "Ó versificador, lisonjear-te-ias de eclipsar Carlos x em generosidade?".
[260] *De Marsay*: personagem balzaquiana, que já apareceu em *Memórias de duas jovens esposas*.
[261]*A embaixada do duque de Chaulieu*: ver a carta vii das *Memórias de duas jovens esposas*.
[262]*O antigo presidente da república Cisalpina*: Luigi Colla (1766-1848), autor do *Herbarium Pedemontanum*, em sete volumes.

[263]*Canning e Chateaubriand são homens políticos*: George Canning (1770-1827), homem de Estado inglês, um dos campeões do livre-cambismo, foi também jornalista e autor de crônicas humorísticas. Por sua vez, o poeta Chateaubriand exerceu, durante a Restauração, o cargo de ministro das Relações Exteriores.
[264] *Menneval*: barão Claude-François de Menneval (1778-1850), secretário de Napoleão, homem muito devotado e que durante a Restauração não aceitou nenhum emprego.
[265]*Hipocrene*: fonte na encosta do Hélicon consagrada às Musas. Segundo a mitologia, fora aberta pelo cavalo Pégaso, que a fez brotar golpeando a rocha com a pata.
[266]*A sra. d'Espard*: grande dama do mundo balzaquiano, que frequentemente aparece nas diversas partes de *A comédia humana*. Entrevimo-la nas *Memórias de duas jovens esposas*.
[267]*Jean-François Marmontel* (1723-1799): autor de *Contos morais*, de *Memórias de um pai para servirem à instrução de seus filhos*, de tragédias etc.
[268] Os *d'Este* eram uma ilustre família principesca da Itália, durante muito tempo donos de Ferrara, Módena e Reggio.
[269]*Nathan*, *Florina*, *d'Arthez*, *José Bridau*, *Béranger*: os quatro primeiros desses nomes designam personagens de *A comédia humana*, às quais Balzac, segundo seu costume, mistura uma pessoa viva, Pierre-Jean Béranger (1780-1857), famoso cancionista. Luciano de Rubempré, também personagem balzaquiana, é protagonista de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
[270]*A ninfa Calipso*: personagem da *Odisseia*, de Homero, que guarda em sua ilha Ogígia, durante sete anos, o naufragado Ulisses. Figura também no romance de Fénelon *As aventuras de Telêmaco*, em que o autor francês narra as vicissitudes de Telêmaco, filho de Ulisses, que partiu à procura do pai.
[271] *Apolo do Belvedere*: uma das estátuas mais belas da Antiguidade, considerada um protótipo da beleza plástica. Belveder é um dos museus do Vaticano, onde ela se encontra.
[272] *Alceste* é a principal personagem do *Misantropo*, de Molière; tipo do homem carrancudo, de franqueza impiedosa, inimigo das considerações impostas pela vida social.
[273]*Os quartéis necessários para entrar em todas as cortes e todos os capítulos*: chama-se quartel cada grau de descendência numa família nobre.
[274]*Bas-bleu*: "meia azul"; em sentido figurado: mulher que escreve, com pretensões a intelectual. É tradução da expressão inglesa *blue stocking*, que teria sido empregada pela primeira vez pela sra. Elisabeth Vesey, organizadora de um círculo literário feminino na segunda metade do século xviii na Inglaterra. Um escritor, convidado às reuniões do cenáculo, desculpou-se alegando a falta de vestuário conveniente: a sra. Vesey respondeu-lhe: "Não se preocupe; pode vir até de meias azuis", isto é, de meias grossas de estamenha, das usadas em casa, em vez das de seda preta, obrigatórias em reuniões sociais. A expressão vingou, sendo aplicada primeiro aos convidados masculinos, depois às participantes femininas, e, finalmente, às sabichonas em geral.
[275] *Clarissa Harlowe*: Ver a nota 35 de *Memórias de duas jovens esposas*.
[276] *O almanaque de Gotha*: anuário genealógico e diplomático, publicado em Gota (Alemanha), pela primeira vez em 1763. Contém a genealogia das famílias aristocráticas e a lista de seus membros vivos.
[277]*Corina*: livro de Mme. de Staël, no qual a autora, contando a história da genial poetisa Corina, exalta os grandes homens e os monumentos da Itália.
[278] *Minhas meias são e se conservarão de uma brancura imaculada*: alusão à expressão francesa *bas-bleu*. Ver a nota 80.
[279]*A Áustria, tão forte pelo casamento*: alusão ao lema da casa de Áustria: *Bella gerant alii, tu, felix Austria, nube*. ("Deixa os outros fazerem a guerra, e, por tua vez, casa, Áustria feliz.").
[280]*Emprinse*: termo de cavalaria, para indicar uma justa empreendida por qualquer cavalheiro particular que usava, durante um mês, seis meses ou um ano, no braço, na perna, no capuz ou em qualquer outra parte visível do corpo ou do vestuário, o sinal de sua empresa: uma charpa, uma manga, uma corrente, uma estrela ou qualquer outra marca parecida. Daí o nome ter passado a

designar o próprio emblema.
[281]*O bordado começado por ocasião de sua partida*: alusão ao bordado que Penélope, esposa de Ulisses, começou na ausência do marido, fazendo-o de dia e desfazendo-o de noite para assim iludir seus pretendentes, a quem prometia escolher um deles no dia em que acabasse o trabalho. Nesse estratagema levou anos, até que Ulisses voltou.
[282]*Martynn*: provavelmente grafia errada, por Martin, pois a alusão deve referir-se a John Martin (1789-1854), pintor inglês, de tendências épicas e imaginação extraordinária, autor de quadros como *O dilúvio*, *O festim de Baltasar*, *Josué fazendo parar o sol* etc.
[283]*Betina*: foi com este nome que a jovem Elisabete Brentano, irmã do escritor Clemens Brentano, assinou suas cartas ao velho Goethe, as quais foram publicadas em 1835, em três volumes, sob o título de *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, e, algum tempo depois, traduzidas para o francês. Balzac não somente leu a edição francesa, como também a comentou com bastante ironia num artigo inédito, incluído numa carta que escreveu em agosto de 1843 à condessa Hanska. Apenas a pessoa com quem Betina acabou por se casar — como finamente observa Baldensperger em *Orientations étrangères chez Honoré de Balzac* — não foi um "bom alemão gordo" qualquer, mas sim o poeta Achim von Arnin.
[284]*A amiga de Lord Bolingbroke*: Henry Saint-John, visconde de Bolingbroke, depois de uma mocidade bem festiva, casou-se em segundas núpcias, durante seu exílio em França, com uma sobrinha da sra. de Maintenon.
[285]*O Grande Livro*: ver nota 14 de *Memórias de duas jovens esposas*.
[286]*Bélise e Henriette Chrysale ao mesmo tempo*: trata-se de duas personagens de caráter oposto, das *Sabichonas*, de Molière, sendo a primeira uma velha meio maluca, que vê em cada homem um apaixonado, e a segunda uma mocinha simples e ajuizada.
[287]*Montaigne e a srta. de Gournay*: tornou-se famosa a amizade intelectual entre o autor dos *Ensaios* e a srta. de Gournay, que, depois da morte do amigo, preparou a edição das obras deste.
[288]*Sismonde de Sismondi* (1773-1842): escritor e erudito genebrino, autor de uma célebre *História das repúblicas italianas*, o qual recebia em sua casa grande número de amigos, entre os quais Madame de Staël. Era proverbial a felicidade em que vivia com sua esposa, uma rica e bela Mackintosh.
[289]*O marquês e a marquesa de Pescara, felizes até na velhice*: parece-nos haver Balzac incorrido aqui num pequeno lapso. Francesco d'Avalos, marquês de Pescara, quando feito prisioneiro na batalha de Ravena (1512), recebeu de sua esposa, a poetisa Vitória Colonna, uma bela epístola consolatória. Tendo morrido o esposo depois da batalha de Pavia (1525), com apenas 36 anos de idade, Vitória conservou o luto até o fim da vida, recusando a mão de vários príncipes que a pediam em casamento.
[290] *O sublime argumentador de Molière quer mais razões?* Ver a nota 78.
[291]*Geronte* e *Leandro*: personagens da peça de Molière *Artimanhas de Scapino*: o primeiro representa o papel do pai conservador que deseja casar a filha com o filho de um amigo rico, sem levar em conta os sentimentos da moça; o segundo, o do jovem amoroso que obedece à sua paixão e não às injunções dos pais.
[292] *Chrysale*: personagem das *Sabichonas*, de Molière; tipo de simplicidade e bom-senso, tosco e retrógado.
[293] *Argante*: outra personagem das *Artimanhas de Scapino*, de Molière; ancião amigo de Geronte, e que também quer resolver o casamento de seus filhos unicamente na base de interesses materiais.
[294] *O venerável historiador da Itália*: Sismonde de Sismondi. Ver nota 94.
[295] *O grave Anselmo se transformou no belo Leandro*: alusão a duas personagens de outra peça de Molière, *O estouvado*.
[296] *Cuvier*: ver a nota 2 do prefácio de Balzac *À comédia humana*.
[297] *A vida privada de Molière*: em razão das infidelidades de sua esposa, Armande Béjart, era

das mais infelizes.
[298] *Polímnia*: a musa da poesia lírica, geralmente representada em atitude meditativa.
[299] *A Ilha dos Faisões*: situada no meio do rio Bidassoa, foi o cenário da conclusão do Tratado dos Pireneus em 1659. Metade da ilha pertence à França, metade à Espanha.
[300] *Júlia d'Étanges*, *Clarissa*: heroínas, já muitas vezes citadas, de Rousseau e de Richardson. Ver notas 34 e 35 de *Memórias de duas jovens esposas*.
[301] Na fábula *A leiteira e a bilha de leite*, de La Fontaine, a mocinha Perrette leva uma bilha de leite à cidade para vendê-la. No caminho diverte-se em imaginar o que fará com o preço do leite; comprará ovos, criará galinhas, com o preço desta adquirirá um porco, depois uma vaca... Quando, de repente, tropeça e deixa cair a bilha. O leite derrama-se: adeus vaca, porco, galinhas.
[302] Eis aqui a tradução desta poesia, que provavelmente Balzac, como costumava fazer, pediu a um de seus amigos poetas, mais hábeis do que ele em fazer versos:

"Levanta-te, meu coração! Já a cotovia, a cantar, rufla as asas ao sol. Não durmas mais, coração, pois a violeta ergue a Deus o incenso do seu despertar. Cada flor, vívida e bem repousada, abrindo os olhos por sua vez para se ver, tem no cálice um pouco de orvalho, pérola de um dia que lhe serve de espelho. Sente-se no ar puro que o anjo das rosas passou a noite a abençoar as flores. Vê-se que, para ele, todas desabrocharam. Ele vem, do alto, reavivar-lhes as cores. Assim, levanta-te, pois a cotovia, a cantar rufla as asas ao sol; nada mais dorme, coração; a violeta ergue a Deus o incenso de seu despertar."

[303] A música da canção de Modesta foi feita especialmente, a pedido de Balzac, pelo compositor Daniel François Auber (1782-1871).
[304] *A Bela e a Fera*: *La Belle et la Bête*, conto da sra. Leprince de Beaumont (1711-1780), em que um comerciante imprudente vê-se forçado a entregar uma de suas filhas a um monstro horrível. A moça acaba por afeiçoar-se ao monstro, de alma boa apesar de sua aparência terrificante. Redimido pelo amor, este retoma a sua forma primitiva, a de príncipe, que perdera em consequência de um malefício.
[305] *Luís xiii*: a atitude indiferente deste príncipe, lembrada aqui, foi a assumida por ele no momento do processo de seu favorito, Chinq Mars, organizador de uma conspiração contra Richelieu; o monarca deixou que o executassem sem intervir nem se comover. A alusão à morte do pai de Luís xiii explica-se pelo rumor, aliás nunca comprovado, de que Ravaillac, o assassino de Henrique iv, teria agido por instigação da rainha Maria de Médicis. Luís xiii e a mãe viviam em perpétua desavença, e a rainha viúva, exilada pelo filho, foi morrer em Colônia.
[306] *A vidência (do amor)*: tradução da expressão francesa *seconde vue*, "faculdade de ver pela imaginação coisas longínquas".
[307] *Narciso*: personagem mitológica que se apaixonou por sua própria imagem ao olhar-se no espelho de uma fonte, acabando por se precipitar na água.
[308] *Grindot, o famoso arquiteto*: personagem balzaquiana, construtor das residências mais luxuosas no mundo de *A comédia humana*.
[309] *O cavalheiro de Grammont*: famoso folgazão do século xvii. Suas *Memórias*, recolhidas por Hamilton, constituem uma crônica divertida da vida frívola das cortes da França e da Inglaterra. Numa das cenas desse livro, o cavalheiro conta como foi depenado por um esperto jogador que ele mesmo quisera lograr. Para maior vexame, o adversário tratava o cavalheiro com exagerada cortesia, pedindo-lhe perdão pela "grande liberdade" de fumar, de se sentar à sua mesa etc.
[310] *Mignon*: personagem do romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*; filha de um monge e de sua penitente, menina infeliz desde o nascimento, raptada por bailarins de corda que a forçam a executar acrobacias nas feiras. Wilhelm Meister toma-a consigo; a menina segue-o fielmente e termina apaixonando-se por ele.
[311] *Os maratas*: designativo de um povo da Índia.
[312] *Madame*: título que se dava, na Corte dos Bourbons, às filhas do rei e do delfim, como também à esposa de "Monsieur", irmão do rei.

[313] *Duquesa de Chaulieu*: mãe de Luísa de Chaulieu, uma das *Duas jovens esposas*. No romance destas já encontramos várias alusões à ligação da duquesa com Canalis.
[314] *Kitbit* ou *kitbitka*: espécie de caleça coberta.
[315] *Scapino*: personagem de Molière; tipo do criado intrigante e manhoso.
[316] *Otelo*: personagem de Shakespeare; tipo do homem apaixonado a quem o ciúme sem motivo leva ao crime.
[317] *A fábula de Bertrand et Raton*: nomes de dois bichos, protagonistas de *O macaco e o gato*, fábula de La Fontaine. O gato Raton, em sua simplicidade, tira do fogo as castanhas, mas quem as come é o macaco Bertrand.
[318] *Alcides*: sobrenome de Hércules.
[319] *Desplein, o grande cirurgião*: personagem balzaquiano que trata de muitos doentes em *A comédia humana*; protagonista da *Missa do ateu*.
[320] *Vi o marquês d'Aiglemont casar-se com a prima*: a história deste casamento infeliz é contada em *A mulher de trinta anos*.
[321] *Orgon*: personagem do *Tartufo* de Molière.
[322] *A moral em ação das meninas*: livro de Arnaud Berquin (1749-1791), autor de obras moralizadoras para uso da mocidade, de estilo piegas e insulso, que, no entanto, exerciam influência durável sobre muitos leitores moços até do século xx, entre eles Anatole France, que, tendo-se deliciado com eles na infância, os recorda com muita graça (*Le Petit Pierre*, cap. xxviii).
[323] *O jogo do amor e do acaso* (em francês, *Le Jeu de l'Amour et du Hasard*): comédia de Marivaux (1730), na qual dois amantes, para se experimentarem um ao outro, se fantasiam respectivamente de criada e criado, o que provoca uma série de complicações divertidas.
[324] *Os comerciantes hongs*: trata-se provavelmente dos comerciantes de Hong Kong, próximo de Cantão, um dos raros portos abertos então aos europeus.
[325] *Os acontecimentos que deviam introduzir mais uma personagem*: as tragédias gregas não admitiam, na cena, mais de três personagens ativas. *Nec quarta loqui persona laboret* ("A quarta personagem não se meta a falar"), escreve Horácio na *Arte poética*.
[326] *Não conhecia as fábulas de La Fontaine*: especialmente a iv (*Garça real*) e a v (*A moça*) do sétimo livro que ensinam — a primeira na história de uma garça e a segunda na de uma moça — que as moças que se resolvem dificilmente a escolher um marido ou criticam os partidos terminam por aceitar qualquer um.
[327] O senhor de Fontaine é irmão da bela e orgulhosa Emília, nossa conhecida de *O baile de Sceaux*.
[328]*Achava a fortuna dos Nucingen muito torpemente adquirida*: e não se enganava, como veremos em *A casa Nucingen*, *O pai Goriot*, *César Birotteau* etc.
[329]*Esta longa história de costumes*: *A comédia humana*. A respeito deste trecho, ver nosso comentário na biografia de Balzac, p. 10.
[330] *Fanny Beaupré*: atriz, personagem de *A comédia humana*, que encontraremos em *Uma estreia na vida*.
[331] *A bela duquesa de Maufrigneuse*: uma das personagens de primeiro plano de *A comédia humana*, com uma vida amorosa das mais movimentadas (*Os segredos da princesa de Cadignan*, *Esplendores e misérias das cortesãs*, *O gabinete das antiguidades* etc.).
[332] *Carta*: a Carta Constitucional da França, outorgada em 1814 por Luís xviii, modificada num sentido mais liberal em 1830 por Luís Felipe.
[333] *Albo notanda lapillo*: "dia que deve ser notado com uma pedra branca", isto é, "que deve ser considerado feliz". Entre os romanos, a cor branca era símbolo de felicidade.
[334] *Blondet*: crítico de costumes boêmios, personagem de primeiro plano da *A comédia humana* (*Esplendores e misérias das cortesãs*, *Uma filha de Eva* etc.)
[335] *Alcibíades*, segundo conta Cornélio Nepos, levava ao extremo a capacidade de adaptação: quando entre os espartanos, vencia-os em continência; quando entre os persas, conhecidos por

sua moleza, superava-os em luxúria etc.
[336]*A srta. Mars*, cujo verdadeiro nome é Anne Boutet (1779-1847), foi uma atriz famosa, intérprete sobretudo de Molière e Marivaux.
[337] *Hefestião*: favorito de Alexandre. A cena lembrada aqui é representada num dos quadros de Charles Le Brun, da série *As batalhas de Alexandre*.
[338] *Pílades*: personagem mitológica, amigo de Orestes. A amizade desses dois heróis tornou-se proverbial.
[339] *Austerlitz*: cidade da Morávia, onde Napoleão obteve uma de suas maiores vitórias sobre os austríacos e os russos, em 2 de dezembro de 1805.
[340] *A frase de César*: *Veni*, *vidi*, *vici* (Vim, vi, venci), com a qual anunciou ao Senado sua rápida vitória sobre Farnaces, rei do Ponto.
[341] *Camafeu*: pedra preciosa com duas camadas de cores diferentes, numa das quais se lavra uma figura em relevo. Aqui a palavra se refere não à pedra, mas sim à figura.
[342] *Monte Aventino*: uma das colinas de Roma onde se refugiou o povo quando se levantou contra os patrícios.
[343] *Walter Scott* (1771-1832): criador do romance histórico. *Lineu* ou *Linné* (1707-1778): autor da classificação científica das plantas. *Geoffroy Saint-Hilaire* (1772-1844): criador da embriologia. *Cuvier* (1769-1832): fundador da paleontologia e da anatomia comparada.
[344] *Hipócrates*: do v século antes de Cristo, foi o maior médico da Antiguidade.
[345] *Galeno* (129-200): médico grego, fundador da anatomia. *Broussais*: François Joseph Victor Broussais (1772-1838): médico francês, fundador da escola fisiológica. *Rasori*: Giovanni Rasori (1766-1837): médico italiano, precursor de Broussais.
[346] Três famosos contemporâneos de Balzac: *Moscheles*, pianista alemão; *Paganini*, violinista italiano, e *Farinelli*, pseudônimo de Carlo Broschi, cantor italiano.
[347] *Catalani*: Angelica Catalani (1780-1849), famosa cantora italiana.
[348] *Baron*, de seu verdadeiro nome Michel Boyron (1653-1729): excelente ator cômico, que durante algum tempo fez parte da companhia de Molière; medíocre como autor de comédias.
[349] *Parmentier*: Antoine-Augustin Parmentier (1737-1813), agrônomo e economista que desenvolveu na França a cultura da batata. *Jacquard*: Joseph-Marie Jacquard (1752-1834), inventor do tear. *Papin*: Denis Papin (1647-1712), físico, construtor do navio a vapor.
[350] *Argumento excessivamente "peruca"*: a expressão *vieille perruque* emprega-se em francês para designar um conservador inveterado, cheio de preconceitos. Aqui Balzac usa a palavra *perruque* adjetivamente.
[351] *Como Henrique iv deve ter sorrido*: conta-se que Henrique iv (1553-1610), no intuito de caracterizar diante de um embaixador seus três principais ministros, chamou-os um após outro mostrando-lhes uma trave podre que descobrira no teto de seus aposentos. O primeiro afirmou que a trave não estava podre; o segundo admitia que o estava, mas pretendeu que serviria tal qual durante muito tempo ainda; o terceiro, sem discutir, chamou imediatamente um oficial e a mandou consertar.
[352]*Um defeito insuportável em Luís xiv*: seria o mau hálito?
[353] *Berquinismo*: sentimentalismo moralizador e insípido; palavra formada do nome de Berquin. Ver a nota 128.
[354]*Tasso*: ver a nota 43.
[355] *Concetti*: palavra italiana empregada em francês no sentido de "pensamentos brilhantes e amaneirados".
[356] *Ultima ratio*: "o argumento supremo".
[357] *Príncipe de Cadignan*: personagem balzaquiana, cuja história é contada em *Os segredos da princesa de Cadignan*.
[358] *Mil e quinhentos francos e a minha Sofia*: alusão a uma cena do *Pai de família*, peça de Diderot, em que Saint-Aubin, filho de um pai rico, declara contentar-se de um fragmento da

fortuna familial, posto que lhe seja possível casar com a sua escolhida, a virtuosa, mas pobre, Sofia.
[359] Chaumière *rima com* misère: mantivemos as palavras francesas, pois seus equivalentes portugueses "choupana" e "miséria" não dão rima.
[360]*A casa em loteria*: comédia de Picard e Radet, representada em 1837.
[361]*O monte que não é nem o Parnaso nem o Pindo* é a casa de penhores. Mais uma vez trata-se de um trocadilho intraduzível, baseado no duplo sentido da palavra francesa *reconnaissance* ("reconhecimento" e "cautela de penhor") e no nome francês da casa de penhores: *mont-de-piété*.
[362]*Mignon*: "gentil, delicado, mimoso".
[363] *Ode e código*: os equivalentes francesas destas duas palavras — *ode e code* — rimam.
[364] *Vis comica*: expressão latina que significa "força cômica".
[365] *Cinq-Mars* (1620-1642): favorito de Luís xiii, morto no cadafalso com seu amigo De Thou por haver conspirado contra Richelieu e negociado contra este o apoio da Espanha.
[366] *O Bando Negro*: esta denominação se referia primitivamente a certas tropas de infantaria alemã da Idade Média, que adotaram a bandeira negra após a morte de um chefe querido. Na França do começo do século xix foi dada ironicamente pelos arqueólogos e pelos amigos das antiguidades às companhias de especuladores que, depois da Revolução, compraram os castelos antigos, os conventos, os parques, os bens dos emigrados, para os demolir e vender-lhes os materiais.
[367] *Tio Toby e a viúva Wadman*: personagens de *Tristram Shandy*, de Sterne. A jovem e bela viúva Wadman faz tudo para dar na vista do tio Toby e para lhe agradar.
[368] *A marquesa Rochefide* é uma das grandes amorosas de *A comédia humana* (ver *Beatriz* e *Os segredos da duquesa de Cadignan*).
[369] *A Semíramis do Norte*: nome dado por Voltaire a Catarina II, da Rússia (sobre quem a duquesa de Abrantes, amiga de Balzac, publicou um romance em 1834).
[370] *Madame*. Ver a nota 118.
[371] Ver a nota 137.
[372] *Duque de Verneuil*: personagem balzaquiana. Em *A comédia humana* este nome ocorre frequentemente, pois há pelo menos duas famílias aristocráticas, com muitos membros, a quem Balzac batizou assim.
[373] *Nicodemo*: personagem popular, tipo da tolice.
[374] *Bonifácio*: costuma-se dar a este nome próprio o sentido (derivado da etimologia) de homem de caráter benigno, simples e crédulo.
[375] *Jano*: divindade da religião romana, representada com dois rostos opostos (para ver o passado e o futuro).
[376] *Van Ostade*: nome de dois pintores holandeses, Adriaen (1610-1685) e Isaac (1621-1657), autores de belas cenas de interior.
[377] *O bilhão votado para legitimar a venda dos bens nacionais*: chamavam-se bens nacionais os bens confiscados à Igreja, aos emigrados e à casa real em seguida aos decretos da Assembleia Constitucional revolucionária em 1789 e 1792. A Restauração, em 1825, concedeu aos emigrados reclamantes uma reparação de um bilhão de francos.
[378] *A família de Marigny*: aristocratas inventados por Balzac. Mãe e filho figuram em *A duquesa de Langeais*.
[379] *Coysevox*: Antoine Coysevox (1640-1720), famoso escultor francês.
[380] *Sol nobis benignos*: "o Sol (isto é: o Rei-Sol, Luís xiv) nos é benigno".
[381] *Le Nôtre*: André Le Nôtre (1613-1700), famoso paisagista, autor do plano do parque de Versalhes.
[382] *Briska*: caleça leve e descoberta.
[383] *Mezzo termine*: meio-termo.
[384] *O visconde de Sérisy*: sua história será contada em *Uma estreia na vida*.

[385] Veja-se este episódio em *Esplendores e misérias das cortesãs*.
[386] Os feitos desse general de cavalaria vendeana, também *Príncipe de Loudon*, são lembrados em *A Bretanha em 1799*.
[387] *O Duque de Rhétoré*: irmão de Luísa de Chaulieu, já apareceu em *Memórias de duas jovens esposas*.
[388]*Torquato Tasso*: drama de Goethe, a cujo herói o orgulhoso e variável poeta da *Gerusalemme Liberata*, suas contínuas desconfianças e indecisões fazem perder a afeição da bem-amada.
[389] *Os Portenduère, os l'Estorade e os Maucombe*: famílias provençais do mundo balzaquiano. As duas últimas forneceram um dos casais de *Memórias de duas jovens esposas*; os membros da primeira desempenham papéis principais em *Úrsula Mirouët*.
[390] *Levantar-se à maneira de Diana, isto é, com o dia*: o trocadilho francês está baseado no homônimo de *Diane*, nome da deusa, e de *diane*, toque de alvorada.
[391] *Nemrod*: rei fabuloso da Caldeia, "grande caçador perante o Eterno", segundo a Bíblia.
[392] *Laravine*: segundo o *Répertoire des Personnages de la Comédie Humaine*, de Cerfbert e Christophe, trata-se de uma personagem fictícia, que não aparece senão esta única vez em *A comédia humana*.
[393] *Van der Meulen* (1634-1690): pintor das batalhas do reino de Luís xiv.
[394] *Uma declaração dos meus direitos, em lembrança de Luís xiv*: conta-se que Luís xiv, libertando-se da tutela de Mazarin, em 1661, anunciou ao Parlamento que de então em diante governaria pessoalmente. Nessa ocasião teria aparecido com uma chibata na mão.
[395] *O domínio de La Bastie era elevado a morgadio*: ver a explicação do regime francês dos morgadios na nota 56 das *Memórias de duas jovens esposas*.
[396] *Os La Bastie-La Brière* reaparecem, de fato, em *O deputado de Arcis* e *A prima Bete*.